

# J.M. SIMMEL



## NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA

*Ação num romance envolvendo crimes  
ecológicos do mesmo autor de NEM SÓ DE CAVIAR  
VIVE O HOMEM, NINA e AMOR É SÓ UMA PALAVRA*



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA



Johannes Mario Simmel

# NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA

*Tradução de*  
CLÁUDIA CAVALCANTI

*Revisão da Tradução:*  
FERNANDO M. PESSOA



Título Original: In Frühling Singt Zum Letztenmal Die Lerche

© 1990, by Droemersch Verlagsanstalt Th. Knaur Nachf., Munchen

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A  
Rua Bambina, 25 — CEP 22251 — Botafogo — tel.: 286-7822  
Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR  
Rio de Janeiro, RJ



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Revisão tipográfica:  
VERA LÚCIA SANTANA  
SUELI CARDOSO DE ARAÚJO  
HENRIQUE TARNAPOLSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

S611n Simmel, Johannes Mario, 1924-  
Na primavera, o último canto da cotovia/ Johannes Mario  
Simmel; tradução de Cláudia Cavalcanti Sicbel; revisão da tradução,  
Fernando M. Pessoa. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

Tradução de: In Frühling singt zum letztenmal tie Lerche

ISBN 85-209-0298-7

1. Romance alemão. I. Sicbel, Cláudia Cavalcanti. II. Título.

91-0431

CDD — 833  
CDU — 830-3

## CONTRA CAPA

*Depois do sucesso de NEM SÓ DE CAVIAR VIVE O HOMEM, AINDA RESTA UMA ESPERANÇA, NINA, AMOR É SÓ UMA PALAVRA e muitos outros romances que já venderam mais de 65 milhões de exemplares, J. M. Simmel volta a oferecer muita ação e emoções fortes em NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA.*

*Desta vez ele escreve sobre a luta contra os crimes ecológicos, deslocando a ação de Frankfurt para Altamira, numa sucessão de acontecimentos que faz deste livro um verdadeiro thriller. A trama envolve cientistas, escritores, cineastas e preservacionistas de renome, como é o caso de Chico Mendes, que vêem-se envolvidos com empresários poderosos, políticos inescrupulosos, agentes secretos e muitos outros personagens.*

*O livro é, também, um grito de alerta para que todos deixem cantar, por muito tempo, as cotovias que anunciam a primavera.*

## ORELHAS DO LIVRO

### **NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA**

Durante três anos, Johannes Mario Simmel fez pesquisas sobre a destruição global do meio ambiente, investigando crimes ecológicos do Reno ao Amazonas. Com sua competência de romancista que já vendeu mais de 65 milhões de exemplares, Simmel escreveu este romance-documentário em que não faltam ação e suspense. Reunindo as melhores qualidades de um *thriller*, NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA não só envolve o leitor numa trama que opõe grupos que preservam e grupos que destroem, mas também lança um alerta, despertando uma bem fundamentada consciência ecológica.

Tudo começa com uma discussão entre o Dr. Markus Marvin — físico nuclear e inspetor do Ministério do Meio Ambiente — e sua filha Susanne, uma jovem de 18 anos engajada na luta contra as



catástrofes que assolam a Terra. Susanne sai de casa indignada com o pai porque credita a ele uma cota de responsabilidade nos riscos provocados pela usina atômica Biblis A, em 1987.

Algum tempo depois, o Dr. Marvin é enviado aos Estados Unidos para realizar um relatório sobre a segurança das instalações atômicas americanas e volta aterrorizado com o que vê. Dá fim à sua carreira de inspetor atômico para tornar-se um apóstolo da natureza, passando a articular-se com um pequeno grupo de defensores do meio ambiente e vivendo experiências dramáticas.

No decorrer da ação, juntam-se a este grupo um escritor suíço, um casal do Rio, outro de Paris, uma intérprete, um grupo da televisão de Frankfurt — que filmará uma série sobre problemas ecológicos —, grupos de mulheres, *experts* internacionais e guerreiros engajados na luta preservacionista, como é o caso do brasileiro Chico Mendes, com quem se envolve Susanne, a filha do Dr. Marvin.

Todos os acontecimentos são registrados pelo *alter ego* de Simmel, o escritor Philip Gilles, um viúvo sexagenário que não anseia nada além de um tranqüilo fim numa cidadezinha suíça. Gilles resiste, mas acaba cedendo às pressões do grupo e ao encanto da intérprete Isabelle, passando a acompanhar a equipe de televisão que se desloca pelo mundo, registrando catástrofes ambientais, da peste nuclear até a peste das algas.

Na Alemanha, Estados Unidos, Brasil, França, Colômbia e outros locais, o grupo enfrenta situações insólitas, defrontando-se com poderosos industriais e políticos, índios inflamados, agentes secretos, figuras influentes dos monopólios internacionais, um grupo de crianças e outros personagens que participam da trama em que não faltam assassinatos, paixões, sabotagens e outros fatos.

Em entrevista ao *Der Spiegel*, Simmel revelou sobre este livro: “Ele me foi tão importante, que tive medo de não completá-lo. Cheguei a escrever a um amigo dizendo-lhe o que deveria fazer se me acontecesse algo que me impedisse de aprontar o livro. Mas consegui

terminá-lo. Eu espero que provoque um escândalo. É o meu livro mais importante.”

Importante em vários sentidos, principalmente porque leva seus leitores a não deixar calar o canto da cotovia, que deverá continuar anunciando novas primaveras.

Capa: Victor Burton

Ilustração de Al McAllister

*Dedicado à Sra. Dra.*

*Ilse Kryspin-Exner, com admiração por sua  
pessoa e sua profissão — tratar das  
preocupações e medos de pessoas e despertar  
nelas esperança, coragem e força.*



*Cada um de nós pode mudar algo em seu mundo.*

*Mas não é suficiente aprender só do passado.*

*Da mesma forma, o importante é antecipar possíveis consequências catastróficas de ações.*

*Esta é a única chance do homem de afastar a calamidade.*

*J. M. S.*

## PRÓLOGO

“O Homem deveria se movimentar na Terra com agilidade e fazer o possível para deixar poucos rastros.”

*Deste livro*

“Um aumento da temperatura do mundo, mesmo que só de três graus centígrados, lançaria o clima do mundo num setor além das experiências humanas.

Uma sobrecarga do estado da atmosfera, que torna inevitável tal mudança de clima, já pode ser esperada em torno do ano 2030 — este tempo não é maior do que aquele que nos separa da Segunda Guerra Mundial.”

*Dra. Kate Matthews, biofísica*

À pergunta de seu pai, se ela havia ficado louca, Susanne Marvin, 18 anos, respondeu, pegando uma pilha de blusas de seu guarda-roupa e jogando-a numa mala: — Eu sou completamente normal. Se há alguém louco, então esse alguém é você.

— Por que você quer se mudar daqui imediatamente?

Dr. Markus Marvin chegara em casa poucos minutos antes.

— Porque eu não posso viver nem uma hora a mais sob o mesmo teto com você. — Susanne pegou outras blusas do armário e arrumou-as na mala que estava em cima da cama. Ao lado desta havia uma segunda.

— O que você tomou?

— Como, o que eu tomei?

— Drogas. Agora você também se meteu nessa?

— Não me meti em absolutamente nada. Nunca tomarei drogas. — Pulôveres e roupas íntimas voaram para a primeira mala. Susanne estava com pressa.

— Ora, merda, diga o que você tem!

— Eu estou cheia — disse a esbelta moça com cabelos castanhos e olhos cinzas. — Eu estou de saco cheio de você e de seus amigos. Eu quase não tenho ar, desde que você está aqui. Esperei tanto que você chegasse mais tarde e eu não estivesse mais aqui. Que o meu pai colaborasse, para mim já era suficientemente grave. Que ele também colaborasse com essa safadeza, é inesperado até para mim. Se não fosse o *Frankfurter Rundschau* vocês teriam continuado calados.

— Ah, sim — disse Dr. Markus Marvin. De repente ele se sentiu muito cansado. Pesadamente, ele caiu sobre a cama revolvida. — É sobre isso que você se refere. Eu poderia ter imaginado. Pare

com essa arrumação idiota! Nós não nos calamos sobre absolutamente nada.

— Vocês não... — Ela começou a rir histericamente.

— Não ria! Nós, a inspeção do Ministério do Meio Ambiente de Hessen, não nos calamos sobre absolutamente nada. Nem um dia! Nem uma hora! O executor informou-nos da avaria com uma classificação errada, ou seja, com a mais baixa. E porque tínhamos uma sensação ruim, investigamos a coisa, reconstituímos a estória e constatamos que aquilo não era um Caso-N, mas sim um Caso-E. Você deve parar com essa arrumação! — Ele jogou no chão uma das duas malas. Roupas caíram. Diante da casa, na calma Rua da Selva sobre a Montanha do Sol, em Wiesbaden, cinco pesadas motocicletas japonesas passaram trovejando. Rapazes em casacos de couro preto e com capacetes coloridos estavam sentados nelas.

— Hoje é dia 5 de fevereiro de 1988. No dia 6 de fevereiro de 1987, logo há um ano — há um ano! — ocorreu uma seríssima avaria no Bloco A de Biblis — disse Susanne Marvin com uma voz incrivelmente calma, mas suas mãos tremiam quando ela levantou a mala e entupiu-a de novo com as roupas.\*

— Na circulação fria do reator uma válvula não estava fechada. Naquele tempo vapor radioativo correu para fora. Três turnos do pessoal de serviço não notaram durante 15 horas — durante 15 horas! — a lâmpada de advertência. O *Rundschau* escreve que se corria o perigo de fundição do núcleo<sup>1</sup>. Os executores avisaram a vocês de um Caso-N, não é? Um Caso-Normal. Vocês precisaram de cinco meses para fazer dele um Caso-E, um Caso-Emergência. E hoje, um ano depois, vem à tona — mas só através da notícia de jornal — que nós, por muito pouco, não tivemos uma Super-PGA nessa maldita UEN! Deixe a minha mala em paz! Se você tocá-la mais uma vez, vou embora daqui sem camisola. Que todas as usinas

---

\* Neste livro informa-se, veridicamente, sobre o estado catastrófico do mundo. Apenas foi inventada a ação exterior, e nomes, lugares e datas foram mudados ocasionalmente. Quem quiser saber mais sobre os fatos narrados, pode recorrer, a partir da numeração no texto dos respectivos capítulos, à documentação no final do livro.

de energia nuclear são casos de morte, todos sabemos. Por isso protestamos há anos contra elas — e eu mais ainda, com um pai desses! Mas que vocês tenham tido o incrível cinismo de esconder essa Quase-Super-PGA durante um ano e só agora revelar como se só houvesse caído um pedacinho de cimento, isso é tão infame, que sei de apenas uma coisa: preciso ir embora daqui. Embora de você. O mais rápido que puder.

Dr. Markus Marvin, um homem esbelto de 42 anos com rosto magro e cabelos pretos, nos quais havia vários remoinhos, de forma que sempre parecia estar despenteado, gritou repentinamente: — Nunca houve, em nenhum momento, o perigo de uma Super-PGA! Nunca o perigo de fundição do núcleo!

— Pare com essa gritaria! — disse Susanne. — Teria sido melhor gritar noutro lugar e há um ano. Mas você calou o bico. O *Rundschau* publicou um artigo de uma revista técnica americana...

— *Bico?* Susanne, você não pode falar assim com o seu pai, entendeu? Assim, não.

— ...no qual a opinião da inspeção americana sobre essa avaria foi citada. — Susanne puxava vestidos, trajes e meias-calças do grande armário e jogava tudo, com movimentos cada vez mais rápidos, em ambas as malas. — A inspeção americana declarou que em Biblis poderia ter ocorrido a fundição do núcleo.

— Isto eu mesmo sei. — Marvin fazia o possível para manter a calma e o equilíbrio. — Eles se deliciaram dramatizando tudo. Difamar-nos foi o que lhes deu mais prazer! Já fizeram isso *n* vezes. Susanne, eu suplico, pare com essa arrumação! Há 11 anos sua mãe me abandonou! Você é tudo o que tenho.

— Que você tem? Teve! Vou embora. Devia tê-lo feito há mais tempo. Com um pai que pertence à máfia-nuclear!

— Eu proíbo você...

— Você não me proíbe de nada! Você acha que me diverte dizer uma coisa dessas? Eu tenho como pai um membro da máfia-nuclear! Que trabalha na inspeção! Pretensamente formada para a mais

severa vigilância. Vigilância — que piada! Vocês estão comprados há muito tempo por essa máfia! Sobre o que vocês *ainda* calaram? Quantos outros Quase-Super-PGAs? Quanto você recebeu por isso, por colaborar com esses trapos assassinos?

— Se você não se desculpar por isso imediatamente, então... — Marvin levantou-se num pulo.

— Então, então o quê? — Agora Susanne também gritava. Respirando fundo, os dois estavam frente a frente, a cama entre eles. — Você vai me bater? Então você vai precisar me bater até a morte para que eu me desculpe. Nunca, nunca farei isto! Só agora vejo que bom caráter você tem. Agora entendo mamãe. A inspeção de vocês se calou, isto você não pode contradizer!

— *Primeiro!* Porque fomos informados pelo executor de um Caso-Normal. Iguais a eles já há quatro, cinco mil. Se todas as vezes nós tivéssemos dito...

— Teria sido há muito tempo um péssimo negócio.

— ...seríamos causadores irresponsáveis de pânico. — Marvin ofegava — Se você soubesse quantos Casos-Normais acontecem no trânsito aéreo todos os dias. Os pilotos informam os passageiros sobre isso?

— Mas vocês descobriram que se tratava de um Caso-E.

— Sim, isso nós descobrimos. *Nós!*

— Depois de cinco meses. Solte o sapato! Ordeno que você solte os sapatos! — Ela bateu nele.

Ele recuou. — Susanne...

— Pare com “Susanne”! Desde o começo tratou-se de um Caso-II Um Caso-Imediato! A fundição do núcleo...

— Em nenhum momento houve o mínimo perigo de uma fundição do núcleo, com os diabos mais uma vez!

— Disto você tem plena certeza, não é?

— Disto eu tenho plena certeza, sim! Nossas UENs são construídas de tal forma, que mesmo com falha humana elas continuam seguras.

— Também por isso o vapor radioativo pôde sair. Por isso vocês fizeram segredo disso um ano inteiro. E teriam feito segredo disso para sempre, se os americanos não tivessem vindo com a sua informação. Falha humana! Quantas pessoas falharam naquela época? — Susanne imprensara sempre novas peças de roupa na primeira mala e agora tentava fechá-la. Ela saltou sobre a cama, ajoelhou-se sobre a tampa, lutou com os fechos. Entretanto, continuava a gritar: — Lâmpadas de advertência piscam durante 15 horas! Dois turnos ignoram isso, não a vêem, não lhe dão importância! O que eles tomaram? Drogas? Cachaça? Estavam viajando?

— Susanne...

— O terceiro turno, certamente só meio imbecilizado, afinal nota algo, rapidamente faz o errado — e apenas no último momento consegue impedir uma Chernobyl vezes mil. Tão seguras são as suas UENs contra a falha humana! E depois que tudo passou, classifica o executor no mais baixo grau. Você sabe o que as pessoas na rua, o que a opinião pública acha disso?

Ele gaguejou: — A opinião pública... naturalmente... a opinião pública está, com razão, altamente inquieta...

— Inquieta! Você ouviu as entrevistas no noticiário das oito? Eles querem *matar* vocês, cada um de vocês! E com razão!

— Susanne! Por favor! Através *de nós* passou a ser conhecida a gravidade da avaria! Nós instauramos o inquérito, que levará os responsáveis à condenação.

— Nisso você não acredita nunca!

— Estou convencido disso. Para tal existe a nossa inspeção.

— Mais presunçoso, impossível. Vocês não têm que se acusar de nada. Ninguém se acusou de nada. Um Caso-Imediato! E o que aconteceu até hoje? O executor foi multado? Não! Nossos políticos estão cagando pras pessoas. Eles estão tão comprados quanto vocês. Ainda mais! Para mim, toda a República está comprada. Pela máfia-nuclear, por Krupp, por Thyssen, pelos vagabundos, pelo Deutschen



Bank.

— Você é grotesca! Nossa tarefa foi examinar e informar. Isso nós fizemos. O caso foi fartamente discutido nos grêmios, por exemplo, no plenário da Comissão de Segurança de Reatores. Com a participação de todos os responsáveis. Os estados da Federação receberam nossos comunicados. Foram tomadas medidas de cunho técnico e pessoal imediatamente, para que algo igual não aconteça nunca mais.

— Ai! — Ela havia prendido um dedo.

— Deixe-me ajudá-la!

— Não me toque! Não toque a mala! — O primeiro fecho estava fechado. Susanne estava ajoelhada sobre o segundo. — No noticiário de agora há pouco até o diretor da usina de Biblis admitiu que pudesse existir a Possibilidade de Grande Acidente. E você ainda insiste que se agiu corretamente no dia do acidente? O correspondente da ARD em Washington disse que nos Estados Unidos uma comissão de inquérito teria sido imediatamente formada.

— Meu Deus, foi exatamente o que aconteceu conosco! A Sociedade para Segurança de Reatores intercedeu. Nós incumbimos o TÜV. Estes são os grêmios, aos quais devemos nos dirigir.

— De novo, antes que eu fique realmente louca: você então acha certo que o Ministério Federativo do Meio Ambiente seja informado de um Quase-Super-PGA, acontecido em fevereiro de 1987, somente em fevereiro de 1988?

— Não somos nós que devemos informar o Ministério Federativo, mas sim a Sociedade para Segurança de Reatores, Quantas vezes ainda tenho que dizer isso? Aliás, nesse meio-tempo ficou acertado que nós, no futuro, também devemos nos comunicar imediatamente com o Ministério do Meio Ambiente. Mas nós — nós, nós, nós — fomos aqueles que desmascaramos o caso na sua totalidade.

— Pai? — Susanne desceu da cama. Ela havia fechado as duas

malas.

— Sim?

— Você me enoja.

— Susanne... Por favor, Susanne... — Ela arrastou as malas para a porta.

Ele entrou no seu caminho. — Não... Por favor... Por favor, não me deixe só!

Ela continuou a andar.

Ele a segurou.

Susanne olhou-o fixamente. Depois seus lábios se transformaram num sorriso de desdém. Ele virou a cabeça e foi para o lado, pois aquele sorriso era mais do que ele podia suportar. Ela deixou rolar pela escada as duas malas até o *hall* e cambaleou entre elas. Agora ele estava ali, parado. No pé da escada Susanne se virou e fez-lhe ainda uma pergunta. Marvin não deu resposta. Ela abriu o portão da casa e se foi. A porta se fechou. Pouco depois ouvia-se o motor do Passat de Susanne.

Markus Marvin ainda estava ali, parado, como uma pedra. Primeiro minha mulher, pensou ele. Agora minha filha. Só. Estou completamente só agora. Há dez anos, desde que parei com meu trabalho de direção, trabalho na inspeção, convencido de fazer o certo. Todos os colegas estão convencidos disso. Todos que começaram com energia nuclear estavam: finalmente encontramos uma solução. A bênção para a humanidade é a energia nuclear. Limpa. Não-prejudicial. Sem dióxido de carbono. A coisa de Biblis foi encoberta, sim. Mas não por *nós*, não pela inspeção! Seja lá por quem foi encoberta, quem leva a culpa nisso — nós não levamos. E mesmo assim Susanne me abandonou.

Um dia fomos uma família feliz. Um bom lugar. Uma boa casa. Somente amor. Então, Elisa se foi. No divórcio, Susanne ficou comigo. Eu ainda tinha Susanne. Querida Susanne. Eu vi como em volta de mim filhos e pais não se entendiam mais, como suas relações se despedaçavam, como os filhos se revoltavam, como eles

iam embora. Sempre dei liberdade a Susanne. Ela pode trabalhar para Greenpeace, até mesmo para o Movimento Antinuclear. Tudo, ela podia fazer tudo, só para ficar aqui comigo. Para que também eu não pertença aos muitos, que sempre são mais, que são abandonados pelos seus filhos. Mesmo assim, aconteceu. O que devo fazer? Como deverei continuar a viver?

As pernas de Marvin de repente não o suportavam mais, ele caiu por um degrau da escada quando pensou que sua filha lhe havia gritado na cara a mais dolorosa pergunta que se pode fazer a uma pessoa:

— Quem pelo amor de Deus você deve ser, para fazer algo assim?

## LIVRO PRIMEIRO

“A História ensina aos Homens que a História  
aos Homens nada ensina.”

*Mahatma Gandhi, nascido em 1869,  
assassinado em 1948*

# 1

A vaca se levantou devagar, vacilou e caiu. Alguns outros exemplares do rebanho se ergueram quando o Landrover — com os dois homens — se dirigiu a eles sobre o pasto.

— Nasceram aleijados — disse Ray Evans atrás da direção. — Andam com as articulações e não com as patas. Veja, mister — como se chama? Desculpe, eu ouço mal.

— Marvin — disse o homem a seu lado. — Markus Marvin. — Ele tinha uma aparência miserável, estava pálido, cansado, triste, estressado.

— Claro, Marvin — disse Ray Evans. Ele mostrou um animal especialmente defeituoso, que era absolutamente incapaz de se levantar. — Veja isto, mister Marvin! Não dá vontade de chorar? E estes aqui não chegam a ser os piores. Os piores são comidos ainda bezerros pelos coiotes.

Dois do gado que haviam se levantado, caíram de novo.

— As pernas não os sustentam, o senhor viu. Isso é uma miséria. Eu poderia chorar, chorar o dia inteiro.

O pasto estava diante da pequena cidade de Mesa sobre o rude planalto da parte oriental do Estado de Washington, que se limita com o Canadá. Aqui o vento sopra sempre do sudoeste. De acordo com a direção do vento, Mesa se situa mais proximamente do enorme depósito nuclear de Hanford. Tudo o que vem dos reatores comerciais, dos depósitos experimentais, das fábricas de trítio e plutônio e da estação de testes de rápida deterioração de materiais nocivos, tudo vai de encontro ao lugarejo. O grande rio Columbia, que flui nas proximidades do depósito e de cuja água os milhares,

as plantações de batata, os pastos, vinhedos e pomares aqui em cima se tornam frutíferos, está sujeito ao material expelido das estações de Hanford da mesma forma que Mesa.

Um alto ribombar fez tremer o ar. Marvin olhou para cima. Um avião a jato sobrevoou, bem baixo, as mais ou menos duas dúzias de torres de reatores de Hanford.

— Este aterrissa no Tri-Cities-Airport — gritou o fazendeiro Ray Evans. — Aqui é a zona de aterrissagem.

— Sempre?

— Sim, quando o vento sopra assim.

Markus Marvin chegara de carro, mas ele sabia que o Tri-Cities-Airport estava destinado às cidades de Richland, Kennewick e Pasco. Ele havia se virado no Landrover e olhava agora os prédios e torres de Hanford. Na luz do sol clara e fria daquela manhã eles tinham perfis duros e bem contornados. Marvin olhou para o relógio. Eram 11 horas e 28 minutos de 11 de março de 1988, uma sexta-feira.

— Tri-Cities é um grande aeroporto — gritou ele. — As usinas nucleares têm proteção contra explosão?

O enorme avião rugiu sobre eles. Agora o seu bramido era quase insuportável.

— Muitos não têm nenhum — gritou Evans. — Ao menos, é o que nos parece.

Marvin observou o fazendeiro. Ele estava fora de si — há dias. Tinha olhos inflamados, seus lábios e suas mãos tremiam, ele só falava com esforço. Marvin se sentia um miserável. Eu não queria acreditar nisso, pensou. Achei que todos que contavam coisas como essas eram mentirosos. Mas todos eles falaram a verdade. Sempre quando vim aqui nas últimas semanas, vi a mesma coisa. As piores semanas de minha vida foram estas. Meu Deus, que safadeza infame!

Susanne, pensou aquele homem cansado, pálido. Ah, Susanne.

Logo depois que ela o havia abandonado, ele foi enviado pela

inspeção. Conhecer estações americanas. Sistemas de segurança americanos. Havia uma grande agitação na Alemanha por causa de Biblis. A inspeção queria saber se havia melhores sistemas nos Estados Unidos do que os da Alemanha Federal. Mas eles não o haviam mandado justamente ali, realmente não. Ele deveria ir às melhores usinas nucleares. Àquelas que no máximo haviam tido alguns Casos-N. Ele não se prendeu à rota da viagem. E assim ele chegou no Estado de Washington, no depósito nuclear de Hanford.

Você tem razão, Susanne, pensou ele. Todos os seus amigos têm razão. Mas é muito pior do que vocês imaginam, do que vocês sabem. Como fomos felizes um dia, Susanne, ah, tão felizes.

*Nessun maggior dolore....* Uma frase de Dante Alighieri lhe ocorreu de repente: “Nada dói mais do que se lembrar, no sofrimento, de tempos de felicidade...” Pensava nos perdidos tempos de felicidade. Permanecia sempre observando o homem na direção. Ele usava uma calça aveludada, botas, uma jaqueta de couro sobre a colorida camisa de algodão. Marvin trajava roupas parecidas. Tinha uma câmera na mão e fotografava sempre. Preciso poder prová-lo na Alemanha, pensou, tremendo. Preciso provar o que vou contar.

O fazendeiro Ray Evans tinha 37 anos, dissera a Marvin. Parecia ter 60. Quase não tinha mais cabelos. O rosto marcado por profundas rugas. Olhos sem brilho. Glândulas tireóides visivelmente inchadas. Muitos as têm aqui, pensou Marvin. Glândulas tireóides visivelmente inchadas.

Na periferia do complexo nuclear Marvin viu, a poucos metros de altura, três pequenos jatos de pesticida, que espalhavam suas nuvens de veneno sobre os campos. Era assim do amanhecer ao crepúsculo, informara Evans. Ele ainda dirigia através do pasto com seus animais.

— Lembro-me exatamente do que me aconteceu há alguns anos — continuou ele. — Os monstros nasciam nos estábulos. Ovelhas muito pequenas ou, às vezes, com duas cabeças. Sem pernas. Sem rabo. Aqui parecia com Frankenstein. Só que nem tanto

aconchegante. Doc, quer dizer, Doc Clayton, o veterinário daqui, disse-me sempre, homem, Ray, você alimenta os animais de maneira errada, por isso há filhotes assim. *Fucked-up Doc!* Naquele tempo eu já sabia porque é que era assim, meu gado novo, o gado novo de muitos fazendeiros daqui. Agora todos já sabem. Das torres vem a radiação, radiação em massa, e ela assassina os animais, assassina homens, contamina o solo e a água. — Ele apontou para o depósito. — Lá, o Reatot-T, o senhor pode vê-lo?

— Sim. — Marvin fotografava.

— Naquele eles produziram, durante a guerra, o plutônio para a bomba de Nagasaki. A coisa já funciona todo esse tempo. Há mais de 40 anos! O que o senhor acha da quantidade que eles utilizaram desde então para os sem *fucked-up* mísseis? Há mais de 40 anos a coisa irradia! O senhor pode imaginar isso? Há mais de 40 anos dura aqui essa safadeza assassina<sup>2</sup>. Danos pela irradiação de longo prazo temos todos aqui — homem, animal, água, terra. Lá, no Reator-N, lá, até o princípio do ano, eles também produziram plutônio para armas nucleares. Mas finalmente eles o puseram no *cold standby*. Por falta de segurança. — O Landrover dava solavancos. — Falta de segurança! — disse o fazendeiro Evans, desesperado. — Segurança a porcaria da coisa não teve desde que começou a funcionar. Incomodou alguém durante todos estes anos? *Hell, no*, não incomodou ninguém! Firmas particulares, não? Aquelas, aos quais isto pertence, os *goddamned bastards*, que ganham muito, mas não moram aqui, mister, e suas crianças também não.

Susanne, pensou Marvin, Susanne. Essa maneira de produção de energia era *segura*, foi a minha crença. Uma vez em dez mil anos pode acontecer, talvez, alguma coisa, e isso é o mais grave com o que se podia contar. Uma vez em dez mil anos! Há dois anos Chernobyl veio à tona. Porcaria do Leste, todos disseram, conosco isso é impossível, absolutamente impossível, eu também disse isso, eu também, muitas vezes, muitas vezes. E agora?

— Sim — disse o homem com as glândulas tireóides inchadas



—, mas o que foi preciso acontecer antes desse Reator-N ter sido desativado? Protestos de cidadãos por todos os lados. O *Time* fez um escândalo com uma *coverstory*, o *Newsweek* da mesma forma. E os grandes canais de televisão. Eles provaram que do *no-good-fucking* reator saiu mais irradiação nos 40 anos que em Chernobyl. O senhor precisa fazer uma idéia disso, mister Marvin! — Evans agora gritava novamente. — 40 anos! Durante 40 anos mais do que Chernobyl! Que porcaria de mundo amaldiçoado, no qual se pode praticar qualquer crime quando se tem dinheiro suficiente e se é um *big shot* que tem um punhado de amigos que são *big shots*? O senhor diz que é físico. Mas o senhor maneja a câmera como um profissional.

— Durante uma época rodei documentários — disse Marvin —, mas sou físico — acrescentou, secamente.

— Físico nuclear? Quer dizer... como aqueles de lá?

— Não, numa inspeção.

— E na Alemanha ainda não aconteceu nada? Em lugar nenhum uma irradiação? O senhor nunca precisou desativar um reator?

— Algumas vezes. Por tempo determinado. Pequenas panes. Perfeitamente controláveis graças ao sistema de segurança. — Marvin precisava lutar com cada palavra. Isso ainda vai me matar, pensou. Isso ainda vai me matar, tudo isso. Susanne, Susanne. Nada dói mais...

— Pare com isso! — Evans gritou. — Não há segurança. Em nenhum lugar do mundo. Não há nos russos, aqui não há, nem onde o senhor mora. *You bet your fucking life*, mister, os mesmos crimes para com os homens também acontecem onde o senhor mora. O senhor apenas não sabe.

Longe, bem longe estava Marvin, de repente, com os seus pensamentos.

— Há um único caminho para afastar o choque climático

iminente: precisamos utilizar ainda mais, bem mais intensivamente, a energia nuclear compatível com o meio ambiente!

Ele, Markus Marvin, havia dito isso, numa tarde de novembro do ano passado, na casa de veraneio do professor Gerhard Ganz, em Sylt, uma ilha do Mar do Norte. A casa ficava em Keitum, no Uwe-Jens-Lornsen-Wai, acima do estuário. Estava nublado naquele dia de inverno precoce, e muito frio.

O professor Ganz, 63 anos, grande e robusto, chefe da Sociedade de Física de Lübeck, havia convidado Markus Marvin para uma conversa, na esperança de dissuadi-lo de sua euforia sobre a energia nuclear. Fora uma esperança vã, como se podia constatar a cada dia. O físico nuclear Dr. Markus Marvin, membro da inspeção do Ministério do Meio Ambiente de Hessen, não se deixava dissuadir de suas convicções. Ganz o constatou com tristeza. Era mais um, ao qual ele falava em vão, novamente um entre os muitos, com os quais ele se debatera, sua vida inteira. E que continuaria a se debater.

— Não! — disse ele, apaixonadamente. — Não, não e não! Encare o problema na sua totalidade, então ficará imediatamente claro o quão errado seria esse caminho! No momento, a cota de energia nuclear é de quase 5%, ridículos 5%.

Também Marvin tornara-se ainda mais excitado. — Então há que se construir ainda mais usinas nucleares, o mais rapidamente possível — disse.

Ganz se sentiu miserável naquele dia. Seu estômago doía, percebeu um forte ardor. E aquele homem, o qual ele havia convidado, porque lhe fora dito que ele dispunha de boas relações, que ele era inteligente, compreensivo e de rápida percepção — ele não era melhor do que todos os outros idiotas. Ganz queria se atemorizar, mas se dominou, se conteve, para falar com aquele homem objetivamente.

Ele disse: — Mais usinas nucleares? Quantas, doutor Marvin? *Quantas?* Para alcançar algo realmente substancial, você precisaria fazer funcionar, durante décadas e quase que diariamente em algum

lugar do mundo, uma nova usina nuclear da capacidade de Biblis. Durante décadas!

Eles estavam na grande sala de estar da bela e antiga casa com suas paredes, portas e janelas azuis. As paredes estavam cobertas de estantes, numa lareira queimavam pedaços de madeira, sobre ela estava pendurada uma litografia de A. Paul Weber, que mostra um homem encostado no tronco de uma árvore, de pijama, e que bate, com o martelo, um grande prego na testa.

Uma terceira pessoa se encontrava no recinto: Dra. Valerie Roth, assistente do professor Ganz. A Dra. Roth era de média estatura e esbelta, seus olhos eram castanhos como os cabelos. Ela disse: — Mesmo excluindo o fato, doutor Marvin, de que nenhuma repartição estatal do mundo nem qualquer capitalista conseguiriam construir diariamente uma nova usina — onde deveriam ficar essas usinas? Diante da chancelaria? No lago Brahm? Em Oggersheim? Ouça: temos no instituto estudos dos Estados Unidos para a Comunidade Européia, nos quais fica provado que cada marco — cada marco! — que é investido em medidas de economia de energia, evita sete vezes mais — sete vezes! — dióxido de carbono que o mesmo investimento em usinas de energia nuclear. E é principalmente com dióxido de carbono que envenenamos o ar e a atmosfera de tal maneira, que entre 40 e 60 anos virá a definitiva destruição do mundo, o fim do mundo. A metade de todos os homens que hoje vive verá essa maior de todas as catástrofes.

— Não há em todo o mundo — disse Ganz — nenhum cenário energético em conseqüência do qual se chegaria a uma redução das emissões de CO<sub>2</sub> no caso de um alastramento da energia nuclear. O prognóstico mundial da Agência Internacional de Energia espera, por exemplo, mesmo com o uso 12 vezes maior da energia nuclear, um aumento da quantidade de dióxido de carbono de cerca de 43 bilhões de toneladas até a metade do século XXI. Mais do que uma duplicação, nesse caso.

— E nada — disse a Dra. Roth — seria mais irresponsável que

querer aumentar um risco — a ameaçadora catástrofe climática — com um outro risco — o perigo de uma Super-PGA. Já hoje a Nuclear Regulatory Commission calculou a probabilidade de uma fundição de reator até o ano 2000 somente para os EUA em mais ou menos 45%. 45%!

— E por que então — perguntou Marvin, irritado — os participantes da Conferência sobre o Clima Mundial em Toronto exigiram exatamente agora o auxílio da energia nuclear para reduzir as emissões de dióxido de carbono nos países industrializados?

Ganz bebeu um gole de chá, suas mãos tremiam. A dor agora era acima do estômago, ficou mais forte. Com quantas pessoas, que não acreditavam nele, ele já havia falado, lhes suplicado para não participar da destruição do mundo! Talvez aquele homem pudesse prestar atenção no que ele dizia. Alguns já haviam mudado a sua opinião. Por que também não este homem? Agora a dor já estava no peito. Ganz se obrigava a continuar sua fala: — Havia em Toronto pessoas que apóiam a energia nuclear e que jogaram isso no debate. Mas foi dito claramente, e assim está na declaração: “Quando alguém deseja recorrer à energia nuclear, então primeiramente precisa-se estar bem seguro de que todos os perigos ligados a ela podem ser dominados, a saber, o problema insolúvel da destruição do lixo atômico, o problema insolúvel da propagação do material apto para o serviço militar e o problema — a princípio insolúvel — das possíveis catástrofes acidentais.” Assim está na declaração, doutor Marvin, eu sou um de seus autores. E eu lhe digo: você nunca poderá esperar da energia nuclear uma solução para os nossos problemas — mas a qualquer momento uma catástrofe inimaginável...

A qualquer momento uma catástrofe inimaginável... A frase voltou a soar nos ouvidos de Marvin, enquanto o jipe do fazendeiro Evans dava solavancos sobre o pasto e ele escorregou de volta ao presente.

— Os mesmos crimes acontecem no seu país. O senhor apenas

não sabe.

— E o senhor? — Em seu desespero, Marvin se tornou agressivo. — Como é que o senhor sabe disso? Como é que o senhor sabe alguma coisa da Alemanha? A maioria aqui não tem nem uma idéia de onde ela fica.

— Eu, sim — disse Evans, doutrinário. — Sei um monte de coisas sobre o seu país, mister Marvin. Estive lá.

— O senhor esteve na Alemanha?

— Pois é.

— Quando?

— Há 12 anos, em 1976. Primeiro em Frankfurt. Depois em Munique e Hamburgo, em Berlim e Düsseldorf. Estive lá durante quatro meses, mister Marvin. Observei tudo atentamente. Prestei muita atenção na sua *Germany*, mister Marvin... — Evans silenciou por um momento, depois voltou ao seu eterno tema: — Os mesmos crimes também acontecem no seu país, acredite em mim! Naquele tempo os nossos repórteres pensaram que faziam um grande escândalo, maior impossível. Fizeram-no. Os senhores em Washington ficaram incrivelmente nervosos, durante alguns dias. O reator desativado. Então, vocês vêem, nós fazemos mesmo tudo! E as pessoas que não moram diretamente aqui esqueceram-se de tudo. Eu lhe digo, mister, os grandes e os ricos e toda a raça de assassinos, eles só podem sobreviver há milênios, porque os homens esquecem rápido. Idiotas! — gritou ele, e bateu na sua testa com a mão aberta — Nós somos idiotas. Somos idiotamente educados. Idiotamente nos mantemos a vida inteira. Eles sabem bem o que fazem. Como devem nos adestrar. Como deve ser nossa vida. O *senhor* sabe como é a nossa vida, Marvin? Comer, trepar, ver televisão. Exatamente assim é na França, na Rússia, na Inglaterra. Como foi mesmo com o grande acidente em Windscale, que o governo de lá manteve como segredo 25 anos, antes de ser descoberto? — Evans gritava com tal cólera, que ele parou o Landrover no meio do pasto por não poder mais dirigir. Ele arquejou. Então continuou a

gritar: — As crianças nascidas aqui nos anos 40 ou 50, como eu, como o meu primo Tom, receberam, apenas com o leite, mais radioatividade durante a vida que as pobres minhocas que cresceram em Nevadas, onde eles fazem testes nucleares. Um único e gigantesco crime, mister Marvin! O que o governo fez contra isso? O de hoje e o anterior e o outro? Todos os *fucked-up goddamned* governos desde 1945? Eles fizeram *a mother-fucking shit*, todos uns com os outros, *nothing, nothing, nothing!* Durante mais de 40 anos: nada. E finalmente desativaram o Reator-N, porque uma vez — uma vez! — o escândalo depois das reportagens dos jornais e dos canais de TV foi muito grande. Este é um mau ano para a administração de Reagan. Um ano no qual os garotos da TV e da imprensa ficaram mais acordados. Aqui e no complexo do rio Savannah na Carolina do Sul e em Rocky Flats em Denver, Colorado. Lá aconteceu o mesmo que aqui. Também lá o governo desligou os reatores. Também lá. Vá lá sem falta, mister! Sem falta o senhor precisa ir até lá!

Marvin se preparou duas vezes antes de poder falar. — Eu já estive lá, senhor Evans. No rio Savannah e em Rocky Flats.

— E o senhor viu tudo?

— Sim — disse Marvin —, vi tudo.

— E o senhor sabe também o que os políticos alegam?

— Sim, senhor Evans.

— Eles se cagam nas calças! — Evans gritou — Choram e lamentam: se desativarmos mais alguns deles, não poderemos mais construir armas nucleares e nos defender dos russos. O senhor sabia que até hoje, nos Estados Unidos inteiros, não temos um único depósito de lixo atômico? Nem um único *fucked-up* depósito! O senhor tem algum, um ao menos, em *Germany*?

— Não — disse Marvin, em voz baixa.

— O quê? Fale alto, homem, eu ouço mal. O senhor tem algum? Um único?

— *Não!* — Agora Marvin também gritava. Ele estava no fim de seu equilíbrio. — Também não temos. Nem um único.

— Então, meus parabéns, mister Marvin! E tudo sob absoluto controle, graças às regras de segurança. — Evans ligou o jipe novamente e deixou-o rodar até a estrada. Mais uma vez, passaram por alguns animais doentes, com partes do corpo que faltavam, sem patas. Havia também muitos saudáveis. Ou apenas parecem saudáveis, pensou Marvin, que agora tremia o corpo inteiro. Apenas parecem saudáveis e estão condenados à morte. Deus do céu! E eu colaboro com isso há anos. Há muitos anos. E considere Susanne e o professor arruaceiros sem escrúpulos.

— Regras de segurança — repetiu Evans. — Vocês têm as mais seguras, o senhor disse. Mas não têm nenhum depósito. Por que vocês deveriam ter melhores sistemas que nós, mister? Nós tivemos os primeiros! Nossa gente tem mais experiência. Olhe só que boa segurança eles nos deram com sua grande experiência! Olhe em sua volta!

— Estou olhando — disse Marvin.

— O quê, mister?

— Estou observando à minha volta, senhor Evans. Há semanas. No país inteiro. Fotografo. Falo com muita gente. Gente como o senhor. Com médicos. Militares. Políticos. Responsáveis pela saúde. À noite datilografo meus relatórios.

— Para a sua inspeção?

— Sim — disse Marvin, sentindo como tremia, agora de raiva.

— Para a minha inspeção.

— Eles vão se alegrar, mister Marvin.

— Eles *devem* se alegrar, senhor Evans!

— Sabe o que eles farão, mister Marvin? Vão demiti-lo.

— Sei disso, senhor Evans.

— Fazer tudo para que o senhor não arrume mais trabalho, nem mesmo como um faxineiro de bosta na sua maravilhosa *Germany*. Assim será, mister Marvin.

— Eu sei, senhor Evans. Mas há outros, muitos outros. Eles também falarão. Também escreverão seus relatórios. Não se pode

demitir todos, senhor Evans. Não se pode queimar todos os nossos relatórios. Não se pode conseguir que todos calem o bico.

— Não? Não se pode? — Evans sorriu ironicamente. — Olhe o nosso país, mister! Pode-se demitir todos vocês. Pode-se queimar todos os seus relatórios. Já se fez, e se continuará a fazer. Por um longo tempo me perguntei que sentido isso tem: nós construímos armas nucleares para nos proteger dos russos — e nos envenenamos com isso! Parece que isso não tem sentido, não é?

— Sim.

— Mas só parece! E como isso tem sentido, mister, e como! Eu entendi tudo. Isso tem um maldito sentido. O lucro! O lucro! O lucro para aqueles que se metem nisso aqui. Pode-se ganhar bilhões e bilhões. E isso tem sentido, ou não? Isso não tem um maldito sentido, mister Marvin?

Ele não recebeu resposta.

O pensamento de Marvin estava de novo longe, muito longe dali... A casa no estuário. A névoa. O frio lá fora. A chaminé. A conversa com o professor Ganz e a Dra. Roth. O desenho do homem que bate um prego na testa. Markus Marvin teve de pensar novamente naquela tarde de novembro de 1987...

— A energia nuclear é mortal — disse Ganz. — Ele apertou ligeiramente a mão contra o peito, a dor estava mais forte. Continue, disse a si mesmo, continue a falar! — O senhor mencionou a Conferência de Toronto, Dr. Marvin. O senhor conhece o documento final e sua primeira frase, não é? — Ele citou: “A humanidade promove um experimento atmosférico só comparável a uma guerra nuclear....”

— Ouça, professor... — começou Marvin impientemente, mas o outro o interrompeu: — Não, deixe-me falar! — A respiração de repente está me dificultando, pensou. O que é isso? O que está acontecendo? — De fato, a humanidade — disse ele com esforço —



transformou a atmosfera, usando apenas gases, os gases de escape provocados e produzidos por ela e que há muito tempo estão fora de controle, numa bomba químico-climatológica de longa duração.

— Isso eu consideraria exagerado...

— De forma alguma, Dr. Marvin. Isso é, ao contrário, uma atenuação. Pois a “longa duração” da ignição da bomba consiste agora somente de poucas décadas. Nós, ecologistas, advertimos desesperadamente quando esse desenvolvimento se pronunciou. Neste meio tempo há uma certeza inexorável: nos próximos 30, 40 anos há a ameaça de um aumento da temperatura média global entre 1,5 até 6 graus centígrados — não balance a cabeça! Se as causas disso não forem revistas o mais rápido possível — o mais rápido possível! —, então as temperaturas, na primeira metade do próximo século — e seu início está a apenas 12 anos de distância de nós, aumentarão dois graus nas latitudes tropicais, nas latitudes médias de dois a cinco graus e nas latitudes polares, entre oito e dez graus. E disso o senhor sabe!

Do lado de fora do Uwe-Jens-Lornsen-Wai crianças brincavam, apesar do frio e da névoa. Elas cantavam. Suas vozes felizes entraram no grande cômodo:

“Marmota sabe dançar,  
um e dois e três e quatro!  
Marmota sabe dançar,  
a pequena marmota!”

O suor emanava do corpo de Gerhard Ganz. Ele sentia gotinhas descenderem da cabeça através da nuca. Com um lenço de papel, enxugava a pele. Continue! dizia a si próprio. Mesmo se você se sentir ainda pior. Você precisa continuar a falar! Você já disse isso mil vezes. Mil vezes em vão. Talvez seja esta, esta vez não será em vão. Por causa desta uma vez você viveu.

— As causas do aumento de temperatura foram identificadas

— disse ele. — Elas estão ligadas sobretudo à liberação de dióxido de carbono na queima de materiais fósseis, como o carvão, óleo e gás subterrâneo; na maneira, estrutura e quantidade, pois, da energia gasta por nós.

— Do criminoso gasto de energia, que é exagerado e só serve para o enriquecimento de alguns poucos — disse Valerie Roth.

— Mas a causa não é só essa, como o senhor sabe — disse Ganz — mas também o aumento da concentração de hidroclorofluor-carbono na atmosfera — daqueles materiais, pois, que saem de milhões de latas de *spray* a toda hora, de bilhões de radiadores, de bilhões de geladeiras, condicionadores de ar e na produção de materiais plásticos.

— Por que o senhor me conta tudo isso? O que tenho a ver com isso? — Marvin se irritou de ter aceito aquele convite. Fanáticos, pensou. Loucos inocentes.

— Vou lhe explicar logo por que contamos tudo isso ao senhor — disse Ganz. Valerie me olha seriamente, pensou. Tenho uma aparência tão péssima assim? Também me sinto péssimo. Agora a dor aparece no braço esquerdo. Não importa! Continue! Preciso dizer tudo a este homem. É um daqueles que ao menos tem compreensão suficiente. Preciso ganhá-lo para nós. Ele não pode continuar colaborando com aqueles que exterminam o mundo. Não pode. Eu sinto, não, eu sei, ele passará para o nosso lado.

Ganz disse: — O efeito-estufa será fortificado através do desmatamento rápido e absolutamente inconsciente das florestas tropicais — aí o senhor não pode me contradizer! — como também através da morte da floresta e a destruição do solo...

— Realmente não sei *por que* o senhor me conta tudo isso — Marvin o interrompeu. — O que *eu* posso fazer?

— Um momento. Isso lhe diremos logo, logo — disse Valerie Roth. — O senhor sabe que, através da liberação de dióxido de carbono, para falar somente do de base fóssil, surgem por ano quase 21 bilhões de toneladas de dióxido de carbono. Apenas a queima

maligna de florestas aumenta as emissões de dióxido de carbono no globo em 20%. Queimada, hidroclorofluorcarbono, gás metano de três bilhões de estômagos bovinos — tudo isto junto tem o efeito, com os outros gases encontrados, de um teto de vidro de uma estufa que está tapado sobre nossa Terra, não é? Tudo isso incomoda o calor administrado pela Terra, porque a irradiação de calor para o universo está cada vez mais bloqueada.

Marvin não agüentava mais. — A senhora quer me dar aulas particulares de ciências, doutora?

— Certamente não — disse Valerie Roth.

— O quê, então?

— Queremos que passe para o nosso lado — disse o professor Ganz, enquanto sentia como a dor do braço esquerdo começava a alcançar sua mão, seus dedos. — Que trabalhe conosco. Que tente evitar, conosco, o pior...

Isto é mesmo nojento, Marvin pensou.

Isto é mesmo nojento, pensei naquele tempo, lembrava-se Marvin, quando agora estava sentado no Landrover, ao lado do fazendeiro Evans. E agora? E agora? Agora cheguei ao primeiro círculo do inferno. Oh, maldição, maldição, maldição!

Eles haviam alcançado a estrada e iam em direção à pequena cidade de Mesa. Depois de um tempo Marvin disse comovido, mas também irado consigo mesmo, irado por seu comportamento naquela casa em Sylt: — Já estive aqui uma vez, senhor Evans. Não aqui diretamente, pois o tempo não fora suficiente. Mas estive em Richland. E lá eu conversei com muita gente.

— E então?

— E então me disseram que cerca de 150 mil pessoas vivem na região de Tri-Cities, direta ou indiretamente, da energia nuclear. Todos estariam convencidos de fazer algo de bom, de necessário. Quase ninguém vê inconvenientes. O senhor sabe tão bem quanto

eu: em Richland há um supermercado com um enorme cartaz, no qual está escrito ATOMIC FOOD. E o boliche maior se chama Atomic Lanes. E o time de futebol da *High-School* — que emblema eles têm nas suas jaquetas? Eles têm nas suas jaquetas um cogumelo atômico, senhor Evans. E como eles se denominam? Os Richland Bombers. A sua pobre gente, não é verdade, a sua pobre gente, que é tão desamparada...

— Idiotas! Idiotas mesmo, sistematicamente imbecilizados!

— Deixe-me falar, senhor Evans! Há em Richland uma grande lavanderia que se chama Atomic Laundry. Como ela faz propaganda em cartazes e anúncios gigantes? Eu vi. Eu fotografei. Assim a Atomic Laundry faz propaganda: “Nós detonamos a sujeira de suas roupas — com a água mais quente da cidade.”

— Malditos, idiotas. — Ray Evans agora dirigia com mais velocidade. Suas mãos agarravam-se ao volante. Ninguém, nenhum carro pelo caminho. — Idiotas, mister Marvin! Só assim funciona esta merda de mundo. Idiotas! Por exemplo, Joe Webb! É dirigente de uma associação de cidadãos aqui. *Por* Hanford. *Pelas* fábricas atômicas. Chama-se Hanford Family. O senhor precisa ir ver esse idiota, mister Marvin, visitá-lo, falar com esse cara! Na casa dele a bíblia está aberta sobre a mesa, e antes que o senhor *lhe* diga alguma coisa, ele dirá *ao senhor*.

— E o quê?

— Isto: a indústria de plutônio não faz mal a ninguém! Ela presta serviços a todos, diz o filho da mãe. Uma campanha mal intencionada está sendo feita contra Hanford, diz ele. E quando o senhor perguntar quem faz essa campanha mal intencionada, ele responderá: o senador Brock Adams e os chamados grupos ecológicos e os jornais e os canais de televisão que querem nos derrubar. Ele vai *lhe* dizer isso na cara, esse assassino filho da mãe! Esse Joe Webb é um dos que dizem que nunca houve um acidente em Hanford. Não há nenhuma prova de que o iodo-131 produza câncer, diz ele. E o fato do Reator-N ter sido desativado o *son of a*

*bitch* chama de “tragédia”! — Eles haviam alcançado a Main Street de Mesa. Postos de gasolina, cinemas, bancos, lojas, alguns prédios altos. Pouco trânsito.

As pessoas, pensou Marvin. As pessoas aqui. Todos parecem aflitos. Preocupados. Ninguém sorri. Até as crianças são sérias. Só algumas brincam. E mesmo assim são tristes quando brincam. A maioria fica sentada ou em pé. Como os bois no pasto. Tudo aqui é triste, pensou Marvin, que grande tristeza!

— E como esse Joe Webb pensam muitos — disse Ray Evans, e tossiu. — Ainda. Justo agora. Não aqui, naturalmente. Mas em Richland, Kennewick, Pasco. O senhor tem razão com a Atomic Food e a Atomic Laundry e tudo o mais, mister Marvin. Bico grande, nada na cabeça. Esses caras são tão imbecis — se eles tivessem um instituto de funerais ninguém mais morreria! Mas não aqui em Mesa, mister! Aqui nós nos cagamos de medo, desde que o Reator-N foi desativado. Cada vez mais gente vai embora. Casas e apartamentos há agora a torto e a direito. — Ele riu de novo o seu sorriso desesperançoso.

— E existe mais um medo entre as pessoas aqui.

— Que tipo de medo?

— Medo de perder seus empregos na indústria nuclear. Que mais reatores tenham de ser desativados. E disso eles também têm medo em Richland e em Kennewick e em Pasco. Em toda a região de Tri-Cities. Medo. Medo. Medo. Medo da vida. Medo da morte. — Ele conduziu o jipe para a beira da estrada, enquanto cantava com voz frágil uns trechos da velha canção: *Ahm tired of livin'. An' feared of dying, But Ol'man river, he jes keeps rollin' along...*

Evans saiu do jipe. — Venha, mister — disse, e já foi na frente, adentrando o Stardust Memories Cafe.

Um boteco como em cem filmes americanos: balcão comprido, no qual come-se e bebe-se sobre bancos altos. Nichos coloridos com mesas de plástico coloridas e cadeiras de plástico. Ao lado, uma loja de quinquilharias, farmácia, drogaria e loja de departamentos — a

loja era tudo ao mesmo tempo. Aqui podia-se comprar tanto uma boneca como uma arma, um pacote de preservativos com sabor framboesa ou laranja, assim como varas de pesca, livros de bolso, sementes de gerânio ou uma furadeira elétrica.

Empregados de lojas e de escritórios vizinhos estavam sentados lá, trabalhadores de uma construção próxima e três moças de uma *high-school* com seus namorados, que brincavam um pouco, enquanto que os outros falavam sério e baixo. E a maioria, viu Marvin, tinha glândulas tireóides bem inchadas.

Logo ao entrar, veio em direção a eles o primo de Ray Evans, Tom. Eles se cumprimentaram e Marvin pensou que Tom era um tipo esquisito, para se pensar bondosamente. Tom, a quem pertencia o Stardust Memories Cafe, pediu silêncio, ficou calmo, e apresentou o *gentleman* da Alemanha, que fora enviado pela sua inspeção para que pudesse ter uma impressão do lugar. Ele também trabalhava no *atomic business* e deveria fazer um relatório de sua inspeção para a gerência, e também para *maybe*, uma americana, sobre tudo o que se passava aqui e, talvez, *who knows*, as coisas ficassem diferentes e melhores. Se alguém tinha alguma coisa contra o senhor Marvin fotografar.

Ninguém tinha nada contra, as pessoas balançaram a cabeça para o estranho, agora algumas sorriam, rápida e amigavelmente, e a beleza atrás do balcão, sobre a qual os rapazes diziam que se parecia com Marilyn Monroe, retocou rapidamente os lábios. Os mais estranhos caminhos já haviam levado a Hollywood.

— Um drink? — Tom perguntou.

— Talvez uma Coca.

— Três *cokes*, Corabelle!

E enquanto Marilyn servia no balcão, as pessoas falavam baixinho umas com as outras, e as três *teenagers* cochichavam com os seus namorados. Também aqui Marvin sentia aquela grande tristeza, aquela tímida devoção para com a dura vida, aquela desesperança que pairava sobre tudo e todos como um orvalho sujo.

Mesmo um pequeno cachorro sobre uma velhíssima cadeira de vime sob um enorme cartaz, o qual intimava a prevenção contra a AIDS, olhou aflito para Marvin com pequenos olhos opacos. Seu pêlo era sarnento, muito já havia caído, via-se a pele branca. Tão minúsculo o cachorro, tão grande a radiola de fichas entre a cadeira de vime e a porta para os sanitários.

Como contrapeso da radiola de fichas estava pendurado do outro lado da porta um grande quadro, em direção do qual Tom mancava agora, torto e encurvado; seu primo e Marvin o seguiram. Ray Evans havia dito a Marvin que lhe mostraria algo que ele deveria fotografar. Com voz estranhamente metálica, Tom explicou que ele mesmo pusera os títulos no quadro, *word by word*, e o que estava lá era a pura verdade, *cross my heart and hope to die*. Escrito em vermelho, bem alto, estava: DEATH MILE FAMILIES. Abaixo, 29 sobrenomes.

— Fotografe isto, senhor! — Tom disse. *Take some pictures! Take the names! All of them.* — Então houve um silêncio na grande sala, Marvin fotografou e todos observavam. O *gentleman* da Alemanha se interessa realmente por essa história. Porque ele sendo, *some bigshot*, de um seguro, *maybe*, talvez as coisas realmente mudem. Essa maldita esperança que você sempre tem.

No quadro estava escrito:

OS LIVESEYS — mãe e filha, câncer nas glândulas tireóides

OS HAMMONDS — Mary e Bob, câncer no seio, câncer no fígado

OS FORRESTS — o filho, câncer na pele; a mãe, câncer no seio

MIKE E HELEN LEE — ambos câncer, os filhos foram embora

OS HOLMES — mãe, câncer nos ossos

E assim por diante. 29 nomes, por último havia: TOM EVANS.

Ele mesmo explicou rapidamente o que lhe faltava: — Nasci no dia 25 de março de 1947. Com pernas curvas e dedos curvos. — Ele mostrou. — Dedos das mãos e dos pés aleijados. Foram muitas vezes operados, até que melhoraram um pouco — estes aqui, não. Preciso usar luvas especiais. Sou impotente. A mulher me abandonou depois da primeira noite de casados. Todo mundo aqui sabe. Posso falar disso sem problemas. Muitos estão na mesma situação que eu. O Café aqui é uma mina de ouro, confesso. Mas cago em cima. Isto tudo me enoja. Só quero um coisa, *for Christ's sake!*

— Ah, pare com isso, Tom! — disse um cliente.

— Não vou parar nunca — disse Tom.

— Cara, não dá mais pra ouvir isso! — um outro disse.

— Então dê o fora, se você não pode mais ouvir isso, Fred!

— Você realmente precisa se libertar disso, Tom! — disse uma mulher. Talvez pertença a ela a pequena loja ao lado, pensou Marvin. — Conosco, tudo bem, a gente conhece você. Mas as pessoas...

— As pessoas falam, Tom. Dizem que você é um contrariado. Isto é uma das coisas mais inofensivas que elas dizem. Também dizem que *you're nuts*, que você é louco, que você já não tem todos os parafusos, que a irradiação subiu para o seu cérebro. Pare de vez com isso, Tom! E ainda mais na frente do *gentleman* de *Germany!*

— Principalmente na frente do *gentleman* de *Germany!* — Tom disse, obstinado. — Justamente ele deve ouvir e me fotografar tanto quanto ele quiser. Em frente, continue a bater, *sir*, continue! E as pessoas podem pegar seu falatório imbecil e enfiá-lo no rabo.

— O que você quer ter de qualquer maneira? — perguntou Marvin.

— Justiça — disse o torto e aleijado Tom, e alguns clientes riram um riso malvado, e o pequeno cachorro choramingou de leve como se quisesse dizer: ele quer justiça, meu Deus!

— Isto mesmo, justiça — disse Tom. Agora eles só balançavam a cabeça e continuavam a comer seu frango frio ou seu bife com



batatas fritas com muito *ketchup* em cima. Todos que conheciam Tom o consideravam pirado, um pirado inocente. Tinha mesmo sua neura com a justiça. Ele mesmo admitia.

— Tudo bem — disse Tom —, eu sou louco. *Okay, folks, I'm nuts*, muitos dizem isso, especialmente aquele bosta do Joe Webb, aquele *no-good-fucked-up-son-of-a-bitch!* “Tom Evans, ah, o louco”, diz ele, “que ficou pretensamente canceroso por causa de Hanford, câncer nas glândulas tireóides, diz ele, mas há uma predisposição genética, isso eu sei, todos os médicos aqui disseram isso, um defeituoso genético e um arruaceiro comunista, esse é Tom Evans.” Assim fala esse mau-caráter Joe Webb. Sou um *goddamned commie, folks?* Vocês me conhecem, vocês sabem que isso é uma mentira suja. Ou não?

Algumas reações simpáticas a ele e novamente o pedido de que ele finalmente parasse com isso.

— É claro que você não é nenhum *commie*, Tom — disse um gordo com enormes glândulas tireóides — mas essa sua coisa com a justiça, não fique com raiva, mas isso já ninguém agüenta mais, cara.

Alguns deram razão ao gordo. Outros protestaram. E assim eles começaram a discutir o tema.

— Você quer justiça — disse um rapaz com a cara cheia de sardas. — Dinheiro. Indenização pela sua doença. Isso você não vai ter nunca, entenda de uma vez por todas, cara!

— Por que é que ele nunca vai tê-la? — perguntou Marvin, que fotografava sem parar.

— Porque eles precisariam pagar bilhões a milhares no país inteiro. — Um homem de terno azul, camisa branca e gravata azul se meteu, talvez fosse o gerente da filial bancária ali defronte. — E assim transferem todas as inspeções, todos os médicos, todos os seguros para defeitos genéticos! Esta é a palavra preferida deles. Genético! Tom Evans e toda a gente na trilha da morte e todos que estão doentes, eu também, não temos nenhuma chance, *no*

*goddamned chance, no sir*, ninguém tem uma maldita chance.

— Por que — disse um homem, cujo rosto estava desfigurado pelos eczemas e cujos olhos estavam inflamados — sempre se diz que tudo o que temos, que todas as doenças não são geneticamente explicáveis, ou que o câncer nas glândulas tireóides decorre de uma falta natural de iodo — isto realmente existe, não é, mister?

— Sim — disse Marvin, e fotografou o homem com o rosto carcomido, sentindo-se tão miserável como nunca. Ele pensou desesperado em Susanne e na sua conversa com o professor Ganz e a Dra. Valerie Roth na invernosa ilha de Sylt, e disse: — Mas se vocês, se preciso, diante do tribunal, podem provar que suas doenças não são geneticamente explicáveis, que vocês — como os animais — ficaram doentes com a irradiação aqui... Quer dizer, justiça aqui, justiça acolá, isso não existe! Um tribunal precisa compreender isso. Não é possível que *todos* os homens sejam uns safados.

— Talvez sim. De qualquer forma, nenhum de nós conseguiu — disse o homem com terno azul. — Tentar, muitos tentaram, *believe you me*, acredite!

— Lá em Richland — disse Corabelle atrás do balcão, botando os cabelos louros pra trás, esticando o busto, e já estava *something to look at*, um bom número, *oh yeah* — lá em Richland existe um Science Center e um computador. Estive lá uma vez. No computador está escrito PARA A SUA DOSE PESSOAL. — Marvin a fotografou. Ela se dirigiu a ele, sorriu como Marilyn e, enquanto contava, imitava a voz de Marilyn. Não se sabia realmente, mas alguns dizem que um casal de *superstars* tentou tirá-la da miséria, e que depois ela posou nua num desses calendários. — Então eu me sentei lá, mister Marvin, e o computador perguntou: “Onde você mora?” Digito: “Mesa, *state of Washington*.” Vem ao monitor algo escrito em verde: “Irradiação da terra — 26 milírios por ano.”

Marvin pensou: milírio, aqui, é uma palavra como Pepsi, todo mundo conhece.

— “Do prédio de apartamentos — sete milírios por ano.” Então

o computador perguntou pelos exames de raio-X. Quantos eu havia feito? Quanto tempo vejo televisão? Quantas vezes andei de avião? Perguntou pela comida e bebida, digitei tudo bonitinho, e sempre novos números apareciam no monitor, todos simplesmente idiotas, ridiculamente baixos. No final o computador perguntou: “A que distância você mora da usina nuclear mais próxima?” — Enquanto falava, Corabelle fitava Marvin ininterruptamente. — Bem, pensei, vou me divertir, e digitei: “Diretamente na cerca.” *Just for the hell of it, you know*. Sem mais nem menos.

— E? — Marvin perguntou.

— O computador calculou três milírios a mais, senhor Marvin! Três milírios — diretamente na cerca!

Todos ouviram a estória de Corabelle. Um homem praguejou alto e longamente. Outro riu. O pequeno cachorro gemeu novamente.

— Minha dose pessoal, então, é de 2.168,15 milírios anualmente — disse Corabelle. Ela havia olhado para um papel, pregado com percevejo na parede interior do balcão. — Temos aqui dois radiologistas. Também me consultei com eles. Um constatou algumas centenas de milírios a menos, o outro, a mais. Tudo genético, mister Marvin, tudo genético. Também comigo.

— Como assim? O que você tem?

— Leucemia — disse Corabelle. — Estou constantemente em tratamento. Agora mesmo a fórmula do sangue melhorou um pouco. Posso viver ainda décadas a fio, disse o doutor. — Dez anos de Hollywood me bastariam, ela pensou. Marilyn também não teve mais que isso. — Atípico — disse ela.

— O que é atípico?

Corabelle botou a blusa de seda branca energicamente para dentro da saia preta. Seios realmente bonitos.

— Que eu tenha leucemia. Os homens têm mais que as mulheres. Houve uma grande pesquisa em Tennessee. Sobre defeitos genéticos, naturalmente, não sobre os causados por irradiação. Nos homens, há mais leucemia e câncer no cérebro. Nas mulheres, há

mais câncer no busto. Como eu disse, sou atípica. — Ela deu de presente a Marvin um sorriso prometedora, ao que ele disse, cheio de raiva: — E por que você aceita isso? Por que não protesta?

— Já fizemos isso mil vezes — disse um trabalhador.

— Mas é melhor pararmos por aqui — disse Ray Evans, que havia levado Marvin até lá. — *I keep telling you again and again*. Digo a vocês e repito; a você também, Tom. Acalme-se! Veja, mister Marvin, a maioria de nós tem dívidas no banco. Nos Estados Unidos é assim mesmo. Quando alguém tem algo a ver com fábricas nucleares, e a maioria tem, e quando esse alguém faz confusão, ele é demitido e não pode pagar suas dívidas bancárias. Se ele diz que é doente, perde o trabalho. E o banco rescinde imediatamente o crédito. Sou fazendeiro, não tenho nada a ver com as fábricas nucleares. Mas também devo ao banco. Se eu fosse falar de doença, também o meu crédito seria rescindido. Além disso: o senhor viu o que cresce aqui, o que vem da região — milho, batatas, frutas, vinho. Ninguém mais compraria nosso produto se se dissesse por aí que o que” fornecemos, também eu, como a minha carne de boi, vem de uma região contaminada, não é?

Professor Ganz, Marvin pensou. Aquela tarde na casa dele. O que disse ainda? O que aconteceu ainda...

— E o buraco de ozônio — disse o professor Gerhard Ganz. — Tanta coisa já foi construída, doutor Marvin. Falta um minuto para as doze. Somente juntos poderemos, não digo afastar, já que isso não é mais possível, mas fazer a catástrofe menor possível. — De repente ele teve a impressão de não ter mais dores e de se sentir maravilhosamente bem. — A Terra, como o senhor sabe, é coberta de uma camada de ozônio num espaço de cinco a 50 quilômetros. Essa camada protege a vida terrestre dos perigosos raios infravermelhos do universo. Todos os anos, na primavera antártica, nos meses de setembro e outubro, desaparecem daqui mais de 50%, em alguns

lugares até mais de 90% das moléculas de ozônio. De maneira dramática, essa área de ozônio extremamente diluído se alastrou nos últimos anos, pelo fato de infestarmos a atmosfera. No momento, o “buraco” é tão grande quanto os EUA. Câncer de pele, outros tipos de câncer, doenças desconhecidas e a quebra de todos os fenômenos da natureza serão as conseqüências inevitáveis, se o buraco ficar maior.

— Por favor — disse Marvin. Ele balançou a cabeça e olhou através da vidraça o estuário ali embaixo. Estava anoitecendo.

— O quê, por favor?

— Por favor, caro professor, sem pânico! — Marvin disse, repentinamente muito irritado. Velho pateta, pensou. E essa Roth, sua parva assistente! Precisava mesmo vir aqui e escutar tudo isso?

— Pânico? — Valerie Roth estava atônita.

— Sim — disse Marvin exasperado. — Sim, sim, sim! Buraco de ozônio! Catástrofe climática! Há anos que não ouço outra coisa. Todos os jornais, o rádio, a televisão vivem disso. Ninguém pode mais abrir um folhetim sem ler que a diabólica indústria destrói a Terra. Que todos nós somos criminosos irresponsáveis. Esta mentira se tornou a conversa preferida das festas.

— Doutor Marvin... — começou Ganz, mas ele não se deixou mais interromper.

— Em escritórios. Em escolas. No ônibus. Sempre isso. Sempre a vontade do declínio. Todo folhetim vagabundo traz a cada dia uma nova, uma horrível informação. Um congresso atrás do outro. Pesquisas. Greenpeace-heróis. Manifestações de protesto. Gente que não sabe de nada protesta, acusa! Todo político precisa, todo dia, declarar que ele e seu partido se engajam com todas as forças pela salvação do mundo — como se eles não fizessem o que é possível fazer!

— O que fazem os políticos? — Valerie Roth gritou, agora irritada como ele. — O quê, senhor Marvin? Nada! Absolutamente nada!

— Isto não é verdade! — gritou Marvin.

— Por favor! — disse Ganz. — Por favor... — Mas os dois não lhe deram ouvidos.

— Isto é verdade! — Valerie Roth gritou. — Tudo é prometido. Nada é feito. No parlamento foi requerida uma proibição imediata de hidroclorofluorcarbono. E negada! A justificativa do chanceler, ao pé da letra, é a seguinte: “Não podemos dar ordens à indústria. Ela está muito consciente de sua responsabilidade perante a sociedade.” Nunca houve declaração maior de bancarrota de um governo absolutamente subordinado à indústria.

De longe, do crepúsculo e névoa, soou a sirene de um trem que passava sobre o dique de Hindenburgo.

Valerie Roth gritou, agora completamente fora de si: — Nossos políticos estão na indústria do *show*! O ministro do meio ambiente nada no Reno e mostra que de fato se pode sair vivo de lá. Na Baviera, um outro bebe um gole de leite contaminado, que há anos é servido no país, e diz: “Não me faz mal!” O ministro das finanças bebe um copo de água do Mar do Norte e prova que se pode sobreviver a isso.

— Por favor, Valerie — disse Ganz —, por favor, pare!

Mas Valerie Roth não parava. — Vivemos num país escandaloso! Estou desapontada com o senhor, doutor Marvin, muito desapontada. O senhor acha então certo que aqui tenham sido gastos 60 bilhões com energia nuclear — e para uma ecológica energia renovável só uma fração disso? Sim, o senhor acha isso certo?

— Olhe aqui, eu...

— O governo “garante” bilhões à gente da Mercedes, que com isso pode se tornar, ligada à MBB, a maior fábrica de armas da Europa! *N* bilhões para o caçador 90! O rápido reator sobre-regenerador Kalkar, que nunca funcionará, nem poderá — *n* milhões por ano apenas para a sua manutenção!

Marvin gritou irado: — O que é que há como proteção do meio ambiente na Europa Oriental? Nada! Absolutamente nada! E eles

infestam o ar mais do que todos os países no Ocidente!

— Outros devem falar de seus escândalos — gritou Roth —, eu falo do nosso. Em todo o mundo, um trilhão de dólares anualmente para armamento! Mais 40, 50 anos, e o nosso mundo não existirá mais!

Nesse momento, Gerhard Ganz teve a impressão que uma mão de aço lhe tirava o coração do peito. Ele se levantou cambaleando e logo após caiu no chão. Ficou estendido, imóvel.

— Gerhard! — Valerie Roth gritou. Ela se ajoelhou sobre ele, Marvin a seu lado. Eles tentaram fazer com que Ganz se deitasse de costas para o chão. Seu corpo estava tão tenso, que a tentativa fracassou.

— Um médico — arfou Marvin. — Vamos, vamos, chame um médico!

## 2

— E assim foi, senhor Gilles — disse Markus Marvin nove meses depois, na tarde de 12 de agosto de 1988. Um calor intenso sobre Sylt, um calor intenso também na grande sala de estar da bonita casa antiga do professor Ganz em Keitum, sobre o estuário. Marvin se sentou na mesma poltrona que em novembro de 1987. Valerie Roth estava sentada num sofá forrado de linho, as pernas dobradas sob o corpo. Seu vestido de musselina leve e azul era longo e fechado. Marvin usava *jeans*, uma camisa fina por fora da calça e sandálias. Seus cabelos pretos estavam, como sempre, despenteados. Nos olhos escuros, a segura e desperta disposição de tomar partido, de se misturar a eles, de agitar.

— E assim foi, senhor Gilles — repetiu —, nos Estados Unidos e muito antes aqui, quando o professor Ganz sofreu o seu primeiro enfarte grave.

O homem chamado Gilles olhou-o calado. Tinha mais de 60

anos. Tinha cabelos grisalhos, densos, era grande, robusto, mantinha-se ereto; os olhos cinzas desse homem brilhavam muito, desse homem que havia chegado lá uma hora antes e ouvido a história de Markus Marvin.

— Eles levaram Gerhard primeiro para o hospital da ilha — disse Valerie Roth. — 16 dias de UTI. Então o levaram de avião para Hamburgo. Lá, ele teve o seu segundo enfarte. Os médicos realmente fizeram todo o possível. Gerhard ainda viveu quatro meses. Quando parecia realmente que ele estava melhorando, teve o terceiro ataque. Não sobreviveu a ele. Morreu no dia 6 de agosto. Sempre foi seu desejo ser enterrado em Sylt. Por isso o senhor está aqui, senhor Gilles. O senhor conhecia Gerhard há muito tempo, não é? Vocês eram amigos?

— Sim — disse o homem com cabelos grisalhos e densos e olhos sérios. — Nos conhecíamos desde a guerra. Mas depois de 1945 só nos vimos duas vezes. Mas fiz questão de vir ao enterro.

— Agora já passou — disse Marvin.

Gaivotas gritavam sobre a casa. Alguma coisa se agitava.

— Sim — disse Gilles —, agora já passou. — Ele falava devagar, com uma voz profunda e calorosa. — E o senhor trabalha com a doutora Roth na Sociedade de Física, doutor Marvin?

— Sim — disse ele. — Grotesco, não é?

— Grotesco? — Gilles perguntou.

— Se o senhor pensar como decorreu minha última conversa com o professor Ganz...

— Ah — disse o desconhecido, que há uma hora chegara àquela casa, na verdade, por acaso. — O homem é polivalente, não é? E também o abalou muito o que o senhor viu nos Estados Unidos.

— Abalou demais — disse Marvin. — Voei de volta para a Alemanha e relatei à minha inspeção em Wiesbaden tudo sobre Mesa e tudo sobre os Quase-Super-PGA no complexo do rio Savannah, na Carolina do Sul, e sobre as condições inimagináveis em Rocky Flats, perto de Denver, Colorado, onde eles também tiveram de desativar



reatores — forçados pela imprensa e televisão e iniciativas civis e greves dos trabalhadores. Mostrei àqueles que me enviaram aos Estados americanos, a fim de que conhecesse seus sistemas de segurança, as minhas fotos e que ouvissem meus cassetes com entrevistas. Eles pegaram fotos e cassetes, mas naturalmente estavam certos de que eu possuía os originais. De qualquer forma, me ameaçaram com medidas judiciais, no caso de eu vir a divulgar fatos — mentiras, disseram, obviamente. Então me botaram na rua, claro. — Marvin não podia deixar de falar.

Quando eu era mais jovem, pensou Philip Gilles, também era assim. Faz tempo.

— Sondei alguns bons escritores — apenas sondei —, eles queriam escrever sobre o assunto, porém seus editores, naturalmente, não queriam publicá-los.

— Hum — Gilles estava muito calmo, quase imóvel.

— Somente *Die Zeit* não teve medo. Eles enviaram para lá um redator e publicaram o que ele tinha a dizer, e ninguém acusou *Die Zeit*, ninguém! Mas a reportagem, é lógico, não mudou nada, nem aqui, nem nos Estados Unidos. O pessoal da energia nuclear continuou, *business as usual*, e nenhum deputado no parlamento achou que valeria a pena fazer uma pergunta. Nenhum cidadão se manifestou, não houve protestos, não houve nada, absolutamente nada. Bem, fiquei desempregado por um tempo, não ganhei dinheiro com as minhas filmagens, e agora estou na Sociedade de Física de Lübeck. Vendi minha casa em Wiesbaden, moro num apartamento perto daqui. — E Susanne está, provavelmente, na América do Sul, pensou. Nunca mais deu notícias. Precisei vender a casa em Wiesbaden, seria impossível continuar a morar lá. Tomara que Susanne não tenha muitas dificuldades. Ela é tão sincera, tão impulsiva...

E ali estavam sentadas as três pessoas na grande sala de estar da bonita casa de Gerhard Ganz, sobre o estuário. O tempo da maré cheia já havia passado há muito, a água recuou, já se via um largo

filete preto de lodo e lama e pássaros em cima, os quais mordiam minhocas e peixes, e no caminho asfaltado passeavam muitos turistas de férias. O riso deles se espalhava no ar quente.

Marvin passou a mão nos cabelos, se levantou e começou a andar pra lá e pra cá. — Conte-lhe um pouco do que vivi com as fábricas nucleares, bem pouco mesmo. No instituto temos material sobre as grandes safadezas que acontecem todos os dias. Com as florestas tropicais. Com o irracional excesso de produção de energia. Posso provar, provar, senhor Gilles, que no ano 2040 este mundo será um inferno gritante para todos que então viverão. E só estou há pouco tempo no instituto. Não sei praticamente de nada. — Ele ficou em pé, diante de Gilles. — Então?

— Então, o quê?

— Então o senhor escreverá sobre isso?

Philip Gilles ficou calado.

— Senhor Gilles! — Valerie Roth tinha a voz rouca.

— Sim?

— O senhor quer nos ajudar? O senhor quer escrever sobre tudo isso?

— Não — disse Philip Gilles.

E ali estavam as gaivotas sobre a casa e sua gritaria estranha e agitada.

— O senhor não quer nos ajudar? — Marvin gritou.

— Não.

— Mas... mas... este mundo está perdido se não acontecer nada, senhor Gilles!

— Hum.

— E isso lhe é indiferente?

— Totalmente — disse o homem com cabelos grisalhos, e pensou que havia sido um erro ter vindo. Uma coroa teria sido suficiente. Interessaria ao seu amigo Gerhard o fato de ele ter vindo ao enterro? Gerhard não sabia de nada. Ele não sabe de mais nada, pensou Philip Gilles. Ele tinha sorte.

— Que a metade de todas as pessoas que hoje vive... — A calça de Marvin escorregou, ele a puxou para cima — de todas as pessoas que hoje vive irá *presenciar* o declínio, isso lhe é indiferente? Também isso?

— Também isso. Indiferente. Totalmente — disse Gilles. — Preciso de uma vez por todas telefonar para o aeroporto. — Com isso ele se levantou e foi ao telefone, passando pela lareira e a litografia de A. Paul Weber, com o homem que bate um prego na cabeça.

Markus Marvin interrompeu o seu caminho: — O senhor não tem nem um pouco de consciência?

— Pare com essa coisa de consciência! — disse Philip Gilles.

Há seis horas ele havia chegado, proveniente de Hamburgo, com uma Twin Otter no aeroporto de Sylt. A Twin Otter tinha uma lotação de 19 passageiros. Ela estava lotada. Todos os aviões estavam lotados agora, sempre, disseram a ele. Ele havia reservado um lugar a tempo. Volta em aberto. Em razão do calor, ele usava um leve terno azul. Roupas íntimas e uma gravata preta foram postas na pequena mala. Diante do aeroporto havia táxis. Ele se arrumou na parte traseira do primeiro e disse: — Benen-Diken-Hof, por favor.

— Vai demorar um pouco — disse o motorista, um homem idoso.

— Por quê?

— Carros. Tudo congestionado. O senhor vai ver logo.

Philip Gilles viu mesmo logo. Era assustador o que se passava na ilha. Só com muito esforço eles avançavam, também na larga estrada de Keitum. Centenas de carros se empurravam do leste para o oeste, do oeste para o leste. O campo florescia, arvorezinhas brilhavam no sol num violeta avermelhado.

— Todos pensam que faturamos aos montes na alta-estação — disse o motorista. — Aos montes? Menos da metade do que no inverno! E, mesmo assim, muitas viagens. Sou chamado tantas vezes

que faz tempo que desliguei esta coisa. — Ele mostrou o radiotelefone. — Absurdo. Não avanço. E os nervos, senhor! Hoje é o meu último dia. Só rodo de novo quando aqui ficar mais calmo. Agora veja esse sacana!

O sacana era um cara vestido de couro preto e capacete, com uma pesada Honda, que ultrapassava a todos num tempo louco no estreito espaço entre as colunas daqueles que iam em direção leste, para o estuário.

Depois que Philip Gilles viu o sacana, olhou para a esquerda — à direita só havia carros — através da janela para os campos e pastagens, e viu bonitas casas antigas cobertas de cana, paredes brancas, vigas de madeira preta e muitas flores: arnicas douradas, tojos marrons, campânulas cor de salmão, e satiriões cor-de-carne. Gilles viu enormes pedras pretas; eram rochas erráticas, logo reconheceu, certamente já as havia visto no inverno. Eles vinham sempre aqui no inverno, sua mulher Linda e ele, cinco ou seis vezes, para o Natal e o Ano-Novo, e sempre ficaram hospedados no Benen-Diken-Hof. Por isso ele reservou lá um quarto, e teve sorte — um homem havia pisado numa medusa, o pé havia se inflamado, e assim ele viajou mais cedo que o previsto, e só por isso ainda havia lugar na alta-estação. Gilles ficava hospedado, na medida do possível, sempre nos hotéis onde ficara hospedado com Linda, pois assim ele podia pensar em como havia sido com ela. Fazia-lhe bem pensar como havia sido com Linda.

O motorista de táxi se chamava Edmund Keese, apresentou-se.

— Tudo uma merda — disse Edmund Keese. — Tudo está se acabando. Fazer, ninguém faz, aqueles finos senhores do governo. Embora os peixes e leões-marinhos morram, não só aqui, mas em todo o Mar do Norte, os da indústria despejam nele toda sorte de veneno, sempre mais — e ninguém os proíbe disso. Ninguém. Só o despejo de ácido de enxofre já é devastador. Esse ministro do meio ambiente! Esteve aqui, o homem. Nem ao menos falou com o nosso prefeito. Andou com os jornalistas pelo estuário. Em outros lugares

organiza conferência em cima de conferência, engaja-se na RDA por um rio Elba limpo — e a indústria está cagando pra ele.

Gilles viu muitas ovelhas e cordeiros no pasto, todos muito magros. No inverno, quando esteve aqui com Linda, eles tinham seus pêlos densos, eram gordos, eram redondas bolas brancas. A maioria tinha sinais coloridos no pêlo, pontos azuis, vermelhos ou verdes, cruzeiros, triângulos e círculos, e Gilles se lembrou que Linda havia se informado exaustivamente, explicando-lhe depois: — Essas marcas são para os proprietários. Para que cada um saiba o que pertence a quem. No inverno, as ovelhas quase sempre ficam ao ar livre. Se ficam muito tempo no estábulo, seu pêlo fica ruim. No inverno as ovelhas são cruzadas.

— O quê?

— As ovelhas no inverno cruzam com os carneiros, querido. Diz-se assim. Muito decente, o que você queria? E todos os carneiros carregam então sacos vermelhos na sua guarnição — acalme-se, na França chama-se assim, *la garniture*, o equipamento. Então, os sacos coloridos ficam pendurados, para que se saiba imediatamente que ovelha está abençoada. O sorriso do cordeiro...

— Você está confundindo alguma coisa — ele disse.

— Quando o cordeiro está abençoado, ele sorri, o que você sabe sobre isso, criança de Deus? E na época da Páscoa as ovelhas abençoadas então parem, ou coisa parecida, agora eu me esqueci, elas dão à luz, enfim, então elas são tosquiadas, e por isso no verão elas são tão magras quanto as alegres cabrinhas...

— O apocalipse está perto — disse Keese, o motorista de táxi.

— O que é? — Ah, Linda, pensou Gilles.

— O apocalipse está perto, senhor. Ar envenenado, água envenenada, terra envenenada. Não vai durar muito, acredite em mim! Se os turistas não vêm, há os problemas com os desempregados. Isto seria o êxodo da ilha inteira. Isso mesmo: êxodo. Conheço muitas palavras finas, educo-me através da leitura.

Edmund Keese era um homem idoso e conversador; Gilles já

sabia por quê. Há 16 anos que ele vivia sozinho, havia dito. Também um, pensou Gilles.

— Nosso prefeito — disse o solitário Keese —, se ele simplesmente jogasse tudo para o alto e dissesse àqueles de Bonn: “Comigo não, meus senhores!” Teríamos discutido. Não, disse ele, não. Ele era tão insignificante, disse ele, que não ajudaria em nada se ele renunciasse. E se eles dizem: “Fique!” Para onde ele poderia empurrar o ponteiro do relógio? Para um minuto para as 12? Ele diz que já são doze e cinco para Sylt. A cada ano perde-se um pedaço de ilha. Então, fazer o quê? Tudo no rabo. Digo mesmo. — Keese freou forte. Gilles foi jogado para a frente. — Maldita, desça e ande, se você não quer dirigir, imbecil!

A imbecil era uma loura na direção do carro na frente deles. Ela se maquiava enquanto dirigia, sempre freava, dava uma olhada no retrovisor e paquerava outros motoristas, que passavam lentamente em sentido contrário e admiravam sua beleza.

— Todos vêm para cá com suas carroças, e o trânsito fica um caos. Nem por isso deixam de existir em Husum grandes cartazes, segundo os quais pode-se conseguir no continente ótimas vagas para estacionar, e que aqui há bicicletas em todo posto de gasolina. Para alugar. Sem falar nos ônibus. Mas não! Anda logo, perua!

O ar era como vidro, e o distante era distante, claro e sereno. Mas no inverno, com névoa e chuva, tudo aqui se torna fantástico no campo, sobre os pântanos, pensou Philip Gilles. Veio-lhe à mente o que Ernst Penzoldt havia escrito: “Deus achou aqui o necessário para a produção do homem. Areia e argila para a forma, vento bastante para a respiração, a língua e a alma, umidade suficiente para as lágrimas, azul para os olhos, pedras para o coração no peito.

Penzoldt, pensou Gilles. Foi também um como nunca fui. Lembro-me exatamente do dia no nosso quarto no Benen-Diken-Hof, quando Linda leu-me essa passagem, e Linda está morta, e logo estarei morto e esta ilha e a Terra inteira e todos os homens. Não é uma pena?

— Quando ouvi falar que o “Kronos Titan” pode continuar a despejar, fiquei desconcertado — disse Keese. — Não, não, pra mim, chega. Não tenho mais confiança nos nossos políticos e seus discursos inúteis. Todos uns lacaios da indústria. Lacaios, o senhor vê — também uma dessas palavras! Conheço muitas, pois leio demais. Diga-me uma coisa, o senhor por acaso é escritor? O senhor me parece conhecido. O senhor escreve?

— Não — disse Gilles.

— Não faz mal — disse Keese. — Mas não tenho razão com os políticos? Estão a milhas de distância dos problemas! Não querem fazer nada. Não podem fazer nada. Um monarca — disse ele, sonhador — seria melhor um monarca. Desde que ele tenha a utopia certa. Novamente uma palavra dessas! Um monarca não fala besteira por aí, um monarca dá ordens. Agora estamos em Tinnun. Estamos chegando. Se a loura imbecil não houvesse dirigido na nossa frente!

Agora Philip Gilles via a chácara Stricker. Tinha mais de 300 anos, ele havia estado muitas vezes lá com Linda. Uma vez eles comeram lagosta, dia após dia, sempre preparada de outra forma, até que Linda quase teve um choque de albumina e foi preciso chamar um médico, e ele perguntou por que foram tão irresponsáveis comendo tanta lagosta. — Isso a senhora pode pagar com a vida. — Doutor — disse Linda em seguida —, com a minha vida eu pago de qualquer forma...

— Sim — disse agora o motorista, desanimado —, posso imaginar o que aconteceria se o primeiro-ministro e alguns de nós arrastássemos até diante do chanceler um leão-marinho morto. Se calculo bem, passar-se-ia bem perto de Engholm, este tomaria com ele um café e falaria sobre as crianças e então diria amigavelmente que os próximos submarinos não precisariam necessariamente ser construídos em Kiel... Uma hipótese, claro. Mas é assim mesmo que as coisas acontecem! Certo, pode-se fazer correntes humanas, colher assinaturas. Não dá em nada. Precisar-se-ia negociar. Imediatamente. Senão já se pode enterrar o mar. Mas o que

acontece? O ministro do meio ambiente tolera os despejos. É a mesma coisa que dar veneno a um doente terminal e lhe desejar melhoras! Só mais dez minutos, senhor. Se não tivéssemos essa empalidecida na nossa frente... Não, não posso ficar pensando nos irmãos de Bonn. Na verdade deveria deixar meus impostos numa conta bloqueada. O chanceler? Há muito tempo deveria ter feito alguma coisa. Para tal ele foi eleito, não é? Mas ele não pode. A indústria! Mas se um bunda-mole como esse não desiste, então pelo menos deve lutar! Ninguém luta aqui. Nunca. Qualquer um pode ser julgado por força da lei. Cadastrado. Assim ele segue a carreira certa. Sabe o que eu sempre digo, senhor?

— O que o senhor sempre diz? — Philip Gilles perguntou.

— Melhor um cego que mija pela janela que um engraçadinho que o faz crer que ele está no sanitário. E o senhor sabe quem são esses engraçadinhos? Todos os caras que continuam fazendo a mesma coisa, enquanto a merda já bate no nosso pescoço. Os caras safados que estão bem de grana e que suplicam aos céus para que fique assim por um bom tempo. O cego, ele não vê nada, nada do que acontece no mundo, ele não entende nada. Não tem culpa de nada. Os engraçadinhos entendem tudo, sabem exatamente o que vem ao nosso encontro, o que acontecerá. — De repente, Keese falou baixo: — Na verdade, todos nós somos culpados. Quem é que economiza energia? Quem é que anda de bicicleta ou vai ao quinto andar pela escada e não com o elevador? Quem tem um catalisador e lava com água fria e renuncia a algumas lâmpadas e deixa de lavar as camisas até a última cor? O senhor faz isso? Ninguém o faz!

A moça parecia estar sempre contente e risonha. Agora ela não ria. Agora ela falou preocupada: — Senhor Gilles, o senhor falou com minha colega, com Nele Starck, a respeito de um quarto. Ela conhece o senhor há muito tempo. Ficou tão contente que o senhor voltasse aqui. Ficou bem excitada. Por isso ela não perguntou pelo seu



endereço e número de telefone.

— Não tenho telefone — disse Gilles. — Telefonei de um hotel.

— Nele não sabia disso! Também não sabia que o senhor não mora mais em Berlim. Consultamos a ficha. O senhor esteve aqui pela última vez há 12 anos. No Natal e Ano-Novo. Com a sua esposa. Nele conhece a sua esposa. E é claro que telefonamos para Berlim. Mas lá em Grunewald moram agora outras pessoas, não sabiam nada a seu respeito. Nas informações de Berlim aconteceu o mesmo.

— Pois é — disse Gilles.

— Realmente não podemos fazer nada! Nele lhe deu o prazo correto: hoje, sexta-feira, 12 de agosto, 16 horas. E então eles mudaram a data não sei por quê, e o professor Ganz foi enterrado um dia antes, ontem. Como poderíamos tê-lo avisado?

Então ele chegara com um dia de atraso. Seu amigo Gerhard já estava debaixo da terra. E aqui no Benen-Diken-Hof eles não sabiam da morte de Linda. Acontece. Doze anos...

— A coroa que o senhor encomendou a Nele foi levada pontualmente, ontem, pela loja Blumen-Friedrich de Westerland. Há muitas coroas no túmulo. A sua é a mais bonita. Estive na igreja. E no cemitério. O professor tinha uma casa aqui em Keitum. Muita gente esteve ontem lá. Até mesmo um ministro de Kiel. Não tenho a mínima idéia onde ficaram hospedados. Talvez em Westerland. O que faremos agora, senhor Gilles? — Ela tentou rir ligeiramente. Friede Lennig era uma moça bonita, seu nome estava numa plaquinha no balcão da recepção.

— Quero descansar um pouco — disse ele. — O calor. O vôo. Talvez durma. Depois vou ao túmulo.

— O senhor Johannsen disse que o senhor irá para o apartamento que sempre teve. Número 11.

— Obrigado. Claas está? — Claas Johannsen era o proprietário do Benen-Diken-Hof.

— Preciso ir a Flensburg. Deixou muitas lembranças. — Friede se antecipou a Gilles. Eles haviam reformado a casa. O chão

estava coberto de carpete branco e os anexos eram ligados entre eles por corredores longos e claros, que se constituíam de vidraças em ambos os lados. Por todos os cantos havia ovelhas, muitas brancas e duas pretas, artificiais, nenhuma empalhada. Isto se transformou numa enorme hospedaria, pensou Gilles, com sauna e piscina, tudo branco ou azul-claro. Através das grandes paredes de vidro dos corredores de ligação ele viu campos e caminhos, nos quais ele freqüentemente andou com Linda. Muitas ovelhas magras com marcas coloridas pastavam lá fora, e também alguns cavalos. Ele cruzou nos corredores com alegres crianças e adultos satisfeitos.

O apartamento 11, no qual ele e Linda sempre ficavam, era um pequeno bangalô com uma escada para o primeiro andar. A sala de estar era embaixo, como a cozinha, quarto e banheiro eram em cima. Também aqui eles haviam reformado, posto flores e uma cesta de frutas, e de repente Gilles acreditou estar sentindo o perfume de Linda. Ele se sentou, cansado. Sou um velho homem, ele pensou.

Então se sentiu melhor, subiu a escada, se banhou longamente e deitou nu sobre uma cama deixando a água evaporar. Através da janela aberta chegavam até ele vozes e o rolar dos trens sobre o dique de Hindenburgo e uma música soprava baixinho. Ele se lembrou de quanto havia sido feliz com Linda naquele quarto, mas aí ele já havia adormecido e pensou nisso sonhando.

Nos velhos tempos, quando o desejar ainda ajudava e se ia caçar baleias ou se transformava em capitão de armadores dinamarqueses e comerciantes de Hamburgo, muitos tiveram sorte e se mudaram, ricos, para Sylt. Eles construíam uma bonita casa e passavam aqui, em paz, o final da vida. Por volta de 1600 havia mais de 30 casinhas de camponeses na mais tarde vila de capitães Keitum, onde se fazia força para construir seu lar tão bonito quanto possível. E essas casas ainda hoje existiam, e para muitas pessoas Keitum era a parte mais bonita da ilha, não só para Philip Gilles.

Às três e meia ele foi pela cidade com árvores antiqüíssimas e caminhos de areia pela Süderstrasse até a C.-P.-Hansen-Allee pelo caminho Weidemann, passando pelo famoso restaurante até o museu regional de Sylt e a casa vermelha da Velha Frísia. De vez em quando ele parava e admirava as casas de capitães cobertas de folhas de cana, as paredes brancas, a cana musgosa, as portas e janelas quase sempre azuis. Ele passou por um supermercado e uma cabine telefônica amarela e novamente pelas milenares rochas erráticas e, por todos os caminhos que levavam ao estuário, viu grandes pedras encaixadas em muros de arrimo, por todos os lados flores, tantas flores e tantas pessoas alegres. E Linda ia a seu lado. Sim, aqui em Keitum ele tinha a impressão de que ela estava com ele.

Naquele 12 de agosto de 1988 a maré baixa alcançava o estuário às dez horas e quatro minutos e às vinte e duas horas e trinta e seis minutos; a maré alta, às três horas e quarenta e oito minutos e às quinze horas e cinqüenta e dois minutos. Alguém de Sylt lhe havia dado um calendário, e aí ele pôde consultá-lo.

Então olhou do alto da duna, sobre a qual ele estava, como a maré já havia avançado e subido, aqui e ali ela transbordava no caminho asfaltado e nas suas pedras de proteção, e o mar brilhava, cintilava e encadeava, e ele pensou como ele e Linda, vestindo roupas quentes — ela usava sempre gorros com borlas e quentes cachecóis e botas e jaquetas acolchoadas e calças aveludadas —, como eles andavam lá embaixo, pelo caminho e entre canaviais úmidos, areia, sargaço e bole-bole. Na maré baixa sempre havia uma grande faixa de lodo e lama, sobre ela mariscos, medusas e pequenos caranguejos; eles prestavam atenção como os pássaros os picavam. Já na segunda visita Linda conhecia todos, pois ela havia comprado um livro com muitas ilustrações e lhe explicado tudo: — Tudo em você funciona pra dentro, e você nunca descreve a natureza, isto é uma vergonha, os críticos também o dizem, e cartas de leitores você também já recebeu: por que nenhuma descrição da natureza, senhor

Gilles? E você? Não está nem aí para a natureza. Você é indiferente a ela. Os melhores bares e *halls* de hotéis e aeroportos lhe facilitam as coisas, mas não para mim! Agora escute, cheio de humildade e gratidão: neste paraíso de pássaros — não ria — há andorinhas-dormar, gansos e patos, patos selvagens e gansos selvagens... — Linda ficava sempre mais rápida, enquanto andavam ao longo do estuário — ...e tarambolas, galinholas e bicos-de-espada e gaivotas e gaivotas prateadas...

— Eu não devo rir.

— *Você*, não, mas as gaivotas, sim, elas devem. E você sabe que sob um quilômetro quadrado de solo estuário vivem entre 40 e 50 milhões de minhocas? Você não sabe nada da natureza maravilhosa de Deus, e por isso é claro que você não pode escrever sobre ela. É uma lástima, este homem...

Nós não escolhemos nossas lembranças. Elas é que nos escolhem. E assim elas fizeram naquele dia de verão, quando Philip Gilles e Linda a seu lado andaram pelo Kirchweg para o norte com a maré cada vez mais alta.

São Severino, velha igreja de marinheiros, é uma construção da última fase do romantismo. O adorno na bacia de granito é provavelmente de origem irlandesa, o mesmo modelo ele e Linda acharam na decoração de velhas igrejas bretãs, como também em brasões da Bretanha. E foi Linda que o informou sobre o que uma senhora idosa havia contado a ela (Linda sempre ouvia estórias, pois ele precisava constantemente de estórias): — Em São Severino dois anões chamados Ing e Dum fundaram a torre e o sino; eles estão enterrados atrás das duas rochas erráticas no muro. Você pode fazer algo com isso?

Agora, tanto tempo depois da morte de Linda, ele viu novamente essas rochas, entrou no cemitério e foi para o túmulo fresco. Ainda não havia lápide, claro que não, apenas uma cruz de madeira, onde estava escrito: GERHARD GANZ, 1924-1988. E ele estava ali com Linda sobre o monte de terra e pensou que Gerhard

lhe havia salvo a vida. Foi em 1944, eles transferiram Gerhard e sua tropa da frente oriental para a ocidental, e seu trem foi atacado por vôos rasantes, que atiraram. Philip Gilles sofreu um tiro na coxa e não podia andar e seria queimado pelos destroços do trem, se Gerhard não o houvesse tirado do fogo e carregado quase três quilômetros até um médico. Linda naturalmente sabia disso, quando o professor a conheceu em Sylt e a convidou com o seu marido até sua casa, a qual ficava no ponto mais alto sobre o estuário e era tão bonita, que Linda disse: — Quem pode viver aqui será feliz até a morte.

Rosas, cravos e satiriões floresciam no velho cemitério. Ele era cercado, como muitos jardins da ilha, por um muro de pedras, algumas lápides estavam quebradas e caídas, e Gilles estava lá, numa tarde de calor, e imaginava se Gerhard havia sido feliz até a morte. Ele nunca havia se casado; Gilles também não tinha conhecimento de parentes e na verdade não sabia nada sobre ele; de repente deu conta disso, e isso o fazia triste, pensar que ele sabia tão pouco das pessoas que tinham alguma importância na sua vida. Com exceção de você, claro, disse ele a Linda, que naquele dia estava com ele.

Sua coroa estava lá, as rosas amarelas já murchavam, na fita estava escrito apenas PHILIP, ele desejou assim. Havia muitas coroas, algumas em cavaletes em volta do túmulo, e muitos buquês, e todas as outras flores já murchavam.

E Gilles pensou como era estranho que pessoas que se conheciam do tempo da guerra, que se ajudaram e socorreram, que viveram e sobreviveram ao horror, em muitos casos, em quase todos, não se viram nunca mais, como se no geral eles não pudessem gostar de se rever, como se a amizade na guerra fosse bem diferente da amizade na paz, e assim ele também perdera Gerhard de vista. E Gerhard está morto e não tem idéia que estou aqui, pensou. Foi bobagem vir, também Linda não existe mais e ela não sabe do ocorrido. Já é tempo de entender isso, pensou, ela não anda comigo,

ela não está a meu lado. É preciso desaparecer de novo. Algumas gaivotas gritavam sobre ele o tempo todo e voavam para o estuário e voltavam, pareciam muito irritadas. E agora Linda não estava mais ao lado dele.

Ele tentou rezar, mas isso nunca funcionou bem e agora também não. No outro canto do cemitério, num túmulo quente, um gato havia cruzado com uma gata, ele observou isso, e quando os bichos terminaram, ele deixou o cemitério e tomou o caminho de volta para o lugarejo. No dique e estuário abaixo havia muitas bétulas curvadas pelo vento, fantasticamente formadas, aleijadas, e a confusão de ramos já se separava no solo. A maré alta alcançava agora seu ponto máximo. Ela transbordava pelos caminhos, campos e pelas grandes pedras que se havia colocado lá para que ela não avançasse tanto, mas isso não preocupava a maré.

Ele se lembrou de que a casa de Gerhard estava nas proximidades, logo em frente no Uwe-Jens-Lornsen-Wai, perto da casa frísia, e ele pensou, vá lá! Era realmente uma casa muito bonita, num jardim grande e selvagem com paredes brancas, janelas e portas azuis, e no jardim estava sentada uma jovem senhora numa poltrona de vime, na sombra.

— Sim? — disse a jovem senhora.

— Boa tarde — disse ele e pensou imediatamente que teria sido melhor voltar para o Benen-Diken-Hof e ir para o aeroporto, agora, sem Linda.

A jovem senhora estava chegando aos 40, tinha estatura média e era esbelta. Ela usava um vestido longo de musselina leve, azul, todo fechado. Seus cabelos castanhos brilhavam no sol. Ela estava lendo um livro, que agora deixou virado sobre o joelho. Gilles pôde ler o título, era *O livro do riso e do esquecimento*, de Milan Kundera, esse era um escritor triste, pensou ele.

A jovem senhora perguntou: — Posso lhe ajudar em alguma coisa?

— Não — disse ele. — Desculpe o incômodo, por favor. Queria

só ver a casa por um momento. Conhecia Gerhard Ganz, sabe? — Ele disse o seu nome.

— Philip Gilles? — Excitada, ela se levantou, o livro caiu na grama. O Philip Gilles? Digo, o escritor?

— Sim.

— Então a coroa com PHILIP na fita é do senhor?

— Sim.

— Incrível! — Ela chegou mais perto, e mais perto. Agora seu rosto estava a dois palmos do dele.

— Eu...

— Minhas lentes de contato — disse ela.

— Como?

— Perdi. Em algum lugar aqui na grama. Sou míope. Seis graus. Não posso lhe ver direito. Só daqui a duas horas.

— O quê, daqui a duas horas?

— Posso lhe ver direito. Meu Deus, Philip Gilles! — Sua voz soou rouca. Tinha dentes bonitos, os ossos da bochecha sobressalentes, uma grande boca com lábios grossos. Sob os olhos castanhos, profundas sombras. Ela parecia cansada. — Sou sua sobrinha — disse ela. — Valerie Roth. Trabalhamos muitos anos juntos. Ele falou tantas vezes do senhor.

— Mesmo?

— Sim, comigo. E com outros. Não sabia onde o senhor estava. Agora o senhor está aqui. Fantástico. Não posso acreditar. Em duas horas.

— Em duas horas?

— O mais tardar. Ele me prometeu.

Muito confusa essa sobrinha, pensou Gilles. Preciso sair daqui.

— Falo do motorista de táxi — disse ela. — Tenho uma identidade para as lentes. Todos têm, os que as usam. Meu único parente era Gerhard. Minha mãe morreu há 11 anos. Não tenho mais ninguém. É muito difícil para mim...

— Com certeza — disse ele — Meus pêsames, senhora Roth.

— Obrigada. Um bom oculista tem as lentes adequadas para mim. Telefonei para Westerland. Disse que precisava buscar as lentes no depósito, eu devo mandar o motorista de táxi com a identidade. Vai durar duas horas, com esse trânsito louco. Não pense que sou louca! Ou esquisita. A morte de Gerhard... me... tocou muito. Preciso voltar à realidade... Eles anteciparam o enterro em um dia.

— Sim — disse Gerhard, e começou a ir embora —, agora eu sei.

— Não acharam nada na autópsia — disse ela. As gaivotas agora gritavam muito alto, diretamente sobre eles.

Gilles continuou a andar.

— Nenhuma indicação — disse ela.

Gilles parou.

— Nenhuma indicação? — ele repetiu.

— Eles só disseram que ele precisava ser enterrado imediatamente. O calor, não é?

— Quem são “eles”?

— Os de lá, da administração da comunidade. — Valerie Roth apontou com o queixo. — Eu já havia mandado cartões. Precisei telefonar para todas as pessoas e comunicar a nova data. Não enviei cartão ao senhor. Não sabia onde o senhor mora, não é? Ainda hoje chegaram umas pessoas, com as quais não pude falar. Todas passaram por aqui. Só o senhor entrou.

— O que significa: nenhuma indicação? — Gilles perguntou. Por que entrei aqui? pensou ele.

— Ah! — disse a jovem senhora.

— Ah, o quê?

— O senhor sabe.

— Não sei de nada. O que significa ah?

— É repugnante isso, quando não se vê nada. As coisas aqui precisam estar à vista. Eu já sabia antes que eles não achariam nada.



— Quando, antes?

— Antes da autópsia. Foi um autêntico enfarte no miocárdio. Seu terceiro. O enfarte lhes economizou trabalho.

— Que tipo de trabalho?

— Matá-lo — disse Valerie Roth.

Caros colegas de Hoechst e Kali-Química,  
todos os sintomas mostram que a humanidade está prestes a perder a desesperada corrida pela manutenção da camada de ozônio e contra o efeito-estufa. A indústria química se cansa de dizer que ela aprendeu com os próprios erros, mas mesmo assim as chefias das firmas ainda se permitem não divulgar os números de produção de hidroclorofluorcarbono. Elas brincam de gato e rato com a opinião pública e os políticos...

Quando Gilles leu essas frases já se haviam passado 15 minutos, e ele estava sentado com Valerie Roth na grande sala de estar da casa de Gerhard Ganz, sobre a qual Linda havia dito que quem morasse aqui seria feliz até a morte. Gerhard foi feliz até a morte? Foi?

A Dra. Roth não deixou Gilles ir embora de maneira nenhuma. Ela precisava falar com ele de qualquer maneira, tinha dito, e praticamente o empurrado para dentro de casa.

Falar sobre o quê?

— Leia isto primeiro! — Valerie havia dado a Gilles duas folhas datilografadas. — Isto é uma carta-aberta que será publicada na próxima semana pela *Stern*. Um químico a escreveu. Chama-se Peter Bolling. Trabalha conosco. Na Sociedade de Física de Lübeck. O senhor perguntou quem queria ver meu tio morto. Então leia — apenas *um* exemplo, esta carta-aberta! — Valerie agora estava sentada com o seu vestido longo de musselina num sofá muito grande, em forma de U, que rodeava uma mesa cheia de livros e que era forrado de linho. Gilles estava sentado numa velha poltrona perto

da janela panorâmica, através da qual se podia ver, embaixo, o estuário. Agora as gaivotas gritavam sobre a casa, e mais e mais. Ele continuou a ler:

...Infelizmente sou eu que tenho que regatear, sobre se esses hidroclorofluorcarbonos contribuem em 20 ou 40% para a destruição da camada de ozônio, se eles condicionam o efeito-estufa em 20 ou 35%. Então deixemos de jogar com os números: dependendo da idade de vocês, talvez a pele de vocês ainda possa ser salva. Seus filhos e netos não o conseguirão...

Ele baixou as folhas.

— Então — disse Valerie, rouca — o que o senhor acha disso? Ele não respondeu. Sobre a lareira estava pendurada uma litografia de A. Paul Weber, que ele conhecia. Um homem de pijama encostado no tronco de uma árvore, usa um gorro pontudo, tem um rosto sério e tenta bater com um martelo um grande prego na testa. *O golpe no vazio*, chamava-se o quadro, Gilles sabia. Sobre a cornija da lareira havia um vaso com flores-do-campo. Ele leu:

...Vocês acham normal quando a indústria trata os políticos como marionetes. Mas o que vocês contarão a seus filhos, quando toda a vegetação morrer, quando os mares não produzirem mais oxigênio por causa dos raios ultravioleta? Vocês balbuciarão sobre a carreira, gratificação, lealdade, ordem? Vocês não têm medo de ser chamados à responsabilidade por conta de suas atividades, quando gente com câncer na pele exigir de vocês indenização, quando agricultores reclamarem a plantação seca de vocês, quando famintos perguntarem pelo seu direito à alimentação?...

— O que o senhor lê sobre os hidroclorofluorcarbonos naturalmente é apenas um dos inúmeros escândalos que estão à

mostra — disse Valerie Roth. As sombras sob os seus olhos agora pareciam pretas. — Há um monte de outros. Continue a ler!

...Ouçam suas mulheres e filhos, que exigem uma produção para a vida na Terra! Lutem em suas fábricas pela suspensão da produção dos hidroclorofluorcarbonos, como também de todas as substâncias nocivas ao ozônio! Trata-se da sobrevivência da humanidade...

Quando ele chegou a essa parte, um homem entrou na sala de estar e disse: — Senhor Gilles, graças a Deus!

O homem era grande e muito magro. Tinha um rosto estreito e cabelos arrepiados com vários remoinhos, de forma que pareciam sempre despenteados. Usava *jeans*, uma camisa leve sobre a calça e as sandálias. Tão magro, mas tão forte ele parecia. Ele dava uma impressão de ser nervoso e muito triste. Estava no início dos 40.

— Me chamo Markus Marvin. Isso é que é sorte! Estava tomando café com um jornalista no Benen-Diken-Hof, quando alguém disse que Philip Gilles estava hospedado lá, que tinha ido ao cemitério. Então fui correndo. No cemitério, ninguém. Pensei, dê uma olhada aqui! Talvez ele esteja aqui. O senhor conheceu Gerhard, não é? E de fato! Alegro-me, senhor Gilles, realmente! O senhor é justamente o homem de que precisamos. Oi, Valerie! Você ainda não passa bem?

— Sim. E perdi minhas lentes de contato.

— De novo? O senhor sabe, não há ninguém melhor. Gerhard sempre disse isso, não é verdade?

— Por isso pedi que o senhor Gilles entrasse. — Valerie pestanejava veementemente. — Esperei que o senhor viesse logo. Naturalmente, não há ninguém melhor.

Gilles se levantou.

— Por favor! Por favor! — adiantou-se Marvin, precipitado, empurrando-o de novo na poltrona. — Li seus livros quando ainda ia

à escola. Grande, simplesmente grande! O senhor escreve de forma que todo mundo entenda. Seu livro sobre manipulação de gens — nós o desejamos! Todo mundo lê. Precisamos de alguém que seja compreendido pelas pessoas. Senhor Gilles, o senhor é um grande autor. Sem essas histórias idiotas, elitistas. É um que não dá importância à literatura...

— Eu dou importância à literatura — disse Gilles, levantando-se novamente. — Mas naturalmente agradeço pelo cumprimento.

— Pai todo-poderoso — disse Marvin, tremendo. — Não queria ofendê-lo! Pelo contrário! Nós o idolatramos. O senhor precisa acreditar nisso. Por favor! Senhor Gilles! O senhor acredita em mim?

— Naturalmente — disse Gilles. — Onde está o telefone?

— Um momento! Um momento! — Marvin levantou as mãos, implorando. — Vejo que o senhor leu a carta-aberta de Peter Bolling.

— Sim.

— E então?

— Então, o quê?

— O que ele escreve é indiferente ao senhor?

— Preciso ir. Sinto muito, senhora Roth, ter incomodado. De fato, sinto muito.

— Mas... mas... — começou ela. — Mesmo, o senhor precisa escrever para nós. O senhor simplesmente *precisai*

— Sim, sim — disse ele. — Uma boa tarde. — Ele deu três passos.

— Senhor Gilles! — Marvin gritou. — O senhor leu a carta-aberta e diz: “Então, o quê?”

— Então, o quê?

— Senhor Gilles, por favor! O senhor escreveu sobre deficientes mentais. Fez uma enorme confusão em Düsseldorf por causa das crianças cancerosas na velha clínica universitária, por tanto tempo e tão alto, até que se deu início à construção da nova clínica. Escreveu contra o tráfico de drogas. Contra o armamento. Contra — meu Deus, o senhor não pode dizer que a carta-aberta lhe deixou

indiferente, senhor Gilles!

— Quero ir embora daqui.

— Mas... *por favor*, senhor Gilles! — Markus Marvin pôs a mão no seu ombro. — Escute-me alguns minutos! Alguns poucos minutos. Se... se eu lhe contar minha estória, nada lhe será indiferente!

— Eu não quero ouvir sua estória.

— Precisamos do senhor. Precisamos de alguém que escreva de maneira que as pessoas despertem. Alguém que as faça iradas. As pessoas precisam finalmente despertar e ficar iradas. *O senhor* pode fazer isso. É sua a responsabilidade.

— Que responsabilidade?

— Com as pessoas.

— Não estou nem aí para as pessoas.

— Não, não, não, o senhor não pensa assim.

— Sim, sim, sim, penso exatamente assim.

— Simplesmente não acredito.

— Acredite no que quiser!

As gaivotas. As gaivotas. Elas gritavam. Diretamente sobre a casa.

— Mas o senhor não pode deixar de ver como o mundo está sendo destruído e todos nós estamos morrendo!

— Não? — Gilles perguntou.

— Não. O senhor pode escrever! O senhor precisa escrever! O senhor irá escrever! — Marvin gritou. Sou um convertido miserável, pensou ele, desesperado.

Trocou de crença. Tudo o que eu pensava. Convertidos são os piores. Sempre foram. Os mais implacáveis. Os mais intolerantes. Os mais fanáticos. Como um católico que foi protestante. Como um comunista que chega à conclusão que seu deus fracassou, que seu trono divino estava vazio. Arthur Koestler, Ignazio Silone, George Orwell, Stephen Spender. Como eles viraram anticomunistas!

— Já não escrevo há dez anos. E não escreverei nunca mais! —

Gilles disse calmamente.

Susanne, pensou Marvin, Susanne. Se você estivesse aqui agora. Este homem ouviria você.

— Alguns minutos, senhor Gilles. Dê-me alguns minutos!

— Não.

— Por favor! — Marvin procurava palavras. — Eu... eu estive nos Estados Unidos... Vivi coisas inconcebíveis... Vou lhe contar sobre isso.

— Não.

— Sim! Mesmo se o senhor depois disser: tudo me é indiferente, eu respeito! Palavra de honra! Levo-o ao aeroporto. Por favor!

Philip Gilles nunca pôde explicar por que ele se sentou e disse: — Então, que seja.

Vinte e sete minutos depois Markus Marvin havia contado apressadamente sobre as condições do depósito nuclear de Hanford e sobre o fim do professor Gerhard Ganz, e quando Gilles ainda assim se recusava a ajudar indo ao telefone, ele ficou na sua frente.

— O senhor não tem nenhuma consciência?

— Pare com essa coisa de consciência — disse Philip Gilles. — Sou um homem idoso. O que posso fazer ainda por este mundo?

Alguém chegou subindo a escada, e uma voz gritou: — Olá, doutora Roth! — Pouco depois apareceu o motorista de táxi Edmund Keese, que havia conduzido Philip Gilles do aeroporto para o Benen-Diken-Hof. Ele começou: — A porta estava aberta. Trago-lhe... — Então ele viu Gilles. — O senhor não é... — Gilles empurrou Marvin para o lado, correu em direção a Keese e levou-o até a escada. — Deixe as lentes aí! Vamos, vamos, vamos! Venha!

— Mas...

— *Vamos!*

Marvin gritou atrás de Gilles: — O senhor ainda vai sentir por

isso! Sentir muito! Ninguém pode se comportar assim nos dias de hoje! O senhor sabe o que fiz um dia. Fui castigado por isso. Perdi tudo. Vai acontecer também com o senhor.

— Não pode me acontecer — disse Gilles. — Já perdi tudo.

— O que... — começou o motorista Keese, triste.

— Não escute! — Gilles disse. Ele puxou Keese através do jardim para a rua, até o táxi.

As gaivotas. As gaivotas.

Um bando circulava sobre a casa, os pássaros gritavam alto.

— Vamos sair daqui! Sair, sair, sair! — Gilles empurrou Keese para trás da direção, correu em volta do radiador e deixou-se cair ao lado dele.

— Primeiro para o Benen-Diken-Hof!

— Escute, assim não dá — Keese protestou.

— Dá, dá, sim. Ande!

— Conheço a doutora Roth. Não conheço o outro. O que houve com o senhor e ele? O que aconteceu? Chamo a polícia.

— Não!

— Sim! Pelo rádio. Aconteceu alguma coisa.

— Não aconteceu absolutamente nada.

— Não acredito no senhor.

Gilles deu a ele duas notas de 100 marcos, e então Keese acreditou nele e foi embora. No Benen-Diken-Hof ele até carregou a pequena mala do apartamento para o táxi. Gilles pagou sua conta à moça chamada Friede Lennig, que certamente gostava de rir e não o fez, a coroa ele também pagou e deu uma gorjeta a Friede.

— Boa viagem, senhor Gilles! Gostaríamos que o senhor tivesse ficado mais tempo.

— Infelizmente preciso ir. Lembranças ao senhor Johannsen!

Então ele se sentou novamente no carro, e eles foram para Westerland.

— Não posso entender tudo isso — disse Keese.

— Desentendimento entre amigos — disse Gilles. — Por que

justamente o senhor chegou com as lentes de contato? Há muitos táxis na ilha.

— Sim — disse Keese —, mas em Keitum apenas dois. — Certamente se lembrando dos 200 marcos, ele acrescentou: — Dou-lhe o meu cartão. Caso o senhor volte. Ou precise de algo. Posso ser encontrado dia e noite. Aqui está o meu número. — Ele passou um cartão de visitas, um caderno de notas e uma caneta de plástico. — Pequenos presentes. Pode pegar! E não perca o cartão! Nunca se sabe o que pode acontecer.

Gilles precisou pensar uma vez naquela última frase.

No aeroporto lhe disseram que o último avião naquele dia para Hamburgo estava lotado. Mas ainda havia alguns trens, o próximo em mais ou menos duas horas e meia.

Keese levou Gilles à estação. Este despachou a mala e pagou Keese. O motorista fez o sinal-da-cruz na testa de Gilles e balbuciou alguma coisa.

— O que está acontecendo?

— *Shalom!* — disse Keese — Conferi. É israelita. Significa paz. — Gilles pensou que os turistas de Sylt deviam ser muito internacionais, se Keese, o amante de palavras estrangeiras, precisava dela, pois em toda a Alemanha Federal não chegavam a viver 30 mil judeus, e especialmente aqui em cima, no Norte, a saudação feita pelo motorista era, de certa forma, excêntrica.

— *Shalom!* — disse então também Gilles, e olhou para Keese, quando este foi embora. Aqui havia muito trânsito e mais pessoas ainda, e já que Gilles tinha tempo, desceu para a praia de Westerland...

— As pessoas podem se compadecer de um animal — disse a mulher com maiô amarelo. Ela disse isso para uma mulher com maiô vermelho. As duas juntas tinham cinco filhos, nenhum com mais de dez anos. Dois gritavam no mar raso, três nadavam. A 30



metros de distância havia uma quantidade enorme de espuma de algas brancas, empurradas pra lá. — Mas — continuou a mulher de amarelo — elas morrem do lado de fora, elas só são empurradas pra cá, não é?

Naquele dia, Gilles leu depois, foram achadas nas praias de Sylt 348 focas mortas. Eram muitas, mas o dia recorde não seria aquele por muito tempo. — Quando a água mortal chega aqui, então ela já está quase filtrada. E também não quero estragar a infância de meus filhos. — Ela baixou a voz. — Não sabem do que se trata.

A de vermelho não tinha nenhuma preocupação. — E daí? — perguntou, acenando para as crianças. — Os meus podem nadar o quanto quiserem. Todos devemos morrer mesmo. Veja, é como enfarte no coração. Um sobrevive a ele, o outro não. O marido de minha amiga Lotte não sobreviveu, e ele só tinha 46 anos.

Naqueles dias de alto-verão do ano de 1988 a mortandade das focas não foi sensação somente em Sylt; diariamente os programas de televisão informavam a respeito. Milhões se mostraram abalados, chocados, indignados com o quanto o mar já estava envenenado. Animais emocionam sempre, pensou Philip Gilles. As pessoas são indiferentes às pessoas, mas animais, essas pobres criaturas de Deus, inocentes e indefesas — seu sofrimento e morte alegram o coração de um redator de jornal, rádio e televisão.

Pessoas desconhecidas falavam com ele.

Um homem disse: — Ontem uma foca foi parar em frente ao Hotel Thule. Estava tão horrível que ninguém a fotografou. Durante duas horas ninguém ficou no local.

— E ninguém nadou — disse uma mulher.

— Nem tanto — disse o homem. — Um pouco mais à frente, sim. As pessoas, no fim das contas, estão de férias.

Sylt estava lotada de turistas, as praias estavam cheias de gente. Quase todos entravam na água, viu Gilles, só alguns ficavam nas cadeiras de praia. Três damas da região do Ruhr (elas se apresentaram aos outros que falavam com Gilles, também a ele)

tinham feito um acordo fora do comum.

— Tomamos banho até a barriga — informou uma. — Se tivermos erupções, podemos sempre usar meias-calças. E naturalmente também usamos o.b.

Ao lado, uma mulher esfregava água-de-colônia em seu filho nu, e numa cova rasa uma beleza de mais ou menos 15 anos se protegia com *spray* solar. Ela jogava olhares raivosos para o grupo.

Dois garotinhos passaram apressados. Um deles disse para o amigo:

— Amanhã vamos olhar de novo focas mortas.

Olhar focas mortas pareceu ser a brincadeira preferida das crianças naquele verão.

Gilles olhou para o relógio e foi pela praia em direção sul de volta para a estação. De repente passaram por ele grupos de todos os lados que queriam ir para o mar. Ele viu os primeiros abrirem uma grande faixa em frente à massa de espuma. Era branca, e estava escrito em vermelho: NOSSO MAR DO NORTE — DEIXEM-NO VIVER!

Um homem gordo esbarrou com força em Gilles. Seguiam-no a igualmente gorda esposa e uma multidão de cinco filhos.

— Sinto muito — disse o homem gordo, ofegante. — Precisamos nos apressar.

— O que está havendo?

— A corrente — disse sua mulher.

— Que corrente?

— Fazemos uma corrente. Todos os dias. Damo-nos as mãos. Veja, a televisão já chegou! A mulher apontou para um helicóptero, que voava baixo sobre a praia. Na fuselagem, Gilles viu em grandes letras o nome do canal de TV. Sentado e preso, um *cameraman*. Um homem estava atrás dele e segurava um megafone.

— Apressem-se — soava a sua voz alta e desfigurada. — Queremos filmar!

Agora Gilles via outros helicópteros e outros homens com

câmeras na mão, e ele viu que na praia as pessoas se davam as mãos e como se formou uma corrente rapidamente, que crescia sempre.

Um homem baixinho, em cujo pescoço estavam penduradas várias máquinas fotográficas em correias de couro, adiantou-se através da multidão e gritou, tão alto quanto podia: — Fotografias de lembrança em formato de cartão-postal grande! Fotografias de grupos da corrente! Vocês estavam aqui! Vocês lutaram juntos! Em duas horas, fotografias da loja Foto-Gernrich, Lange Strasse cinco! 30% do apurado para a associação de proteção ao meio ambiente! Fotografias de lembrança em formato de cartão-postal grande! Fotografias de grupos da corrente!

Uma mulher, que passava lá naquele momento, perguntou: — Quanto custa isso?

— Seis fotos, 30 marcos. Doze, 50 marcos.

— Descaramento! — a mulher disse. — Por esse preço podem me pintar!

— Tudo por uma boa causa! — latiu o baixinho. — 30% para a associação de proteção ao meio ambiente!

— Quem acredita? — disse a mulher.

— Ninguém precisa, ninguém é obrigado. — O baixinho começou a gritar de novo: — Fotografias de lembrança...

Um homem barbudo disse a Gilles: — Sou da Liga de Banhistas do Mar do Norte, em Schleswig-Holstein.

— Prazer — disse Gilles.

Era um homem conversador. — Semana da ação — disse ele. — No domingo o pastor celebrou uma missa ecológica. No pavilhão, na Kurpromenade.

— Aha.

Durante anos os empresários dos transportes daqui calaram a boca. Por medo que os turistas não viessem. Agora *informamos* os turistas e pressionamos os políticos.

— Como?

— As correntes humanas aparecem na televisão! — o barbudo gritou. — Não só no nosso país. O senhor vê, há outras equipes aqui. Há dois meses, um tapete de algas como este, só que maior, bem maior, chegou na Noruega e matou milhões de peixes e trouxe as primeiras focas mortas. Agora é a nossa vez. — Ele deu a Gilles um panfleto e disse, cerimonioso: — Crescem a raiva e a perplexidade diante da vacilante política do meio ambiente do governo federal.

— Compreendo.

— Se continuar assim, será o fim de Sylt — disse o homem. — E não apenas de Sylt. Do mundo inteiro. Desejo-lhe um bom dia, meu senhor. Também o senhor está convocado.

— Certamente — disse Gilles, olhando-o, enquanto ele ia à praia aos tropeços, onde a corrente humana tornara-se longa e o homem do helicóptero informara, com o megafone, como ele gostaria que ela fosse e que eles, em no máximo dez minutos, precisariam filmar.

Gilles se apertou entre a massa em direção à estação. Havia jogado fora o panfleto. Na zona de pedestres muitas pessoas estavam sentadas diante de doceiras e comiam bolo e bebiam café. Música gemia dos alto-falantes. Alguns casais dançavam.

Sobre os prédios passou um avião pequeno. Trazia numa faixa um anúncio, e Gilles leu que simplesmente não existia nada mais maravilhoso que a citada marca Campari. Uma mulher esbofeteou seu filho porque ele deixou cair um pedaço de torta no seu vestido estampado de flores. O garoto chorou.

— Um dia como este, tão maravilhoso como hoje, um dia como este não deveria nunca acabar! — ressoou a voz de um cantor de um alto-falante sobre um café, diante do qual só havia idosos. As pessoas mais velhas estavam felizes.

Finalmente Gilles chegou à pequena estação. Aqui havia um aperto tal, que ele só era empurrado, passando por quiosques de jornais e cartões-postais. Viu toda a sorte de focas em cartões-postais brilhantes. Eram comprados aos montes. Uma mulher à sua

frente mostrou a seu filho um cartão — um filhote de foca nadava no mar. A mãe leu alto o que estava escrito ao lado: — Uma foca nada entre as ondas e pensa: onde está o meu queridinho? Pois há pouco tempo achei que o tivesse visto.

— Talvez ele esteja nos cofres congelados — disse um homem irritado, careca, que também se dirigia a um trem e esperava atrás de Gilles.

— Que cofres congelados?

— Bem, as instalações para queima de lixo aqui. — Era morador da ilha. Falava baixo-alemão. — Duas vezes por semana os cadáveres são congelados e levados para Kiel, para a dissecação — disse ele. — Pode imaginar o que acontece. A cada transporte, 800, 900. Tudo cheio. — Ele tossiu. — Uma merda — disse ele. — Peixes são peixes, né? Mas focas? Focas são gente como você e eu.

Agora não se andava mais. Diante da entrada da estação Gilles precisou ficar parado. Vários trens extras foram ativados, mas simplesmente não se podia controlar a massa. Também na entrada havia quiosques de cartões-postais. Um casal pegou três de foca: uma nadando, outra fazendo gracinhas, outra olhando.

Pensativa, a mulher disse para o marido: — Querido, olhe só, parece a nossa Susi.

— Quem é Susi? — alguém perguntou.

— A nossa filha mais moça.

O trem estava lotado. Gilles não achou lugar e ficou no corredor. Do dique de Hindenburgo ele viu mais uma vez Keitum e a casa de Gerhard Ganz sobre o estuário. Era uma noite quente de verão, Gilles havia baixado a janela, o vento da viagem ia de encontro ao seu rosto, e ele pensava em Linda.

Em Altona ele esperou um pouco mais de uma hora. Na plataforma estavam sentados alguns bêbados. Eram pacíficos e filosofavam. — Cara! — disse um — Nesta merda de mundo há muito

tempo que se mata mais do que se trepa!

O trem noturno para Zurique, com quatro carros-leito, entrou na estação, e Gilles recebeu uma cabine de solteiro. Ele se deitou na cama e ainda queria ler jornal, mas adormeceu imediatamente e sonhou com as gaivotas.

### 3

Chamo-me Philip Gilles.

Tenho 63 anos.

Se você escolher a auto-estrada Zurique—Genebra e abandoná-la na saída de Bulle, numa pequena cidade próxima do Lac de la Gruyère há uma estrada que ruma em direção sul e leva-o às cidadezinhas de Gruyère, Enney, Villars-sous-Mont, Albeuve e Montbovon até uma espaçosa comunidade montanhosa com colônias espalhadas e variados pátios. Este é Château-d'Oex, a sede do Pays-d'Enhaut, pelo qual na Idade Média os condes de Greyerz e Bern andavam aos tapas. Uma cidadezinha aqui se chama Rossinière, outra Les Moulins, uma outra L'Etivaz, e outra ainda Rougemont e finalmente — como a sede — Château-d'Oex.

Este lugar de colônias espalhadas pegou fogo em 1800 e foi reconstruído. Nos últimos anos surgiram, ao pé de uma encosta de grama, que quanto mais alta, mais íngreme, e à qual se juntam largas encostas montanhosas, que levam a Almen, modernas residências de férias. Na beira da floresta, entretanto, sobre o bonito Hotel Bon Accueil, há uma grande casa de camponeses reformada e ainda umas duas dúzias de construções muito antigas. Uma destas chama-se Le Forgeron e de fato foi, um dia, uma ferraria.

Talvez você conheça meu nome — publiquei 18 livros entre 1946 e 1978, que foram muito comprados e traduzidos em muitas línguas. Há dez anos que não escrevo uma linha sequer. Em 1978 minha mulher, Linda, morreu no Hospital Martin Luther, em Berlim,

onde tínhamos uma casa em Grunewald.

Com a morte de minha mulher, que está enterrada em Berlim, no cemitério na Heerstrasse, próximo ao lago, parei de ser um autor. Comecei a escrever muito cedo, como soldado durante a guerra, aos 17 anos. Em 1946 foi publicado meu primeiro romance. Durante o trabalho dos seis livros seguintes — somente o oitavo trouxe-me fama internacional — escrevi, para sobreviver, roteiros de cinema de assuntos meus ou não, fui repórter de uma grande revista e durante quatro anos correspondente da Agência de Imprensa Alemã. Eles me mandaram para muitos países, e informei, enquanto escrevia, sobre os acontecimentos da história contemporânea — como repórter, correspondente e autor de livros.

Em 1953 encontrei Linda Brenner em Berlim. Tinha sido bailarina e trabalhado em Roma e Londres e especialmente, por longo tempo, na Ópera de Paris. Quando a conheci, era intérprete no escritório do comandante francês da cidade. Em 1954 nos casamos em Berlim. Com toda certeza Linda foi a mulher que mais amei. E mesmo assim abandonei-a em 1974 por causa de outra, com a qual passei dois anos nos Estados Unidos, antes dessa relação se desfazer e eu voltar para Berlim e Linda. Ela já estava começando a ficar doente, mas apesar disso aqueles dois anos foram os mais felizes da minha vida e da dela.

Durante aquele pouco tempo experimentei novamente que um assimilava o pensamento do outro como sendo seu, como também a compreensão, esperança, alegria, tristeza, coragem, consciência e humor, embora, considerando-se o mundo no qual vivemos, o humor de Linda tinha uma importância especial. Ela e sua coragem. Sim, e ela era minha consciência, sempre foi. Por sua causa me meti a escrever novamente, e novamente nos acontecimentos do dia, o que às vezes me trouxe aplauso e reconhecimento, mas incomparavelmente mais inimizade, ataque e recusa.

Aconteceu, por exemplo, de um crítico num grande e sério semanário idolatrar meu novo livro e três semanas mais tarde um

outro crítico no mesmo semanário achar que eu não teria direito de nem me aproximar do reino da literatura. E quando depois um terceiro crítico respondeu ao segundo, e um quarto ao terceiro, e por fim não era eu que estava sendo o alvo, mas os críticos, como aconteceu várias vezes, faziam sua guerra particular, então Linda fazia disso perfeitos números de cabaré e provava que nada melhor podia me suceder que uma crítica alemã, que gritava “Crucifiquem-no!” e outra “Hosana!”.

E quando Linda mostrava noutros esquetes (ela imaginava novos, sempre) como os críticos caíam mais em cima de um colega que de mim, um colega que havia publicado um livro, quando ela, pois, conseguia, com suas representações dessa feira de vaidades, de altivez, de presunção e de grotesco — sem as quais nosso movimento literário não pode viver — quando ela conseguia que eu risse, então ela nunca deixava de me mostrar o quão pouco significam, na verdade, um elogio, um reconhecimento e as bênçãos de críticos.

E ela dizia: — Mesmo fazendo sempre essas critiquices, nenhum classificou, jamais, nem na mais dura crítica, aquilo em que você acredita, aquilo que você defende e aquilo que você procura defender, como ruim.

Algo era especialmente importante para ela, e ela citava a última linha de um poema de Erich Kästner, no qual um amigo, desgostoso, quer se suicidar e Kästner lhe oferece bofetadas, ainda como cadáver, e esta última linha é assim: “Continue na vida, para irritá-la!”

— Então — dizia Linda —, isso não é uma tarefa bem importante? — Ela me deu um disco com canções de Barbra Streisand, e numa canção a Streisand cantava: *I’ Il never give up*. E isso Linda dizia sempre, sempre, isso devia me dar forças, e ela tentou ela mesma me dar força na doença e na dor:

— Nunca, ouviu, nunca você deve desistir! Nunca. — E isso eu nunca fiz. Nunca desisti.

Enquanto Linda viveu.



Quando escrevo estas linhas, lembro-me de outros ditos e opiniões que a caracterizavam.

Naturalmente já nos anos 70 havia discussões apaixonadas sobre como as pessoas destroem o mundo e sobre como as pessoas deviam lutar contra isso. Lembro-me de uma que durou horas a fio e que foi levada pelos participantes de maneira extremamente agressiva. Linda ouviu calada. O cineasta Billy Wilder, de quem ela, muito jovem, foi namorada em Berlim durante um ano, contou-me uma vez, depois da guerra, que ele chamava Linda “meu silêncio”, porque ela — na maioria das vezes — só escutava e raramente falava. Naquela discussão, pois, alguém exigiu de Linda que ela finalmente expressasse sua opinião, e aí ela disse: — Acho que o homem deveria se movimentar na Terra com agilidade e fazer o possível para deixar poucos rastros.

Estas palavras, acho, poderiam servir de divisa para o livro que escrevo.

Aos 18 anos saí da igreja, porque minha mãe me havia contado que o pastor havia abençoado, na Primeira Guerra Mundial, os canhões dos dois lados da frente, para que estes matassem muitos inimigos maus. Linda vacilou com a saída, nunca a concretizou. Desde a juventude ela sofria de uma rara doença no sangue e estava constantemente sob controle.

— Não se pode saber — disse ela. — Tenho minha anemia hemolítica. E talvez Ele seja mesquinho, e se eu sair, Ele pode se ofender e me deixar morrer — e eu quero viver com você o mais tempo possível. Não, não, isso é muito arriscado. Além disso: as igrejas católicas são tão bonitas, a Bíblia é um livro maravilhoso, bastante pornográfico no Velho Testamento — não que eu tenha algo contra —, e há muitas passagens grandiosas.

Uma das passagens mais grandiosas, achava ela, era aquela na qual se diz: “Bem-aventurados são os pobres de espírito.”

Ela sempre foi entusiasmada com isso: — Sim. Sim. Sim. Os idiotas são felizes. E tão dignos de inveja. — E muito

confidencialmente, como se fosse uma mensagem secreta, ela me comunicou: — Se Deus quiser castigar alguém, então que lhe dê a razão.

Uma vez, quando eu era roteirista de cinema, Linda foi ao estúdio e prestou atenção. Estava justamente sendo preparada uma cena com um fotojornalista que tinha uma câmera pendurada no pescoço.

— Tem um filme dentro? — Linda perguntou ao diretor.

— Não. Mas ninguém pode notar.

— O público notará — respondeu Linda. Para mim, com isso foi dito tudo sobre arte.

Eu sempre lia em voz alta o que escrevia, e nunca havia tido um crítico melhor e mais inteligente. Como eu tenho tendência para exageros, sempre acontecia de Linda balançar a cabeça cautelosamente e dizer, educadamente, que aquilo era melodramático demais ou muito longo ou precisaria ser modificado. Então havia sempre — ah, como era bom! — a mesma cena: eu me recusava a reescrever a coisa. — Foram três dias de trabalho, e você sabe que suplício é escrever, os ombros doem e a cabeça e os olhos, simplesmente tudo, e não se pode dormir, e se sente lixiviado e vazio, e de uma vez por todas: não corto nada, não reescrevo nada!

Quando me comportei assim tão histericamente pela primeira vez, Linda disse que precisaria me contar uma história de seu tempo com Billy Wilder.

— Ele tinha um apartamento minúsculo, e era meu primeiro homem, e eu o amava tanto, e quando a tarde acabava, ele dizia freqüentemente: “agora vamos imediatamente ao Café Romântico — contar”. Naturalmente nada era contado, mas íamos no Café Romântico, e você sabe que lá iam muitos atores famosos, gente de jornal, pintores e escritores, e eu pequena dançarina era totalmente dominada por todas essas grandes pessoas e tinha justo 15 anos, eu só podia mesmo ficar calada. Bem, um dia chegou Erich Maria Remarque e se sentou conosco. Remarque era naquele tempo

redator-chefe da *Dame*, e aquilo era para mim simplesmente monstruoso. E naquela noite ele disse que queria parar de trabalhar para a *Dame* para poder escrever um romance. E Billy disse a seu amigo Remarque que ele não fosse louco de jogar fora um posto esplendoroso como aquele, e aí eles discutiram por um momento, e por último Billy me disse: “Agora fale finalmente com o doido, meu silêncio!” E, de nervosa, quase não pude falar, quando disse: “Senhor Remarque, acho que o senhor Wilder tem razão. Nós o visitamos uma vez, lembra-se? O senhor tem um escritório tão bonito. E ali há damas tão bonitas. E o senhor disse que ali não havia muito trabalho. O senhor realmente deveria ficar na *Dame*, senhor Remarque!” — Bem — contou-me Linda —, Remarque, porém, pediu demissão na *Dame* e escreveu um romance, *Nada de novo no Front*. Isso acontece, quando não se ouve a mim.

E depois disso ela dizia sempre, quando ela tinha algo a reparar nas minhas leituras e eu protestava: — Pense em Remarque!

Sua alegria constante era quando eu, no dia seguinte, no café da manhã, dizia: — Já reescrevi tudo. — Sempre a ouvi, e o que ela dizia estava sempre certo.

Nos últimos dois anos Linda escondia de mim que se sentia doente e mais doente, que tinha dores e sofria — até aquela noite, quando não agüentou mais e gritou. E então era tarde para tudo. Notei, naturalmente, que ela estava mais e mais fraca, mas ela tinha aquela doença do sangue e precisava estar sempre preparada para uma determinada dose de remédios. Naqueles anos todos houve tempos de grande fraqueza e cansaço, e Linda sabia me convencer de que aquele era um daqueles tempos. Mesmo quando ela mal podia comer e não queria ir ao concerto, teatro ou ao cinema, nada me fazia temer algo pior. Comprei filmes em vídeo, o que foi bom — após a sua morte eu tinha uns 200 cassetes —, e quanto mais ela piorava, mais determinadamente ela exigia, quando eu, à noite, lhe oferecia o “programa”, somente filmes engraçados: *Tootsie* ou *Quanto mais quente, melhor* ou tudo de Woody Allen. E dos muitos e famosos

adágios, dos quais ela gostava, ela gostava mais de um do *Noivo neurótico, noiva nervosa*.

— Há uma velha piada — diz Woody Allen nesse filme. — Duas senhoras mais velhas estão sentadas num hotel. Uma diz: “Deus, a comida aqui é realmente horrível!” Diz a outra: “Tem razão, e essas pequenas porções.” — Bem — diz Allen depois, no filme —, essencialmente também vejo a vida assim: cheia de solidão e miséria e sofrimento e preocupação. E depois tudo passa tão rápido.

Essa parte Linda citava freqüentemente, e uma vez ela disse as últimas palavras alto, para si própria. Ela estava sentada na escura sala de estar e não me ouviu entrar, e quando terminou, ainda repetiu: Tão rápido.

Um assimila o pensamento do outro, escrevi, e assim eu era depois da morte de Linda, apenas uma meia-pessoa com uma meia-vida. E perdi toda a minha coragem, toda esperança, toda capacidade de me alegrar e agüentar infâmias com humor. Era um sentimento de infinito asco, que me tomou na minha solidão, de asco sobretudo do que acontecia no mundo e sobre o que me esforcei a informar a vida inteira, asco das pessoas. Não de todos, naturalmente, não de Linda e meus amigos, mas os evitei, porque só me faziam lembrar da mulher que eu havia perdido e cujo lugar nunca nenhuma outra iria ocupar ou poderia ocupar, eu sabia.

Asco das pessoas, sim, e certamente tenho tão pouco valor quanto elas. Asco daquilo que as pessoas fizeram deste mundo. Asco da maneira como tratávamos uns aos outros, como mentíamos, enganávamos, prejudicávamos uns aos outros, traíamos uns aos outros, dependíamos de alguém quando precisávamos de ajuda e o abandonávamos quando não precisávamos mais de sua ajuda.

Todo noticiário de televisão me enojava. Não podia mais ver as caras dos senhores das companhias, dos homens da igreja, dos militares pendurados de latas coloridas e dos políticos, não podia mais ouvir suas palavras. A cada um que falava, eu me perguntava: quanto ele recebeu por isso, se está mentindo assim e não de outra

forma? Quantos crimes vão para a sua conta, que o fazem extorquível para esconder tudo? Enojava-me que aqueles que determinavam nosso destino, o destino deste mundo, tinham se tornado tão abertamente corruptos. Antigamente, eles ainda faziam esforço para esconder seus crimes, sua brutalidade, seu desprezo pelas pessoas e representar como atores para aqueles que estavam em suas mãos. Agora eles renunciavam a qualquer máscara. Agora eles se haviam tornado absolutamente desavergonhados. Consideravam seus próximos tão imbecis e ruins como eles próprios eram. Tempo é dinheiro, para que então a simulação se é possível também sem ela?

Para o meu desespero ainda havia o fato de que durante toda a minha vida escrevi ou lutei contra os nazistas, pois eles foram os maiores criminosos da história vivida por mim, os que haviam cometido os maiores crimes da história vivida por mim — e então tive de saber que todo o meu esforço e o de muitos outros foi em vão e à toa, precisei ver dia após dia como ela ainda — ou novamente — existia, essa peste, e que fascismo e racismo eram exportados — para a França de Le Pen, para o Chile de Pinochet, para a África do Sul de Botha... A lista era grande e sempre ficava maior.

Na Alemanha nunca foi feito um ajuste de contas interior. Desculpamo-nos frente aos judeus e pagamos (disso alguns políticos são orgulhosos) muitos bilhões de reparação e fizemos a “grande paz com os criminosos”, como formulou Ralph Giordano. Assim acreditamos ousar um novo começo. O comentador da Lei Racial de Nuremberg tornou-se chefe da chancelaria, os generais de Hitler formaram o novo exército, e Willy Brandt teve de se justificar que na guerra havia ficado do outro lado. Na Alemanha Federal, até o momento em que escrevo, não há nenhum monumento às vítimas do holocausto, e até pelo menos 1955 o gás Ciclon B, que foi utilizado nas câmaras de gás, foi usado com este nome, só que sem o B. Só mais tarde ele recebeu, modificado quimicamente, a denominação Cianosil<sup>3</sup>.

Durou 40 anos, até que um chefe de Estado alemão federal se permitiu caracterizar o 8 de março de 1945 como tinha de ser, ou seja, o “Dia da Libertação”. Esta descoberta foi tão sensacional, tão grandioso esse discurso de Richard von Weizsäcker, que foi impresso em forma de livro, gravado em discos e comercializado em cassetes. Mas o ódio há muito estava novamente entre nós — sutil lá em cima, onde se pensava em leis para estrangeiros mais duras e se enviava asilado de volta para o seu país e, com isso, para a morte, e brutal lá embaixo, onde se ia bater em turcos e se berrava canções nazistas em viagens de trens Intercity a jogos de futebol.

A vida precisa ter um sentido, dizem muitos, senão não se pode suportá-la. O sentido de minha vida foi, durante 25 anos, Linda. Então Linda estava morta e pensei que se podia também viver sem sentido, não tão bem e certamente não alegre, mas mesmo assim. E o tempo de um homem era tão curto. Também só então tomei consciência disso. Ontem li no *Journal de Château-d’Oex*, o jornalzinho que é impresso aqui e que é publicado às terças e sextas e que, ao lado de notícias locais e muitos anúncios, traz ainda uma coluna “Novidades do Mundo Inteiro”, que pesquisadores acabaram de descobrir uma galáxia que está a 15 bilhões de anos-luz longe da Terra. Ela deve ser, segundo o *Journal*, tão velha quanto o Universo.

Ah, Linda, Linda, Linda.

Havia vendido tudo o que tinha em Berlim, e fiquei um tempo na França, Inglaterra e Holanda, para então chegar aqui há oito anos, onde comprei a velha casa na beira da floresta que se chama Le Forgeron e que foi uma ferraria antigamente. Tudo o que trouxe foram os meus ternos e roupas e algumas caixas de livros. Em Berlim eu tinha quase 15 mil, e agora só possuía umas centenas, raramente romances, principalmente biografias, obras de ciências naturais e dos filósofos, aqueles que eu acreditava entender: Bertrand Russell, Karl Jaspers, Hannah Arendt, Karl Popper, Spinoza, Voltaire, Pascal, Schopenhauer e alguns outros. E as obras de Shakespeare e *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, um livro que

sempre leio novamente, ainda, *A aventura do bravo soldado Schweik* e tudo de Hemingway.

Sim, e o *Meditador*, de Ernst Barlach; conservei essa escultura magra de mais ou menos 70 centímetros de altura de um homem de camisa longa, que tem na mão direita um livro e os dedos da mão esquerda na bochecha, os olhos fechados. Dessa forma, em bronze emana uma calma monstruosa, fica-se bem calmo, e todo o pensamento volta-se para dentro. Muitas vezes sentava-me horas a fio diante da figura e pensava em tudo o que tinha sido passado e maravilhoso. Uma vez tinha vendido aos Estados Unidos uma estória para o cinema, e então comprei o *Meditador*. Eu e Linda gostávamos muito dele.

Dos móveis, não conservei, propositadamente, nenhuma peça, e então foi preciso comprar algo novo. Já mencionei o Hotel Bon Accueil. Um homem chamado Antoine Oltramare havia se apaixonado por essa enorme casa suíça de camponeses, há muito tempo. Ele a reconstruiu e procurou nos arredores armários, mesas, cadeiras e camas. *Monsieur* Oltramare, magro, pensativo, muito educado e de um charme leve como uma pluma, foi comigo, logo depois que eu havia comprado Le Forgeron, aos grandes pátios e chalés centenários, e compramos móveis maravilhosos por quantias aceitáveis. *Monsieur* Oltramare me ajudou na decoração do Le Forgeron. Ele ajeitou a chaminé e construiu estantes de livros e me fez assinaturas de muitos jornais e revistas, alemães, franceses, ingleses. Nunca fez uma pergunta, sempre se retirava e só vinha quando eu pedia que viesse.

A escultura de Barlach estava então sobre um tapete feito a mão, na grande sala de estar.

Uma vez por dia eu ia ao Hotel Bon Accueil para comer, e às vezes jogava xadrez com *Monsieur* Oltramare. No mais, fazia longos passeios, dormia muito, lia muito e pensava em Linda, e isso era bom e terrível ao mesmo tempo. E assim continuei a viver, e naturalmente via televisão e ouvia todos os mentirosos e criminosos

e carniceiros e arlequins que dominavam nosso mundo, e aí era o asco, o asco.

Muitas vezes eu pensava no fato de que meu tempo passava, rápido, tão rápido. Cada dia podia trazer o fim. Meus banhos eram especialmente esmerados, eu cortava as unhas dos pés e procurava estar sempre bem-cuidado e usar roupas íntimas limpas, pois todo dia era possível que eu saísse do nada e do escuro devagar, devagar, e ouvisse uma voz que diria: “Senhor Gilles, agora o senhor volta a si. O senhor sofreu um grave enfarte e está na UTI.” Não precisava ser enfarte, tudo era possível, e tão grande quanto a possibilidade de voltar a si era aquela de não sair mais do nada e do escuro e nunca mais ouvir ou sentir. A cada hora isso podia acontecer.

Um dia, na minha velha livraria berlinense, que me abastecia de novas publicações de obras de ciências naturais e novas biografias, achei um livro fininho. Chamava-se *O monstro*, o autor era Ulrich Horstmann, e o que ele escrevia me fascinou até o ponto de ter insônia. O monstro é, segundo Horstmann, o homem. O autor o considera como terrível e absoluto destinatário da evolução, tão terrível que entre nós, monstros, segundo Horstmann, há desde muito tempo um acordo secreto, um enorme consentimento: precisamos pôr um fim em nós e em nossos semelhantes, tão logo e tão radical quanto possível — sem perdão, sem escrúpulo e sem sobreviventes. Com a moderna tecnologia de armas, o monstro tem pela primeira vez a chance, “depois de uma ladainha que se estendia de milênio a milênio, uma ladainha do bater, picar, espetar”, de pôr um fim ao processo de evolução, este processo medonho, de maneira consciente e planejada — com a autodestruição coletiva da humanidade. Só uma coisa preocupa Horstmann: a oportunidade dada com os arsenais das armas ABC de acabar conosco irrevogavelmente e sem lembranças poderia fracassar.

Que livro! Que pensamentos! Que explicação para tudo o que acontece neste mundo!

Mais ou menos na época que li *O monstro*, conheci Gordon



Trevor. Era mais ou menos da minha idade e também morava num chalé, que se chamava Les Clématites. O incêndio de 1800 havia poupado nossas casas.

Trevor era inglês e tão reservado e discreto quanto os seus conterrâneos. De fato, durou dois anos até que ele me dirigisse a palavra, uma vez quando eu voltava das compras na cidadezinha. Ele se apresentou com uma timidez pueril, disse que havia lido alguns de meus livros, e se não poderíamos tomar *a cup of tea* no *Monsieur Oltramare*.

Ao lado dele andava seu feio cachorro. Tinha olhos grandes, tristes e um pêlo manchado, que em muitos lugares mostrava vazios. Até hoje ainda não sei de que raça era. Trevor também apresentou o cachorro. O cachorro se chamava Happy.

Então, tomamos chá no *Monsieur Oltramare*, e fiquei sabendo que Trevor já morava ali há 12 anos e era empregado da comunidade como piloto de balões de ar quente. Durante o verão e o inverno eu tinha visto aquelas bolas gigantes quase diariamente, como elas pairavam alto no céu, sobre montanhas e vales. Gordon Trevor era, ao lado de dois nativos, um dos homens que as guiavam.

Na Segunda Grande Guerra Trevor havia lutado como *Spitfire-pilot* na Royal Air Force. Ele voou 45 missões sobre a Alemanha; depois voltou para a 46<sup>a</sup>. Então voltou diretamente para o hospital, pois através dos estilhaços dos canhões aéreos alemães ele se feriu no abdômen. Os cirurgiões conseguiram muito, inclusive que ele pudesse urinar sem problema. Algumas coisas eles não conseguiram, e assim aconteceu que Gordon dormiu pela última vez com uma mulher em maio de 1943.

Depois da guerra ele trabalhou com êxito como arquiteto e ganhou muito dinheiro, e ele tinha um grande amor, uma jovem advogada que dizia não se importar com o acontecido com Gordon. Ela não se importou com isso durante 11 anos, e então ela o abandonou por um outro. Gordon viveu com várias mulheres, sempre por pouco tempo, e sempre acabava mal. Viveu dois anos

com um homem, também este disse um dia que estava tudo acabado.

— Mas você continua meu amigo — disse-lhe Gordon. — Preciso de você.

— Se você precisa de um amigo, compre um cachorro! — disse esse homem.

Assim, Gordon tinha três amigos: um cachorro, eu e *Monsieur* Oltramare. O cachorro, ele não precisou comprar, ele o encontrou. Gordon havia, como eu, cortado todas as relações, antes de chegar em Château-d'Oex, e nós nos entendíamos muito bem e íamos com o cachorro, que se chamava Happy, para Almen com as muitas vacas e para as florestas, ou sentávamos na minha sala de estar em frente à lareira e olhávamos o *Meditador*, silenciávamos e bebíamos uísque.

Naqueles anos eu sonhei algumas vezes o mesmo sonho. Como repórter, havia sido enviado também ao Japão, e uma vez fui a um templo na cidade de Nara e vi uma cítara, e nos meus sonhos eu estava lá de novo e via a cítara e os sinais sobre ela, um padre me explicava o que eles significavam, e eles significavam isto:

No mar da vida,  
mar da morte,  
cansado de ambos fiquei  
e minh'alma procura a montanha,  
na qual toda enchente seca.

Sim, então eu pensei que quando acordasse e me lembrasse do sonho, eu a acharia, a montanha, e também Gordon a acharia.

— Somos ricos — disse ele uma vez, bebendo uísque —, ricos como nunca visto, Philip, você sabia?

— Você bebeu — disse eu. — Não somos ricos. Seria bom se fôssemos.

— Nós somos — disse ele, insistente. — Aqui em Château-d'Oex nós somos, porque aqui estamos protegidos. Qualquer

proteção contra a vida real é riqueza.

— Ah, sim — disse eu. — Faz algum sentido. Vamos, vamos tomar mais uma!

Quando o ex-aviador de caça tinha muito o que fazer na temporada, eu o ajudava. Eu dirigia o amassado Rover com o reboque e tentava ficar naquela direção, pela qual Gordon voava com o balão, pois a coisa deveria ser transportada de volta.

No dia 7 de agosto de 1988, um domingo, *Monsieur Oltramare* telefonou e disse que um senhor e uma senhora de Roma gostariam de voar no domingo de manhã. O ajudante de Gordon estava doente, e assim dirigi outra vez o Rover. Para qualquer emergência, tínhamos *walkie-talkies*, mas só precisávamos falar muito pouco, pois eu via constantemente o balão azul, vermelho e amarelo de Gordon sob o forte azul no céu de verão, enquanto dava solavancos em caminhos através de campos cheios de flores se abrindo e arbustos, e era verão, alto verão, e eu via muitas pessoas alegres.

Gordon pousou num grande campo, e fui o mais próximo possível, então aconteceu algo, o que sempre voltava a me encantar: para chegar até mim, Gordon jogava pequenas flamas de propano ardente no interior do balão, e através do aquecimento sempre novo o balão pulava com o cesto, Gordon e o senhor e a senhora de Roma graciosamente sobre o campo até chegar ao Rover. Depois separávamos o balão do cesto, deixávamos sair o ar e o dobrávamos cuidadosamente. Guardávamos tudo no reboque e finalmente voltávamos todos no Rover. Primeiro eu levei o casal de italianos, que, emocionados, estavam calados (como ficava calada a maioria, quando voltava para a terra), até o hotel, e então fomos eu e Gordon para casa, não sem antes pegar nossos jornais no *Monsieur Oltramare* — ele os recebia por nós. Nunca havia cartas, parecia que há anos não havia mais ninguém que se lembrasse de Gordon e de mim, e assim nós também desejávamos. Diante do Le Forgeron sentávamos na sombra de uma velha árvore e folheávamos os novos jornais e revistas; nessas horas Gordon fumava cachimbo. Ele lia

muito mais atentamente que eu, e assim foi ele que descobriu a notícia no *Süddeutsche Zeitung*, uma pequena coluna, onde se dizia que o professor Gerhard Ganz, chefe da Sociedade de Física de Lübeck, havia morrido numa clínica de Hamburgo no sábado, dia 6 de agosto.

— Esse é por acaso o seu Ganz? — Gordon perguntou. E eu disse que era, pois eu pelo menos sabia o que Gerhard havia feito depois da guerra e em que havia trabalhado em Lübeck.

— Esse é mesmo aquele que carregou você três quilômetros, durante a guerra?

— Sim.

Eu havia contado a Gordon como Gerhard me havia salvo a vida.

— Aqui fala que ele será enterrado em Sylt — de acordo com o seu desejo — disse Gordon. — Você devia ir até lá.

Pensei que só fazia isso com desprazer, sentia-me sempre bem doente quando devia deixar Château-d'Oex, mas já tinha sido suficientemente grave ter perdido Gerhard de vista, e agora ele estava morto, por isso disse: — Sim, preciso ir até lá.

— Há certamente um Swiss-Air de Genebra a Hamburgo — disse Gordon. — E na ilha você chega com um desses pequenos aviões Twin Otter, são aviões canadenses. — Ele se interessava ainda por aviação e tinha um monte de horários de voo. Alguém precisa ter alguma coisa, eu tinha o *Meditador*.

Quatro dias depois, muito cedo, voei então do aeroporto de Genebra a Cointrin e voltei mais uma vez àquele mundo do qual eu havia me retirado há tanto tempo. Assim conheci a Dra. Valerie Roth e o Dr. Markus Marvin, os colaboradores de meu amigo Gerhard Ganz, e uma porção de outras pessoas que, abandonadas e sem força, punham em jogo a sua vida na tentativa de evitar tudo o que acontecia para a destruição definitiva de nosso mundo, e nisso sucediam coisas terríveis e maravilhosas, e havia o amargo e o doce, sim, também o doce.

Somerset Maugham pertence aos grandes escritores que amo e venero. Ele sempre é o cronista fora dos acontecimentos, nas suas novelas de mestre, um cronista que nunca intervém, nem se permite um julgamento moral, que não admira nem despreza as pessoas por aquilo que fazem, e nem tenta entender o que pensam ou aquilo que fazem. Ele só relata — mesmo quando freqüentemente não é testemunha ocular ou auditiva, porém toma conhecimento depois. Minha vida inteira desejei escrever assim, e sabia ao mesmo tempo que nunca conseguiria isso.

Tudo o que tenho para descrever não foi, em momento algum, da mínima importância — com exceção daquele acontecimento que considerei impossível, até que me sucedeu. Aqui será mesmo inevitável usar às vezes a primeira pessoa. No mais, quero me esforçar para novamente escrever como cronista, tendo presentes as palavras de Horácio no final de *Hamlet*:

“... Assim deveis ouvir  
sobre ações, carnais, sangrentas, artificiais,  
julgamentos acidentais, assassinato cego;  
sobre mortes, causadas por violência e astúcia  
e sobre planos que fracassaram e caíram  
na cabeça do inventor: tudo isto  
posso contar com verdade.”

## 4

— Pode-se naturalmente achar — disse Gordon Trevor — que Philip não agiu corretamente, quando deixou na mão aquelas pessoas de Sylt tão brutalmente. Se ele não quer escrever a história deles, deveria pelo menos ter podido ouvir suas preocupações. Agora, posso entendê-lo bem. Em seu lugar teria agido da mesma forma. Tanto quanto ele, não me sinto o escolhido como salvador da

humanidade. Principalmente na nossa idade. O que ainda nos importa, porcaria? — Gordon Trevor, antes piloto da Royal Air Force, saído da vida assassina e há muitos anos em Château-d'Oex, calou-se e fumou seu cachimbo.

Era a noite de 17 de agosto, uma quarta-feira. Gordon, seu cachorro feio, Happy, e *Monsieur* Oltramare estavam sentados no bar do Hotel Bon Accueil; já era tarde, todos os hóspedes tinham-se recolhido, e os dois tomavam um pouco de uísque. Depois de um dia quente, ainda fazia calor. Naquelas semanas de alto-verão Gordon teve muito o que fazer, estava sempre voando com o seu balão e estava muito bronzado.

*Monsieur* Oltramare fez novos drinques. Ele falava muito pouco. *Monsieur* Oltramare era um grande ouvinte.

— Philip queria simplesmente voltar — disse Gordon, acariciando o cachorro. — Ele quer ficar aqui. Pra sempre. Não se meter nunca mais, não interessa em quê. O senhor conhece a história de Rip Van Winkle?

— Não — disse *Monsieur* Oltramare. — Desculpe-me — acrescentou rapidamente.

— Obrigado pelo uísque — disse Gordon, levantando o copo. — *Cheers!* — Bebeu. Então continuou a falar: — Um escritor americano, Washington Irving, escreveu a estória por volta de 1820, essa é de fato a primeira estória curta americana. Nos EUA toda criança a conhece, e outros escritores sempre a aproveitaram e variaram — até hoje. Ninguém sabe no que consiste a fascinação.

*Monsieur* Oltramare se curvou e escutou atentamente.

— Bem, esse Rip Van Winkle era um homem totalmente insignificante, com uma vida totalmente insignificante, um amigo das crianças e que tinha medo de sua mulher birrenta — conta Gordon. — Um dia ele saiu de seu lugarejo para fazer um passeio e nisso chega numa região que lhe é completamente desconhecida. Encontra um gigante que está vestido como um holandês. Tudo fica cada vez mais estranho. Um grande trovejar enche o ar. O gigante

convida Rip para ir com ele, e eles acabam num grupo de gigantes holandeses que jogam boliche e fazem rolar uma enorme bola — era ela o trovão, o senhor entende?

*Monsieur* Oltramare balançou a cabeça afirmativamente.

— Então — disse Gordon —, com esse gigante Rip se embebedada e adormece. Quando acorda, ninguém está mais lá. Com muito esforço, encontra o caminho de volta para o lugarejo — porém lá ninguém o reconhece mais. Tudo se modificara. Ele também não conhece ninguém. Encheu-se de pânico quando constatou que 20 anos haviam passado desde que ele tinha ido embora. 20 anos! “Aqui ninguém conhece Rip Van Winkle?” Ele grita. Ninguém. Então ele acredita ver ele próprio, como ele era 20 anos antes; quando ele sobe a montanha, perde completamente a calma, começa a duvidar de sua identidade e se pergunta se ainda é ele mesmo ou um outro... *Santé, Monsieur* Oltramare!

— *Santé, Monsieur* Trevor! Ambos beberam.

— Mas então — disse Gordon — Rip reconheceu seu filho envelhecido, e também a sua filha ainda vivia. Só a malvada mulher havia morrido. E assim termina a vida de Rip, agora velho e pobre. Que justamente a morte de sua mulher o leva a explicar quem ele é, é motivo para um final de tom irônico — Gordon esvaziou seu cachimbo. — *Monsieur* Oltramare, eu dizia que essa estória sempre foi revista por outros escritores. Em 1953, o seu grande escritor suíço Max Frisch fez disso uma peça radiofônica. E no romance *Stiller*, Frisch deixa o personagem principal contar o conto de fadas a seu defensor insensato.

O cachorro se esfregou em Gordon. O feio amava o tão ferido, e este a ele.

Rip é para Stiller o símbolo de uma liberdade comprometida, a qual só se pode resguardar se se conseguir se livrar de uma falsa identidade imposta pela sociedade. E por isso o narrador Stiller muda o final do conto de fadas, que ele conta a seu defensor. Rip resiste ao desejo de se fazer reconhecer por sua filha: “Seu pai está

morto — disse Rip. — E assim a jovem mulher também deixou-o de lado, o que lhe doeu, mas era assim que precisava ser.”

Gordon começou a encher um novo cachimbo.

— Mas o desejo de Stiller, fugir do cerco do mundo, não se realiza com Frisch. Stiller fracassa e precisa, como Rip, representar novamente o seu velho papel. E justamente isto Philip não quer. Ele não quer voltar ao velho mundo. Ele é um Rip Van Winkle *à la* Frisch, mas um Rip que tem mais sorte. Quando a mulher de Philip morreu, ele veio para cá e encontrou paz. Então ele foi lá fora, para o mundo, para a velha vida. Ele não pode estar mais lá. Nem poderia. Nunca! Por isso posso entender Philip tão bem.

Gordon acendeu com cuidado o tabaco dentro do cachimbo. Depois de uns tragos, continuou a falar: — Somos ambos muito velhos, eu e Philip. Estamos aqui há muito tempo. Somos ambos Stiller, cujo sonho se tornou realidade. Gente corajosa, aquela de Sylt. Têm tão grandes preocupações. Querem impedir a catástrofe. Deus os abençoe! Com certeza Philip tem simpatia por todos os que acham que ainda poderia haver salvação. Mas ele não quer — não, ele não pode ter algo a ver com eles como um Rip, que é mais inteligente que o do conto de fadas e que tem mais sorte que o de Frisch. Aqui Philip é feliz — com sua lembrança. Aqui ele é livre. Aqui ele tem calma e está satisfeito. Aqui ele quer ficar, exatamente como eu, o pouco tempo que ainda temos.

No escritório de Antoine Oltramare, ao lado, o telefone começou a tocar. Ele foi lá. O cachorro feio suspirou e se imprensou ainda mais contra a perna de Gordon.

Oltramare voltou. — Para *Monsieur* Gilles. Uma mulher. Diz que é urgente. Precisa falar com ele de qualquer maneira.

— Vou buscá-lo — disse Gordon. Ele se levantou e saiu do bar e andou os escassos 100 metros de distância até a casa de Philip Gilles. A porta estava aberta. Gilles via televisão.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

— Telefone para você.



— Quem pode ser? Quero ver este programa até o fim.

— Venha! — disse Gordon. — A mulher falou que era muito urgente. Precisa falar com você de qualquer maneira. De qualquer maneira, ela disse. Vamos, Philip!

Ele se levantou irritado e andou atrás de Gordon até o hotel e através do bar para o escritório de Oltramare. Lá ele pegou o telefone e se identificou. Ele reconheceu imediatamente a voz de mulher. Era a Dra. Valerie Roth.

— Graças a Deus que eu lhe achei! — ela disse, aliviada.

— De onde a senhora tem este número?

— Informações. Eles me disseram onde o senhor morava. Disseram que o senhor não tinha telefone. Mas que havia um hotel nas proximidades.

— O que a senhora quer?

— Markus Marvin foi preso.

— Sei.

— Ele está sob prisão preventiva em Frankfurt.

— Aha.

— Ouça, senhor Gilles, o senhor precisa vir imediatamente!

— Ah, é?

— Gerhard lhe salvou a vida — sim ou não?

— Hum.

— Gerhard lutou a vida inteira por aquilo que faz Markus estar preso agora.

— Aha.

— Ele espancou um homem.

— Bonito — disse Gilles.

— O cara se chama Hilmar Hansen.

— Que cara?

— Que ele espancou. Tem uma indústria química.

— Muito interessante.

— Produz desodorantes sanitários.

— Produz o quê?

— Desodorantes sanitários. O senhor não sabe o que são desodorantes sanitários? Os cubos azuis e verdes que estão pendurados em qualquer privada, em qualquer mictório. Aquelas coisas que servem para que não haja fedor, mas cheire a lavanda. Ou a violeta. Ou a limão ou a pinho. Até mesmo a lírios-do-vale.

— A senhora está bêbada ou o quê?

— Inteiramente sóbria. Aconteceu em Frankfurt. Ainda estou em Lübeck. — Agora ela falava agitadoamente. — Hansen produz o negócio também como comprimidos de paradiclorobenzol, para higiene de ataúdes.

— Para o quê?

— Higiene de ataúdes! — A voz de Valerie Roth estava alta, ela falava exageradamente claro. — Deixa-se os comprimidos junto aos cadáveres nos ataúdes. Também por causa do aroma. Espalha-se cerca de 200 gramas para cada ataúde. Somente na Alemanha Federal são 700 mil cadáveres anualmente. Mais ou menos 10% são cremados, em cerca de 30 crematórios. O paradiclorobenzol só afeta os nervos olfativos, naturalmente, não destrói o mau cheiro...

— Escute...

— E só uma parte dos crematórios é equipada com filtros primitivos. Na incineração dos cadáveres surgem o paradiclorobenzol dioxina e furano — que vão diretamente para o meio ambiente. Em naftalinas, aliás, a coisa também está dentro. Esse Hilmar Hansen fez de um veneno um artigo comercial. Na incineração de cadáveres é promovida ainda a formação de dioxinas através de restos de paradiclorobenzol no tecido adiposo humano. E a fumaça contém também cádmio dos órgãos internos.

— Escute aqui, doutora Roth, agora basta.

— Isto mesmo, cádmio! Os rins de pessoas idosas são como depósitos de cádmio. .

— Bem — disse Gilles —, agora é só.

— O senhor não vem? O senhor não vai escrever?

— Não.

— Então... precisa acontecer outra coisa. Então o senhor será trazido.

— Boa noite, doutora Roth — disse Gilles, desligou o telefone e foi para o bar.

Gordon e *Monsieur* Oltramare olhavam para ele.

— Então — perguntou o piloto de balões —, quem era?

— Valerie Roth, aquela louca.

— É? O que aconteceu?

— Absolutamente nada — disse Philip, e se sentou. — Também queria um gole.

## 5

Numa fria manhã de inverno de 1944, uma mulher de meia-idade foi com um carro de circulação berlinense, pouco depois das seis horas, até o complexo Siemens. Ainda estava escuro. No vagão, com suas janelas pintadas de preto, através das quais não podia passar nenhuma luz por causa dos caças aliados, ardiam luzes trêmulas, fracas. As pessoas tinham rostos pálidos, cansados, o carro estava lotado, a mulher precisou ficar em pé. Ela também deveria ficar em pé se o carro estivesse totalmente vazio. Ela estava proibida de se sentar. Ela era uma chamada “judia protegida”, protegida pelo casamento com um “ariano”, e obrigada a trabalhar. No seu casaco ela trazia, na altura do peito, uma estrela de tecido amarela, sobre a qual havia, em letras pretas, a palavra JUDEU. A judia protegida tinha uma aparência doente. Ela se segurava numa armação que descia do teto e era jogada pra lá e pra cá com o balançar do carro de circulação.

Um trabalhador com jaqueta de couro e um grande boné de pala, cujo olho direito era fechado por um tampão preto, se levantou e disse para a judia protegida: — Sente-se aqui, estrelinha cadente!

A mulher disse: — O senhor é muito gentil, mas não posso me

sentar. É proibido.

— Mas cago pra isso — disse o homem. — Era meu lugar, agora é seu. Tenho certeza quase absoluta que ninguém tem nada contra.

— A judia... — começou um homenzinho.

— Cale o bico, cara — disse um soldado, que provavelmente estava de férias. E para a mulher: — Então, madame, sente-se, por favor!

A judia protegida se sentou e começou a chorar.

Quando o cego de um olho desceu mais tarde, uma pasta debaixo do braço, o soldado também desceu. Ele deu a mão ao trabalhador e disse: — Meu nome é Oskar Kraszinski. Pegue o meu endereço. Nunca se sabe. — Durante o trajeto ele havia rabiscado qualquer coisa num jornal, que agora ele dava ao outro.

— Obrigado — disse este. — Meu nome é Karl Bukatz. Mas não posso lhe dar endereço, camarada. Minha casa foi bombardeada. Agora moro aqui e ali.

— No jornal também está o endereço de minha tia — disse Oskar. — Ela mora em Hasenheide. Algum lugar você vai achar.

— Certamente — disse Karl. — Você vai voltar à frente?

— Sim.

— Tudo de bom! — Karl disse. — Em breve estarão liquidados, esses cachorros.

— Ainda vai durar um pouco, infelizmente — disse Oskar. — Então, até às seis depois da vitória no boteco de Hardtke!

Eles se apertaram as mãos e se separaram, cada um em uma direção, seguindo a escuridão e o frio.

Loucura, pensou a Dra. Miriam Goldstein, uma pequena e graciosa mulher com cabelos brancos, que eram leve e descontraidamente penteados. Os olhos no rosto da advogada ficavam grandes e escuros. Ela usava uma roupa azul de verão e gola

branca e punhos brancos enrolados, e estava num *Airbus*, que havia saído de Frankfurt 15 minutos antes e voava para Genebra.

Uma loucura completa, pensou Miriam Goldstein. Que eu esteja viajando para Genebra e de lá para um lugar chamado Château-d'Oex, a fim de encontrar um homem chamado Philip Gilles, o qual procuro há seis anos. Que eu saiba a respeito daquela judia protegida, que numa manhã de inverno em 1944 saiu para trabalhar na Siemensstadt, e de Oskar Kraszinski, o soldado de férias, e de Karl Bukatz, o trabalhador que só tinha um olho e que ofereceu seu lugar num vagão do carro de circulação à judia protegida, dizendo: "Sente-se aqui, estrelinha cadente!" Oskar morreu faz muito tempo, e Karl morreu faz muito tempo, e a judia protegida também. Eu ainda vivo e sei disso tudo e de muito mais, e isso não é louco, mas completamente normal e regular. Tudo tem o seu sentido. Não há nada neste mundo que aconteça por acaso e não tenha sentido.

Lá fora o ar ardia sob um céu azul de alto verão. Muitas janelas estavam fechadas. O jato rumorejava baixinho.

Em 1982, pensou Miriam Goldstein, encontrei em Berlim, numa festa organizada pelo cônsul-geral dos Estados Unidos, Mrs. Bellamy, uma senhora mais velha, ainda bonita. Seu marido Georg era cirurgião da guarnição americana. Só duas vezes antes eu havia estado em Berlim. Na terceira vez conheci Mrs. e Mr. Bellamy. Também isso foi predestinado, também isso precisa ser assim.

Mais tarde, naquela noite e depois do jantar, Mrs. Bellamy se aproximou da advogada sem o seu marido.

— Desculpe-me, doutora Goldstein... — Ela falava alemão correntemente. — A senhora se chama Miriam?

— Sim — disse esta.

— A senhora cresceu em Hamburgo?

Muitas pessoas estavam naquela festa, uma pequena orquestra

tocava. Mrs. Bellamy puxou Miriam Goldstein para um canto.

— Sim, em Hamburgo — disse, sentindo-se ficar inquieta.

— E seu pai tinha lá um grande escritório de advocacia?

— Sim — disse Miriam novamente, e agora estava muito nervosa. — De onde a senhora sabe tudo isto, Mrs. Bellamy?

— Conheci seu pai — disse esta.

Naquele tempo Miriam Goldstein estava convencida de que seu pai havia morrido num campo de concentração. Desde 1941 ela nunca mais ouviu falar dele. Durante muitos anos, depois da guerra, ela o procurou. Não encontrou nada, apesar de toda procura. E agora...

— *Quando?* — Miriam perguntou. — Quando a senhora conheceu meu pai, Mrs. Bellamy?

— Em 1952 eu o encontrei pela primeira vez — disse a mulher loura. — Depois, freqüentemente. Ele a procurou, senhora Goldstein. Tantos anos ele a procurou em Berlim.

— Como... — começou Miriam, muito chocada. — Quer dizer... *onde* a senhora viu meu pai naquele tempo?

— *“Oh, when the Saints go marching in”*, tocava a pequena orquestra.

— Aqui faz muito barulho — disse Mrs. Bellamy. Ela pegou o braço de Miriam e a levou para fora, num pequeno parque. A noite de verão estava quente. Elas se sentaram num banco ao lado de um arbusto florido, que cheirava muito. Agora as vozes e a música chegavam a elas bem baixinho.

— Por favor — disse Miriam. — Onde a senhora viu meu pai, Mrs. Bellamy?

— Num bar da Kurfürstendamm — disse ela. — Oskars Bar, chamava-se. Seu pai chegou com um par de sapatos femininos bem pequenos...

— Olhe só!

Miriam Goldstein se assustou.

Um garoto apareceu diante dela e a olhava seriamente. Seu rosto magro era muito pequeno. Ele tinha uma grande folha de papel nas mãos, que mostrou a Miriam. Com lápis coloridos estavam pintadas casas e rios e ruas e árvores e carros.

— Fui eu que fiz — disse o garoto. O avião estava quase completamente ocupado.

— Mas é lindo — disse ela. — Você desenha o que se pode ver lá embaixo, não é?

— Tudo o que eu vejo. — Ele balançou a cabeça bem sério, bem preocupado. — Sempre faço, quando vôo.

— Você voa sempre?

— Ah, sim. Papai me leva.

— Onde está seu pai?

Ele mostrou com a mão. — Umas filas mais atrás.

Miriam se virou. Um homem com óculos lia uma pasta de documentos. O lugar ao lado dele estava livre.

— É o senhor com óculos?

— Sim — disse o garoto. — Sempre tem muito o que fazer. Me dá lápis colorido e blocos e diz que devo desenhar. Mas ele nunca olha bem os meus desenhos. Porque ele tem muito o que fazer.

— E sua mamãe? — Miriam perguntou. — Onde está sua mamãe?

— Somos separados — disse o garoto. — Meu pai ficou com a minha guarda.

— Como você se chama?

— Klaus — disse ele.

— Um bonito nome. Meu nome é Miriam.

— Miriam é muito mais bonito que Klaus — disse ele, sempre sério.

— Ambos os nomes são igualmente bonitos — disse a graciosa mulher. — Quantos anos você tem, Klaus?

O garoto queria responder, mas uma repentina crise de tosse o

impediu. Ele se segurou no encosto da poltrona de Miriam, seu corpo todo tremia, enquanto ele tossia em tom grave, ladrando, áspero. Seu rosto se desfigurou, angustioso, e ficou ainda mais pálido. Algumas pessoas se viraram.

— Meu Deus... — Miriam se levantou assustada e se curvou sobre Klaus, cuja tosse lhe trazia lágrimas aos olhos.

— O que é... vou chamar seu pai.

Klaus parou de tossir.

— Já passou. Foi pequeno.

— Foi pequeno o quê?

— O ataque.

— *Isto* foi pequeno?

— Pois eu lhe digo. Na verdade, quase nada.

— Nada? Olhe lá! Você tosse sempre assim?

— Sim. Só que na maioria das vezes muito pior.

— Mas o que você tem?

— Algo a ver com crupe — disse Klaus. — Não me lembro agora. Você conhece alguma coisa como crupe?

— Sim, crupe — disse Miriam baixinho, e se sentou na sua poltrona.

— Crupe, sim, isto eu tenho — disse o pálido garoto. Ele enxugou a boca e os olhos com um lenço de papel. — Você sabe o que é isso?

Miriam balançou a cabeça. — Sim — disse ela. Uma laringite é crupe, pensou ela, em crianças entre um e seis anos. É causada através da aspiração de ar empestado de dióxido de enxofre e perturbações psíquicas. Ao lado de tratamento com remédios, o mais importante: sossego.

— Onde vocês moram? — Miriam perguntou, enxugando com o seu lenço gotas de suor da testa do garoto.

— Em Duisburg — disse Klaus. — É horrível. Quando tenho de tossir, sempre tenho medo. Quer dizer, na verdade também tenho medo quando não tusso. Mas quando vem um ataque destes, na



maioria das vezes, eu posso me sufocar, sabe?

— Sim — disse Miriam. Um sintoma típico, pensou ela. Causado pelo estreitamento na aspiração e expiração. — Você já tem isso há muito tempo?

— Mais de um ano — disse Klaus. — Por isso viajo tanto.

— Por isso?

— Meu pai é engenheiro. Constrói em muitos lugares. Também em Tenerife. Lá mora a minha tia Clara. Perto de Santa Cruz. Você conhece Santa Cruz?

Miriam balançou a cabeça.

— Pois é, e meu pai me leva sempre lá. A gente desce em Genebra e pega outro voo para Tenerife. Vou ficar novamente dois meses com tia Clara. Então preciso voltar a Duisburg. Exames. Depois novamente para a tia Clara, dois meses. Assim a crupe irá embora, diz o doutor. Só que ela não vai. Você perguntou que idade tenho. Cinco. No próximo ano terei seis e preciso ir para a escola. Então não poderei mais ir tantas vezes para Tenerife. Só nas férias. Não sei como será.

— Vocês não têm governanta?

— Sim, Tina. — Ele levantou os ombros. — Eu já sei, não se pode fazer nada. Você quer meu desenho? Eu lhe dou.

— Oh — disse Miriam —, isso é gentil de sua parte. Muito obrigada, Klaus.

— Quer que eu desenhe mais outro? Com outras coisas? Há sempre coisas sob nós.

— Sim — disse Miriam. — Se você quer, seria ótimo.

Ele balançou a cabeça e foi sério e pálido para a poltrona vazia ao lado do homem com óculos e a gorda pasta de documentos. O homem o olhou rapidamente, alisou, ausente, os cabelos pretos da criança. Klaus acenou para Miriam. Ela acenou de volta.

Ele tem cinco anos, pensou ela. Crupe. Duisburg. O ar cheio de dióxido de enxofre. Quantas crianças têm medo? Quantas criancinhas têm medo, um constante medo de se sufocar? Na

Alemanha. Na Europa. No mundo inteiro.

Cinco anos, pensou ela, mergulhada em divagações. Eu tinha quatro, naquele tempo, 1941, quando eles chegaram de noite, Hans e Ellen Schönberger. Bons amigos de meus pais em Hamburgo. Já estava combinado há muito tempo que eles esconderiam meu pai, minha mãe e eu na sua grande casa no Blankensee, quando houvesse uma ameaça de “deportação”. Sim, naquele tempo eu tinha quatro anos, não entendi nada daquilo que aconteceu, somente que devíamos nos esconder. Achei aquilo muito excitante.

Os adultos carregavam malas, mamãe me pegava pela mão, e eu devia andar, e todos andavam muito rapidamente. Na Dorotheenstrasse apareceu, de repente, a patrulha. Dois policiais. Eles exigiram ver os documentos. Papai mostrou, ao invés da identidade, a sua estrela de judeu. Todos nós tínhamos estrelas de judeu, papai, mamãe e eu, mas as havíamos retirado antes de sair do apartamento. E agora papai mostrava sua estrela aos dois policiais.

Naquele tempo eu não entendi: ele tentou pelo menos nos salvar. E conseguiu. Depois que mostrou sua estrela de judeu, ele correu o mais rápido que pôde, na direção de onde vínhamos. Os policiais correram atrás dele. E Hans e Ellen Schönberger puxaram mamãe e a mim, puxaram, puxaram, num canto, numa outra rua, numa terceira, e nos salvamos.

A casa no Blankensee tinha um grande sótão. Lá passamos, mamãe e eu, os três anos e meio seguintes. Seus amigos cuidavam de nós. Mamãe chorava muito e dizia que os policiais naturalmente haviam alcançado e prendido papai e que ele, com certeza, havia caído num campo de concentração. Naquele tempo eu ainda não sabia o que era aquilo, um campo de concentração.

Quase quatro anos Hans e Ellen Schönberger nos esconderam. Pessoas maravilhosas. Naquele tempo também havia muitas pessoas maravilhosas na Alemanha, e muitas ajudaram judeus ou os esconderam. Em maio de 1945 os ingleses nos libertaram, e mamãe

e eu íamos de repartição em repartição, pois ainda tínhamos esperanças de que papai houvesse sobrevivido ao campo de concentração. Procuramos anos a fio por ele, mas ninguém podia nos ajudar, e não tivemos nenhuma pista dele, e assim pensamos por último que ele havia morrido. Em 1982, numa festa do cônsul-geral americano, encontrei então Mrs. Bellamy, que disse ter conhecido meu pai, e que ele me havia procurado por muitos anos, e ele teria chegado num bar da Kurfürstendamm com um par de sapatos femininos bem pequenos...

— O que significa: com um par de sapatos femininos bem pequenos? — Miriam Goldstein perguntou a Mrs. Bellamy no banco daquele parque.

Mrs. Bellamy balançou a cabeça. — Preciso lhe contar tudo ordenadamente, senhora Goldstein — disse ela. — Berlim estava sob ruínas depois da guerra — como quase todas as cidades alemãs. Talvez um pouco mais. Na Kurfürstendamm só havia quase que ruínas queimadas. A casa onde se localizava o Oskars Bar estava semidestruída, as paredes que ainda existiam tinham inúmeros disparos. O bar pertencia a dois homens. Um se chamava Oskar Kraszinski, o outro Karl Bukatz. Karl se denominava Charly e sabia tocar piano. Oskar ficava atrás do balcão. Eles se haviam conhecido durante a guerra, no carro de circulação, contou-me Oskar uma vez... — Mrs. Bellamy contou da judia protegida e do trabalhador que se levantara naquele vagão e dera a ela seu lugar. — ...Oskar deu a Karl seu endereço, e depois da guerra se encontraram novamente, e em 1948 eles abriram o bar. Durante quatro anos só eram eles dois, em 1952 eles puderam arrumar uma garçonete. Esta garçonete era eu.

— A senhora?

— Sou berlinense. Chamo-me Elfi, meu nome de solteira é Zeiner. Sim, trabalhei como garçonete com Charly e Oskar. Todas as

bebidas lá eram mais baratas, tínhamos muitos clientes. Oskar e Charly eram ativos no mercado negro, e ambos sonhavam com um bar maior e mais bonito, eu também. Em 1952 era ainda o mesmo, com os móveis de veludo vermelho e as paredes vermelhas e os bancos forrados de vermelho no balcão. Sim, e num dia de outono de 1952, eu estava há dois meses no bar, entrou um homem pequeno e magro. Tinha uma aparência doente e triste, tinha bochechas encovadas, uma pele pálida e atacada de eczemas e apenas poucos cabelos grisalhos... Ele tinha uma aparência terrível... Desculpe-me, senhora Goldstein, por favor, desculpe-me!

— Nada a desculpar — disse esta e sentiu o sangue bater nas suas têmporas. — Continue a contar, Elfi, por favor, continue a contar!

E Elfi contou...

O pequeno e magro homem tinha um pacote na mão. Ele cumprimentou Oskar e Charly e os clientes — só eram poucos naquela tardinha —, e Elfi viu como ele apertou a mão de Oskar e Charly. Então ele se curvou diante de Elfi e disse: — Boa tarde, minha dama. Meu nome é Alfred Goldstein. — E também apertou a mão de Elfi, que naquele tempo era muito jovem e extraordinariamente bonita.

Depois Goldstein abriu cerimoniosamente o pequeno pacote e tirou de lá um par de pequenos e brancos sapatos femininos.

— Deixo o papel com você, senhor Oskar — disse ele. — E agora quero perguntar às pessoas, se o senhor permite.

— *Okay* — disse Oskar.

Goldstein foi pelo bar para uma mesa, e Elfi viu que ele mostrou o sapato ao rapaz e à moça ali sentados e que falava com eles. Eles escutavam atentamente, então balançaram a cabeça, e Goldstein se curvou e foi para a próxima mesa.

— Quem é esse, Oskar? — Elfi perguntou.

— Ah, um pobre-coitado — disse Oskar, que, atrás do balcão e de testa franzida, observava exatamente as reações dos clientes. — Sempre vem aqui, Alfred Goldstein. Já teve um grande escritório de advocacia em Hamburgo. Judeu. Charly arrumou para ele um quarto em Grunewald.

Charly, um tampão preto sobre um olho, estava ao piano e tocava *La vie en rose*.

— Mas o que ele quer? — Elfi perguntou, aflita. — Que tipo de sapatos são esses, Oskar?

— Sapatos infantis. Você está vendo.

— Sim, vejo. Só que não entendo.

— Olhe — disse Oskar, que não tirava os olhos do homenzinho — este Goldstein e sua filha e sua mulher foram presos em 1941, ele me contou. A mulher e a filha, ele acha, foram para Auschwitz. Ele foi parar em Gross-Rosen. Quando os russos o libertaram, ele tomou o caminho de Auschwitz. Os nazistas lá ainda explodiram e puseram tudo em chamas, tudo o que puderam, mas era simplesmente demais, e por isso ainda havia prédios, e lá havia ainda um monte de óculos e roupas e próteses e cabelos de mulher e malas e sapatos... e entre os sapatos também havia muitos bem pequenos, de muitas criancinhas. E Goldstein tirou um desses pares pequenos, porque ele estava convencido que eles pertenceram a sua filha. Ela se chamava Miriam, tinha quatro anos quando eles foram presos. Eles lhe disseram mil vezes que em Auschwitz mães e criancinhas eram diretamente enviadas da rampa às câmaras de gás, mas ele simplesmente não acreditou nisso. Até hoje ainda não. Desde 1947 que ele anda com os sapatos por Berlim e mostra-os a todos e pergunta se eles não sabem onde está a sua Miriam, porque ele se convenceu de que Miriam foi trazida para Berlim.

— Mas, por quê? Ele é de Hamburgo.

— Meu Deus, você não vê que o homem é completamente atordoado? Ele esqueceu Hamburgo. Ele não se lembra mais de nada. Só de sua pequena filha. Uma lástima.

— Nenhum médico cuida dele? — Elfi perguntou.

— Mas claro — disse Oskar. — Ele já esteve algumas vezes em manicômios. Não adiantou nada. A culpa é de algumas mulheres.

— Que mulheres?

*La mer*, tocava Charly agora.

— As que sobreviveram, em Auschwitz. Ele as encontrou lá, e uma se lembrava de Miriam e lhe contou que as crianças tinham uma brincadeira: o que eu preferia ser? E essa Miriam respondeu: “Preferia ser um cachorro, pois a SS gosta de cachorros.” E por isso Goldstein acredita piamente que a SS também gostava de sua Miriam e não a mataram.

Elfi Bellamy parou e olhou para Miriam.

— Desculpe-me mais uma vez — disse ela hesitante. — Isto tudo é tão terrível, senhora Goldstein. Mas pensei que deveria lhe contar que conheci seu pai e o que aconteceu naquele tempo...

Miriam pôs sua mão sobre a de Mrs. Bellamy.

— Obrigada — disse ela. — É claro que tudo isto é terrível, mas preciso saber. Preciso saber de tudo. Conte, Elfi, por favor!

Um avião rugiu sobre elas, já bem baixo, antes da aterrissagem no aeroporto Tegel. Quando o barulho parou, Elfi continuou.

— É claro que naquela noite ninguém pôde ajudar seu pai. Mais tarde também não, quando ele voltou. As pessoas ficavam embaraçadas e chocadas, mas também sempre cheias de piedade, todas, até...

— Até? — perguntou Miriam.

— Até aquela tarde de janeiro de 1954 — disse Elfi. — Lembrou-me exatamente... O bar no começo estava vazio. Então chegaram um homem e uma mulher que vinham com freqüência. Eles gostavam de nosso bar e nós gostávamos deles. Charly sempre tocava suas músicas preferidas. Eles lhe haviam dito de quais músicas gostavam mais. E eles sempre citavam “sua” música: era a velha *Sentimental Journey*, ainda sei. Eles não eram casados, os dois, mas queriam se casar. E se amavam muito, via-se. O balcão do bar foi construído

com um grande L, na parte estreita havia um banco para dois, era o canto “deles”. Não sei como a mulher se chamava, só sabia o primeiro nome, Linda. Ele se chamava Philip Gilles.

Miriam Goldstein levantou os olhos.

— O escritor?

— Naquele tempo ele era sobretudo repórter e roteirista — disse Elfi.— Acho que seus livros não faziam sucesso. Eles tinham pouco dinheiro, os dois, e bebiam conhaque, não podiam se dar ao luxo de uísque, e mesmo o conhaque eles bebiam lentamente. Nós realmente gostávamos dos dois, sempre vinham à tarde, quando ainda estava calmo e Charly tinha tempo de tocar suas músicas. Naquele dia de janeiro de 1954 nevava muito...

...e por muito tempo Linda Brenner e Philip Gilles eram os únicos clientes, e Charly tocava bonito, e Oskar havia acendido uma vela no balcão, e eles bebiam seu conhaque realmente devagar e eram gentis com Oskar e Charly e Elfi, a garçonete que colocava pequenos vasos com flores sobre a mesa, cinzeiros e a lista de bebidas.

Elfi havia contado a Linda e Gilles que ela trabalhava duro 11 meses por ano naquela mina de ouro e apurava uma boa quantidade de gorjetas e já havia levado um cliente para casa. Ela economizava, e um mês por ano viajava para St. Moritz, com malas de primeira e bonitas roupas. Lá ninguém a conhecia, e ela vivia como as finas damas, sobre as quais ela lia em revistas, e este era o seu maior luxo: — Então eu não deixo ninguém ficar por cima, nem por um milhão!

Naquela noite, de repente Elfi tinha muito o que fazer, pois uma turma de dez ou 11 homens havia chegado. Todos eram barulhentos e riam e já estavam meio tocados.

— Sinto muito — disse Oskar para os dois no banquinho.

— Mas é bom para o senhor — disse Linda. — Vamos embora daqui a pouco.

— Por favor, fiquem! — Oskar disse. — Eles são do Ocidente, posso até apostar. — O Ocidente era a Alemanha Federal. — Olhem só: uns gordões.

Quando ele disse isso, já havia um gordo ao lado de Charly, ao piano, e perguntou alto e descontroladamente se ele só sabia tocar aquela porcaria estrangeira, e Charly disse, não, ele sabia tocar tudo, o que deveria ser agora? E o gordo pediu “Só as pernas de Dolores fazem isso” e “Leve o calção de banho” e “Ah, Egon, Egon, Egon.” E Charly levantou os ombros e começou com as pernas de Dolores. Alguns dos clientes bêbados berraram o texto, e Oskar disse a Gilles: — Veja só!

Elfi anotou os pedidos, os homens queriam cerveja e cachaça, dois queriam champanhe (“Mas não a marca da casa! Mostre-me a lista, o que vocês têm mesmo neste pardieiro?”), e o gordo apalpou o busto de Elfi e seu traseiro, e ela lhe bateu nos dedos. Linda olhou para Gilles, que balançou a cabeça. Eles realmente queriam ir embora.

Logo em seguida a porta se abriu, a ventania trouxe neve para a entrada, e um pequeno homem, muito magro, entrou inseguro e humilde. O homem tinha bochechas encovadas, pele pálida e atacada de eczemas e olhos escuros, tristes. Ele tirou o chapéu, e todos viram que ele só tinha poucos cabelos grisalhos. Tinha na mão um pequeno pacote. Ele balançou a cabeça para Oskar e também Charly, que havia acabado com Dolores e começado com o calção de banho. O homem idoso foi até Charly.

— Maldição — disse Oskar —, justamente agora!

— O quê, justamente agora? — Linda perguntou.

— Ele chega.

O homem falou com Charly, e pôde-se ver que este o aconselhou a desaparecer urgentemente. Mas o homenzinho disse que não.

— Tenha paciência! — Oskar disse, extremamente irritado. Ele fez sinal para Charly. Este levantou os ombros. Também Elfi,



ocupada em servir, falou no caminho com o homem pequeno e magro, da mesma forma em vão.

— Quem é esse? — Gilles perguntou.

Oskar explicou a Linda e Gilles quem ele era, contou a história de Goldstein e que ele havia encontrado os pequenos sapatos em Auschwitz e que acreditava que eram os sapatos de sua filha. Toda a história ele contou apressadamente em poucas frases e finalizou: — ... O senhor esteve em Auschwitz, senhor Gilles, como repórter, não foi?

— Sim — disse Gilles —, estive lá em 1952. — Ele pensou: Auschwitz I, Auschwitz II — Birkenau, lugar de extermínio. Auschwitz III — Monowitz. No museu em Auschwitz I vi tudo aquilo de que falou: os cabelos femininos, as próteses, os óculos, os sapatos, as roupas, as malas com os nomes de seus antigos nomes e endereços escritos em cima. IDA KLEIN, GRUPELLOSTRASSE 15, DÜSSELDORF, ÓRFÄ. Nunca me esquecerei disso.

Em Monowitz, pensou Gilles, foi construída uma fábrica para produção de borracha sintética, e lá e nos campos de trabalho das redondezas centenas de milhares trabalhavam até não poder mais para a indústria bélica alemã, e além da IG-Farben havia companhias, como Krupp, Siemens e muitas outras. Ah, como soam no mundo os nomes de nossas fábricas!

— Bom — disse Oskar —, agora é que vamos ver!

Goldstein se dirigiu aos homens e lhes mostrou os sapatos.

— Senhor Goldstein! — Oskar gritou. Mas já era tarde. O gordo pegou os sapatos do homenzinho e os levantou para o alto, tão alto que Goldstein não podia alcançá-los, mesmo quando ele tentou pegá-los saltando. O gordo deixou que ele saltasse. Ele tinha um rosto róseo, não era brutal, não, era interessante e bondoso. Ele era um homem grande e gordo, que se divertia com um homenzinho magro.

— Dê-lhe os sapatos de volta, imediatamente! — disse Oskar.

O gordo não pensava nisso. A maioria de seus amigos estava repugnada e também dissera isso, mas alguns estavam encantados,

e o gordo jogou os minúsculos sapatos para um amigo que também estava encantado, e este se levantou e os jogou para um terceiro, e Goldstein corria entre eles e gritava: — Devolver! Por favor! Por favor, devolver!

Elfi trazia uma bandeja cheia de copos e foi de encontro ao gordo. A bandeja caiu no chão, o vidro se estilhaçou, e Elfi, aquela *lady*, disse ao gordo, indignada: — Pare com isso! Imediatamente! Isso é maldoso de sua parte! — O gordo olhou assustado para Elfi, balançou a cabeça sorrindo e queria se ocupar novamente de seus seios.

— Espere aí, seu bosta! — disse Charly, que há pouco deixara de tocar piano. Ele se levantou, passou por Elfi e disse a ela energicamente: — Saia daqui!

Depois ele deu uma bofetada na cara do gordo, no que este, instintivamente, jogou as mãos para cima, e Charly bateu na sua barriga com toda a força. O gordo ofegou e se sentou no chão.

— O senhor também, fora! — Charly disse a Goldstein — Vamos, vamos, vamos! Para trás do balcão!

Enquanto ele ainda falava, um amigo gordo saltou sobre ele pelas costas e o segurou, e um outro amigo começou a bater sistematicamente na parte superior do abdômen. Um terceiro pegou os sapatos infantis e os jogou contra o espelho de parede atrás do balcão, onde havia muitas garrafas. Uma garrafa caiu da prateleira, levou outras com ela, algumas quebraram, cheirava a álcool, e Oskar correu para o telefone e discou o curto número da patrulha. Enquanto isso, Elfi havia achado uma vassoura e batia com ela com toda a força num dos homens que havia espancado Charly.

Goldstein ficou parado, como que entorpecido. O gordo puxou-o contra ele e começou a bater no homenzinho, sempre na cabeça do homenzinho, que se livrou dele e gemeu: — Não... não... por favor, não...

— Você, judeuzinho de merda — disse o gordo, enquanto ia de encontro à cabeça de Goldstein, sempre. — Toma-se pacífica e

calmamente a sua cerveja, e aí chega um tipo desses! Esqueceram de você para a câmara de gás.

Três homens tomaram, entusiasmados, partido do gordo, os outros protestaram em voz alta, se levantaram e gritaram ao gordo e seus amigos que eles se comportavam como porcos, e tentaram ajudar Goldstein. Com isso, a pancadaria se aproximou de seu ponto alto.

— Minhas senhoras e meus senhores, aqui fala o seu capitão  
— soou uma voz de alto-falante na cabine de passageiros do *Airbus*  
— Estamos sobrevoando a Basileia e em cerca de 25 minutos estaremos aterrissando em Genebra...

A voz havia tirado Miriam de sua lembrança. Ela pensava perturbada: em 1954 alguém espancou meu pai e o chamou novamente de judeu de merda. E já há décadas existe o partido nazista NPD e há alguns anos aqueles terríveis “Republicanos”, cujo chefe é um antigo homem da SS chamado Franz Schönhuber, e a reação dos chamados partidos cristãos parece ser a de que alguns políticos querem assumir as metas radicais dos “Republicanos”, e isto o mais rapidamente possível, ou seja, principalmente tudo aquilo que Schönhuber e sua gente exigem com relação à remoção de estrangeiros, ao fim da vinda de imigrantes e ao “fim da eterna gangue Canossa”. Pois, assim pensam alguns dos cristãos senhores da União, precisamos em tudo ser da mesma opinião que os “Republicanos”, de forma que todos os “patriotas” elejam diretamente CDU/CSU, esta é a sua verdadeira pátria. Já naquele tempo, no começo de 1954, quando eles espancaram meu pai, pensou Miriam, já havia novamente racismo e anti-semitismo, mesmo que ainda não na grande política e como programa de partido, mas nas pequenas coisas, e neonazistas pintavam nos túmulos judeus cruzeiros suásticas e jogavam pedras e os desonravam com lama.

— Veja!

Miriam Goldstein virou-se para o lado. Ali estava o garoto com cabelos pretos, que se chamava Klaus e a olhava sério. — Fiz ainda outro desenho pra você. — Ele estendeu a ela uma outra folha. — Agora mesmo. Este é o Reno.

Miriam viu que uma grande linha azul dominava o novo desenho.

— Sim, naturalmente — disse ela. — Este é o Reno. Está maravilhoso, Klaus.

— Pode ficar! — disse o garoto pálido. — Eu havia prometido!

— Muito obrigada, Klaus — disse Miriam Goldstein e pegou a folha e sorriu ao garoto, que sofria de crupe e era tão gentil com ela...

Oskar havia falado rapidamente ao telefone, e agora ele corria para ajudar seu amigo Charly e a bonita Elfi. A maioria dos homens estava indignada com o comportamento do gordo e seus alegres amigos e tentava controlá-los, e a consequência foi uma pancadaria geral, onde todos batiam em todos.

Oskar levou um soco nos dentes e cuspiu sangue. Ele saltou num homem que batia em Charly, e o emaranhado de gente caiu no chão. O gordo ainda acertava na cabeça de Goldstein, que gemia, e dizia: — Seis milhões, que piada! No máximo, dois.

Quando ele, durante a pancadaria, chegou bem perto do balcão, Gilles disse: — Nazista de merda.

O gordo soltou Goldstein, olhou para Gilles com seus bondosos olhos infantis e disse: — Diga isso mais uma vez, seu bosta!

Então Gilles disse mais uma vez e tirou seus óculos. Ele era relativamente míope, com a idade deveria melhorar. A Elfi ele havia dito uma vez que não gostava nem um pouco de bater em alguém, mas na sua profissão aquilo tinha sido freqüentemente necessário, e como sem óculos ele via pouco, ele lutava, quando devia lutar, inescrupulosamente, para ter uma chance.

Ele saiu de seu canto e foi de encontro ao abdômen do gordo,

tão forte quanto podia, e o gordo gritou e de novo se sentou no chão e segurou aquilo que Linda chamava *la garniture* nos pouco educados círculos franceses. Gilles pisou nas mãos do gordo e ouviu a voz de Linda, mas agora tantos homens se batiam, que ele não via mais Linda, ainda mais sem óculos. Um jogou uma cadeira que bateu nas têmporas de Gilles e caiu pelas costas. Antes de se levantar, um outro saltou sobre ele e esbofeteou seu rosto. Gilles rebateu, mas não atingiu o cara — mas este sim, sempre no rosto. A pele sobre a sobrancelha direita de Gilles se rasgou, e ele começou a sangrar muito e agora via tudo através de um véu vermelho, ou seja, ele não via quase nada, e de repente o cara se ajoelhou sobre ele e começou a bater sistematicamente, principalmente no peito. Gilles quase não tinha ar e ficou com medo que o cara, o qual ele não podia ver através da cortina de sangue, o matasse, se continuasse assim, e aí ele caiu para o lado e não se mexeu mais. Como uma silhueta vermelha, Gilles viu Linda, que se curvou sobre ele. Ela havia tirado um sapato e batido no cara na cabeça, com o salto. Naquele dia ela calçava sapatos de saltos altos, finos e pontudos. O cara continuava a não se mexer, e Gilles pensou que Linda talvez tivesse atingido seu crânio, e aí ela o levantou e lhe deu seus óculos e seu casaco; o seu, ela já havia vestido, viu ele através da cortina vermelha, pois ainda corria sangue sobre seus olhos.

Linda gritou: — Senhor Goldstein!

E ali estava ele, pequeno e tremendo, e enquanto a pancadaria continuava, Linda puxou os dois homens para a porta de saída, e logo após eles estavam no frio glacial da Kurfürstendamm. Nevava muito, a tempestade lhes chicoteava flocos brancos no rosto, Linda gritou: — Os sapatos! — e correu mais uma vez com o sapato esquerdo até o Oskars Bar; o outro, com o qual ela havia batido, lhe havia escapado.

Gilles segurou Goldstein, que ameaçava constantemente cair, e aí chegou Linda de volta, sempre mancando, pois estava claro que não havia achado seu sapato direito. Mas ela segurava os dois

sapatinhos, os quais Goldstein havia tirado em Auschwitz de um monte de sapatinhos parecidos e os quais ele mostrava há sete anos em Berlim a todos, perguntando se não sabiam onde estava a sua filhinha Miriam, e Linda deu esses sapatos a Goldstein.

Então ela andou pela Kurfürstendamm — no pé direito apenas uma meia de seda. Veio um táxi, e Linda levantou os dois braços, o motorista de táxi freou, seu carro se virou na rua escorregadia, ela abriu com violência a porta do carro e gritou para Goldstein: — Pra dentro! Isto aqui é dinheiro! Amanhã de manhã o senhor vem até nós! — Para o motorista, que xingava, ela disse: — Aqui, os 20 para o senhor. Desculpe o que fiz, mas é urgente. Por favor, tome nota do nosso endereço e leve este senhor até em casa em Grunewald.

— Está certo, minha senhora — disse o motorista de táxi, e realmente rabiscou o endereço num bloco, e foi embora.

Elfi saíra do bar para ajudar seus clientes preferidos, mas não era mais preciso.

Linda pegou Gilles e correu com ele, que via tão pouco por causa do muito sangue, até a Knesebeckstrasse e através dela. Aqui estava escuro. Gilles se sentia bastante estafado e caiu contra a parede de uma ruína, e Linda fez uma bola de neve e com ela limpou o sangue, mas sempre aparecia mais. Então eles ouviram, com Elfi, que havia ficado num canto, a sirene de uma patrulha. O barulho ficou mais alto e depois morreu, portas de carro estalaram, e Linda ainda limpava sangue do rosto de Gilles. Pingava no casaco dele e no seu, a tempestade de neve passava por eles, e Gilles disse: — Aquilo com o sapato, você fez muito bem.

— Meu Deus, como odeio os nazistas!

— Sabe, devíamos nos casar — Gilles disse.

— Foi assim naquele dia, senhora Goldstein — disse Elfi Bellamy, 34 anos depois, no parque da vivenda do cônsul-geral americano em Berlim. As duas se calaram durante muito tempo.

Finalmente, Miriam perguntou: — E o que aconteceu depois?  
Com o meu pai?

— Os dois, meus clientes preferidos, casaram-se pouco depois, e se preocupavam muito com ele. Arrumaram-lhe um bonito quarto no asilo de velhos judeus Jeanette Wolff na Dernburgerstrasse e um médico de primeira, chamava-se doutor Schäfer. E toda semana a senhora Gilles visitava seu pai. Eu também o visitava — mas nem tão freqüentemente. Pouco depois ele estava bem melhor, mas, claro — desculpe-me, não era mais o mesmo. No fim a senhora Gilles era como uma filha para ele, disse-me ele uma vez. Muito calmo e quase feliz ele era lá, e nos sentávamos juntos e bebíamos chá, e os sapatinhos ficavam sobre a cômoda. Ele não andava mais com eles por aí. Isto o doutor Schäfer havia conseguido. Sim, e em 1962, em St. Moritz, conheci meu marido. Casamo-nos aqui, em Berlim, e temos um filho de 24 anos e uma filha de 16. Moramos na Miquelallee, estamos bem... Meu Deus, digo isso na sua frente...

— Também estou bem — disse Miriam.

— Sua mãe ainda vive?

— Comigo, em Lübeck. Deus lhe dê ainda muitos anos!

— Sim, ele deve fazer isso! Me... me alegra que pelo menos sua mãe ainda viva, senhora Goldstein.

— Alguém tem sempre de ficar com ela. Temos uma fiel governanta.

— Sua mãe é doente?

— Cega — disse Miriam. — Quando nos escondemos, durante quase quatro anos, quase não víamos a luz do dia. Depois de 1945 mamãe via mal, e foi piorando. Algumas operações ajudaram — durante uma época. Desde 1968 que ela não vê mais nada. Mas ela é muito alegre e mentalmente ativa. E meu pai? Quando ele morreu?

— Em 1979 — disse Elfi. — Em maio. Eu estava com George no enterro. Seu pai tem um bonito túmulo no cemitério da comunidade judaica na Scholzplatz. As pessoas do asilo cuidam dele. Com certeza, eles podem lhe contar muito mais sobre o seu pai do

que eu. Em 1978 Linda Gilles morreu...

— Meu Deus.

— Sim, parece que foi terrível para seu marido. Estávamos justamente nos Estados Unidos e só soubemos na nossa volta. Eles também viviam em Grunewald, na Bismarckallee. Não estavam mais na lista telefônica. Então fui lá. Mas já moravam pessoas desconhecidas, que não tinham a menor idéia onde o senhor Gilles tinha ido morar. Confesso que não nos demos muito ao trabalho de achá-lo... É sempre a mesma coisa... O trabalho... os filhos... as muito curtas férias na Europa... E o tempo passa tão rápido... Charly morreu em 1973, Oskar em 1976. Há muito que eles haviam vendido o bar. Fui ao enterro dos dois — tão velhos amigos, não é? Sim, todos estão mortos. Nem sei se o senhor Gilles ainda vive. Sim, deve viver. Ele é muito conhecido, se ele tivesse morrido, se saberia...

— Senhoras e senhores — soou uma voz feminina dos alto-falantes de bordo — em poucos minutos aterrisaremos em Genebra. Por favor, observem o aviso de não fumar e utilizem os cintos de segurança. Esperamos que tenham tido um agradável vôo, e nos alegraríamos de poder cumprimentá-los em breve. Obrigado...

“O mundo despedaça qualquer um, e depois disso muitos se tornam fortes nas partes quebradas. Mas aqueles que não querem se quebrar, estes ele os mata. Ele mata os muito bons e os muito delicados e os muito corajosos; sem diferença. Se você não pertence a estes, pode ficar certo de que ele também matará você, mas ele não estará especialmente apressado.”

Estas frases do livro *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway, Philip Gilles lia numa cadeira de repouso na frente de sua casa Le Forgeron, no momento exato em que pressentiu passos.

Ele tirou seus óculos de leitura.



Do Hotel Bon Accueil vinha uma mulher graciosa com cabelos brancos, descontraidamente penteados, em sua direção. Tinha um rosto estreito e grandes olhos escuros, e usava uma roupa de verão azul, com gola branca e punhos brancos enrolados.

Ele se levantou.

A mulher se aproximou. — Senhor Gilles?

— Sim.

— Eu sou Miriam Goldstein — disse a visitante.

Ele olhou para ela e tentou falar, mas não conseguiu. Durante quase um minuto eles ficaram assim, um diante do outro, então Miriam Goldstein chegou na frente dele, pegou sua cabeça com as mãos e o beijou na testa, nas bochechas e na boca.

Ela tinha lágrimas nos olhos, quando disse: — Obrigada! Agradeço ao senhor e a sua mulher por tudo o que fizeram pelo meu pai, caro senhor Gilles.

Ele ainda quase não podia falar. — Mas... — começou ele. — Mas como... A senhora existe realmente... A senhora ainda vive...

— Sim — disse ela, em voz baixa. — Como o senhor.

— E está aqui! Isto... isto é uma loucura! Um acaso como este não existe.

— Não há nenhum acaso, caro senhor Gilles — disse ela, séria. — Acredite, estou tão emocionada quanto o senhor. Posso... poderia me sentar?

— Perdão... — Ele a levou para dentro da casa, e ela se sentou na grande sala de estar, próximo à estreita e alta figura do *Meditador*, de Ernst Barlach.

Gilles pegou copos e uma garrafa de Perrier da geladeira. Voltou e encheu os copos de água mineral, ambos beberam, e ele também se sentou.

— Há seis anos que sei o que o senhor fez — disse Miriam. — Soube através de Valerie Roth onde o senhor morava. Sou advogada da Sociedade de Física de Lübeck, senhor Gilles.

— Aha — disse ele.

— Há seis anos uma Mrs. Bellamy, em Berlim, me contou do senhor e sua mulher. Assim soube de tudo o que vocês fizeram pelo meu pai. Também sobre aquela noite no pequeno bar na Kurfürstendamm. Chamava-se Oskars Bar, não é?’

— Sim.

— E ela me contou de Oskar e Charly, o pianista. O senhor se lembra?

— Sim — disse ele. — Morreram.

— Como o meu pai.

— Quem é essa Mrs. Bellamy? — Gilles perguntou. — Ouço esse nome pela primeira vez.

— Mrs. Elfi Bellamy — disse Miriam, acentuando o primeiro nome.

— Elfi? A bonita Elfi do bar? — Ele olhou novamente para Miriam.

— Sim, senhor Gilles. Ela se casou com um médico americano, que ela conheceu há muito tempo, de St. Moritz. Encontrei-a numa festa. Mas Elfi também não sabia onde o senhor morava. Só agora posso lhe agradecer. Tantos anos depois. Tudo é predestinado, tudo, embora o senhor diga que nada tem sentido e que Deus não existe.

— A senhora acredita em Deus?

— Sim, senhor Gilles.

— Se ele existe, então ele deve ter odiado o mundo, quando o criou.

— Caro senhor Gilles...

— E agora a senhora me conta que acredita na bondade dos homens.

— Acredito na bondade dos homens.

— Estive em Auschwitz — disse ele. — E em Hiroshima e na Coréia e no Chile e no Vietnã, e eles me enviaram para inúmeras guerras depois de 1945. Conheci especialistas em torturas e vi suas vítimas. Realmente, há muita bondade nos homens.

— Em muitos homens, senhor Gilles.

— Como judia, era melhor não pensar assim.

— Como judia, não me resta outra coisa, senão pensar desta forma. Como poderia viver depois de tudo o que aconteceu e que acontece, senhor Gilles?

— Ah, sim. Tudo bem, se a senhora o faz por motivos terapêuticos.

— De forma alguma por causa deles! Acredito realmente. As pessoas que esconderam minha mãe e a mim, todos aqueles que fizeram resistência aos nazistas e a todos os tipos de criminosos e a todos os tipos de crimes e injustiça e terror — não são muitos, senhor Gilles? O senhor e sua mulher odiaram o mal, lutaram contra ele, não apenas contra os nazistas. Conheço seus livros.

— Pare com isso!

— Não, não paro. Vim até aqui para falar disso. Naquele tempo... sem o senhor e a sua mulher meu pai teria apanhado. Vocês impediram que ele acabasse miseravelmente. Cuidaram dele. E havia Charly e Oskar. E há Elfi. Há milhões no mundo, senhor Gilles. Seu amigo Gerhard Ganz lutou contra os criminosos e os crimes contra a humanidade, como o senhor — como Markus Marvin o faz.

— Olhe aqui, esta é uma comparação um pouco audaz.

— Não é audaz. As pessoas que levam, conscientemente e por escolha, o mundo ao seu declínio por grandes lucros são também criminosas, como foram os nazistas. Markus Marvin corre perigo. Preciso fazer o que posso para que não seja condenado à prisão por muito tempo.

— Muito tempo de prisão?

— Ele foi acusado de tentativa de homicídio.

— O que aconteceu realmente?

— Roth e Bolling lhe contarão em Frankfurt. Senhor Gilles, agora o senhor precisa escrever sobre esse escândalo. *Agora!* Já. Para ajudar Marvin. O senhor conhece os jornais importantes. Do senhor, tudo é impresso.

— Não estou completamente certo.

— Pode estar certo. O senhor precisa vir comigo. É, por assim dizer, um caso de vida ou de morte — uma formulação do professor Ganz. Ele falava sempre do senhor.

— Por quê?

— Ele via aí um caminho possível para sacudir as pessoas. Pois o senhor, dizia ele, pode explicar assuntos complicados de maneira simples e interessante. Os ecologistas — Robin Wood, Greenpeace — têm fortes interesses e poderes com os adversários. Poderes que fazem com que as pessoas não sejam informadas, ou o sejam de maneira errada. Os defensores da natureza mentem ou exageram, diz-se então. As pessoas não conhecem a verdade. Não que elas não queiram, não, mas porque não podemos lhes explicar corretamente o que se passa. O *senhor* pode, senhor Gilles.

— Antes, talvez. Agora não.

— Ah, sim! Lembro-me de algumas conversas com Marvin, Bolling, com o professor Ganz e Valerie Roth. Temos o mesmo problema que todos os nossos colegas. Claro que poderíamos ganhar amigos em alguns partidos políticos — mas aí seria um interesse egoísta, e seriam dependentes. Por isso, não levamos em consideração o apoio da indústria e do Estado — então eles nos teriam na mão, e estaríamos sujeitos a todo tipo de manipulação. “Não devemos”, sempre dizia o professor Ganz, “confiar em ninguém que não nós próprios. E precisamos de alguém que faça as pessoas nossas colaboradores.” Isto soa bem patético, eu sei. “Philip Gilles”, dizia o professor Ganz, “se o tivéssemos...” Agora o temos. Estou sentada diante dele. E ele voará comigo para Frankfurt e, quando escrever, ajudará Markus Marvin — e a todos nós. Escrevendo, ele sempre tentou ajudar quando as pessoas o chamaram.

— Eu era mais novo, cara senhora Goldstein. Acredite, não dá mais. Perdi qualquer esperança.

— Isto não é verdade!

— Isto é verdade — disse Gilles. — Preciso lhe dar um livro para ler... *O monstro*... Sou um homem idoso que não acredita em

outra coisa que no fim de tudo.

— O senhor então não nos ajudará?

— Não.

— O senhor não irá para Frankfurt?

— Não irei para Frankfurt.

## 6

Um dia depois, por volta do meio-dia do dia 19 de agosto, Philip Gilles entrou no Frankfurter Hof. O *hall* na recepção, ele viu, fora reconstruído, o mesmo com uma ala inteira do hotel. Seu quarto era muito bonito, decorado em preto e branco. Ele havia tomado banho e descido novamente.

O porteiro-chefe da manhã, Günter Bergmann, passou por ele, grande, esbelto, elegante — Gilles o conhecia há certamente 20 anos. Bergmann falou baixo: Estou esperando pelo senhor no grande *hall*, senhor Gilles. Permita-me que o acompanhe.

Gilles já se havia hospedado no Frankfurter Hof, ainda quando ele era uma meia-ruína. Aqui pertence à “família”, pensou ele então. Meus muitos amigos nos muitos hotéis, todos eles conheciam Linda. Sim, estou um pouco em casa, pensou ele, enquanto andava ao lado de Bergmann. Meu amigo Bergmann.

O grande *hall* estava quase vazio. Do lado de fora vibrava ar quente. Aqui estava frio. Bergmann levou Gilles para uma mesa no canto esquerdo, no fundo, falou umas poucas palavras, sorriu, curvou-se vagamente e desapareceu.

Um homem e uma mulher estavam sentados na mesa. O homem, que usava óculos, se levantou.

— Muito obrigado por ter vindo, senhor Gilles! Meu nome é Peter Bolling. O senhor conhece Valerie Roth. Com a doutora Goldstein, nos encontraremos mais tarde. Ela foi ao tribunal.

Gilles cumprimentou a Dra. Roth e se sentou ao mesmo tempo

que Bolling. Miriam Goldstein disse que não havia acaso, ele pensou. Aqui estou. Não queria vir por nada neste mundo. Aqui estou.

Um garçom apareceu, eles pediram chá. Peter Bolling tinha os cabelos pretos cortados bem curtos. Lixívia e ácidos haviam corroído seus dedos amarelados. Em tudo ele era o equivalente de Markus Marvin: tímido, fechado, reservado, falava baixo.

Roth usava um vestido de verão claro. Algo irritava Gilles. Ele olhou para ela.

— Alguma coisa, senhor Gilles?

— Seus olhos.

— O que há com os meus olhos?

— São verdes.

— Sim, por quê?

— Quando a encontrei em Sylt, eles eram castanhos.

— E são.

— Mas a senhora disse agora...

— Lentes de contato — disse Valerie Roth. — Não se lembra? Naquele dia eu havia perdido minhas lentes de contato e esperava novas.

— Me lembro — disse ele. — Mas agora seus olhos são verdes.

— Agora tenho lentes de contato verdes — disse ela. — Também tenho castanhas. E pretas e azuis. Tem-se em várias cores.

O garçom trouxe o chá e serviu.

Bolling pigarreou violentamente. — Então, para ser breve, senhor Gilles: paradiclorobenzol. Produtor principal — produtor, é claro, entre aspas — aqui na Alemanha é a Bayer. — De repente, ele respirou com esforço. — Além disso, há outras quatro firmas na Alemanha Federal. A coisa ataca na coloração de benzol, é altamente venenosa e cancerígena e naturalmente precisaria ser retirada. Mas custaria muito. E, assim, o paradiclorobenzol se tornou um produto comercial e chega às pessoas como artigo de higiene para o combate ao mau cheiro. — Agora ele ofegava violentamente. — A senhora Roth já lhe contou uma porção de coisas no tele... — Bolling se

levantou e disse, procurando respiração: — Desculpe-me! — Então pegou uma garrafinha da bolsa, segurou-a na boca e foi rapidamente em direção ao vestiário e aos sanitários localizados abaixo deste.

— O que ele tem? — perguntou Gilles, assustado.

— Asma — disse Valerie Roth. — Doença de profissão. Por isso é aposentado precocemente, com 46 anos. Pegou isso no laboratório. Fica bom uns dias. Depois volta. São corticóides, o que ele espirra agora na boca.

Perto, duas mulheres de chapéu riam enquanto comiam torta e café.

O garçom passou por eles e disse: — Tudo bem?

Gilles balançou a cabeça afirmativamente.

— Ele está doente? Devo chamar um médico?

— Não é necessário. Muito obrigada — disse Valerie Roth, e sorriu para ele. — Muito gentil de sua parte.

Um caso típico de subconsciente revoltado, pensou Bolling. Ele se sentou, cansado pelo ataque, num banco da entrada do sanitário. Durante cinco minutos vejo esse Gilles e já não tenho mais ar. Uma história vergonhosa. Espero que ele não conte isso a ninguém. Acontecia quando Ganz — de vez em quando — o elogiava. E eu dizia: — Realmente, professor, só mesmo por causa de sua reputação o senhor não pode se dar ao luxo disso.

— De quê? — Ganz perguntou.

— Esse Gilles.

— Por que não? — Goldstein perguntou.

— Tudo o que é de direito — disse eu. — Mas Philip Gilles!

— Não fale besteiras! — disse Markus Marvin.

— Não é besteira — disse eu. — É a verdade.

— Você leu *um* livro dele?

— *Livro?* — eu disse. — Nem uma única linha! E voluntariamente não o farei nunca.

— Mas você sabe exatamente sobre ele, não é? — Marvin perguntou.

— Sim — disse eu. — Afinal, me interesse por literatura, não é verdade? O que nossos críticos escrevem sobre esse Gilles me é suficiente. Me é completamente suficiente!

Isto é vergonhoso, realmente.

Uma grande parte do prédio alto da Gerichtstrasse 2, no qual estavam o juízo da comarca, o tribunal da comarca e o tribunal de relação, estava sendo reconstruído. Havia muito barulho aqui. O funcionário do tribunal, Franz Kulicke, contava ao porteiro do turno uma piada.

— O que tem uma mulher que usa durante décadas *spray* íntimo, Gustav?

— O que ela tem? — perguntou o porteiro, que se chamava Gustav.

— Um buraco de ozônio — disse Kulicke, e riu tanto que se engasgou.

— Pare! — disse Gustav. — É a Goldstein. A graciosa mulher de cabelos brancos usava um vestido de verão verde-claro.

Kulicke saltou da portaria.

— Doutora! Já esperava pela senhora! O senhor procurador Ritt disse que eu deveria levá-la quando a senhora chegasse.

— Eu mesma acho, senhor Kulicke — disse Miriam Goldstein.

— Isto é que não! — Kulicke jantava. — Nunca na vida, doutora. Isto aqui é talvez uma macaquice com a reconstrução! Cada dia pior. Hoje os elevadores não funcionam. Preciso realmente levá-la. Permita-me? — Eles foram por um longo corredor. Kulicke não podia ficar calado nem dez segundos, era seu tique. — A senhora nos conhece há tanto tempo e tão bem, doutora. Não fique zangada se digo algo. — Não era uma pergunta, era uma constatação.

— Naturalmente que não, senhor Kulicke — disse Miriam. Ela



havia esperado por algo parecido quando viu aquele senhor ao entrar.

— Tem certeza de que não vai ficar zangada?

— Certeza que não, senhor Kulicke.

Ele começou: — A senhora vem em razão desse Markus Marvin, eu sei. Não digo nada, absolutamente nada. É sua advogada. Não pode escolher seus clientes. Tudo bem. Tudo em ordem. Mas eu acho: é um louco com sua água suja e seu ar envenenado e tudo o mais! A senhora não pode escolher, já disse. Mas se a senhora quer saber, doutora, já não agüento mais essas lamentações e choradeiras, que destruimos o mundo. Mas não é verdade! Grandes mentiras dos vermelhos e dos verdes. Só querem espalhar medo. A senhora se lembra da confusão de Chernobyl, doutora? Olha, chegou a ser criminoso, o que eles se deram ao luxo de fazer! Pretensamente, tudo irradiado, não se devia comer nada, as crianças não brincarem na areia, correr quando chovesse — toda a porcaria. Uma mentira escabrosa. A senhora conhece as cifras, dadas pelo ministério do interior, tão bem quanto eu, doutora. Normal, completamente normal.

Miriam Goldstein sabia que ele não podia parar de falar. Ela virou para o seu lado em direção a outro corredor.

— Ou o desmatamento! A senhora já viu como as florestas ao longo das auto-estradas estão intactas? Mas, não, velocidade máxima 100, grita a esquerda, e catalisador ainda por cima! O que a nossa indústria automobilística deve fazer com seus carros bons, rápidos? Onde as florestas estão destruídas, se é que estão? Sim, lá, onde não chega nenhum carro. Chuva ácida, dizem. Também uma mentira. Não haverá nunca chuva ácida nas auto-estradas! Os suíços, estes são gente com razão. Não se deixam enlouquecer. Têm um partido do carro. Um partido que se preocupa com os direitos dos motoristas. Acho legal, bem legal. Na Suíça há adesivos. Arrumei um. Colei no vidro de meu carro. Está escrito: MEU CARRO TAMBÉM ANDA SEM FLORESTA! — Ele riu com vontade. — Bom, não é?

— Hum.

— Ou os peixes mortos — continuou Kulicke, funcionário do tribunal, animado. — Perguntei a um professor, ele está aqui por causa... Deus me livre, não devo dizer! Então, ele me explicou, aquilo com os peixes é completamente normal. Também com as focas e os outros animais. Agora subindo a escada, por favor. A natureza, com a sua sabedoria, regula tudo. Havia muitos peixes e focas e outros animais, por isso morreram aqueles em excesso. Um processo, diz o professor, para o qual devemos nos ajoelhar, agradecidos. Nos ajoelhar! Sempre subindo a escada, eu digo, a senhora sozinha nunca iria achar o procurador Ritt! Também aquilo com o clima é pura propaganda. Sempre houve oscilações desde milhões de anos. Absolutamente natural. *Necessário!* O professor diz. Então a bobagem com o buraco de ozônio! A senhora já conhece a piada, o que tem uma mulher — desculpe-me! Acontece por me excitar tanto, quando devo pensar nesses vermelhos e verdes. Não podemos interferir nos métodos regulatórios da natureza de milhões de anos de idade, diz o professor. Agora à direita! Ou com a poluição do ar. Pura demagogia política. Esses criminosos, eles *querem* o caos, *querem* uma indústria arminada, alguns milhões de desempregados a mais. E fim com o comunismo! É verdade! Quer dizer, um professor, tão bem instruído, ele sabe do que fala, não é?

Bolling voltou ao *hall* do hotel. Estava embaraçado, quando se sentou.

— O senhor soube o que há comigo? — Ele olhou rapidamente para Valerie Roth.

— Sim — disse Gilles.

— Outros estão pior. É o seguinte: os desodorantes sanitários, na sua utilização, liberam veneno, que vai para o esgoto e fica no lodo de clarificação. Não extraível. 40% do lodo de clarificação vai como adubo para as plantações e, assim, a cadeia alimentar. O resto

vai para depósitos ou instalações para a queima. Com a queima surge a dioxina. O senhor sabe o que é isso? — Gilles afirmou com a cabeça. — O pior dos venenos. Mas, veja, como produto traz muito dinheiro. Também para a chamada higiene de estábulo.

As mulheres com chapéu ao lado riram de novo. Naquele momento o garçom serviu a elas dois outros pedaços de torta de cereja.

— Os camponeses querem que seus estábulos não cheirem mal. As vacas também não devem ficar no mau-cheiro. Queremos leite de vacas felizes. Quando, num estábulo desses, se joga isso, então na água da limpeza há uma boa quantidade de paradiclorobenzol. Os camponeses ficam felizes, as vacas ficam felizes, e o paradiclorobenzol vai para a água subterrânea e para os nossos alimentos. Isso tudo não é de longe — de longe — a safadeza maior, porém é uma bela safadeza, sobretudo se se pensar quantos outros “produtos” do gênero estão ainda no comércio.

Valerie Roth disse: — E esse Hilmar Hansen produz a coisa, compreende, senhor Gilles? Para as privadas, para os cadáveres e para os estábulos. Em massa! Há muito tempo. Em 1984 houve um pequeno transtorno. O programa de TV *Monitor* fez uma reportagem, na qual foi apontada a periculosidade dos desodorantes sanitários.

Gilles pensava no que fazia uma mulher mudar constantemente a cor de seus olhos.

— Foi um escândalo. As pessoas ficaram com medo da coisa. Hansen e os outros procuraram novas químicas e colaram nos seus produtos um papel: “Este produto não contém paradiclorobenzol.”

— Compreendo — disse Gilles. — E por que Marvin está preso?

— Espere! — Bolling agora falava mais livremente. Este Gilles parece ser boa pessoa. Talvez uma porcaria de escritor apesar de claro. — Espere! Hansen continuou a produzir produtos com paradicloro. Obviamente! Quando uma coisa dessas não é mais possível na Europa, é no Terceiro Mundo.

— Quer dizer que a coisa simplesmente está sendo vendida em

outros lugares?

— Senhor Gilles, olhos azuis, inocência, é muito bonito — disse a Dra. Roth, que estava com olhos verdes. — Mas não exagere! Toda criança realmente sabe que se pode arrancar bilhões e bilhões do faminto, indigente e miserável Terceiro Mundo.

— Bonito — disse ele. — Já quis escrever um romance sobre o Terceiro Mundo. Todas as organizações filantrópicas. Pão para os pobres irmãos *et cetera*.

— Bom que o senhor não fez — disse Bolling. — Agora mesmo um navio alemão de ajuda ao desenvolvimento foi novamente preso na costa da Somália. Cheio de armas. O senhor certamente leu. Rituais e costumes bem antigos. Divisa: navio com arroz. Debaixo do arroz, metralhadoras.

— Sim, sim, sim — disse Gilles. — Uma grande safadeza. Poderia talvez finalmente saber por que Marvin está preso?

— É assim em todo canto — disse Valerie Roth, coberta de indignação. — Por exemplo, os Estados Unidos! Lá foi promulgada uma lei, segundo a qual os *sprays* são proibidos. Todos os tipos de *spray*. Ótimo, não é? Em se comparando com a sujeira aqui. Nem tão ótimo. Pois os gringos naturalmente continuam a produzir todos os tipos de *spray*. E exportam para países nos quais eles não foram proibidos.

— Já que começamos a lhe explicar sobre o principal, senhor Gilles — disse Bolling —, o senhor pode tomar como ponto de partida que vivemos num mundo que está sendo destruído por imbecis e criminosos. Os imbecis formam um grupo muito menor. Falando no geral: ninguém é só um pouquinho melhor do que deve ser. É bom que o senhor marque isto como a “Lei de Bolling nº 1.” Eu e Valerie sempre denunciemos e abrimos processos contra esse cara Hansen, os últimos com o apoio de Markus. Perdemos todos.

— Por isso precisamos do senhor — disse Roth. — É como nos Dez Mandamentos.

— Como?

— Sim — disse ela. — Eles nunca funcionaram. Não *podiam* funcionar. Moisés fracassou totalmente. Os Dez Mandamentos deveriam ter sido propagandeados de maneira completamente diferente. — Ela riu.

— Aqui existe um argumento de homicídio — Bolling disse.

— Um o quê?

— Argumento de homicídio. Com a ajuda dele pode-se fazer simplesmente tudo, e nada pode ser proibido ou restringido. Este argumento de homicídio reza: perdem-se empregos. A paz, por exemplo, prejudica os postos de trabalho. Então, fornecemos submarinos para o regime racista da África do Sul. Caças Tornado para a vizinha de Israel, Jordânia. Instalações nucleares para o Paquistão. Precisamos, senão...

— ...perdem-se os empregos — disse Gilles. — Está claro. Entendo perfeitamente. Uma lógica impressionante. Se vocês tivessem finalmente a amabilidade de me dizer por que Marvin está preso...

— Se relaciona a tudo isto! — Valerie Roth gritou. — Deixe-nos contar de nossa maneira, senhor Gilles! Para que o senhor entenda melhor o que Markus fez.

— Por favor. Como a senhora achar mais certo. Dra. Roth.

— Também precisamos continuar a fornecer, por quantias mirabolantes, pedras de carvão e produzir energia em quantidade mirabolante e empestar o ar com dióxido de carbono. Fechar minas? De jeito nenhum! Perdem-se empregos! Não podemos desativar nenhuma UEN ou só pensar em parar com a energia nuclear. Perder-se-iam empregos! — disse Valerie Roth. — Fora com os estrangeiros! Tiram os postos de trabalho dos alemães. Empregos alemães só para alemães! Nenhum estrangeiro mais! Leis brutais? Abaixo com o mais artificial de todos os vícios humanos: a caridade! Ela custa empregos.

— Um sonega impostos — disse Bolling. — Bilhões! Se não sonegasse sua obra teria ido à falência, diz ele. Muitos empregos

estariam perdidos. A canção do bravo homem soa bonito.

— Empregos — disse Valerie Roth —, precisa-se assegurá-los. E quando se apronta tanta desgraça com os trabalhadores nesses postos. Quando se dá a este mundo o resto — está tudo muito certo! Tudo em ordem! Temos dois milhões e 250 mil desempregados. Nunca acabaremos com eles, serão sempre mais, dizem os especialistas. Ridículo! Também solucionamos esse problema. Destruímos o mundo de tal maneira, que os homens morrem como moscas por causa do ar envenenado, da água envenenada, da comida envenenada.

— E graças a esse método genial há sempre menos desempregados e sempre mais empregos. Por último, não haverá mais desempregados — disse Bolling — e muitas vagas de emprego. Ainda haverá aquele que chegará a tal conclusão!

— O maior criminoso ecológico não é criminoso, se ele arruma empregos — disse Valerie Roth, e suas lentes de contato verdes cintilaram.

— Por isso aquele que desvende um crime desses precisa ser eliminado — *ele*, não o criminoso, disse Bolling.

— Este mundo — continuou ele, doutrinário —, este mundo podia ser diferente. Há muito tempo que deveríamos ter passado para formas alternativas de energia. Para a energia solar, por exemplo. É possível? Pois não é! São “sistemas imaturos”. Empregos em perigo. Isto não interessa de jeito nenhum.

— Energia solar? — Gilles perguntou.

— Sim! — disse a Dra. Roth. — A única forma de energia no futuro — se ele existir. Mas com o argumento dos empregos tudo vai por água abaixo. Por isso Hansen também pôde exportar sua coisa para o Terceiro Mundo. Imagine, ele teria de fechar tudo! Os empregos, senhor Gilles! Um emprego conservado é mil vezes mais importante que um trabalhador saudável, mais importante que o choque climático, mais importante que o fim do mundo. Por isso é que nós naturalmente perderemos nosso último processo contra

Hansen. Markus estava simplesmente desesperado.

— Agora ainda por esta escada, doutora, então estaremos lá — disse o funcionário Franz Kulicke, a quem um professor presidiário, um homem muito instruído, havia explicado que essa grande macaquice em torno de choque climático e poluição ambiental e aumento de temperatura pertenciam ao repertório dos arruaceiros verdes e vermelhos, que queriam arruinar a indústria, a economia, o Estado, simplesmente tudo. — Algo mudou aqui, não é? Cresceu tanto, que rebentou. Há dez anos! — Kulicke riu. — Meu Deus! E hoje! Esse louco, o seu Markus Marvin — a senhora não está realmente zangada? —, ele está preso lá em Frankfurt-Preungesheim. Um presídio gigantesco, realmente! A senhora não conhece, não é? Pensei mesmo. Um para homens, um para mulheres. A mesma entrada — Homburger Strasse 112. Talvez duas caixas! Lá, onde hoje estão as mulheres, já foi da Gestapo. E se eles bombardeiam tudo, as prisões ficam em pé neste país. Os juizes e os procuradores, a maioria, pelo menos, nunca estiveram em Preungesheim. Engraçado, não é? Agora lá são realizadas verdadeiras visitas para todos. Para que vejam como é que é numa prisão. Senão... se se deve falar com um presidiário, aí temos serviço de ida e volta. Empregadas imaturas. Numa destas um como Marvin é enfiado, na maioria das vezes com outras pessoas, e a empregada o traz aqui até o procurador, e quando termina, a empregada o leva, com o resto da turma, de volta a Preungesheim. Os presidiários gostam. Vêm sempre novamente para fora do lugar até a cidade. Pra variar, não é? Não ganham dinheiro, os bandidos! Mas vivemos numa democracia, não é? Bela democracia! Já faz tempo que é necessário que venha um e ponha ordem nisto aqui!

— Marvin bateu em Hansen, deixando-o a ponto de ir para o

hospital? — Gilles perguntou.

— Mais ou menos — disse Roth.

— O que significa mais ou menos?

— Mais ou menos quatro, cinco semanas internado.

— Parabéns — disse Gilles. — E naturalmente se deve pensar que ele estava muito desesperado. E onde ele fez o serviço?

— Na casa de Hansen — disse Bolling. — Nunca lhe permitiriam entrar na fábrica. A moça que lhe abriu a porta não sabia de nada. Então, Markus entrou, ouviu vozes e na sala de estar ele encontrou Hansen e dois empregados de maior escalão. Eles tinham uma reunião. Hansen queria botar Markus para fora imediatamente, mas não pôde. Nem os três juntos. Ele é muito forte, nosso Markus.

— Tinha três contra ele — disse Roth. — Se livrou dos dois empregados e espancou esse Hansen. Foram trocadas palavras desagradáveis. E assim se chegou à acusação de tentativa de ferimentos corporais seguidos de morte.

— Como assim?

— Bem, Markus gritou: “Eu lhe mato!”

— E ele não queria bem isso — disse Bolling.

— Tem certeza?

— Senhor Gilles! — Valerie Roth balançou a cabeça. — O senhor conhece Markus. Ele é facilmente irritável e extremamente sensível.

— Oh, sim — disse Gilles.

Sério, Bolling disse: — Um idealista sensível. Não deixaria sua existência constantemente em jogo se ele fosse outro. Veja, senhor Gilles, isto é o que quer a doutora Goldstein agora lá no procurador. Markus já teve tantos reveses como documentarista e na inspeção, viu tanta baixeza, tanta destruição da natureza e do homem e do animal causadas pela avidez, que ele simplesmente não pode mais se comportar como é de praxe na corte inglesa. Onde a violência impera, só a violência ajuda, isto ele reconheceu.



— Brecht já reconheceu — disse Gilles.

— Por favor! — Roth disse. — Um poeta tão grande! Markus atacou Hansen por motivos objetivos e honrosos. Hansen é um dos muitos empresários, dos quais nenhum procurador não mexe nem num fio de cabelo. Por isso não é menos reprovável o que ele faz. Mais reprovável é a posição do procurador ou daquelas instâncias, as quais dão orientação ao procurador para não fazer nada.

— Que Hansen caiu no chão, é claro que foi azar — disse Bolling. — Daí surgiu a maioria de seus ferimentos.

— Que tipos de ferimentos foram esses? — Gilles perguntou.

— Bem — disse Bolling —, três costelas quebradas, dois dentes, um hematoma no olho esquerdo, uma fratura na clavícula, uma distensão no tendão, muitas efusões de sangue.

— Impressionante — disse Gilles. — O senhor Hansen teve mesmo muito azar.

Miriam Goldstein já estava meio ofegante, quando Kulicke finalmente parou diante de uma porta e disse: — Aqui estamos, doutora! — Na porta ela viu uma pequena placa, onde estava escrito: ELMAR RITT — PROCURADOR.

Kulicke bateu na porta, e eles entraram numa sala de espera. A porta para o escritório do procurador estava encostada. Ouvia-se uma voz de homem. Certamente Ritt falava ao telefone, naquele momento.

Kulicke entrou e anunciou a chegada da doutora Goldstein.

— Dois minutos — diz a voz. — Peça que ela se sente.

— Dois minutos — disse Kulicke, virando-se para Miriam. — Sente-se...

— Já ouvi — disse Miriam, e se sentou.

— Sim, então tchau, doutora! — Kulicke disse, desaparecendo. A porta se fechou atrás dele. Miriam estava sentada numa poltrona forrada de napa e ouviu a voz furiosa ao lado...

— ...“Teste Ariano” se chama a coisa, senhor procurador-geral... Isto mesmo, “Teste Ariano!” Estamos encaminhando um processo de averiguação por incitamento popular. Infelizmente, até agora, contra “desconhecido”. Também já obtivemos uma resolução de embargo para o *software* desse — recuso-me a dizer: jogo... Sim, parece que aí em Munique acontece a mesma coisa que aqui em Frankfurt... Como?... O que nós embargamos foram 864 disquetes para PCs comercializados clandestinamente. Os mais simples aparelhos, que qualquer criança pode manejar. No “Teste Ariano” há uma contagem de pontos que surge quando se responde a 20 perguntas — como lugar de nascimento, cor dos cabelos e dos olhos, se se vota NSDAP, Partido Popular Judeu ou Verdes. — A voz do procurador estava cada vez mais alta. — Para os “judeus” descobertos dessa maneira, esse jogo nojento prevê a “eliminação no campo de concentração”, para certos “mestiços de primeiro e segundo grau”, o envio para a frente oriental. Se se alcançar o “ariano total”, aparece no monitor do computador este texto: “Vitória, salve! O Estado precisa de homens como você!”

Acredito na bondade dos homens, pensou Miriam Goldstein. De repente, ela estava desesperada. Você nunca deve ficar desesperada, disse a si mesma. Você nunca deve perder sua crença. Nunca.

Enquanto isso, a voz ao lado continuava a falar: — A comissão examinadora em Bonn colocou esse “Teste Ariano”<sup>4</sup> na “lista negra” como prejudicial à juventude... Não, a posse do disquete não está sujeita à multa, aí o senhor tem razão, senhor procurador-geral. Apenas a produção e distribuição. E esta corre clandestina. Ainda não temos nenhuma pista. Um único pai preocupado enviou-nos um disquete desses... anonimamente... Os 864 nós achamos num depósito. Ninguém quer ou pode nos dar informações... Ninguém sabe a quantidade total dos “Testes Arianos” na Alemanha. Publicamos um apelo: quem souber alguma coisa sobre os divulgadores, que se dirija a nós... Também aí, bom! Anoto, senhor

procurador-geral... Sim, para a imprensa aqui... Solicita-se entrar em contato na Baviera, com a procuradoria em Munique I na Nymphenburgerstrasse, telefone 52041... Claro, senhor procurador-geral, eu providencio isto imediatamente...

Miriam ouviu quando uma poltrona foi empurrada para trás. Passos se aproximaram. Na porta do escritório apareceu um homem jovem e esbelto. Tinha uma cara boa, aberta. A pele estava fortemente avermelhada. O condicionador de ar funcionava, mas ao procurador Ritt parecia fazer calor. Ele usava uma calça de linho e uma camisa esportiva vermelha, mangas curtas.

— Senhora advogada...

Miriam se levantou.

— A senhora ouviu tudo?

— Sim.

— Isto não é uma infâmia?

— Com certeza.

— Uma infâmia terrível — disse Ritt. Ele estava muito nervoso.

Miriam perdeu o controle: — O senhor ainda se espanta com isso?

Ele a olhou: — Como?

— Nada — disse ela. — É infame. O senhor tem razão. — Aqui está um homem decente, pensou ela. Você não deve desencorajá-lo. Você não deve desencorajar ninguém. Nunca. E você mesma nunca deve perder a coragem. Se você fizer isso, está perdida. Este homem está morto de raiva, pensou ela. A bondade nos homens? Sim, sim, sim, pensou ela, e cerrou as duas pequenas mãos. A bondade nos homens!

— Por favor, entre, minha senhora! — disse o procurador Ritt. Ela o seguiu num pequeno escritório que tinha apenas uma janela. Enquanto ele se sentava numa escrivaninha apinhada de documentos, perguntou — e o tempo todo, lá perto, ribombavam as britadeiras: — Em que país vivemos nós? — Ele bateu na escrivaninha e xingou brutalmente. — Desculpe-me, senhora

advogada — disse ele, depois, e parecia infeliz. — Quando telefonei ao Frankfurter Hof, a senhora já havia saído.

— Fiz o caminho a pé — disse ela. — Por que telefonou?

— Para lhe economizar o caminho.

— Não compreendo. Nós queríamos falar sobre Markus Marvin.

— Já se resolveu.

— Como?

— Já se resolveu — disse Elmar Ritt. — O senhor Hansen mandou dizer do hospital, através de seus advogados, que ele nada tem contra o senhor Marvin e que não se sente prejudicado. A frase “Eu lhe mato”, o senhor Marvin não teria dito. No mesmo sentido os dois colaboradores do senhor Hansen também se expressaram.

Miriam olhou para o procurador.

— E os dentes partidos, a fratura da clavícula, a distensão, as costelas quebradas, efusões de sangue — tudo isto esse Hansen simplesmente esqueceu?

— Tudo isto esse Hansen simplesmente esqueceu.

— E as quatro, cinco semanas de hospital também.

— E as quatro, cinco semanas de hospital também — disse Ritt. — É claro que algo está por trás disso! — ele gritou, repentinamente. — Desculpe-me, senhora advogada!

— O senhor está com os nervos abalados — disse Miriam.

— E a senhora, não?

— Ah, Deus — disse Miriam. — Sou muito mais velha que o senhor. Tenho o tempo da revolta atrás de mim.

— Não acredito — disse ele.

— O senhor naturalmente teria julgado o ataque de meu mandante como justo.

— Naturalmente — disse ele. — Mesmo quando não há acusador, claro. Mas aquilo com a tentativa de ferimentos corporais seguida de morte podemos esquecer. Haverá uma multa em dinheiro. — O telefone tocou. Ritt tirou do gancho e falou.

Na mesma hora se levantou.

— Quando? — ele perguntou, com a voz completamente mudada. Ele escutou, então. — Polícia criminal, avisada? — Novamente um intervalo. — Também não sei como isso foi possível! — ele começou a gritar novamente. — Claro, estou indo imediatamente! Imediatamente! — Ele pôs o telefone no gancho e tirou a jaqueta do cabide.

— O que há? — perguntou a Dra. Miriam Goldstein.

— Markus Marvin está morto — disse Elmar Ritt. — Veneno na comida.

## 7

E aconteceu naqueles dias...

A primeira catástrofe ecológica na Antártida: No estreito de Bismarck, próximo da ponta norte da Antártida, afundou o navio argentino *Bahia Paraíso*, carregado com 900 mil litros de óleo diesel. Nos dias seguintes, começou uma morte em massa de várias raças de filhotes de passarinhos, porque os pais não podiam achar comida na água contaminada de óleo. Também os locais de ninhadas de pingüins foram invadidos pelo tapete de óleo, condenando dezenas de milhares de animais a morrer. Os cientistas prevêem que o mundo vegetal e o animal na região precisarão, por causa do frio intenso, de pelo menos — e se for o caso — cem anos para se recuperar.

Em conseqüência da alta poluição do ar, a cidade de Genebra decretou, por enquanto, uma semana de proibição parcial para os motoristas. Carros sem catalisador tiveram de se revezar de acordo com os números pares e ímpares da placa, ficando um desses na

garagem um dia inteiro.

O jornal soviético *Sozialistischeskaia Industria* avisou que o ar e a água potável de Moscou estariam “cronicamente” sujas. A concentração de dióxido de nitrogênio era, na capital da URSS, 30% mais alta do que as normas permitidas, a quantidade de monóxido de carbono ultrapassaria as “normas de segurança” em seu dobro. A água de Moscou, segundo estes dados, não poderia mais ser bebida.

Há mais de um ano só se mediu alguns milímetros de chuva em Milão. A névoa envolve a cidade de um milhão e 750 mil habitantes. Em consequência disso, uma inversão das condições atmosféricas sem corrente de ar forma uma densa nuvem de poeira sobre a cidade. Dois terços das pessoas usam máscaras protetoras, policiais se recusam a arejar seus filtros bucais para dar informação. Nas salas de aula, por causa das máscaras, predomina somente um murmurinho incompreensível. Nas paredes das casas colam-se cartazes com o apelo de fechar as calefações. Rádio e TV dão informações para a preservação da saúde. Na periferia, policiais impedem a entrada de carros sem a placa milanese.

A TV mostrou moradores da cidade:

— Não consigo me desfazer — disse o porteiro no Hotel dei Fiori na auto-estrada das Flores em direção à Riviera — já há meio ano de minha gralhada.

O proprietário do quiosque atrás do Scala: — Sinto-me todos os dias muito mal. Como posso saber se hoje há especialmente muita sujeira no ar?

Vendedores de *souvenirs* na zona de pedestres na catedral mostram feridas abertas e pústulas na pele. Um com eczemas: — A sujeira vem de cima para baixo e também se arrasta ao longo das ruas interditadas — e a maior parte vem de qualquer jeito das

chaminés das fábricas.

Alguém gritava de raiva ou de medo?

Que nada.

A radioatividade nos arredores da fábrica de plutônio Windscale — hoje, por motivos propagandísticos, rebatizada como Instalação de Reprocessamento Sellafield — no noroeste da Inglaterra ultrapassa as normas de segurança em seu quintuplo. Esta acusação foi feita pela organização ecológica Amigos da Terra em razão do problema do solo nas proximidades do rio Esk. Disto surgiu uma grande quantidade de cézio, amerício 241 e uma considerável irradiação de raios-gama.

Nenhuma medida por parte das autoridades.

Dois anos e meio depois da catástrofe do reator de Chernobyl, dobrou o número de doenças do câncer nas regiões próximas à usina nuclear naquele tempo não evacuadas — anunciou a agência de notícias soviética TASS. A irradiação ainda está muito maior do que o permitido. Um aumento alarmante de abortos e malformações é observado em crianças e animais domésticos.

Texto original do noticiário principal, *Zeit im Bild*, da TV austríaca. Voz do locutor: “Também as autoridades tchecas admitem pela primeira vez abertamente uma catástrofe ecológica. Até agora, a água contaminada e a extinção de florestas não eram temas. Agora há informações e exames sobre o estado da flora e da fauna na Serra dos Gigantes, e eles são assustadores. Já se fala em ‘florestas mortas’.”

O ministro do meio ambiente alemão-federal, Klaus Töpfer, doou ao “polichinelo de Colônia”, Werber Bach, chefe do teatro de bonecos de Höhenhaus, 200 marcos por apresentação (de 200 apresentações por ano), porque Bach se engaja, em escolas e jardins de infância, em supermercados e associações, por um meio ambiente limpo. Por ora Bach, há 30 anos no ramo, está em turnê com uma peça de 60 minutos, *O engraçado cesto de lixo*. Excerto:

“Restos, papel e sujeira  
não jogamos em qualquer canto,  
não jogamos na rua,  
isso não nos diverte.  
Ao cesto com o lixo,  
então você é bom de ecologia!”

## 8

A sirene do carro da patrulha apitava.

Ele corria pela Eschenheimer Anlage em direção leste, então à esquerda um bom pedaço da Friedberger Landstrasse para o norte, passando pelo interminável cemitério central, à esquerda na Giessener Strasse e finalmente a paralela a ela, ao longo da Homburger Landstrasse. Já era o bairro Preungesheim, ali já estavam os enormes prédios do presídio, à esquerda a seção de homens; à direita, a das mulheres.

A grande porta de entrada estava aberta. O carro da patrulha entrou no pátio central e parou. A sirene morreu. O procurador Elmar Ritt saltou. Ele agora usava uma jaqueta branca por cima da camisa pólo vermelha.

Cinco outros carros de patrulha estavam no pátio, ao lado deles cerca de duas dúzias de policiais. Alguns tinham metralhadoras. Também um carro funerário e um carro aparelhado



do serviço de reconhecimento estacionaram lá. As portas de entrada já haviam se fechado sem ruídos. Um rapaz veio do prédio grande. Ele trazia cuidadosamente dois sacos plásticos, cujo conteúdo Ritt não pôde reconhecer, e foi para o carro do serviço de reconhecimento.

— Bom dia, senhor Ritt.

— Bom dia. Quem é o chefe da polícia criminal?

— O comissário Robert Dornhelm. Seu amigo, não é?

— Sim. Onde o encontro?

— No escritório do diretor. Borboleta.

— O quê?

— Ali dança uma borboleta. — O rapaz sorriu pensativo. Ritt correu pelo portão do presídio.

Em 1932 havia seis milhões de desempregados, e por isso Hitler (“Darei a vocês trabalho e pão!”) teve tanto êxito. Ele provavelmente não teria chegado ao poder, se social-democratas, comunistas e liberais tivessem lutado juntos contra ele. Mas os partidos de esquerda, tragicamente, estavam muito divididos. Diariamente havia no país lutas de rua. Vitoriosos eram quase sempre os nazistas, e havia muitos mortos e feridos.

Entre os seis milhões sem trabalho estava Paul Dornhelm, mecânico de precisão em Frankfurt. Ele tinha mulher e um filho de dois anos, Robert, e a situação era péssima para a família. Muitas vezes não havia o bastante para comer. Quase sempre a luz elétrica, o gás e a calefação não podiam ser pagos e freqüentemente eram cortados. O pai de Robert estava muito desesperado.

Na noite de 9 de maio de 1932 ele se foi. Não disse aonde ia, e nunca mais voltou. A mãe foi ao posto policial mais próximo e o declarou desaparecido, e o pai foi procurado durante muito tempo — em vão.

Nunca pôde ser esclarecido se Paul Dornhelm havia perdido a

vida em meio a uma batalha de rua e se perdera, ou se, o que naquele tempo sempre acontecia, havia abandonado a família, perplexa e desalentada, como um daqueles homens que “iam ali na esquina comprar cigarros”.

O pai do homem que era, a partir de 1980, chefe da polícia criminal em Frankfurt am Main I, havia decidido, em 1929, entrar no Partido Comunista. Naquela noite de 9 de maio de 1932 houve na cidade de Frankfurt nove graves confrontos entre comunistas e nazistas. Paul Dornhelm, então, pode muito bem ter sido uma das muitas vítimas. A mãe, que agora se segurava na vida com seu pequeno filho com trabalho dos mais pesados e mal pagos, nunca teve condições de aceitar que o seu marido não existia mais. Quando ela rezava com Robert durante o jantar, pediam juntos ao bom Deus que protegesse também o pai.

— Onde está papai? — Robert perguntava freqüentemente.

E a mãe sempre respondia: — Você sabe, estive na polícia, a polícia o procura, meu coração.

Aos cinco anos Robert Dornhelm decidiu ser policial para achar seu pai e, se tivesse acontecido alguma coisa com ele, responsabilizar aqueles que tinham culpa.

No momento em que o procurador Ritt se encontrava em Preungesheim, Miriam estava novamente no salão de seu apartamento na parte nova do Frankfurter Hof. O procurador lhe havia dito que ele telefonaria.

Miriam quase não se sentava, andava pra lá e pra cá, deitava-se na cama, se levantava e se sentava numa poltrona branca, ao lado da qual havia uma mesinha preta com muitos jornais. Eles já haviam sido entregues de manhã, mas Miriam ainda não os havia folheado. Agora ela tentava ler, mas também não conseguia, estava muito chocada com a morte de Marvin. Assim, ela só passava as páginas dos jornais, e de repente viu um anúncio de página inteira.

Dois terços da parte de cima da folha mostravam bem grande a Terra com a Europa, África, partes da Rússia ocidental, o leste dos Estados Unidos e toda a América do Sul. Em volta da Terra, lembrando um pneu, um anel largo, no qual estava escrito: AGENTE PROPULSOR SEM HCFC. No outro terço da página podia ser lido primeiramente em duas linhas da largura da página: SUCESSO DO MINISTRO DO MEIO AMBIENTE TÖPFER: *SPRAYS* SEM HCFC! Embaixo havia em duas colunas o seguinte texto: Mais rápido do que o previsto no protocolo internacional de ozônio de Montreal reagiram os produtores alemães de *sprays*. Porque o HCFC está sob a urgente suspeita de prejudicar a camada de ozônio, começou — já em 1987 — a tirar completamente HCFC de laquês e desodorantes. Há um ano as firmas (aqui seguiam os nomes das sete conhecidas empresas que produziam cosméticos) fornecem ao mercado apenas produtos livres de HCFC. Um sinal respectivo fará reconhecer esses produtos. Cidadãos de consciência ecológica, assim esperamos, aceitarão esta possibilidade. Sobretudo porque *sprays* continuam sendo a melhor forma de utilização: — Entre as colunas havia um pequeno *spray* e ao lado dele o “sinal respectivo”, novamente a Terra pequena com o *slogan* agente-propulsor-sem-HCFC sobre o anel largo.

Miriam Goldstein observou durante muito tempo o anúncio gigante. Primeiro, puxa-saquismo com o ministro do meio ambiente. Então: “Mais rápido do que o previsto... no protocolo internacional de ozônio...” E: “Há um ano...” E aí se gabavam as sete firmas. Por que não se gabaram há um ano? Por último queriam conquistar as graças do comprador: “Cidadãos de consciência ecológica, esperamos...” Medo pelo negócio? Muito estranho.

Miriam folheou outros jornais que estavam sobre a mesinha, em todos achou o mesmo anúncio de página inteira. Ela pensou na carta-aberta que Bolling havia escrito para a *Stern* e na qual ele se dirigia aos caros colegas da Hoechst e da Kali-Química com o pedido urgente de protestarem contra a produção atual e secreta de hidroclorofluorcarbono. Na carta de Bolling, porém, não se falou de

laquês e desodorantes em *spray*. Ele advertira os “caros colegas”, que eles ainda poderiam salvar sua pele, a de seus filhos e netos, porém, não mais. O que eles iriam contar para os seus filhos quando morresse a vegetação, ele perguntava, e quando, por causa dos raios ultravioleta, os mares não produzissem mais oxigênio. “Trata-se da sobrevivência da humanidade”, havia sido o seu apelo.

O que significavam aqueles anúncios, nos quais se informava com grande entusiasmo que sete firmas haviam tirado o hidroclorofluorcarbono de laquês e desodorantes? Por que aquilo era um sucesso do ministro do meio ambiente? A Kali-Química e a Hoechst, por exemplo, não estavam incluídas entre as sete firmas.

Miriam continuou a folhear. Por fim, ela achou no *Süddeutschen Zeitung*, na página de comentários, uma coluna com o título: TÖPFER ULTRAPASSADO PELOS AMIGOS DA SUJEIRA.

“Muito tarde e muito pouco, esta é a tragédia da política do meio ambiente. A indústria, como foi anunciado orgulhosamente em anúncios gigantes, tirou finalmente quase todo o hidroclorofluorcarbono de seus produtos em *spray*. Só que ficam as utilizações mais importantes, como o material de refrigeração e gás propulsor para plásticos. E as químicas de substituição esquentam da mesma forma a atmosfera da Terra...”

E quantos *sprays* dos antigos vão agora para o Terceiro Mundo? pensou Miriam.

“O ministro do meio ambiente, Töpfer, tem como meta utilizar, até 1995, um total entre 90 e 95% menos hidroclorofluorcarbono...”

Quer dizer, novamente um prazo de muitos anos ao invés da proibição imediata, pensou Miriam.

“Para avisos, este governo federal é sempre bom. Mas, ao contrário de seus prognósticos repetidos há anos, a poluição do ar com azoto na Alemanha, por exemplo, não somente não baixou, mas ficou muito pior. Causa principal: a velocidade de sempre, mais caminhões e carros sem o catalisador segundo a norma... O esperado mercado europeu do livre trânsito para os caminhões de todos os

países através da Alemanha Federal será uma catástrofe não mais calculável para o meio ambiente, se isto não for imediatamente revisto politicamente...”<sup>5</sup>

Miriam Goldstein estava quieta na poltrona branca perto da janela e observava as muitas torres iluminadas dos bancos na cidade. Ela pensava em quem tinha motivo para tirar a vida de Markus Marvin, e ela pensou numa porção de gente, ah sim, uma porção...

O comissário Robert Dornhelm, a quem o diretor do presídio Frankfurt-Preungesheim havia posto, em nome da velha amizade, o seu escritório à disposição, era um homem grande e pesado com lábios constantemente violeta. Ao contrário de todas as suspeitas, o homem de 58 anos tinha um coração completamente saudável. A sala, na qual estava, era decorada como sala de trabalho de um advogado bem-sucedido, mas grades pesadas na janela impediam a vista. Na escrivaninha havia um fino vaso de cristal com uma rosa vermelha.

Apesar do calor na sala — aqui não havia condicionador de ar — o maciço comissário vestia um paletó cinza-escuro com colete e, sobre a camisa listrada de verde e branco, uma gravata verde-escura, na qual estava enfiado um brasão de fantasia pequeno e dourado. Ele estava limpando suas unhas, quando a porta se abriu e Elmar Ritt irrompeu.

— Que safadeza é essa aqui, Robert? — gritou o jovial procurador, sem fôlego. A máfia já assumiu este negócio?

O homem de lábios violeta apenas mexeu impassível os ombros, enquanto Ritt continuava furioso: — Esse Marvin, ele estava junto com o Engelbrecht numa cela, não é, com esse contrabandista de armas. O contrabandista de armas recebe, naturalmente, seu fino rango de um hotel. Seu procurador permitiu. Porque ele é um filantropo, esse contrabandista de armas, ele não podia ver como o

pobre Marvin engolia a porcaria do presídio, não é verdade? Por isso o convidou. Marvin aceitou, alegre. Eu também teria aceito, concordaria da mesma forma. Então, os dois receberam facilidades extras. E o diretor disse no telefone que o veneno estava na comida.

— Sim, mas... — começou Dornhelm, calmamente.

— Então! — Ritt falava com cada vez mais raiva, cada vez mais rápido. Estava quente. O suor corria pelo seu rosto. — Por que o filantropo Engelbrecht também não está morto e envenenado?

— Mas está. Mortinho.

— Justiça de Deus... Mas, preste atenção: vinha sempre num carro, do hotel, o fino rango, não é isto? Embalagens térmicas, não é isto?

— Rapazinho... — Dornhelm novamente mexeu os ombros impassível e se calou. O fato de ter podido se dominar muito tempo e não ter perdido a paciência é, segundo muitos, a explicação de seu grande êxito na profissão.

— O homem que as traz entrega as embalagens na entrada e as leva de volta no dia seguinte, quando fornece as próximas, não é isso?

— Elmar! — Dornhelm gritou de repente. Também a sua capacidade de súbita mudança de ânimo era admirada por muitos.

— Não grite! — Ritt gritou. — Negócio safado este, miserável! O homem nunca chega no prédio! As embalagens são recebidas por um funcionário, então um zelador as leva com um colega ou um preso até a cela de Engelbrecht e Marvin. Todos devem comer na cela. As refeições são controladas muito levianamente. Você pode procurar no prédio o assassino de Marvin até o ano 3000! Eu lhe digo: ele nunca estará aqui.

Dornhelm começou a gritar: — Cale a boca finalmente, cara! O seu Marvin não foi envenenado de jeito nenhum! Está vivíssimo!

— *O quê?*

— Ele vive, o seu Marvin. Nada aconteceu a ele.

O telefone tocou no salão de hotel de Miriam Goldstein. Ela tirou do gancho e falou.

— Oh, *Maître* Goldstein — disse uma voz de mulher — isso é maravilhoso! — A pessoa falava francês.

— O que é maravilhoso? — Miriam perguntou, também em francês.

Um avião passou sobre o prédio. Ela olhou pela janela e viu um jumbo da Air France sobre as duas torres gigantes do Deutsche Bank. O piloto inclinou o avião para o azul brilhante do céu. Por pouco tempo o gemido das turbinas foi muito alto.

— Hein? — gritou a jovem voz feminina. — *Maître* Goldstein!

— Sim. Um avião. O que é maravilhoso?

— Que eu a ache tão rapidamente. O *Monsieur* Vitran disse que a senhora estaria em Frankfurt hoje. O Frankfurter Hof foi o primeiro hotel a que telefonei. E tive sorte. Posso passar para o *Monsieur* Vitran?

— Sim, Isabelle.

— *Ne quittez pas!* — Isabelle disse.

Isto todos dizem, sempre, pensou Miriam.

Uma voz de homem falou: — Aqui quem fala é Gerard Vitran.  
Boa tarde, Miriam!

— Boa tarde, Gerard!

— Você já foi ao tribunal?

— Sim.

— E pôde fazer algo por Markus?

— Gerard, nosso amigo Markus está morto.

Ele gritou, chocado: — Não!

— Sim — disse Miriam.

— *Mais, pour la grâce de Dieu*, por quê? Como aconteceu isso?

— Foi envenenado.

— Mas ele está na prisão!

— Ele foi envenenado no presídio.

Ela ouviu quando ele pronunciou suas últimas palavras e, depois, duas vozes de mulheres começaram a falar nervosas.

Então ele voltou: — Escute, Miriam, isto... isto... é chocante. Por quê? Por que o mataram?

— Não tenho idéia — disse ela. — Estava justamente agora com o procurador, ele se chama Ritt, quando telefonaram. Ritt ficou muito chocado, disse apenas que Marvin estava morto, envenenado, e foi imediatamente para a prisão. Fica na periferia de Frankfurt. Ritt disse que eu deveria esperar por outras notícias suas.

— Terrível. Absolutamente inacreditável. Chegamos a esse ponto?

— Como você vê...

— Iremos com o próximo avião, Miriam! Por favor, fique no hotel ou deixe um recado se for sair! Não sei quando parte o próximo avião. Em todo caso, estaremos em Frankfurt em algumas horas.

— O que significa isso, Marvin está vivo? — perguntou Elmar Ritt. Na sua perplexidade, falava normalmente de novo. — No telefone...

— Sim! — O maciço comissário com os lábios violeta balançou a cabeça. — O idiota de um segurança, em pânico, só disse o bloco, o andar e o número da cela, quando avisou do caso. E nessa cela estavam Marvin e Engelbrecht, pôde constatar o diretor no seu escritório, ao dar uma olhada no plano das celas. Então ele telefonou ao procurador de Engelbrecht e a você, a fim de avisar a vocês a alegre notícia de que seus clientes estavam mortos. Desculpa, se eles lhe informaram errado, rapazinho. — A voz de Dornhelm estava novamente doce e baixa.

— Sinto muito ter gritado aqui. Uma grande merda hoje. Hansen retira a denúncia. Declara que não se sente prejudicado. Duas testemunhas mentem. Tudo isto fede muito. Então se telefona de Munique. Por causa de uma safadeza de nazistas.



— Horrível, como você transpira. Olhe-me. Eu suor? A menor sombra de suor. Você não pode ficar nervoso com tudo, rapazinho!

— Pare, cara! Por que é que você está sentado aí? Não tem nada pra fazer?

— Não.

— Como, não?

— Tenho meu pessoal. Pessoal de primeira classe. Faz tudo certo. Só precisa saber que o velho idiota está por perto.

— Que velho idiota?

— Eu. — Dornhelm arreganhou os dentes. — Você não tem nem idéia do que aconteceu aqui! Um caos, disse o diretor. Até que achassem um médico! Precisaram chamar com o *bip*. Seu *bip* quebrado, claro. Durou quase 15 minutos até que chegasse à cela. Os dois homens mortos há muito tempo.

A sala cheirava a poeira, suor e velhos documentos. O rosto de Ritt estava vermelho de novo. Ele engoliu seco.

— Os *dois* homens? Que dois homens?

— Engelbrecht e Mohnhaupt.

— Vou pirar — afirmava Ritt, gritando. — Engelbrecht e *quem*?

— Mohnhaupt. Traugott Mohnhaupt.

— Quem é Traugott Mohnhaupt?

— O servente que levou as embalagens térmicas.

— Por que ele está morto? — Ritt gritou.

— Por que ele tinha na barriga o envenenado e fino rango do hotel, rapazinho.

— Como ele... essa coisa... como ele... — balbuciou Ritt.

— Engelbrecht o convidou.

— O convidou para o rango?

— Estou dizendo, rapazinho. Incrível como você transpira.

— Como é que Engelbrecht convidou Mohnhaupt para o rango?

— Calma! Calma! Você *precisa* se controlar! Ataque do coração.

As pessoas que têm são cada vez mais jovens, eu li. Veja bem, o Engelbrecht recebe seu rango. Sente-se sozinho. Está só. Não quer

rangar só. Então convida Mohnhaupt. Ele adora. Minutos depois está mortinho.

— Por que Engelbrecht está sozinho na cela? — Ritt sussurrou, rouco.

— Porque eles tinham ido buscar o seu Marvin duas horas antes. Ele será solto hoje, você esqueceu? Precisa resolver um monte de coisas na administração. Ainda está lá. Rangou lá. O rango no prato de lata.

Ritt disse devagar: — Marvin só está vivo porque não comeu na cela com Engelbrecht.

Dornhelm se encostou na escrivaninha e gritou: — Você de fato já entendeu? — O abalo causou a queda do vaso de cristal com a rosa vermelha. Caiu água no tapete.

— Não grite! — Ritt disse.

— O quê?

— Você não deve gritar! Eu não gosto disso.

— Sem-vergonhice. Logo você! — Dornhelm se levantou, foi para uma pia e encheu de novo o vaso de cristal. Depois ele pôs a rosa no seu lugar, cautelosamente. — *Madelon* — disse ele. — Sempre *Madelon*.

— O quê?

— O tipo de rosa. Ela se chama assim. *Madelon*. De dois em dois dias, uma nova *Madelon*. O diretor me disse. Ele gosta de todos os tipos de rosa vermelha. Porém, mais de *Madelon*. — Agora Dornhelm ria muito. — Sim, Mohnhaupt recebeu o rango de Marvin! Pois ele havia saído da cela. Os seguranças ainda não haviam comunicado isto. *Lara*. *Solaria*. *Baccara*. Todos os tipos de rosas vermelhas. Todas bonitas. Não tão bonitas quanto *Madelon* — diz o diretor. — Também há *Dallas*. E *Sônia*. Mas esta tem cor de salmão. A morte chega ao homem rapidamente, rapazinho. Uma bela morte. Sabe do que eles morreram, Engelbrecht e Mohnhaupt? — Dornhelm mascava sorrindo. — Coquetel de camarão. *Cordon bleu* com risoto. De sobremesa uma variedade de finos *sorbets*. Mas não chegaram a

isso.

— A quê eles não chegaram? — Ritt enxugava com um lenço o suor na testa.

— Aos finos *sorbets*. — O riso de Dornhelm aumentou ainda mais. “O veneno estava no risoto”, disse o doutor Grünberg, nosso médico. Encontrou bolinhas. Rangaram quase todo o risoto, os dois, antes de o veneno fazer efeito. Cianeto de potássio. A cela fede a amêndoas amargas. Mau cheiro mesmo. Cheirei. Nenhuma dúvida, cianeto de potássio. Bolinhas bem pequenas, diz o doutor Grünberg. Misturadas no risoto. Ninguém podia reconhecer. As bolinhas recheadas vêm de uma substância — Grünberg sabe exatamente qual —, que é diluída por ácidos estomacais em dois ou três minutos. Engelbrecht e Mohnhaupt puderam devorar a comida normalmente, antes de notar qualquer coisa. — Dornhelm gostava do tema. — Quando o cianeto de potássio é liberado, ele se transforma em ácido prússico. O ácido prússico no estômago bloqueia imediatamente todas as enzimas ferruginosas. O ácido prússico faz sempre assim. Você sabe o que são enzimas, rapazinho?

— Não.

— Matérias formadas em células vivas que catalisam o processo de inúmeras reações no organismo.

— Ah.

— O ácido prússico bloqueia naturalmente também as enzimas respiratórias. Com isso, é o fim da respiração. E também do abastecimento de oxigênio para o cérebro. Um cérebro assim reage muito sensivelmente à falta de oxigênio, sabe, rapazinho. Quando se dispõe de cianeto de potássio numa cápsula e se precisa rasgá-la com o dente, a coisa corrói o esôfago, mas quando, como com Engelbrecht e Mohnhaupt, o veneno é liberado no estômago, quando se recebe diretamente como gás, esta é, propriamente, uma maneira extraordinariamente humana de matar. Também acho *Madelon* a mais bonita.

— Preciso de mais um conhaque — disse o Dr. Markus Marvin.  
— Sinto-me muito fraco.

Passava um pouco das 17 horas naquele 19 de agosto, e Marvin estava no salão do apartamento de Miriam Goldstein no Frankfurter Hof. Na tentativa, com sucesso, de espancar — a ponto de hospital — o produtor de desodorantes sanitários Hilmar Hansen, ele também recebeu sua parte. Sua mão direita estava enfaixada, o olho direito estava inchado, ele tinha um hematoma no rosto e um curativo na têmpora esquerda.

O homem com os cabelos pretos que sempre pareciam despenteados estava mais elegantemente vestido que a seu tempo em Sylt. Ele vestia um terno azul de verão, pantufas e até mesmo uma gravata. O atlético físico nuclear estava consciente de que só vivia graças a uma troca. Miriam Goldstein pegou uma outra garrafinha de Remy Martin do bar do quarto.

Todos estavam então no apartamento da meiga advogada de cabelos brancos, e lá fora estava um calor de matar, enquanto aqui soava o chiado baixo do condicionador de ar.

O procurador Ritt havia telefonado e contado a Miriam o que acontecera no presídio Preungesheim. Agora ele não agüentava mais a mulher e os advogados do contrabandista de armas envenenado, Herbert Engelbrecht, como também os parentes do também envenenado, por conta da gentileza anfitriã de Engelbrecht, Traugott Mohnhaupt, e ainda a administração do presídio e o ministério da justiça, e ele e seu amigo Dornhelm, da polícia criminal, precisavam tentar descobrir quem havia envenenado a comida, onde e por quê. E finalmente o procurador queria saber urgentemente por que o fabricante sanitário Hansen, a quem Marvin havia espancado, de repente estava decidido a retirar sua acusação.

Tantas perguntas. Tanto trabalho.

Miriam, por sua vez, contou aos reunidos que havia telefonado a Gerard Vitran, de Paris, no momento em que ela pensava que

Marvin estava morto, e que Vitran estava agora a caminho de Frankfurt.

— Ele vem sozinho? — Marvin perguntou.

— Ele disse: “nós”. Não sei quem vem.

— Provavelmente ele e sua mulher. Será um belo choque para os dois, quando me virem aqui sentado. — Marvin balançou a cabeça. — É incrível a minha sorte — disse ele com uma admiração francamente infantil. — Imaginem se eu tivesse comido com Engelbrecht!

— Babacas têm sorte — disse Peter Bolling. — Velha sabedoria popular. Aí você vê de novo, *como* é inteligente.

— Eu não quero de jeito nenhum lhe excitar mais — disse Miriam Goldstein — mas o senhor não chegou a pensar que alguém não queria envenenar Herbert Engelbrecht, mas o senhor?

— Com mil raios — disse Marvin —, que bela idéia! É mesmo, isso também é possível.

— O senhor Ritt pensa igualmente nessa possibilidade — disse Miriam.

— Por que alguém poderia querer eliminar Markus? — perguntou Bolling.

— Ora, por quê — disse Valerie Roth. Ela se dirigiu a Gilles. — Quando o senhor foi ao túmulo de Gerhard em Sylt e então nós nos conhecemos, eu lhe disse que o terceiro enfarte de meu tio livrou o esforço de certas pessoas de assassiná-lo, o senhor se lembra?

— Sim — disse Gilles.

— Agora é a vez de Markus — disse ela. — Miriam tem razão.

— Talvez — Miriam disse. — Talvez só Herbert Engelbrecht devesse realmente morrer. Mas tenho a péssima impressão de que era a sua vez, Markus.

— Na verdade, já deve ser a minha vez há muito tempo — disse, imediatamente alerta quanto à possibilidade. — O mais tardar quando voltei do depósito nuclear Hanford e fui embora da inspeção.

— O procurador Ritt acha que o senhor deve exigir proteção da

polícia — disse a Dra. Goldstein.

— Não quero — disse Marvin. — Tudo isso não tem sentido! Se eles realmente querem me matar, vão conseguir — mesmo com tanta proteção da polícia. — Ele riu ao dizer: — Nenhuma proteção da polícia, não! Tenho sorte, vocês vêem. Sou um cara sortudo.

Miriam Goldstein bateu na madeira. — Uma coisa assim não se pode dizer nunca! Estou muito preocupada, Markus. Gerhard ficará pelo menos tão preocupado quanto eu.

Valerie Roth se dirigiu a Gilles. — O senhor não sabe quem são os Vitrans. Bons amigos nossos. Trabalhamos juntos.

Marvin ficou radiante. — E que amigos! Gerard e Monique. O senhor ficará encantado, Gilles. Gerard já passou por cada uma — meu Deus! Veja, ele estudou numa dessas “Grandes Escolas” da França, de onde vêm todos os bons especialistas em política e economia: na École Polytechnique, em Paris. Ele é doutor em ciências naturais. Sua especialização: física nuclear. Mas não fez carreira na política ou na indústria, e sim se tornou secretário da Seção de Trabalhadores Nucleares, da C.D.T., aquele sindicato. E lá ele se aproveitou do posto e das possibilidades para criticar as usinas de energia nuclear e a energia nuclear. Como especialista! Ele sempre fez ver todos os perigos. Quais são os perigos das UENs francesas. Sempre só representou os interesses dos trabalhadores. Eles o amavam.

— Um camarada! — disse o químico Bolling, vivaz. — É típico dele, por exemplo: como chefe da C.D.T. ele sempre poderia comer no restaurante dos grandões. Nunca. Sempre na cantina com os trabalhadores.

— Escreveu um livro sobre os perigos da técnica nuclear. A propósito, junto com Monique. Ele a conheceu no sindicato. Ela também é física nuclear. Ela tem 35 anos, ele vai fazer 41. — Marvin de repente riu ligeiramente e torceu o rosto. Rir doía. — Quando o livro foi publicado — disse ele — o pessoal da instalação de reprocessamento no canal da Mancha declarou greve por três meses.

E é claro que Gerard teve de sair da chefia do sindicato. As firmas fizeram questão.

— Depois ele foi chamado pelo governo — disse Bolling.

— Desde o começo Gerard dizia — interrompeu-o Marvin — que se continuarmos a gastar tanta energia, será o fim da Terra, antes de sairmos da energia nuclear e de usinas de energia carbônica e entrarmos na energia solar. Primeiro, então, baixar o consumo de energia, mas drasticamente, então energia solar! Isto iluminou o governo, e ele pediu a Gerard um grande estudo sobre o assunto, de como, onde e com que meios se pode economizar energia. Pode-se economizar muito — Gerard contará ao senhor. — Marvin riu mais uma vez, disse “ai!”, parou de rir e continuou: — Mas simplesmente foi capaz até demais. Culpou toda a indústria de desperdiçar energia e propôs medidas de economia tão radicais — e realizáveis —, que o governo não pôde segurá-lo contra a pressão da indústria. Gerard foi mandado embora pela segunda vez. Incomodou-se com isso? De jeito nenhum. Junto com sua mulher e outros ele fundou a ESI — Energy Systems International. O que devo dizer ao senhor? Agora essa firma aconselha sociedades e ministérios, sim, governos de todo o mundo.

O telefone tocou.

— Será que já são eles? — Miriam perguntou, nervosa.

Miriam tirou o fone do gancho.

Uma voz feminina disse: — Doutora Miriam Goldstein?

— Sim.

— O senhor Joschka Zinner chegou. Disse que marcou com a senhora às cinco e meia.

— Meu Deus! — Miriam levou a mão à testa. — Peça ao senhor Zinner por um momento de paciência! — Ela tapou o fone com a mão e se dirigiu aos outros. — Agora começo a esquecer encontros. Completamente! Na verdade ainda sou nova para ser gagá.

— Joschka Zinner? — Gilles disse.

— Sim. O produtor de cinema. O senhor o conhece?

— E como — disse Gilles, furioso. Mas o que ele quer com a senhora?

— Não sei. — Miriam levantou os ombros, desamparada. — Telefonou há dois dias. Disse que precisava falar comigo sem falta. Era muito importante. Que se tratava de uma coisa bem grande, da qual também a televisão de Frankfurt participava. Disse que eu poderia perguntar lá a um homem da produção. Foi o que fiz. O homem confirmou o que disse Zinner. Eles prepararam um projeto que seria de grande interesse para nós. — Miriam olhou para todos. — Eu queria lhes contar. Na aflição por causa de Marvin esqueci completamente. — Ela perguntou a Gilles: — Que tipo de gente ele é, esse Zinner?

— Um louco — disse. — E que louco! A senhora mesma vai ver logo.

— Se ficar muito grave, ponho-o pra fora — disse a Dra. Miriam Goldstein.

Ela tirou a mão do fone. — Senhorita, peça que o senhor Zinner suba.

— Sinto muito, doutora. Ele disse que estava demorando muito.

— O quê?

— Desculpe-me, por favor! — A moça na central parecia aflita — Ele perguntou pelo número de seu apartamento. Minha colega disse, infelizmente. Isso me é extremamente desagradável. O senhor Zinner estava muito nervoso e falava muito rápido. Ele correu para o elevador. Estará aí a qualquer momento. Nós simplesmente não estávamos preparados para ele. Desculpe-me, por favor!

— Tudo bem — disse Miriam Goldstein, e pôs o fone no gancho.

— Ele simplesmente se mandou pra cá — disse ela, balançando a cabeça, aos outros. — O senhor disse um louco, senhor Gilles?

— Sim — disse ele, devagar. — Mas mesmo que se leve isso em conta...



— O que o senhor quer dizer? — perguntou Valerie Roth.

— ...é estranho que ele apareça para a senhora justamente agora.

— O senhor pensa — disse Miriam Goldstein — que alguma coisa está errada?

— Talvez esteja tudo em ordem — disse Gilles, de repente estranhamente inquieto. — Mesmo assim... Joschka Zinner. Prepare-se!

A campainha do apartamento tocou.

— *Philip!* — Miriam Goldstein se levantara e abrira a porta. O pequeno homem que estava do lado de fora passou pela advogada e pelos outros através do salão e passou os braços em Gilles. Porque o homem era pequeno e gordo, ele pegou Gilles pelos quadris.

— Pra baixo! — ele disse. — Abaixese bem! — Gilles se abaixou, e o homenzinho beijou sua bochecha. — Vamos! — disse ele depois. Tudo foi muito rápido.

— Vamos o quê?

— Joschka não vai ganhar um beijinho?

Ele recebeu um e olhou em volta, radiante.

— Meu melhor e mais antigo amigo, senhoras e senhores! — anunciou ele. — Escreveu sete ou oito filmes para mim, faz tempo! A única pessoa decente na porcaria do ramo. A única que sabe alguma coisa. Quer dizer, exagero. Quer dizer, só nos irritamos um com o outro. Constantemente no tribunal porque eu nunca paguei a terceira prestação pelo roteiro. Não o escutem, senhoras e senhores, não o escutem! Ele só o faz por modéstia. Ele nunca vai se gabar, nunca vai se dar importância. Que eu não paguei a terceira prestação qualquer autor lhes diz. E está certo. Deixo-me sempre ser acusado. O único divertimento. Senão não se inveja nada. É como na roleta. Às vezes ganha o autor, às vezes ganho eu. Ora, sempre admirei esses advogadozinhos. *Eu* próprio não sei o que eles

imaginam.

Todos o fitavam.

Ele vestia um terno de seda branco na medida; sua camisa branca tinha uma gola loucamente alta. Através do nó da gravata e da gola da camisa estava enfiada uma preciosa agulha de brilhante. Botões de brilhante nos punhos. Estes se penduravam das mangas. Ele deve ter cruzado com o escritor americano Tom Wolfe, pensou Gilles. Antigamente Joschka só usava os produtos mais baratos. “O que faz alguém mais bonito que um macaco é luxo.” Ele sempre citava esta frase do livro de Friedrich Torberg, *A tia Joseleh*. E ele tentou passar a perna em Torberg como em mim.

— Este é o senhor Joschka Zinner, produtor de cinema — disse Gilles. — Joschka, posso lhe apresentar a...

— Faço eu mesmo. Você precisa de muito tempo para isso. Seu único erro. Essas finuras de merda. Também sou fino. Porém mais rápido. Doutora Goldstein.

— Sim... — E já havia sido beijada na mão — De onde...

— Ah, eu sei. Mulher conhecida. E a senhora é a doutora Roth. É uma grande honra. — Segundo beijo na mão. — Naturalmente doutor Markus Marvin! — Apertos de mão. — E o senhor Bolling. E a asma, senhor Bolling? Isto é terrível. Mas é por isso que estou aqui. — Ele caiu num sofá de couro branco. As perninhas penduradas no ar. Joschka riu, mostrou seus dentinhos de rato e esfregou as mãozinhas rosadas. — A senhora pode me dar um copo de água gasosa, doutora? Não toco em álcool. Absolutamente pernicioso. Beijo-lhe a mão, doutora, obrigado! — ele disse, pegando um copo cheio de água gasosa de Miriam. — Ao assunto! Tempo é dinheiro. Preciso ir amanhã para Hollywood. Quero acertar tudo com os senhores ainda hoje. Prestem atenção na idéia-relâmpago!

— Que idéia? — Miriam perguntou, muito irritada.

— Uma idéia-relâmpago. Minha especialidade. Cresci com ela. As minhas melhores idéias são sempre como relâmpagos. Um produtor de cinema, diz ele. Tck, tck, tck! O maior produtor da

Europa! Cinema e televisão! Nos últimos tempos, mais televisão. Co-produções internacionais. Muitos prêmios. Qualidade de primeira em todos os canais. Verdade ou não, Philip?

— Verdade — disse. — Não se deixem enganar pela conversa e aparência deste senhor. Ele é de fato um grande produtor. Engana como pode, mas fez filmes excelentes.

— Basta, Philip! Os senhores já têm uma idéia. Adorarão. A melhor idéia-relâmpago que Joschka Zinner já teve.

Markus Marvin riu. Doeui, e ele parou imediatamente.

— O senhor ri, doutor Marvin. Pode rir. A chance de sua vida. — Joschka aumentou ainda mais a velocidade com que falava. — Acompanhei tudo desde que parou de filmar: sua demissão na inspeção. Seu trabalho em Lübeck. Também *seu* trabalho, Bolling, e o *seu*, doutora Roth. Exatamente aquilo que se deve mostrar agora. Não há nada mais importante. Mas com *feelling*. Muito bem organizado. Internacional. Precisa causar tumulto. As pessoas precisam gritar! As pessoas precisam vociferar! Farão! Farão! Joschka Zinner já preparou tudo. Podemos começar imediatamente. Joschka tem consigo todos os contratos. — Ele levantou uma pasta de executivo. — Aqui! Tudo dentro. Apenas assinar.

— Senhor Zinner... — começou Miriam Goldstein.

— Não interrompa, por favor, digníssima senhora, perdão! Eu lhes explico. Tudo combinado com a televisão de Frankfurt. Sinal verde dos mais altos chefes. Estão entusiasmados. — Ainda mais rápido. — Claro que somente porque *eu* sou o produtor. Dei-lhes um lucro gigante com os últimos filmes. Bom, e agora primeiro! Então, rapidamente, *time is money*, preciso ir para Hollywood: vocês terão uma equipe de primeira. *Minha* gente! *Cameraman* e técnicos especializados. Vocês dizem aonde querem ir. De avião. Nenhuma censura. O que rodarem será mostrado. A televisão de Frankfurt *quer* sensação. Vocês podem mostrar *tudo*. Qualquer escândalo. O maior! Podem atacar qualquer um. Kohl. O governo. Todos os governos! Absolutamente livres. Assegurado no contrato. Vocês controlam a

montagem. Ninguém os influenciará. E há dinheiro suficiente, acreditem em Joschka Zinner! — Ele olhou para todos, radiante. — Então?

— Não tenho a menor idéia do que o senhor fala — disse Valerie Roth.

— Me expressei claramente! Admiro o que vocês fazem. Venero-os por isso. Os últimos que podem salvar este mundo. Mas com a televisão! Desmascaram qualquer safadeza. Sem consideração. Bem duro. Bem extremo. Numa série própria na televisão de Frankfurt. Tudo já programado. Sucesso absoluto. Eu só digo: revolução!

A doutora Goldstein disse lentamente: — O senhor propõe que uma equipe de filmagens viaje com Marvin e rode filmes-documentários?

— Beijo-lhe a mão, digníssima senhora.

— Por exemplo, sobre a devastação das florestas tropicais?

— Por exemplo.

— O desperdício desmedido de energia?

— Claro.

— Os negócios com o lixo atômico? — disse Roth.

— Coisas assim.

— Despejo de ácido de enxofre? Assassinato dos mares? — disse Marvin.

— Em todo caso!

— O *lobby* nuclear?

— Há de tudo! — Joschka afirmou com a cabeça, tomado pela própria grandeza. — Então, por favor: isto não é uma idéia-relâmpago?

— O que eu vi nos Estados Unidos — disse Marvin, nervoso. — Em Mesa? Na reserva nuclear?

— O senhor vê. Tem ressonância. Claro! Precisa ir até lá novamente.

— Os negócios sujos de plutônio? — Bolling disse, segurando os óculos.

— Sim! — Joschka jogou as mãos para o alto. Punhos voaram.  
— Mas também o positivo. Não esquecer jamais o positivo! Sempre faço. Há idiotas que só fazem o negativo. Grande moda agora. *No future*. E brutalidade. Pisa no traseiro da mãe! Joga-a escada abaixo, a velha senhora! Claro que vão à falência, tais idiotas. Positivo, sempre positivo! O que é a salvação para o nosso mundo? — Agora ele mal podia respirar. — Energia solar! Isto precisa entrar na série bem detalhadamente. O maior projeto que já tive. Mas também o maior tema. Li bastante. Conheço o assunto. Joschka Zinner sempre está a par de tudo. Tem faro. E o faro lhe diz: *isto* e nada de diferente agora!

— Acho isso maravilhoso — disse Valerie Roth.

— Eu também — disse Marvin. Susanne, pensou ele, se você agora ouvisse sobre tudo isto ou lesse e por último visse, talvez você voltasse para mim. Ah, Susanne!

— Ainda não sei se transmitiremos os filmes espaçadamente ou um atrás do outro, em bloco. Para que realmente impressione as pessoas. A televisão de Frankfurt quer um por semana. O maior suspense. O que vocês pensam, o quanto o exterior compraria? O tema! Já tenho interessados em 14 países. O financiamento não é de jeito nenhum o problema. Posso lhes pagar cachês decentes. Eventualmente, uma participação. Você também, Philip! Escrever comentários de cada parte! Não me olhe assim! Ele sempre precisa se fazer de rogado, um artista! Cara, Philip, eu já lhe vendi para a televisão de Frankfurt! O todo é um pacote. Já é tempo de ouvir falar de você. Dez anos sem escrever. Pode se responsabilizar por isso diante de Deus? Para que Ele lhe presenteou a vida? Para que você se esconda nesse fim de mundo na Suíça? Ele vai lhe contar algo bonito, quando você estiver diante de Seu trono. “Não foi para isso que lhe dei vida, Philip Gilles”, Ele dirá, “não para isso!”. Você ofende, Philip. Como ele me olha! Ele não é um doce? Ah, eu amo o homem! Um desses só existe uma vez. Não se repete. Então, assinemos contratos!

— Senhor Zinner — disse Miriam Goldstein, docemente.

— Caríssima senhora?

— O senhor sempre trabalha assim?

— Sempre. Por quê?

— Porque comigo não dá.

— O que significa, com a senhora não dá? O que a senhora tem a ver com isso?

— Sou a advogada.

— E qual é a dificuldade?

— Quero ler os contratos. E ter tempo para isso.

Ele não hesitou nem um momento. — Obviamente, doutora, como queira. Admiro-a. Parabéns! Sério. Quer examinar tudo. Por favor! *Não* vou amanhã para Hollywood. Hollywood pode esperar. Isto aqui é mais importante. A senhora e eu, nós nos sentamos. Leremos os contratos. Linha por linha. O que não lhe convier, será mudado. Sei muito bem que tipo de projeto temos. O que depende disso. Nunca existiu projeto mais importante. Sei muito bem de tudo, cara doutora. Olhe para o senhor Marvin, senhor Bolling, senhora Roth. Todos estão entusiasmados.

O telefone tocou e Miriam tirou do gancho.

— Doutora Goldstein — disse a voz feminina de antes. — Agora chegaram três pessoas. *Monsieur* e *Madame* Vitran e *Mademoiselle* Delamare. Não quero cometer um segundo erro. Eu...

— Eles podem subir — disse Miriam. — Eu os espero no elevador.

Então ela foi pelo longo corredor através do prédio novo e aí um pedaço através do antigo até os gobelinos nos elevadores. Um chegou naquele momento. Duas mulheres e um homem saíram. O homem a viu e gritou: — Miriam!

— Gerard!

Ele a abraçou. — Meu Deus, quem matou Markus? Que

maldito...

— Gerard...

— Sim?

— Um outro foi morto. Markus está vivo.

Vitran a olhou perplexo. — Está vivo?

— Sim! Ele está em meu apartamento.

— Venham! — Vitran pegou sua mulher pela mão e andou rápido. Miriam acompanhou.

A segunda mulher ficou um momento no elevador, então seguiu-os lentamente. Tinha olhos azuis, cabelos curtos e louros colados na cabeça, um doce rosto com uma bonita pele. Era esbelta, dava uma impressão de frágil. As pernas eram longas e bem moldadas. Vestia um conjunto. A saia era cinza-escura, presa nos quadris e depois solta. A jaqueta era quadriculada e fechada. Galões pretos e finos na gola, no fim das mangas e nas bordas dos pequenos bolsos. Esta jovem mulher calçava sapatos pretos e meias cinza-escuras. Quando ela entrou no apartamento de Miriam Goldstein, cuja porta estava aberta, Gerard Vitran e sua mulher Monique ainda abraçavam Markus Marvin. Monique havia cortado os cabelos à *la garçonne*. Era tão grande quanto o seu marido, que tinha o fino rosto de um erudito e olhos muito claros. Seus densos cabelos estavam acinzentados. Ele bateu nas costas de Markus, repetindo sempre esse gesto. Monique alisava a mão de Marvin.

A jovem mulher fechou silenciosamente a porta do apartamento e ficou ao lado dela. Dava uma impressão reservada, discreta. Durou um tempo até que Vitran largasse Marvin. Ele olhou a jovem mulher.

— Isabelle! *Excuse-moi!* — Foi rápido até ela, pôs o braço sobre seus ombros e a levou até o salão. Ele falou francês com ela, terminando: — *...alors, ma chère, s'il te plaît!*

A mulher que irradiava tanto charme, tanta juventude, olhou sorrindo para todos e depois disse em alemão fluente, com um leve sotaque: — Meu nome é Isabelle Delamare e sou a secretária do

senhor e da senhora Vitran. E sua intérprete. Eles só falam inglês e muito pouco alemão. Como trabalham em muitos países, quase sempre os acompanho, para traduzir.

— Como fala tão bem alemão? — Bolling perguntou. Ele olhava para Isabelle encantado.

— Estudei línguas.

— Quais?

— Além de alemão — disse Isabelle —, ainda inglês, espanhol, português e italiano.

— Com mil raios! — Bolling estava lá, com a boca levemente aberta.

Monique Vitran falou em francês. Isabelle riu e balançou a cabeça. — *Mais oui, mais oui!* — Monique disse.

Isabelle disse envergonhada: — *Madame* Vitran... ela é muito gentil mas exagera muito, é claro... Ela pede... não, ela faz questão que eu diga que ela e seu marido não poderiam trabalhar sequer um dia sem mim. Isto é grotesco e não é verdade.

— É verdade! — Monique disse. — É verdade!

Todos riram, e os Vitrans se dirigiram a Joschka Zinner e a Bolling e falaram inglês. Por último, os três franceses estavam diante de Gilles, com quem eles podiam falar na sua língua. Durante a curta conversa, Gilles olhou para Isabelle ininterruptamente e dava a impressão de um homem para quem tudo ficou de repente irreal, completamente irreal.

Tudo se estendeu até muito tarde naquela noite. Joschka Zinner relatou seu projeto aos Vitrans, e estes ficaram muito impressionados. Monique disse que Markus precisava de qualquer forma rodar um capítulo sobre todas as possibilidades de economia de energia, e Gerard ofereceu suas ligações e trabalhos. Eles tinham novas idéias, mas também dúvidas e preocupações, e Isabelle Delamare sempre voltava à conversa como intérprete.



A conversa ficava cada vez mais amigável, e de repente foi para Gilles como se fosse há muito, muito tempo na Berlim do pós-guerra na sua casa em Grunewald, quando atores e autores, políticos, cantores e pintores transitavam na casa dele e de Linda. Aquela atmosfera de amizade e de alegria sobre tudo o que se iria fazer agora — porque agora se poderia fazer — também houve naquela noite em Frankfurt, e lembranças inundaram Gilles. Mas, pensou ele inquieto, mas algo aqui é diferente, muito diferente. O que ele via, o que ele ouvia não era a verdade, não, não a verdade...

Ele estava sentado perto da janela, fumava cachimbo e só escutava. Enquanto isso, sempre voltava a olhar para Isabelle, como traduzia calma, segura e incansável, precisa e eloqüente. Numa hora ela cruzou as pernas e ele viu que a saia cinza-escura de seu conjunto era forrada por dentro com o tecido quadriculado.

Isabelle sorriu para ele algumas vezes, e ele também riu e ficou, durante toda a noite, tomado por um sentimento de preocupação indeterminada e, na mesma medida, um de estranho feitiço quando olhava para Isabelle, quando ouvia sua voz.

Mais tarde todos comeram no restaurante francês no térreo do hotel. A conversa continuara também ali e, sempre que era necessário, Isabelle traduzia gentilmente e com a maior atenção. Foi então Gerard Yitran quem propôs que ela acompanhasse a equipe de filmagem por toda parte, posto que dominava seis línguas perfeitamente. Todos ficaram entusiasmados, especialmente Bolling. Gilles se alegrou do fato de Vitran ter elogiado Isabelle, ele a observou comendo, bebendo e falando, e tudo o que ela fazia o agradava. Isabelle olhava para ele de tempos em tempos, uma hora ela levantou seu copo de vinho e ele levantou o seu, e a noite inteira ele sentiu uma grande emoção.

Naturalmente, Joschka Zinner começou novamente a falar de que Gilles deveria também viajar e fazer depois os comentários para cada filme separadamente, e todos pediram a Philip para aceitar, e Isabelle o olhou, e, para espanto dele, ele disse que sim.

Depois do jantar foram ainda para o Lipizzaner Bar ao lado da recepção e beberam um pouco. Todos estavam excitados.

Miriam Goldstein se sentou ao lado de Gilles. Ela disse baixinho: — Bonito como todos estão entusiasmados, alegres, esperançosos, não é?

Ele a olhou calado.

— O senhor está calado — disse ela baixinho. — O senhor pensa o mesmo que eu?

Ele continuou calado.

— Devo-lhe dizer o que o senhor pensa? — Miriam perguntou, ainda mais baixinho, só ele a escutava na confusão de vozes e da música do pianista. — O senhor pensa que acontece muita coisa ao mesmo tempo. O atentado a Markus. O recuo de Hansen. Joschka Zinner, que nos dá tanto dinheiro e uma possibilidade tão grandiosa — justamente agora. Durante anos a fio ele teve essa chance. Por que a televisão de Frankfurt quer produzir uma série dessas justamente agora? Por que há pessoas que querem matar Marvin, para que ele se cale, e por que, ao mesmo tempo, outros lhe põem à disposição todos os meios para que ele, através de um tão violento meio como a televisão, possa falar a milhões sobre tudo o que os homens causam a homens e o que os homens causam a esta Terra? Nisto o senhor pensa, não é, senhor Gilles?

— Sim — disse ele. — Nisto eu penso, doutora Goldstein. E por isso precisamos começar com o trabalho. Pois só desta maneira teremos uma chance de descobrir o que realmente acontece.

Miriam confirmou seriamente e voltou aos outros. Gilles ficou sozinho. Depois de um tempo ele se levantou, pois queria ir para o seu quarto. Todos lhe desejaram uma boa noite, e Isabelle lhe deu a mão ao se despedir.

No apartamento, Gilles telefonou ao Hotel Bon Accueil. *Monsieur* Ultramare atendeu e disse que Gordon jogava xadrez com ele justo naquele momento, e então Gordon foi ao telefone e perguntou como Gilles estava. Ele contou tudo o que acontecera e

terminou: — ...Então amanhã viajarei com o avião da tarde da Swissair até Genebra e ficarei uns dias em Château-d'Oex, meu velho. No dia 25 de agosto, como combinado agora, voaremos de Frankfurt para o Rio de Janeiro. Marvin quer primeiro fazer um filme sobre a destruição das florestas tropicais no Amazonas. Um ecologista, recomendado por Vitran, mora no Rio.

Gordon, que sabia de cor quase todos os horários de vôo, disse: — A partir de Frankfurt parte às quintas um Boeing 747 da Lufthansa às 21:50h. Chega às 6:35h, hora local, no Aeroporto Internacional do Rio. Vôo número 510. — E Gilles pensou novamente que aquela pessoa precisava ter alguma coisa na qual se segurar, mesmo que fosse no tempo em que Gordon pilotava aviões Spitfire. — Sim, Gordon, tomaremos esse avião — disse ele. — Até lá a doutora Goldstein e Joschka Zinner terão conversado sobre tudo o que se relaciona a contratos e dinheiro. Escrevo para os filmes só os comentários. Posso fazer o que quiser com o resto do material que pesquisarmos.

— Você precisará levar uma porção de coisas para vestir — disse Gordon.

— Sim.

— Eu disse uma vez que toda a proteção com relação à vida real era riqueza. Você ainda se lembra?

— Sim, Gordon.

— Mas você tem razão: não se deve proteger-se sempre e de tudo.

— Não — disse Gilles —, não se deve. E há outra coisa, Gordon.

— O que você quer dizer — outra coisa?

— Não posso dizer. Mas sinto. Sinto muito forte. Fui repórter durante tanto tempo, eu *sei* simplesmente que algo a mais acontecerá ao lado desse plano de fazer filmes que deve sacudir as pessoas. Estou absolutamente convencido disso!

— E você quer descobrir o que é isso.

— Preciso descobrir. Pois algo de ruim está para acontecer, de muito ruim. Como esse Joschka Zinner apareceu! Como esse Marvin ainda vive por pura sorte! Como esse cara, esse Hansen, retirou sua acusação. Clip, clap, clip, clap. Abre porta, fecha porta. Como isso transcorre. Como é encenado, sim, encenado...

— Bom Deus! — Gordon disse. — Philip como era, antes de chegar em Château-d'Oex. O velho Philip!

— Não o velho Philip, mas o velho repórter.

— *Okay, okay*. Pegaremos o velho repórter no aeroporto, *Monsieur* Oltramare e Happy e eu. E levaremos o velho repórter de volta, para a despedida.

— Vocês são os melhores — disse Gilles — você, *Monsieur* Oltramare e Happy.

— Ah, pare com isso! — Gordon disse. — Então, até amanhã!

— Até amanhã! — disse Gilles, e pôs o telefone no gancho, percebendo, nesse gesto, que sua mão ainda tinha o aroma do perfume de Isabelle.

## LIVRO SEGUNDO

“Para achar a verdade,  
você precisa se aproximar dela.  
Se você se aproximar,  
você se arrisca.”

*Do filme americano Salvador*

# 1

Então G. tira as rolhas das quatro garrafinhas de cachaça e pega dos bolsos da jaqueta de seu conjunto cáqui dois maços de cigarro americano e os abre e divide as garrafinhas e os cigarros comigo. Nós dois vestimos conjuntos cáqui e chapéus de panamá por causa do sol forte. A selva está cheia de palmeiras altas e antigas, nas quais estão pendurados enormes molhos de orquídeas.

Precisa-se abrir as garrafas, diz G. Os espíritos não podem. O mesmo com os cigarros. Os espíritos não podem abrir os pacotes, por isso precisamos fazê-lo e deixar os cigarros nos buracos, e não podemos esquecer os fósforos. — Acender os cigarros, eles mesmos sabem, sim? — Isso eles precisaram aprender, diz G. Se nós os acendêssemos, eles já estariam apagados antes de os espíritos chegarem, não é? — Lógico, digo. Que buraco me pertence? — Procure um. Você vê, há muitos aqui. Aqui, os fósforos. — Obrigado. — Pode segurar tudo? — Muito bem, digo. Falamos francês, na metade do caminho para o Corcovado, em cuja ponta (G. informou) se levanta em 40 metros a alta estátua do Cristo. Viemos aqui para fazer uma macumba...

14 de junho de 1989: agora é começo de noite e depois do calor deste dia está agradavelmente frio em Château-d'Oex e na minha velha casa Le Forgeron. Há meses que escrevo aqui. Na grama do bonito hotel de *Monsieur* Oltramare estão sentados muitos hóspedes. Suas vozes e seu riso chegam até meu quarto.

Um diário está diante de mim, sobre a mesa. Isabelle me presenteou e deu a permissão de fazer citações dele, o que quiser e quanto quiser. Agora fiz isso pela primeira vez e penso que farei ainda algumas outras vezes; por um lado, porque eu facilmente corro o perigo de ser por denominação e felicidade melodramático ou exageradamente emotivo na descrição daquele acontecimento que eu considere impossível, até que ele me aconteceu; por outro lado, porque a escrita de Isabelle me dá a possibilidade de ser fiel à minha posição de cronista. A parte que eu comecei a citar está datada, no diário de Isabelle, de *domingo, 28 de agosto de 1988*, e eu ainda me lembro muito bem daquele dia e de nossa macumba. Os olhos de Isabelle eram azul-escuros, quando ela estava ao meu lado na selva, e sob o chapéu de panamá só se viam as pontas de seus cabelos louros. Ela quase não estava maquilada.

Ainda de seu diário:

Agora já é nosso terceiro dia no Rio. A época mais quente do ano já passou, mas a umidade do ar é muito alta. Estamos hospedados no Hotel Miramar, na Avenida Atlântica, com Markus Marvin, Peter Bolling e a equipe escolhida por Joschka Zinner — um *cameraman* e um técnico.

Graças às ligações de Joschka Zinner, foi possível que Marvin deixasse a Alemanha num momento em que nem o estranho comportamento de Hilmar Hansen, nem o assassinato do contrabandista de armas Engelbrecht, nem o do zelador Traugott Mohnhaupt estão esclarecidos. Também Valerie Roth, com bons contatos, se engajou para isso. O procurador Ritt, o qual conheci antes da partida, fez uma observação nesse contexto. Não posso imaginar que contatos seriam esses. Marvin pôde deixar o país sob duas condições: ele deve comunicar a Ritt e ao comissário Dornhelm da polícia criminal I constantemente o seu local de estada e estar pronto para voltar a qualquer momento, caso as investigações façam

necessária a sua presença em Frankfurt.

Foram reservados para nós bonitos quartos, o meu ao lado do de G., ambos localizados de frente, e da varanda vê-se, do outro lado da Avenida Atlântica, a praia de Copacabana e o mar. A areia, disse G., era na sua última estada aqui muito branca e a água clara e pura. Agora a água ainda parece clara e pura e a areia muito branca, mas um dos dois porteiros, ele se chama Carioca Parcas, disse que devemos ir para outro lugar para entrar na água, aqui as pessoas teriam alergia na pele.

Em 1973, disse G., a praia na frente do Miramar era cheia de gente alegre, de diferentes cores de pele, viam-se todas as misturas de pele — e as moças eram mais bonitas. Ainda há moças bonitas e mestiços de toda sorte, mas em menor quantidade. Este mar aqui e esta praia expulsaram muita gente.

Isabelle ainda não havia estado no Rio, e quando se descobriu que o Dr. Bruno Gonzalos, o ecologista, que estava em primeiro lugar na lista de Marvin, havia entendido certamente mal o nosso recado e saído do Rio no fim de semana com sua mulher, aluguei um carro e mostrei a cidade a Isabelle. O porteiro Parcas disse que a senhora deveria fazer uma macumba sem falta, e Isabelle perguntou o que era isso. Meu amigo Carioca Parcas havia envelhecido muito desde que o vi pela última vez, mas, afinal, eu também...

Isso é um negócio muito estranho, disse o porteiro, quase todos aqui acreditam nisso, os mais beatos católicos e aqueles que não acreditam em nada. Veja, minha senhora, na selva do Corcovado vivem muitos espíritos poderosos. Eles podem prejudicar muito a pessoa, se quiserem. Mas eles podem também realizar qualquer desejo que a pessoa tenha. — E ele pestanejou. — Soa fabuloso, digo e pestanejo. — Qualquer



desejo, se se pode preservar seu humor, dos espíritos, diz o velho porteiro. — E como se preserva seu humor, Senhor Parcas? — Senhor Gilles sabe, disse Parcas. Ele já fez macumba. — É verdade? pergunto a G. — Sim, é verdade — E? — E o quê? — E aquilo que você desejou se realizou?

Nesse dia cheirei de novo o perfume de Isabelle.

No que diz respeito à minha primeira macumba, não podia me lembrar mais dela, mas da última, em 1973. Naquele tempo desejei dos espíritos da selva o amor daquela mulher, com a qual fui então para os Estados Unidos por dois anos, e esse amor terminou de forma horrível.

Monsieur Gilles! Ele se assusta muito com alguns pensamentos secretos e me olha, e eu pergunto mais uma vez: aquilo que você desejou se realizou?

Parece que ele queria dizer não, mas diz sim, e digo: então também quero fazer uma macumba!

Fomos ao Corcovado, que se encontra diretamente atrás da cidade, um pedaço mais ao alto até lá, onde a rua acaba. Depois vamos a pé. G. se lembra que aqui havia um excelente restaurante florestal, e ainda há. Sentamos ao ar livre, sob palmeiras e molhos de orquídeas, e nos arbustos sobem mansos papagaios e nos olham. Um garçom pergunta se queremos aperitivos e G. diz que o único aperitivo que se deve beber antes do cair do sol é um gin-tônica com uma rodela de limão.

Então tomamos o sun-downer e um pouco de vinho acompanhando o maravilhoso peixe, e quando fica mais frio, vamos lá onde estão os buracos. Em torno de uma enorme cratera há um estreito caminho, ao longo das íngremes encostas. Nessas encostas há muitos pequenos buracos abertos. Arbustos, jibóias e árvores escondem a profundidade

da cratera. O sol brilha no estranho anfiteatro, e eu seguro garrafinhas, cigarros e fósforos nas mãos e digo: gostaria muito de fazer minha macumba neste buraco aqui, d'accord? — D'accord, diz G., e vai um pedaço mais adiante para o outro buraco, e eu deixo os cigarros, as garrafinhas e os fósforos e vejo negros diante de outros buracos do outro lado da cratera, e também vejo mulheres brancas...

Todas as vezes eu havia visto mulheres brancas e pensava por que elas queriam ganhar, com seus presentes, a amizade e ajuda dos espíritos, e me dizia que certamente elas rezavam para que seu amado não as abandonasse por causa de outras e que elas também desejavam ser desejáveis por muito tempo com seus corpos bonitos, uma boa pele e olhos radiantes, pois no Rio havia muitas mulheres radiantes e bonitas e jovens e homens de muito boa aparência.

Quando deixei lá meus presentes, dei um passo para trás e avistei Isabelle. Ela estava diante de seu buraco, muito magra no seu conjunto cáqui, havia tirado o chapéu, os cabelos louros brilhavam no sol, e pensei, aflito, que essa mulher poderia ser minha filha ou minha sobrinha, de acordo com a diferença de idade. Lá estava ela, e ao redor da cratera passeavam pessoas, e os papagaios selvagens faziam barulho, e pensei que gostaria de saber o que Isabelle havia desejado. Por último ela virou a cabeça e gritou: — Pronto, você também?

Afirmiei e fui até ela, no ar úmido e abafado senti o aroma de seu perfume especialmente forte, e disse: — Esse aroma deve ter sido inventado para você.

Naturalmente, digo, e vejo meu rosto minúsculo nos seus olhos. De Emenaro.

Sáimos da cratera. G. faz questão de que eu vá pelo lado da montanha para que eu não caia, e durante muito tempo não falamos. Quando chegamos ao estacionamento, ele abriu para

mim a porta do carro, e enquanto descíamos à cidade, ele perguntou: você desejou muita coisa? — Nada, disse. — Nada? Mas você ficou tanto tempo diante do buraco! — Havia algo de estranho, disse. — Algo de estranho? — Eu tinha muitos desejos, mas então pensei nessa coisa estranha, e isso me impressionou tanto que eu não cheguei a desejar nem um pouquinho. — Compreendo, disse G., e naturalmente ele não compreende nada.

A estrada tinha muitas curvas e ele precisa ter muita atenção ao dirigir.

E você desejou alguma coisa? pergunto a G. — Não, disse ele. Tive uma impressão parecida com a sua. Eu a observei, você não notou, e então não pude mais pensar nos espíritos. — Sinto muito. — Eu também posso desejar tanta coisa, disse ele. Mas com esses espíritos é uma coisa incerta. Você não vai me dizer o que era a coisa estranha na qual você pensou? — Ah, não! disse, claro que não. E depois fecho os olhos, pois naquele momento ele fez outra curva, e a brilhante luz do sol poente nos encontra junto com a brilhante luz do mar, e ambas encandeiam. G. dirige lenta e cuidadosamente, e só abri os olhos quando alcançamos as favelas das imediações com suas casas de zinco.

## 2

E aconteceu naqueles dias...

Nos institutos de aproveitamento de animais em Horstedt (Husum) e em Niebüll (Frísia do Norte), cerca de cinco mil corpos de focas decompostos e malcheirosos foram transformados em ração e gordura industrial. O toxicólogo Prof. Otmar Wassermann, da

Universidade de Kiel<sup>6</sup> se indignou: — O aproveitamento de cadáveres com materiais contaminados para ração animal e gorduras garante que a população, já carregada de materiais contaminados de maneira crítica, esteja sujeita a outros materiais, absolutamente evitáveis... Por que na sociedade industrial tudo precisa simplesmente ser aproveitado — até mesmo os cadáveres das focas, de cujas mortes somos cúmplices?

Sua pergunta ficou sem resposta; o escândalo, despercebido pela mídia.

A água potável, uma das propriedades mais preciosas da humanidade, virou bebida perigosa. A culpa número um da contaminação do alimento são a agricultura e a indústria, declararam cientistas alemães reconhecidos internacionalmente.

Alguns informes alarmantes de uma lista interminável: seis bebês na Baviera morreram por conta de água potável contaminada com cobre.<sup>7</sup> Em Baden-Württemberg foram fechadas 250 fontes empestadas. A água contendo nitrato aumentou o número de câncer de estômago em Vechta. Entre Passau e Flensburg, químicos descobriram na água subterrânea 45 pesticidas diversos. No Harz, a água contaminada de metais pesados era mandada a cabo para Göttingen. Em 4.600 fontes de Nordrhein-Westfalen foi encontrado o dobro da quantidade permitida de nitrato.

O responsável pelo meio ambiente em Bielefeld denunciou ao público, numa discussão, a política federal do meio ambiente: — Os políticos continuam inativos, temos o déficit de execução organizado. A indústria química continua a fazer negócios estupendos e faz pouco caso das tentativas dos ecologistas de advertir a opinião pública do perigo dos pesticidas na água potável. Em congressos especializados e conferências de imprensa os representantes da indústria, em comum acordo com seções de proteção às plantas e câmaras de agricultura, condenaram a agitação em torno das “ultra-

pistas”.

Na costa sul do Alasca houve a maior catástrofe ecológica da história dos Estados Unidos. Carregado com 211 mil toneladas de petróleo em rama, o supercargueiro *Exxon Valdez* passou por um recife no estreito Príncipe William e foi cortado. O tapete de óleo se espalhou sobre uma enorme região. Milhões de focas, peixes e pássaros morreram dolorosamente.

Quatro dias após o acidente o preço do petróleo em rama subiu em todas as bolsas, no mais alto nível em 19 meses.

Ao norte da Noruega afundou um submarino soviético carregador de torpedos com uma tripulação de 60 pessoas, numa profundidade de 1.500 metros. Apenas poucas pessoas puderam ser salvas. Elas teriam desativado o reator, declararam os sobreviventes. Especialistas falaram de uma bomba-relógio atômica, cientistas noruegueses lembraram Chernobyl.

Poucos dias após o acidente ninguém mais falava no assunto.

Segundo uma pesquisa do Greenpeace, há no solo dos mares do mundo 48 mísseis não-detonados e 11 reatores nucleares. Um porta-voz do Greenpeace disse: — A culpa é tanto dos soviéticos quanto dos americanos, através de acidentes, panes e porcarias mais. Não sabemos com segurança se já começou uma contaminação do meio ambiente. Mas um dia essas armas vão se decompor e se tornar perigosas. Os mísseis e as bombas perdidas estão em tão grande profundidade que não podem ser recolhidos.

— Só posso desejar ao mar do Norte um verão muito ruim, com muita chuva e pouco sol — declarou o professor Thomas Höpner, bioquímico e biólogo marítimo, da Universidade de Oldenburgo. — O

mar do Norte não suporta mais um bom clima. A situação do mar é frágil e caótica. — Na opinião de Höpner a culpa é dos muitos despejos para o mar do Norte, anualmente, entre outros quatro bilhões de metros cúbicos de água de esgoto, um e meio milhão de toneladas de ligações de azoto e 200 mil toneladas de fosfates. As muitas substâncias nutritivas na água — em ligação com luz e calor — “engordam” as algas. As algas mortas são decompostas por bactérias. Para isso as bactérias precisam de uma quantidade violenta de oxigênio. Conseqüência: os peixes se asfixiam, o ecossistema em sua totalidade pode se transformar.

Uma pesquisa entre 3.000 estudantes alemães da décima classe revelou: 25% não sabiam citar nenhuma flor. 70% não sabiam que o pinheiro está ameaçado de extinção. Só quatro por cento sabiam o que seria o “lixo-extra”.

### 3

— Mais da metade de todas as florestas tropicais já está irreversivelmente destruída ou estragada. Ninguém se arrisca a calcular, nem por alto, a perda de animais e sobretudo de espécies vegetais — disse o Dr. Bruno Gonzalos. Ele esperou até que Isabelle traduzisse, e então continuou: — Mas já é certo desde agora que nas florestas tropicais foi praticado pela mão humana o maior ecocídio e, com isso, a mais extensa destruição de espécies da história mundial.

Clarisse, sua mulher, uma bonita mulata com cabelos pretos bem curtos, olhos pretos bem grandes e dentes esplêndidos, disse: — Cristóvão Colombo já se encantou com a “grande beleza” e a “multiplicidade” da paisagem da floresta no Caribe, com “árvores as mais variadas, que são tão altas, que parecem tocar o céu”.

Seu marido pegou um livro. — E Alexander von Humboldt

escreve aqui, cito: “Invejo as pessoas na zona quente, que são agraciadas com a natureza sem abandonar sua pátria, vendo todas as formas de plantas da Terra.”

— Mas isso já passou — disse Clarisse, profissão bióloga. — Com o desmatamento desaparecem diariamente várias espécies de animais e plantas de nosso planeta. Se a velocidade da destruição continuar, serão várias por hora. É como se as nações do mundo tivessem decidido queimar suas bibliotecas sem ver o que há nelas.

— Essa destruição — disse Gonzalos — não significa apenas uma perda monstruosa de formas de vida, mas uma destruição do processo de evolução em seu todo. Nesse ecocídio não se trata apenas de morte, mas do fim do nascimento.

Depois que Isabelle havia traduzido também isto, fez-se um silêncio no escritório do Dr. Gonzalos. O meteorologista de 36 anos, que há sete anos lutava, em missão da organização de proteção do meio ambiente da ONU, para que as demais florestas tropicais também não fossem extintas, era um homem calmo e doce e dava uma impressão de tímido. Enquanto falava, sua voz soava pedinte e suplicante ou também, como agora, fria, denunciadora e dura. A cor de seu fino rosto era muito clara; seus olhos, castanhos como os cabelos curtos. Ele estava sentado perto de uma janela, através da qual se avistava em frente o grande prédio do Museu Nacional de Belas-Artes na Avenida Rio Branco. Gilles havia estado com Isabelle no palácio enquanto esperavam pela volta dos Gonzalos ao Rio. Eles tinham visto todos os quadros maravilhosos e Gilles, que se interessava muito por pintura, explicou e contou muitas coisas a Isabelle, e a jovem mulher ficou impressionada com a maneira de suas descrições. Agora, no escritório do Dr. Gonzalos, Isabelle estava sentada entre Gilles e Clarisse. Atrás de Clarisse, na parede, havia um quadro que mostrava um casal de namorados de forma poética, sonhadora. Gilles imediatamente reconheceu, encantado, a obra do pintor Ismael Nery, o que agradou os Gonzalos, pois também gostavam dos quadros de Nery, e assim se falou que aquele artista,

depois de uma estadia em Paris a partir de 1927, foi influenciado por Chagall, e Isabelle, que traduzia, ficou contente em ver o quanto Gilles sabia e tinha a dizer; ela estava estranhamente orgulhosa disso, e de vez em quando olhava para o escritor, como se o olhasse pela primeira vez.

Três outras pessoas se encontravam no recinto: o químico Peter Bolling, o *cameraman* da equipe e um técnico. Os Gonzalos não sabiam que canais de televisão passaram a mandar equipes de duas pessoas, e este foi o assunto durante longo tempo. Antigamente, explicou o muito educado e muito sério *cameraman* Bernd Ekland, trabalhava-se com equipes de até cinco colaboradores, mas agora, disse ele, havia câmeras muito novas, chamavam-se BETAs.

As câmeras eletrônicas já existem há muito tempo — disse Ekland, que continuamente pousava a mão esquerda no braço direito, massageando-o cuidadosamente. — Mas essas novas trabalham com fitas BETA de meia polegada em cassetes que não são maiores que videocassetes normais. Elas têm a grande vantagem de se poder filmar exatamente como uma câmera de vídeo normal e imediatamente gravar o cassete através de um gravador num monitor e saber se as filmagens deram certo, acústica e visivelmente. Antigamente ainda havia um especialista de som, um assistente do *cameraman* e um iluminador. Era o mínimo. Hoje uma única pessoa faz o trabalho deles, e porque tem tão variadas coisas para fazer, ninguém achou nada melhor, para caracterizá-lo, que a palavra “técnico”. Com o meu técnico — disse ele, e sua voz ficou doce — trabalho há 11 anos.

— Nos primeiros oito anos eu era especialista de som — disse o técnico, uma jovem mulher que se vestia como um rapaz. Chamava-se Katja Raal, tinha um penteado de homem, repartido, e um rosto constantemente alegre, cuja pele era devastada por uma acne nunca curada. — Eles sempre nos enviam, a mim e Bernd, juntos, já que nos entendemos tão bem. — Bernd sorriu ligeiramente para ela, mas logo depois ficou sério. Sua mão esquerda massageava o braço



direito. — Eles fazem questão — disse a pequena pessoa com olhos engraçados — que o *cameraman* e o técnico se entendam bem. Frequentemente ficam juntos durante meses. Isso só é possível quando eles se entendem bem. — E novamente seu olhar brilhou para Ekland.

— Quanto pesa uma câmera BETA? — Gilles perguntou.

— Nove quilos — disse Ekland.

— E você a segura nos ombros?

O homem grande, forte, afirmou com a cabeça. — Ou pode-se prendê-la num tripé.

— Nove quilos. Isso é duro — disse Clarisse, e tudo o que era falado, Isabelle traduzia.

— Um pouco, sim — disse Ekland. — Quando se tem uma coisa dessas 50 vezes por dia nos ombros e então levantá-la de novo no tripé e do tripé para o chão e novamente sobre os ombros e então no tripé, e isto semanas a fio... um pouco duro, sim, sim. Mas Katja me ajuda. Sem Katja eu não poderia trabalhar.

— Você também levanta a câmera? — Isabelle perguntou.

— Mas claro! — Katja disse, e seus alegres olhos brilharam, e a pele de seu rosto era coberta de cicatrizes e pústulas e poros pretos, grandes pontos que parecem couro. Para a maioria das pessoas era difícil olhar para Katja descontraída e naturalmente e não deixar notar um choque por causa desse rosto. Katja estava acostumada quando a examinavam piedosos ou irritados. — Você acha que sou muito fraca? Ah! Você não imagina a minha força!

Bernd a observava ternamente. — Trabalha como um cavalo, a pequena. Pois é claro que ela precisa se preocupar ainda com o som e ajudar na filmagem, cuidar da iluminação e outras coisas. Um BETA-set como este se compõe de muitas partes: câmera, tripé, projetores e tudo o que é ligado a eles, cabos, uma mala de luz, o cinto onde estão os discos acústicos que fazem funcionar a câmera, um monitor, cassetes, ferramentas... Vocês não imaginam o que carregamos conosco! Maravilhoso, o meu técnico.

Katja riu e acariciou o braço de Bernd.

E sempre alegre, sempre bem-disposta — um milagre, realmente, um milagre.

— Pare com isso! — gritou Katja rindo, e um vermelho tomou conta de seu desfigurado e pálido rosto. — Não desejo fazer outra coisa senão trabalhar assim — com você.

E isso, pensou ela, rindo e ao mesmo tempo completamente desesperada, só vai durar mais um ano. No máximo um ano. Eu e Bernd sabemos, e mais ninguém além de dois médicos. No primeiro Bernd esteve há três anos, quando as dores nos ombros ficaram bem fortes. O primeiro médico constatou uma doença de trabalho. Sei de cor o nome latino, porque a vida de Bernd e a minha giram em torno dessa doença. Ela se chama *Periathritis humeroscapularis*. Surgiu por carregar a maldita BETA e todas as malditas câmeras antes dela. Primeiro, então, radioterapia. Calor. Ultra-som. Ondas curtas. A condição, claro: não trabalhar! Naturalmente, nem pensar. Bernd continuou a trabalhar como antes. Filmar simplesmente significa a vida para ele, e isso não é uma frase. As dores continuam. O médico diz, então, injeções. Cortisona. No ombro. Regularmente. Ensina-me como se faz, pois estamos sempre fora. Com as injeções fica melhor, de fato. Até que há um ano um outro médico ouve falar disso e se irrita: injeções de cortisona? Três por semana? O senhor é mesmo louco! Interrompa, interrompa imediatamente! Senão, o senhor se arrisca a rasgar o tendão do músculo. Então é o fim, mas definitivamente. Então o senhor não poderá mais levantar o braço. Então o senhor terá um *frozen shoulder*. Assim, eu e Bernd tomamos um grande susto e de fato paramos com a cortisona. Naturalmente, as dores ficam mais fortes. A cada dia mais fortes. Agora elas já são tão fortes, que Bernd está constantemente sob o efeito de analgésicos, toma-os demais, sempre toma-os demais. Há seis meses que ele não vai mais ao médico, ele não quer saber do assunto, ele engole analgésicos porque quer filmar, filmar, e eu, eu quero exatamente o mesmo, que ele filme, filme, filme enquanto ainda

puder segurar uma câmera. Eu conheço alguns que tiveram uma *Periathritis humeroscapularis* com esse trabalho. Vi um que no fim não podia sequer levantar uma folha de papel e ficou meio louco por causa das dores. Ele filmou até não poder mais, e isso Bernd também fará, ele quer assim e eu, eu sei que isso é egoísta, mas eu sei, sim, que para ele, filmar significa viver, eu também quero assim, e ninguém deve saber, senão ele será imediatamente posto diante de uma mesa de trabalho, e se Bernd não puder mais filmar, o que será de mim? Ninguém nunca me aceitou porque tenho uma aparência tão horrível, ninguém me quis, até que Bernd apareceu, foi gentil e educado e carinhoso comigo desde o primeiro momento. *A mim* ele contou sobre seu braço ao voltar do médico pela primeira vez, e também quando soube que só pode durar um ano, no máximo um ano. E depois? O que será de mim? Nem pensar nisso, pensou Katja, só não pensar nisso, não, não, e ela riu alegre.

Eles se encontraram na manhã daquele 29 de agosto, uma segunda, no apartamento dos Gonzalos, para acertar os detalhes do filme sobre a destruição das florestas tropicais.

— Quanto melhores as entrevistas — disse Marvin — tanto melhor será o trabalho. Precisamente saber exatamente *antes* do começo das filmagens do que se trata para fazer as perguntas certas. Isto é importante também para a intérprete. Facilita o traduzir pra lá e pra cá em frente à câmera...

Eles sentaram e beberam chá, e da rua soava, através da janela aberta, a canção de um mendigo.

— O que ele canta? — perguntou Peter Bolling.

Isabelle espreitou e disse, com pequenos intervalos: — O que o meu destino me reservou... Não me deixa nunca... Só conheço a tristeza... pois para ela nasci... eu para ela...

Clarisse se levantou, enrolou moedas e notas numa folha de papel e a jogou da janela para aquele que cantava.

— Genocídio, ecocídio — disse Marvin. — Palavras terríveis. Morte de gente. Morte da natureza. Em que tempos vivemos!

Isabelle traduzia tudo. Ela usava um leve vestido azul-claro e sapatos brancos, e de vez em quando olhava para Gilles e às vezes sorria, mas ele ficava sério e não sorria nunca.

— Gente pode matar gente e extinguir povos e raças inteiros — disse Bruno Gonzalos. — Mas não pode matar a natureza. Pode tentar. Mas a partir de um determinado momento a natureza pode reagir e isso é o fim daqueles que tanto feriram a natureza. A natureza será eterna, ela sempre se recuperará em novas formas. Os homens precisam da natureza. A natureza não precisa dos homens. Não nos enganemos: países tropicais como o Brasil ou a Indonésia precisam abrigar e alimentar a cada ano mais pessoas. Com a coragem do desespero, muitos desses infelizes sempre voltarão a atacar as florestas tropicais — da mesma forma como os empresários num sistema econômico orientado unicamente para o lucro. Então, a catástrofe final, o suicídio da humanidade, *terá* que vir, logo — se não formos capazes de realizar, o mais rápido possível, um eficaz controle da natalidade e uma proibição da exploração absolutamente inconsciente de todos os tesouros das florestas tropicais através dos absolutamente inconscientes governos, bancos e indústrias.

— Começaremos com esse desafio — disse Marvin. — E depois explicaremos o que significa a destruição das florestas tropicais para o clima.

— É melhor filmarmos aqui — disse Ekland. — Primeiro vem a entrevista com o senhor.

Embaixo, na Avenida Rio Branco, o mendigo ainda canta o seu lamento.

— A floresta tropical — disse Gonzalos — se desenvolve em mais de 60 milhões de anos na região da Terra mais rica em animais e plantas; 20 milhões de quilômetros quadrados era o seu tamanho. O homem precisou de mais ou menos um século, e as enormes áreas arborizadas na altura do Equador estavam reduzidas à metade. As florestas tropicais na Índia, Bangladesh e Sri Lanka já estão quase que completamente destruídas.

— A diminuição da zona de folhagem tropical, sobretudo o enrugamento do “pulmão verde” na Bacia Amazônica causam mudanças de temperatura em todo o mundo — disse Clarisse Gonzalos.

Katja a olhava encantada. Essa bela pele, pensou. Tão lindamente escura. Fina como veludo. Ah, pensou Katja, Bernd ainda pode segurar a câmera. Ainda tenho sorte. E com uma expressão alegre ela espreitou Clarisse, que continuou a falar.

— Se o desmatamento e a queimada não se reduzirem, em curto espaço de tempo haverá a ameaça da catástrofe climática. Antigas bolhas de ar do gelo da Groenlândia e da Antártida mostram: quanto maior a quantidade de dióxido de carbono, tanto mais aumenta a temperatura. Hoje vão para o ar anualmente cinco bilhões de toneladas de dióxido de carbono...

— Quanto? — Marvin perguntou, chocado. — Diga mais uma vez, Isabelle.

— Não errei, *Monsieur* Marvin — disse a jovem mulher com cabelos louros e olhos azuis. — Cinco bilhões de toneladas de dióxido de carbono, anualmente.

— E, segundo as estimativas, três quintos se originam das queimadas nas florestas tropicais — disse Clarisse. — Se isso continuar assim, a temperatura do mundo aumentará de tal maneira que o gelo nas cúpulas dos pólos começará a derreter. Isto teria como consequência uma enchente em paisagens costeiras, e a devastação da Terra se aceleraria rapidamente.

— Quando faltarem as enormes áreas vegetais, também ficará impedido o catabolismo natural do dióxido de carbono através da fotossíntese — disse Gonzalos.

Bolling se dirigiu a Gilles. — Fotossíntese significa que as plantas absorvem dióxido de carbono e água e transformam ambos, com a ajuda da energia solar, em amido e açúcar.

— Obrigado — disse Gilles.

— De nada — disse Bolling. — Explico-lhe com prazer o que o

senhor não entende, como amador. — Sua antipatia com o escritor se reacendera novamente. Este parece que não percebeu e sempre voltava a olhar Isabelle.

— A destruição das florestas tropicais tem efeitos mundiais também na circulação da água — continuou Gonzalos. — Antigamente elas eram doadoras gigantes de umidade, onde circulavam infinitamente alguns bilhões de toneladas de água através de evaporação e precipitação. Assim, elas estabilizavam o clima tropical e protegiam além de suas fronteiras da seca e enchente. Por causa do desmatamento assassino isso também acabará em breve. E finalmente perdemos a chamada reserva genética de calculado 1,7 milhão de espécies de plantas e animais, que ainda não foram catalogados sequer na sua metade. A floresta tropical é — excluindo-se talvez o mar — o único hábitat que guardou um grande número de novos alimentos, materiais para remédios e matérias-primas vegetais... Mas agora ela é explorada inescrupulosamente por sociedades multinacionais, bancos, companhias e governos. Nós mostraremos a vocês, nós mostraremos tudo a vocês, minha mulher e eu.

— Iremos com você ao centro de estatística do Instituto de Pesquisa do Universo — disse Clarisse. — Lá há fotos de satélites que estão estacionados sobre o continente sul-americano. As fotos mostram a extensão da destruição da Bacia Amazônica.

— Fotos, bom — disse Ekland. — Quanto mais fotos, melhor. As fotos têm mais efeito que as palavras.

— Teremos fotos suficientes — disse Gonzalos. — Meu pessoal decidiu que eu os acompanharei na viagem. Estarei à sua disposição para todos os seus filmes. Primeiro voaremos para Belém e de lá para Altamira. Lá começará, daqui a três dias, um congresso, para o qual convidaram os índios que são contra a construção da maior usina hidrelétrica do mundo. Levarei vocês aos garimpeiros. Levarei vocês a Carajás, onde surgiu a “Região do Ruhr brasileira” — sem a menor consideração para as conseqüências desse abuso, sob o desprezo

cínico de todas as relações ecológicas. — Gonzalos disse repentinamente e com olhar cabisbaixo: — Sim, todos os crimes cometidos aqui eu lhes mostrarei. São crimes internacionais, muitos países tiveram participação neles — especialmente os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão. Nós... — ele parou... — Nós não desistiremos. E muitos outros também não. Porém... sinceramente: não sei — ninguém sabe — se podemos evitar a catástrofe. E numa situação dessas é absolutamente irresponsável trazer filhos ao mundo. Pois o que lhes acontecerá se todos os esforços não tiverem sucesso, e eles, em breve, muito em breve precisarem viver num inferno dantesco, eles e os filhos desses filhos?

Clarisse se desculpou para preparar o almoço para o qual as visitas estavam convidadas.

— Preciso ir para a cozinha — disse ela. E para Isabelle: — Quer vir comigo? Mostro-lhe também o apartamento.

Isabelle foi.

Na cozinha trabalhava uma índia. Clarisse a apresentou à sua visita, ocupou-se da comida e levou Isabelle para o quarto. Lá ela se deitou, aparentemente sem forças, sobre a cama.

— Sou infeliz, senhora Delamare. Tão infeliz.

— Por quê? — perguntou Isabelle, assustada.

Clarisse respondeu baixinho, quase cochichando: — Meu marido não quer um filho sob hipótese nenhuma, a senhora ouviu. Eu também não queria. Agora eu quero de qualquer forma. Estou grávida, no segundo mês, senhora Delamare. Bruno não sabe disso. Quero ter esse filho. O que devo fazer? — Ela se levantou, abraçou Isabelle emocionada, apertou-a enquanto começou a chorar, repetiu desesperada: — O que devo fazer? O que devo fazer?

assinaram, em Lüneburgo, a declaração de capitulação das tropas alemãs na Holanda, Frísia, Bremen, Schleswig-Holstein e Dinamarca. Uma trégua foi ordenada às rápidas vedetas ancoradas no porto de Avenborg. No alvorecer do dia 6 de maio, cinco marinheiros abandonaram seus alojamentos para se desligarem da tropa e tomar o caminho de casa. Mas logo foram apanhados e, no dia 9 de maio — cinco dias depois da capitulação parcial, no dia em que começou a vigorar a capitulação da totalidade do Reino Alemão — foram condenados à morte por um conselho de guerra sob a presidência do juiz do Estado-Maior Holzwig, em razão de “difícil caso de fuga à bandeira em campo de guerra”. Os julgamentos foram executados por fuzilamento no dia 10 de maio; os cadáveres foram jogados ao mar.

Desde o começo da guerra até o dia 31 de janeiro de 1945 (depois desta data não há mais números) os juizes militares alemães condenaram à morte, “de acordo com a lei”, 24.559 soldados alemães. Pelo menos 16.000 foram fuzilados, decapitados ou enforcados; a grande maioria dos outros, através de “indulto”, foi para companhias disciplinares e lá perdeu a vida.

Como comparação; os juizes do exército imperial alemão fizeram executar, durante os quatro anos da Primeira Guerra Mundial, 48 soldados.

Dos dez milhões de americanos que eram soldados na Segunda Guerra Mundial, apenas um foi condenado à morte por juizes americanos e fuzilado por causa de fuga à bandeira.

Nem sequer a um juiz militar alemão pediram-se explicações depois de 1945. A maioria deles fez grandes carreiras profissionais ou políticas. O escândalo em torno do antigo juiz das forças armadas e posterior primeiro-ministro de Baden-Württemberg, Dr. Hans Filbinger, ficou conhecido.

Entre os cinco marinheiros que foram fuzilados no dia 10 de maio de 1945, por conta de uma sentença do juiz do Estado-Maior Holzwig, estava Peter Ritt, de 29 anos. Seu filho, Elmar Ritt, tinha



naquele tempo um ano e meio de idade. Ele nunca viu o pai.

— Como assim, proteção pessoal? — Elmar Ritt perguntou.

— Mas isso consta na sua disposição, senhor procurador! — disse o jovem funcionário criminal Karl Eilmers, atordado. — O Doutor Hansen tem proteção o tempo inteiro. O senhor mesmo exigiu, senhor procurador!

— Eu — disse Ritt, com lábios finos —, isso eu não exigi.

— O senhor não... — Wilmers ficou ainda mais atordado. — Mas por isso estamos aqui! Se o senhor não exigiu isso, então quem?

Essa conversa teve lugar ao meio-dia de 29 de agosto de 1988, naquela segunda-feira em que o Dr. Bruno Gonzalos e sua mulher Clarisse receberam em seu apartamento no Rio de Janeiro Markus Marvin e sua equipe para o documentário de TV sobre a destruição da floresta tropical brasileira.

Elmar Ritt estava com um estenógrafo no *hall* de entrada do hospital civil em Frankfurt am Main. Ele havia dito ao porteiro que tinha um encontro com o Dr. Hilmar Hansen, que estava na ala particular, quando um jovem foi ao encontro dele e se apresentou como o inspetor criminal Karl Wilmers.

— Quem exigiu isso? — Ritt respondeu. — Provavelmente alguém da Procuradoria-Geral. Talvez tenham se esquecido de me comunicar. — Ritt se lembrou de seu pai, o qual ele nunca tinha visto, e pensou: por isso me tornei procurador. Queria fazer tudo o que podia para que a justiça vingasse neste país. Nunca nenhum juiz sanguinário de antigamente foi acusado por um colega. Nunca muitos assassinos de massa nazistas foram condenados. Muitos médicos nazistas também não. Nunca muitos criminosos da economia. Muitos pontos obscuros recebeu a justiça em nosso país. O que acontece aqui novamente? Não tem sentido ficar zangado com este jovem. Ele foi mandado para cá. Vou descobrir o que aconteceu, sob as ordens de quem, por que sem o meu conhecimento e por quê, de qualquer forma. Não perca a calma!, disse para si mesmo. Este jovem não tem culpa de nada.

— Gostaria de falar com o doutor Hansen — disse ele.

— Com certeza, senhor Ritt. Levo-o até ele — disse Wilmers.

Ele entrou atrás do procurador e do estenógrafo num elevador, e eles subiram até a ala particular, que ficava por detrás de uma porta com vidro fosco. O jovem funcionário criminal tocou a campainha. Uma enfermeira abriu.

— Sim?

— Tudo bem, enfermeira Cornelia — disse Wilmers. — Este é o senhor procurador Ritt, conheço-o de vista, e este é... — ele interrompeu.

— Este é o senhor Jakob Horn, estenógrafo do tribunal — disse Ritt, que voltou a ficar com raiva. Diante de uma das portas da seção particular estava sentado um jovem, que logo veio e cumprimentou.

— O inspetor Herterich — Wilmers apresentou-o. — Vigia o doutor Hansen aqui em cima. Será substituído em duas horas.

— Leve-me, por favor, ao doutor Hansen — pediu Ritt sorrindo ao segundo funcionário criminal, que se chamava Herterich.

— Imediatamente, senhor procurador... — Herterich parecia infeliz. — Imediatamente, depois que...

— Imediatamente depois do quê?

— É só um detalhe... — explicou Herterich envergonhado.

— Que tipo de detalhe?

— Preciso revistar o senhor e seu acompanhante para saber se os senhores carregam armas — disse Herterich, quase gaguejando.

— O senhor precisa o quê?

— Assim consta na disposição, senhor procurador — disse Wilmers. — Ninguém pode ir até o senhor Hansen sem ser controlado. Precisamos cumprir com o nosso dever... O senhor não quer nos trazer dificuldades, não é, senhor procurador?

— Eu... — Ritt respirou fundo. Calma!, disse para si mesmo, maldição, fique calmo! Não despeje sua ira nos dois rapazes! — Tudo bem — disse ele. — Tudo em ordem. — Ele perguntou à enfermeira: — Onde posso telefonar?

— Aqui dentro. — Ela mostrou um pequeno cômodo cheio de armários de medicamentos, cuja porta estava aberta.

— Obrigado. — Ritt disse ao estenógrafo: — Um momento, senhor Horn. Tudo se resolverá rapidamente. — Foi até o pequeno cômodo, pegou o telefone, discou, pediu para falar com o chefe da Procuradoria-Geral de seu tribunal.

Ele falou com três pessoas. Por último, disse uma voz de mulher: — O senhor procurador-geral Hilmer não está, senhor Ritt.

— Então passe-me para o substituto.

— Ele também não está... não... não...

— Então! — Ritt gritou. Não!, pensou ele. Não grite!

— Não há ninguém aqui, senhor Ritt — disse a voz de mulher, queixosa. — Até as 15 horas certamente não. Os senhores estão na hora do almoço. Não posso fazer nada.

— A senhora sabe quem deu ordens para revistar toda e qualquer pessoa antes de entrar no quarto do senhor Hansen no hospital civil?

— Não, senhor Ritt.

— Não?

— Não. O senhor Hansen corre perigo, não é?

— Quem diz isso?

— Ninguém. Mas ele precisa estar em perigo, se existe uma tal disposição.

Diante dessa lógica Ritt só pôde fechar os olhos. — Obrigado — disse ele, bateu o telefone e voltou ao corredor.

— Por favor, tire todos os objetos metálicos dos bolsos, senhor Horn! — Herterich dizia naquele momento.

Ritt disse a Horn: — Faça o que este homem diz! — Horn obedeceu. Tirou as chaves e as moedas de sua jaqueta. Herterich pegou uma sonda e passou-a pelo corpo de Horn, para cima e para baixo, enquanto murmurava: — Não tenho nada a ver com isso.

— Sim, sim, sim — disse Ritt, enquanto deixou fazer o mesmo com ele. Ele tremia de raiva, porque obrigatoriamente devia pensar

no seu pai e no seu fim nos últimos dias. — Tudo bem. Tudo bem. O senhor não tem nada a ver. O senhor não tem nada a ver. O senhor não tem nada a ver. Escute, senhor Horn, o homem não tem nada a ver!

— Desculpe-nos outra vez — disse Wilmers com voz apertada. — Venham, meus senhores, levo-os agora até o senhor Hansen.

Eles foram pelo corredor até a porta, diante da qual Herterich estava sentado. Da porta em frente veio um médico mais velho, grisalho e cumprimentou formalmente. — Senhor procurador Ritt?

— Sim.

— Heidenreich. Nos falamos ao telefone.

— Certo.

— O senhor Hansen ainda está muito fraco. Quinze minutos, disse-lhe pelo telefone. Quinze minutos; mais tempo, de jeito nenhum. Não seria responsável. — Ele bateu na porta, na qual havia uma placa com as palavras ENTRADA PROIBIDA, e a abriu. — Doutor Hansen — disse ele —, os senhores do tribunal já estão aqui.

— Doutor Hansen — disse Elmar Ritt, sentando-se numa cadeira ao lado dele. — O senhor já sabe quem sou eu, e o senhor já sabe quem é o senhor naquela mesinha. Tenho uma pergunta. Falar causa-lhe dores? Então é suficiente se o senhor balançar a cabeça.

— Tudo bem — disse Hansen. Ele falava baixinho. Marvin partiu-lhe dois dentes, pensou Ritt. O rosto de Hansen e os braços estavam cobertos de hematomas de todas as cores. Em torno do tronco havia um grande curativo. As costelas quebradas, pensou Ritt. Isto se chama curativo de telha. Cola bem. Vai doer quando tirarem. Gaze sobre o olho esquerdo. Hematoma. Gesso no ombro direito. Fratura de clavícula. O pé direito no gesso. Rotura no tendão da perna, pensou Ritt. Ele observou a cabeça fina de Hansen. Seu cabelo era muito fino e branco. Os olhos eram grandes e escuros e davam uma impressão branda. Dá uma impressão bem feminina,

pensou Ritt, sim, ele poderia ser uma moça encantadora, certamente cheia de charme e ao mesmo tempo cheia de timidez, extremamente terna e meiga.

Ritt pegou o auto, no qual ele havia se informado sobre o Dr. Hilmar Hansen durante o trajeto.

Seu nome completo era Hilmar Christoph Augustus Hansen, nascido a 22 de maio de 1946, em Frankfurt. Pai: Alexander Christoph Thomas Hansen; a mãe, Roswitha Clementina, nome de solteira Werth. Proprietário único da firma Hansen-Chemie, comandita. A Hansen-Chemie foi fundada pelo bisavô de Hansen, Paul Alexander, em 1827. O pai de Hansen a aumentou muito. De 1925 a 1943 a firma cresceu sob sua direção para uma poderosa empresa. Então a maior parte das instalações à beira do Meno foi destruída por ataques aéreos. Logo depois Alexander Christoph Thomas Hansen começou a reconstrução. Já na época em que Hilmar era estudante e depois, quando ele entrou na firma, ajudou o pai no crescimento da empresa. Então, em 1989 a Hansen-Chemie já era uma coisa como um irmão — menor — da Bayer e Hoechst.

Hilmar Hansen morava perto de Königstein, no Taunus, no pequeno palacete Arabella, que o seu avô mandara construir. Ele era casado com Elisa Katharina Luise Hansen, nome de solteira Thiel, e tinha um filho, Thomas, de nove anos.

Ritt se curvou para a frente. — Pode falar, senhor Hansen?

— Claro, senhor procurador. Claro. Mas não muito alto. Quase não dói. — Apesar do sorriso, havia melancolia, humildade e tristeza nos bonitos olhos com as longas e sedosas pestanas. A voz de Hansen era melódica e pura. Ao falar, ele soltava minúsculas gotas de saliva através dos buracos nos dentes.

— Então, bem — disse Ritt. — Senhor Hansen, o senhor já produziu um produto comercial da ligação paradiclorobenzol, chamado desodorante sanitário, ou mesmo para a chamada higiene de cadáveres?

— Sim, senhor procurador. Mas por pouco tempo, talvez meio

ano. Depois a produção foi interrompida.

— Por quê?

— Recebemos de várias partes informações, nas quais o paradiclorobenzol está sob suspeita de ser cancerígeno. Na sua utilização, as substâncias venenosas ficam ativas. — Hansen agora falava muito rapidamente. — Do último, nós sabíamos. Com a ajuda de modificações químicas impedimos desde o começo que essa substância ficasse ativa. Mas mesmo assim interrompemos a produção — de livre decisão, senhor procurador, de livre decisão.

— O que significa “livre decisão”?

— Falta até hoje a prova exata de que o paradiclorobenzol seja cancerígeno de fato. As pesquisas estão aí — e ainda vão durar anos. Não queríamos ter nenhum tipo de prejuízo. Nenhum tipo de prejuízo.

— Nesse meio-tempo o Ministério Federal de Saúde proibiu o paradiclorobenzol.

— Em 1988, senhor procurador — disse Hansen, sibilando suavemente. — Paramos com a produção já em 1985. Deixe-me acrescentar que produtos com paradiclorobenzol não são proibidos em muitos países. As determinações alemãs se caracterizam por uma particular cautela e rigor.

O estenógrafo trabalhava silenciosamente na sua pequena máquina. Jakob Horn era um homem triste. Ele amava sua mulher, e sua mulher sofria de esclerose múltipla, que estava tão avançada, que ela só podia se movimentar em cadeira de rodas, devia ser levada para a cama, carregada da cama, lavada, cuidada, vestida, despida. Todas as noites depois do trabalho, todos os fins de semana, todo feriado, toda hora livre, Jakob Horn passava ao lado de sua mulher. O médico lhe havia dito que a doença atingiria o aparelho respiratório de sua mulher no decorrer do próximo ano, o que significa morte por asfixia. Há alguns minutos que Jakob Horn novamente pensava que ele deveria então morar sozinho no grande, cinza e velho apartamento.

— Senhor Hansen, o senhor disse que interrompeu a produção pouco tempo depois.

— Foi assim, senhor procurador.

— O senhor nunca forneceu produtos de paradiclorobenzol para outros países, especialmente para os do Terceiro Mundo?

— Nunca.

— A doutora Valerie Roth e Peter Bolling o denunciaram quatro vezes e afirmaram que o senhor fornecia para outros países, especialmente aqueles do Terceiro Mundo.

— Venci — e o senhor sabe disso, senhor procurador — todos os quatro processos. Não se achou nenhum fundamento, nem muito menos uma prova para tal afirmação.

Ritt folheou o seu auto. — Por último o senhor foi denunciado pelo mesmo motivo pelo doutor Markus Marvin.

— Também aí fui absolvido, como o senhor sabe.

Ritt se levantou. — Por que o senhor está sob proteção pessoal, senhor Hansen?

— Porque o senhor fez questão disso. — Palavras como “questão” elevaram o baixo sibilar e também a quantidade das finas gotas de saliva. O homem afeminado olhou para Ritt, irritado. — Por que esta pergunta? Eu disse que não queria nenhuma proteção pessoal, acho isso desnecessário, ridículo e uma maçada — mas o senhor fez questão, com a justificativa de que eu teria recebido muitas cartas ameaçadoras e ameaças de morte, depois que foram divulgadas notícias sobre os meus supostos fornecimentos para o Terceiro Mundo.

— Senhor Hansen — disse Ritt —, eu nunca pedi proteção pessoal para o senhor.

— O senhor nunca...

— Nunca. — Ritt olhou para Horn. — O senhor pode acompanhar?

— Sim, senhor procurador — disse o pálido homem em seu aparelho, cujas teclas ele movimentava silenciosamente. Até quase o

aparelho respiratório, pensou ele.

— Sim, mas sou vigiado dia e noite! Ninguém pode entrar neste quarto sem ser revistado — até mesmo a minha mulher não pode!

— Até mesmo eu e o senhor Horn — disse Ritt.

— Mas sob as ordens de quem? Quer dizer... Se o senhor não deu a ordem, quem o fez? E por quê?

— Para proteger o senhor, senhor Hansen. Tais ameaças de morte são levadas muito a sério.

— Sim, mas seja lá quem tenha sido, precisaria ter entrado em contato com o senhor. — Os doces olhos de moça se abriram inquietamente. — O que dizem os funcionários lá fora?

— Que eu dei a ordem.

— Mas isso é uma imbecilidade. — Sibilos.

— Não acho que seja uma imbecilidade, senhor Hansen — disse Ritt. — Com certeza tudo tem o seu lado correto — acrescentou ele, enquanto pensava que aqui nem tudo tinha o seu lado correto. Ele não queria que Hansen notasse como ele estava indignado. Talvez ele realmente tivesse um inocente diante dele. Ou então as aparências enganavam, e Hansen sabia muito mais do que disse — então ele não mostrou o seu lado fraco. Ritt disse: — Pecador do meio ambiente. Criminoso ecológico. Assim o senhor foi etiquetado na mídia, não foi? Sempre há catástrofes ecológicas: Quase-PGAs, terra envenenada, água envenenada, ar envenenado. Muita gente está cheia de dúvida. É certo que há psicopatas entre eles. A sua proteção tem uma razão de ser, senhor Hansen.

— Uma das conseqüências do espírito da época — disse Hansen, atencioso e escorregadio.

— O que o senhor quer dizer com o espírito da época?

— Veja bem, senhor procurador, sobre o que é que as pessoas hoje ouvem mais? De efeito-estufa, buraco na camada de ozônio, catástrofe climática 24 horas por dia elas ouvem sobre isso. Mas também acontece muita coisa. Em todos os continentes, gente e natureza são castigadas por secas, enchentes, inundações, safras



malsucedidas, fome. — O rosto de Hansen se avermelhara, ele falava mais alto. — 25 milhões de “refugiados ecológicos” já são contados hoje apenas em Bangladesh e Sudão, li hoje cedo. — Ele olhou para a sua mesa-de-cabeceira, onde havia jornais e revistas. — E isso porque enchentes, por causa das mudanças climáticas, tomam extensões catastróficas. Assim eu li.

— O senhor acentuou as últimas palavras. Isto não está certo? É isto o que o senhor chama de “espírito da época”, senhor Hansen? Algo como a vontade do declínio? Entendo-o bem? — Ritt havia ficado em pé, ao lado da cama. Quem é este homem realmente? pensou ele. O que ele pensa realmente?

— O senhor só me entende em parte — disse Hansen, ameno. — Permito-me a pergunta, se o clima pode “colapsar” ou se deixa “matar”, como hoje gostam de dizer, ou se no Sudão ou Bangladesh sempre houve, periodicamente, enchentes e se mudanças demográficas e políticas são causas mais importantes para o lamentável destino dos 25 milhões de “refugiados ecológicos” que justamente o clima. É de certa forma, perdão, grotesco constantemente receber apresentados cenários precisos (duas palavras graves para ele) de catástrofes climáticas que devem ocorrer em certas regiões em 40 ou 50 anos, embora o cotidiano ensine que os meteorologistas hoje não podem acertar nenhuma previsão que tenha mais de dez dias de duração.

— Isso significa então que o senhor não acredita nesses perigos...

— Por favor, deixe-me acabar de falar, senhor procurador! É tudo muito mais complicado do que como é tratado na mídia. Muito mais complicado. Acho que estou há tempo suficiente nessa profissão a ponto de poder dar uma opinião. Naturalmente existem perigos que hoje são pintados gigantescamente. A chamada ciência oficial perdeu no passado muita credibilidade, muito certamente, ela inocentou problemas não bem vistos, sim, senhor! Porém...

— Porém já há alguns anos sempre mais pesquisadores e um

sem-número de seus discípulos que não têm nada com a pesquisa nem nunca tiveram acham que eles deveriam abandonar sua torre de marfim para salvar a natureza e a humanidade. Alguns recomendam invenções benéficas para a solução dos mais graves problemas — a energia solar, não é, meios contra a AIDS e o câncer, vacinas para as focas doentes, adubo para a floresta doente —, os outros previnem contra o declínio do mundo através de venenos no meio ambiente, contaminação dos rios e mares, do ar e da terra, através de extinção de espécimes, buraco na camada de ozônio ou mesmo colapso climático.

A porta se abriu, entrou o idoso e grisalho Dr. Heidenreich. — Sinto muito, senhor procurador, os 15 minutos já se esgotaram há muito. O senhor Hansen precisa de cuidados e calma. Sou responsável pelo seu estado. Por favor, vá agora!

— Não! — quase gritou Hansen.

Todos o olharam surpresos.

— Mas... — começou o médico.

— Doutor, por favor, deixe-me chegar ao fim sobre o que eu justamente explico ao senhor procurador. É importante... É muito importante para um homem como ele que entenda as relações *reais*. Sinto-me muito bem. Mais 15 minutos — sob minha responsabilidade, doutor!

O médico levantou os ombros.

— É a *sua* saúde — disse ele. — Em dez minutos deve-se terminar, definitivamente. — Ele deixou o quarto, irritado.

— Uma merda (péssima palavra para ele) eles fazem comigo... — Hansen balançou a cabeça. Agora ele estava muito irritado. — Ainda preciso lhe explicar, senhor procurador! Sou um dos implicados. Estive diante do tribunal. Denunciado pela Dra. Roth, pelo Dr. Marvin e por Bolling. Absolvido todas as vezes, sim. Inocente, com certeza. Mas um criminoso ecológico para a mídia. Um bom prato para o espírito da época. Estive diante do tribunal: *semper aliquid haeret*. Sempre restam dúvidas, não é? De volta para o

espírito da época! Não são apenas os cientistas “alternativos” nos eco-institutos que cultivam esse espírito da época com pose de salvador e apelos de Cassandra. Também diretores de universidade e institutos caminham para essa onda. Em parte por convicção, em parte porque traz simpatias. Sobretudo porque... — Ele levantou a voz suplicante, e Ritt pensou se este homem realmente não era íntegro e uma vítima e Marvin, ao contrário, um fanático que foi de um extremo (idolatrar a energia nuclear) para o outro (lutar pela sobrevivência da humanidade) como um caráter frágil (para utilizar uma palavra inofensiva). Ou, pensou Ritt, alguma coisa acontece aqui, sobre a minha cabeça, da qual não faço idéia, a qual não posso imaginar? — Mas sobretudo — repetiu Hansen — porque se falou que apenas com a possibilidade da solução de um importante problema — e naturalmente estamos diante de problemas enormes — são liberadas quantias milionárias para a pesquisa. — Aqui ele se virou gemendo para o lado e pegou uma revista do monte de jornais na mesa-de-cabeceira. — *O Jornal alemão de médicos*, a mais nova edição, página um, escreve “...que a AIDS, numa área totalmente diferente, é uma bênção — entre aspas — macabra: só depois da AIDS existe a pesquisa de vírus altamente subvencionada”. — Hansen deixou cair o jornal no lençol. — O senhor vê, procurador. Somente através da morte das florestas a esquecida silvicultura passou a ter significado. Doenças em algas e morte de focas deram à pesquisa marítima ventos ascendentes nunca imaginados. Buraco na camada de ozônio e efeito-estufa despertaram a pesquisa da atmosfera e a climatologia com quantias bilionárias de seu sono profundo.

— Tanto melhor!

— Também acho, senhor procurador. Só não acho quando grupos ecológicos, políticos, jornalistas e cientistas, aos quais está sujeito este mundo, usam esses perigos em benefício próprio. Não acho quando alguns, cinicamente, anseiam o próximo acidente, porque finalmente então “algo se mexeria politicamente”. Nem todos,

senhor procurador, nem todos que se dizem salvadores e protetores têm verdadeiros motivos. Já era tempo de analisar essa gente com olho crítico...

— O senhor precisa se acalmar — disse Ritt, que constatou irritado que Hansen ficou excitado até arquejar, que seu rosto esfolado ficou vermelho-escuro.

— Preciso me acalmar? Preciso me irritar! — Hansen disse. — O senhor, naturalmente, sabe quem é Paul Watzlawick.

— O conhecido psicoterapeuta austríaco que trabalha nos Estados Unidos. Conheço seus livros.

— Pois bem, li numa revista de informações austríaca uma entrevista com Watzlawick.<sup>8</sup> Ele fala sobre esse estranho fenômeno: a situação das pessoas na Europa Ocidental, pelo menos aqui, hoje, é melhor do que nunca. Ninguém tem fome, não é? A segurança social mantém quase todos. E mesmo assim muitos não estão felizes, estão deprimidos, estão em clima de fim dos tempos. O que está acontecendo?, pergunta o entrevistador. E Watzlawick responde: “George Orwell, o autor de *1984*, explicou muito bem em seu ensaio, no qual escreveu: ‘Pessoas de barriga vazia não se desesperam com o universo. Elas nem pensam nisso.’” Em 1946, disse Watzlawick, ele trabalhava na bombardeada Trieste nas inspeções policiais. Faltava tudo, e eles registraram 14 suicídios por ano. Nos anos 50, quando a maioria das pessoas voltou a ter novamente trabalho, moradia e o que comer, a taxa de suicídios aumentou: 12 por mês. Isto, disse Watzlawick, fazia-o refletir muito.

— E como ele interpretou isso? — De repente a conversa fascinou Ritt.

— O homem está mal preparado para viver em condições relativamente seguras, diz ele.

— Minha mãe contava que as igrejas nunca estiveram tão cheias como logo depois da guerra, na miséria, em meio a ruínas, fome e frio — disse Ritt, cada vez mais pensativo.

— Veja, senhor procurador. Watzlawick diz nessa entrevista

mais ou menos o seguinte: os grandes exemplos são importantes quando há o perigo. Quando há por toda a parte morte e destruição, o homem vive mais em função da existência e, por isso, irá procurar uma crença ou quaisquer outras convicções, que o fazem capaz de resistir. O entrevistador perguntou: “Poderia se afirmar então que o fato de nossa existência estar tão bem assegurada nos faz ter menos crença que antigamente?” E Watzlawick respondeu: “Poderia se afirmar isso.”

— Um prognóstico nada bom — disse Ritt.

— De fato, não é. Antes do ano 2000, disse Watzlawick, e antes de sua aproximação ainda vão acontecer algumas coisas. Pode-se fazer já comparações, diz ele, com o ano 999, do qual temos notícia de uma histeria sem precedentes. Naquele tempo, diz Watzlawick, não havia buraco na camada de ozônio, chuvas ácidas, AIDS. Mesmo assim, o fim do mundo foi profetizado e o desaparecimento da Terra em fogo e peste. E agora ouça, senhor procurador, isso diz Watzlawick ao pé da letra: “Como representante de um grupo que é da opinião que nós mesmos construímos nossa realidade, eu me sinto certo. Pois a loucura de 999 não deixou rastros naqueles países que não faziam uso da cronologia cristã. Para eles aquela era uma data completamente normal.” — Hansen sorriu: — Grande, não é?

— Grande — disse o procurador, que agora olhava para Hansen constantemente. — E por que o senhor retirou a denúncia contra Markus Marvin, que o espancou de tal maneira?

Hansen não titubeou nem um segundo com a resposta: — Ele é um velho amigo meu.

— Um amigo?

— Sim. Há mais de 25 anos. Estudamos juntos; eu, Química; ele, Física. Nós praticamente éramos inseparáveis, até que Markus mudou completamente — o senhor sabe, até bem pouco tempo ele era da inspeção no Ministério do Meio Ambiente em Hessen e abruptamente então se tornou — deve-se dizer sob a influência do espírito da época — um homem com mania de perseguição. Virou

paranóico, deve-se também dizer, infelizmente. Todas as fábricas químicas e farmacêuticas são, de acordo com a sua loucura, dirigidas por criminosos que destroem este mundo. Ele, de repente, desenvolveu um ódio, sim, um puro ódio também por mim — especialmente por mim, naturalmente porque eu estava mais próximo dele. — A voz de Hansen ficou tão baixa que Ritt quase não entendeu as palavras seguintes: — Isto é trágico. Assim se destrói a amizade, o que há de mais sagrado. O senhor também não o teria perdoado nessas condições, senhor procurador? O senhor não teria retirado a denúncia?

— Isto tudo não é a verdade — disse uma voz feminina.

Ritt e Hansen olharam para a porta. Sem que os dois tivessem notado, uma mulher de mais ou menos 40 anos havia entrado.

— Oh, Elisa — disse Hansen.

— Hilmar, querido! — A mulher vestia um vestido de verão de tecido cor de creme, trazia uma dúzia de rosas vermelhas na mão. Ela era grande e tinha ombros largos, quadris estreitos e longas e belas pernas. Seu cabelo estava cortado no estilo pajem. Ela tinha uma grande e carnuda boca e olhos castanhos. A mulher usava luvas brancas; se aproximou da cama e beijou Hansen na boca.

— Elisa — disse Hansen, quando ela se ergueu —, este é o procurador Ritt e este é o estenógrafo, senhor... Esqueci o nome.

— Horn — disse Ritt.

— Horn — disse Hansen.

Horn não disse nada.

— Eu sei, querido — disse a mulher.

— Como? Perdão, senhor procurador, senhor Horn, esta é a minha mulher Elisa.

— Muito prazer — disse Ritt.

Horn não disse nada.

— Os funcionários criminais lá fora me disseram — disse Elisa a Hansen.

— E o que é que não é verdade? — Ritt perguntou.

— O que o meu marido deu como motivo para ter retirado a denúncia contra Markus, contra o senhor Markus Marvin.

— Elisa, por favor — disse Hansen, fraco.

— Deixe-me! — ela disse. — O senhor Ritt vai descobrir de qualquer forma.

— Qual foi então o motivo, prezada senhora? — ele perguntou.

— Hilmar retirou a denúncia porque pedi isso para ele — disse ela.

— E por que a senhora pediu isso para ele?

— Markus Marvin foi casado comigo durante nove anos — disse ela.

— Ele foi... — Ritt se calou, atônito.

— Meu marido. Durante nove anos. Temos uma filha — Susanne. O senhor talvez saiba que Susanne também abandonou o seu pai.

— Isto eu sei. Mas por que...

— Eu lhe explico, senhor procurador, eu lhe explico.

Elisa Hansen era extraordinariamente enérgica. — Abandonei Markus há 11 anos. Isto ele nunca me perdoou. E nunca perdoou Hilmar por ter-me casado com ele.

— Elisa — disse Hansen, extremamente incomodado.

— Querido, por favor — disse ela. — Esse ataque ao meu marido, senhor procurador, não tem outro motivo, nem o menor possível, que o enorme ciúme de meu ex-marido, Markus Marvin.

A porta se abriu, o Dr. Heidenreich entrou no quarto.

— Senhor procurador...

Ritt se levantou.

— Desculpe-me. Nós já vamos. — Ele fez um sinal para Horn, que em seguida fechou seu aparelho de estenotipia. Ritt olhou para Elisa Hansen. — Mas nós precisamos conversar, prezada senhora.

— A qualquer momento — disse ela, e agora os seus olhos brilharam. — Quando o senhor quiser. Estou à sua disposição.

No carro oficial, que os havia trazido para o hospital civil e agora os levava de volta para o tribunal, o motorista havia ligado o rádio. Era justamente o noticiário quando Ritt e Horn entraram.

— ...Pela primeira vez várias inspeções do meio ambiente deram hoje cedo alarme de ozônio — disse a voz de um locutor.<sup>9</sup> — Sobretudo crianças, pessoas idosas, atletas e asmáticos estão prejudicados. Estes grupos de risco são prevenidos para todo tipo de esforço. O SPD exigiu uma proibição de tráfego para todos os carros sem catalisador...

O motorista guiava o carro cautelosamente através do grande trânsito. No rádio, uma entrevista curta com o especialista de ar da inspeção berlinense do meio ambiente, Dr. Manfred Breitenkamp.

Uma voz de repórter perguntou: — De onde vem esse ozônio, Dr. Breitenkamp? — A voz de Breitenkamp: — Nestes dias de calor extremo ele tem a sua origem no trânsito de automóveis. Ao se pôr gasolina, é liberado hidrogênio carburado. Este se mistura, simplificando a coisa, a óxidos nítricos dos gases de escape dos automóveis. Com a irradiação solar intensiva, surge daí, novamente simplificando, o ozônio. O gás tem o cheiro levemente doce. A palavra ozônio vem do grego e quer dizer “o que cheira”. — Voz de repórter: — Mas como combina a nova preocupação com o  *muito* ozônio através dos automóveis e o calor com a preocupação com o  *pouco* ozônio através do buraco de ozônio? — A voz de Breitenkamp: — Chamamos as duas mais baixas camadas da atmosfera do ar de troposfera — ela vai de zero a 15 quilômetros de altura — e a de cima é a estratosfera — vai de 15 a 60 quilômetros de altura. Lá em cima, na estratosfera, só então o ozônio toma possível a vida na Terra: ele protege pessoas, animais e plantas de raios solares cancerígenos. Lá apareceu o fatal buraco de ozônio que ameaça nossa Terra. Na troposfera, ao contrário, ozônio demais é prejudicial. Ele mata bactérias, germes, vírus e plantas na Terra. Também provavelmente leva à extinção das florestas. Em pessoas e mamíferos, ele leva a



uma irritação nos canais respiratórios e causará nos casos graves através de desmaios e sangramentos nasais, edemas pulmonares fatais. Como proteção e antídoto os médicos recomendam vitamina E, que é encontrada em cápsulas.

O motorista precisou parar. Na rua entupida, o trânsito chegou a parar.

A voz do locutor do noticiário foi ouvida novamente: — Com relação a isto chega a mim agora mesmo uma outra notícia. Dois deputados da CDU/CSU protestaram com indignação contra o alarme de ozônio e exigiram a demissão dos responsáveis. Eles caracterizaram a ação de “puro terrorismo” e pediram um aumento dos valores máximos permitidos por metro cúbico... União Soviética: na sua edição de hoje, o jornal do governo *Izvestia* noticia uma praga de ratos e ratazanas de milhares de cabeças na região da usina nuclear de Chernobyl, que explodiu em 1986. Os animais são três vezes maiores que o tamanho normal e são extremamente agressivos. Da mesma forma se desenvolvem naquela região árvores, que secaram depois da catástrofe, em plantações gigantescas. As folhas de choupo têm até 18 centímetros e os botões de muitas espécies de árvores se abriram fora do seu tempo...

O estenógrafo Horn estava imóvel no carro. Se Marie morrer, eu me mato, ele pensou.

Na rua do tribunal furadeiras vociferavam, máquinas gemiam. O ar estava cheio de poeira. O funcionário Franz Kulicke comia, quando Elmar Ritt entrou no *hall* no juízo de primeira instância.

— Muito bom dia, senhor procurador! É uma alegria aqui, não é? Sempre ativo, sempre de vento em popa! Ainda deve durar dois meses. — Ele falava muito alto, sua necessidade de comunicação era ininterrupta. — Temos alarme de ozônio, já ouviu, senhor procurador? Também pensam que podem fazer tudo conosco, não é? Uma vez muito pouco ozônio, outra, ozônio demais. Batatas para

dentro, batatas para fora! Se um não vier logo se preocupar com o direito e a ordem...

Ritt havia desaparecido num canto de parede. Kulicke o procurou, ofendido. Ele voltou para a portaria no seu lugar preferido e disse para o funcionário atrás da janela de vidro: — Olhe só para esse, Gustav! Conde Koks do estabelecimento de gás! A gente é simpática e gentil e ele não diz nem um *a*. Belo comportamento, os finos senhores. Realmente. Isso são modos?

— Pode ser que você o irrite — disse o porteiro.

— Eu? Por quê?

— Com a sua eterna conversa mole. Sou seu amigo, Franz, você sabe. Mas às vezes sua conversa mole me enche. Além disso, você precisa entender que nem todos estão de acordo com o que você diz. Schönhuber não é Beckenbauer.

— Espere pra ver — disse Kulicke.

Elmar Ritt abriu a porta para o seu escritório e atravessou a sala de espera. Nisso ele notou que um envelope havia sido posto através da abertura da porta e estava no chão. Ele o abriu enquanto ia para a sua mesa e tirava a jaqueta. Como sempre, sentia muito calor. O papel que Ritt desdobrou tinha o cabeçário da Procuradoria-Geral no juízo de primeira instância.

29 de agosto de 1988

Senhor Procurador

Elmar Ritt

Caríssimo colega:

Venho através desta lhe informar que o andamento do caso Hilmar Hansen/Markus Marvin será, a partir de agora, encaminhado pelo Sr. Dr. Werner Schicksal. Os motivos ainda serão comunicados por mim.

Peço-lhe para que hoje, 29 de agosto de 1988, até no máximo

15 horas, passe ao Sr. Dr. Werner Schicksal todos os autos relativos ao caso e outros documentos e para informá-lo sobre a situação das averiguações.

Saudações cordiais,

— Nome assinado e carimbo —  
Chefe da Procuradoria-Geral

Estou fora do caso Hansen, pensou Ritt. E fora do caso Marvin. Funcionou rápido. O que está acontecendo aqui? O que deve ser mascarado? Quem está sendo protegido? Por quem? Por quê?

Ausente, ele olhou para o seu relógio de pulso. Eram duas horas e três minutos. Elmar Ritt estava lá, imóvel. Ele pensou no seu pai.

## 5

No quarto de seu apartamento da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, Clarisse Gonzalos perguntou a Isabelle Delamare, desesperada: — O que devo fazer? O que devo fazer?

Isabelle pôs o braço em volta dos ombros dela e a levou lentamente para a cama. Elas se sentaram.

— Se é importante para você, se você deseja tanto essa criança, você deve tê-la — disse Isabelle.

— Não é! — Clarisse levantou a cabeça. — Eu apenas quis dizer: o que devo fazer para convencer o meu marido disso. Eu, eu estou totalmente decidida a ter o filho.

Isabelle balançou a cabeça e se calou.

— Uma interrupção da gravidez, senhora Delamare, pareceria com algo como uma resignação em todas as áreas, não é? Meu marido e eu, nós lutamos contra a destruição das florestas tropicais, contra a destruição do mundo. Se eu nego esse filho, se eu não ousar pô-lo neste mundo, então isto significa que no fundo, lá no fundo de

mim, se formou a certeza absoluta de que todos os nossos esforços são em vão, que tudo já está perdido. Tenho razão?

— Tem toda a razão, senhora Gonzalos.

— Acho — disse Clarisse — que esse filho é muitíssimo importante — para o nosso casamento, para o nosso trabalho, para tudo, simplesmente.

— Certamente — disse Isabelle. — Você falará com o seu marido. Pode-se entender que ele, sob a impressão do choque diário, chegou à conclusão que não se pode mais pôr filhos neste mundo. Mas se você então falar com ele... se você der argumentos... tudo o que você acaba de me dizer... Ele talvez precisará de um tempo para se acostumar à situação... para mudar a sua opinião... Mas estou certa de que ele a mudará. Em que tempos terríveis já nasceram crianças! Durante a peste, a cólera, em guerras, em bombardeios. E mesmo assim cresceram...

— Eu a conheço há apenas algumas horas — disse Clarisse —, mas tive uma simpatia tão imediata por você, que quis desabafar. Muito obrigada!

— Não — disse Isabelle —, não me agradeça! Sou eu que fico feliz com a sua confiança... Cada um de nós está freqüentemente sozinho e precisa do outro. Tudo vai terminar bem. — Ela sorriu. — Afinal, o *bluebird* disse que ele voltaria na primavera e cantaria.

— Não entendo...

— Robert Frost — disse Isabelle —, ele é...

— ...um dos maiores poetas dos Estados Unidos, eu sei — disse Clarisse. — Na tradução para o português há, infelizmente, apenas uma seleção de poemas.

— Para o francês também — disse Isabelle. — Não posso dizer de que poema mais gosto entre os muitos. Certamente aquele do *bluebird*, contado para uma criança.

— O que é o *bluebird*? O pássaro azul?

— O pássaro azul — repetiu Isabelle. — Como espécime, ele só existe nos Estados Unidos, ele é um mensageiro da primavera. Em

Robert Frost, ele significa mais, muito mais do que um espécime.

— Não entendo...

— Espere — disse Isabelle. — Espere, Clarisse. Eu explico... Primeiro quero tentar traduzir o poema, para que você possa contar a seu marido... sobre isso e mais alguma coisa... Então: *The Last Word of a Bluebird... As I went out a crow in a low voice said: Oh, I was looking for you. How do you do?...* Quando fui para o ar livre, uma gralha me disse baixinho: “Oh, eu já lhe procurava. Tudo bem?”... *I just came to tell you...* Eu vim lhe contar que você deve contar a Leslie — não se esqueça! — que o seu pássaro azul me pediu para lhe comunicar sem falta: o vento norte hoje à noite, que fez as estrelas tão claras... *that made the stars bright...* e deixou congelar sorvete no algeroz... *almost made him cough...* levou-o a tossir tanto, que ele quase perdeu a sua cauda...

Clarisse olhava séria para Isabelle, que também estava séria, enquanto tentava traduzir as linhas do grande poeta dirigidas a uma criança.

— ...*He just had to fly...* Ele precisava simplesmente voar... Mas ele manda saudações a Leslie, e ela deve ser boazinha... *and wear her red hood...* e usar seu gorro vermelho... e procurar na neve o rastro do zorilho... e fazer tudo o que lhe der alegria... *And perhaps in the spring he would come back and sing...* E talvez na primavera... o pássaro azul volte e cante...

— Bonito — disse Clarisse.

— Não é?

— Qual é o pássaro no seu país que é símbolo do começo da primavera, do novo dia, da alegria e da esperança?

— A cotovia.

— Aqui também.

— Na Alemanha e na Inglaterra também. Toda pessoa no mundo deseja para si alegria, esperança, futuro. Mas apenas se *ele procura* tudo isto e quer que todos participem, então ele a encontra, a cotovia... E ela o faz e a todos os outros felizes e confiantes. Você,

Clarisse, e seu marido e tantos outros procuram com o seu trabalho a cotovia, este pássaro matinal... E vocês o presenteiam a todos... Enquanto as pessoas procurarem e presentearém aquilo que encontram, a cotovia sempre voltará na primavera e cantará...

— Sim — disse Clarisse —, mas o pássaro azul de Frost manda dizer a Leslie que ele *talvez* virá e cantará na primavera. *Talvez*...

Isabelle balançou a cabeça. — Se as pessoas — diz ela — não procuram mais a cotovia porque agem irresponsavelmente, então ela realmente um dia, na primavera, cantará pela última vez para elas...

— Oh! — Clarisse olhou para Isabelle.

— O que é?

— Com o seu filme, vocês querem fazer as pessoas despertarem, fazê-las atentas para o perigo, no qual elas se encontram!

— Com certeza...

— Este não seria um bom título para a série?

— Um bom título?

— Sim — disse Clarisse. — “Na primavera, o último canto da cotovia.”

Quando todas as histórias forem contadas, as grandes e as trágicas, as melodramáticas e as grotescas, quando forem contados todos os acontecimentos desta Terra em vacilante declínio, na cronologia cristã no fim do segundo milênio, então se irá lembrar — caso sobrevivamos — as histórias e destinos daquelas pessoas que um dia salvaram nosso mundo.

Uma conversa telefônica.

— Dr. Marvin?

— Sim. O que é, maldição?

— Aqui quem fala é Miriam Goldstein, de Lübeck.

— Quem?

— Miriam Goldstein.

— Miriam Goldstein... Oh!... Desculpe-me, estava dormindo. Acho mesmo que profundamente... Que horas... Cinco e meia da manhã... Que bom ouvir sua voz, querida Dra. Goldstein!

— Sei que é impertinente de minha parte ligar a esta hora, senhor Marvin. Desculpe-me, por favor! Aqui já são dez e meia... Cinco horas de diferença... Não telefonaria se não fosse urgente...

— Por favor, fale! Desculpe a minha confusão... Agora já acordei de vez. E então?

— O senhor ainda se lembra de que Joschka Zinner, aquele louco produtor de filmes, apareceu aqui repentinamente no Frankfurter Hof?

— Repentina e inesperadamente, não foi?

— É verdade. De repente tanto dinheiro! A pressa para que fôssemos logo para rodar o filme. Foi mesmo estranho...

— Muito estranho, sim, senhor Marvin. A propósito, falo de uma cabine no correio. Não sei se o meu telefone está limpo. Talvez esteja sendo censurado.

— O que aconteceu, Dra. Goldstein?

— O procurador Elmar Ritt — lembra-se? — me telefonou. De uma cabine telefônica. E disse que eu deveria ir a uma agência de correio, para onde poderia me telefonar.

— Ritt lhe telefonou? Por quê?

— Ele foi afastado do caso Marvin/Hansen.

— Mas por quê?

— Sim, por quê? Ritt telefonou para o Ministério da Justiça de Hessen. Exigiu uma explicação.

— E não recebeu a explicação, não é?

— Não. Sentou-se em seu carro. Foi para Wiesbaden. Fez confusão no ministério. Segundo foi dito, justamente aqueles que sabem por que lhe tiraram o caso, haviam viajado. Então ele telefonou a Valerie Roth e a mim e pediu ajuda. A Dra. Roth tem as suas relações. E eu vou conversar com a senhora Hansen. Ninguém pode me proibir. Telefonarei para ela, porque provavelmente aí

também há algo de errado. O senhor ainda não notou nada?

— Não, nada. Depois de amanhã voaremos para Belém e de lá para um congresso de protesto de índios em Altamira. O congresso vai durar cinco dias. Ficarei com os olhos e os ouvidos bem abertos. Obrigado pela notícia, Dra. Goldstein! E muita sor... Não, espere, sei a palavra: *masseltoff!* *Masseltoff*, Dra. Goldstein!

— *Masseltoff* também para o senhor, Marvin.

— Foi um trabalho muito difícil — disse o físico Carlos Bastos. — Meu colega Érico Veleso e eu dia e noite atrás dos monitores. Alternando. Em turnos de 12 horas. Sobre nós, numa altura de 830 quilômetros, voavam os satélites de tempo NOAA9 e 10 a cada 102 minutos sobre o continente sul-americano e mandavam para mim e Érico as provas para esta catástrofe, nos nossos monitores.

A BETA de Bernd Ekland estava presa num tripé. Na manhã do dia 30 de agosto de 1988, uma terça-feira, a equipe filmava no Centro de Estatística do Instituto Brasileiro de Pesquisas Espaciais. O enorme e muito bem iluminado laboratório dos físicos Bastos e Veleso tinha lugar para dezenas de computadores, complicados aparelhos e um sem-número de imagens de computador bem ampliadas, que cobriam todas as paredes. Os dois cientistas estavam diante de uma parede dessas. Ao lado deles estava Markus Marvin, para quem Bastos havia falado.

A técnica Katja Raal, com olhos quase sempre alegres e a pele do rosto destruída pela acne, teve muito o que fazer antes do começo da entrevista com os preparativos de todos os que participavam da conversa. Bastos e Veleso tinham pequenos microfones nas casas de botão mais altas de seus casacos brancos de laboratório, Marvin tinha um microfone daqueles na gola aberta de sua camisa de verão. Embaixo dos casacos de laboratório, camisas de verão e através das pernas da calça dos três homens saíam os fios, que passavam pelos sapatos e iam pelo chão de pedra até os aparelhos de gravação de



Katja.

Um pouco distante, numa sala ao lado, estava Isabelle numa mesa de laboratório. Ela também foi preparada com os fios pela pequena Katja que, apesar das preocupações, se mantinha alegre. Isabelle segurava um microfone manual, e na sua orelha direita havia um botão prateado, do qual saía um longo fio. Marvin e os dois físicos tinham também os tais botões. O porquê dessa ligação: graças aos botões na orelha, Bastos, Veleso e o alemão ouviam a voz de Isabelle, a qual traduzia o que era falado simultaneamente para o português ou alemão. Desta maneira a entrevista podia correr sem problemas. Os aparelhos de Katja gravavam as vozes originais e a tradução de Isabelle. Mais tarde, no estúdio, a voz de Isabelle seria substituída por uma locutora profissional e posta mais alto que as vozes dos brasileiros.

O físico Veleso disse: — Nós revistamos nossa região em retículos de um quilômetro cada vez. Queria-se descobrir exatamente e pela primeira vez que proporções já havia tomado a destruição da floresta amazônica através do fogo e do desmatamento. Tentávamos diariamente adicionar os dados dos satélites às imagens do computador. — Ele pegou uma vara e mostrou o início da série de imagens atrás de si. — Isto, por exemplo, foi em 1987, no começo da seca que dura três meses...

— Pare! — disse Markus Marvin.

— Como? — Veleso perguntou, depois que a tradução de Isabelle soou no seu ouvido. — Por que parar?

— Não pode ser com a BETA no tripé — disse Marvin. — Bernd, você precisa ter completa liberdade de movimentos. Não podemos simplesmente virar estas paredes.

— Claro que não — disse o *cameraman*.

Katja Raal já abria os fechos do tripé. Cuidadosamente ela ajudou Ekland, quando este levantou a BETA no ombro direito. Ela cochichou: — Dói?

— Hoje está ótimo — cochichou Ekland.

No rosto destruído de Katja mostrou-se a maior alegria. Ela foi até a sua mala de som e olhou as escalas. — Tudo OK aqui — disse ela.

A câmera rodava novamente.

— Por favor, doutor Veleso!

Este começou mais uma vez: — Isto, por exemplo — ele mostrou com a sua vara uma série de imagens de computador muito ampliadas —, foi em julho de 1987, no começo da seca que dura três meses. O prejuízo ainda estava nos limites... Trata-se de uma parte da região muito pequena do espaço imenso da bacia Amazônica... Os pontos negros nas imagens são focos de fogo... No começo de julho de 1987 os NOAA9 e 10 registraram apenas 752 desses focos de fogo... — Veleso mostrou lentamente a série de imagens. Ekland o seguiu, calmo, sem hesitar nem tremer, como se a câmera rolasse em trilhos. Foi bom ter tomado mais dois comprimidos hoje cedo, pensou ele. Os olhos de Katja o acompanharam sem cessar com uma expressão de amor ilimitado e admiração.

— Mas já no dia 14 de agosto — disse Veleso, levando a vara sobre as imagens — eram 6.949 focos de fogo... Imaginem! Mais de dez mil pontos... aqui... aqui... aqui... não se podem contar. Dez mil pontos que eram focos de fogo. O fogo avançava monstruosamente... — Sempre outras imagens, nas quais apareciam pretas as áreas queimadas, Ekland filmava. De imagem para imagem a parte norte do Brasil escurecia.

— Esse fogo — disse agora Carlos Bastos, e a câmera virou da parede para ele — deixou a maior nuvem de fumaça já observada... — Bastos mostrou numa outra parede. — São fotos feitas do avião... — Lentamente Ekland se virou, a câmera sobre os seus ombros girou, lenta, tão lenta. — Terrível, não? — Bastos perguntou. — Temos aqui um ecologista muito conhecido, Chico Mendes. Recebeu condecorações e homenagens da ONU pelo seu trabalho... Um seringueiro do Norte... Chico Mendes voou sobre a região e disse: — “É o apocalipse.” — Disse também: — “Para onde eu olhava, árvores

fumaçavam como chaminés, a floresta... sim, o que aconteceu com a floresta?” — disse Mendes. — “Ela foi cozida, assada, fervida. Atrás da fumaça o céu desaparecera, durante noites a fio não havia estrelas, a lua... Agimos” — disse Chico — “como se fôssemos a última geração na face da Terra, e depois de nós vem o dilúvio, o fim do mundo, o apocalipse, sim, o apocalipse...” O piloto que voou com Chico Mendes disse que teve a impressão que todo o Brasil ia pegar fogo... Os olhos de ambos lacrimejaram, até que não podiam mais ver quase nada. Depois de sua aterrissagem, a companhia aérea VASP teve que cortar 35 vôos só no Nordeste, porque muitas pistas estavam cobertas de nevoeiro... Aqui, nesta foto, vejam, já há nevoeiro... — Ekland havia esquecido suas dores. Que imagens!, pensou ele. Meu Deus, que imagens!

Na sala ao lado Isabelle traduzia tudo no microfone manual. Naquele dia ela usava largas calças azuis de tecido muito leve, sandálias azuis e uma blusa azul amarrada abaixo do busto. Gilles estava sentado ao lado dela e gravava tudo. Ele precisava de todas as entrevistas para os textos que acompanhariam os filmes.

— ...Essa monstruosa nuvem de fumaça — Isabelle traduzia as palavras de Bastos — escondeu momentaneamente a vista sobre 1,5 milhão de quilômetros quadrados...

— Quanto? — Marvin perguntou, olhando para o físico, incrédulo.

— Quanto? — perguntou Isabelle através do botão na orelha.

Bastos repetiu: — 1,5 milhão de quilômetros quadrados. — Ele mostrou novos quadros: — E assim foi em outubro de 1987. — Preta, preta, preta estava a imensa região então em tantos, tantos pontos. — Aqui vocês têm a mensagem assustadora para a humanidade — disse Bastos, diretamente para a câmera. — A cada ano — a cada ano! — são destruídos mais 140 mil quilômetros quadrados das florestas tropicais primárias pelo desmatamento ou queimadas.<sup>10</sup> E uma área que corresponde à metade da Alemanha Federal, anualmente. A cada ano uma área como essa. Nunca — disse Bastos

—, nunca eu e Êrico pensamos que fosse tão terrível assim... — Ekland foi até bem próximo ao seu rosto e então deixou a câmera rodar lentamente sobre as paredes com as imagens do terror até Êrico. Este disse: — Tais observações alarmantes fazem cientistas em quase todos os países tropicais, na Indonésia, na Tailândia, na Costa do Marfim, em Gana, Haiti ou Equador. — A câmera ainda se dirigia ao rosto de Veleso. — Se a dinâmica do processo de destruição não parar, a floresta na maioria dos países tropicais estará acabada no decorrer dos próximos 50 anos.<sup>11</sup>

— Na época da seca — disse então Bastos — as árvores são cortadas com serra elétrica, madeiras abatidas com *bulldozers*. As partes restantes das árvores queimam sob o sol, por último elas são iscas. No meio de agosto elas são postas no fogo, a fim de transformar a floresta morta em campos e pastos...

A BETA estava novamente no tripé.

— Queimada — disse Bastos — é uma antiga técnica de camponeses porque ela queima resíduos vegetais e através disso libera substâncias nutritivas que aumentam a fecundidade do solo adubado com cinza. Mas após poucos anos o solo fica rachado. O arado destrói a terra, o sol tropical a queima. O vento leva as migalhas, chuvas torrenciais arrastam tudo... — Ao lado, Isabelle traduzia. Pequenas gotas de suor na testa. — Só resta um deserto vermelho de areia e barro ferruginoso, e por último a terra aparenta, como Chico Mendes, este homem que luta há dez anos pelas florestas tropicais, descreveu, “como os ossos de um animal sem pele...”

— E quase em toda parte — completou Veleso — medidas econômicas ou políticas causam ou beneficiam esse processo de destruição.

— Por favor, explique isto melhor! — Marvin disse.

Veleso disse: — Primeiramente é a política de colonização interna do governo aqui no Brasil. Há um desejo de transferir milhões de pessoas miseráveis do Sul para o Norte. Esses milhões

queimam aquilo que restou depois dos cortes das árvores. Fora da região florestal, eles não recebem terras. Então, o que devem fazer? No seu terreno queimado eles tentam criar o seu gado... Segundo: as florestas continuam a ser destruídas por inescrupulosas firmas madeireiras — em primeiro lugar os japoneses, então os alemães, e por fim os americanos. A necessidade de madeira nos países industrializados cresce a cada dia.

Na sala ao lado, Gilles enxugava com um lenço o suor na testa de Isabelle. Ela sorriu para ele. A tradução simultânea exigia muito esforço.

— Voltando à criação de gado — disse Bastos. — Havia lá um projeto que era favorecido por impostos menores, com cuja ajuda o Brasil deveria se tornar o maior exportador de carne do mundo. Com mais de um bilhão de dólares, nossos militares financiaram latifundiários e companhias internacionais na formação de fazendas de gado. Assim, a VW do Brasil também entrou no negócio. A fazenda Rio Cristalino, da VW do Brasil, uma área tão grande quanto Berlim, Hamburgo e Bremen juntas, foi paga em parte pelo Estado... Muitas outras companhias fizeram o mesmo — e depois desistiram do projeto, como a VW do Brasil.<sup>12</sup>

— Por quê? — Marvin perguntou.

— Veja, senhor Marvin — disse Veleso —, o crescimento de capim seco no solo árido alimenta apenas um boi por hectare e isso apenas por poucos anos. A produção de carne só alcançou 16% do planejado. A maioria das grandes fazendas, das quais cada uma recebeu em média 1,27 milhão de dólares de subvenção do Estado, anualmente, caíram tão logo a subvenção se esgotou. Por isso a VW do Brasil desistiu já em 1986.

— Mas — disse Bastos — porque o latifúndio, que antes foi desmatado, é beneficiado pelos impostos, os investidores fazem até com que a floresta entre em chamas, sem jamais ter entrado na criação de gado. Isto também fazem inúmeros parlamentares na capital, Brasília, eles mesmos proprietários de terras. Da especulação

restam enormes regiões desertas, cujo solo é tão ruim, que a condição alimentar da população se agrava mais ainda.

— Sobre isso fala Chico Mendes sempre — disse Veleso. — Ele denuncia os criadores de gado de maneira geral. Eles afirmam que estão no negócio para ajudar os famintos do Brasil. O cinismo, diz Chico Mendes, fica por conta de que toda a carne é produzida para a exportação — para os hambúrgueres nas cadeias americanas desses produtos, por exemplo.

— Terceiro — disse Bastos —, os bancos e os políticos ambiciosos se entusiasmam, por exemplo, com gigantescas instalações industriais, represas e usinas nucleares, que fazem desaparecer as imensas florestas. De todo o mundo vêm bancos e sociedades que decidiram abrir os enormes jazigos de minérios nas regiões das florestas tropicais e pressionar, com o minério brasileiro, os preços no mercado mundial — e embolsar bilhões. Também através deles as florestas são destruídas... Meu amigo Érico Veleso citou, chocado com os resultados de nossas pesquisas, todas as causas da destruição da floresta tropical numa revista de notícias — e também os destruidores. Só uma catástrofe atômica pode superar os efeitos globais dessa destruição, escreveu ele.

— Quem o senhor citou como destruidores? — Marvin olhou para Veleso.

— O governo brasileiro — disse ele —, o comércio internacional de madeira, o Banco Mundial, a CEE, a Deutsche Kreditanstalt für Wiederaufbau, os bancos particulares alemães e japoneses, que entraram no negócio dos minérios com quantias bilionárias. O senhor não lê jornais? A CEE se assegurou por 15 anos com um terço da produção anual de minério de ferro com preços de 1982. Somente a companhia Thyssen encomendou 8 milhões de toneladas. O Banco Mundial quer dar ao Brasil um outro crédito de 500 milhões de dólares para o setor da energia. Os EUA — com 19 vozes na diretoria do Banco Mundial — provavelmente vão negar tal crédito. O seu representante, Hugh Foster, já denominou o primeiro crédito

para a energia, por causa de suas conseqüências para o meio ambiente, de “loucura completa”. Assim, escreveu ele, cabe à Alemanha Federal, que tem 5% das ações do Banco Mundial, uma importância-chave na decisão. Ligados à discutível resposta afirmativa do Banco Mundial há ainda outros maiores créditos de bancos particulares da Alemanha Federal, Japão e EUA — uma quantia total de 1,7 bilhão de dólares! Com este dinheiro ainda deve ser pago o término das carvoarias nucleares Angra I e II, que a sua companhia elétrica Siemens constrói na parte ocidental do Rio de Janeiro. Se essas usinas se tornarem um fracasso de investimento, a Siemens poderia exigir do seu país indenizações de milhões como impostos, porque o governo alemão federal está ligado aos projetos através de finanças.<sup>13</sup>

— O seu ministro do meio ambiente — disse Bastos — lamentou, em janeiro deste ano, no parlamento, o destino do Brasil que, como ele disse, praticamente “não tem fornecimento do bom Deus de fontes de energia fósseis. Não se pode julgar o Brasil”, disse ele, “quando ele utiliza suas fontes hidráulicas e explora a energia atômica”... Mas nós poderíamos cobrir, comparativamente, com baixos investimentos a metade de nossa necessidade de energia, se utilizássemos melhor as já existentes reservas de energia. Quem diz isso é um parecer de especialistas do Banco Mundial. O especialista do meio ambiente Rich disse, aliás, de maneira amarga, que o estudo poderia ter sido escrito na lua... Tudo isto — disse Bastos — estava nessa estória da revista, e mais, muito mais. Pois bem, em conseqüência disso...

— Pare com isso, Carlos! — Veleso disse.

— Por que devo parar?

— Porque... Por favor, desligue a câmera! — Veleso disse. — Acho que já temos o mais importante.

Ekland balançou a cabeça afirmativamente.

— Isso não precisa necessariamente estar no filme — disse Veleso.

— O quê? — Marvin perguntou, irritado. — De que falam os dois?

— É, meu amigo Érico Veleso trabalhou durante seis anos num livro sobre a destruição do meio ambiente e proteção do meio ambiente — um grande livro — disse Bastos. — O original já havia sido aceito por uma editora. Depois da estória na revista houve muita irritação nos jornais ligados ao governo, no rádio e na televisão, e depois disso os cachorros covardes da editora se cagaram nas calças e disseram que não iam publicar o livro.

— Mas há outros editores — disse Marvin. Ekland havia se sentado e massageava o braço direito. Katja, com seus olhos alegres, estava ao lado dele.

— Quando um se caga, todos se cagam — disse Veleso. — No seu país é a mesma coisa. No mundo inteiro é a mesma coisa. Um original que foi negado por uma editora — ah, nem estou ligando! Teria sido bom. Em todo caso, foram seis anos de trabalho. Há coisa pior.

O químico Peter Bolling havia entrado no laboratório. Foi apressado ao encontro de Markus, tirou os óculos e falou com ele.

Gilles perguntou baixinho a Isabelle: — Pode ouvir o que Bolling está dizendo? Ou Marvin?

Depois Gilles viu como Marvin tirou o pequeno microfone que estava preso à sua gola aberta, levantou um pé e tirou o aparelho com os fios através da perna da calça. Deixou tudo cair no chão e foi com Bolling a um canto do laboratório.

— Que azar — disse Gilles.

— O que é? O que tem?

— Nada — disse Gilles. — Eu... bem... Eu tive uma idéia completamente idiota. Esqueça, por favor! — Ele sorriu.

Num canto Peter Bolling ainda falava com Markus Marvin.



Quarta-feira, 30 de agosto de 1988: G. quer ir jantar comigo. Amanhã voaremos para Belém, então até Altamira pela floresta. Quem sabe o que nos espera por lá; cobras e lagartos serão os nossos alimentos. Se agüentaremos? A última refeição. Do que eu gostaria? — De algo tipicamente brasileiro. Imediatamente ele deu cinco propostas de cardápio. Ficamos com os abacates, cortados como salada. Sim, é bem diferente de seus abacates com sauce vinaigrette ou sauce provençale, minha querida! Depois camarão com catupiri, camarões gigantes com queijo, mas que queijo, a especialidade brasileira, algo assim não há em lugar nenhum do mundo! E como sobremesa, ameixas com doce-de-coco, isto é, como é feito aqui, uma coisa com a qual você vai sonhar a vida inteira, ma belle! Só de falar de boa comida já me conquista. Você é um *gourmet*, diz ele, confesse! Certamente também cozinha com amor. — Sim. — Por favor. Como cidadã de um país cuja enorme cultura já se manifesta no fato de que tem 400 tipos de queijo (mesmo que não tenha o catupiri), é meu dever patriótico ir jantar com ele. Maravilhosa e fresca mulher com maravilhoso, não mais tão fresco, homem. Todos vão admirá-lo e invejá-la (ou vice-versa, como for melhor). E o restaurante me mandará catupiri a Paris até o resto da vida, por isso ele se responsabiliza, ele tem amigos lá. E quando então vivermos em Paris, eu vou cozinhar para ele.

OK, vamos, confesse! Muita coisa nesse homem me agrada. Que ele se diverte constantemente. Que é tão seguro. Pode-se conversar muito seriamente com ele, e ser alegre e brincar. Maravilhoso, diz ele. Um homem velho, sozinho (mas extremamente bem-cuidado) então me espera às sete no bar. — Quando então chego, ele pega no coração. Meu vestido! Mais do que um homem sozinho e velho pode suportar. O homem s. e v. está, a propósito, muito chic. Um terno azul-escuro, uma camisa branca, uma gravata azul, cabelos

grisalhos, rosto bronzeado. As pessoas olham para nós quando saímos do bar. Só por minha causa, ele acha. Ele não só me olharia. Ele correria atrás de mim! Até o fim do mundo — ou pelo menos até o fim de Copacabana, se ele tiver ar suficiente. Vamos com o carro alugado. Trânsito louco. G. quer ir ao restaurante Caesar, fica em Ipanema, um pouco mais pra frente, diz ele. Não tenha medo. Confie em G. o tempo todo e com tudo! Mais: deveriam se fazer cartazes com seu rosto e escrever embaixo: mães, vocês poderiam confiar este homem às suas filhas!

Restaurante Caesar-Park. No 21º andar do hotel. O *maître-d'hôtel* nos saúda como seus mais velhos amigos. De fato, ele é um velho amigo de G. Ele, como me disse G., viveu metade de sua vida no hotel e desenvolveu um tique de hotel com seus amigos, os porteiros, os manobristas, os garçons, os *barmen*. Por que não? Quantos tiques eu tenho? E G. é de tal amabilidade e camaradagem com todos, que todos naturalmente gostam dele. Entre outros, G. tornou a sua vida mais fácil sendo assim. Ele não ostenta, não quer exagerar, não quer me impressionar. Para ele, tudo isso é óbvio. Ele fica contente que o seu amigo, o *maître*, nos tenha levado para a mais bela mesa do local, num cantinho diante de uma grande parede de vidro. Um vaso de cristal com orquídea, catlêia, lilás-escuro. Descobre-se que G. já esteve aqui. A tarde. Então ele trouxe a orquídea, procurada por ele mesmo numa floricultura. A mais bela.

Então ele pediu. Os abacates, cortados como salada, os camarões gigantes com o segredo do queijo brasileiro mais bem guardado, o catupiri. Eles realmente vão mandá-lo para mim em Paris, mas com prazer! Balé dos garçons. O *maître-d'hotel* me admira. Ele pode se permitir me fazer elogios? Como *Mademoiselle* está! *Ravissant*, simplesmente *ravissant*! O *maître-d'hotel* acendeu velas. Conselho sobre o champanhe

Cuvée Dom Perignon, ano 1980. — Este eu bebi pela primeira vez depois de minha colação de grau, digo. Descuidadamente. Pois G. declara de pronto que ele naturalmente sabia disso e por isso...

Ah, pare com isso, G.! Você está louco! Obviamente, diz ele, por você. Deve-se estar, senão o que, minha queridíssima?

Então estamos sozinhos, esperando pelos aperitivos (por Godot, diz ele). Olhamo-nos tanto tempo, até que ele diz: bela vista, não é? — Sim, acontece o mesmo comigo, eu só poderia olhá-lo uns segundos a mais. Então, a bela vista. Correntes de luz na praia de Ipanema. Faróis e luz dos retrovisores nos intermináveis carros, que iam nas duas direções. Luzes dos navios no mar, brancas, vermelhas e azuis, tudo tão maravilhoso que chega a ser kitsch. Ah, que besteira, que seja kitsch!

G. me fala novamente como estou bonita, e eu fico contente com isso, da mesma forma como fico contente quando ele diz que eu teria usado o perfume Emenaro. Era o que melhor combinava comigo (também acho), ele conhece perfumes, é especialista, não reconheceu a marca na floresta, quando queríamos fazer nossa macumba, uma vergonha, nunca lhe aconteceu. Rimos. Ah, pode-se rir com este homem! E conversar bem! E se sentir bem.

— *Moon River* — diz ele. — O quê? — O pianista toca *Moon River*. Sua música preferida. Eu conheço. De *Breakfast at Tiffany's*. Com Audrey Hepburn. Quando procuram o gato na chuva... Qual é a minha música preferida? — *Summertime*. — Ah. Hum. Também, muito, muito bonita... Cinco minutos depois ele se desculpa. Só um momento. Desaparece. Volta. E logo em seguida o pianista toca a minha *Summertime*. Então ele foi ao pianista, deu-lhe dinheiro, pediu a música. — Obrigada, G..! — Que nada, diz ele.

Os muitos Martinis secos chegam, logo depois ele dirá: a nós,

que nos encontramos! — Bebemos. O que ele diz? — Então você é uma fã de Emenaro, ele diz. Não só no que diz respeito ao perfume. Ele já sabia disso no Frankfurter Hof. Lá você usou uma roupa Emenaro. Saia cinza-escura, colada aos quadris, depois mais solta. Jaqueta fechada. Quadriculada... Ele descreve a roupa exatamente. Como ele se lembra! É verdade, prefiro as roupas Emenaro e compro o que posso. E isso ele nota? — Ele era, há muito, muito tempo, um escritor (ele fala disso como um conto de fadas), precisava saber muita coisa, por exemplo, como ele vestia as mulheres dos seus livros. Por isso ele sempre se interessava por moda...

Sim, eu disse isto naquela noite. Não me custou muito, tanto que eu representava. Digo: ela 32, eu 63. Então comecei com a estória do escritor. E ficou nisso, como leio no diário de Isabelle...

... Ele afinal é escritor, diz G. Ou foi. Se ele voltar a sê-lo, se ele escrever um livro sobre esta viagem — ele nunca o fará, mas apenas por suposição — então ele citará bem ou mal alguém como eu, não é? — Bem ou mal, digo. E bem ou mal alguém como ele, não é? — Pois é, diz ele. Nesse ponto ele quer chegar. Se ele escreve sobre alguém como eu ou sobre uma noite como esta — nunca o fará, mas apenas supondo — ele precisará saber o que uma *dramatis persona* como eu, quando vai jantar com uma *dramatis persona* como ele, usa como roupa, isto é mesmo óbvio. — Muito óbvio, digo. — Tira um bloco do bolso, pega um lápis, rascunha algo, faz anotações. — Pois bem, primeiramente teríamos o vestido, diz ele. Seda verde-clara, o tecido tem estampa com pequenas flores, com uma jaquetinha de seda marrom com a mesma estampa, só que marrom. Uma faixa larga nos quadris — que largura, minha querida? — 20 centímetros, digo rapidamente, e ele anota, 20 centímetros. Um laço bem largo. O laço está ao lado, mas naturalmente

poderia estar na frente, atrás ou do outro lado, se se tira a jaquetinha. E — ele olha para debaixo da mesa — sem meias, sapatos marrons. Emenaro, claro, diz G., outra coisa nem se discute com Isabelle. Uma mulher inteligente com muito bom-gosto e olhos azuis, que ficam escuros, como agora, e... — Pára com isso! — ...e bolsa de couro marrom. Uma bolsa de couro marrom muito bonita. E no pescoço, numa corrente de ouro fina, uma medalha. Um amuleto, de importância especial. Isabelle não vai dizer o quê, segredo, tem de ser segredo, Isabelle e seu segredo. Algo assim é sempre bom numa estória, diz G.

Vem o champanhe, põe um pouco em duas taças, os homens provam, apreciam, balançam a cabeça. O garçom enche até a metade a minha taça e a de G., então bebemos à saúde de ambos mais uma vez, desta vez à nossa, é a minha proposta.

As últimas gotas de sua taça G. deixa cair no chão. Para os deuses debaixo da terra. Têm tanta sede quanto aqueles da floresta, e se lhes servem Cuvée Dom Perignon, vintage 1980, eles trarão sorte.

Não, nunca lhe direi o segredo de minha medalha! Aliás, há um outro segredo: o que me veio à cabeça naquele dia na floresta com a macumba, quando se pode desejar tudo. Eu já havia posto no pequeno buraco os cigarros, a cachaça e os fósforos, ele me observava, notei ao olhar rapidamente. Oh, quantos desejos eu teria tido, mas pensei em algo estranho, que me encantou tanto que eu simplesmente não tive mais a concentração de desejar alguma coisa. O estranho: de repente me ficou claro como G. me impressionava, mesmo não tendo quase falado com ele. Com 32 já se tem, é claro, algumas experiências nas costas, mas nunca houve um homem que me atraísse imediatamente, que fosse alegre e me enchesse de esperanças, como G. De onde vinha isso? Por quê? Tudo isso eu pensava na floresta. E tudo começou assim, meus queridos,

tudo começou assim (*Kipling*).

Naquela noite no restaurante do Caesar-Park fui eu que mais falei e contei de mim. Nunca fiz isso. Sempre fui preocupada em ouvir, em deixar os outros falarem, em guardar para mim sensações e sentimentos. Uma vida inteira de reservas. Não naquela noite! E naturalmente me veio à mente a minha *idée fixe*...

Ah, sim, sua *idée fixe*!

Ela dizia estar muito engajada. Achava que superaríamos isso. Mas também achava que ninguém pode julgar o tempo no qual ele vive. Isto é impossível. Só o futuro pode julgar o passado. “Agora temos o fim dos tempos” — quantas vezes já se disse isto? Não, assim não dá, pensava Isabelle. Pois o que é uma vida humana e todo o seu saber e pensar? Uma estrela sem importância no universo infinito que brilha durante frações de segundos — e fim. É lógico que cada um queira julgar tudo de si, mas como ele pode fazer isso? O que ele sabe? Nada, absolutamente nada. Como vivemos a história em nossa curta, muito curta vida? Como um acelerador enlouquecido. Não entendemos que a história é infinita — nas duas direções, para frente e para trás...

Sim, a sua idéia fixa: quando criança, sempre passava o verão com os pais, no campo. Nas proximidades de Beaugeney, em Orleans, no Loire. E ouvia de velhos camponeses profecias, como por exemplo: quando todas as mulheres usarem calças compridas e quando a água do Loire fluir ao contrário, para cima, então chegou o fim do mundo.

— Como? — perguntei. — Mulheres usarem calças significa o fim do mundo? *Mademoiselle* não dá importância à emancipação, não pensaria...

— Escute — disse Isabelle —, os *camponeses* dizem isso, os velhos camponeses em Beaugeney. Este é só um exemplo, e você sabe perfeitamente. Quando — disse ela solenemente e um pouco

tocada — as mulheres usarem calças e assim, nos olhos dos camponeses — somente nos olhos dos camponeses! — não representarem o papel que cabe a elas, quando rios fluírem ao contrário — algo nada impossível hoje, não é? — então chegou o fim do mundo. Vivemos num tempo contínuo. Tempo não é história. A historiografia nunca levou a nada. Mas o tempo... Por que não há algo como *historiografia psicológica*? — ela perguntou.

Psico-história! *Isto* seria importante! Não julgar pensando nos acontecimentos, mas pensar na pesquisa, nas condições prévias dos acontecimentos. Poder dizer: se vocês fizerem isto ou aquilo por estes ou aqueles motivos (ou se não fizerem isto ou aquilo por estes ou aqueles motivos), então pode-se *prever* com certeza o que vocês fazem. Desde que ela se lembre das profecias dos velhos camponeses que não deixa em paz o pensamento da psicopesquisa do tempo. Registrar como o tempo correu até agora, com que ritmo, em cima da onda ou abaixo da onda, para que pudéssemos estar muito previamente preparados para os tempos catastróficos, não tão tardiamente como até agora. Então se poderia finalmente dizer: isso aconteceu — aquilo deverá ser a consequência. Por isso deve acontecer isso e isso! Por isso e isso não pode acontecer, porque não sobreviveríamos às consequências!

Então não seríamos mais estrelas sem importância. Então poderíamos, a partir do nosso tempo, julgá-lo.

Tudo isto disse Isabelle e, por último, como está no seu diário...

... Agora você me fez dar uma palestra, dar uma palestra, G. Com champanhe. Você é verdadeiramente perverso! — E você é verdadeiramente maravilhosa, diz ele. — Pare imediatamente com isso. — Eu ainda nem comecei. Mulheres inteligentes sempre trazem alguma coisa importante consigo, como por exemplo, alfinetes de segurança. Certamente você tem um alfinete de segurança, *ma belle*? — Sim — digo, atônita. — Por quê?

Ele pega a orquídea violeta. Porque lhe peço para botá-la no seu decote — Se isso lhe deixa alegre, *monsieur*... Sim, tudo começou assim, meus queridos, e tudo começou assim. Tarde, duas da manhã, de volta ao nosso hotel. Ele me leva até a porta do quarto, beija a minha mão, pergunta se pode beijar meu rosto, ele pode, eu beijo o seu. Ele espera até eu entrar no quarto e fechar a porta. A orquídea está num copo com água. Sobre a mesa na outra sala: uma pequena montanha de pequenos pacotinhos. Cada um embrulhado num papel de cor diferente e enrolado com cordão dourado. Bebi demais! Mas os pacotinhos são reais, e então me sentei na mesa e contei os pacotinhos, nove. Banheiro. Tesoura. Tirar o cordão. Desembrulhar. Uma quantidade enorme de cosméticos — exclusivamente Emenaro. Perfume Flakon, *eau de toilette* Flakon, ambos com pulverizadores mecânicos, *body spray*, sem HCFC, *'body soap, shower bath, perfumed powder, body lotion, body cream, body dry oil...* Lá estava eu sentada, entorpecida como uma mulher do Velho Testamento, que não deveria se virar, mas naturalmente o fazia, diante de todas as garrafinhas e latinhas, e então ri e pedi, através da central, uma ligação para G. Ele atende imediatamente. — G., você é louco, completamente louco! — Acho que já ouvi isso hoje à noite. Seria melhor para a *mademoiselle* se eu fosse normal? — Oh, não, de jeito nenhum! — *Voilà!* — E toda a linha de Emenaro eu levo amanhã para o meio da floresta, é isto? — Pelo menos o perfume e a *eau de toilette*. Precisaremos sem falta. Todo o resto fica com o porteiro Parcas, meu velho amigo. Voltamos mais uma vez ao Rio, antes de voltar à Europa. Então você leva o resto. — Quando você comprou isto, G.? — Hoje à tarde, quando fui à procura da orquídea. É quase toda a coleção Emenaro, a moça na perfumaria me deu uma lista. — E fez os pacotinhos, os belos pacotinhos? — Orientada por mim, *mademoiselle*. — Eu... eu agradeço, *monsieur!* — Eu



é que agradeço, *mademoiselle*. Agradeço por você existir. Durma bem! Espere! Você sabe que os ecologistas não tomam banho de banheira. Por isso falta o *body bath*. Tome uma ducha com o *shower bath*, e por favor não se esqueça, depois a *body lotion*! — Vou fazer tudo fielmente, *monsieur*. — Ah, e o mais importante, quase esqueci. — O mais importante? — A jovem dama só tinha um perfume Flakon de 15 ml. Amanhã cedo ela entrega aqui no hotel um de 30 ml. Precisamos de estoque. Boa noite, bonita dama com a medalha misteriosa no pescoço! — Boa noite, digo e desligo o telefone e vou ao banheiro e abro o *shower bath* e sinto o aroma Emenaro antes de me despir. E tudo é completamente louco e completamente impossível e completamente maravilhoso.

## 7

— Energia? — A índia gritou com os cabelos longos e viçosos, o enfeite colorido na cabeça e a camisa puída. — Energia, o que é energia? Eu não preciso disso. — Ela estava nervosa e levantou a faca que tinha na mão. Assim, ela foi por entre as pessoas até o pódio e até José Muniz, que queria recuar, chocado, mas não pôde, porque estava preso na multidão: índios, seguranças, repórteres, policiais, dezenas de equipes de televisão. A velha índia estava fora de si. A pesada faca assobiava em torno da cabeça do chocado Muniz, que estava morto de medo. A multidão bramia no pavilhão municipal de Altamira. Ainda mais luzes se acenderam. Todas as câmeras trabalhavam — também a BETA de Bernd Ekland.

— Maria, mãe de Deus — gemeu ele. — Por favor, deixem-na continuar a fazer aquilo com a faca sobre sua cabeça... Continue!

Ao lado dele estavam Katja Raal, Markus Marvin, Peter Bolling, Isabelle Delamare, Bruno Gonzalos e Philip Gilles. Todos olhavam para o pódio. José Muniz, o diretor da seção de planejamento de

energia da gigante Eletronorte, o qual fora enviado à cidadezinha de Altamira, no rio Xingu, para que ele explicasse aos índios por que eles iriam inundar suas terras, por que eles deveriam ser expulsos dali, por que era justamente ali que deveria ser construída a maior hidrelétrica do mundo, estava lívido. Sentiu as pernas quentes, sentiu como sua bexiga esvaziava. A urina corria para os seus sapatos.

— He, he, he! Ho, ho, ho! — escandiam os mais de 300 índios com suas lanças de ferro ritmicamente, para animar a mulher que rodava a faca em torno da cabeça de Muniz, no seu desespero, na sua ira desamparada, pois ela sabia o que sabiam os índios aqui, que todos já estavam há muito traídos e perdidos. Fazia 35° diante do pavilhão. Certamente dentro dele estava muito mais quente. Peter Bolling se encostou totalmente pálido em Marvin, precisou de ar e usou sem cessar a garrafinha na boca, que ele tinha sempre consigo por causa da asma. O *spray* ajudou um pouco, não muito. O ar cozinhou. Todos os homens estavam nus, com exceção de bermudas e *shorts*, as mulheres usavam *shorts* e camisetas, o suor escorria em bicas sobre os corpos. Ekland tinha dificuldade de manusear a BETA com as mãos úmidas. A camiseta branca de Isabelle colava no corpo, parecia que ela estava nua.

— Se ela o matar... — murmurou Isabelle. — Se ela o matar...

— Maldição, se ela finalmente fizesse isso! — Ekland disse, fervoroso. — Vamos, minha velha, vamos!

José Muniz estava sentado, imóvel, petrificado de medo. Seus pés se banhavam em urina. Também o seu músculo anular havia desistido. Os que estavam em torno dele sentiam o cheiro. O diretor da seção de planejamento da Eletronorte se cagou nas calças de medo.

— Assassino! — gritou a velha índia, cuja faca zunia no ar, esquerda, direita, direita, esquerda. — Assassino! Assassino! Assassino!

— He, he, he! — Os índios gritavam — Ho, ho, ho! — Eles

batiam com os pés descalços compassadamente. Balançavam suas lanças. As luzes das câmeras cruzavam a névoa de calor no pavilhão.

— Fim! Parem! Ponto final! — gritou Paulinho Paiakã, cacique dos índios caiapós, que tinha ido lá com os mais de 300 guerreiros. — Deixe disso, Carca! — Ele se apertou até a mulher furiosa, que agora batia com a faca afiada nas bochechas do executivo da Eletronorte. — Você deve parar!

De repente fez-se um silêncio de morte. Só era ouvido o arquejar das pessoas — todas queriam ar. Aqueles, que ainda chegaram a animar a índia, se calaram. Cada um compreendeu, de repente, que havia sido testemunha de uma tentativa de assassinato.

O cacique puxou a mulher. Ela cambaleou, caiu, ficou no chão. Lágrimas jorravam de seus olhos e corriam sobre o seu rosto. Ela começou a rolar, em convulsões histéricas. Todos se afastaram dela.

— Você ainda tem filme suficiente? — Marvin gritou para Ekland. — Meu Deus, se o cassete tiver de ser trocado agora!

— Cinco minutos — gritou Ekland. Katja já segurava um novo cassete. Ela também estava molhada de suor.

O cacique Paulinho Paiakã havia chamado para esse congresso de cinco dias jornalistas do mundo inteiro, para que o mundo inteiro soubesse que aqui a natureza deveria ser destruída, os índios exterminados e o mais louco empreendimento do século deveria ser posto em ação.<sup>14</sup>

Eles vieram: correspondentes de agências de notícias, repórteres de grandes jornais e estações de rádio, fotojornalistas, equipes de TV, mais de cem pessoas que carregaram aparelhos fotográficos e câmeras de TV e computadores pessoais até o meio da selva. Tantos correspondentes não foram enviados somente por causa de um protesto de índios. Para este não apareceu nem meia dúzia de jornalistas. A construção da mais gigantesca hidrelétrica do mundo estava ligada ao engajamento de muitos políticos famosos e grandes bancos de muitos países. Aqui se tratava de luta de poderes entre o leste e o oeste, de bilhões de dólares, instituições

internacionais metidas à meia-luz, de corrupção e escândalos econômicos monstruosos. Por isso aconteceu essa invasão de repórteres, só por isso. Protestos de índios apenas teriam deixado a *mass-media* totalmente indiferente. Mas assim...

Há meia hora José Muniz ainda sorria, forçadamente, mecanicamente para esconder seu medo. Também já há uma hora ele amaldiçoava seus chefes que o haviam enviado ali para que falasse àquela corja esfarrapada, explicasse, elogiasse o que deveria ser construído ali. Porcos, malditos, Muniz pensou. Vocês estão em suas mansões com suas putas, condicionadores de ar, drinques geladíssimos, um canal aqui transmite ao vivo e então vocês podem, encostados em suas poltronas, ver o que acontece, suas putas podem se excitar com as imagens, antes de trepar com seus sacos de gordura. Sou sempre eu, sou sempre eu quem eles enviam, pensou Muniz, para onde a situação é pior.

O cacique Paiakã havia preparado o congresso eficazmente. Antes que Muniz tivesse a oportunidade de explicar aos reunidos o quanto era benéfico para todos o “Plano 2010”, que deveria ser realizado aqui, o plano que deveria transformar Altamira, aquele fim de mundo, num centro industrial, cuja hidrelétrica, um dia, deveria produzir 11 mil megawatts de energia, mais ou menos dez vezes mais que uma moderna usina nuclear. Antes que Muniz pudesse falar disso, os 300 guerreiros tinham começado com a sua apresentação. Tinham ornamentos de penas na cabeça, no mais apenas *shorts*, cada um deles com a sua tradicional estaca de madeira, muitos deles ainda com lanças e flechas e arcos. Eles haviam começado a dançar e gritar ritmicamente: — He, he! Ho, ho! He, he! Ho, ho! — Eles faziam ataques simulados com as estacas e lanças contra Muniz, e depois disso Paiakã falou — e Isabelle traduziu seu discurso, muito alto, e apenas para a mala de som de Katja: — Você sabe o que significa *kararaô*? Significa mais ou menos’: “Nós declaramos guerra!” Sim, nós declaramos guerra! O honrado senhor Wanderlan de Oliveira Cruz, presidente e porta-voz da honrada Sociedade dos

Latifundiários, declarou: “O progresso não será estacionado por causa de 300 índios.” Com outras palavras: todos aqui somos candidatos à morte. E isto não é exagero. Apenas em torno de 20 mil índios dos dez milhões originalmente sobreviveram à marcha triunfante da civilização no Brasil! — Gritaria. — Nos bares desta cidade, depois que se toma a terceira caipirinha, diz-se: “Agora é a vez do resto, o primeiro é o cacique Paiakã.” Pois o que as leis valem aqui? Os jornais não vêm para Altamira. Quem possui algo, que primeiro aliste seguranças. — Gritaria. Todas as câmeras ligadas. Uma tempestade de *flashes*. — Estamos no caminho do progresso da honrada sociedade, minhas irmãs e irmãos! Devemos ser fuzilados, envenenados, espancados, enforcados, devemos ser exterminados — para o progresso dos latifundiários! Digo aqui, diante de tantos repórteres de tantos países: não abandonaremos nossas terras. E se se chegar à construção da represa, então preferimos morrer aqui do que num lugar qualquer.

O calor infernal no pavilhão, a gritaria e o barulho dos tambores eram quase insuportáveis. Isabelle caiu num acesso de fraqueza contra o peito nu de Bolling. Ele a segurou. Excitado, ele sentia cada curva de seu corpo.

— Isabelle!

Ela se levantou e balançou a cabeça. — Já está tudo bem. Quente aqui, não?

Ele passou o seu pano molhado sobre seu pescoço e seu busto.

— Não...

— Só para tirar o suor.

— Por favor, não! — Ela recuou. Bolling arfava.

— He, he! Ho, ho! He, he! Ho, ho! — 300 guerreiros batiam os pés, agitavam as lanças, arcos e flechas, dançavam, os rostos desfigurados em caretas.

Marvin falou no microfone: —... Em Altamira deve-se construir essa imensa hidrelétrica. Por causa da queda baixa do Xingu, que deságua a noroeste de Belém no delta do Amazonas, aqui surgirá

atrás do mais baixo nível da represa um lago de 1.200 quilômetros quadrados — ele pensou rápido —, mais do que o dobro do Bodensee. E esta é terra de índios. Aqui é a floresta tropical, que será inundada por uma massa de água.

— Fim — disse Ekland.

— O quê? — Marvin olhou para ele.

— Acabou o cassete.

A câmera estava sobre o tripé. Rapidamente Katja, a alegre Katja, pôs o novo cassete. Ela estava sempre com medo de desmaiar, mas ela ria muito. Obstinada, ela manuseava os botões de seus aparelhos, observava o movimento dos mostradores de escalas. Por debaixo de seus fones de ouvido corriam riachos de suor.

— Pronto! — Ekland gritou. — Continue, Markus!

— Um momento! — Katja gritou. Ela riscou com um lápis algo sobre uma folha de papel e a segurou em frente à câmera. ALTAMIRA III/PAVILHÃO.

— Som? — gritou Ekland.

— Ligado! — Katja gritou.

— Vamos! — gritou Ekland.

Markus Marvin continuou a falar: — Não apenas os índios caiapós vieram até Altamira para protestar contra a represa; também vieram ecologistas do Brasil... — Ekland virou a BETA e filmou o Dr. Bruno Gonzalos, que também tinha voado até lá, como prometera. — ...da América do Norte, Ásia, Europa... O cantor *pop* inglês Sting apareceu aqui, para explicar a um grupo de índios brasileiros, mexicanos e americanos do norte: “Eu sei que os americanos protegem a floresta tropical, aqui e no mundo inteiro. Se a floresta tropical morrer, meu país também estará prejudicado!” Desligar a câmera, por favor! — Marvin perguntou a Ekland: — Vocês têm lá material suficiente sobre o Sting?

— Em massa.

— Também a sua música?

— Em grande quantidade.

— Ótimo. Incluiremos aqui.

O calmo Gonzalos havia escrito uma palavra num papel e mostrou-o a Marvin. “Hélio”, estava escrito.

Marvin fez um sinal para Ekland. A BETA funcionava novamente. Marvin disse: — Não nos foi preparada uma recepção muito amável. Pouco antes do início do encontro, o governador do Pará começou: “Então vêm os demagogos da Suécia, Sérvia e Bulgária e querem rios proibir de desenvolver nosso país.” E para os ecologistas da América do Norte, que muito certamente estavam mais numerosamente representados que por exemplo a Sérvia, o governador tinha palavras bem diferentes para a saudação: “Vocês é que são os especialistas! Vocês é que melhor sabem como extinguir índios!”

Isto foi há 20 minutos.

Nem bem o cacique Paulinho Paiakã havia tirado a velha mulher irada com a faca da frente do diretor José Muniz, nem bem ele começava a falar, soou de fora um barulho monstruoso.

— O falatório do sujeito, a minha amiga Tuesday Wells, da ABC, nos dará — disse Ekland. — Vamos, vamos ver o que está acontecendo lá fora! — Katja e ele pegaram a BETA do tripé, ele a pôs no ombro, e com ele se empurravam e se apertavam os outros para a rua. Lá, num cruzamento no centro do lugar, havia começado uma segunda manifestação — a hora fora muito bem escolhida.

— Espere, cara! — Katja gritou com as mãos cheias de cabos e instrumentos, correndo atrás de Ekland. — Mulher velha não é nenhum trem expresso! — Numa pressa atroz ela ligou microfones e prendeu o cabo de energia da BETA novamente no cinto de caubói de Bernd. A BETA era pesada, o cinto era pesado, Ekland muito excitado, profissional demais para sentir dores agora. Ele filmou uma multidão que gritava, cantava, dançava.

— Pergunte às pessoas quem eles são! — Marvin gritou. Isabelle correu, voltou, informou: a organização dos latifundiários. Extrema direita, União Democrática Ruralista, UDR. Aqui, anotei.

Sublinhei as sílabas que são acentuadas...

Homens cavalgavam, deixavam seus cavalos se empinarem, dezenas de morteiros explodiam ao mesmo tempo, sempre se seguiam novas salvas. A cidade inteira estava lá — sob 35°. Centenas de carros, todos buzinando, caminhões de gado, até máquinas de arruamento estavam rodando. O barulho era infernal, o calor era infernal, *era* o inferno.

O rosto de Ekland se transformou num sorriso. Ele tinha a BETA sobre os ombros e filmava. Esquecer o último ano, esquecer as dores. — Rapazes, rapazes, rapazes! — ele gemeu. Faixas. Faixas. Ele as filmou.

— Traduza as frases, por favor, Isabelle!

A jovem mulher traduzia para o microfone o que estava escrito nas faixas: — Produzimos quatro mil toneladas de café por ano!... Temos mil bois e 500 porcos — por isso precisamos de energia!... Energia nuclear não — energia hidráulica sim!... Este país nos pertence!... O Brasil para os brasileiros!

Pesados caminhões rodavam.

— O que é isto? — Marvin gritou.

Isabelle leu os letreiros. — Serviço de Limpeza... Caminhões do Serviço de Limpeza.

— Por que é que eles estão com os latifundiários? Por que é que eles são pela Eletronorte?

— Recebem dinheiro deles — disse Bruno Gonzalos, e Isabelle traduziu. Também os peões e os outros... todos pagos.

— Ali, naquela faixa se fez rima — disse Isabelle, cujos seios pequenos e rijos, sob a camiseta suada, agora estavam tão evidentes, como se ela estivesse nua. Bolling a admirava atrás das lentes embaciadas dos óculos. — Somos pela ecologia, com progresso e energia!

Marvin repetiu as palavras, ele estava novamente diante da câmera. — A coisa está se transformando num carnaval — disse ele. — Um carnaval assassino... Os peões espancam os ecologistas e os



repórteres... — Ele recuou. Ekland filmou a cena da pancadaria. A voz de Marvin: — Os cavaleiros se aproximam... as máquinas de arruamento também... Os homens sobre elas têm correntes de bicicletas e cabos de ferro... — Uma sirene tocou... — Ambulância... em algum lugar... não está sendo vista... não poderá chegar aqui... Agora correm dois médicos... um está sendo espancado...

No espaço de carga dos caminhões, os habitantes de Altamira dançavam, como se realmente fosse carnaval. Muitos estavam bêbados. Mormaço, calor, álcool. E sempre as mesmas palavras, que eram vociferadas em coro. Isabelle traduzia ofegante: — Energia! Fora os gringos!.. Energia! Fora os estranhos!

Agora a equipe estava rodeada de nativos. Rostos desfigurados de ódio, bocas escancaradas, gestos brutais e ameaçadores.

— Os mais pobres dos pobres representam os interesses dos latifundiários e do gigante de energia Eletronorte — disse Marvin no microfone, empurrado para lá e para cá como muitos outros. Só o robusto Ekland ninguém empurrava. — Espancam os ecologistas... os repórteres... por um punhado de cruzeiros...

Perto deles um fotógrafo americano queria saber algo. Um gigante esfarrapado gritou para ele, ameaçador.

— O que ele diz? — perguntou o fotógrafo a Isabelle.

— O senhor deve falar português com ele!

O esfarrapado agora gritou para Marvin.

— O que ele quer... o que ele está dizendo, Isabelle?

— Por que vocês não nos desejam o progresso? — Isabelle gritou. — Por que vocês não nos desejam o progresso?

Antes que Marvin pudesse responder, um peão a cavalo, que se aproximou rapidamente, bateu nele, com a estaca de madeira sobre a sua cabeça. Marvin gritou, segurou a cabeça. O sangue começou a escorrer. Ekland filmou como ele caiu no chão. Imagens, pensou Ekland, imagens, imagens!

— Vamos, fora daqui, fora agora! — Dr. Gonzalos gritou isso. Ele e Gilles ajudaram Marvin a se levantar. Seu rosto e seu corpo

estavam vermelhos de sangue. Os outros guardaram apressados todos os aparelhos. Eles haviam caído no meio de um monte de gente que se batia. Morteiros ainda explodiam. A música veio, penetrante, de carros de alto-falantes. As pessoas ainda dançavam, cantavam e gritavam de cima dos caminhões: — Energia!... Energia!... Fora os gringos!... Fora os gringos!

— Atrás de mim, não saiam de trás de mim! Segurem firme no meu cinto! — gritou o normalmente meigo Bruno Gonzalos.

Ele baixou a cabeça e procurou um caminho para ele e os outros através da multidão raivosa e barulhenta, através de pessoas bêbadas, maconhadas e meio loucas por causa do calor. Adentrava pela direita, esquerda. Os outros o seguiam, cambaleando. O sangue pingava na sujeira da rua. Por fim eles alcançaram, num terreno em ruínas, um ambulatório. Aqui havia mais ou menos 50 feridos. Enfermeiros o atenderam. Ekland viu colegas de estações de TV, fotógrafos, repórteres, entre os quais várias mulheres.

O médico que desinfetou a ferida de Marvin e fez-lhe um curativo disse algo em português.

Isabelle traduziu, ela se havia deixado cair no chão: — Por que vocês vêm até aqui? Já não aprontaram o suficiente? A metade do país não tem nada para comer. Tudo, tudo o que produzimos é exportado. Vocês é que têm que se responsabilizar que a situação esteja assim agora, que a floresta tropical seja destruída para hidrelétricas, fazendas de gado e para a explosão das riquezas minerais! Vocês começaram espertamente! Estamos endividados, isso nos estrangula! Precisamos pagar 18 bilhões de dólares de juros por ano pelas nossas dívidas! 18 bilhões de dólares somente de juros! A nobre proteção da natureza de vocês! Dos índios! Merda, tudo uma merda! Quem é que fica sempre mais rico e mais gordo e mais poderoso? A CEE! Os seus bancos! As suas companhias! Shell e BP! Texaco e Esso! Não grite, cara!

Marvin mordeu o seu lábio inferior, que sangrou.

Bruno Gonzalos havia se sentado ao lado de Isabelle. Enquanto

estouravam morteiros e tiros, as sirenes tocavam, as pessoas berravam, cantavam e gritavam, Gonzalos disse com um sorriso tímido: — Eu queria lhe contar o tempo todo. Minha mulher está grávida.

— Isto é ótimo, doutor Gonzalos — disse Isabelle.

— Ela me disse pouco antes de nossa partida. Primeiro fiquei... Sim, um pouco confuso e tinha as minhas dúvidas, mas então... — Ele se calou, e em volta as sirenes continuavam a tocar, estouravam mais tiros, morteiros ainda explodiam, pessoas gritavam e cantavam e gemiam de dor. — Mas então — disse Gonzalos — e especialmente agora, neste caos... É completamente louco, não é... quero dizer... agora eu me convenci de que vamos ter um bebê... — Ele sorriu novamente. — Mas... agora eu me alegro com isso. — Ele se levantou e desapareceu entre as ruínas, como se se envergonhasse de ter mostrado tão claramente suas novas sensações.

Marvin estava num catre de uma ambulância velhíssima, que corria através da cidade. O motorista estava bêbado e cantava. Gonzalos e Bolling estavam sentados a seu lado. Gilles e Isabelle se acocoravam num outro catre e impediam que Marvin escorregasse para o chão. O médico que havia feito o curativo fez questão de um exame no hospital. Desde então Marvin estava irado.

Ele se sentia muito tonto e tinha dores fortes. Bernd e Katja dirigem à nossa frente, pensou ele, ela na direção. Ele quer filmar a cidade em ebulição. Eles dirigem um Landrover. Trouxemos de Belém o Landrover. Landrover? Que diabos, não posso pensar em outra coisa? Landrover. Já estive em um. Num menor. Tão descompensado quanto esta ambulância. Nenhuma rua. Campo. Então ele se lembrou e fechou os olhos. Era o Landrover do fazendeiro Ray Evans, no campo com uma parte do gado aleijada. No depósito nuclear de Hanford, no Estado de Washington. Preciso voltar lá, pensou ele. Meu Deus, ainda temos um programa à nossa

frente! Tudo apenas começou. Precisamos nos apressar. Tanta coisa ainda. Tanta coisa ainda. Até os garimpeiros. Jesus, faça com que as dores parem! Jesus...

O motorista bêbado passava naquele momento pelo suntuoso episcopado. A única coisa suntuosa aqui, pensou Gonzalos. No mais, duas dezenas de hotéis, a maioria ensebadas pensões, às vezes não mais que uma cama ou mesmo apenas dois ganchos para a rede nos buracos que eles chamavam de quartos. Lojas com grades rolantes e quadros com o letreiro COMPRO OURO. Dois bordéis. Uma grande quantidade de putas recém-chegadas. De fato, uma cidade de garimpeiros. A clínica, certamente lotada e perigosa. Aqui eles assassinam um na cama do hospital, com a metralhadora. Acontece sempre e em todo lugar. O assassinato de um cidadão de importância mediana, pensou Gonzalos, é baratíssimo. Lá na Colômbia há os melhores pistoleiros. E os mais baratos. Custam entre 32 e 64 dólares, segundo a mais nova pesquisa do mercado da polícia que eu li. Este bom preço é justificado pela grande oferta de pistoleiros profissionais, diz-se na pesquisa. Os “Grandes” ou os “Luvas Brancas”, os “Monges”, os “Pedacinhos de Queijo” ou os “Creme Chantilly”, como as gangues se autodenominam, acobertam a necessidade de segurança dos traficantes de drogas colombianos, que investem o seu dinheiro em terrenos. Os latifundiários, aqui, vão buscar os seus seguranças, os seus guardas, seus pistoleiros quase sempre na Colômbia, são os melhores, formados em “escolas de assassinos” e “academias da morte”.<sup>15</sup>

O Motel *Kiss Me* passou, o mais fino dos dois bordéis — para aqueles que têm dinheiro vivo pela venda de ouro e querem desfrutar de algumas belas horas ou para cooperantes estrangeiros. Estes não precisam vender ouro. Algumas dezenas de mansões com segurança monitorizada também passaram, alguns milhares de casebres tortos pelo vento. Igreja, *supermercado*, *pornoshop*, hotel, hotel, igreja, igreja. O motorista freou, enquanto Gonzalos pensou: espero que o médico Ernesto Geisel esteja aí, com quem o médico do curativo

falou pelo rádio. A ambulância parou. Gonzalos desceu, o motorista também. Eles estavam diante do Hospital Coração de Maria.

— Tire o gringo! — disse o motorista para Gonzalos. — Me ajude, homem!

Ele abriu a porta de trás. Isabelle e Gilles levantaram Marvin numa maca. Marvin xingava. Enquanto os outros homens tiravam a maca do carro, Gilles ajudou Isabelle. Ele a tirou para fora, e seu coração bateu alto naquele momento, tão gracioso era o seu corpo, tão leve, tão leve.

— Raio-X — disse o homem com a suja bata branca, que estava no segundo andar do hospital num corredor imundo cheio de feridos na frente da maca com Markus Marvin. Nesse meio tempo também chegou Katja, enquanto que Ekland foi encher o tanque do Landrover.

— De jeito nenhum — disse Marvin. — Traduza, Isabelle, por favor! — Isabelle traduziu.

— Diga a ele que ele não deve fazer uma cena — disse o radiologista, Dr. Ernesto Geisel. Ele estava com a barba malfeita e olhos vermelhos. — Ele vê como está a situação. Esse maldito congresso mal começou, e já estamos todos semimortos. Traduza, por favor, senhora! Isabelle traduziu.

— Sem discussão — disse Marvin, e Isabelle traduziu.

— De qualquer forma — disse o doutor Geisel, e Isabelle traduziu.

— Não — disse Marvin. — Não quero. Ouvi que aqui os pacientes são fuzilados. Não confio no Hospital Coração de Maria de Altamira.

— Ele realmente não quer — Isabelle traduziu.

— O que ele disse do Santa Maria? — quis se informar o Dr. Geisel. Ele era magro, seu rosto cinza, mal podia se agüentar em pé de tanto cansaço.

— Pelo Santa Maria, ele se nega — disse Isabelle.

— Então que morra — disse o Dr. Geisel. Embaixo, sirenes tocavam, aumentavam o volume, morriam. — Por favor — disse Geisel —, o próximo. É assim dia e noite. Então que morra.

— Você realmente precisa fazer o raio-X — disse Isabelle a Marvin. — O doutor tem razão. É muito perigoso. Seja racional, Markus! Estamos aqui com você.

— Vão me matar. Agora me conhecem. Esperaram por mim nesta clínica assassina — disse Marvin. — O cara aí tem como missão me matar. Onde as pessoas são mais facilmente mortas do que no hospital? Basta ar na veia. São puros pistoleiros com diplomas universitários. Sei de tudo, Gonzalos me contou.

— O que ele diz? — perguntou o cansado médico, repugnado.

— Ele tem medo.

— Medo, ridículo.

— Também tenho medo — disse Isabelle.

— Dou minha palavra de honra, nada vai acontecer a ele. Sou responsável pela sua segurança. Traduza isso, por favor, senhora.

Isabelle traduziu.

Marvin olhou para Geisel, irado. — Diga onde ele pode enfiar sua segurança!

— Ele tem dores — traduziu Isabelle.

— Por isso. — Geisel se sentou num banquinho e se levantou imediatamente. — Durmo, se me sentar — disse ele. — Pela última vez: ele vai ser radiografado. Precisamos saber se isso é uma hemorragia cerebral e se ela leva a um aumento de pressão no cérebro, um hematoma subdural, pois... — ele continuou a falar.

Isabelle esperou, depois traduziu, desta vez certo, e terminou: — ...pois se há uma tal hemorragia cerebral e ela levar a um aumento de pressão no cérebro, pode-se ficar cego, surdo ou demente e morrer miseravelmente. Você quer isto?

— Sim — disse Marvin. Como todos os outros, o suor lhe corria pelo corpo. — Eu quero. Diga isso a ele, mas mesmo! Diga a ele que

não há nada que eu possa desejar mais do que ficar cego e surdo e demente e morrer sob dores terríveis. Odeio essas perguntas idiotas de médicos. Vamos, levem-me para dentro!

Então Gonzalos e Bolling o levaram para a sala de raio-X. Não deixaram Marvin sozinho nem um só momento. O aparelho, com o qual sua cabeça foi radiografada, se originava de uma firma de nome Josef Hohenemser & Söhne, Mannheim, e foi construído em 1937. Isabelle leu isso numa pequena placa de latão.

Depois eles precisaram esperar numa sala com muita gente, até que a chapa fosse revelada e analisada. A sala enorme cheirava mal. Depois que esperaram mais de uma hora, Peter Bolling explicou que voltava logo, ele precisava vomitar.

— Também me sinto mal — disse Katja a Isabelle. Ela seguiu Bolling. Do lado de fora o ar estava melhor, Katja respirou fundo. Então ela viu, atônita, como Bolling, que queria vomitar, foi escada abaixo até uma central telefônica. Ele parecia estar muito apressado.

O que está acontecendo, pensou Katja, inquieta. Ela seguiu o químico e prestou atenção para que ele não a notasse. Ele não se virou nem uma vez. Na central telefônica trabalhavam três moças. Katja ficou atrás de uma coluna e pôde ouvir o que Bolling dizia.

— *Speak English?* — Bolling perguntou às três moças.

— *A little* — respondeu uma delas.

— Preciso telefonar — disse Bolling, em inglês. — Urgente. Rápido. Quanto vocês quiserem. Para Hamburgo.

— O quê?

— Hamburgo. Grande cidade na Alemanha. Alemanha Ocidental. Hamburgo.

— Só através de Belém. Preciso pedir. Vai demorar.

— O mais rápido possível — disse Bolling, e deu à moça uma nota de dez dólares.

— O mais rápido possível — disse a moça, olhando para ele. — Número?

Bolling disse um número. Atrás da coluna, Katja o anotou. A

moça entrou em contato com a central em Belém.

— Cinco minutos — disse ela então. — Mas dê o dinheiro adiantado. Cem dólares. Deixe aqui. Ordem. Senão não tem telefonema. Depois calculamos.

Seis minutos depois a ligação estava feita.

— Cabine três — disse a moça —, a um e a dois estão quebradas.

— Onde está a porta da cabine?

— Não há portas. Então, o que há? Tenho Hamburgo. Vai falar ou não?

Bolling foi para a cabine sem porta, entrou e pegou na parede o auscultador de um aparelho fora de moda.

Katja se inclinou. Ela ouviu quando Bolling disse seu nome e falou: — Senhor Joschka Zinner! Rápido, sua lesma!

Joschka Zinner, pensou Katja, atônita. Nosso produtor com as idéias-relâmpago. Por que Joschka Zinner?

— Zinner? — Bolling falava agitado. — Estamos em Altamira... na clínica... Marvin foi radiografado... Um abalo cerebral, provavelmente... Então, se em algum lugar é fácil matar alguém, é aqui... Precisamos urgentemente... — Neste momento vieram dois médicos correndo. Um deles falou com Katja, ao lado da coluna.

— O que você faz aqui?

— Quero telefonar.

Katja viu que Bolling ainda falava, mas ela não podia entender mais nada.

— Agora o telefone é só para os médicos! — gritou o médico, que correu até Katja.

O segundo médico falava com a moça na central.

— E aquele lá na cabine — é um médico? — Katja gritou.

— Saberemos imediatamente — disse o primeiro médico. — Vocês, malditos gringos, só nos faltava essa!

Katja viu quando o primeiro médico pegou Bolling pela gola e o tirou da cabine. Bolling resistiu. O segundo médico tirou o fone de



sua mão.

— Desapareça ou chamo a polícia! — gritou o primeiro médico.

— Precisamos do telefone. Lá em cima eles morrerão como moscas, se o maldito helicóptero não chegar com os novos tubos de oxigênio.

Bolling então ficou no corredor, diante da cabine. O segundo médico telefonava. Enquanto Bolling foi para a central, Katja correu para a escada acima, de volta para a grande sala, na qual estava Marvin.

Depois de quase duas horas veio um médico até a maca de Marvin.

— Meu nome é Banquero — disse ele. — Doutor Jesus Banquero.

— Onde está o doutor Geisel? — perguntou Bolling, que voltou logo depois de Katja.

Isabelle traduziu.

— Está operando — disse Banquero. — O senhor Marvin teve muita sorte. Apenas um leve abalo cerebral. Quatro dias de repouso absoluto. Virei vê-lo toda noite. Honorários, mais tarde.

— Queremos um enfermeiro — disse Gonzalos. — Não, dois enfermeiros. Dia e noite. O tempo todo.

— Ótimo — disse Peter Bolling. — O tempo todo. Da mesma forma como é aqui.

Hum, pensou Katja. — Você também pensa assim? — ela perguntou ao químico, que olhava para Isabelle.

— Claro. Imediatamente. O tempo que for possível.

— Absurdo — disse Marvin, irado.

— E você cale a boca — disse Bolling. — Você não sabe de nada.

Eu também não, pensou Katja, confusa. Eu também não sei de nada. O que está acontecendo aqui? Qual é a do Bolling? Que tipo de

conversa era aquela com Joschka Zinner, em Hamburgo? O que está sendo representado aqui?

— Fazemos *questão* de enfermeiros — disse Bolling. E para Isabelle: — Por favor, pergunte quanto custam dois enfermeiros em tempo integral!

— Ele disse quatro dias na cama? — Marvin rosnou.

— Quietos! — Bolling disse.

— De jeito nenhum! — Marvin gritou. E logo em seguida gemeu de dor.

— Sem discussão — disse Bolling. — Por favor, Isabelle, informe-se!

Isabelle se informou.

— Quinhentos — ela disse então. — Para os dois. Armados, naturalmente.

— De qualquer forma, armados — disse Bolling. Ele notou que Gonzalos olhava para ele. — Por que está olhando para mim?

— Você tem olhos tão bonitos — disse Gonzalos.

— Ah, deixe-me em paz...

— Não se irrite, fique contente — disse Banquero. — Aqui é assim.

— Claro — disse Gonzalos. — Mas 500 dólares é muito.

— Quatro dias! — disse o Dr. Banquero.

— Ele está louco — disse Bolling.

Isabelle traduzia rapidamente: — Então, não, diz ele. 500 dólares. Seus honorários são 200.

— Tudo bem com os honorários, mas não 500 para os dois enfermeiros — disse Gonzalos.

— Para compensar, o exame e o raio-X são de graça — disse Banquero. — 500 para os dois enfermeiros. Preço especial. Porque o senhor Marvin é alemão. Eu amo a Alemanha.

— 200 — disse Bolling.

Preciso falar urgentemente com Bernd, pensou Katja. Algo fede aqui.

— 400 — disse Banquero.

— 250 — disse Bolling.

— 300. O senhor é judeu?

— Então só 150 — disse Bolling.

— O que é, o que é? Pergunto por simpatia. Amo os judeus — disse o Dr. Jesus Banquero, que embolsou duas notas de 100 e desapareceu. Depois de 15 minutos ele voltou com um enfermeiro gigantesco.

— Este é Santamaria — disse Banquero. — O primeiro enfermeiro. Vai logo com vocês. 12 horas. Então será substituído.

— Onde está sua arma? — Bolling perguntou.

Isabelle traduziu.

Santamaria levantou sua suada camisa verde. No cós da calça estava uma nove milímetros. Dos bolsos da calça Santamaria pegou três revistas grossas.

— OK? — ele perguntou.

— OK — Bolling disse.

Eles viajaram novamente através do lugar e ouviram tiros e gritos. Santamaria estava na frente entre Katja e o motorista.

— Precisamos nos apressar — disse Gonzalos, que estava sentado atrás e ao lado do catre, com Gilles, Isabelle e Bolling. — Os latifundiários mandaram dizer que às 18 horas chegará seu pessoal da segurança. — Marvin era jogado na maca para lá e para cá, embora Isabelle e Gilles o segurassem. O novo motorista estava apressado. Parece ser do pessoal da segurança, pensou Gonzalos. Katja se virou e viu como Bolling falava baixo com Marvin. Esses dois, pensou ela. O que há com esses dois?

Os hotéis um pouco melhores de Altamira estavam lotados, quando eles chegaram de Belém. Eles só acharam um quarto numa pousada chamada Paraíso. Este paraíso era uma grande pousada, de 62 quartos, nos quais em certas épocas dormiam até 150 pessoas. Eles haviam subornado o dono e conseguiram um quarto isolado. Assim, havia pelo menos camas e duchas.

A ambulância parou em frente ao Paraíso.

Santamaria e o motorista trouxeram Marvin numa maca até o pequeno *hall*, onde os olhou, rabugento, um pequeno porteiro com camisa suja, bermudas sujas e muita brilhantina nos cabelos. No fim do *hall* havia um bar. Repórteres alemães berravam em coro: “A patroa também tem uma pulga...”

O porteiro disse algo, enojado.

— O que ele diz? — Bolling perguntou.

— Ele odeia todos os gringos.

— Eu o amo — disse Gilles. — Vou beijá-lo depois. Primeiro precisamos da chave do quarto do senhor Marvin. 215.

— Não está aqui. Deve estar em cima — traduziu Isabelle.

O porteiro havia se sentado atrás do seu balcão e olhava fotos numa revista pornográfica. Ele não se deixou interromper.

Santamaria e o motorista carregaram Marvin na maca para o segundo andar e através de um sujo corredor. Atrás de uma porta uma mulher gritou: — Ah! Ah! Ah! Você me mata! Você me mata! Continue! Continue!

Ninguém pediu uma tradução.

Eles chegaram ao quarto 215.

— A chave está aí — disse Bolling. — Para trás. Todos para trás. Atenção! — O enfermeiro Santamaria pegou debaixo de sua camisa a nove milímetros no cós da calça. Ele levantou um pé e empurrou. A porta se escancarou. Rapidamente Santamaria pulou para o lado. Agora ele segurava a pistola com as duas mãos, pronto para atirar.

De dentro do quarto veio uma moça magra com cabelos castanhos e olhos cinza. Ela vestia uma leve jaqueta e a calça verde do Exército americano.

Marvin olhou para ela.

A moça magra se ajoelhou ao lado dele.

— Papai — disse Susanne Marvin, e o beijou nos lábios sujos de sangue.

— Acredite em mim, doutora Goldstein, eu amei Markus. Mais do que o normal. E ainda o amo. Não, não é verdade. Posso entender o que ele fez. Tenho pena dele. Sim, os sentimentos de antes se transformaram em piedade — disse Elisa Katharina Luise Hansen seriamente, as pontas dos longos dedos cruzados, os lábios tremiam num sorriso melancólico. — Por isso fiz tudo para que Hilmar, meu marido, retirasse a denúncia. Mais uma xícara de café? A senhora disse ao telefone, de preferência café. Sem leite, eu sei. O açúcar, a senhora mesma serve.

Estas palavras foram quase ditas ao mesmo tempo em que, a milhares de quilômetros de distância, no Hotel Paraíso, Susanne Marvin beijava os lábios de seu pai sujos de sangue na cidadezinha de Altamira, no Norte do Brasil.

Elisa Hansen e Miriam Goldstein estavam sob um guarda-sol azul no grande terraço do palacete Arabella, perto da cidade de Königstein, no Taunus. A graciosa advogada com os cabelos brancos penteados descontraidamente e os grandes olhos escuros no rosto estreito vestia um vestido de verão de listras pretas e brancas e sapatos igualmente alvinegros. Vindo de Frankfurt, ela havia chegado num táxi.

— Bonito lugar — havia dito o motorista. — Aqui mora o senhor Hansen. Cheguei a conhecer seu pai. Grande homem, realmente. Quando se pensa que ele reconstruiu tudo, todas as fábricas no Meno, tudo estava em ruínas! Um mérito. Também conduzo o filho com freqüência. E a senhora Hansen. Gente fina, realmente. Lutaram por cada centavo. Assim não invejo a riqueza de ninguém. Honestamente. Nenhuma inveja. E ainda mais quando ele produz medicamentos para pessoas doentes, produtos industriais que não prejudicam o meio ambiente... Bravo, bravo! Aqui preciso

parar, infelizmente, prezada senhora. — Ele havia chegado ao portão de entrada, no qual Miriam viu duas câmeras de TV. — Proibido, todo o complexo. Compreensível, não é? Sobretudo quando se pensa no que aconteceu ao doutor Hansen. Uma safadeza. Por mim esse Marvin receberia a mais alta pena que há. Comunista. Guiado pelo Leste.

— Quem diz isto? — Miriam perguntou.

— Ninguém precisa me dizer isso. É óbvio. Sabemos qual é a situação aqui, não é? 45 marcos e 20 centavos, por favor... Oh, muito generosa, muito obrigado, madame, muito obrigado! E uma boa tarde!

Enquanto ele manobrava o carro, Miriam foi ao portão e tocou a campainha. Logo depois ouviu-se uma voz de homem. — Sim?

— Meu nome é Miriam Goldstein. Tenho um encontro marcado com a senhora Hansen. Às 15 horas. Faltam dois minutos para as 15.

— Vou imediatamente — disse a voz.

Miriam estava sob o sol ardente na grande área diante do portão. O chão estava coberto com uma densa camada de mármore branco, que brilhava e iluminava.

De repente soou o horrível grito de uma voz masculina. Miriam estremeceu. Pelo amor de Deus, pensou ela, ou alguém aqui está sendo morto da maneira mais cruel, ou alguém mata da maneira mais cruel. Ela tremia de susto.

Sobre o caminho de cascalho do parque veio um rapaz. Ele cumprimentou educadamente e abriu o portão digitando o código de números num aparelho ao lado.

— Reiter — disse ele. — Polícia criminal. — O portão se fechou. De uma casinha no jardim vieram mais dois homens.

— A senhora Hansen tem proteção pessoal — disse Reiter. — Conheça-a, doutora Goldstein. Mesmo assim, preciso lhe pedir para ser brevemente examinada — é uma ordem.

— Naturalmente — disse Miriam. Ao lado dos dois homens

apareceu uma jovem moça.

— Na casinha, doutora. A colega resolve isso.

No interior da casinha de jardim, na qual havia aparadores de grama, ceifeiros e outros aparelhos, a funcionária da polícia apalpou com uma sonda metálica o corpo de Miriam. Ela também examinou o conteúdo de sua bolsa. — Em ordem, doutora. Não foi por mal! Não fazemos isso para nos divertir.

— Certamente que não — disse Miriam, e foi de novo para fora. Então ela percebeu que ainda outros homens passeavam lentamente pelo jardim.

Sobre o caminho de cascalho vinha agora uma mulher com um quimono preto bordado de dourado, com sapatos baixos, bordados de preto e dourado. A mulher tinha ombros largos, quadris estreitos e longas pernas. Seus cabelos castanhos estavam cortados no estilo pajem. Tinha lábios carnudos e bonitos olhos castanhos e andava cheia de elegância e graça.

De novo soou o terrível grito. De novo Miriam estremeceu. Ela viu que a mulher sorriu. A calma não durou três segundos, e vieram dois gritos, consecutivamente.

— Boa tarde, doutora Goldstein — disse a mulher de quimono bordado. — Sou Elisa Hansen. — Sua mão estava fria e seca. — Alegro-me em conhecê-la, doutora. Por favor, venha. Mande servir café no terraço, está bem assim?

— Claro — disse Miriam. Ela viu as grandes, velhas e, em parte, exóticas árvores. No silêncio só podiam ser ouvidos o chiar dos sapatos e o canto dos pássaros. Então, repentinamente, de novo um atroz grito.

— Daqui a pouco acaba — disse Elisa Hansen, sorrindo. — Já dura muito tempo. Diariamente dois ou três. Aos sábados, domingos e feriados, não.

— Mas o que é isso, pelo amor de Deus?

— Oh, a senhora sabe, no fim do parque, a senhora não pode ver daqui, alguns metros mais abaixo, há um seminário de padres.

Os jovens senhores treinam.

— Treinam o quê?

— Caratê, senhora Goldstein, caratê. Nesse tipo de luta os participantes soltam tais gritos. Quase não ouvimos. É tão maravilhoso aqui. E é sempre bom ter por perto homens jovens que dominam o caratê, não é?

A calma agora durava.

— Veja, três horas. É tudo, por hoje. Às seis eles cantarão. Mas só se ouve se o vento soprar numa determinada direção. Desculpe-me a investigação corporal. É muito desagradável para as visitas — e para nós também. Thomas, nosso pequeno filho, é diariamente levado para a escola e trazido de volta. Não pode mais brincar com os amigos, o pobrezinho. Não entende tudo isso.

— A senhora entende, senhora Hansen?

— Entendo o quê?

— Essas medidas de segurança tão extraordinárias.

— Ah, sim. Também o meu marido no hospital municipal teve... Depois de tudo o que aconteceu... Todas as cartas e ameaças de morte... Não se deve correr riscos, dizem os senhores.

— Vocês viviam assim, antes?

— Ah, alguns anos vai durar esse nervosismo... Uns fanáticos quaisquer... Invejosos... Concorrentes... Desequilibrados... Produzimos preparados pretensamente nocivos à saúde... nocivos ao meio ambiente... A senhora sabe como é isso.

— Não — disse Miriam — Não sei. Como é isso?

— Vou lhe contar. Vou lhe contar tudo, doutora Goldstein. No terraço. Obrigada, senhor Reiter. — Isto para o jovem funcionário criminal que havia aberto a porta para Miriam e agora seguia as duas mulheres. Ele recuou.

Elas entraram no palacete Arabella, que há pouco tempo teve de receber uma nova pintura. O branco brilhava como o mármore em frente ao portão de entrada. A pequena construção do século XIX era de grande beleza. Escadas largas artisticamente arrojadas levavam



ao primeiro andar e de lá para o segundo. Aqui Miriam entrou com a senhora Hansen num cômodo muito iluminado, em cujas paredes havia quadros de Matisse, Degas e Liebermann. Um museu particular que valia milhões, pensou Miriam. A luz vinha do teto de vidro opaco. Elas chegaram a uma sala de estar decorada em estilo moderno. Sobre a lareira de mármore branco estava pendurado, com molduras pesadas e douradas, um *portrait* de Elisa Hansen, os olhos seguiam o observador, aonde quer que ele fosse. Um lado da sala era de paredes de vidro. Elas estavam semi-abertas. Atrás delas havia um terraço de mármore. Ali estavam sob um guarda-sol azul um jogo de cadeiras de linho azul e uma mesa de vidro quadrada, que estava coberta graciosamente.

Apareceu uma mulher de cabelos escuros. Ela vestia um vestido branco de linho, fechado.

— Faremos tudo sozinhas, Therese — disse a senhora Hansen. A mulher sorriu amigavelmente e desapareceu novamente. — Venha, minha cara doutora. É lindo aqui fora, tão fresco com este calor. — Os cumes das velhas árvores entravam bem densamente no terraço. A senhora Hansen serviu café e biscoitos. Finalmente, ela se encostou, sorridente. — Bonito, não?

— Quase inacreditável — disse Miriam.

— Aqui o meu marido pode descansar — disse a senhora Hansen. — Há três terraços como este. Em volta da casa. Podemos ter sol desde cedo até tarde. Mas este é o lugar preferido de Hilmar. Por isso o escolhi. O café está bom, minha cara?

— Sim, senhora Hansen.

— Não está muito forte?

— Não, senhora Hansen.

— E não muito fraco?

— Exatamente como eu gosto, senhora Hansen.

— Deve-me dizer, minha cara, mesmo! Faça com prazer outro! Este eu fiz há alguns minutos. A placa embaixo do bule o esquento. Está realmente tudo em ordem?

— Ele está muito saboroso — disse Miriam, quase no fim de seu autodomínio. — Agradeço que tenha me recebido tão rapidamente, senhora Hansen. A senhora sabe que eu defendo Markus Marvin e...

— Não é possível, é um rouxinol! — disse a senhora Hansen.

— Maravilhoso. Permita-me que expresse a minha comiseração, senhora Hansen. Sei que seu marido tem dores terríveis, ainda.

— Ainda, infelizmente, sim. Temos aqui uma espécie de paraíso dos pássaros. Muitos rouxinóis. Só que... eles não cantam a partir de junho. Isso deve estar ligado ao quente agosto. Hilmar conhece todos os pássaros ouvindo seu canto. Frequentemente ele se senta horas a fio aqui e escuta... nos fins de semana apenas, naturalmente, o pobre quase nunca chega antes da meia-noite do escritório. E todas as viagens... Lá, um outro rouxinol!

Miriam Goldstein pousou energicamente a xícara de café e se curvou para a frente. — Não quero lhe aborrecer por muito tempo...

— Aborrecer! Que coisa mais sem sentido, minha cara! Estou feliz de tê-la aqui, de poder lhe explicar tudo... ou ao menos alguma coisa... Pegue desse bolo... Não, não, não, a senhora deve, faço questão, ele é muito saboroso!... Permita que eu... — Ela empurrou um pedaço no prato ao lado da xícara de Miriam.

— Obrigada, senhora Hansen. Muito gentil. Porque a senhora falou que podia me explicar algumas coisas...

— Ah, sim. — A senhora Hansen se encostou e olhou para o céu sem nuvens. — Veja, Hilmar, Markus e eu, nós nos conhecemos desde os 16 anos. Íamos ao mesmo colégio. Fizemos ao mesmo tempo o vestibular, estudamos na mesma época... Este é um pintarroxo, a senhora ouviu?... Sim, nos conhecemos há 26 anos. Temos a mesma idade. 42 anos.

— Impressionante — disse Miriam, e pensou: suas mãos tremem, as mãos de Elisa Hansen tremem. Não muito, mas ainda assim. Um leve tremor. Ela notou que eu notei, ela esconde as mãos

como pode. Quando não pode, ela segura firmemente o tampo da mesa. Cruza os dedos. Por que as mãos da senhora Hansen tremem? Por que ela está tão nervosa? Ela pode ser doente. Mas não deve ser doente. Não, não deve.

— Eu... eu estou muito contente de poder contar tudo isso a uma mulher e não a um homem... ao procurador Ritt, por exemplo...

— Elisa Hansen sorriu rapidamente. — Falo com mais facilidade para uma mulher... Hilmar e Markus... Markus e Hilmar... os dois tão diferentes... e apesar disso: fascinantes para mim. O doce Hilmar, todo espírito... e Markus, forte, grande, cheio de força e... e tão do lado de cá. Bem, e entre os dois, eu. Todos os dois me admiravam... E bom ser admirada por dois homens, não é?

— Certamente, senhora Hansen.

— É claro, no fim não se conhece a si próprio... Quero dizer, chega-se freqüentemente a uma confusão de sentimentos... O pedaço de bolo, meu Deus, coma o pedaço de bolo, cara doutora!... Não me envergonho... Não há motivos para isso... Eu era jovem, romântica... Durante um bom tempo não pude me decidir entre esses dois homens... Até que no começo... no decorrer dos anos... dos anos, sim... eu fui amante de Hilmar e depois também amante de Markus... Digo isso sem vergonha, porque estou convencida de que a senhora, como mulher inteligente...

— Eu a compreendo, senhora Hansen. A senhora era jovem, e é sempre bom ser admirada por dois homens extraordinários. Por que as suas mãos tremem?

— Eu sabia que a senhora entenderia... Café? Mais café? Sirva-se, por favor! Eu... o que queria... ah, sim! É claro que isso não pode durar, não é verdade? Deve-se decidir, não é?... No fim me decidi... por Markus. Nós nos casamos.

— Quando, senhora Hansen?

— Em 1969. No dia 21 de maio. Em Starnberg, perto de Munique. Meus pais têm uma propriedade lá. Quer dizer, pelo menos deveríamos ter um pouco de consideração pelo pobre Hilmar, não é

verdade? Nada de casamento em Frankfurt.

— Naturalmente não.

— Aliás, ele tentou o suicídio nesse dia.

— Oh.

— Cortou os pulsos, sim. Uma situação crítica, durante três dias. Então os médicos o salvaram. Soubemos disso mais tarde, muito mais tarde. Pobre Hilmar... Este é um melro.

— Realmente excelente, o bolo — disse Miriam. Se você quer, você pode tê-lo, pensou ela. — E depois, senhora Hansen? — ela perguntou, doce. Por que tremem as mãos?

— E depois? — Elisa pigarreou. — Primeiro tudo foi maravilhoso. Markus trabalhou no Instituto de Física Teórica, então os seus documentários. Ganhava, é claro, muito pouco. Por sorte eu venho de família abastada. Éramos felizes. Tão felizes. Em 1970 nasceu nossa filha Susanne... Então já uma... uma sombra... é, devo dizer assim... Uma sombra pairava sobre o nosso casamento. — A senhora Hansen suspirou, com as mãos escondidas.

— Uma sombra — repetiu Miriam.

— Sim... veja... agora chegamos ao que a senhora quer saber, minha cara, o que a senhora deve saber... Vou dizê-lo com grande precaução... Acredite em mim, cara senhora Goldstein, eu amei Markus um dia. Sobre todas as coisas. Posso entender o que ele fez. Compreendo os seus sentimentos, tenho pena dele. Por favor, tome mais café! A senhora disse ao telefone que preferia café!

— Muito obrigada. A sombra sobre o seu casamento...

— Markus havia mudado. Eu já via isso muito claramente. O que eu não tinha visto era que Markus sempre pareceu sofrer... no colégio... talvez já na infância... Essas coisas se desenvolvem já na infância... Sim, ele sofria, e sofria cada vez mais...

— Com o quê, senhora Hansen?

Elisa Hansen se levantou de repente. — Com a sua posição marginalizada — disse ela alto e duramente. — Disso resultou: uma insatisfação, uma ambição ofendida, um complexo de inferioridade

que crescia a cada dia. A isto seguiram, por sua vez: os primeiros desejos impossíveis, então agressão, inveja, pedantismo, fanatismo, uma mania constante de superioridade, uma amargura sempre crescente e finalmente injustiça perante qualquer um, naturalmente mais perante aqueles mais próximos a ele — eu e a criança —, e por último ódio, sim, ódio...

— Ódio de quê?

— De tudo, minha cara. Mais, é claro, de Hilmar Hansen.

— De seu amigo de juventude?

— Justamente de seu amigo de juventude. Pense, cara senhora Goldstein, como transcorreu a vida dos dois! Markus trabalhava no instituto. Muito bem. O ideal para ele. Eu sabia. Mas ele... ele só via Hilmar, como ele se desenvolvia... como ele construía as fábricas com o pai... como as fez florescer... estimulou a produção... como Hilmar ficou criativo... digo *criativo*, doutora...

— Ouvi.

— Como o sucesso de Hilmar ia crescendo. Condecorações, prêmios, homenagens, sem esquecer o lado financeiro. E o internacional. Hilmar sempre pelo mundo, minha cara. Fazia uma palestra nesta universidade, depois naquela... Doutor *honoris causa*, diplomas, vendeu as patentes dos produtos em vários países... um programa de pesquisa imenso... E Markus, o meu Markus? Depois que os documentários não lhe trouxeram lauréis, ele se mudou para Wiesbaden na inspeção do Ministério do Meio Ambiente de Hessen. Meu Deus, ele me dava tanta pena, apesar de toda sua injustiça, sua maldade, sua maneira de me ferir, porque ele não podia ferir outra pessoa, porque ele não podia reagir de outra forma!... É claro que eu sofria, chorava toda noite ao dormir. Mas o compreendia, compreendia o seu desespero, fiquei com ele, embora fosse cada dia mais difícil... — A senhora Hansen tirou um lenço, enxugou os olhos e se calou. Esta mulher quer se impor a mim como grande mártir, pensou Miriam. — Veja, venho de uma família católica. Educada nos moldes respectivos. Talvez isso seja *demodé*, mas acredito sincera e

profundamente em Deus...

Também faço assim, pensou Miriam. Só que de maneira completamente diferente.

— ...e Marvin é ateu, sempre foi. Cientista, a senhora dirá, combina. Embora haja exemplos contrários... o ancião Einstein... tantos grandes eruditos... Sempre tive compreensão com Markus, tenho compreensão com ateus e agnósticos... aliás Hilmar, também cientista, é católico... Só mencionei o ateísmo de Markus porque ele, quanto mais amargo ficava, tanto mais ele pregava a sua descrença... Entre outras coisas, ele confundia a nossa filha, naquele tempo ainda pequena...

— A senhora diz que ele era muito infeliz — disse Miriam, em voz baixa.

— Amargurado, eu disse. Irado. E a ira se transformou em maldade. Na sua modesta posição na inspeção do meio ambiente ele teve oportunidades bastantes para praticá-la, esta maldade nascida de seu sofrimento pelo fracasso. Ele impôs dificuldades a inúmeras firmas farmacêuticas, químicas e cosméticas. E sempre, é claro, a Hilmar.

— Pensei que ele só fizesse isso nos últimos tempos por causa dos produtos com HCFC.

— Ah, caríssima! Isto já dura anos! Chicanas. Determinações. Denúncias. Tudo o que é possível. De vez em quando o exame de todas as medidas de segurança... de todas as máquinas... das chaminés... dos filtros... Markus virou totalmente maníaco, senhora Miriam. Ele era meu marido! E eu o havia amado um dia! Casado com ele. Amei-o mais que a Hilmar. E por último Markus ficou absolutamente insuportável, acredite-me! Às vezes se comportava como um louco. Causava escândalos... um na casa de meus pais... Meu pai já sofreu dois enfartes...

— O que aconteceu na casa de seus pais?

— Fomos convidados — com muitos outros — para uma caçada. Meu pai caça na Alta Baviera, sabe? Durante anos Markus

ficava muito contente quando éramos chamados... Então, naquela vez tudo deu errado para ele. Ele errou em três animais bem próximos, teve uma raiva doentia, tanta, que ele, xingando muito, atirou para cima, imagine. Atirou para o céu depois que xingou Deus todo-poderoso — na frente de todo mundo!

— E então? — Miriam perguntou. — A senhora acha que ele tinha chance de acertar no Deus todo-poderoso?

— Senhora Goldstein! — Elisa Hansen, melindrada. — É claro que não.

— Mas então o senhor Marvin acredita mais que a senhora — disse Miriam. Elisa Hansen não entendeu.

— Quando ele me bateu pela primeira vez — bateu até sangrar, senhora Goldstein! — então foi o fim, eu não podia mais. Então o abandonei. Com o coração partido, pois Susanne tinha sete anos naquele tempo. Primeiro a levei comigo. Aluguei um apartamento. Pedi o divórcio. Divorciei-me. E vim morar com Hilmar Hansen, nesta casa.

— Mas Susanne...

— No divórcio a guarda ficou com o pai — disse Elisa Hansen, e eu chorei sem parar. — Fiz tudo errado... É claro que já antes do divórcio eu me encontrava com Hilmar freqüentemente... Eu precisava de apoio... de quem quer que fosse... A criança não entendia o que se passava, por que eu havia abandonado Markus...

— E por isso foi dada a guarda a seu ex-marido? Acalme-se, por favor! — Miriam se levantou e olhou para o parque. O choro se transformou em soluços. Os soluços passaram. Molhado de lágrimas estava aquele rosto não mais jovem, porém bonito, de Elisa Hansen. Suas mãos agora tremiam muito, e ela não as escondia mais.

— Cometi erros em cima de erros no meu desespero, senhora Goldstein... aceitei um trabalho... eu simplesmente não podia mais... estava no fim... Hilmar me ajudou com dinheiro... muito dinheiro... Fui intimada a voltar para a minha vida conjugal... Recusei... Markus agitou a repartição responsável pelos jovens... Naturalmente

Hilmar me visitava algumas vezes... A repartição achou que a criança vivia num ambiente perigoso... perigoso para o desenvolvimento normal... Eu... eu não posso falar sobre tudo com detalhes... Em todo caso, Markus recebeu o direito de criá-la... Eu tinha o direito de levar Susanne em determinados espaços de tempo... Isso durou um pouco... Então ela se recusou a vir a esta casa... As provocações do pai!... A criança ficou completamente confusa... foi para a extrema esquerda... Para ela Hilmar era um criminoso, como achava Markus, que naquele tempo defendia a energia nuclear com unhas e dentes... Foi por isso que aconteceu a última grande desavença entre Susanne e Markus... A senhora sabe que ela saiu de casa em razão do ocorrido na usina nuclear de Biblis e nunca mais voltou...

— Eu sei, senhora Hansen.

— Ele carregou muita culpa, o pobre Markus, acredite-me, senhora Goldstein! E ele penou muito por isso. A senhora vê como a amargura, o ódio, a ira, a solidão — por sua própria culpa — nos últimos tempos o destruíam mais e mais... o deixavam mais agressivo e injusto... sempre mais irracional... Ele ainda luta pela energia nuclear, não é, e logo depois se junta a esses militantes apóstolos ecologistas... Desculpe-me pela palavra injusta! A doutora Roth e o senhor Bolling e toda essa gente nessa Sociedade em Lübeck são certamente íntegros... Mas com Markus, dói-me dizer isso, com Markus chegou a ele um destroço humano... um homem que não pode se resignar e se domar e que assim não destruiu apenas a sua vida, não, não apenas a sua... — Elisa Hansen ficou em silêncio por muito tempo. Novamente cantou um rouxinol, mas desta vez ela não se referiu a ele. Por último ela disse: — Mas sim! Quando ele, na sua loucura, espancou o meu pobre Hilmar, que é tão doce, tão mais fraco que ele, espancou da maneira mais brutal, então eu senti ódio. Dele. Só por pouco tempo. Então a compreensão tomou o lugar do ódio. E pedi a Hilmar para retirar a denúncia. Ele o fez imediatamente. Ele compreende Markus bem... Agora a senhora sabe como foi, senhora Goldstein. Agora a senhora sabe de tudo.



— Obrigada, senhora Hansen — disse Miriam. — Gostaria de perguntar apenas uma coisa.

— Pergunte.

— O que a senhora acha, quem poderia ter querido tentar matar meu cliente na prisão?

A resposta veio imediatamente: — Sabe, eu acho que a polícia, o procurador, todos vocês foram vítimas de um mal-entendido.

— Como assim?

— Markus nunca deveria ser morto.

Um garoto veio ao terraço, seguido por um homem à paisana. O funcionário da polícia falou rapidamente e se retirou.

O garoto tinha mais ou menos nove anos. Usava calças curtas e uma camisa branca.

— Boa tarde, mami.

— Boa tarde, Thomas. — Ele beijou Elisa Hansen no rosto. Depois ele se curvou diante de Miriam.

— Este é o meu filho Thomas — disse Elisa Hansen. — Thomas, esta é a doutora Goldstein.

Incrível como o garoto se parece com a mãe, pensou Miriam. Os mesmos ombros largos e quadris estreitos. As longas pernas. Os olhos castanhos. Os já agora carnudos lábios.

— Boa tarde, doutora Goldstein.

Little Lord Fauntleroy, pensou Miriam.

— Estou vendo que o senhor Woller lhe trouxe para casa. Foi boa a natação?

— A natação, sim — disse Thomas.

— O que significa: a natação, sim?

— Eles disseram de novo — Thomas olhou para o chão.

— Não ligue para isso! São garotos bobos.

— Sim, está certo. Mas por que eles dizem isso, mami? Por que eles sempre dizem isso? Isso não é verdade!

— É claro que não é verdade. Eu já lhe disse, eles são influenciados pelos pais.

— E por que os pais dizem isso, mami?

— Meu Deus... — Elisa Hansen tinha novamente lágrimas nos olhos. — Aí a senhora vê até que ponto tudo chegou, senhora Goldstein! Diga a ela o que os garotos dizem, Thomas!

Thomas olhou com um ar sério para Miriam. — Seu pai é um criminoso, eles dizem.

— Isto não é terrível? — Elisa gritou. — Uma criança, uma criança precisa ouvir isto! Diariamente!

— Por que os professores não fazem nada contra?

— Os professores fazem o que podem... A senhora vê com que sucesso... — Elisa Hansen levou o lenço aos olhos.

— Eu não devia ter lhe dito isso. E não devia tê-la aborrecido — disse Thomas. — Mas o senhor Woller disse que precisava me trazer até você.

— Sim, ele precisava.

— Tudo muito triste — disse o triste garoto, e isto soou estranho de sua boca. Ele se curvou diante de Miriam. — Até logo, doutora. — E para sua mãe: — Vou procurar Thesi, mami. — Com os ombros pendurados, ele saiu do terraço.

Elisa Hansen começou a chorar muito.

Miriam ficou imóvel e a observava.

Muitos pássaros cantavam no parque.

Alguns minutos depois Elisa Hansen havia se acalmado.

— Desculpe-me... mas isso é uma miséria... Como tudo deve continuar, senhora Goldstein?

— A sua posição pública faz necessária uma proteção severa, por enquanto — disse Miriam, séria. — A senhora disse antes que Markus Marvin não deveria ser assassinado.

— Disse, sim.

— Mas...

— Eu sei o que a senhora quer argumentar... Ele está vivo

graças a um acaso. Certamente. Mas esse acaso não cancela que simplesmente não há uma razão de alguém querer matar Markus. O outro, o contrabandista de armas, era sem dúvida um perigo para muita gente... Sabia muito... Colegas de trabalho que tinham medo que ele abrisse o jogo. Isto também diz o meu marido. E nós dois não podemos mesmo compreender que ninguém leve em conta essa versão, que está tão clara, e a investigue.

— Também está sendo investigado nessa direção, senhora Hansen, é claro.

— Bem, senão seria grotesco. Quero dizer: certamente ninguém queria envenenar Markus — mesmo que a sua morte, sem aquele acaso, que a impediu, fosse uma boa coisa para muitos...

— Uma boa coisa?

— Nestes tempos agitados, senhora Goldstein! Sempre se irá encontrar pessoas que dizem que ele tinha sido para a indústria farmacêutica, para a indústria química, sei lá para quem, um espinho no olho, fanático ecologista que era, como desmascarador de males. E sempre se achará pessoas que acreditarão nisso... Veja os pais dos colegas de Thomas... Os inimigos daquele contrabandista de armas, pelo menos...

— “... conseguiram o que queriam. Ele está morto”, declarou-me a senhora Hansen. Logo depois a deixei e vim diretamente para cá — disse Miriam Goldstein menos de uma hora depois a Valerie Roth e ao procurador Elmar Ritt.

Eles estavam na sala do apartamento de Miriam no Hotel Frankfurter Hof, no qual ela estava hospedada há dois dias, novamente. Foi-lhe dado o mesmo apartamento da última vez, aquele na construção nova com decoração em preto e branco e vista para as torres gigantes dos bancos, que cintilavam no fim da tarde.

— É, a senhora Hansen pode naturalmente ter razão com a sua convicção. O que ela disse é absolutamente lógico. Seria uma

explicação para o fato de o caso ter sido tirado de suas mãos, senhor Ritt? — Miriam perguntou.

O procurador estava com uma péssima aparência. Ele levantou os ombros e baixou-os novamente. — Naturalmente. Mas se é assim, para que então a proteção pessoal para os Hansen?

— Porque de fato existem ameaças de morte — disse Valerie Roth. Ela usava um vestido de verão azul com pontos brancos e lentes de contato marrons. Os dois outros a olhavam. — Ameaças de morte que devem ser absolutamente levadas a sério, diz-se em Bonn — continuou ela. — Tenho as minhas relações lá. Graças a elas recebemos — falo da Sociedade de Física de Lübeck — ajuda freqüentemente. A senhora Goldstein pode confirmar isso, senhor Ritt.

— Não tenho nenhuma dúvida — disse este. — A senhora não me dirá que relações são essas?

Valerie balançou a cabeça energicamente.

— Certamente não... Apenas sob a condição de não citar nomes, recebo sempre instruções, informações, ajuda discreta... Por último, quando se falava se Markus poderia sair da Alemanha. A sua permissão não foi suficiente, se o senhor se lembra, senhor Ritt. E de repente ela se tornou suficiente.

Valerie olhou para ele.

— Por que é que os Hansen são ameaçados de morte? A senhora sabe alguma coisa graças às suas relações?

— Sim, senhor Ritt. Por assim dizer, o pobre Markus é culpado dessas ameaças... Nós todos somos culpados, atacamos Hansen como criminoso ecológico. A opinião pública está muito excitada e indignada com ele — com razão, independentemente do que a senhora Hansen lhe contou, Miriam. Ele *produz* produtos perigosos. Mas isso não tem nada a ver com o fato de que esse contrabandista de armas deva ter sido um tipo nojento, que tinha muitos inimigos. Puro azar para o senhor, senhor Ritt, que ele, por assim dizer, fugiu dos seus domínios. Ou o caso Marvin/Hansen nunca lhe teria sido

tirado. Amanhã de manhã o senhor encontrará uma carta no seu escritório. Da Procuradoria-Geral. Uma carta muito educada, na qual se está desculpando por um erro. Lamentável erro humano, causado por um mal-entendido. O caso evidentemente nunca deveria ter sido tirado de suas mãos. Desde já ele é de sua responsabilidade novamente.

Ritt torceu a boca. — Prezada doutora Roth, tudo é possível na minha profissão, mas isto não.

— Sim — disse Valerie. — Isto também, senhor Ritt. O senhor tem razão, dentro do aparelho judiciário isso é inimaginável. Mas há, como o senhor sabe, os direitos dos aliados. A convicção da senhora Hansen está certa, digo-lhe mais uma vez.

— Quem se preocupou com o caso Engelbrecht? — Miriam perguntou. — Os americanos? Os ingleses? Os franceses? O que lhe foi dito a respeito, Valerie?

— Não se entrou em detalhes. Falou-se apenas desses direitos.

— Isso quer dizer que os contrabandos desse Engelbrecht seriam para um aliado, ou para vários, de tal importância, que se fez esse teatro? — Ritt perguntou.

— Sim, quer dizer isso.

— Contrabando de armas causa tais coisas?

— Parece que não foram apenas contrabandos de armas, senhor Ritt.

— E se eu não lhe der trégua? Se eu quiser saber de qualquer forma por que é que o caso Marvin/Hansen foi tirado de minhas mãos?

— Mas o senhor já tem o caso de volta!

— Bem, então por que é que eu não o tive durante dois dias — disse Ritt, tenaz. — Se eu quiser saber sobre isso de qualquer forma? Se eu quiser saber de qualquer forma por que é que Engelbrecht causava interesse para alguns — quero dizer, para os poderes, para os quais alguns trabalham —, que levou a justiça a tomar um tal passo...

— Pediu — disse Valerie Roth.

— Como?

— A justiça pediu, senhor Ritt. Foi-me dito nas entrelinhas. Também que o procurador-geral da República estava informado.

— O procurador-geral da República? — Ritt pestanejou.

— O procurador-geral da República! — disse Valerie. — Isto lhe dá talvez uma idéia da importância do caso Engelbrecht?

— Em todo caso. E se justamente por isso tento receber uma explicação completa?

Valerie Roth se curvou e falou de forma penetrante: — O senhor não receberá absolutamente nada. Mas terá uma explicação a ouvir. Por conta de sua experiência o senhor pode supor que os aliados se interessam por Engelbrecht fervorosamente — pelo mundo de Engelbrecht, não apenas por ele. Obviamente, senhor Ritt, e isto o senhor sabe através de sua atividade de anos, o senhor não vai alcançar nada.

— Tudo isso é grotesco.

— É claro que é. Por isso o senhor recebe o caso de volta, pois por último, na justiça, a “razão” se impõe. Mas se o senhor quer ir tão longe, saber dos motivos, o senhor põe os meus informantes em perigo — e isto seria grave, não apenas para eles. Também para nós. Uma grande perda...

— Sou da opinião de Valerie — disse Miriam Goldstein.

— Também sou — disse Ritt, cuja feição ficara sombria. — Mas isso não significa que não me interessarei mais por Engelbrecht, que fugiu dos meus domínios, como a senhora disse. E certamente acontece o mesmo com o meu amigo, o comissário Dornhelm. Ele está no meio das investigações da morte de Engelbrecht. Um momento! Por que é que não tiraram o caso dele?

— Tiraram, senhor Ritt, tiraram. O senhor não está mais informado. O senhor Dornhelm precisou se obrigar a não falar com ninguém sobre o assunto, que ele também não deveria trabalhar no caso por alguns dias.

— E sob que desculpa o proibiram disso?

— Seu amigo Dornhelm exigiu uma ordem de busca. Com isso ele caiu fora.

— Um momento! — Miriam Goldstein disse. — Houve uma busca na casa de Engelbrecht?

— Sim.

— Disseram-lhe? — disse Ritt.

— Disseram-me.

— O que a senhora Engelbrecht disse a respeito? — Ritt perguntou. — A mim e a Dornhelm ela não deixou em paz depois da morte de seu marido.

— No momento ela deixa todos em paz.

— O que significa isto?

— A senhora Katharina Engelbrecht faz sonoterapia. Na psiquiatria. Sofreu um colapso de nervos. Há dois dias.

— Do que se fica sabendo — disse Ritt. — Em Bonn, eles naturalmente não ficaram informados sobre *quem* fez a busca na casa de Engelbrecht.

— Naturalmente não.

— E naturalmente também não se algo e, caso sim, o quanto pode vir à luz na busca.

— Senhor Ritt! Por favor, o que o senhor exige dos meus conhecidos? A ajuda deles também tem limites. Volto a dizer: eles só nos ajudam sob a condição de que sua identidade continue em total segredo. O senhor não pode entender isso?

— Oh, sim — disse Ritt. Ele olhou para Miriam. Esta fechara os olhos por um momento. Ela sabia que Elmar Ritt pensava em seu pai. Miriam Goldstein pensava no seu. E ambos pensavam em justiça.

O quarto de Markus Marvin no Hotel Paraíso, em Altamira, estava encoberto pela escuridão e por um calor abafado. Ele estava

estendido em sua cama de ferro. Susanne estava sentada a seu lado e de vez em quando enxugava-lhe o suor no rosto e nos ombros. Quando, na rua, os carros passavam, a luz de seus faróis jogava fantásticas sombras através das cortinas fechadas no teto sujo do quarto. Lá fora, diante da porta, estava sentado num banco o gigantesco enfermeiro Santamaria.

— Susanne — disse Marvin. — Ah, Susanne. Estou tão feliz. Tão feliz. Tudo isto é absolutamente irreal. Nunca mais ouvi falar de você, desde que você foi embora. Como você apareceu aqui?

— Trabalho no Brasil — disse ela, alisando cuidadosamente sua bochecha ferida. — O pessoal do Greenpeace me trouxe. Há meses que estamos aqui no Norte. Por favor, pai, me perdoe! Fui má e injusta com você.

— Você tinha toda a razão — disse ele. — De tudo o que você disse. Vi muita coisa desde então. — O choro da sirene de uma ambulância ficou mais alto. Marvin precisou aumentar o tom de sua voz fraca. — Coisas graves. As mais graves. Por isso trabalho há meses com o pessoal da Sociedade de Física de Lübeck. Sabe o que é, não?

— Claro. — Ela enxugou sua face o quanto pôde. A ambulância foi embora. — Mas eu não tinha nenhuma idéia, pai! Você não acredita que eu teria lhe telefonado imediatamente se tivesse a mínima idéia? Soube há três dias. Também que você viria até Altamira. Meu Deus, como fiquei nervosa! Eu estava justamente trabalhando em Belém. Lá é o nosso ponto de apoio. Lá temos máquinas de escrever, uma biblioteca, um computador. Lá temos uma gráfica. Publicamos material informativo... A maioria das pessoas aqui não sabe ler, é muito difícil... Sempre se precisa achar alguém que leia em voz alta. Para esses cadernos informativos trabalha um homem que você precisa conhecer de qualquer forma, de qualquer forma! Ele se chama Chico Mendes. Seringueiro. Vive e trabalha num lugarejo, Xapuri, no Estado do Acre, na mais longínqua Amazônia.



— Sim — disse Marvin —, já ouvi falar dele.

— Ele virá a esse congresso indígena. No último dia. Você precisa entrevistá-lo, pai! Telefonei para ele. Por ora ele ainda está em São Paulo. Toda noite fala para um público enorme. Meu Deus, como estou contente! — Susanne, de repente, abraçou Marvin com força. Ele gemeu. Ela recuou — Eu sou uma mulher idiota! Desculpe!

— Me abrace mais uma vez, Susanne!

— Mas vai doer.

— Não dói absolutamente — disse ele. — É maravilhoso. Estava tão infeliz, Susanne. E tão sozinho. E agora... Por favor, mais uma vez!

Ela o abraçou e o beijou mais uma vez, agora cuidadosamente e terna.

— Meu Deus, que sorte tenho! Nunca na vida fui tão feliz, minha filhinha.

— Eu também não, papai... — Ela acariciou o seu braço. — Agora trabalharemos juntos, sim?

— Sim, Susanne.

— Você me leva com a equipe, quando você ficar bom? Posso mostrar e explicar a vocês tantas coisas!

— É claro que você vem com a equipe. Ficaremos juntos, Susanne. Para... — Ele parou.

— Para?

— Você sabe o que quero dizer. Mas não o direi. Por superstição. Para que nada aconteça.

— Nada vai acontecer.

— Você não pode dizer isso... Acontece tanta coisa... justamente aqui... justamente com esse trabalho...

— Nada acontecerá — disse Susanne, segura. — E se acontecer, estamos juntos, pai. — Ela acariciou sua mão suja e a pousou na bochecha.

Embaixo passou um caminhão. Atrás havia pessoas

esfarrapadas pressionadas umas às outras, que gritavam e cantavam.

— Esse Chico Mendes — disse Susanne —, ele tem 44 anos e é presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Campo local. A ONU lhe deu o prêmio de meio ambiente “Global 500”. — Ela estava cada vez mais solícita. — Ele luta contra o desmatamento da floresta tropical. Deve-se agradecer com toda a certeza a ele o fato de que o Banco Mundial interrompeu, por enquanto, um crédito de 200 milhões de dólares para a construção da estrada entre Porto Velho e Rio Branco. Você sabe, o Banco Mundial também hesita com esse projeto hidrelétrico maluco. — Ele confirmou. — Mas a hesitação não vai adiantar. Também não se o Banco Mundial negar definitivamente. Há outros bancos, japoneses, alemães. Chico Mendes falou com seringueiros, com pescadores e com comerciantes do rio, sempre, sempre, e conseguiu que eles protestassem contra a construção da estrada. Pois com uma estrada dessas pode-se fazer o desmatamento muito mais facilmente...

Ele sorriu na escuridão. Sua cabeça doía, como se quisesse saltar, mas ele sorriu e pensou: que cachorro feliz eu sou, Susanne está novamente ao meu lado. Susanne está novamente ao seu lado, cachorro feliz!

— Em setembro passado, Chico teve outra vitória parcial — continuou Susanne. — O governador do Acre declarou a zona dos seringais Cachoeira, em Xapuri, como reserva. Sabe o que isso significa?

— Não, não sei.

— Significa — disse Susanne — que nessa reserva não se pode mais desmatar. A criação de gado é proibida. Não se construirão represas, nem minérios podem ser extraídos. Somente são permitidas, por exemplo, a colheita de castanha-do-pará ou a extração de borracha. Isto não é maravilhoso, papai? Foi Chico que conseguiu. E conseguirá muito mais quando vocês tiverem com ele uma conversa diante das câmeras, quando os filmes forem exibidos.

Quando... Ah, pai! — Ela o beijou novamente nos lábios.

Bateram na porta.

Susanne se levantou e abriu. Do lado de fora estava Isabelle com o enfermeiro Santamaria, que mantinha a nove milímetros pronta para atirar. Ela usava um turbante e um roupão de banho.

— Desculpe — disse ela. — Através de mim, todos perguntam como está seu pai.

— Obrigada — disse Susanne. — Muito melhor. Não quer entrar?

— De jeito nenhum — disse Isabelle. — Você está com ele. Têm muito o que contar. Ficamos muito contentes que vocês tenham se reencontrado.

## 9

Quarta-feira, 31 de agosto de 1988: ao passar pelo quarto de G., ouço o barulho da máquina de escrever. Bato. G. está na mesa estreita, na janela. Só de bermuda. Óculos. Datilografa muito rápido. Na rua, gritaria e cantoria, barulho de motores, tiros. Muito abafado. Uma lâmpada sem abajur balança do teto sobre a máquina de escrever portátil.

Ele se levanta. Tira os óculos. — Ele escreve, digo. Gilles escreve! E eu já tenho um título. — Ele pestaneja. Título? Que título? — Para o livro. — Ah. E qual é o título? — Na primavera, o último canto da cotovia. — Não é mau, diz ele. Verdade. De onde você... Um momento! *The Last Word of a Bluebird...* Tem a ver com isso? — Claro, digo. — Você conhece a estória de Robert Frost? — Meus poemas americanos preferidos, digo. — Que coisa! Os meus também. O destino conosco, diz ele. Não podemos nos livrar dele. Mas por que “o último”? É assim... hum... *And perhaps in the spring he would come back and sing...* — Talvez ela voltará e cantará. — Sim,

mas Clarisse Gonzalos, com quem falei, tem uma justificativa para a modificação. Achei boa a idéia. É a seguinte... — Não é necessário, diz ele. Tudo bem, colega, se você a acha boa. Talvez uma equipe, nós dois! Agora já temos uma estória de amor para o livro e um título. Se continuarmos assim... Ele fica sério: pensei muito tempo... sobre o que você disse no Rio, sua psico-história... Sobre tudo, os ditos daquele homem da Eletronorte, as faixas dos latifundiários, o projeto louco de uma represa aqui, sobre o que o cacique Paiakã disse: apenas mais ou menos 20 mil dos dez milhões de índios sobreviveram à civilização no Brasil... E ninguém, ninguém se interessa por isso! Sim, eu comecei a escrever. Ele sorri envergonhado. Uma coisa entre o Monstro, de Horstmann, e a sua psico-história. — Posso ler? — Por favor, não! Por favor, sim! — E eu posso, é claro...

Mais ou menos isto ele já escreveu:

Há muito que todos os sinais mostram que nos tornamos um dos bilhões de tentativas com as quais a vida toca o espaço das possibilidades, que, vindo da perspectiva da criação, há muito tomou o rumo do futuro um outro galho na árvore da vida. Nenhuma lei da natureza nos aniquila, mas sim a nossa tolice medíocre, embora também não nos ajude o fato de que provavelmente somos a coisa mais inteligente que a evolução já criou. Pelo contrário! Pois esta é a lição picante que podemos aprender de nosso fim próximo: no jogo da evolução, a inteligência não conta absolutamente, mas a relação com o poder. O domínio podia-se determinar quantitativamente como a relação entre o conhecimento e o poder. Esta relação não alcança, pelo menos agora, o ponto crítico, do que foi conseguido com a divisão do átomo. Desde a intervenção, com sucesso, do gen, esse “fator de domínio” foi empurrado para uma série de zeros à direita da vírgula...

Ele escreveu, mais ou menos assim, o seguinte:

A nossa ruína, a nossa pena de morte é a velocidade sufocante, com a qual mudamos o mundo e que não dá aos vagarosos moinhos da evolução o seu direito ao protesto. Como deveria ser a inteligência (isto eu acho ótimo) necessária para equilibrar o rápido avanço de nosso poder sobre a mudança? No momento em que começamos a mexer no banco de dados da evolução, isto só poderia dar certo se tivéssemos à disposição o bilhão de experiências da evolução. Seria um remédio (da natureza). O outro seria uma tomada de poder da razão: uma negativa de toda essa idiotice, avidez e orgulho, que nos deixam fazer tudo o que podemos fazer, também quando não temos nenhuma idéia das conseqüências. Sabemos da ameaça de nossa base de vida. Não há nenhum dia em que não haja nos jornais notícias sobre escândalos ecológicos. Políticos de todos os partidos enchem uns aos outros de confissões para a proteção da natureza e para a responsabilidade para com os nossos contemporâneos e posteriores. Por que é que então as perspectivas se tornam na mesma medida mais sombrias, nas quais se reproduzem essas confissões vazias? Não podem tornar ação o que reconhecemos como totalmente necessário — ou não queremos? Que nós poderíamos, se quiséssemos, não há dúvida. Porém: estamos prontos para pagar esse preço? Esta questão prescinde da qualidade do querer. Existe ainda claramente uma categoria entre poder e querer, que a nossa língua não supre com um verbo próprio: não querer realmente, seriamente, urgentemente. É o querer do bebedor, do fumante, em geral do viciado, que na maioria dos casos quer parar — ou gostaria. A chave da desgraça, na qual entramos a olhos vistos, é o partidário irrefletido, aquele ser social que deixa acontecer tudo o que se passa. Muitos ainda acreditam na capacidade de aprendizagem da raça humana. Uma pergunta-teste: o que aprendemos do último (ou talvez se deva dizer: do penúltimo)

holocausto? E a pergunta não é: o que aprendemos em fatos?  
Porém: em comportamento social?

Gilles já havia escrito isso, a última folha ainda estava na máquina. Quando Isabelle leu tudo, ela olhou para ele.

— É verdade — disse ela —, é tudo verdade. E?

— E? E? — ele disse. — Há algum tempo a ZDF mostrou um filme incomum sobre a vida cotidiana no Terceiro Reich... Em parte com documentos conhecidos, mas sobretudo com cenas representadas. O diretor e autor Erwin Leiser ocupou-se da questão, de como num povo do mundo cristão no século XX pôde estourar a mais sangrenta barbárie. O que afligia no filme: não o criminoso político que estava na berlinda, não as tropas da SA, também não os assassinos dos campos de concentração e suas montanhas de cadáveres, mas o pai de família, que no fim do dia quer ter sua calma, a dona-de-casa, que pensa na próxima refeição, o funcionário, na sua aposentadoria, o merceeiro, no seu lucro, e que, calados, deixam acontecer tudo, que vão ser quebradas as vidraças dos seus vizinhos judeus, colada na jaqueta uma estrela — gente como você e eu.

Gilles olhava para a escuridão, só a folha de papel se iluminava no brilho da lâmpada nua. Ele escutou por um momento o barulho daquela bêbada, rebelde e sangrenta casa de loucos chamada Altamira, junto com os seus pensamentos.

— Faremos um filme: *Partidários irrefletidos — quem fez o nosso mundo se tornar inabitável?* — disse ele, finalmente. — Agora e aqui e hoje. Não precisamos procurar o material como Erwin Leiser, 50 anos depois e nos arquivos, e as cenas com os partidários irrefletidos temos todos os dias, novas, em excesso e não premeditadas. A personagem-chave, que é comum a todas as catástrofes, que fez de tudo, ela é o partidário irrefletido... Tive uma vez uma conversa com um homem extraordinário em Munique, Lothar Mayer, aliás, também um tradutor simultâneo. Ele é

colaborador da Sociedade Schuhmacher de Ecologia. Escreveu um artigo no *Süddeutschen Zeitung* que me fascinou.<sup>16</sup> Marcamos um encontro, conversamos horas a fio, e ele disse tanta coisa, que explica tanta coisa... por exemplo, por que nos calamos diante de tudo o que acontece com o nosso mundo. E então me veio à cabeça. E eu... Santo Moisés! — disse Gilles — eu realmente comecei a escrever! Que diabos!

— Continue! — disse ela. — Continue a escrever, camarada! Eu já vou.

— Não! Por favor, fique!

— Então você não vai continuar a escrever!

— Continuarei a escrever. Por favor, fique! — Gilles puxou para a frente uma velha cadeira de vime. — Sente-se! Um pouco de água... Sim, venha!

— Mas o que você queria escrever agora...

— Eu lhe conto, depois anoto. Juro...

— Você, jurando!

— Sim — disse ele. — Sim. Eu, jurando.

— Mas você não acredita em nada.

— Sim — disse ele, de repente muito sério. — Eu acredito!

— Em quê?

— Em você — disse Gilles.

Durante alguns segundos ninguém falou. Havia um barulho infernal e apocalíptico lá fora.

— Seus olhos — disse ele. — Agora eles estão bem escuros.

Ela se calou.

— Não diga nada! Você não precisa dizer nada. É coisa minha, não é? Maldição, o que você tem a ver quando eu... quando eu acredito em você? — Ele se encostou e continuou a falar calmamente: — O estatuto do partidário irrefletido. A lei número um de Lothar Mayer. A condição prévia para todos os crimes ecológicos. Para todos os crimes nazistas. Só que uma sentença sobre nós, contemporâneos de hoje, deveria ser muito pior do que uma sentença

sobre as pessoas dos anos 30. Pois o que poderíamos encontrar hoje como desculpa para nós mesmos? Se fosse o desemprego, miséria total... Naquele tempo havia na Alemanha seis milhões de desempregados nunca uma desculpa, mas aos olhos de muitos um motivo atenuante. Hoje? Hoje o nosso problema não é como ficaremos de barriga cheia, mas como poder ficar esbelto com todo esse excesso. Tudo isto escreveu Mayer... O que nos obriga a produzir lixo radioativo para os próximos milênios? O que nos obriga a destruir a floresta tropical aqui e em outros lugares e a queimar megatoneladas de carvão e petróleo, fazendo com que o clima da Terra fique irreparavelmente prejudicado? O que nos obriga a arar tantas matérias-primas químicas e metais pesados no solo, fazendo com que ele fique infecundo por séculos? Ele falou com raiva.

Eles se olhavam.

— Que desespero, que miséria — perguntou ele, enquanto ela só olhava seus olhos, seus olhos cinza e tão jovens no rosto enrugado — poderíamos fazer valer para nós como estado atenuante? Talvez a miséria na África e em outros países do Terceiro Mundo? Não! Quem quisesse nos aliviar com isso precisaria ser extremamente inocente ou muito cínico. Temos o nosso obsceno bem-estar justamente por conta de um sistema econômico que pretende, com as suas leis, explorar os mais pobres do mundo até a última gota de sangue.

Isabelle balançou a cabeça.

— Nada a questionar — continuou ele —, todos nós podemos saber o que acontece — ainda as palavras e pensamentos de Mayer. Há centenas de quilômetros de documentários sobre o assunto. Quase todas as noites são mostrados na televisão. Todos nós podemos saber sobre os crimes ecológicos que acontecem. E: se os nazistas tornaram tão perfeito o seu sistema de terror, tanto que custava a vida protestar — quem nos impede hoje? Ninguém. Então por que hoje tão poucos protestam? — Por que tão poucos se chocam? Por que tão poucos fazem algo contra os criminosos



monstruosos com esta Terra?

— Nós, partidários irrefletidos — disse ela.

— Nós, partidários irrefletidos da destruição ecológica — disse Gilles. — Nós emudecemos. Sempre. Naquele tempo. Hoje. Hoje ainda mil vezes mais mudos que antigamente. Nunca um Joseph Goebbels nos perguntou: “Vocês querem a guerra total contra a natureza?” Mas os nossos gritos de Sim! Sim! Sim! soam a cada dia nas caixas dos supermercados e lojas, quando pagamos nosso leite em sacos plásticos, nossa verdura encharcada de pesticidas, nossos bifes bem vermelhos. É todo o nosso *way of life* expressado em dinheiro, com o qual nós, diariamente, e em pequenas prestações, para que não transpareça muito, damos o nosso consentimento para a contaminação da água potável e para a destruição da camada de ozônio, para o desmatamento das florestas tropicais e para o envenenamento do Mar do Norte.

Ela pensou: Como este homem mudou — e em tão pouco tempo!

— Nós nos calamos de novo — disse ele. — É a mudez juramentada da máfia, de todos que bem ou mal ganham com o crime organizado. *You never had it so good*, diz-se. Está certo! Mas não queremos ver que atrás desse bem-estar antes nunca existente há negócios obscuros, tem de haver, dos quais, de preferência, não queremos saber. Naquele tempo nós nos calamos, fechamos os olhos e os ouvidos — as covas coletivas não estavam em frente à nossa casa, mas em algum lugar na Polônia ou na Morávia. Hoje elas estão no ano 2000 ou um pouco mais tarde. — Gilles derrubou um copo d’água. — E de novo nos calamos. Nós, tão corruptos, que também ainda nos calaríamos se devêssemos reconhecer que a heroína dos chefões da máfia é vendida aos nossos filhos no pátio do colégio...

Ela estava fascinada com este homem e com o que ele dizia.

— ...Nós destruímos as florestas que pertencem aos nossos filhos. Nós deixamos para eles um solo envenenado que, quando muito, só carregará frutos envenenados. Nós contaminamos para os

nossos filhos a água com nitratos. Damo-lhes radioatividade em altas taxas de Becquerel já com o leite materno. E nos calamos — porque estamos tão bem como nunca. Calamo-nos, embora hoje ninguém vá à prisão por ser dissidente ou aos campos de concentração por se negar a cumprir o serviço militar. Nesse sentido, o nosso país está mais “humano”, podemos achar bom o nosso sistema, em comparação com os regimes totalitários.

E então ela lhe perguntou: — E que sentido têm então os filmes que rodamos, que sentido tem todo esse trabalho? Nenhum! Não é tudo em vão?

— Minha querida... — Gilles se levantou e pousou uma mão sobre o seu ombro. — Certamente nada é em vão, quando se fazem coisas decentes — num sentido mais alto, particular. Mas uma espécie que é incapaz de aprender com o passado, não tem futuro. Não *merece* um futuro!

— Não! — disse ela de repente, indignada com ele. — Não, não, não! Expliquei a você, no Rio, a minha opinião. Nunca podemos julgar a situação no tempo em que vivemos.

— Justamente isto — replicou ele — me impressionou bastante. — Agora eles estavam tão próximos, que um sentia a respiração do outro. — Hoje — continuou ele — eu só pensei por que é que as pessoas se calam frente ao que acontece. Desistir? Nunca você deve desistir, nunca! Também a mim, apesar de todo pessimismo, esse projeto começou a me fascinar — especialmente depois que lhe conheci, Isabelle! Agora vejo como é importante fazer esses filmes. Pois na história sempre houve ondas de razão, graças a pequenos grupos, primeiramente, depois como onda coletiva...

Bateram na porta.

— Sim?

— Senhora Delamare, senhor Gilles?

Ele foi até a porta e abriu. Do lado de fora estava o segundo porteiro do Hotel Paraíso, um homenzinho aleijado com olhos tristes.

— Perdão! Telefone para a senhora — disse ele. — Paris! —

Então ele olhou para Isabelle e falou em português: — A senhora precisa descer. A cabine está no *hall*.

Ela saiu do quarto, desceu a escada. No sujo *hall*, o porteiro abriu a porta da cabine. No bar ainda berravam repórteres e gente de televisão. Eles cantavam naquele momento *Non, je ne regrette rien* com um texto obsceno.

— Alô? — Isabelle havia pego o auscultador.

— Senhora Isabelle Delamare? — perguntou uma voz feminina.

— Sim.

— Aqui é da telefônica de Belém. Temos uma ligação de Paris para a senhora. Fale, por favor!

— Alô! — Isabelle gritou. — Alô!

A ligação chiava.

— *Isabelle, ma petite!* Aqui é Gerard!

— Meu Deus, Gerard! Que alegria! Como você me achou?

— Eu e Monique passamos muito tempo sem notícias de vocês. Começamos a nos preocupar — com você, principalmente. Telefonei para o Rio. Clarisse Gonzalos disse que vocês tinham ido para Altamira, para um congresso de protesto de índios. Mas ela não sabia onde vocês estavam hospedados. Então tentei com esse produtor louco em Hamburgo, *Monsieur Zinner*. Ele disse: Hotel Paraíso. Deu-me o número. Bom hotel?

— O quê? Cinco estrelas!

— Você está bem, *ma petite*?

— Muito bem — disse ela, sentindo de repente o calor inundando o seu rosto.

— Os outros também?

— Marvin foi espancado hoje... — Ela contou os detalhes. — O que há, Gerard?

— Ontem veio ao instituto um americano... De qualquer forma falava assim e disse que era um deles. Perguntou, perguntou, perguntou... Talvez esta conversa seja censurada. *Tant pis!* O homem queria saber o que vocês fazem, como esses filmes deverão ser, quem

financia tudo — e volta e meia perguntava por Markus Marvin. Queria saber tudo sobre ele. Seu passado. Sua vida particular...

— E?

— Bem, eu e Monique só dissemos que éramos velhos amigos.

— Vocês não perguntaram a ele por que ele queria saber de tudo isso?

— Sim, naturalmente.

— E?

— Pretensamente para uma agência de informações, colhe informações para um cliente. Eu o pus para fora. Não importa se alguém estiver ouvindo, foi assim mesmo.

— Estranho.

— Por isso diga a ele! Ele precisa saber disso!

— Digo a ele, Gerard.

No bar eles cantavam agora *La vie en rose*, também com texto pornográfico.

— Quanto tempo vocês ainda ficam no Brasil?

— Não sei exatamente. Mais ou menos duas semanas. Amanhã iremos até os garimpeiros.

— Pergunto porque tenho três ótimas pessoas para Marvin. O primeiro pode lhes contar tudo sobre o escândalo com dioxina, que praticamente já envenenou o mundo inteiro. Não posso dizer seu nome pelo telefone. O outro sabe tudo sobre instalações para a queima de lixo e o contrabando de lixo, chama-se Dr. Michael Braungart, um homem fantástico, trabalha em Hamburgo. E há também um especialista em energia solar. Um dos melhores. Velho amigo meu. Doutor Wolf Loder. Alemão, como Braungart. Inventou uma coisa ótima. Nos filmes, vocês não querem apenas mostrar a decadência, mas também mostrar o que é feito e o que se pode fazer, não é? Proponho que vocês, primeiro, peguem o informante sobre as safadezas da dioxina, então vocês vêm até Paris, Loder está aqui, então vocês o conhecem, e então podemos também falar sobre o gasto de energia. E finalmente vocês vão até Braungart.

— *D' accord*, Gerard. Telefone antes de nossa partida, então você já pode marcar os encontros.

Ela olhou para a parede toda riscada da cabine.

— *Ma petite!* — A voz de Gerard Vitran entrava no seu ouvido via montanhas, florestas e um oceano. — E você? O que você faz, *ma petite*?

Ela contou o que acabara de falar com Gilles, que tinham ido jantar juntos, que riam muito juntos. Toda a estória do Emenaro. Como ele era simpático...

Monique! Gerard grita. Nossa pequena se apaixonou! — Uma pequena luta para quem fica com o auscultador, depois Monique no telefone: *Mon petit*, você realmente se apaixonou? — Ao que tudo indica... — Que bom! Sempre o achei simpático. *Félicitations!* — De quem você fala, na verdade? — De Markus Marvin, naturalmente! — Ah, ele... Sou uma idiota. Por que fui confessar? Porque os dois são meus melhores amigos. Porque eu simplesmente precisava dizer para alguém. Estou completamente confusa. — O que significa: ah, ele? perguntou Monique. Não é ele? — Não. — Quem, então? — Philip Gilles. — Silêncio. — O escritor? Monique pergunta, afinal. — Sim, Monique. — E ele? — Acho que ele também gosta de mim. — Ele disse isso? — Não. — Escute... Vocês não falam disso? — Ainda não. — Ele é seguramente um homem maravilhoso, diz Monique. Aber; to para a vida, experiente. Mas não é um pouco velho para você, Isabelle? — A voz de Gerard: você está certa, *ma petite*! Um abraço, e desejamos aos dois felicidade, felicidade, felicidade!

Obrigada, digo.

Quando saio da cabine, estou novamente molhada de suor. Felicidade. Sim, felicidade também desejo a nós, a ele e a mim. Precisaremos.

No dia seguinte estava ainda mais quente e mais abafado. Eles haviam alugado um barco com piloto e viajaram Xingu abaixo — Gonzalos, Ekland, Katja, Isabelle e Gilles. Susanne ficou com o seu pai.

Isabelle usava uma calça de linho branco e uma blusa azul. Seus cabelos voavam no vento, salpicados de espuma. O barco ia muito rápido. Gilles, que estava sentado ao lado de Isabelle, tinha um braço em volta de seus ombros. Bolling os observava ininterruptamente.

Atrás do barco havia a pesada aparelhagem de filmagem. Bernd está com péssima aparência hoje, pensou Katja, a de olhos alegres. — Muitas dores? — perguntou ela, os lábios no seu ouvido, pois o motor do barco fazia barulho. Ele confirmou. — Os comprimidos não ajudam? — Ele negou. — E uma crueldade — disse Katja. — Prometa-me que nunca mais vai levantar sozinho a maldita BETA! Prometa que sempre o fará comigo! — Ele afirmou e levantou a mão direita. Ela o beijou no rosto, se esfregou nele e riu.

Depois de duas horas o piloto baixou a velocidade. Eles haviam alcançado o garimpo mais próximo. O piloto disse que o local se chamava Ressaca.<sup>17</sup> Eles já tinham visto de longe. Os garimpeiros trabalhavam com instrumentos pesados.

Quando já estavam em terra, Katja levantou com Ekland a BETA num tripé. Eles filmaram o local e a paisagem de um monte. O piloto — ele disse que poderia ser chamado de Pedro — explicou a situação, Isabelle traduziu num microfone. Gilles havia ligado seu gravador...

— ...são as bombas de alta pressão, com as quais os homens trabalham. Primeiro eles queimam todos os montes, depois os lavam literalmente, até desaparecerem. — Ekland filmava o que Isabelle descrevia: — Num sistema de várias peneiras fluem barro e água... a

terra vermelha fica incrustada, um sinal de que não há mais ouro a ser encontrado — mas também de que nunca mais uma árvore, um arbusto, uma vergôntea crescerá ali.

As áreas desertas eram enormes.

— É melhor irem primeiro até Anselmo — disse Pedro. — Ele pode lhes contar alguma coisa. É um sabidão... — Pedro andava descalço, sua camisa, puída, sobre a bermuda esverdeada. Na cabeça ele tinha um chapéu de palha. Eles usavam chapéus e toucas de todos os tipos, por causa do sol chamuscante.

Juntos, eles carregaram a BETA até uma casinha de madeira, que era uma loja. Ela pertencia ao sabido Anselmo. Novamente Katja e Ekland levaram a BETA ao tripé, a fim de filmar uma conversa do comerciante com Bolling. Anselmo Almeida tinha, como ele disse, 27 anos. Há sete anos ele viera da metrópole industrial, São Paulo. Primeiro procurou ouro, mas logo depois...

— ...compreendi que isso é idiota. Você trabalha como um cão, depois de no máximo três anos você apaga. Então construí a casinha aqui e vendi alimentos em conserva e talheres e armas — primeiro tudo com crédito. Agora a loja anda. Em todo caso, ganho mais que os caras que procuram ouro aqui. — Ele sorriu ironicamente, enquanto continuava a falar e Isabelle traduzia: — OK, OK, as coisas aqui são um pouco mais caras do que as de Altamira.

— Muito mais caras? — Bolling perguntou.

— Em torno de três a quatro vezes mais caras — disse Anselmo. Mas, e daí? Aqui ele pede o que quer. Não há concorrência. — Ainda assim, há aqui uns dois mil homens, sempre. Em 1974, dizem eles, viviam aqui apenas dois homens velhos.

— Que quantidade de ouro esses garimpeiros de Ressaca podem esperar? — perguntou Bolling.

Anselmo alçou os ombros. — 20 gramas, 50 gramas, 100 gramas — 500 gramas, mas aí já é bem raro.

— E por isso eles arriscam a vida?

— O senhor vê, sim.

— Quantos garimpeiros moram no Estado do Pará?

— Não se sabe exatamente. Aproximadamente 350 mil.

— Tantos?

— Às vezes um tem sorte e encontra um monte de ouro, não é? O que eles chamam de “sorte amarela”. Isso faz com que os outros fiquem loucos anos a fio.

— 350 mil pessoas — o senhor diria que a busca do ouro tornou-se um verdadeiro ramo da economia, Anselmo?

— *Madonna*, sim. O maior! E o mais destrutivo! Quando os garimpeiros acabam de lavar um local, mudam-se para um outro. Aqui será o fim, em breve. E eu também me mudarei.

Bolling olhava continuamente para Isabelle. Sob um chapéu de lona branca, saíam seus cabelos louros.

Durante a entrevista, Ekland, curvado sobre a BETA, se mordeu de dor. Katja o observava com o rosto alegre e a maior preocupação.

— Na maioria das vezes — disse Anselmo — ganham os donos das terras. Os garimpeiros devem lhes dar 10% do ouro. Por isso o dono das terras faz o garimpeiro desmatar, construir casas e lavar o ouro — naturalmente, com mercúrio.

— Com mercúrio?

— Separa mais rapidamente o ouro do barro e da areia.

— E assim o mercúrio vai neste rio e em muitos outros.

— Claro — disse Anselmo.

— Aqui no Amazonas o peixe é o alimento principal. O mercúrio se concentra nos peixes.

— Claro — disse Anselmo. — E então ele se concentra nos consumidores de peixe.

— Ouvimos dizer que há uma proibição de mercúrio.

Anselmo sorriu novamente. — Também ouvimos.

— E então?

— *Madonna*, homem! Nunca vem ninguém do governo aqui. E sem o mercúrio, é muito mais difícil limpar o ouro.



Katja havia pedido uma pausa antes de Ekland pôr a BETA nos ombros e fazer as grandes tomadas: das figuras quase nuas e miseráveis nas bombas e peneiras, de seus rostos, suas mãos, seus olhos, da terra morta e vermelha, da água envenenada. Durante a pausa Peter Bolling puxou Gonzalos, Isabelle e Katja para o lado.

— Você contou a Markus sobre sua conversa no telefone com Vitran. Isabelle?

— A ele e a Philip. Também Susanne sabe que esse americano, ou seja lá o que for, apareceu a Vitran e se informou sobre Markus.

E Miriam Goldstein também sabe, pensou Katja. Eu lhe telefonei e contei sobre isso e sobre o telefonema de Bolling a Joschka Zinner.

— Algo está acontecendo — disse Bolling. — Falei com Markus. Algo está acontecendo. Não sabemos o quê. A questão é se foi acaso ele ter sido espancado em frente ao pavilhão municipal, ou se ele deveria ser não só espancado, mas morto.

— Por que morto? — Isabelle perguntou.

— Escute! — A voz de Bolling ficou alta. — Tudo o que fazemos, especialmente tudo o que fazemos *agora*, não agrada a muita gente. Não pode lhes agradar. As filmagens, aí é que não. Devem aborrecer muita gente. Nunca pensou nisso?

— Sim, Peter, naturalmente — disse Isabelle. — Joschka nos enviou para um *tour de cochon*.

— Para um o quê? — Katja perguntou.

— Para um passeio de porcos — explicou Isabelle. Era desconcertante como Bolling a olhava. É melhor que eu faça como se não notasse, pensou ela. — É uma expressão idiomática francesa, se origina da Primeira Guerra. Naquele tempo, os franceses mandavam porcos aos campos minados pelos alemães. Os porcos farejavam trufas. Assim eles tocavam em muitas das minas, que explodiam e dilaceravam os porcos. Depois os soldados franceses podiam passar.

Também nos mandaram para um passeio de porcos como aqueles.

— Nós encontramos uma boa quantidade de trufas — disse Katja. — Grandes trufas, não é? Bom para os filmes. Bom para as nossas intenções, se sobrevivermos. — Ela olhou para Bolling.

Nada se modificou em seu rosto. — Uma vez eu vi um filme — disse ele. — Americano. *Salvador*, uma história de repórteres que querem descobrir a verdade sobre as mais graves intrigas políticas. Excelentes atores. Bons diálogos. Lembro-me de uma passagem, quando um repórter diz: “A verdade! Para achar a verdade, você precisa se aproximar dela. Se você se aproximar, você se arrisca!” Ele tossiu. — Também estamos atrás da verdade. Queremos filmá-la e mostrá-la a milhões. A muitos milhões. Será desconcertante para muitos na indústria e na política e na economia. Muito desconcertante.

Sua respiração estava cada vez mais curta e ele havia tirado sua garrafinha de *spray* do bolso da calça. Então ele se sentou na terra vermelha, abriu bem a boca e espirrou, contra a ameaçadora crise de asma, corticóide na sua garganta. Gilles e Isabelle estavam mudos diante dele. Ele procurou ar e espirrou o *spray* novamente. Depois de alguns minutos, o seu rosto, antes pálido, voltou à sua cor normal.

— Já passou — disse ele, incomodado. — Tudo bem. Sim, esses filmes serão muito desconcertantes para muitos ricos e muitos grandes e muitos poderosos. É bom assim! Assim queremos! Há anos que trabalhamos para isso, mas nunca tão intensivamente, tão agressivamente, tão abertamente. Estamos nos aproximando. Mas, se possível, não queremos nos arriscar, não é? Marvin é o que está mais em perigo.

— Por que Markus Marvin? — Gonzalos perguntou. O que quer, o que pensa esta pessoa realmente? Ele pensou: Representa? Que papel ele representa? Que papel representa Marvin? Quem faz aqui alguma coisa para quem?

— Markus dirige esta expedição — disse Bolling. — É o que

sabe mais. É o que pode mais. É o mais conhecido. Eles entraram primeiro com ele, estou convencido disso. — Sim, pensou Gonzalos, está mesmo? — Ele precisa de tanta proteção quanto poderá receber — disse Bolling, tirando os óculos e se levantando. — Todos nós precisamos de proteção. Markus precisa mais. Estou-lhe muito agradecido, senhor Gonzalos, que o senhor tenha exigido no hospital enfermeiros que o vigiam o dia inteiro.

— Sim — disse Gonzalos. — Eles o fazem.

— Durante alguns dias então Markus tem proteção — disse Bolling. — Espero que ninguém suborne os enfermeiros. Aqui se precisa contar com tudo. Por isso telefonei, ainda no hospital, para Joschka Zinner.

Ou este é um caso de atrevimento nunca visto, ou suspeitei deste homem injustamente. — O senhor telefonou para Joschka Zinner? — Katja se esforçava para parecer surpresa.

— Sim.

— Mas por quê? — Isabelle perguntou.

— Porque Markus precisa de proteção. Os enfermeiros são uma solução provisória. Precisamos ter profissionais.

— E por isso o senhor telefonou para Joschka Zinner? — perguntou Katja.

— Sim — disse Bolling. — Ele tem um primo em Bogotá. Eles trabalham há muito tempo para Zinner. Não sabia?

— Não, não sabia — disse Katja. — O que tem o primo de Joschka a ver conosco?

— Bogotá é a capital da Colômbia — disse Bolling. — A Colômbia tem fronteiras com a parte ocidental do Brasil. O primo arrumará alguns profissionais, que chegarão o mais rápido possível.

Apesar da chuva, a procissão dos aleijados se empurrava, com as suas próteses, carrinhos e muletas, suas bengalas, faixas avisando a cegueira, tampões no olho e braços ou pernas de couro

através do parque e pela grande igreja na montanha Monserrate, no leste de Bogotá.

A procissão se repetia diariamente. Ela ia pela Calle del Candelero, uma rua reconstruída do tempo colonial, até uma ermida e o “Cristo Morto”, num armário de vidro. Aqui os aleijados imploraram salvação para os seus defeitos; lamentando, beijavam o vidro protetor. De manhã e à tarde eles vinham. De tarde quase sempre chovia em Bogotá.

Num corredor de colunas da igreja havia dois homens que observavam a procissão.

— Então, dois Bravos — disse um, um grande mestiço, que parecia estar vestido como um advogado-*star*. Ele usava, igual ao outro, uma capa de chuva, era de fato advogado e se chamava Ignacio Nigra. — O mais rápido possível. Para Altamira. Os melhores, naturalmente. Farei todos os esforços possíveis, senhor Machado. Embora muitos Bravos tenham se transferido, por causa da rentabilidade instável do comércio de assassinatos através da inflação de mercado, para a criminalidade cotidiana. Muitos dos melhores.

Na Calle del Candelero, camelôs tentavam vender produtos aos aleijados. Em voz alta, eles enalteciam a qualidade de seus tesouros. Os aleijados cantavam: — Em profunda miséria gritamos para Ti, Senhor Deus...

— Maravilhosos bolinhos de manteiga! Bolinhos de amêndoa de primeira! As mais finas tortinhas de maçã! Tortinhas de abacaxi ainda quentes...

— Jesus, Jesus, deixa-nos pensar, com o coração partido, em Teu sofrimento...

— Chá com rum contra a umidade! Saboroso conhaque! Café quente! Cachecóis de casimira contra o frio! Luvas de algodão! Gorros! Tampões de orelha! Tudo da distante Paris!

O segundo homem, elegante da mesma forma, era importador. Achille Machado, primo do produtor de filmes de Hamburgo, Joschka

Zinner, disse: — Sobretudo o meu mandante precisa de proteção, doutor Nigra. O mais rápido possível. A mais perfeita possível. Os guardiães mais capazes.

— Bem, aí — disse o advogado — aconselha-se, naturalmente, os Bravos. Veja, aqueles que fazem comércio com drogas e usam o seu dinheiro tradicionalmente na compra de terras — assim como os comerciantes de esmeraldas — precisam de proteção. Os mais capazes Bravos são ex-alunos de academias de morte. Pois o que significa isto, proteção? Proteção significa que se elimina o que ataca o mais rápido possível, não é?

— Está certo — disse o primo de Joschka Zinner. Ele olhou para a cidade de Bogotá, uma costa com casas baixas e de teto vermelho, entre elas parques verdes e montes cinza de prédios de apartamentos e escritórios insignificantes, atravessados por aléias cobertas de árvores. Hipermodernas torres de concreto rasgavam em muitos pontos o céu chuvoso. Em torno do centro da cidade havia um cinturão de mansões, distantes umas das outras, de ricos e quadras coloridas e apertadas dos mais pobres. As ruas estavam dispostas retangularmente.

— ...Volta para mim e escuta o meu pedido... — cantavam os aleijados.

— Cigarros americanos! Charutos cubanos! Chicletes de Hollywood! Colírios! Bálsamos! Bombons da bonita Viena! — enalteciam os camelôs.

A juventude — disse sentimental o advogado Nigra, observando a cidade, que se situava no planalto La Sabana, a 2.600 metros de altura, enquanto que ele e o primo de Joschka Zinner estavam no Monserrate, a 3.125 metros do mar — é possuída pelo pensamento de enriquecimento ligeiro e daí altamente suscetível à vontade de matar, tendo como meta a melhoria de seu nível de vida. Jovens Bravos são os mais requisitados. Farei todo o possível, senhor Machado, farei realmente todo o possível — já por conta de nossa cooperação comercial de sucesso. E além disso, é claro, também por

causa de sentimentos verdadeiramente amigáveis que sinto pelo senhor.

— Isto — disse Machado — é absolutamente recíproco, honrado doutor. — Eles haviam subido ali separadamente, com o teleférico. Durante três longos minutos nauseantes gôndolas os haviam trazido ao longo da costa de 81° de inclinação até o cume do Monserrate.

— Neste caso — disse o Dr. Nigra (os senhores conversavam em bom espanhol) — quero tentar receber dois Bravos dos “Damascos” de Medellin. Eles realmente se sobressaem entre todas as outras organizações, caro senhor Machado. Por exemplo, eles foram os responsáveis pelo assassinato do ministro da Justiça Rodrigo Lara Bonillas, do juiz Hernando Baquero e do dono do jornal *El Espectador*, Guillermo Cano. Algo melhor o senhor não achará.

— ...Deixa que o Teu sofrimento seja o consolo de nosso sofrimento...

— ...Os melhores rádios transistores japoneses para a boa música! Revistas pornográficas francesas para o repouso!...

— E esses melhores dos melhores são, graças ao fato de que o mercado sofre do excesso de oferta de assassinos profissionais, apesar de tudo, ainda muito baratos, honrado senhor Machado.

— É bom ouvir isso, doutor Nigra. Mas o dinheiro não tem importância nesse caso. A proteção é de importância fundamental — mesmo que não seja muito barata.

— É barata, senhor Machado. O senhor verá. Mesmo com os “Damascos”! Só tenho boas experiências com eles.

— Mas o mais rápido possível, caríssimo!

— O mais rápido possível, certamente. E só o melhor que há.

— ...Compadeça-se, compadeça-se! Imploramos na nossa dor: dá arrependimento aos nossos corações!

Também no dia 3 de setembro Markus Marvin precisou ficar na

cama, os médicos fizeram questão disto. Ele foi obediente, pois ele queria de qualquer forma, estar pronto para quando se encontrasse com o ecologista Chico Mendes, sobre o qual sua filha tanto falava.

Susanne arranjou na cidade um grande ventilador, que agora funcionava no quarto do hotel. Ele não chegava a esfriar o ar quente e úmido, mas pelo menos o movimentava, e isso já era um alívio.

À noite, a equipe se reuniu no quarto de Marvin. Ela havia trabalhado muito, e graças à técnica de filmagem da BETA eles podiam ver os filmes num monitor, como videocassetes na tela de televisão. Assim, estavam eles sentados em volta da cama de Marvin — Bernd Ekland, Katja Raal, Dr. Gonzalos, Susanne, Bolling, Gilles e Isabelle. O ventilador, cujo rotor balançava pra lá e pra cá, deixava a ilusão de esfriamento. Isabelle primeiro se sentou ao lado de Bolling. No que ele pôs, de vez em quando, as mãos sobre suas coxas, ela se levantou, indo se sentar ao lado de Susanne.

A primeira entrevista que foi passada tinha sido feita perto de Altamira, com um rapaz chamado Flavio Flossard. Primeiro, foram mostradas as tomadas de Ekland de duas fazendas gigantescas, as quais Flavio administrava como parte do patrimônio familiar, depois veio a entrevista com ele. Bolling a havia feito.

— Há 15 anos — disse Flavio — havia aqui, ao invés dos campos e pastos, apenas florestas. Nossas fazendas me divertem. Elas são o futuro! Veja, criamos gado, plantamos café e tantas outras coisas.

— Mais trabalhadores do que o necessário, não é? — perguntou Bolling.

— Não posso ocupar tantos — disse Flavio. — Mas é um povinho de merda. — Sua voz soou altiva. Ele era um rapaz bonito e presunçoso, antigamente piloto de helicóptero, havia dito. — Se não fico atrás deles com a arma, param imediatamente de trabalhar.

— De onde vêm todos?

— Do Sul. Não entendem nada de animais, não entendem nada de aragem, a pior gentilha!

— Pare aqui, Bernd — disse Bolling. Ele parou o filme.

— Podemos comentar muito sobre as tomadas aéreas da floresta tropical destruída, Markus. Por exemplo, devemos dizer que se trata aqui de cinco ou seis milhões de pessoas (não se sabe um número exato), que no Sul simplesmente não acharam mais trabalho e, por isso, vieram para cá. E sempre vêm mais, e por isso eles destruíram todos os esforços dos ecologistas.

— A igreja católica — disse Dr. Gonzalos — estimula as pessoas para terem muitos filhos. Com nada mais que a roupa do corpo, as famílias se mudam para a floresta amazônica. Elas podem se sustentar no máximo cinco anos, os que não estão empregados numa fazenda como essa, num pedaço de terra dado a eles por latifundiários, primeiro para o desmatamento, depois para a queimada. Em seguida o solo está seco e a terra, que agora nenhuma árvore protege mais, é levada pela chuva tropical. Então recomeça a peregrinação de milhões. Uma vez conversei com o diretor do Museu Goeldi, um maravilhoso instituto de pesquisas em Belém — na verdade, vocês têm de ir lá! — “O que se deve fazer contra essas pessoas?” — perguntou-me. — “Declarar-lhes guerra? E como se deve explicar a alguém que recebe dois dólares por árvore derrubada que a Terra se acabará sem a defesa da natureza e que ele, por isso, não deve derrubar árvores?”

— Dois dólares — disse Susanne, amarga. — É suficiente para uma refeição, mas também quase para pagar um assassino de primeira. O Brasil pertence às dez nações mais industrializadas do mundo, mas a metade da população vive na miséria. E ela cresce anualmente em mais de 2%. Enquanto a miséria social não for solucionada, se precisará da Amazônia por causa da matéria-prima, por causa das fontes de energia — e como válvula interior. Enquanto aqui não houver mudanças políticas substanciais, enquanto terras infinitas pertencerem a umas dezenas de latifundiários, a floresta tropical não terá nenhuma chance.

— Continue, Bernd! — Marvin disse.



O belo Flavio Flossard falou no monitor: — Os caras que vêm para cá são bandidos. Puros bandidos. Fizeram algo no Sul. — Ainda mais ativa e cortante ficava a voz do jovem senhor com um conjunto cáqui, e a voz de Isabelle ao traduzir imitava o seu tom de voz. — Assassinararam não sei quem. Roubaram. Enganaram. Criminosos, todos criminosos — como o chefe de polícia de Altamira. Ele embolsa pela manhã sua gorjeta pelas permissões de permanência, ao meio-dia ele elimina um, de tarde se senta no bar e se embebedado. Ninguém aqui paga impostos. Todos roubam. O antigo prefeito abocanhara até os móveis e o condicionador de ar da prefeitura, quando saiu de lá.

Todos olhavam para o cintilante monitor, só Bolling fitava Isabelle. No filme ele estava diante de Flavio, sua voz soou: — E como é com a lei, segundo a qual apenas a metade do terreno deve ser queimada?

O jovial latifundiário sorriu ironicamente. — É muito simples, senhor! Eles vendem a metade que não foi limpa. O homem que compra desmata a metade da metade e a queima. A parte de floresta ele vende. O terceiro proprietário faz o mesmo etc. etc. — e quando toda a terra está livre de florestas, eles a compram de novo. — Ele riu, encantado com o truque.

— Mas isto é um tesouro! — disse Marvin.

— Há coisa muito pior — disse Susanne.

No monitor, Bolling perguntou: — E o que acontece com a proibição de exportação para madeiras não-trabalhadas?

Flavio Flossard teve um ataque de riso. Ekland se aproximou de seu rosto com a câmera, que agora preenchia todo o monitor.

— Veja a ilha de Marajó! — Flavio disse, logo depois que se recuperou e pôde falar novamente.

— Estivemos lá — disse Katja, precipitada. — Eu e Bernd. Com o helicóptero. Tomadas fantásticas. Podemos incluir aqui.

— A região se situa na região da foz do Amazonas — continuou Flavio, no monitor. — Perto de Belém. Muitos quilômetros de troncos de árvores são levados para lá para os navios...

— Filmamos — disse Katja, tão rápida como nunca. — De cima...

— Quem é que pergunta — disse Flavio rindo no monitor — se os troncos acabarão em fábricas brasileiras, européias ou japonesas? A inspeção florestal, que controla aqui uma região maior que a Europa ocidental, não tem nem 300 funcionários. Sabe, senhor Bolling, alguns latifundiários aqui são idealistas no interesse pela continuidade da floresta, da qual eles vivem e a qual eles querem reflorestar. Por isso, eles só deixam cair, em determinadas regiões, apenas um número determinado de troncos. Mas nas estradas sem saída através da floresta, que agora existem, seguem milhares de bandidos, toda a gentinha esfarrapada, e estes recebem dos latifundiários um pedaço de terra, para que derrubem *todas* as árvores, e isto, e claro, eles fazem, derrubam todas as árvores, pois senão eles não podem fazer queimadas, senão eles não têm solo que os alimentará por um tempo, não é? E por isso esses idealistas são, por interesse, idiotas. Eles mesmos começam anotar. — O jovem sorriu de novo, sonoramente.

— Era tudo — disse Katja. Ela trocou os cassetes. — O que vem agora é a serra dos Carajás... — Ela pôs o novo cassete em funcionamento.

As primeiras imagens foram feitas de cima de um vagão de trem, que andava, com 50 outros, através da floresta. A câmera mostrou um homem magro e mulato e se deslocou depois para a floresta. O homem falava, e a voz de Isabelle traduzia: — Meu nome é Luís Carlos. Sou chefe da seção do meio ambiente da estatal brasileira Companhia Vale do Rio Doce — CVRD. Nossa companhia se encarrega tanto da extração de minério de ferro como também da rede ferroviária. O barulho dos trens de minérios, mesmo que soe como tiros de canhões, não mata a floresta tropical. Mas se ao longo destes 900 quilômetros de ferrovia, sobre os quais viajamos agora e que vai da serra dos Carajás até São Luís, apenas são construídas 30 fundições, isto significa para a região o início do fim...

Mudou a imagem. A selva desapareceu. Uma gigantesca paisagem industrial apareceu, filmada de vagões em movimento. A voz de Bolling: — Esta é a serra dos Carajás, e o que surgiu aqui nos últimos 20 anos denomina-se a “região do Ruhr brasileiro”. Aqui se localiza a Ferro Carajás, o maior programa de desenvolvimento integrado...

O filme mostrou a região industrial em imagens imponentes. Poços de extração ao lado de poços de extração, fábricas, trens, vagonetas, trilhos, estações de carregamento, gruas, massas de trabalhadores.

Então soou novamente a voz de Luís Carlos, por cima a de Isabelle: — Em 1967, equipes de geólogos americanos e brasileiros descobriram as “montanhas de ferro” nesta serra da floresta amazônica. Ao lado de enormes reservas de manganês, cromo, bauxita, níquel, cobre, estanho, ouro e tungstênio, aqui estão aproximadamente reservas de minério de ferro para 500 anos — 18 bilhões de toneladas — sob uma fina camada de terra. Em 1985 deu-se início à produção de ferro. A meta: um fornecimento anual de 35 a 50 milhões de toneladas. Do fundo das fantásticas instalações industriais surgiu, no monitor, Bolling. Ele disse: — Os países industriais ocidentais participam da construção da Ferro Carajás: através de contratos europeus de carvão e aço, a CEE contribuiu com 600 milhões de dólares. Como pagamento, foi-lhe assegurado, durante 15 anos, um terço da produção anual — ao preço de 1982. O Banco Mundial, com 300 milhões de dólares, ficou com uma parte do financiamento. Do Japão e dos Estados Unidos vieram créditos para este projeto de 4,9 bilhões de dólares. Também a Frankfurter Kreditanstalt für Wiederaufbau pertence aos credores. A Alemanha Federal já compra há anos minério de ferro brasileiro. Desde 1985 a estatal brasileira fornece ferro para os altos-fornos de Salzgitter, Thyssen, Mannesmann, Klöckner, Korf e Dillingen. Hoje, 40% do ferro trabalhado na Alemanha Federal se originam do Brasil. A maior parte, cerca de 56%, compra a indústria de aço japonesa...<sup>18</sup>

No monitor se seguiram, umas às outras, numa série imponente, tomadas sensacionais da monstruosa “região do Ruhr brasileiro”. Nunca Bernd havia filmado tanto em tão curto espaço de tempo.

A voz de Isabelle cobria a de Luís Carlos: — Para fazer funcionar a mina, a Companhia Vale do Rio Doce construiu uma cidade para nove mil pessoas... mas vieram 32 mil trabalhadores...

— Que imagens são essas? — Marvin perguntou.

— Arquivo. Recebemos da Companhia. Gravadas. Má qualidade — disse Ekland, cujo braço doía tanto, que ele tinha lágrimas nos olhos. — Mas justamente algo assim sublinha o autêntico da coisa, não é?

— Ótimo, Bernd — disse Marvin. — Você também é ótima, Katja. Todos vocês são ótimos, de verdade!

Seguiram-se outras imagens de arquivo. — ...400 mil hectares de florestas foram queimados na montanha para as instalações e a linha férrea. — Milhares de árvores gigantes caíam no chão. — A U.S. Steel forneceu os trilhos, as instalações de sinalização forneceu a filha brasileira da alemã AEG... — Homens na construção da linha férrea, as imagens tremiam, contrastando com as outras tomadas, chocando sobretudo pela falta de técnica. — Na cidade portuária de São Luís o governo transferiu 20 mil pessoas compulsoriamente... — Soldados empurram pessoas em trens. Os vagões estão lotados. Crianças e pessoas idosas são pisoteadas. Casas voam pelos ares. Sempre novas massas, que são espancadas em vagões, em caminhões. Uma boneca quebrada. Um soldado que bate na mulher com o cabo da arma. Mais uma série de casas voa pelos ares. Uma garota senta-se num pedaço de concreto e chora. — Aqui surgiu um enorme porto de águas profundas para carregadores de ferro...

Outras imagens cortadas em flagrante e com enorme velocidade, feitas de carros em movimento, helicópteros, com câmera em pé. Além disso, a voz de Bolling: — Mas em Carajás o assunto não é só minério de ferro e outras matérias-primas. O programa de

desenvolvimento Grande Carajás abarca mais de 800 mil quilômetros quadrados. Como comparação: a Alemanha Federal cobre uma região de 248 mil quilômetros quadrados. A Grande Carajás utiliza 10% do território brasileiro. Usinas pertencem a ela, como também fundições, fazendas de gado, grandes plantações de soja e milho, estradas, trilhos, a abertura de caminhos de água... A construção continua... continua... sempre mais... Sem levar em conta as consequências ecológicas. Sem levarem consideração as consequências catastróficas para o Brasil, e para o mundo inteiro, desse abuso. Bilhões são investidos. Bilhões são embolsados — por poucos, por tão poucos. E esses poucos *sabem* que eles contribuem, através da destruição da floresta amazônica, para o fim do mundo. Eles têm filhos, como bilhões de outras pessoas. Filhos que vão morrer, quando o ar estiver envenenado para ser respirado. Aqueles que destroem a floresta tropical não pensam que eles são os assassinos de seus filhos? O que se passa nos cérebros desses políticos, desses banqueiros, desses industriais? Eles querem sucesso. Eles querem lucro. Eles querem riqueza ainda maior. Devem ser loucos. Pois pensam: se não temos mais ar respirável, então *compraremos* ar respirável.

Quando todas as histórias forem contadas, as grandes e as trágicas, as melodramáticas e as grotescas, quando forem contados todos os acontecimentos desta Terra em vacilante declínio, na cronologia cristã no fim do segundo milênio, então se irá lembrar, caso sobrevivamos, das histórias e destinos daquelas pessoas que fizeram tudo para acabar com o nosso mundo.

Quando falavam da entrevista de Marvin com Chico Mendes, que deveria acontecer no dia seguinte, bateram na porta.

Susanne foi até lá e abriu.

O enfermeiro Santamaria estava no seu turno. Ao lado dele estavam dois rapazes em ternos tropicais creme. Todos dois davam uma impressão de muito sérios e bem-cuidados.

O primeiro rapaz disse em bom inglês para Susanne: — Bom dia, *miss*. Meu nome é Sergio Cammaro. Este é o meu colega Marcio Sousa. Viemos de Bogotá. *Mister* Achille Machado, o primo do produtor alemão *mister* Zinner, de Hamburgo, da Alemanha Ocidental, pediu uma proteção pessoal para *mister* Markus Marvin. Fomos avisados de nossa central para vir o mais rápido possível.

— Os senhores têm identidade? — Susanne perguntou.

Os dois mostraram os passaportes.

— Por favor, anote os números dos passaportes, a data de expedição e o local, *miss* — disse o segundo rapaz, que se chamava Marcio Sousa. — Aqui está uma carta de recomendação de *mister* Machado e uma do advogado, Dr. Nigra, que fez a intermediação. — Ele estendeu dois envelopes e o seu passaporte.

Susanne leu as duas cartas, nas quais estavam anexadas fotografias dos dois homens. Ela as comparou com as fotografias nos passaportes. — Um momento, por favor!

— É claro, *miss*...

— ...Marvin. Sou a filha.

— Muito prazer, *miss* Marvin.

Susanne voltou para a porta com um caderno de anotações e olhou os passaportes mais uma vez.

— Está certo — disse ela, então. — Recebemos um telefonema do senhor Zinner. De Hamburgo. Ontem à noite. Ele nos deu todos os seus dados e disse também que chegariam hoje. Os dados estão corretos. Por favor, entrem!

Ela entrou no quarto na frente deles. Os rapazes seguiram. Cada um usava, com o terno tropical, uma camisa branca, uma gravata marrom-clara e um lençinho marrom-claro no bolso de cima. O calor parecia não lhes incomodar. Eles parecem modelos, pensou Isabelle, enquanto Susanne os apresentava para os demais. Parecem

manequins, de fato.

— Para nós é uma honra poder cuidar de sua segurança, *mister* Marvin — disse Sergio Cammaro.

— E da das outras pessoas também, naturalmente — disse Marcio Sousa, um pouco mais jovem. Embaixo do olho esquerdo, na pele cor de oliva, ele tinha uma cicatriz de cerca de dois centímetros.

— Graças a Deus, vocês chegaram — disse Bolling. Ele apertou a mão de ambos veementemente.

— Podemos começar imediatamente? — Sousa perguntou.

— Por mim... Embora Santamaria ainda esteja em serviço — disse Marvin.

— Nós o dispensaremos imediatamente — disse Cammaro. — Não se preocupe! Incomodaremos o menos possível.

— Quem é que lhes paga? — Marvin perguntou.

— *Mister* Machado, o primo de *mister* Zinner, acertou isso através do advogado Nigra com a nossa central. Ele deu um adiantamento. Depois há uma conta final. É sempre assim que se faz. — Cammaro sorriu e mostrou dentes maravilhosos.

— Estão no hotel? — Susanne perguntou.

— Naturalmente, *miss* Marvin.

— Mas ele está lotado! — disse Bolling.

— Para nós eles ainda acharam quartos — disse Cammaro e sorriu mais uma vez. — Não há problema. Nós revezamos o trabalho. Quando o senhor sair deste quarto, *mister* Marvin, o acompanharemos sempre. Quartos 311 e 314, é onde estamos.

— Nosso equipamento — disse Sousa — ainda está na bagagem. No momento só carregamos pistolas. — Ele abriu sua jaqueta e mostrou uma arma que estava escondida num coldre de couro sob a axila esquerda. — Serei o primeiro a ficar diante de sua porta, *mister* Marvin, se me permite. Com uma metralhadora.

Isabelle estava sob a velha e enferrujada ducha, montada atrás

de uma cortina de plástico no canto de seu quarto. A água vinha morna e nunca esfriava. Ela deixou-a correr pelo corpo e se virou lentamente. Ela tomava banho pela segunda vez naquela noite. O ar estava ainda mais abafado. A água, pelo menos por pouco tempo, trazia alívio. Isabelle pensava nas primeiras horas da manhã. Talvez ficasse um pouco mais fresco. Talvez...

Mãos a pegaram, a tiraram de debaixo da ducha. Isabelle gritou. Então ela viu Bolling. Ele só vestia uma calça de pijama, e seu rosto tinha uma expressão agitada, confusa.

— Peter! — Isabelle gritou. — Solte-me!

Sua respiração fazia um ruído. — Você me deixa louco... Você deixou louco desde o primeiro momento...

— Desapareça! — gritou Isabelle.

Ele pôs a mão sobre a sua boca, puxou-a para si, jogou-a na cama e caiu sobre ela. Ele era muito forte. Isabelle entrou em pânico. Ele imobilizou seus braços. Ele estava sobre a jovem mulher. Seus lábios se imprensavam nos dela. Ela jogava a cabeça violentamente de um lado para o outro. O rosto de Bolling, sem óculos, estava vermelho de excitação. Sua respiração agora vinha intermitente. Com toda a força, Isabelle conseguiu levantar um joelho. Ela o chutou na parte inferior do tronco. Ele gritou de dor, rolou para o lado, caiu da cama. Ele ficou ofegante sobre o chão sujo. Ela se levantou. Ele movia os braços.

— Não me toque! — Isabelle gritou.

Os braços caíram.

Ela pegou uma toalha de banho e enrolou-a no corpo.

Bolling balbuciou: — Perdoe-me... por favor, perdoe-me... Você é tão bonita... Eu não sei o que me... — Ele não completou a frase. Gemendo ele pegou na garganta com as duas mãos, se engasgou e rolou com os membros confrangidos sobre o chão para lá e para cá. O medo estava estampado no seu rosto.

— Errr... errr...

Isabelle se ajoelhou a seu lado, levantou seu corpo, encostou-o



na parede. Se ficar deitado, ele se asfixiará, pensou ela.

— Arrr... arrr... arrr...

Da ducha, a água continuava a correr e inundava o chão do quarto.

Isabelle correu para o corredor e bateu com os punhos na porta ao lado.

— Philip! — gritou ela. — Philip!

— Sim — soou sua voz. — Um momento. — A porta se abriu. Lá estava ele, num pijama azul, os cabelos grisalhos despenteados, a cara de sono.

— Peter... — Isabelle ofegava.

— O que há com ele?

— Uma crise de asma... no meu quarto...

— E seu *spray*?

— Não está com ele...

— Vou pegá-lo no seu quarto... — Correndo, ele gritou para ela: — Volto já! Acalme-se! Não se morre tão rapidamente! — Ela olhou para ele, então voltou para o seu quarto. Bolling estava caído para o lado. Estava sobre a barriga, rosto para baixo. Ela o rolou para o lado e levantou novamente o seu corpo. Sua boca estava aberta, a língua estava pendurada num canto da boca. Seus olhos estavam totalmente virados. Os membros quase não se mexiam. Ele escorregou novamente para o chão.

Gilles entrou correndo no quarto. Ele segurava a pequena garrafa com as gotas de corticóide.

— Como ele está?

— Não sei... não tem ar...

— Absurdo! — Gilles tentou espirrar o medicamento na boca aberta de Bolling. Sua cabeça caiu para o lado. — Segure a cabeça! Assim, agora! — Desta vez o *spray* da garrafinha entrou na boca de Bolling. E mais uma vez. E mais uma vez. Nenhuma reação. — Não pode ficar deitado — disse Gilles. — Pegue a garrafinha! — Ele foi para trás de Bolling, pegou-o pelos braços e levantou-o. — Mais uma

vez — disse ele, com a mão segurando a cabeça de Bolling. Isabelle espirrou o medicamento na garganta de Bolling.

— Nada — balbuciou ela.

— Não é tão rápido — disse Gilles. — Continue! Mais uma vez!  
— Mais uma vez Isabelle apertou o botão da garrafinha. Bolling abriu os olhos. Ele olhou para Isabelle.

— Eu...

— Não fale! — ela disse.

— Por favor...

— Não fale!

Ela saltou, correu para a ducha e fechou a torneira. Então voltou para os dois homens. A respiração de Bolling estava quase normal. Ele se levantou inseguro e pegou a garrafinha. Sem dizer sequer uma palavra, ele saiu do quarto.

Silêncio.

Isabelle não disse nada, Gilles não perguntou nada.

— Seria hoje... — disse ele, afinal. — Se algo de desagradável acontecer, se você precisar de ajuda, bata simplesmente na parede. 24 horas de *service* para você.

— Obrigada, Philip — disse ela.

— Não tem de quê. Feche a porta depois que eu sair! Tente dormir! Se ficar insuportável, tome outro banho! Vou fazê-lo também.  
— Ele foi para a porta. — A *eau de toilette* na cabeceira. Passe no corpo. Refresca. Emenaro. Não há nada melhor.

— Philip...

— Hein?

— Você é uma figura.

— Hum.

— De verdade — disse Isabelle. — Um cara muito legal. — Eles falavam em francês. — *Un chic type* — disse Isabelle.

— Eu sei — disse Gilles. — Todas as mulheres são loucas por mim.

E aconteceu naqueles dias...

Numa documentação sobre a indústria de plutônio, a ARD noticiou sobre problemas com um cadáver. Tratava-se de um ex-limpador de laboratório turco que, em razão de suas altas taxas de irradiação, não poderia ser cremado, nem enterrado, nem enviado para a Turquia.<sup>19</sup>

A Tunísia começa a se devastar mais rapidamente. Ainda há 20 anos o país tinha condições de alimentar mais de dez milhões de pessoas. Hoje, a Tunísia é o quarto maior importador de alimentos do Terceiro Mundo. O processo de devastação já alcança a metade do território tunisiano. Há três anos que a chuva diminui. Dez mil hectares de solo agrário se perdem anualmente.

PROSTI, ARAL! Perdão, Aral!, está escrito no escuro casco de um barco de pescadores apodrecido no lago Aral. Mas este pedido, segundo a DPA, não faz decrescer uma das maiores catástrofes da natureza. Muito mais, ameaça um desastre de “proporções inimagináveis”, temem ecologistas soviéticos. A sua preocupação vai para o quarto maior mar fechado do mundo, que ainda há 30 anos era tão grande quanto a Bélgica. Pois o lago Aral, antes conhecido por sua riqueza em peixes, está secando. Projetos de irrigação gigantescos para os enormes campos de algodão das repúblicas soviéticas centro-asiáticas cortam as veias vitais do lago. Os rios Amur-Daria e Syr-Daria foram desviados e só fluem mesmo nos mapas através do Aral. No início dos anos 60, o lago tinha mais de

66.000 quilômetros quadrados, hoje a sua área é de um terço da original. O antes pouco salgado lago está lentamente se tornando um lago de sal: seu espelho d'água baixa anualmente mais ou menos 90 centímetros. O solo seco do lago tornou-se um deserto. Especialistas calculam que a cada ano vão para a atmosfera cerca de 65 milhões de toneladas de pó salgado prejudicial do antigo solo do lago. Do universo, os cosmonautas viram uma cauda de pó salgado de até 400 quilômetros de comprimento e 40 quilômetros de largura. Os ataques ao lago Aral prejudicam, segundo especialistas, a saúde e a vida de quase três milhões de pessoas. A situação piora ainda com “o exagerado uso de químicos na agricultura”. Hoje morrem em Karakalpakia, ao sul do lago, quase seis vezes mais recém-nascidos que a média na URSS.<sup>20</sup>

Num jornal interno do trem Eurocity entre Hamburgo e Chur havia, um ao lado do outro, dois anúncios:<sup>21</sup>

LIXO MAR DO NORTE  
BURACO DE OZÔNIO RENO

Informação sobre estes e outros temas ecológicos você receberá gratuitamente.

Escreva-nos!

O ministro federal para o Meio Ambiente, Proteção da Natureza e Segurança de Reatores.

Relatório do trabalho público.

Caixa postal 12 06 29

5300 Bonn 1

QUO VADIS

(Para onde você vai?) Jesus diz: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega a Deus, o Pai, senão através de mim. (João, 14,6.)

Para onde você vai?

Se você tem dúvidas, dirija-se ao Centro da Vida

Adelshofen.

7519 Eppingen 2

Tel: 07262/5077

Cada terceira espécie de planta na Alemanha Federal está ameaçada de extinção, anunciou a União para Proteção do Meio Ambiente e da Natureza.

Adubos, biocidas e concreto matam cada vez mais borboletas, informa uma liga ecologista suíça. Por motivos semelhantes, a abelha está ameaçada de extinção. Estes insetos são ótimos indicadores para o estado de nosso meio ambiente: seu desaparecimento coincide com um estonteante empobrecimento da flora e da fauna.

O cientista americano Noel Brown, da inspeção do meio ambiente das Nações Unidas, declarou: — Se, nos próximos dez anos, o aquecimento da atmosfera terrestre não parar, precisaremos contar com o degelamento das camadas polares e com uma subida do nível do mar em um metro. Possivelmente hoje já seja tarde para parar esse processo. Se o aquecimento não for impedido, as regiões costeiras serão inundadas. Além da grande cheia, há também ameaça de seca em muitas regiões agrárias, que deverão se transformar em desertos. As enchentes causarão violentas correntes de refugiados.

Um dos *hits* de maior sucesso mundial no ano de 1988: *Don't worry, be happy!*

## 12

— Para finalizar — disse o homenzinho com cabelos pretos e bigode preto, no lotado pavilhão de Altamira —, gostaria de declarar algo pessoal. — O seringueiro e ecologista Francisco Chico Alves Mendes Filho havia feito, diante de índios, políticos, empresários, industriais e repórteres, um discurso inteligente e corajoso com

argumentos muito convincentes contra o “Plano 2010” e a construção da represa. As câmeras de todas as equipes de TV funcionavam. Markus Marvin, que havia marcado um encontro com Chico Mendes, estava ao lado de Susanne. Sua pequena equipe, que há algum tempo trabalhava em conjunto tão intensivamente, estava completa — só Peter Bolling faltou. Ele desaparecera pela manhã e não pôde ser encontrado. Bem juntos de Marvin estavam os dois guardiães colombianos, Sergio Cammaro e Marcio Sousa. Também hoje, apesar do calor insuportável, estavam de terno tropical, camisa e gravata. Cada um trazia uma caixa de violino.

— Esta é a declaração — disse Chico Mendes, de camisa branca, bermudas brancas e sandálias. — Dois latifundiários incumbiram, já há muito tempo, assassinos profissionais de me matar. Muitos de vocês reconhecerão os nomes dos dois homens, pois tinham, antes de sumir, domicílios aqui perto. Há sete semanas dei os dois nomes para a polícia. Digo-os mais uma vez, pois aqui se encontram muitos jornalistas e repórteres da mídia nacional e internacional. Trata-se de Darly Alves e seu irmão Alvarinho Alves. Contra os dois — disse o homenzinho com voz calma e forte — existe há 12 anos um mandado de prisão por conta de assassinato duplo, sem que os responsáveis tenham um dia tomado sérias providências. — Ele fez uma pausa. Nuvenzinhas de poeira dançavam diante das luzes das câmeras o seu gracioso balé. — Carrego nas costas sete ataques contra a minha vida — continuou Chico Mendes. — Se um mensageiro do céu chegasse à Terra e me garantisse que a minha morte poderia fortalecer a nossa luta, valeria a pena morrer. Mas a experiência nos ensina o contrário. Cadáveres não salvarão a floresta tropical amazônica. Quero viver. — Novamente uma pausa. — Com isto, meus amigos, meus inimigos, declaro encerrado este congresso. Deus proteja a todos, especialmente a cada um!<sup>22</sup>

Durante minutos aplaudiram e gritaram índios, mestiços de todos os tipos, brasileiros brancos e negros, membros de muitas nações, repórteres, fotógrafos, câmeras e técnicos. Chico Mendes se

curvou. Então ele desceu os degraus que levavam do pódio ao pavilhão e desapareceu na sala ao lado.

O pavilhão se esvaziou lentamente. As equipes de TV guardavam seus aparelhos, com exceção de Bernd Ekland e Katja Raal. Isabelle, que havia traduzido as palavras de Mendes, perguntou a Marvin: — E agora?

— Vamos esperar, até que os colegas tenham ido embora — disse Marvin, que ainda estava muito pálido. — Gravaremos conversa aqui. Katja, por favor, ponha um novo cassete! — Katja balançou a cabeça. Bernd Ekland a ajudou. Naquela manhã de 4 de setembro ele se sentia muito bem. Meu braço não dói de jeito nenhum, pensou ele. Desde que acordei, não. E ainda não tomei nem um comprimido. Ele havia dito isso a Katja, e Katja estava feliz. Os dois sempre se olhavam e sorriam sobre o seu segredo.

Durou quase meia hora até que o pavilhão fosse esvaziado. Só ficaram alguns índios, eles sabiam da conversa que deveria acontecer, porque durante o congresso eles trabalharam como organizadores.

— Onde filmamos? — Ekland perguntou.

— No pódio — disse Marvin. — Lá podemos utilizar as luzes do pavilhão. — Eles carregaram juntos as partes da aparelhagem da BETA para a frente. Katja ajudou Bernd a montar novamente a câmera sobre o tripé.

Os dois guardiães estavam sempre perto de Marvin. Quatro policiais haviam entrado no pavilhão.

— Fique atento — disse Marvin a Ekland. — O Dr. Gonzalos vai buscar Chico Mendes. Ele deve sair daquela porta sozinho. Susanne e eu iremos em sua direção e o cumprimentaremos. Então viremos os três e ficamos aqui... — Ele mostrou o lugar com a ponta do sapato.

— OK — disse Ekland. Nem um pinga de dor.

— Estão prontos?

— Som? — perguntou Ekland.

— OK — disse Katja.

— Isabelle, por favor, como sempre, tão distante quanto possível, para que não tenhamos uma salada de vozes — disse Ekland. Isabelle balançou a cabeça. Com o botão na orelha e um pequeno microfone na mão, ela foi para o lugar mais afastado da primeira fila e se sentou. Gilles, com seu gravador, a seguiu.

— Os dois guardiães, eles devem ser mostrados, Markus?

— Não.

Sergio Cammaro e Marcio Sousa já se afastavam educadamente.

— Rodando!

Katja segurou um pedaço de papelão em frente à BETA. Ela havia escrito: ALTAMIRA/ENTREVISTA CHICO MENDES.

— Doutor Gonzalos, por favor! — disse Marvin.

O meteorologista balançou a cabeça, foi para a porta que levava para a sala ao lado e desapareceu. A porta se fechou atrás dele. Logo depois ela se abriu novamente. Chico Mendes apareceu. Ele sorriu timidamente e foi ao encontro de Marvin e Susanne, que lhe apertaram a mão. Susanne abraçou o homenzinho.

— Bom dia, Chico — disse ela sorridente, em português, enquanto Isabelle começou a traduzir. — Este é o meu pai. Eu contei a ele tudo sobre você e...

Mais ela não disse. Sergio Cammaro e Marcio Sousa, que haviam se retirado para a entrada do pavilhão, dispararam as metralhadoras que haviam tirado das caixas de violino.

Chico Mendes se atirou no chão.

Susanne deixou-se cair rapidamente, o mesmo o seu pai, que rolou para o lado. Gilles puxou Isabelle do banco e se jogou na sua frente, protegendo-a. Ao cair, ele viu os dois guardiães saindo do pavilhão, atabalhoadamente e atirando. Os policiais também atiraram. Os índios gritavam na confusão.

De repente fez-se um silêncio aterrador. Como se nada tivesse acontecido, Ekland estava atrás da câmera, que continuou a gravar.



Katja estava a seu lado. As imagens! As imagens! Ambos estavam fascinados, como repórteres de televisão há muito haviam ficado diante do terror. Que imagens...

Outros policiais e um homem com bata branca correram para o pavilhão. No pódio, se levantou, sem ferimentos, Chico Mendes.

Um dos policiais o fitava, fez o sinal-da-cruz e balbuciou: — Um milagre... Um milagre...

Mendes estava muito pálido, mas ria levemente. — Sim — disse ele. — Já o oitavo milagre.

Bernd Ekland continuava a filmar.

Markus Marvin se levantou e foi até a sua filha, que estava deitada de costas. Ela sorriu. Ele falou para ela: — Susanne... Susanne... Sou eu, seu pai... Não pode falar, claro... o choque... Está tudo bem... Um médico já está aqui... — Do lado de fora se ouviu o barulho de uma sirene, que parou. — Também uma ambulância... Levarão você para o hospital... minha querida, não tenha medo...

O médico se aproximou.

— Desculpe-me... — Ele falava inglês.

Marvin balançou a cabeça. Ele se arrastou, de joelhos, para o lado. O médico se curvou sobre Susanne.

— O que há com ela? — Marvin perguntou, enquanto o médico punha seu ouvido no peito de Susanne, sentia o seu pulso e os policiais, agora com metralhadoras a postos, faziam círculos em volta deles.

Também Isabelle e Gilles haviam se levantado. Isabelle ainda tinha o botão de tradução. Ela ouvia Marvin falar. — Acho que foi só o choque, doutor, não é?... Mas talvez ela tenha sido acertada... nada grave... só levemente... O choque... — Ele dizia sempre a mesma coisa.

A câmera corria.

— Nada grave, não é?... Não vejo sangue... Não vejo nenhum sangue...

O médico, mudo, abriu a blusa do uniforme americano que

Susanne usava. A camisa dentro estava afogada em sangue.

— São feridas... Nada grave... São apenas feridas...

— Pare! — disse o médico. Ele quase implorava. — Pare, por favor! Meu Deus do céu, o senhor não vê que esta mulher está morta?

## LIVRO TERCEIRO

“Este país se sufoca no cinismo de seus empresários e políticos.”

*Um membro do governo federal alemão,  
numa conversa com o autor.*

# 1

É claro que você tem medo. E é claro que você não mostra que tem medo. Você ri um pouco alto demais. Você apóia os punhos nos quadris, enquanto olha como a bolha do imenso balão se enche com ar quente e ganha forma de balão e se levanta, redondo e liso e pintado. Tão bonito. Quantos já voaram num balão como esse, sobre a Paris sitiada, sobre montanhas e mares em todo o mundo! E foi dito a você também que não é perigoso, *mademoiselle*, e por que vai acontecer um acidente justamente com você?

Este registro se encontra sob a data de 11 de setembro de 1988, no diário de Isabelle. O que aconteceu depois do assassinato de Susanne Marvin em Altamira e de outras coisas, ela anotou antes dessa data. Logo será o assunto deste relato.

...Por outro lado há uma chama aberta diretamente sobre sua cabeça, e a pele do balão é tão fina e se rasga facilmente. Ela se carbonizaria, uma vez inflamada, em questão de segundos, e na sua cestinha você iria cair na Terra, de repente, um Ícaro feminino. Por que então você precisa fazer isso, meu Deus, o que você precisa provar a você mesma ou a G. ou a este gentil inglês que os acompanha?

Então a coisa se levanta e você nem sente e sem solavancos e balanços você já flutua, ainda perto do campo, e sobe sem notar, mas sobe, quando você olha para os montes próximos, muito rápido, mais alto, mais alto. A perspectiva da montanha

se modifica, casas, ruas se transformam em brinquedo, só você permanece grande como *in natura*, e o piloto, e G. a seu lado, tão perto, tão perto, vocês quase não podem se mexer no cesto, por causa da garrafa de gás propano a seus pés.

Você não diz nada. Você não o olha. E ao mesmo tempo seria tão fácil lhe dizer, nessa leveza, nesse flutuar, tantas coisas, tantas... Se você ainda vacilou, se você ainda não estava muito segura, agora você está. Agora você sabe. Com segurança absoluta. E você sabe que ele sente o mesmo — o mesmo. Mas você não diz nada, nenhuma palavra. Sua descrição, sua eterna descrição, olha ela novamente!

Pelo menos você põe a sua mão sobre a dele. E ele a segura com força. É o nosso amor. Ninguém tem nada a ver com isso. Você falou dele a Monique e Gerard. São os seus melhores amigos. E Gordon Trevor e *monsieur* Oltramare aqui em Château-d'Oex, os amigos de G., também podem saber. Eles, aliás, reconheceram imediatamente, quando chegamos aqui há dois dias.

Ninguém precisou dizer nada a eles. Eles conhecem G. tão bem. Eles viram logo o que havia acontecido com ele. São tão gentis conosco. Fazem tudo para que tenhamos calma por um momento, depois de tudo o que aconteceu. Hoje, Gordon nos convidou para essa viagem de balão.

O grande silêncio agora, enquanto você flutua contra o céu ensolarado, em direção do qual os cumes das montanhas são cortados, como uma ponta no vestido de uma gigante, e que no oeste já vai se avermelhando. Às vezes, quando você passa por um dos cumes mais baixos, aproximam-se as copas das árvores do cesto. Então a aparelhagem começa a chiar sobre você, a flama cresce íngreme, o balão se levanta, a paisagem vai embora sob você, e o vale está lá com a estrada, sobre a qual, como insetos, os carros se arrastam, também aquele velho com o carro-reboque, que mais tarde deve transportar o

balão.

Gordon Trevor cospe ao lado do cesto, observa atentamente o leve desvio vertical que descreve o cuspe: assim ele reconhece o vento, cuja direção se diferencia de camada para camada e que lhe permite dirigir a bola colorida, que nos carrega, através de ajustes da altura do voo. E, de fato, o homem de voz baixa e doce consegue nos levar ao exato ponto, no qual o seu ajudante, o jovem suíço, nos espera — na beira de um pasto de vacas ao lado de um celeiro — e ele põe o cesto no chão quase ao lado do carro-reboque do velho e sujo jipe. E seu feio cachorro, que está no carro, salta em sua direção e late de alegria.

O resto é trabalho pesado para Trevor e o rapaz. O cesto é tirado do balão, do qual o ar quente vai embora. Cesto e balão, este muito bem dobrado, são postos no reboque. Arrastamos para o velho e sujo carro para a viagem de volta. Não se falou nada. Ainda estamos de mãos dadas.

“Summertime — an’ the livin’ is easy,  
Fish are jumpin’ an’ the cotton is high.  
Oh yo’ daddy’s rich an’ yo’ ma is goodlookin’,  
So hush little baby, don’t you cry...”

*Summertime*. Minha canção preferida. *Summertime*. Quando, depois do jantar com Gordon e monsieur Oltramare (ele mesmo cozinhou), entro na velha casa de G., Le Forgeron, ouço essa canção de Porgy and Bess, de Gershwin. G. havia ligado o som. Ele sorri ao se sentar diante de mim. Estou dominada. Pois essa canção... Mas já faz tempo, tanto tempo, embora eu ainda use a correntinha com a medalha... G. me fita. Naquele tempo, no Rio, ele perguntou qual era a minha música preferida e pediu ao pianista para tocá-la... E mais tarde ele telefonou para Gordon, e Gordon foi a Genebra e

comprou o CD, para que ele estivesse lá quando chegássemos.  
Para que eu possa ouvi-la, minha canção preferida.

“One of these mornin’s you goin’ to rise up singin’,  
Then you’ll spread yo’ wings an’ you’ll take the sky...”

Clarisse! *The Blue Bird!* A cotovia!, penso. E uma manhã...  
não, e amanhã ela despertará, cantará e agitará suas asas, e o  
céu lhe pertencerá. Ela cantará, a cotovia, e a vida será bela...

“But till that mornin’ there’s a nothin’ can harm you  
With daddy an’ mammy standin’ by...”

Preciso fechar os olhos por um momento. É Diana Ross que  
canta. Violino, o piano, a onda grandiosa que sempre vem,  
esta melodia do profundo e dourado verão. Que gênio foi  
Gershwin. E morreu com 39 anos... *Summertime...*

— Ah, Philip, eu...

— Sim, Isabelle, eu também. É horrível — disse ele. — É  
loucura.

— Doce loucura — disse ela, continuando a ouvir a música.  
*Agora* posso falar, pensou ela. Com toda dificuldade. Lá no balão, na  
leveza, flutuando, eu não pude. Minha descrição. Minha eterna  
inibição de me abrir.

— Doce, bem, não sei — disse ele. — Aqui há um pesado sopro  
de Lolita no ar, se você entende o que quero dizer.

— Pare, Philip!

— Vou parar. Posso lhe dizer exatamente tudo o que você  
significa para mim. Mas eu? O que pode significar um velho homem?

Eles estavam bem quietos, o *Meditador* ao lado deles. Através  
da porta aberta entrava o aroma de flores e feno.

— O livro — disse ele, depois de um tempo. — O livro que

talvez escreverei sobre essa expedição, sobre a pequena equipe. Se falar em pessoas como nós — um velho homem, uma jovem mulher —, o que você proporia para que soasse fidedigno? O que uma jovem mulher pode achar atraente num velho homem, de forma que ela possa começar a amá-lo?

Ela riu.

— Ah, quando você ri — disse ele. — O sol se levanta.

— Então você quer, Philip, que entremos em ação experimental.

— Que nós o quê?

— Que entremos em ação experimental.

— Esta é uma bonita transcrição — disse ele. — Não, realmente! Ah, sim, por favor! Por favor, entremos em ação experimental, minha linda!

— Então é pra já! — ela disse. — Humor. É assim que se começa. Ele precisa ter humor, o homem no livro. O essencial em qualquer relação, jovem ou não. Continue, Philip, que idade ela deve ter, a sua mulher no romance?

— Talvez uns 32 anos.

— Não é muito velha — disse ela. — Mas ela já sabe o que pode, o que quer, a sua mulher no romance, proponho, Philip. Pela aparência, talvez ela seja até mesmo mais jovem, mas para os homens de sua idade e para os mais jovens muito velha, de acordo com a sua essência. Você não quer anotar, gravar?

— Não — disse ele. — Eu também memorizo assim. Continue, Isabelle!

— Continuando — disse ela. — A pessoa no romance notou que os da mesma idade não entram no páreo. Experiências dolorosas. Quero dizer, uma com 32 anos, que já teve alguns casos, não é? Ela sabe do que sente falta. Bem, então há um com 63 anos que oferece um tipo de relação que corresponde com a sua — e isto é muito importante, Philip —, que não mostra insegurança, que mostra compreensão, o que para uma mulher desse tipo é enormemente



atrativo.

— Hum, hum — fez ele. — Compreendo. Assim pode-se escrever mais fidedignamente sobre um casal tão estranho como esse.

— Ótimo — disse ela. — Isso me alegra. — Jogos dos adultos, pensou ela, por que não?

— Penso agora no velho cara, o homem do romance — disse ele. — Sei por que ele ama a jovem mulher.

— Você sabe?

— Exatamente.

— E por quê, Philip?

— Porque descreverei a jovem mulher assim como você é, Isabelle! Com todas as qualidades que você tem e que se pode gostar.

— E quais são elas, Philip?

— Excluindo o humor — disse ele —, você é valente. Você é inteligente. Você é sincera. Você é bonita num sentido, como nenhuma outra mulher. Você dá coragem, força. Ao homem do romance, de algo que ele não gostaria de voltar a fazer, porque ele acreditava que não podia fazê-lo mais: ele escreve! A mulher do romance conseguiu isto. Porque o impressionou muito como ela trabalha com dedicação. De maneira pertinaz, sem humores, sem desistir, sem jamais mostrar o exagero, o cansaço. A pessoa, então o tirou de sua letargia.

— Tudo isto são, naturalmente, motivos bem fortes — disse ela. — Fazemos progressos, Philip. O exemplo para sua personagem feminina seria eu, então. Ela tem tudo o que você gosta em mim, como você está dizendo.

— Sim, sim, mas este é só um motivo para o homem do romance amar a mulher do romance, não para que a mulher do romance ame o homem do romance.

— Mas como assim, Philip? O que significa isso? Quero dizer: quem uma pessoa como essa amaria? Saber esquiar muito bem é muito pouco. Realmente! Essa pessoa amaria — por favor, por favor!

— um homem que é uma personalidade. Que viveu muito. *Isto* deseja a sua mulher do romance! Com quem ela possa falar. Que a escute. Que tenha tempo. Nenhum homem mais tem tempo! Ele poderia, por exemplo, ser um escritor, o homem no romance, que tal?

— Hum, sim, ele poderia.

— Então, um escritor vive de ter tempo de escutar, de se interessar pelos outros, de descobrir *what makes them tick*. Mais um ponto a favor! Quero dizer — com um cirurgião isso nunca funcionaria.

— Será realmente bom se ele for escritor, o homem do romance. Parece evidente — disse ele.

— Então proponho que a mulher do romance seja tradutora simultânea. Explico logo por quê. Ou seja: meu pai foi tradutor simultâneo. E minha mãe foi tradutora simultânea. Não! Não ria! Coisa séria. Eles me carregaram em não sei quantos países. Quantas vezes eu estive, quando mamãe e papai trabalhavam, em congressos, em seminários. Gostei de tudo aquilo. Não me tornei intérprete por acaso. Não me foi tão fácil aprender línguas num ambiente desses por acaso. E então... e então tenho acesso a tanta gente. Sento tão freqüentemente ao lado de homens muito aceitáveis. O que acontece, volta e meia? Quase ainda não se pensou que ele é realmente interessante — só não diga que eu não preciso procurar, eu preciso procurar — então quase ainda não se pensou que ele seria interessante, aí ele diz, então: “Deus, você é intelectual! Deve-se ter medo?” Olha, sabe, Philip, quando um chega a ter medo de ter medo de mim! Não, realmente, obrigada! Ou então lhe empurra um papel, que ele precisa voltar a lhe ver, de qualquer forma, que ele está fascinado por você porque você lhe dá a impressão de ser tão segura e forte e ele tem seus complexos por conta de experiências ruins com mulheres. Agora, finalmente, ele tem a certa. Pela primeira vez na vida. Pois desde criança ele só encontrou as erradas. Sua mãe o levou ao teatro infantil, *Branca de Neve*. Todos os rapazes se apaixonaram imediatamente pela Branca de Neve. Ele, pela rainha

má. Ou então aqueles que perguntam, de preferência ainda na cama, se você não pode ajudá-los a ter um emprego de tradutor na ONU. Você tem tantas relações, eles não têm nenhuma. Eles só têm azar na vida, desde a triste infância. O pai, é claro, pisou no seu brinquedo... Sim, sim, Philip. *Assim* são os homens! Você precisa se pôr no lugar de sua mulher do romance! Não há tantos Gilles espalhados por aí. E quando uma Isabelle encontra um, então não faz diferença se ele é mais velho que ela, para ela não faz a menor diferença, pois um Gilles como esse é um com o qual ela não sente de jeito nenhum a diferença de idade. Entre parênteses: as mulheres são sempre muito mais maduras que os homens, não é verdade?

— Claro — disse ele. — Todo mundo sabe.

— A mulher do romance tem consciência de que ele é mais velho, mas ela não o sente.

— No momento, não — disse ele, muito sério. — Por um momento, não. Por muito tempo não, espero. Mesmo assim! Esse homem tem 63 anos. Pode lhe acontecer a cada dia, a cada segundo, que ele saia do nada e se encontre numa UTI — depois de um grave enfarte.

— Pode acontecer a qualquer um, um enfarte, também aos 20 anos — disse ela.

— Mas com 63 anos é mais provável. E por isso esse não é mais um *affair* de setembro, Isabelle. Por isso é um de outubro, não, de novembro.

— Pode muito bem — disse ela — ser um *affair* de maio para os dois, no romance, é claro, se um souber exatamente quem é o outro. — E assim também acho, pensou ela. O amor é algo bonito, sereno, alegre! E será assim com Philip, eu sei! E ela disse: — Encontrei um outro argumento.

— E qual é?

— Que um homem mais velho — disse ela — pode aceitar as particularidades que essa Isabelle-mulher tem. Com elas há sempre dificuldades com os da mesma idade e mais jovens. Pois ou esses

homens ainda não têm uma personalidade ou uma tão fraca que não suporta uma mulher com idéias próprias. E então começa a luta, repugnante. Ao contrário, um homem com experiência, Philip, suportará muito bem essa mulher; mais, ele pode ajudá-la! Isto, Philip, é para a sua mulher do romance algo que ela acha bonito, maravilhoso. Isto, Philip, compõe o amor! Se um homem me aceitar como eu sou. Tudo isto vale, é claro, para a mulher do romance.

— É claro, Isabelle, é claro — disse ele.

— Se um homem tem compreensão para tudo — disse ela —, simplesmente para tudo. Por ela passar muito tempo no banho...

— Com *shower bath* Emenaro — disse ele.

— Sim, sim, para a sua mania Emenaro. Para os seus vestidos. Ou que às vezes ela gosta de ficar sozinha. Com as suas pequenas e grandes particularidades. O homem no seu livro, Philip, se alegra de tudo isto com ela. E ela não deve amá-lo? Naturalmente, são apenas palpites, Philip. Mas uma mulher de 32 anos sabe do que fala. Então, você pode aceitar meus palpites sem pestanejar. Esse homem que você precisa para a sua estória de amor tem a grandeza de entender tudo o que é engraçado e louco, todas as singularidades dessa mulher. E tudo isto não significa uma luta de poderes. O escritor em seu romance pode dizer: “Fiz algo de valor, fui OK com a minha profissão.”

— Isto — disse ele — também pode dizer a mulher do romance. Essa tradutora do romance. Ela pode dizer: “Faço o melhor que posso. Trabalho com prazer. Apesar disso sou uma mulher que não tem nada contra o luxo.”

— Ela não tem absolutamente nada contra o luxo — disse ela.

E agora essa ação experimental fica totalmente louca, agora ficamos jogando com isso. — Ela não tem absolutamente nada contra o luxo! — Pois é, diz G. novamente, embora esta fosse a minha linha no diálogo. — Pois é, pois ela trabalha duro para tudo o que ela quer: ela quer uma bela casa. Bonitos vestidos.

Estar hospedada em bons hotéis. Ela é exatamente assim. Ela trabalha porque não poderia viver se não trabalhasse. Por isso ela também quer ter o direito de fazer com o seu dinheiro o que quiser.

— Exatamente como o homem mais velho, retruco. E dois tipos assim se encontram. E ela não deve se sentir atraída por ele? Nem ela precisa incomodar uma relação existente, nem está sendo empurrado um que está sozinho e precisa de uma mulher, seja lá qual for, só precisa ser bonita, precisa ter formação, precisa se comportar. Dinheiro ela tem muito — e de quebra um complexo de Pigmalião. Simmmmmm, mas o homem no seu livro é bem diferente. Ele é bom para ela, ele a faz feliz! Como é então, Philip? Você acha que conseguirá escrever — com a minha ajuda constante — uma estória de amor bem bonita? — Acho que sim, diz ele, e sorri, e eu também sorrio, e ele diz: é claro que haverá novamente críticos que escrevem que o cara ornamentou com uma estória de amor o declínio do mundo! — O declínio do mundo, digo, será sempre ornamentado com uma estória de amor.

## 2

No dia 9 de setembro de 1988 um Mercedes, vindo do cemitério na Flandernstrasse, rodou por volta das 17 horas sobre o calmo Heidenweg sobre o Sonnenberg, em Wiesbaden. Seguindo-o, um grande BMW. Na direção do Mercedes estava Valerie Roth; ao lado dela, Markus Marvin. Ambos vestiam roupas de luto. O Mercedes parou em frente ao prédio de número 135a, onde Marvin, depois da venda de sua vivenda, próxima dali, havia alugado um apartamento.

O BMW parou cerca de 20 metros atrás. Marvin desceu. Naquele dia estava muito quente e abafado. Ele foi ao BMW, no qual estavam dois homens, que haviam tirado a sua jaqueta.

O da direção olhou através da janela aberta. — Sim, senhor Marvin?

— Inspetor Worm — disse ele —, sei muito bem que o senhor e seu colega Neumaier e os outros senhores devem fazer o que ordenou o comissário Dornhelm. Desde minha volta do Brasil serei vigiado 24 horas por dia. Eu lhe peço para interromper essa vigilância.

— Não podemos, senhor Marvin — disse o jovem funcionário chamado Worm.

— Telefone a Dornhelm através de seu aparelho no carro! Ele deve retirar sua ordem por um momento. Já foi demais que o senhor ficasse ao meu lado no cemitério, junto ao túmulo. Agora chega.

— O senhor tem proteção pessoal, senhor Marvin. Não pode negá-la.

— Posso — disse Marvin, cujo suor corria na gola da camisa. — Sou pessoa física, não estou mais no Ministério do Meio Ambiente de Hessen. Como um cidadão normal, tenho o direito, segundo a lei, de recusar proteção pessoal. O senhor sabe disso, senhor Worm.

— Mas o senhor realmente está em perigo! O senhor precisa de proteção!

— Em Altamira eu tinha proteção — disse Marvin.

Worm o olhou por muito tempo. Então disse para o seu colega: — Tente achar o comissário.

Neumaier pegou o fone e falou. — 02 aqui... Por favor, urgente, polícia criminal, comissário Dornhelm... — Ele escutou e olhou para Marvin. — Ele está no seu escritório... um momento...

Marvin balançou a cabeça e se encostou no carro. A chapa estava ardendo de quente. Ele recuou.

Depois de pouco tempo Neumaier começou a falar. Quando desligou o telefone, disse: — O comissário Dornhelm exige uma declaração por escrito do senhor. Aqui está um bloco. — Ele deu-lhe através de Worm. Marvin foi para a sombra de uma árvore, sob a qual havia um banco, sentou-se e escreveu. Então devolveu o bloco.

— Basta?

— Sim — disse Worm, depois de ler. — O senhor está muito seguro de que sabe o que está fazendo.

— Muito seguro. Obrigado. Boa tarde.

O BMW arrancou. Marvin o seguiu com os olhos. Então foi até Valerie Roth, que descera. De repente, tudo girou em torno dele.

— Segure-me — gritou ele. — Depressa! Segure-me, estou caindo!

Uma hora depois ele estava melhor, sentado no fresco e escuro escritório do apartamento alugado. Todas as persianas haviam sido abaixadas.

— Você quer mesmo ficar sem nenhuma proteção? — perguntou Valerie.

— Sim — disse Marvin. — A prisão. Altamira. Você nunca achará alguém que não tivesse a sua hora. A minha ainda não chegou. Ainda tenho de resolver algo antes.

— Esse terror — disse Valerie. — Sim, muitos estão irados conosco e com nosso trabalho. Mas que isso chegue a assassinato... à tentativa a você na prisão, ao atentado em Altamira... Meu Deus, por que esse ódio mortal, Markus, por quê?

— Só posso entender assim — disse ele — que alguma coisa de monstruoso acontece ou já aconteceu e os responsáveis por essa monstruosidade temem que eu possa chegar até eles.

— Por que justamente você?

— Não sei.

— O que pode haver de tão monstruoso?

— Também não sei. Só sei de uma coisa, Valerie: precisamos continuar a trabalhar. Esses filmes precisam ser rodados. Para... pela... — Ele virou a cabeça para o lado. — Pela vontade de Susanne. Ela se alegrou tanto em colaborar. Talvez eles quisessem matar Chico Mendes e a mim em Altamira e, por erro, acertaram em Susanne, embora eu não acredite nisso. Eles simplesmente

começaram a atirar. Deveriam todos estar mortos, penso, todos três. Não, não tenho mais lágrimas. Estou irado, desmedidamente. Rodaremos esses filmes. Denunciaremos. E descobriremos o que está acontecendo.

— Você é maravilhoso.

— Estou totalmente desesperado — disse ele. — Paradoxalmente, isso me dá forças. Pesquisaremos mais. Primeiro sobre o escândalo da dioxina. Então em Paris, com os Vitran e esse especialista em energia solar.

O telefone tocou.

Ele tirou do gancho e disse o seu nome.

— Aqui é Hilmar, Markus.

— Boa tarde, Hilmar.

— Estou com Elisa no hospital civil. Estamos com nossos pensamentos voltados para você. Elisa não queria atrapalhar o seu pesar. Por isso ela não foi ao túmulo. As rosas brancas são nossas. As flores preferidas de Susanne.

— Sim — disse ele. — As flores preferidas de Susanne.

— O que sempre nos separou, Elisa, eu e você, não existe mais. Você deve seguir o seu caminho. Você precisa seguir o seu caminho. Eu e Elisa lhe desejamos sorte. Vou passar para ela.

Então Markus ouviu a sua voz: — Numa situação dessas todas as palavras de consolo são inúteis, Markus. Mas você deve saber que sinto o mesmo que você. Susanne também era minha filha, Markus.

— Sim, Elisa — disse ele, se despediu rapidamente e desligou.

— Por favor, me dê a agência de telefones, Valerie! — disse ele. — Quero marcar uma data com os Vitran. E reunir a equipe. O trabalho precisa... — Ele deixou cair a cabeça na mesa, ficou imóvel e chorou tanto, que todo o seu corpo tremia.

Miriam Goldstein estava sentada ao lado da mãe cega no jardim selvagem de sua casa em Lübeck. Ela lhe havia contado tudo



o que acontecera. Agora estava muda.

Muitos pássaros cantavam, Sarah Goldstein pôde ouvi-los. Miriam pensou na tarde na casa de Elisa Hansen e nos pássaros no parque. Muitas flores se abriam, Sarah Goldstein não podia vê-las, de algumas ela podia sentir o cheiro.

— Miriam — disse a velha mulher na sua cadeira de vime.

Miriam olhou para os olhos mortos. — Sim, mama?

Uma maçã madura caiu da árvore e rolou sobre a grama abaixo, para um pequeno riacho.

— Tenho medo, Miriam — disse a velha mulher.

— Você não precisa ter medo, mama. Sobrevivemos a tanta coisa, que você não precisa ter medo.

— Sim, Miriam — disse a senhora Sarah Goldstein. — Preciso mesmo ter medo. Por você. Por mim. Por todas as pessoas. Ah, como dói.

### 3

— Oh, que miséria, que grande miséria! — disse o advogado Ignacio Nigra, e balançou cheio de sofrimento a bem talhada cabeça com os cabelos grisalhos. — Que crime, que crime perverso. Que dor cruel e terrível para o pobre pai. Onde está o coitado?

— Em Wiesbaden — disse o promotor Elmar Ritt.

— Onde?

— Em Wiesbaden, uma cidade da Alemanha. Ele foi para lá com o corpo de sua filha, depois que a polícia o liberou. Aconteceu no dia 7 de setembro. No dia 9 teve lugar o enterro em Wiesbaden. Estamos no dia 12 de setembro.

— Isto eu sei, honrado colega. E o senhor diz que as filmagens para esses... esses documentários foram interrompidas?

— Por enquanto, colega, apenas por enquanto. Depois do assassinato de sua filha, Marvin pediu para que todos

compreendessem que ele não estava em condições de continuar a trabalhar imediatamente. Ele também expressou o desejo de estar sozinho. Todos compreenderam. Os seus colaboradores viajaram de volta à Alemanha antes dele. Têm um pouco de descanso. Mas o senhor Marvin, assim ele me disse ao telefone, rodará os filmes de qualquer forma. Principalmente agora, é como se fosse um legado de sua filha. O senhor certamente entende.

— Muito bem, prezado colega, muito bem. — Dr. Nigra passou a mão na bonita gravata. A gravata combinava muito bem com o bonito terno que ele usava. O terno, por sua vez, correspondia incrivelmente com tapetes e móveis na sala de conferências da sua chancelaria, que se situava numa antiga e suntuosa casa na Plaza Bolívar, no coração de Bogotá. Era de tarde e chovia em Bogotá. Chovia quase todas as tardes em Bogotá.

— Senhor Nigra — disse um homem grande e careca com olhos muito tristes, que só tinha 42 anos, mas parecia ter 70 e sem esperança, absolutamente sem esperança.

— Senhor comissário? — Nigra perguntou.

O comissário Henrique Galuzzi trabalhava no serviço secreto da Colômbia, abreviado em espanhol por DAS, e ninguém que sabia disso se admirava de que Galuzzi fosse tão triste. — Esta senhora e estes senhores — disse o magro comissário — que voaram tão longe, da Alemanha até aqui, estão há dois dias em Bogotá. Eles falaram com os meus funcionários e comigo. Eles expressaram o desejo de conversar também com o senhor. Um desejo compreensível, não é verdade?

— Mais que compreensível, honrado colega, meus honrados senhores — disse Nigra, curvando-se sentado. Chovia há horas umas pedrinhas finas e cinzentas, que traziam vento frio.

— Os senhores — disse o triste homem da DAS — desejam ouvir de sua boca que importância o senhor teve na contratação dos dois guardiães que fuzilaram a senhorita Marvin. No mais, querem saber da boca do senhor Machado — ele se curvou diante do

importador — o que ele falou com o senhor. Senhor Machado, o seu primo, o produtor de filmes Joschka Zinner chegou de Hamburgo e certamente também está emocionado em rever um parente que não via há tanto tempo, como o senhor. — Soou irônico, mas também a ironia era triste.

— Pelo menos tão triste quanto — disse Achille Machado.

Ele pôs a mão no ombro do extraordinariamente pequeno Joschka Zinner, enquanto ele se esforçava em vê-lo, cheio de sentimento, nos olhos. Zinner também se esforçava. Teve lugar algo como uma pequena disputa pela Palma de Ouro de emoção entre os dois.

— Laços familiares são laços sangüíneos — disse Machado.

— Muito bonito — disse o advogado Ignacio Nigra.

— Talvez seja melhor irmos finalmente direto ao assunto — disse Elmar Ritt. Ele tinha frio. Eles haviam saído do Tequendama, um dos três melhores hotéis da cidade, e o frio chuvoso da tarde, como também o ar esgotavam o procurador. É claro que esses dois caras compactuam, pensou ele. E esse Galuzzi naturalmente também. Vou descobrir o que se passa aqui, mesmo que morra por isso. Acharei a verdade, disse a si mesmo, e pensou no seu pai. Ele notou que o olhar de Miriam se dirigia a ele. Ele sorriu. Ela também sorriu. Seis mil anos de perseguição sorriam para Elmar Ritt.

— Pois bem — disse o procurador com dificuldade de respiração e incomodado pelo frio úmido — todos falavam inglês — para Joschka Zinner:

— O senhor telefonou para o seu primo no dia 2 de setembro de Hamburgo e lhe pediu para contratar o mais rápido possível guardiães para Markus Marvin, correto?

— Já lhe disse três vezes. Duas no avião, uma no hotel. Esta é a quarta vez. O senhor sabe que duas grandes produções estão paradas, uma em Berlim, a outra em Telaviv, por que eu não estou presente? O senhor sabe o quanto isso custa por dia? O senhor dirá: seguro de não-realização. Seguro! Os caras não querem pagar. Dizem

que eu não preciso estar presente. Eu *preciso!* Não funciona sem mim. Nunca funcionou. Isso me custa centenas de milhares. Centenas de milhares.

— Mas os laços sangüíneos — disse Ritt. — Mas a preocupação com o seu primo. A preocupação de que ele poderia entrar em dificuldades.

— Vim ou não vim com o senhor? — Joschka Zinner gritou, irado.

— Meus senhores, meus senhores! — disse o magro comissário Galuzzi, da DAS.

— Este homem me odeia — disse Zinner.

— Absurdo — disse Galuzzi.

— E como me odeia — disse Zinner. — Não tenho a menor idéia do porquê. Nunca lhe fiz nada. Nunca o vi. Odeia-me, ele, não posso entender. E duas produções gigantescas paradas. Centenas de milhares. Deus me castiga.

— Senhor advogado — disse Ritt, interrompendo o lamento de Zinner. — No dia 2 de setembro o senhor se encontrou com Achille Machado, o primo de Joschka Zinner.

— Não aqui, naturalmente — disse Ignacio Nigra, no que tocou ternamente o cravo branco enfiado na casa do botão da jaqueta. — Lá em cima, no Monserrate, num corredor de colunas da igreja. Havíamos marcado lá.

— Por que não aqui? — Miriam perguntou.

— Honrada colega. — Nigra balançou a cabeça. — Realmente!

— Realmente o quê?

— Prezada senhora, caríssima colega, o que tínhamos a combinar está absolutamente dentro do âmbito da legalidade, não é assim, senhor Galuzzi, não é assim?

O comissário confirmou, sombrio.

— Mas não é comum combinar essas coisas numa chancelaria. Paredes têm ouvidos. Eu amo este país. Mas se precisa ter cuidado neste país, nesta pátria bela e coberta de glória. Talvez o senhor

explique melhor, senhor Galuzzi, o que quero dizer com isso.

Galuzzi suspirou. — É uma pátria difícil — disse ele. — A DAS luta em várias frentes. O problema maior é naturalmente a resistência clandestina dos pobres. Como esta cresce sempre, cresce sempre a necessidade de segurança dos ricos, a necessidade, pois, de guardiães. Isto aumenta de tal forma, que ameaça todo o nosso sistema. Talvez eu deva lhe dizer, para que o senhor tenha uma idéia da dificuldade de nosso trabalho e do perigo da situação, que há, além dessas centrais que alugam guardiães — e naturalmente há sempre assassinos em potencial entre eles —, cerca de 41 grupos paramilitares de extrema-direita, como também seis grupos guerrilheiros de esquerda. Como a Colômbia, sob tais condições, ainda pode existir como Estado, é na verdade difícil de explicar. Continue as perguntas — disse Henrique Galuzzi em voz baixa. Ele parecia infeliz..

— Do que os senhores falaram nesse corredor de colunas? — perguntou Miriam. Também ela ainda não havia se acostumado com o ar local e tinha dores de cabeça. Além disso, ela reconheceu, assim como Ritt, que tudo que era dito ou feito aqui era sem valor e sem sentido. Mas eu não desisto, pensou também ela, como Ritt. Justiça não é apenas uma palavra, e a verdade é concreta. Nós a acharemos. Ritt e eu, com toda a certeza, pai.

— Senhor Machado, meu velho amigo, pediu para que eu arrumasse, por encomenda de seu primo, o senhor Joschka Zinner, dois guardiães de primeira para o senhor Markus Marvin, em Altamira, o mais rápido possível. Isto o senhor sabe há muito tempo — disse Nigra.

— Continue — disse Pitt.

— Continuando... Realizei o desejo de meu amigo, o senhor Machado. — Nigra parecia entediado. — Entrei em contato com o senhor Filippi Terzi. É um homem que aceita tais encomendas. Ele a estendeu para uma dessas sociedades.

— Como o senhor sabe disso? — Miriam perguntou.

— Porque ele me disse.

— Quando?

— No anoitecer do dia 2 de setembro. Ele telefonou. Quando Susanne Marvin foi assassinada, fui imediatamente à polícia e contei tudo o que sabia desse assunto. Está certo, senhor comissário?

O triste Galuzzi confirmou. — Está certo. E Filippi Terzi desapareceu desde então e está sendo procurado no país inteiro. Completamente em vão — acrescentou o homem do serviço secreto resignado. — Ele nunca será achado. Um homem que mantém contatos comerciais com os “Damascos”.

— Contatos comerciais com quem?

— Os “Damascos”. A mais famosa sociedade que forma guardiães e assassinos. Tem a sua sede em Medellin.

— Ah, Medellin. — O advogado Nigra levantou os seus vivos olhos para o teto. — Capital mundial das orquídeas! O mais maravilhoso artigo de exportação de Medellin...

— Os mais maravilhosos são assassinos especialmente confiáveis, dos quais dois o senhor contratou.

— Eu? — O advogado se levantou. — Preciso ouvir isso, senhor comissário?

— Não, o senhor não precisa — disse Henrique Galuzzi, suspirando. E para Ritt: — O senhor Nigra explica que ele encomendou para o senhor Markus Marvin dois guardiães com o desaparecido Filippi Terzi. Isto não é fora da lei. Qualquer um pode engajar guardiães. Mas os guardiães não podem matar.

— Mas o fazem, senhor comissário.

— Infelizmente, senhor procurador.

— Então eu me desculpo, é claro.

— Aceito as desculpas — disse Nigra, cheio de dignidade. Agora ele passou a mão de novo na sua gravata. — E mais não sei, senhor procurador.

— Talvez o senhor Machado saiba mais — disse Miriam, baixinho.

— Bem, sim — disse Achille Machado. — No dia 3 de setembro o senhor Terzi me telefonou e disse que um mensageiro me traria fotos e todos os dados dos dois guardiães contratados. O senhor se lembra que aquele era um pedido da maior urgência, Trata-se de Sergio Cammaro e Marcio Sousa. Eu pus todos os documentos num grande envelope, lacrei-o e o enviei através de um mensageiro — aqui se pode alugar mensageiros, na Alemanha também, certamente, madame — pelo avião até Altamira, no Hotel Paraíso, onde — assim ouvi da polícia brasileira — o envelope foi entregue ao senhor Marvin e sua filha, para que eles estivessem bem seguros na chegada dos guardiães que eles mesmos haviam checado.

— E para que eles ficassem ainda mais seguros, o senhor telefonou para o seu primo em Hamburgo e lhe passou todos os dados sobre os guardiães.

— De fato.

— Por que o senhor telefonou ainda para Joschka Zinner?

— Porque Joschka me havia pedido essa segurança dupla. Joschka queria a melhor proteção para um colaborador. Tratei de arrumá-la.

— Sabe Deus — disse Ritt.

— Não! Isso não tem sentido — disse Miriam, em voz baixa.

— Prefiro não ter ouvido isso — disse Machado, suavemente. — Por favor, nenhuma sem-vergonhice! Ajudei o meu querido primo, era óbvio, não era?

— E o senhor Nigra o ajudou, e o desaparecido senhor Filippi Terzi ajudou o senhor Nigra, e isso também era óbvio.

— O senhor está recomeçando — reclamou o advogado. — Comissário!

— Por favor, senhor Ritt — disse o comissário desesperançoso —, deixe disso, não leva a nada.

— O que leva aqui a alguma coisa? — Ritt perguntou.

— Esta é uma boa pergunta — disse o comissário. — Pergunto-me freqüentemente.

A chuva batia contra os vidros da janela.

— Senhor Zinner — disse Ritt —, o senhor telefonou para os Marvin em Altamira — segurança dupla —, deu-lhes os dados e cuidou que os assassinos tivessem, de qualquer forma, uma *entr e* irrepreensível.

Joschka Zinner se levantou e saltou umas vezes como uma bola de borracha.

— E isso eu fiz — gritou ele — para que a filha do homem mais importante do meu projeto pudesse ser assassinada irrepreensivelmente! Embora provavelmente não a filha, mas Chico Mendes devesse ser assassinado. Eu não fiz isso bem? Ninguém me cumprimenta por eu ter começado de modo tão refinado? Eu, eu, eu sou culpado de tudo, agora chegamos ao ponto, finalmente!

— Sente-se e cale a boca! — Ritt disse.

— Ninguém fala assim comigo! — gritou o homenzinho. — Ninguém! Não vou permitir isso. Retire o que disse, imediatamente, agora mesmo!

— Eu retiro se se sentar e ficar calmo.

— São me sento e fico calmo quando o senhor retirar.

Um jardim de infância, pensou Ritt. Um jardim de infância assassino.

— Retiro o que disse.

Joschka Zinner se sentou imediatamente.

— Eu tinha outro motivo para telefonar a meu primo — disse Machado.

— Que outro motivo? — Miriam perguntou. Agora ela se sentia muito mal.

— Um americano me procurou — disse Machado. — Disse que se chamava Robert Lee. Queria informações. Sobre Markus Marvin.

— Que informações?

— Muitas. Para quem ele trabalhava. Em que sentido. Para quem os filmes seriam produzidos. Por quê. Quem queria transmiti-los. Quando. Muitas perguntas.



Ritt olhou para Miriam Goldstein.

— Também em Paris um provável americano se informou de tudo o que se relaciona com Markus Marvin — disse Miriam. — *Mademoiselle* Isabelle me telefonou de Altamira para dizê-lo. Informe-me ao senhor Ritt. O senhor informou ao seu primo, senhor Machado?

— Como estava explicando...

— E por quê, senhor Zinner, o senhor não disse nem a mim nem à senhora Goldstein? — Ritt perguntou.

— Não queria intranquilizar ninguém.

— Não querer incomodar ninguém com a informação de que um americano aqui em Bogotá queria saber, da maneira mais estranha, tudo sobre o homem mais importante dessa produção? — Miriam perguntou.

— Sim, senhora! Não queria intranquilizar ninguém!

— Não grite, senhor Zinner!

— Grito quando estou com vontade, senhor procurador. Agora estou com vontade.

Miriam olhou novamente para Elmar Ritt e balançou a cabeça.

— Muito obrigado, senhor Zinner — disse Ritt.

— Se o senhor me culpar...

— Não o culpo de nada, senhor Zinner.

O pálido e aparentemente infeliz comissário Galuzzi, da DAS, disse: — Agora a senhora tem uma idéia de como devemos trabalhar aqui. Nunca acharão a verdade, senhora advogada, senhor procurador.

— Oh, sim — disse Miriam, e riu. — Oh, sim, nós a acharemos, senhor comissário. Talvez demore muito, mas acharemos. Descobriremos por que tudo isso aconteceu e outras coisas continuam a acontecer. Nós... — Ela olhou ligeiramente para Ritt — ... nós dois não desistiremos de procurar a verdade neste mundo de juizes corruptos e de testemunhas covardes. Não desistiremos nunca, não é, senhor Ritt?

— Nunca — disse ele. — Muito patético, não é?

— Oh, não. De jeito nenhum — disse o comissário Galuzzi. — Desejo-lhes boa sorte.

— Obrigado — disse Ritt. — O resto dessa estória é conhecido. Os assassinos de Susanne Marvin se entregaram um dia depois do crime à polícia brasileira. As autoridades brasileiras informaram que os dois pertenciam ao grupo de extrema-direita UDR, e que o atentado foi dirigido a Chico Mendes.

— Por que me olha assim? — perguntou Joschka Zinner.

— Porque falo com o senhor — disse Ritt. — Tenho o hábito de olhar para as pessoas com quem falo, senhor Zinner.

— O senhor é louco — disse ele. — Eu não tinha nenhuma idéia desse Chico, ou sei lá como se chama. E se tivesse. *Eu* dei o ponto de partida para esses filmes! *Eu* estou ao lado de pessoas como esse Chico e não do lado de assassinos!

— Senhor Zinner — disse Miriam Goldstein —, sabemos que o senhor produz esses filmes. O senhor me explicou naquele tempo, ao me procurar no hotel em Frankfurt, exatamente quais eram as suas intenções. O senhor Ritt mencionou que o atentado seria a Chico Mendes. Isto normalmente deveria lhe interessar.

— Interessa-me muito — disse Joschka Zinner, falando normalmente. — Mas o senhor Ritt me olhou com tanta insistência. Fiquei contra isso. Porque o senhor procurador tem uma idéia preconcebida sobre mim.

— Não tenho nenhuma idéia sobre o senhor, Joschka Zinner — disse Ritt. — Ainda não...

Junto com as suas últimas palavras soou uma música militar. Miriam Goldstein se levantou. Ela disse, hesitando: — *A Marcha Badenweiler...*

— Como ? — perguntou Ritt.

— Esta é a *Marcha Badenweiler* — repetiu ela com uma voz afônica. — Sempre foi tocada quando Hitler aparecia numa manifestação de massas.

— O que significa isso? — perguntou Ritt.

— São exatamente cinco horas — disse o advogado Nigra.

— E?

— Às cinco horas em ponto acontece diariamente, diante do Palácio Presidencial, local de trabalho do presidente, a troca da guarda, de acordo com o antigo exemplo prussiano. Venham, olhem isso! O Palácio se localiza aqui em frente. — Com isso, o advogado olhou por uma das janelas de sua chancelaria. Os outros o seguiram.

Na grande Plaza Bolívar estava, em pose heróica, o libertador da América do Sul. Ignacio Nigra se revelou um orgulhoso guia turístico: — Por favor! A figura de bronze de Simon Bolívar foi criada pelo escultor italiano Tenerani. — Ainda se ouvia a marcha preferida de Hitler, que estava sendo tocada por uma orquestra militar em frente ao Palácio Presidencial. Atrás de bloqueios, na chuva, as pessoas se empurravam. Turistas levantavam as máquinas fotográficas, ligavam as câmeras, a fim de gravar a troca da guarda. Soldados usavam uniforme de opereta e marchavam em passo de parada, saudavam e apresentavam as armas. — Todas as tardes o trânsito fica caótico por causa da quantidade de gente — disse Nigra. — Realmente, uma praça maravilhosa! A construção pomposa é a catedral daquele lado. O melhor estilo clássico. Sua construção terminou em 1823, exatamente no lugar onde, em 1538, estava a primeira igrejinha do pequeno povoado, da qual surgiu a nossa maravilhosa Bogotá.

A marcha preferida de Hitler continuava a ser tocada.

Ritt pôs a mão no ombro de Miriam Goldstein.

Nigra estava entusiasmado: — Ah, esta catedral estupenda! Os senhores precisam visitá-la! A valiosa capela da Santa Elisabete da Hungria lá dentro! O túmulo do fundador da cidade, Quezada! O túmulo de Gregorio Vasquez de Arce y Ceballos!

— Quem foi esse? — perguntou Joschka Zinner. Soou de verdadeiro interesse.

— O maior pintor da Colômbia — disse o seu primo.

— Ah — disse Zinner.

— Ao lado da catedral, o palácio do cardeal, com suas imensas portas de bronze — continuou o advogado, entusiasmado — e a casa de Manuela Sáenz...

— Quem era essa? — Zinner perguntou, enquanto o advogado já havia continuado a falar.

— ...a calorosa amada de Simon Bolivar, que lhe salvou a vida.

— Como ela... — começou Zinner.

— Ao jogá-lo pela janela. A sua casa é hoje escritório do presidente. Vejam os soldados! Ouçam a música! Uma cerimônia, não é?

Ritt segurou com mais força no ombro de Miriam.

— Um espetáculo estonteante! — Nigra gritou. — Toda tarde, às cinco. Turistas do mundo inteiro. Vejam! Ouçam! Grandioso, não é?

— Por que aquela... jogou Bolivar pela janela? — perguntou Joschka Zinner.

— Ela era casada, meu Deus. Seu marido chegou em casa. O nosso herói nacional estava lá. O que devia fazer? Ele só quebrou as pernas. Uma placa de mármore faz menção, embaixo da janela respectiva, no primeiro andar, do ato de amor. Apesar da ligação pecadora, Manuela Sáenz é desde então uma heroína para o povo colombiano.

— Ali está ele — disse Achille Machado.

— Quem? — perguntou Zinner.

— O americano! — Machado mostrou com a mão.

— Que americano? — perguntou Nigra.

— Meu Deus, o que esteve comigo. O que queria saber tudo sobre Markus Marvin.

— Onde? Onde está ele? — Joschka Zinner se aproximou da janela.

— Ali, ele está correndo... Você não pode vê-lo, Joschka... Ele deve ter olhado para cá o tempo todo... E eu, idiota, mostrei com a

mão. Ele seguramente viu e fugiu...

— O senhor está certo de que era o seu americano? — perguntou o triste comissário Galuzzi, da DAS.

— Absolutamente certo. Posso jurar. Pela minha felicidade eterna, era ele.

A marcha preferida de Adolf Hitler ainda era tocada.

Agora chovia muito. Chovia quase todas as tardes em Bogotá.

## 4

— O mais nocivo de todos os venenos já produzidos pelo homem se chama 2-3-7-8-TCDD. Desde o acidente industrial mundialmente conhecido, em 1976, ele é denominado dioxina-Seveso. Algumas características desse superveneno: é cancerígeno e causador de deformações. Dez mil vezes mais venenoso que ciancali, 60 mil vezes mais causador de deformações que a talidomida... — A voz de Valerie Roth soa do alto-falante.<sup>23</sup>

O monitor da aparelhagem BETA estava no chão do pequeno quarto de pensão. A partir de um gravador eram transmitidas, pelo seu vidro fosco, todas as gravações para uma série seguinte sobre ecologia, a qual Marvin, com a sua equipe, havia acabado de fazer. A pensão se localizava na periferia de uma grande cidade alemã. Bernd Ekland e Katja moravam lá temporariamente, os outros num hotel. O *cameraman*, seu “técnico”, Markus Marvin e Valerie Roth queriam, ainda na noite daquele 13 de setembro, antes de viajar, testar a qualidade das gravações feitas até então.

A tela mostra Valerie, um microfone na mão, diante de uma espécie de árvore genealógica imensa, que consiste em fórmulas químicas muito complicadas. Ela cobre toda uma parede de laboratório.

A voz de Valerie continua: — Através do acidente em Seveso a dioxina 2-3-7-8-TCDD — o que quer dizer tetraclorodibenzo-dioxina

— se tornou mundialmente conhecida, ou melhor, mal-afamada. Mas a TCDD é apenas *um* representante de uma grande família de 75 diversas dioxinas. E depois há um parentesco numeroso e em parte não menos venenoso. São os 135 chamados dibenzofuranos clorados. Então, quando falamos de dioxina, queremos dizer com isso, no total, 210 representantes dessa honrada família, não apenas a liberada em Seveso, 2-3-7-8-TCDD.

A câmera mostra o Ministério do Interior, em Bonn. Além da voz de Marvin: — Ao governo federal em Bonn, mais exatamente falando: ao anteriormente responsável pela proteção do meio ambiente, o ministro do Interior Zimmermann — em 1983, já em 1983! — foi apresentado um “mandado de captura” da família dioxina. É provável que anos mais tarde tivesse havido outros “mandados de captura”, quando havia um ministério e um ministro do Meio Ambiente. Só temos notícias do de 1983, e só chegamos a ele porque um funcionário não deixou esmorecer a preocupação por este mundo. Ele nos enviou uma fotocópia. Pelo grande número de funcionários e colaboradores no ministério fica impossível achar o homem que nos entregou esse material secreto...

— Assim espero — disse Marvin, batendo três vezes na madeira da mesa no quarto da pensão.

— Pode ficar sossegado — disse Valerie. — Philip formulou muito bem. Vocês sabem que nosso homem vem de outro canto.

Na tela, uma grande reportagem.

A voz de Marvin: — Esse documento tem o título: “Relatório Dioxinas” e foi feito na repartição federal em Berlim. O motivo foi a concorrida discussão aberta, na primavera de 1983, sobre o paradeiro de 41 barris de restos que continham dioxina, da fábrica do acidente em Seveso.

A voz de Valerie: — O documento estava nas mãos do ministro já em maio de 1983. Ele tem o número de registro (vê-se na imagem), o algarismo romano um, o arábico quatro, traço 9-0-6-1, barra 61 e o carimbo (a câmera se aproxima): MS.

A voz de Marvin: — MS significa: material secreto. Apenas para utilização interna.

Valerie Roth — ela usava lentes de contato marrons, naquela noite — pediu a Ekland: — Pare aqui! — Ele parou o cassete. — Os textos de Philip estão OK para vocês?

— Totalmente — disse Marvin. — A coisa com as vozes alternadas também. Já está bom assim. Só colocamos provisoriamente a sua e a minha voz. Mais tarde falarão os profissionais... Deixe correr, Bernd!

Este deixou rodar o cassete novamente. Da rua soou a sirene de uma ambulância, ficou bem alta, foi baixando...

A voz de Valerie: — Então vejamos, sobre que segredo dispunha o mais alto ecologista de 1983 sobre a família das dioxinas, já há cinco anos.

A voz de Marvin: — A declaração que mais choca é a de que as dioxinas nesse meio tempo se tornaram ubíquas, quer dizer, onipresentes — também nos nossos alimentos, no nosso ar. E isto o governo federal já sabe há anos!

A voz de Valerie: — No relatório diz-se tranqüilamente: “Nas ubíquas concentrações de TCDD na cadeia de alimentos e no meio ambiente não se deve levar em consideração um perigo para o homem.” E bem alarmante é a seguinte citação: “Cidadãos normais só podem receber dioxinas através de alimentos ou do ar. Dos alimentos deve-se prestar atenção principalmente em carne gordurosa, derivados do leite de vaca, a carne de peixes.”

A voz de Marvin: — Só podemos receber dioxina através de alimentos ou do ar! Isto deve ser uma piada? Como *mais*? Em forma de comprimidos ou como complemento de banho?

A voz de Valerie: — Lemos em outro ponto que peixes de água doce, em determinados lugares, estão de tal forma sobrecarregados de dioxinas, que o consumo regular de apenas 200 gramas por semana ameaça uma pessoa de se tornar cancerosa ou produz, através da lesão do organismo ou do embrião, deformações em

bebês. Repetindo: o consumo de apenas 200 gramas por semana de peixe de água doce, sem levar em conta outras vias de absorção de dioxina, através do ar ou outros alimentos.

De onde vem essa onipresença das dioxinas?, perguntaram os cineastas. Como pôde acontecer que esses materiais extremamente venenosos pudessem se alastrar por todos os lados?

E na sua reportagem, que era transmitida na sua primeira versão no quarto de uma pensãozinha numa grande cidade alemã, eles respondiam à pergunta... — Enquanto toda a Europa parou de respirar, quando políticos e meios de comunicação de massa encenaram uma caça espetacular aos 41 barris de Seveso com ao todo 200 gramas de TCDD, instalações industriais continuaram a produzir calmamente, em praticamente todos os postos de química, mais quantidades desconhecidas de dioxinas. 24 horas por dia. Todos os dias. 52 semanas por ano...

Dioxinas, segundo o filme com sempre novas imagens e depoimentos de especialistas, surgem como produtos secundários, ou seja: 1º, em procedimentos industriais de produção; 2º, em processos térmicos; e 3º, em processos fotoquímicos. Com outras palavras: em toda parte onde se encontram hidrogênios carburados clorados existe o perigo do surgimento de dioxinas.

Em Seveso, por exemplo, foi na produção de hexacloros que ocorreu a catástrofe. Foi aí que se formou muito indesejadamente o terrível produto secundário 2-3-7-8-TCDD. O hexacloro era, naquele tempo, um meio extremamente eficaz e exterminador de bactérias, que se utilizava na produção de sabonetes, batons, talcos, desodorantes, *sprays* íntimos. Hoje já não se faz mais isso.

Contudo: só na Alemanha Federal, anualmente, são produzidos 3,5 milhões de toneladas de hidrogênios carburados clorados; no mundo inteiro, entre 40 e 50 milhões de toneladas. Na atuação de fogo, quer dizer, em toda espécie de incêndios ou em queimada “desapropriada” em instalações de queima de lixo, são liberadas em quantidades imensas não apenas dioxinas já existentes, como



resultam também quantidades de dioxina através de reações químicas de vários materiais entre eles.

“Desapropriada” significa: em temperaturas abaixo de cerca de 1.100° centígrados. Dioxinas são materiais muito resistentes, que saem intactos abaixo dessa temperatura. Somente mais calor os destroem. Muitas instalações de queima de lixo, porém, não alcançam esse grau de calor mais elevado.

— Eu teria um novo título para a série — disse Marvin. — “Um mundo perverso.”

— Eu teria um melhor — disse Valerie Roth. — “O mundo é apenas um sonho do inferno.”

O filme continuava.

A voz de Valerie: — De um estudo americano resultou, já em 1980, que a dioxina, na concentração inimaginavelmente pequena de cinco trilionésimos do peso do alimento, é cancerígena. O citado peixe de água doce acusa um valor cinco vezes maior! Exceto o peixe — já em 1983, a constatada ubiquidade, onipresença de dioxinas, não é um perigo cujas fontes se deveriam parar o mais rapidamente possível? Nenhuma palavra sobre isso no relatório. Para tentar responder a essa pergunta, fomos ao Ministério do Meio Ambiente...

Katja parou o cassete e disse: — Sobre isso ainda não temos nada, precisamos ir lá.

— Tenho uma teoria — disse Marvin. — Vejam só, todos os dias os políticos nos contam que nunca tivemos, por tanto tempo, paz na Europa. Por quê? Por causa das armas nucleares. Por causa da intimidação nuclear. Por causa do equilíbrio do terror. E exatamente assim pensa a indústria química. Lá dizem os chefões: nunca estivemos tão bem. Por quê? Porque o mais importante são as ligações de cloro. Se não as tivéssemos, tudo iria por água abaixo. Tudo terminaria. Paz e bem-estar através de ligações de cloro! — Ele olhou para Katja. — Quando temos o encontro com o ministro do Meio Ambiente?

— No dia 17 de outubro.

— Então vamos filmar pouco antes a entrevista com Braungart em Hamburgo sobre as instalações de queima de lixo e viajaremos agora até os Vitrans e esse especialista em energia solar, em Paris.

## 5

O físico professor Werner Loder trabalhava desde 1942 na estação de testes de mísseis Peenemünde com muitos outros cientistas, sob a chefia de Werner von Braun. Ele construía sistemas de direção. Em 1944 nasceu o seu filho Wolf. Depois da guerra os franceses mandaram chamar o professor Loder e depois os egípcios, porque o presidente Nasser também queria possuir mísseis de qualquer forma. O filho Wolf estudou Física.

Em 1970 Werner Loder foi convidado pelos ex-colegas de Peenemünde, que agora viviam nos Estados Unidos, para uma festa de reencontro na estação espacial de Cabo Canaveral. Ele levou Wolf. Na festa, eles ouviram como alguém citou Werner von Braun com a seguinte frase: — O século XXI não será o século dos vôos espaciais, mas da energia solar.

Esta frase impressionou muito Werner e Wolf Loder, pois eles haviam iniciado há algum tempo, em Binzen, uma pequena cidade na fronteira alemã-suíça, a construção de instalações solares.

À noite, no hotel, Wolf disse: — Não estou realmente falando contra você, pai, você teve de trabalhar em Peenemünde naquele tempo. Mas nunca participarei de desenvolvimentos que podem ser utilizados para a guerra, para a luta de homens contra homens. Se há de se lutar, então seja contra a ameaça da natureza — *pelos* homens. Estamos no caminho certo, pai. Vamos continuar a construir instalações solares!

— Sim, meu filho — disse o pai, naquele tempo.

Na noite de 14 de setembro de 1988, uma quarta-feira, o grande e esbelto físico Dr. Wolf Loder desceu de um ônibus no ponto Place d'Anvers e foi pelo Boulevard Rochechouart até uma transversal esquerda, Rue de Steinkerque. Loder tinha cabelos louro-escuros, um rosto fino e raros olhos azuis brilhantes. Agora ele alcançou o *square* Saint-Pierre, que ficava aos pés de Montmartre e da imponente basílica do Sacré Coeur. Loder foi por um parque íngreme e bonito. À esquerda viu um vagão do funicular, um teleférico que muitos usavam para subir. Algumas vezes ele fixou os olhos, que lembravam os dos profetas do Velho Testamento, levou-os até Paris, embaixo, e sentiu bater o seu coração, como sempre, quando ele olhava aquela cidade, citada por Hemingway como “uma festa”.

Lentamente ele continuou a subir Montmartre, o mais alto monte de Paris. A última rua antes da praça da igreja era velha e estreita e se chamava Rue du Cardinal Dubois. Loder observava cheio de melancolia e amor, pois ele amava Paris, as casas com suas paredes manchadas, as calçadas, às vezes com nem meio metro de largura, e sempre o céu de um azul pálido.

A região lembrava uma pequena cidade adormecida. Duas anciãs conversavam, uma na calçada, a outra se curvava sobre uma janela baixa. Um homem com chinelas, o boné preto na cabeça, levava para passear um cachorrinho. Loder não viu mais gente. Carros estacionavam nos dois lados da rua. O cheiro era dos muitos jantares que estavam sendo preparados, e como sempre, quando vinha até aqui o homem de 44 anos pensava na última frase do livro que Hemingway havia escrito sobre esta cidade: “Assim era a Paris de nossos primeiros anos, quando éramos muito pobres e muito felizes.”

Ele chegou à alta e velha porta de madeira de número 50a e apertou a campainha, como sempre certa, da placa de esmalte partido, há décadas enferrujada. Também mecanicamente, ele deu um passo para trás. O prédio tinha cinco andares. De uma janela do

quarto andar apareceu Gerard Vitran.

— Estou descendo! — ele gritou.

— Tudo bem! — Loder esperou. O homem com o cachorrinho passou por ele e o cumprimentou. Já que o pequeno animal levantou uma perna, ele parou. Ele era um homem muito velho com muitos sinais no rosto e nas mãos magras.

— ' *soir, monsieur*.

Loder também cumprimentou. Ele falava bem francês.

— Bom tempo, não é?

— Muito bom — disse Loder.

— Quente — disse o velho, que olhava interessado como o cachorrinho fazia xixi.

— Quente, sim.

— Mas não muito quente.

— Não, isso não. Não muito quente.

Vai-se poder dormir novamente, graças a Deus!

— Graças a Deus!

— ' *soir, monsieur* — O cachorrinho havia acabado e continuou a levar o seu dono.

— ' *soir, monsieur* — disse Loder. O velho levantou a mão, cumprimentando, e se virou. Distraído, ele disse: — São todos uns criminosos.

— Quem?

— O senhor não ouviu as notícias? Os políticos são uns criminosos. Podem pegar quem o senhor quiser.

— Tem razão, *monsieur*.

— Malditos criminosos — disse o velho para o seu cachorrinho. — Você também sabe, Coco, você também sabe. Espere! Não temos pressa. Todos criminosos. No mundo inteiro.

A decomposta porta do prédio foi aberta. Ela chiava alto. De camisa e calça, Gerard Vitran estava diante de seu amigo Wolf Loder. Eles se abraçaram.

— Wolf, meu querido. Alegro-me tanto!

— E eu também, Gerard. Estar novamente com vocês! Nesta cidade!

— Os outros já chegaram — disse Gerard. — Monique e Isabelle estão na cozinha; o resto, no escritório. Boa gente. Você vai gostar deles. Monique e Isabelle fazem *gigot*.

— Ah — disse Loder.

— Com acompanhamentos e salada.

— Esplêndido!

— Antes tem sopa de tomate.

— Ótimo.

— *Gigot*, porque você gosta tanto de *gigot*.

*Gigot* quer dizer perna de carneiro, mas Wolf Loder sabia que o que o esperava de cozinha de Monique Vitran era uma perna de carneiro totalmente inverossímil, absolutamente fantástica, que merecia um nome aristocrático. Atrás de Gerard, ele subiu os altos degraus de pedra da estreita escada.

Os degraus de pedra, pensou ele. Ela já havia sonhado com eles. Em cada andar havia um pequeno patamar e uma porta de madeira pintada de verde, da qual a tinta saía — provavelmente desde o fim da Primeira Guerra Mundial, pensou Loder. As portas cheiravam como cheiram as velhas livrarias. Também com esse cheiro maravilhoso ele já havia sonhado. No quarto andar havia num quadro pendurado na porta verde: ENERGY SYSTEMS INTERNATIONAL — ESI.

Loder seguiu o seu amigo apartamento adentro. Ele tinha dois andares, era muito grande, com muitos cantos, e por toda parte havia uma desordem imensa. Revistas e livros faziam montanhas nos estreitos corredores. Todas as paredes estavam cobertas de estantes tortas cheias de livros, documentos e pastas. As tábuas do chão suspiravam e gemiam a cada passo. No seu escritório, Gerard apresentou os outros: Markus Marvin, Philip Gilles, Bernd Ekland e Katja Raal. Eles estavam entre grandes mesas, sobre as quais também se amontoavam ameaçadoramente livros e cadernos, jornais

e revistas, entre uma velhíssima máquina fotocopadora, que ainda produzia cópias úmidas, e uma máquina de escrever elétrica, vários terminais de computadores e maços empilhados de fichas de arquivo. Sobre uma mesinha havia um *fax* barato, o carrinho ao lado apresentava, em três andares, muitas garrafas. Loder viu novamente duas velhas cadeiras de balanço e também um boneco. Ele tinha tamanho natural, vestia um *smoking* (rasgado, sujo) e estava de costas para quem entrava. Via-se que ele tinha um cigarro na mão. Se o virar de sua cadeira, ele mostra o rosto de um afogado. Loder pousou a mão no ombro do boneco. Daria sorte, havia explicado Monique na sua primeira visita. Ela o explicava a todo visitante, e todo visitante pousava uma mão no ombro do afogado, o qual Monique havia achado anos atrás numa feira de tralhas. Atrás do boneco vinha a luz através de uma janela inclinada, como num atelier de pintura. Também com ela Loder já havia sonhado. Agora ele não fazia caso das igrejas e palácios, hospitais e a Torre Eiffel, das milhares de casas e tetos da cidade. Um copo de Ricard (leitoso, porque misturado com muita água) na mão, ele pensou que estava novamente feliz, muito feliz, de volta a Paris e a seus bons amigos Monique e Gerard Vitran.

Silenciosos, eles tomaram a sopa. Só depois começou uma conversa. Monique e Isabelle andavam para lá e para cá, carregavam panelas, traziam novos pratos. Gerard repartiu a perna de carneiro. Agora todos comiam numa longa mesa na cozinha, o maior espaço da casa. Ela se localizava embaixo do sótão, precisava-se subir uma escada de caracol. Muitos ladrilhos do solo haviam saído. Na parede do forno estavam penduradas frigideiras, colherões e panelas. Entre elas havia molhos de alho, pimentões e espigas de milho. Nesta mesa nenhuma cadeira era igual à outra. Havia bancos rústicos, brancos, e poltronas com braços e espaldar de um veludo vermelho, empalidecido. Uma toalha de xadrez vermelha e branca cobria a

mesa. Também daqui se podia ver Paris de uma janela grande. Estava quente. Eles haviam aberto uma parte da janela. Os homens vestiam camisas; as mulheres, vestidos leves. Eles comeram durante quase uma hora, até chegar ao prato de queijos. As duas mulheres receberam os cumprimentos pelo *gigot* a saborosa salada e o maravilhoso vinho, o qual Monique havia comprado por tão bom preço. Muitas garrafas dele ainda estavam no porão, disse ela. Loder elogiou o pão branco bem torradinho que se chamava *bâtard* — bastardo — grande e largo, não estreito. Estes são chamados *baguette* ou *flûte*, como sabia Loder. Gilles olhou sorridente para Isabelle, que estava suada de tanto servir, e ela retribuiu o seu sorriso, enquanto Katja cortava para Bernd a carne em pequenos pedaços, mas muito discretamente, sem ninguém perceber. Já há alguns dias Ekland não podia cortar nada, nem mesmo um pãozinho. Katja olhava para ele. Ela iria apoiá-lo. Nunca mais ele poderia levantar uma BETA sozinho. E assim eles estavam à mesa e comiam e bebiam, e cada um tinha a impressão de conhecer os outros há muitos, muitos anos e de estarem ligados um ao outro através da confiança e da simpatia.

Foi enquanto comiam queijo que começou a conversa — em inglês, pois todos falavam essa língua. Naturalmente que Monique e Gerard Vitran sabiam do que Loder falava, mas os outros deveriam ter uma idéia do assunto, que seria o próximo da série.

— Então, energia solar! — disse o jovem alemão com o rosto fino, cujo pai ainda havia construído instalações de direção para a V-1 e a V-2 dos nazistas. — A energia solar que chega à Terra poderia teoricamente cobrir 15 mil vezes a necessidade humana em energia primária. De fato, *toda* a energia utilizada pelo homem é energia solar transformada: o vento e a água, petróleo, carvão, lenha. Só que a humanidade gasta atualmente, por ano, tanto carvão e petróleo, quanto se juntou energia solar em cada 100 mil anos de história da

Terra. Os presentes fósseis dos tempos remotos estarão por isso rapidamente consumidos, o petróleo já daqui a 30 anos. Já era tempo, pois, assim deveria se pensar, de se virar com a constância do sol, saber aproveitar a energia solar e utilizar a força do sol — dia e noite. Antes que isso aconteça, a humanidade precisa baixar radicalmente o seu consumo de energia. Este é o problema que ocupa Monique e Gerard. Com isso é que tudo começa, se queremos ter um futuro. Isto você precisa salientar — Loder olhou para Marvin. Este balançou a cabeça. Todos sabiam do que lhe ocorrera, mas ele pediu para que ninguém dissesse uma palavra sequer de condolências.

— Ainda falaremos de *nosso* trabalho, Wolf — disse Monique.  
— Hoje é a *sua* vez. Qual o queijo?

— Camembert e Roquefort e este de cabra — disse ele. — Eu como demais, mas e daí? Monique, Isabelle, eu amo vocês!

— Nós também, doce *boche* — disse Monique.

— Como se pode então colher, armazenar, transmitir energia solar racionalmente? — Loder falou, de boca cheia. — Desculpem. — Ele mastigou e engoliu. — Como se pode condensá-la, deixá-la disponível em toda parte, em dias de chuva, de noite, sob a Terra? Então, como? De preferência através da transformação numa forma de energia armazenável e bem transportável — num gás, em hidrogênio, o portador ideal e secundário de energia.

Bem lentamente o sol baixava sobre a grande cidade. Milhões de janelas começaram a ficar douradas, mais e mais forte.

— E como surge da energia solar a energia de hidrogênio? — perguntou Ekland.

— Há vários sistemas — disse Loder. — Muitos já funcionam muito bem. Em Binzen, desenvolvem algo bem especial. O problema em todos os sistemas é que eles só funcionam durante o tempo em que há sol, não é? Quando chove ou é noite é o fim. Nosso sistema funciona dia e noite! Com sol e sem sol. É uma invenção, vocês deveriam ir até lá! Serão os primeiros a poder filmá-la. Hidrogênio —



disse ele, sonhando. — Se tudo der certo, o elemento volátil dará a todo um século o seu nome. Não foi à toa que Ludwig Bölkow disse: “O século XXI será a época do hidrogênio solar. Se não for, então boa noite, Terra!”

— Hidrogênio — disse Gerard Vitran —, esse é o elemento mais comum no universo. Um quilo de hidrogênio libera na sua queima 33 quilowatts/hora de energia, três vezes mais que a gasolina! Do hidrogênio pode-se produzir, sem muito esforço, força, calor e luz. Depois disso fez-se um longo silêncio na grande sala, e todos olhavam da janela aquela “festa”, essa cidade maravilhosa que é Paris, que parecia arder na luz do sol que se punha.

— Na maioria das vezes — disse finalmente Wolf Loder — são os homens velhos que olham para o futuro. A vida distante, que para eles é inalcançável, parece fascinar esses homens. Talvez eles queiram remediar o que em anos passados fizeram aos seus semelhantes e à Terra. Alguns poderiam viver maravilhosamente dos juros de suas posses, mas ao invés disso eles anunciam o novo tempo. Meu pai está toda manhã, antes das sete, em nossa oficina em Binzen.

— Carl Friedrich von Weizsaecker — disse Marvin —, o irmão do presidente da República, tem 76 anos de idade, um físico atômico e filósofo, quer o sol “como a fonte principal de energia do próximo século”. E Robert Jungk, 75 anos, escreve: “A chegada da era do sol é a questão vital para o futuro do homem.”

— De fato, não temos mais tempo — disse Loder. — O carvão precisou de 100 anos para reprimir a lenha. O avanço do óleo durou 30 anos — e algo assim como o óleo nunca haverá novamente na história da humanidade. Há dez anos que a energia nuclear aperta o mercado alemão. O resultado: dez por cento da energia primária, mais ou menos 30% da necessidade de energia são cobertos pelas usinas nucleares. A indústria pode tudo. Os homens só devem querer.

— E eles não querem? — Katja perguntou.

— Os homens, sim — disse Loder. — A União é que não.

— Quem é a União? — perguntou Ekland.

— Na Alemanha é um dos grupos mais poderosos da economia.

Uma junção de oito companhias de energia. São imensamente ricos, fortes e influentes. Vou lhe contar mais sobre esse clã-megawatt. Apesar dele, conseguiremos. Só precisamos ser mais rápidos, muito rápidos! Energia solar significa: paz entre os homens e a Mãe-Terra, pois a natureza não será mais globalmente destruída e envenenada. Significa: paz no país, pois a energia solar não precisa nem da polícia nem de protetores do Estado. E significa: paz entre as gerações, da nossa e daqueles que vêm depois de nós.

— O pesquisador solar Dahlberg — disse Vitran — tem razão quando diz que a energia solar e o hidrogênio iriam preencher aquilo que a energia nuclear prometeu e não cumpriu.

— Temos nossos modelos — disse Loder. — Outros têm outros. Precisamos de vários — para várias regiões e formas de utilização. O que nos falta é dinheiro. Não temos dinheiro suficiente. Recebemos algum para a pesquisa, mas quando queremos ir à produção, começam as dificuldades. O fato de *pequenas* fábricas também conseguirem as condições para a era da energia solar, de que nossas invenções substituem usinas nucleares, parece ser insuportável para o clã-megawatt em nosso país, para os vagabundos\*, para os todopoderosos do abastecimento de energia. A União tem milhões e milhões. A União naturalmente também se interessa pela energia solar. Naturalmente os vagabundos têm os seus modelos na gaveta. Tanto dinheiro, inteligência, entusiasmo foram investidos na energia nuclear — *ainda* dá certo com ela. Por que se deveria desistir, enquanto der certo? Uma hora *não* dará mais certo, ótimo. Mas então o clã-megawatt, os vagabundos, deverão ter o completo monopólio sobre a energia solar — como agora sobre a energia nuclear e todas as outras formas de energia. Pois eles querem continuar a ganhar, como até agora. E também mandar, o que

---

\* A palavra vagabundo em alemão é “Stromer”, derivada de “Strom” (= “energia”). (N. da T.)

acontece. E fazer todos dependentes deles, como até agora. Os vagabundos! Ninguém mais... O desenvolvimento do motor a diesel da VW custou dois bilhões de marcos — não, por exemplo, a invenção do agregado. As oito grandes companhias de energia alemãs gastaram até agora, anualmente, mais de 12 bilhões de marcos com a reaparelhagem de suas usinas. Nós, que preparamos a energia solar, precisamos lutar por cada nota de mil marcos. Os vagabundos, ao contrário, têm bilhões para a reaparelhagem das usinas e outros bilhões para os projetos de energia solar — eles recebem o seu dinheiro através de descontos automáticos nas contas de luz de cada um.

Katja balançou a cabeça. — Esses grandes simplesmente podem fazer *tudo*? Determinar *tudo*?

— Sim, senhora Raal!

— Como? Como isso é possível?

— Através de Adolf Hitler — disse Loder. — Em 1935, quando já preparava a guerra, ele passou ao presidente do banco imperial, Hjalmar Schacht, a tarefa de cuidar para que a indústria armamentista sempre e a toda hora pudesse pôr à disposição bastante energia, dia e noite, mês a mês, ano a ano. E então, Schacht tinha os seus amigos na indústria, não é? Seus bons amigos se alegraram muito quando então Schacht criou, em 1935, a “Lei do Armamento de Abastecimento Alemão de Energia”. Os vagabundos podiam — não, a partir de então eles tinham o dever — produzir energia, energia, energia. Em quantidades gigantescas. Para a guerra. Perdemos a guerra em 1945. Hitler se matou. Mas a lei de 1935, a lei que dava aos grandes o direito de produzir e vender energia tanto quanto eles quiserem, essa lei é até hoje, na sua estrutura, válida!

— Não! — disse Katja.

— Sim — disse Loder. — Em todos os estados da Federação, ainda em 1988, a lei nazista de 1935 é a norma. A União, a junção de oito grandes monopólios de energia, sugere que seja produzida

tanta energia quanto ela custa, ainda hoje! Ninguém ousa fazer algo contra isso. Ninguém impede que as oito da União paguem eventuais perdas com o dinheiro de seus clientes, ou seja, os contribuintes, e fiquem com todos os lucros. O que as pessoas, que precisam de energia, devem fazer? Tão logo elas liguem o interruptor, tão logo usem uma tomada, elas dependem da União. Essa ditadura da energia representa um fenômeno único no mundo ocidental.

— Mas isso é um escândalo! — gritou Katja.

— Não, senhora Raal — disse Loder. — Isso não é um escândalo. Isso é a compreensão alemã do direito.

Logo depois, Bernd gemeu.

— O que foi? — Katja olhou para ele, espantada. — Dores?

Ele afirmou e apertou os lábios.

Katja disse aos outros: — Ele deu um mau jeito com a BETA, sabem? Há uns dias. E desde então... Dói muito, Bernd? — Ele confirmou. — Devemos chamar o médico de plantão?

— Não — disse Ekland. — De jeito nenhum. É só o calor. Por isso dói tanto. Não quero atrapalhar a noite. Tudo está maravilhoso, a comida, os amigos, realmente, agradeço por tudo — e por favor, ninguém fique com raiva se eu for embora agora. Preciso simplesmente me deitar.

— Mas é claro — disse Monique Vitran. — Por que não disse antes? Espere, vou chamar um táxi imediatamente!

Dez minutos depois Bernd e Katja estavam num pequeno Citroën, a caminho de uma pequena pensão, perto da Gare de l'Est. O critério parisiense da televisão de Frankfurt havia reservado um hotel para colaboradores e visitantes. Marvin, Isabelle e Gilles estavam hospedados lá. A mania de Ekland eram pensões pequenas e velhas — para onde ele sempre ia. Lá ele se sentia bem. E naturalmente Katja sempre poderia ir aonde ele estava.

No táxi, Ekland disse: — Não é nada grave.

— O que não é nada grave?

— Meu braço. Só queria ir embora, entende?

— Não digo nada. O que estava ruim? Estava muito interessante.

— Por isso mesmo — disse Ekland.

— Por isso mesmo o quê?

— Ah — disse o motorista, um mais velho, em alemão. — São alemães?

— Sim — disse Ekland. — E aí?

— E aí eu amo a Alemanha — disse o motorista de táxi. — É um país maravilhoso. Passei lá os melhores anos de minha vida.

— É verdade? — Ekland perguntou.

— É verdade. — O carro derrapou e fez um barulho. — Foi um gato.

— O que foi um gato?

— O que atropelei. Nesta região eles existem aos bandos, à noite. Não tenho nada contra gatos. Realmente, não. Aquele veio correndo em minha direção. Veio direto da transa. Perdão, senhorita.

— Como é que o senhor sabe? — Katja perguntou.

— Ou então corria para lá. Uma verdadeira loucura aqui, perto da estação. Toda noite. Podem perguntar a todos os colegas. Gare de l'Est. Famosa por isso. Ah, Alemanha! Era um sonho.

— Quando? — Katja perguntou.

De fato, havia muitos gatos na rua.

De 1940 até 45. Prisioneiro de guerra. Uma fazenda em Schwarzwald. Villingen. Conhecem Villingen? Também um sonho! E as moças! As moças mais bonitas que eu... Pois é, e Gertrude veio comigo, para Paris. Nesse meio-tempo, envelhecemos. Nossos filhos cresceram e saíram de casa. Mas eu, eu ainda tenho o meu sonho. Villingen. O lugar mais bonito do mundo. No próximo ano paro de trabalhar, então vamos...

— Para Villingen — disse Katja.

— Para Villingen — disse o motorista de táxi. — E ficamos lá

Por todo o crepúsculo da vida. E quando ela chegar, queremos ser enterrados lá. A senhora ainda não viu um cemitério como aquele Simplesmente maravilhoso. Meu Deus, serei feliz quando sair de Paris! Mal posso esperar. Chegamos, senhores. Falo muito, eu sei Sim, sim. Não contradigam! Digo disparates em cima de disparates. Diz sempre Gertrude. Custa... oh, muito obrigado, *monsieur*! E divirta-se! Perdão. Aqui ainda se vai ficar louco. Olhe só os gatos...

— E então, o que está acontecendo? — perguntou Katja, quando entraram no quarto dela, na pensão. Era pequeno, mas decorado com bonitos móveis, como em toda casa. Ekland gostava tanto dessa maneira de hospedagem quanto detestava a afetação aristocrática nos hotéis de cinco estrelas e se hospedar com pessoas que o rodeiam o dia inteiro, no trabalho. Desta vez ele só havia achado um quarto nesta pensão, onde se podia ouvir os trens passarem e todo o barulho da estação. Isto lhe era tão indiferente quanto o fato de que os quartos tivessem paredes finas. Ao lado, soava justamente a voz de um homem.

— Pois é — disse Ekland —, era tão interessante o que estava sendo contado. Sobre a lei nazista, que até hoje vale, não é?

— Sim, e daí?

— Tudo é tão interessante — disse ele. — Desde o começo. Que os próprios seguranças tivessem fuzilado a filha de Marvin. E Chico Mendes tivesse escapado do atentado por um triz. Que Bolling fugisse sem deixar pistas. Que na nossa equipe ninguém confie em ninguém, provavelmente com razão. E agora também a lei nazista! Escute, Katja, precisamos sair dessa! Toda essa estória é mais que suja. Você mesma viu em Altamira, quando Bolling telefonou para aquele Joschka Zinner. Tudo isso fede, estou-lhe dizendo. Você e eu não temos nada a ver com isso. Quero a minha paz. E a sua. Você é curiosa demais.

— Isto não é verdade! Entrei nessa por puro acaso.

— Não importa. Mas agora você precisa sair dessa, e muito rapidamente. Fazemos o nosso trabalho. Quanto mais cedo terminarmos, tanto melhor. Essa é uma estória mais que suja. Acredite em mim. Tenho um faro pra essas coisas. Você sabe disso. Nunca o meu faro foi tão bom quanto agora. Não quero morrer, como a pobre Susanne. E a você nada pode acontecer. Pelo fato de eles ainda começarem com essa lei nazista que ainda hoje é válida na Alemanha naquela Alemanha que o motorista de táxi tanto ama, eu disse que queria ir embora, entende? Não devemos saber de nada! Só assim nos livramos disso. Só assim ficamos de fora. E juntos.

— Ah, Bernd! — Ela começou a chorar.

— O que é agora? Por que você está chorando?

— Porque você disse que ficamos juntos. Você realmente quer isso? — É claro que quero — Ele se deixou cair na cama. As molas chiaram. Uma locomotiva passou. Ouviam-se muitas rodas rolarem. — Agora pare com isso! Pegue um lenço! — Eu... eu não... tenho nenhum.

— Pegue o meu.

Ela limpou o nariz. — Obrigada, Bernd. Faço tudo o que você quiser. Você tem razão. Se acontecer alguma coisa com você...

— Ou com você.

— Comigo não é tão grave. Mas com você. Então fico sozinha.

— E se acontecer alguma coisa com você, sou eu que fico.

— Ah, Bernd, mas a minha acne repulsiva.

— Katja! Gosto de você *com* a sua acne. Você sabe disso! Mas preste atenção: alguém me contou que em Hamburgo há um professor que acaba com a pior acne do mundo. Iremos até lá, quando acabarmos esse trabalho.

— Mas eu estive em toda parte! Ninguém cura a minha acne.

— Esse, sim! Trabalha com raios X.

— Já os tive há muito tempo.

— Mas não os bem suaves, de ondas longas — disse ele. — Entre dez e 12 vezes, cada uma três minutos, e você tem uma pele

como Ornella Muti.

— Bernd... Bernd... Não fique zangado, por favor... Vou chorar novamente.

— Pode chorar — disse ele. — Ninguém está vendo.

— Meu Deus, meu Deus — disse Katja, sufocada.

— O quê, meu Deus, meu Deus?

— Sabe, hoje estive na igreja perto da estação, Bernd.

— Diabos — disse ele. — Na igreja? O que você foi fazer lá?

— Primeiro comprei dez velas...

— Ah, escute, você está jogando dinheiro fora!

— ...e as coloquei naquele cavalete, e então rezei para que hoje ainda acontecesse alguma coisa boa. E pedi ao bom Deus para que ele me desse um sinal.

— Que sinal?

— Se depois da oração eu acendesse todas as dez velas com *um* fósforo, então aconteceria algo de bom. Ainda hoje. E acendi todas as dez velas com um fósforo.

— Todas as dez? Caramba!

— Sim, e você vê, foi realmente um sinal. Pois agora você vem com esse professor e os seus raios X bem suaves, de ondas longas. Por favor! A coisa bonita, ainda hoje à noite!

Através da parede ouviu-se a voz do homem, de repente alta e bem compreensível. Ele falava inglês.

— Americano — disse Ekland.

— Minhas coisas são de primeira classe, *mister* Mason — disse o americano.

Uma segunda voz respondeu, também em inglês: — Suas coisas são uma merda, *mister* Burkett.

— É assim que gostamos — disse o primeiro americano. — Se eu fosse judeu ou um veado ou um esquerdista, então tudo já estaria feito, homem. Então eu já estaria dentro.

— Ontem um escritor negro esteve aqui — disse o segundo americano. — Disse a mim: Se eu tivesse uma pele branca, hoje eu



estaria milionário.

— Ótimo — disse o primeiro americano —, e o que há com os veados?

— Há veados que escrevem muito bem — disse o segundo americano.

— Por exemplo Genet, não é? — disse o primeiro.

— Por exemplo Genet — disse o segundo.

— Oh, Deus — disse Katja. — O que há com os dois?

— Calma — disse Ekland. — Tudo em ordem. Eles lêem uma estória de Bukowski. Com papéis divididos.

— Uma estória de quem?

— Então devo me transferir talvez pras chupações? — disse o primeiro americano, através da parede.

— Charles Bukowski. Você não conhece, Katja?

— Não.

— Mas precisa! Um escritor fantástico. Tenho tudo dele. Preciso lhe dar. Isso que eles lêem é uma estória que se chama “Todo grande escritor”. Minha estória preferida. Ah, mas só tenho estórias preferidas com Bukowski! Uma melhor que a outra. Simplesmente esplêndido, o homem!

— Agora só devo escrever sobre chupações, é? — disse o primeiro americano.

— Não disse isso — disse o segundo americano.

— Oh Deus, oh Deus, por que lêem isso com papéis divididos?

— Não sei — disse Ekland. — Bêbados. Loucos. Os dois. Todos somos loucos. Simplesmente grandioso, esse Bukowski.

— Escute aqui, *mister* Burkett — leu o segundo americano. — Aqui somos uma empresa. Se fôssemos publicar todo autor que se ajoelha diante de nós, porque sua coisa é pretensamente muito boa, não estaríamos aqui por muito tempo. Precisamos peneirar um pouco. E se nos enganamos com muita frequência, estamos fritos. Simples. Publicamos bons autores que trazem lucro, e publicamos maus autores, que trazem lucro. Queremos *vender*.

— Escute aqui, o senhor imprime Bukowski — disse o primeiro americano. — E ele faliu. O senhor sabe muito bem.

— Ótimo — disse o segundo —, então ele faliu.

— Ele escreve merda — disse o primeiro.

— Se se pode dar lucro com merda — disse o segundo —, então também vendemos merda.

Depois os dois homens riram. Ekland também riu.

— Escute, Bernd — disse Katja, enquanto a leitura ao lado continuava —, eu lhe prometo ficar de fora. De tudo. Faço o que você diz. Tudo. Mas você também precisa fazer o que *eu* digo.

— Por exemplo? — perguntou Ekland, que tentava escutar Katja e ao mesmo tempo os dois americanos, que continuavam a ler Bukowski com papéis divididos.

— Por exemplo, começar com a cortisona.

— O quê?

— Três injeções de cortisona por semana — disse ela. — Como antigamente. Ou quatro. Eu as aplico para você. Ainda tenho um estoque. O médico que disse para parar com a cortisona é um idiota. Até então estava ótimo. Sem cortisona está cada vez pior. Hoje à noite cortei a carne pra você. Se você precisasse filmar amanhã, não poderia. Por sorte temos uns dias livres, até que eles se esclareçam sobre a energia solar. Começamos ainda hoje com as injeções. Por favor, Bernd! Senão, tudo está perdido.

— Não quero mais cortisona.

— Também não, quando tudo estiver perdido?

— Também não. Ah, pombas! OK, vamos tentar! Talvez melhore.

Ela foi, feliz, até um armário velho e trouxe uma caixa de metal cromado.

— Ah, Bernd, como estou feliz por você permitir que eu aplique! Você vai ver, vai ajudar logo. — Ele tinha posto a caixa numa mesa que balançava e a abriu. Então ela pegou uma ampola e cortou a ponta com uma pequena lima. — Tire a camisa. — Agora ela

segurava uma seringa e a encheu com o conteúdo da ampola. Então ela deixou a seringa sobre uma gaze e limpou um pedaço do corpo de Ekland, no ombro direito, com algodão e álcool.

— Relaxar os músculos! Agora.

Ela furou o seu braço. Ele se comprimiu um pouco. Lentamente Katja premia o êmbolo da seringa.

— Cristo, se as dores forem embora, então o Senhor me trouxe duas coisas boas de uma só vez, minhas dez velas — disse ela baixinho.

— Sim — disse Ekland —, cinco para a sua acne, cinco para o meu ombro.

Da Gare de l'Est soou uma voz rouca de alto-falante, e novamente se ouviu o apito de uma locomotiva e sempre o rolar das rodas. E ao lado, a voz do primeiro americano: — Escute essa, Jack! Essa me derruba.

— Leia logo! — disse o segundo americano.

E o primeiro leu: — Um tumulto para toda a desgraça, com os dizeres, HUMANIDADE, DESDE O INÍCIO VOCÊ NÃO TINHA COMO FAZÊ-LO.

## 6

— Simplesmente não conseguirei sem ele — disse Adolf Hitler em 22 de abril de 1942, no almoço. — Ele não tem vergonha e é arrogante. Ousa me escrever cartas com o tratamento “Muito honrado senhor Hitler”, e tem a petulância de assinar com “heil Hitler” ou pelo menos com “saudações alemãs”, mas, eu lhe juro, é a pura verdade, esse rapaz se permite o seguinte, sempre: “Com os melhores votos, seu dedicado Schacht!” Sim, mas, por exemplo, ele entendeu imediatamente que, sem as contribuições em bilhões, toda tentativa da indústria armamentista alemã será ridícula! Ele não pestanejou quando lhe declarei precisar de oito bilhões para a

primeira etapa do armamento e além disso pelo menos 12 bilhões. Ele é uma pessoa muito inteligente e por isso é simplesmente indispensável.

Isabelle pôs sobre a mesa o livro *Conversas à mesa*, de Hitler, de onde ela havia traduzido. O livro era da biblioteca de Gerard. Eles ainda estavam sentados na grande cozinha no andar mais alto do velho prédio na estreita Rue du Cardinal Dubois. Agora era noite. Através da grande janela viam-se milhões de luzes da cidade. Isabelle foi ao fogão, no qual Monique trabalhava.

— Horace Greely Hjalmar Schacht — disse o esbelto e grande especialista em energia solar Loder, se dirigindo a Gilles, em alemão — nasceu em 1877 e morreu em 1970. Que vida! Em 1916 era diretor do Banco Nacional, que ele, em 1922, uniu ao Banco de Darmstadt. Em 1923, conseguiu, com um truque genial, parar com a inflação galopante na Alemanha.

Ele ouve Loder, mas não o vê — disse Monique a Isabelle. As duas preparavam café. — Ele só olha para você.

— Hum.

— Sem parar.

— Hum.

— Agrada-me. As xícaras estão à direita no armário. Agrada-me muito. Sujeito inteligente. Um bonito rosto.

— Hum.

— Parece muito simpático. Quantos anos tem?

— E o leite?

— Na geladeira. Ama você. Nota-se imediatamente.

— Hum.

— Ah, não faça isso! Você também o ama!

— Onde está o açúcar?

— De 1924 a 1939 ele foi presidente do Banco Imperial — disse Loder. — De 1934 a 1937, ao mesmo tempo, ministro da Economia. Outros truques geniais para a obtenção de divisas para os nazistas. Financiou para Hitler, a quem desprezava, a Segunda Guerra.

Sempre foi fiel aos seus amigos da indústria. Trouxe uma linha atrás de Hitler. Para a indústria, Schacht parece ter dito, pode em princípio ser indiferente quem acredita ter o verdadeiro poder — capacetes de aço ou chapéus altos. Mas é uma questão de tato expressar simpatia por um lado.

Gilles riu.

— Parece ainda mais novo quando ri — disse Monique ao fogão, baixinho, para Isabelle. — Vocês dois riem muito um com o outro, não é?

— Hum.

— Quando Schacht, mais tarde, tentou impedir a ameaçadora inflação através de outros créditos para a guerra, Hitler não entrou no jogo — disse Loder. — Schacht, depois disso, se pôs contra ele. Hitler mandou Schacht em 1944 para um campo de concentração. Por conta da “posição oposicionista” o banqueiro foi então absolvido no Processo de Nuremberg. Absolvido! A partir de 1953 ele foi coproprietário de um banco de Düsseldorf. Pois bem! Mas de qualquer forma, no dia 13 de dezembro Hitler assinou a fantasticamente sutil lei da energia de Schacht. Seu criador foi tão feliz quando a inventou, que ela sobreviveu à guerra, à capitulação, à reconstrução, ao milagre econômico e à destruição das florestas.

— Isabelle, *chérie!* — Vitran gritou.

— Sim?

— Deixe Monique fazer o café sozinha. Venha cá e traduza para mim! Só entendo uma em dez palavras. Venha logo!

Ela se sentou ao lado de Gilles. Ele sorriu. Ela também.

— Por favor, continue! — Vitran disse. — Os nazistas, *monsieur* Gilles, no começo não gostaram dessa lei, que praticamente passou às companhias de energia todo o poder. Entendi mais ou menos o que *Monsieur* Loder contou. Os nazistas, no início, queriam destruir essas companhias, mas não tinham chance alguma contra um homem como Schacht. E Hitler nunca entendeu que foi enganado, que Schacht criou essa lei para os seus amigos da indústria — dessa

vez a indústria da eletricidade. Schacht era astuto para encaixar no parágrafo três ou quatro, aparentemente, algo como um controle do Estado sobre a energia. — Vitran abriu um outro livro e deu-o para Isabelle. Seu título era *O estado da energia* e seu autor era Günter Karweina.<sup>24</sup>

— Leia o preâmbulo, Isabelle *chérie* — disse Vitran.

Isabelle traduziu: — “Essa lei foi deliberada para dirigir conjuntamente a energia como base importante da vida social e econômica na cooperação de todas as forças participantes da economia e das entidades públicas da região e, no interesse do bem-estar comum, incorporar economicamente as formas de energia, assegurar a necessária influência pública em todas as questões do abastecimento de energia, impedir efeitos prejudiciais da concorrência na economia popular, promover um equilíbrio prático através da economia de união e transformar, com tudo isto, o abastecimento de energia tão seguro e barato quanto possível.” Que frase!

Gilles a olhou, com simpatia.

— Isto — disse ela —, escreve o autor Günter Kaweina, é uma, aspas, “coleção de declarações de intenções descontínuas e formulações de muitas interpretações e imprecisas”. Mas justamente por isso a indicação ao preâmbulo da lei de energia é *hoje* o ponto crucial em toda discussão com reformistas e alternativos: independente do que eles propõem — para as companhias ela não é suficientemente segura e barata e de forma alguma “tão segura e barata quanto possível”... O fato de a economia de energia alemã ter sido subordinada a uma tal fiscalização do ministro da Economia, era na verdade o que havia de novo nessa lei. Todas as tentativas anteriores de uma regulamentação comum ao império fracassaram no protesto dos estados da federação. Uma importância decisiva naturalmente era *como* esse controle do Estado deveria funcionar.

No parágrafo três está escrito que o ministro da Economia não poderia exigir dos empreendimentos de abastecimento de eletricidade

toda informação sobre a sua situação técnica e econômica, tanto quanto exija o sentido dessa lei. De acordo com o parágrafo quatro, os empreendimentos estão obrigados a comunicar seus planos ao ministério antes da construção de usinas, sua reconstrução, extensão ou paralisação, o qual pode aceitar, reparar ou proibir a sua pretensão, quando assim exigem motivos do bem-estar comum.

— Mas isto significa... — começou Gilles.

— Espere! — Isabelle disse. — “O dever de informação do parágrafo três”, assim escreve Karweina, “ligado à fiscalização de investimentos segundo o parágrafo quatro, oferecia ao Estado, em ações conseqüentes, a possibilidade de intervir no desenvolvimento do abastecimento alemão de energia”. Mas justamente isto Schacht queria impedir. Na “Justificativa Oficial da Lei” consta que “a lei parte do princípio de que os empreendimentos da energia são destinados eles *próprios*, em primeira linha, a solucionar eles *mesmos* as tarefas”.

— Esse genial Schacht! — Vitran gritou.

— “O ministro da Economia” — traduziu Isabelle — “a princípio quer se limitar a só intervir onde a própria economia não é capaz de realizar a tarefa posta à prova”. Por este motivo, a paralisação e a construção de instalações de energia não eram passíveis de autorização, mas somente sujeitas ao direito de proibição. A preparação das medidas exigidas deve ser feita, tanto quanto possível, pela própria economia. “Seguindo o espírito e o texto dessa explicação”, escreve Karweina, “Schacht transferiu a competência dos parágrafos três e quatro ao grupo da economia de energia...”

— E nele estavam somente pessoas da União — disse Vitran. — Com outras palavras: todo o chamado controle estava com os representantes da indústria de energia!

— Karweina escreve exatamente isto — disse Isabelle. — Assinaram essa lei, aliás, ao lado do *Führer* e do chanceler e o chefe da repartição para economia e interior, também o ministro e o comandante-em-chefe do exército. Tratava-se, finalmente, do

desarmamento do abastecimento alemão de energia.

— Café! — gritou Monique. — Bom e forte café, senhoras e senhores! — Ela chegou à mesa com uma grande bandeja. Isabelle se levantou para ajudá-la a dividir as xícaras. Vitran pegou uma garrafa de conhaque e copos grandes.

Quando todos novamente estavam sentados, Gilles disse baixinho a Isabelle: — O homem no meu livro, o homem o qual preparamos, estaria muito orgulhoso da jovem mulher, a qual preparamos e que ele ama. Ela é inteligente, traduz muito soberanamente e permanece muito excitante, cheia de graça e charme — infelizmente é só com o seu trabalho que fica totalmente livre e desimpedida.

— Philip! Trata-se do monopólio de energia!

— Sempre me distrai a energia que emana de minha mulher do romance.

— Pare imediatamente!

— Nenhuma prova hoje?

— Além disso — cochichou ela —, a situação é, em todos os sentidos, muito séria.

— A União — disse Loder, e Isabelle traduziu — havia vencido Hitler em 100%, como antes Weimar e antes ainda o imperador. Então houve o paraíso na Terra. Até 1939 a União tinha como meta um aumento de energia de mais de 163%. Vocês podem imaginar o que já, naquele tempo, se ganhou.

Gilles perguntou: — Como surgiu essa União?

— Havia dois outros homens geniais — disse Loder. — Um se chamava Hugo Stinnes. Como jovem empresário e proprietário de minas, ele ouviu em 1898 que em Essen deveria ser construída uma usina de eletricidade. Ele se informou rapidamente e anunciou aos seus colaboradores: “Pode-se vender carvão também através de telégrafo.”

— Era assim — disse Vitran — que o Stinnes, de 28 anos, entendia a nova tecnologia, que os geradores funcionavam para a



produção de energia com vapores, que gastavam grandes quantidades de carvão. As usinas de eletricidade eram então, para alguém que possuía minas de carvão, os melhores clientes permanentes, não é? O jovem também achou sua maneira de fazer seu grande negócio sem quebrar o contrato, segundo o qual o carvão só deveria ser comercializado através do sindicato. Ele não vendia carvão na usina construída no limite de sua mina “Viktoria Mathias”, mas vapor barato da caldeira da mina. Assim, essa sociedade, a Rheinisch-Westfälisches Elektrizitätswerk, pôde produzir, já no começo, energia muito mais barata que todas as outras.

— Parabéns — disse Isabelle.

— Nem um pouco de prova *ce soir*? — Gilles cochichou.

— Psiu! — fez ela.

— As pessoas da usina de eletricidade estavam encantadas de tal forma com Stinnes — continuou Vitran — que o elegeram, em 1898, para o conselho de inspeção, embora ele não tivesse nenhuma ação de sua empresa. Stinnes começou imediatamente a influenciar a sociedade, e quando, na primavera de 1902, estourou uma crise na indústria elétrica, ele aproveitou a chance. Junto com o seu sócio de 28 anos, August Thyssen, o rei do aço, ele comprou a maioria das ações, 86%, da Rheinisch-Westfälisches Elektrizitätswerk, assumiu a chefia no conselho de inspeção e esteve nela até a sua morte.

— Dois tipos mais diferentes do que esses dois homens de Muelheim an der Ruhr — disse Loder — não se pode imaginar. Hugo Stinnes: protestante fervoroso, bom pai de família para mulher e sete filhos. August Thyssen: católico separado, somente 1,54m de altura, rompido com os filhos, amante de rijas damas e vulgares viúvas. Enquanto Stinnes, graças à sua mulher, estava sempre vestido de maneira correta, Thyssen usava, em todas as ocasiões, um camisão. Mas tão diferentemente que eles possam ter parecido em suas aparições conjuntas, eles eram irmãos gêmeos no espírito de Schacht, enquanto banqueiros, industriais e ao mesmo tempo técnicos de ponta, construtores, acrobatas das finanças e

trabalhadores obcecados. Thyssen escreveu, por exemplo, aos seus diretores: “Peço aos senhores para trazerem à reunião alguns pães com manteiga, para que não precisemos perder tempo durante o almoço.”

— Thyssen e seu genial sócio Stinnes — disse Vitran — já haviam construído o seu império da União, quando começou a Primeira Guerra. No império se tentou de tudo para ter dos dois o seu poder — em vão. Também em vão se tentou, depois da guerra, tudo na República de Weimar para limitar a sua influência. Quando vieram os nazistas, eles tentaram novamente destruir a União — e novamente, não por último graças a Schacht, em vão. Em 1945 a União era tão rica e poderosa como nunca. Doze anos depois que Hitler, no Palácio dos Esportes, em Berlim, blasfemou o Pai-Nosso e anunciou aos alemães “o novo reino da grandeza, da honra, da força, da magnificência e da justiça, amém”, seus generais almirantes, estavam totalmente vencidos. Ele mesmo não renunciou, como antes anunciado, no caso da derrota, “nas fileiras”, mas viveu até o último momento possível no seu seguro *bunker*, mandou rapazes de 14 anos para a morte e se livrou rapidamente da vida e da responsabilidade. Precisou pagar o resto dos alemães — a grande maioria, que até o fim acreditaram nele, e os poucos opositores, que sobreviveram a ele.

— E com eles — disse Loder, depois de Isabelle ter traduzido — sobreviveram até hoje a União e a lei nazista de 1935, com cuja ajuda essa União hoje, na Alemanha, pode fazer e permitir tudo o que ela quer.

— Graças a essa lei — terminou Vitran —, os oito grandes propõem de que maneira, na Alemanha Federal, é produzida e vendida energia, quanto e a que preço. Eles envenenam o meio ambiente. Praticamente ninguém os controla realmente. Eles vêm como uma obviedade que perdas sejam impostas a seus clientes ou ao contribuinte — os lucros ficam com eles, até o último centavo, e até agora ninguém ousou romper o poder da União.

— Morta — disse o Dr. Heinrich Brelo. Ele levantou um braço da mulher na cama e deixou-o cair novamente. O braço tombou no lençol. — O senhor vê. Mortinha. Está vendo?

— Estamos, doutor. — O comissário Robert Dornhelm concordou amigavelmente com Brelo. — Morta. Nenhuma dúvida.

— E nenhuma indicação sobre a causa da morte — disse Brelo. — Nem a menor delas. Por isso lhe chamei.

— Muitíssimo correto de sua parte — disse o homem de 58 anos, grande e pesado chefe da comissão criminal com os lábios sempre violeta, que deixavam que muitos pensassem que ele era cardíaco. — Estamos muito agradecidos.

— Pode ser que Katharina Engelbrecht tenha sido assassinada — disse Brelo. — Herbert Engelbrecht, seu marido, também foi assassinado. Com ciancali.

— Certo — disse o gordo Dornhelm, que como sempre emanava uma imensa calma.

— Katharina Engelbrecht não foi assassinada com ciancali — disse Brelo —, senão sentiríamos o cheiro. O senhor sente algo senhor Dornhelm?

— Nem um pouco. — Sonhador, ele acrescentou: — Existem muitas maneiras de se assassinar uma pessoa...

— Parem finalmente com o papo-furado! — disse o procurador Elmar Ritt, irado. Ele enxugou o suor da testa com um lenço. Ao calor se juntara, há dias, um ar abafado insuportável. — O traficante de armas Herbert Engelbrecht foi envenenado na prisão de Preungesheim. O ciancali estava em Essen. Por pouco Markus Marvin também, que estava na mesma cela, não foi assassinado. Katharina Engelbrecht teve uma crise nervosa depois da morte de seu marido e foi internada no dia 28 de agosto neste sanatório. Aqui ela sofreu uma sonoterapia. Ela despertou na terça-feira, 6 de

setembro, leio no protocolo hospitalar. Ela continuou a ser tratada e se recuperava rapidamente. De um *check-up* chegou-se à conclusão de que ela estava física e mentalmente saudável. Hoje, 13 de setembro, o senhor veio a este quarto, doutor Brelo, por volta das 19 horas na visita vespertina e encontrou Katharina Engelbrecht morta, na sua cama. Nesses casos, o senhor tem que passar o atestado. Ou seja, com a classificação de “morte natural” ou não. Se o senhor reconhecer a segunda opção, é seu dever se entender com a promotoria. Isto o senhor fez. Como é possível, meu Deus, que um homem numa cela de prisão seja assassinado e logo depois sua mulher morra num quarto de sanatório, quando estava sendo vigiada 24 horas por dia? Foi você que ordenou que ela fosse vigiada! — Ele olhou para Dornhelm.

— De novo! — disse este, reclamando.

— O que, de novo?

— De novo você se irrita tanto. De novo você sua. Já lhe disse mil vezes que você não deve se irritar tão facilmente, rapaz. Um promotor e gente da comissão criminal não devem se irritar facilmente. Você e eu, nós precisamos sempre saber: nunca chegaremos mesmo aos grandes safados. Então, siga o meu exemplo! Eu suo? Nem um pouco. Por que não suo nem um pouco? Porque sei de tudo. Porque não me irrita mais há muito tempo. Isso ainda será a sua morte. Você não pode se irritar assim. Você precisa...

— Robert? — Ritt disse.

— Sim?

— Cale a boca!

Dornhelm acariciou docemente a sua face. — Por mim — disse ele — Estrague-se, rapaz!

— Deixe estar, maldição! — gritou Ritt.

— Não grite, rapaz! — Dornhelm disse.

— Você... — interrompeu Ritt. Ele só se dominava com muito esforço. Agora havia suor em gordas gotas na sua testa. Ele se dirigiu ao médico: o criminologista lá fora, no corredor, disse que Katharina

Engelbrecht recebeu uma visita hoje à tarde, de seu irmão. De um *mister* Charles Wander. Wander era o nome de solteira da senhora Engelbrecht. O irmão mora em Nova Iorque. Veio aqui só para visitar sua irmã. Identificou-se com um passaporte americano e mostrou um documento da procuradoria com a minha assinatura, segundo o qual eu lhe permitia visitar sua irmã.

— Isto mesmo — disse o Dr. Brelo.

— Como o *senhor* sabe disso? — perguntou Ritt.

— Ele me mostrou, senhor procurador. Conversamos rapidamente. Ele queria saber quanto tempo a sua irmã ainda deveria ficar aqui. Para depois levá-la para os Estados Unidos. Uma pessoa muito agradável. O senhor o conhece, penso.

— Por que o senhor pensa isso, doutor?

— Bom, ele esteve com o senhor, para pegar a permissão de visita.

— Bem — disse Ritt —, não o conheço. Ele não esteve comigo. Nunca dei a um *mister* Charles Wander, esse pretense irmão da senhora Engelbrecht, uma permissão de visita.

— O senhor... — Brelo olhou para Ritt, chocado.

— Nunca.

— Mas o funcionário disse que era um documento certo, com a sua assinatura. Ele conhece a sua assinatura, rapaz — disse Dornhelm.

— Então era falsificada.

— E o documento impresso?

— Roubado.

— Muita coisa de uma só vez — disse Dornhelm.

— Pode-se dizer que sim — retrucou Ritt. — Nessa maldita estória, tudo é um pouco demais. Um pouco demais até. Como era o homem que se disse irmão da senhora Engelbrecht, doutor?

Brelo relutou. — Ele era...

— Sim! — Ritt gritou ao médico. — Como ele era, doutor? O senhor conversou com ele! Que idade tinha? Era jovem? Gordo?

Magro? Careca? Bigode?

Brelo estava ofendido. — O senhor não precisa descarregar em mim a sua ira, senhor procurador. Não tenho culpa de nada. Pelo contrário. Eu procurei o senhor imediatamente, depois que...

— Sim, sim, sim. O senhor reagiu maravilhosamente. Como era o homem?

— Como ele era... Mais ou menos 35, 40... — Brelo falava relutando. — Talvez 1,75m de altura, esbelto. Os cabelos pretos bem curtos. Parecia tímido. Falava baixo, reservadamente. Ah, sim, seus dedos...

— O que tinham os seus dedos?

— Eram bem amarelos, como que por ácidos e lixívia... *Mister Wander* notou que eu observei suas mãos... Ele disse que era químico...

No escritório de Gerard Vitran, Markus Marvin falava ao telefone com o procurador Ritt, com o qual ele havia deixado o endereço e o número de telefone dos Vitran. Um andar acima, na grande cozinha, Gilles perguntava ao físico Wolf Loder: — Como é possível que uma lei nazista de 1935 ainda seja válida?

— Em primeiro lugar — disse Loder —, toda a guerra de bombas teve na indústria — mesmo na indústria bélica — efeitos muito pequenos. Apenas 10% de suas máquinas e instalações foram totalmente destruídos, todo o resto pôde ser reparado rapidamente. A economia eletricitária, esse enorme ganhador na guerra, saiu da guerra, no território da Alemanha Federal, ainda mais forte do que quando entrou na época nazista. Em 1947 ela havia novamente atingido a posição de 1942. O fato de, apesar de tudo, ainda ter havido dificuldades financeiras e toque de retirada, estava ligado às condições da época. Grandes quantidades de energia precisaram ser fornecidas à França e ao Benelux. E o carvão estava em primeiro lugar, na lista dos produtos de reparação. Excluindo isso, a união

alemã-ocidental estava com o melhor humor. Já em outubro de 1945, se encontravam os conselhos de inspeção da Rheinisch-Westfälisches Elektrizitätswerk fora da zona de ruínas de Essen, no restaurante Ruhrstein, para eleger um novo presidente. Quanto a isso, um ex-conselheiro tinha a voz mais poderosa: Konrad Adenauer. Ele impôs um bom amigo, Wilhelm Wehrbahn, um *sênior* do clã Wehrbahn.

— Pensei que fosse o banqueiro Abs — disse Monique Vitran.

— Abs chegou nesse posto só em 1957 — disse Loder. — Mas em 1945 ele já fazia parte do grupo. E também, do tempo nazista, Ernst Henke. E ainda um terceiro homem, Heinrich Schoeller. Henke e Schoeller conseguiram com que a estrutura da lei de 1935 continuasse a ser obrigatória.

— Mas como? Como? — Gilles perguntou.

— Veja — disse Loder —, depois da guerra houve uma grande corrida em torno da “trasladação da propriedade pública”, como naquele tempo se denominava a socialização e a estatização. Esse perigo naturalmente também ameaçava a União... Günter Karweina o descreve muito bem em seu *O estado da energia*.<sup>25</sup> Loder pegou o livro, folheou e achou a parte que ele procurava. Aqui: “Socialização, diziam as pessoas da União, não é supérflua, porém contradiz o direito em constituição... O homem produtivo não pode ser explorado em prol dos capitalistas. Isso dever ser alcançado, no que a propriedade é transferida do indivíduo para o Estado, ou seja, para todos. Mas então se chegou, no geral, à conclusão de que só com essa transferência não está tudo concluído, porque também as fábricas de propriedade comum não precisam trabalhar com a meta de cobrir as necessidades o mais barato” — nota algo? Esperto, não? E uma sem-vergonhice sem igual! — “não precisam trabalhar com a meta de cobrir as necessidades o mais barato possível... Quando se fala em socialização, pensa-se por isso, hoje, numa diretiva planejada para a cobertura das necessidades, de forma que se evita investimentos errôneos e crises, pode-se alcançar o melhor

resultado possível para todos. Mas para isso não se precisa de uma lei de socialização, pois” — atenção, agora vem, é inacreditável, mas era assim que funcionava! — “pois a economia de energia garante em considerável medida a possibilidade de alcançar as metas desejadas com a socialização para todos.”

— Realmente inacreditável! — disse Gilles.

— Uma grande jogada, não? — Loder perguntou. — E continuando: “É a opinião geral de que não apenas o império ainda existe” — em 1945, foi dito, em 1945 os senhores ousavam dizê-lo, e ninguém contradizia, nenhum dos altos comissários dos aliados, ninguém —, “o império ainda existe, embora por ora lhe falte o executivo, de forma que sobretudo as leis do império, especialmente a lei da economia de energia, ainda vigorem”. — Loder levantou os olhos. — Naquele tempo não havia um governo federativo. Naquele tempo havia governos militares, e eles haviam dito expressamente que eles queriam ceder todas as questões constitucionais e, por exemplo, as da socialização para um governo central alemão-ocidental. Com isso, primeiramente a União teve paz. Mas também mais tarde, depois de 1948, todos os especialistas e juristas liberais ficaram muito impressionados com essa argumentação dos senhores Henke e Schoeller.

— Como eu com a senhora — cochichou Gilles para Isabelle.

Esta o olhou com um piscar de olhos destruidor.

— Agora você se parece com Romy Schneider em seus mais belos momentos.

— Está bem — cochichou Isabelle — e agora fim, Philip! Não sou nem uma estrela de cinema, nem uma personagem de romance.

— Especialmente boa — disse Loder — pareceu a equiparação de socialismo com direcionamento de produção capitalista mais a proteção do consumidor. O fato de a socialização sobretudo e primeiramente querer tomar do capital o poder sobre os meios de produção, obviamente não foi mencionado pelos senhores Henke e Schoeller. E para quê? Isso sabiam eles e os seus amigos. — Loder



riu, furioso. — As pessoas da União ainda imaginaram algo especialmente refinado. Não havia mais o Terceiro Reich, não é? Então a união tinha e tem a ver com os estados da federação e municípios. Os artigos três e quatro da lei de 1935 conservaram a sua validade. Com os nazistas nunca houve dificuldades. Agora também não havia. Na sua generosidade infinita, a União deixou para os municípios até mesmo a maioria dos votos, contanto que eles abandonassem, na mudança, a independência de suas usinas. Além disso, a União paga aos estados, de seus lucros monstruosos, anualmente, grandes quantias de concessão; com as quantias podem cobrir suas perdas em outros campos — como, por exemplo, o dos transportes públicos. E a União propôs a nomeação de representantes municipais para as chamadas juntas consultivas, que naturalmente são muito bem pagas. — Loder levantou o livro e folheou. — E assim, pode-se ler aqui, foi deliberado em 1948: “Posto que a Sociedade Alemã da União planeja, em seus grupos, a ampliação da capacidade das usinas e dos fios de alta tensão e o reembolso das esperadas cotas de venda, trata-se, de acordo com a forma, de um cartel, no qual a disputa está excluída... Posto que os membros da União continuam proprietários de suas redes, inclusive de seus fios de alta tensão, eles foram e são os co-proprietários de um monopólio de cabos para eletricidade. Transporte de eletricidade sobre longos trajetos dentro da Alemanha Federal, como também troca de eletricidade com o exterior *apenas* a Sociedade Alemã da União pode realizar.” Seus atuais membros são: Badenwerk, Bayernwerk, Berliner Kraft und Licht, Energie-Versorgung Schwaben, Hamburgische Elektrizitäts-Werke, PreussenElektra, Rheinisch-Westfälisches Elektrizitätswerk e Vereinigte Elektrizitätswerk Westfalen. “Os que estavam à direita dos, naquele tempo, ainda desejosos de socialização, os políticos do SPD”, escreve Karweina, “foram facilmente convencidos, pelos oito grandes, de que eles haviam criado voluntariamente aquele aparato técnico e econômico a ser planejado centralmente, sobre o qual os socialistas

tinham uma vaga idéia de que sua organização fosse porém assegurada por uma livre iniciativa e pudesse contar, através da estrutura socialista, com o apoio dos estados, ao contrário do que um planejamento estatal centralizador certamente iria fracassar com o veto dos estados. A União havia vencido novamente!” — Loder levantou os olhos. — E a lei nazista de 1935 ficou com a sua validade. Muito simples.

Isabelle disse: — Mas os municípios dispõem de maioria de votos...

— Certo — disse Loder.

— Então os municípios, então o Estado ainda tem possibilidades de controle, quando a situação está ruim.

— Tem, sim, certo — disse Loder. — Por exemplo, sobre a inspeção de tarifas. Assim, os aumentos de tarifas em Nordrhein-Werstfalen, ou seja, na região do RWE, devem ser examinadas e autorizadas pelo ministro da Economia de Düsseldorf.

— Mas então! — Gilles gritou.

— Mas então — repetiu Loder, sorrindo ironicamente.— E agora imagine que, por exemplo, em Westfalen, por causa do controle mais rigoroso de tarifas, a quantia recolhida pela União seja reduzida.

— Imagino — disse Gilles. — E daí?

— E o que acontece então?

— O que acontece então?

— Então — disse Loder, ainda sorrindo ironicamente — os pagamentos de concessão para os municípios também serão reduzidos. Os municípios querem isso? Ficariam contentes com isso? Ficariam muito descontentes. E por isso nunca houve uma diminuição da tarifa de eletricidade.

Embaixo, no escritório de Gerard Vitran, Markus Marvin ainda falava ao telefone com o procurador Ritt.

O procurador Elmar Ritt e um americano chamado Walter Coldwell estavam, na noite de 15 de setembro, um dia depois que Katharina Engelbrecht foi achada morta, no escritório do comissário Dornhelm. Eles esperavam que o chefe da comissão criminal chegasse com a autópsia. Ritt havia ordenado um exame do cadáver pelo patologista do Instituto de Medicina Criminal e uma busca do químico Peter Bolling, que estava sendo procurado sob a suspeita de assassinato. Sua descrição e uma foto recente haviam sido distribuídas já há 20 horas pela radiofotografia a todos os portos e aeroportos, postos policiais e de fronteira, não apenas da Alemanha Federal, mas pelo mundo todo, através da Interpol parisiense. Os funcionários da polícia criminal haviam recebido a foto de Valerie Roth, em Lübeck. Um interrogatório com ela não teve nenhum êxito. Ela havia se mostrado, assim disseram Dornhelm e Ritt, totalmente atônita, ao ser comunicada da razão pela qual Bolling estava sendo procurado, sempre explicando que devia se tratar de uma confusão monstruosa, indubitavelmente construída. Mesmo assim, assim disse ela, Bolling havia desaparecido já no dia 4 de setembro em Altamira, na floresta tropical brasileira, no dia em que Susanne fora fuzilada. A equipe teria temido que algo pudesse ter-lhe acontecido.

Estava úmido e abafado no escritório de Dornhelm. Uma tempestade se armava. Relampejava e trovejava continuamente. Mas ainda não chovia. Trovoadas como essas eram freqüentes naqueles dias. Elas não baixavam a temperatura.

O americano chamado Walter Coldwell tinha mais ou menos 50 anos, estatura média, era corpulento, para não dizer gordo, e tinha um rosto largo, pastoso, com uma pequena boca e olhos que sempre pareciam cansados. Os cabelos de um marrom descorado eram ralos. O feio homem prestava sempre atenção para estar muito bem-vestido. Os seus ternos eram feitos por um alfaiate na Bond Street, em Londres, as suas camisas por um outro, em Hamburgo, os sapatos vinham de Florença. Contudo, todo esse esforço era em vão. Coldwell dava uma impressão levemente grotesca e triste.

Seus pais se originavam da Alemanha, o que vinha muito a propósito para o filho: ele falava fluentemente alemão. O sobrenome Kaltbrunn ele substituiu por Coldwell, quando entrou, há 25 anos, para a National Security Agency, para a qual ele, desde então, trabalhava exclusivamente na Alemanha Federal.

A NSA era o serviço secreto mais moderno e eficiente dos Estados Unidos. Autorizado por direitos especiais dos aliados e protegido por leis especiais nos Estados Unidos e na maioria de outros países do mundo ocidental, vigiada constantemente por forças de segurança armada, rodeada por cercas de arame farpado e câmeras e escudos protetores eletrônicos, a NSA se transformou numa organização monstruosa, que operava num vácuo político e de acordo com os próprios critérios — um escândalo global, que era conhecido dos políticos e economistas.

Nunca na história da humanidade um poder qualquer no mundo havia feito coisa comparável — ataques-segredo em todo o globo terrestre. Presidentes ou ministros falavam em reuniões de gabinete do que era dito nas casas reais ou nos andares da direção, se os generais bebiam ou embaixadores arquejavam no bordel, tudo os ouvidos — dez mil vezes grandes da NSA — gravavam em fita<sup>26</sup>. Os EUA gastavam anualmente muitos bilhões de dólares para, como descreveu o antigo ministro da Defesa Harold Brown, a extensão do aparato “manter o melhor e mais capaz sistema de espionagem, sem par no mundo”.

Ritt e Coldwell haviam tirado suas jaquetas por causa do ar abafado e afrouxado as gravatas. Eles estavam calados e observavam a trovoada cada vez mais forte.

Afinal, perguntou o procurador: — O senhor está certo?

— Absolutamente certo — disse Coldwell. Ele parecia doente e mais velho do que era. — Vocês têm o bebê.

— Não posso acreditar.

— Espere até ouvir as fitas. Vocês têm o bebê. Só precisam apertar os parafusos.

— Mas justamente Marvin...

Coldwell levantou os ombros, cansado, e deixou-os cair novamente. A trovoadas bramia agora diretamente sobre a cidade. Mas ainda não chovia.

— Por que não justamente Marvin? Físico de primeira! Tantos anos na inspeção do Ministério do Meio Ambiente de Hessen!

— Eles o demitiram.

— Não é verdade! Marvin pretendia ser demitido, se posso lembrá-lo. — Coldwell observou suas caras luvas de couro e disse, melancólico: — Pensa que o observamos só a partir de quando estava no Brasil? Há anos ouvimos suas conversas. O senhor não tem medo de trovoadas?

— Não. O senhor?

— Um medo terrível. Já tinha quando era criança. Idiota, sei. Mas me perturba muito. Juro, vocês têm o bebê.

— Isto — disse Ritt — seria um escândalo monstruoso.

— Ah, Deus — disse Coldwell, controlando suas unhas recém-tratadas.

— O que significa “ah, Deus”?

— Ah, Deus, há muitos escândalos monstruosos aqui. Não apenas aqui. Em toda parte. Marvin está metido neste.

— O senhor dizia que a NSA trabalha com a CIA neste caso...

— Sim.

— Além do contrabandista Engelbrecht, foi assassinado ainda o certamente inocente Traugott Mohnhaupt.

— Sim.

— Foi puro acaso Marvin não estar em seu lugar.

— Sim.

— Vale a pena correr tais riscos?

— Sim.

— Simplesmente?

— Sim — disse Coldwell pela quinta vez.

— Muito sensível.

— Também muito sensível que Bonn tenha rompido todos os contratos e leis e, por isso, hoje vocês tenham o bebê.

— E se Marvin não teve nada a ver com as safadezas desse contrabandista Engelbrecht?

Coldwell fechou os olhos e virou sua poltrona de tal forma que não precisava mais olhar pela janela, diante da qual, por causa dos relâmpagos constantes, estava sempre claro.

— Sabe, precisamos simplesmente escutar o que os dois conversavam.

— E o que pôde ser concluído?

— Nada. Os dois quase não se falavam.

— Parabéns.

— Ah, pare! Eles apenas eram espertos. Já tinham ouvido falar de nós.

— Então foi besteira esperar que eles falassem coisas de valor para o senhor.

— Não se pode falar assim, senhor Ritt. As pessoas não são... previsíveis. Não se pode vê-las totalmente. “Sensível!” O senhor acha que é tempo de ser muito sensível com caras como esse Engelbrecht? Ele estava metido até as orelhas nessa estória, disso sabemos. Temos provas mais que suficientes.

— Com Marvin o senhor não tem.

Não suficientes — disse Coldwell. — *Ainda* não suficientes — acrescentou. — Ainda assim há aqueles telefonemas, não é? E as conversas. E ainda assim Marvin é amigo de Bolling.

— Isso não prova nada — disse Ritt. — Não prova absolutamente nada.

— Agora vai ser constatado — disse Coldwell.

— Mais uma vez “sensível” — disse Ritt. — Então eram a CIA e a NSA que provocaram a retirada do caso Marvin/Hansen por uns dias.

— Então, naturalmente — disse Coldwell.

No momento seguinte, um relâmpago muito forte clareou o

escritório. O trovão seguiu imediatamente. E depois, finalmente, começou a chuva.

No lado esquerdo do rosto o agente da NSA, Walter Coldwell, tinha uma cicatriz. Era uma velha cicatriz. Ela se originava da fivela do cinto de seu pai. O pai de Coldwell, há muito tempo morto, era contador e outrora um fanático discípulo de uma seita católica, cujo fundador havia ensinado que se podia açoitar suficientemente alguém, que se amava, pelos seus pecados, e assim não mais pecavam, porém eram purificados, para a alegria do Senhor, louvado seja o Seu nome na eternidade, amém. O pai de Coldwell espancava sua mulher quase que diariamente e muitas vezes, a ponto de sangrar, pelos muitos pecados que ela cometia. Ele a espancava com chicotes, cavacas, bengalas, as mãos e o cinto com a fivela de latão, e ele chorava de desgosto de ter uma grande pecadora como mulher.

A mãe de Coldwell foi embora quando o garoto tinha sete anos. Então o pai começou a espancar o garoto, também quase diariamente. Ele espancava onde e com o que se pode espancar, e chorava de desgosto pela vergonha causada pelo seu próprio sangue e carne, pela quase infinita torrente de pecados: ter amaldiçoado o nome do Senhor, não ter feito as seis orações diárias ou sem o fervor suficiente, ter roubado *drops* na confeitaria, ter-se tocado impudicamente, observado fotos sujas, e com prazer, ter colado na escola, faltado ao ensaio vespertino do coral, fitado uma prostituta na rua, suas pernas e seus grandes seios, ter tido excitações noturnas, ter desperdiçado carvão por causa do frio, jogado fora um pedaço de pão, não ter tirado o chapéu diante de religiosos, ter usado em dia útil a roupa de domingo para impressionar as moças, ter dado a Annie Upright, 15 anos, essa grande pecadora — ela se queimaria pela eternidade — 50 centavos, para que ela levantasse a saia e mostrasse como era lá embaixo, e isto não só na frente de Walter, mas, ao mesmo tempo, de seis outros rapazes, 50 centavos

cada um, ter amaldiçoado o nome do Senhor, sempre, e não ter obedecido aos seus mandamentos, não ter confessado, ou só em parte, e sem arrependimento real, não ter falado com fervor suficiente as penitências infligidas de inúmeros rosários Ave-Marias, e Pai-Nossos, ter descuidado do seu corpo, presente do Senhor, não ter feito uma limpeza exaustiva com escovas, sabonetes e água fria, como o fez o pai, ter escondido para Annie Upright, ela mesma suja, o lenço manchado, ter sujado a camisa, o lençol, a cueca, a calça.

Em grande parte os pecados consistiam em auto-satisfação e pensamentos obscenos, e freqüentemente o garoto nem havia cometido esses pecados, a tentação atormentava muito mais o pai, o qual, sem mulher, de tempos em tempos precisava daquelas prostitutas com grandes seios, em fotos sujas e desenhos sujos, pensamentos voluptuosos, masturbação também quando não havia prostitutas ou dinheiro para pagar uma delas. Também se exigia do pai castigo pelos seus pecados, e assim ele sempre espancava o filho com o chicote, o cinto, esmagava os seus dedos na porta, até que Walter gritava de dor e o pai chorava. Não, ele não se cuidava, ele precisava se esforçar para que o filho não pecasse assim, como ele, tratava-se também da saúde de Walter (conseqüências do onanismo: medula espinhal tísica, cegueira, loucura), tratava-se da cura da alma e principalmente ser agradável ao Senhor.

Com medo do pai, Walter rezava e se confessava, se confessava e orava, confessava ao padre pecados inventados, na esperança de que isto diminuiria as pancadas, mas a esperança era vã, vã. Ele já estava tão acostumado a ser espancado, que já baixava as calças, na pobre casa em que moravam, ao voltar a ela.

Então o pai o deitava numa cadeira e começava a espancar. E Walter gritava e caía da cadeira, e o pai vinha e espancava Walter por toda parte, até que ele não tinha nenhuma força mais para gritar. E o pai dizia também que ele mataria o filho, se este por acaso fosse ao juiz de menores ou contasse a alguém o que ele fazia, só para servir ao Senhor, louvado seja o Seu nome.



O dia mais feliz da vida de Walter Coldwell foi o da morte do pai. Ele tinha 15 anos e se escondia num cinema, vendo o filme *Mortos dormem pesado*, com Humphrey Bogart, quatro vezes seguidas, até que um lanterninha o descobriu e o pôs para fora. Até os 18 anos Walter ficou num asilo estatal para órfãos.

Tornou-se um policial, pois considerava a profissão mais importante que existia. Policiais cuidavam para que não acontecesse nenhuma injustiça, e se mesmo assim acontecesse uma, então cuidavam para que aqueles que a cometessem fossem castigados, também aqueles que espancavam tanto as crianças que estas não tinham mais força para gritar.

Walter Coldwell construiu rapidamente uma carreira e por último — com um QI de 129 e oriundo de família patriótica e extremamente religiosa — foi parar na National Security Agency a maior organização secreta criada até hoje.

A porta se abriu e Robert Dornhelm entrou na sala. Como sempre, corretamente vestido, quase não mostrava reação ao insuportável calor abafado e segurava uma pasta fina.

— Sinto muito que precisassem esperar. Venho diretamente do necrotério. O professor Willbrandt trabalhou o mais rápido que pôde. Embolia pulmonar.

— O quê? — Coldwell perguntou.

O chefe da comissão criminal I deixou-se cair na cadeira, atrás de sua escrivaninha. — Katharina Engelbrecht morreu de uma embolia pulmonar. — Ele abriu a pasta e tirou dela duas folhas datilografadas e uma série de fotografias grandes. Estendeu-as diante de si. — Willbrandt encontrou um furo de agulha de injeção no braço direito da mulher. — Ele apontou para uma foto. — Aí, na veia grossa. Deve ter sido uma grande injeção, diz ele. A Engelbrecht recebeu muito ar. — Enquanto ele falava, folheava papéis, pegava fotos aqui e ali e aumentou a voz, pois a chuva batia agora muito

forte contra as vidraças, e o estrondo dos trovões não acabava mais. — O ar foi pela circulação até os pulmões. Aqui! — Pegou novas fotos. — Ele se distribuiu entre os muitos pequenos recipientes. Pôde-se ver claramente no grau de coloração. Willbrandt preparou um pedaço. Aqui, aqui e aqui. Muito colorido, não? Vê-se daí quanto ar ela recebeu. Você vê, rapazinho?

— Sim — disse Ritt. — Há indicações de que ela se defendeu?

— Nenhuma.

— Como nenhuma?

— Não pôde. Éter. O assassino a anestesiou. Willbrandt achou resquícios de éter na região da laringe. A Engelbrecht foi levemente anestesiada. Depois da injeção tudo foi muito rápido. No máximo dez segundos, diz Willbrandt. Depois, estava morta. Sabe-se a velocidade com que a circulação transporta o sangue. Seis metros por segundo, acho. Ela apagou na hora.

— Por que ela foi assassinada? — Ritt perguntou.

— Para que ela não diga besteira, naturalmente — disse Coldwell.

— Sobre o quê? — perguntou Dornhelm.

— Sobre o bebê de vocês.

— E se ela não tinha nada a dizer sobre o bebê? — Ritt perguntou.

— Pare com isso: — disse Coldwell. — É estúpido. Não sabemos. Logo saberemos. O senhor tem um acordo com esse Marvin. Deve estar à sua disposição e vir imediatamente quando precisar dele, não é?

— Sim — disse Ritt.

— O senhor sabe onde ele está?

— Sim.

— Então — disse Coldwell. — Telefone para ele. Imediatamente! Exija que ele venha imediatamente!

Os relâmpagos continuavam, um atrás do outro, como também as trovoadas; a chuva batia, enquanto Ritt procurava na sua agenda

o número de Gerard Vitran; ele pensou que naquele escritório de ar ruim e decoração suja pelo menos havia dois homens que exerciam as suas funções, porque desejavam que prevalecesse a justiça e não a injustiça. Ou pelo menos mais justiça e menos injustiça. Ritt se lembrou que Miriam Goldstein lhe havia dito dias antes que num velho livro foram citadas três coisas das quais depende o mundo, a primeira foi a justiça. Mas, pensou Elmar Ritt, de repente muito angustiado e desanimado, é realmente um livro *muito* velho: o talmude.

Na grande cozinha dos Vitran a conversa continuou enquanto Marvin falava com Ritt ao telefone.

— Chegamos ao ponto sobre o qual quero falar sem falta: sobre o desperdício enorme de energia — disse Wolf Loder. — A eletricidade não pode ser armazenada, então se precisa constantemente procurar outras possibilidades de consumo. Exatamente isto fez a União por longo tempo, com sucesso. Pensem como a calefação elétrica foi apregoada, pensem na eletricidade noturna barateada para a indústria! Pensem nos modelos de computador dos vagabundos, segundo os quais o crescimento econômico linear, ou seja, sistemático, está ligado com quantidades cada vez maiores de energia. E pensem finalmente nos argumentos pseudopsicológicos: os empresários acharam de convencer os políticos que uma União que floresce deve ser igualada com uma economia que floresce, e esta com um bem-estar comum sempre maior. Pois bem, os vagabundos produziram então capacidades imensas de eletricidade — e todos ficaram satisfeitos.

— E aqueles que não ficaram satisfeitos — disse Vitran — foram pressionados pela União por previsões de computador: se não houvesse energia suficiente com o crescimento da economia, haveria uma catástrofe — e quem queria ser responsável por ela? Então os políticos davam mais bilhões para a extensão de usinas nucleares e

de todas as instalações da União. Aqui na França ocorreu o mesmo

— Nesse meio-tempo se constatou como agimos mal — disse Loder. — Já se sabe há muito tempo: todos os modelos de computador estavam errados. As quantidades necessárias de energia ficam atrás do crescimento econômico. O desenvolvimento não ocorre linearmente. Neste ano o gasto de energia na União só vai aumentar muito pouco — mesmo quando o produto interno bruto for duas vezes maior. Depois que, durante décadas, a União se apropriou de bilhões e bilhões com preços altos de energia para o cidadão comum, que — como contribuinte — também tinha de se responsabilizar pelos bilhões em investimentos errôneos, então mais vozes ainda se levantam, dizendo que isso é uma safadeza — também do ponto de vista da destruição de nosso meio ambiente.

— E aí — disse Monique — os vagabundos só balançam os ombros, entediados, e dizem: “Pois bem, se vocês não querem, então aceitamos. Errar é humano. OK, erramos com os nossos modelos de computador. Vocês não querem mais tanta energia. Está bem, produziremos menos. Vocês dizem que as instalações de reparação, como Wackersdorf, são muito caras. Ótimo, interrompemos a construção de Wackersdorf. Mas então não poderemos reparar material combustível queimado, como determina a lei nuclear. Pois bem, desistamos das usinas nucleares. Vocês não querem? Então nos digam *onde* devemos deixar o lixo atômico!

— Em La Hague — disse Vitran.

— Certo — disse Loder. — Lá no Canal da Mancha, na Normandia, existe essa gigantesca instalação de reparação francesa. Agora serão enviados elementos combustíveis alemães para La Hague. Lá eles devem ser reparados e enviados de volta. Contra isso protestaram os estados governados pelo SPD. Eles consideram fracassada toda a tentativa até então de se livrar do lixo atômico.

— Um momento — disse Gilles. — Se devo escrever a respeito,

então que me expliquem como amador. Aqui estão especialistas, com exceção de Isabelle, que é uma especialista em tradução.

Risos.

— A lei nuclear alemã — disse Loder — determina que os bastões combustíveis queimados das usinas nucleares não devem ser nem reпреparados nem guardados, mas em todo caso liberados. Guardado significa deixá-lo, depois de um respectivo pré-tratamento, tão profundamente e tão bem enterrado, que nenhuma irradiação possa causar danos. Um depósito desse tipo nós não temos, um depósito desse tipo não existe no mundo inteiro. Só temos um chamado depósito provisório: Gorleben. Então só resta a reпреparação em La Hague. O transporte do material até lá é incrivelmente perigoso. Tanto faz, o negócio é se livrar da coisa! A idéia da reпреparação é um círculo: do material combustível queimado, se recupera 95% de urânio, dois por cento de plutônio e três por cento de uma mistura. Com o urânio se produz novos bastões combustíveis, deixa-se que eles trabalhem até se queimarem, são reпреparados *et cetera*. Um círculo, pois. Só que ele não pode nunca funcionar, porque a coisa é muito perigosa e muito cara. Wackersdorf, então, foi desde o começo um projeto louco, no qual, acho, só o construtor da instalação, Siemens-Lurgi, poderia ter interesse — o valor do orçamento foi calculado em possivelmente mais de 12 bilhões de marcos — e naturalmente as pessoas que queriam ter plutônio como armas nucleares.

— O que acontecia até agora com o material combustível queimado? — perguntou Gilles.

— Os técnicos das UENs transformaram quimicamente o urânio em um nitrato de urânio não-radioativo e o guardaram. E há uma pequena instalação de preparação em Karlsruhe. Wackersdorf teria se tornado impagável de tão cara, pois ainda se deveria construir instalações de proteção radioativa. Então teve-se a idéia de efetuar a preparação em La Hague.

— Ao mesmo tempo — disse Vitran — qualquer um sabe

exatamente que também La Hague não tem uma prova de liberação, como exige a lei nuclear, porém só representa um absurdo desvio ecológico e econômico, que cria, com o plutônio, problemas adicionais de saúde e segurança.

— Mas o governo — disse Loder — insiste nesse absurdo desvio de liberação do lixo atômico, porque uma liberação real e sólida simplesmente não está disponível. Turismo de resto nuclear como solução última para a miséria da liberação do lixo atômico da economia nuclear alemã! Por ano, até 300 metros cúbicos de restos de reatores atravessam a fronteira para La Hague. Em muitas das 21 carvoarias nucleares entre Brokdorf e Munique os depósitos estão quase cheios, nos quais os elementos queimados devem esfriar. Se não forem levados o mais rápido possível para outro lugar, pelo menos para oito usinas nucleares, está ameaçada a paralisação. Então, para La Hague com a coisa!

— Mas o que lá — disse Vitran — é oferecido como aproveitamento sem danos, é na verdade outra coisa, ou seja, a produção de lixo atômico muito mais venenoso.

— Por quê? — Gilles e Isabelle perguntaram ao mesmo tempo.

— De acordo com o conceito da reparação, o urânio deve ser quase totalmente aproveitado dos elementos queimados dos reatores e ser novamente utilizado — o famoso círculo, não é? — Vitran disse. — Mas em La Hague o urânio reaproveitado aparece de tal forma irradiado, que é praticamente apenas lixo radioativo.

— Mas como isso é possível? — Gilles perguntou.

— Com a repartição e o tratamento químico dos elementos queimados dos reatores, em La Hague tanto material fica contaminado, que o resto radioativo aumenta muito: ao invés de uma solução, um aumento do problema da liberação do lixo atômico.

— E o que acontece com esse lixo irradiado? — Gilles perguntou.

— De acordo com o planejamento do governo federal, ele deve ir para o poço Konrad e para as galerias das salinas em Gorleben. Mas

ninguém sabe se o lixo incrivelmente perigoso pode estar realmente seguro aqui por centenas de milhares de anos. Resultado: não há nenhum depósito final para o nosso lixo atômico, e não se pode falar de um aproveitamento sem danos dos elementos combustíveis, como exige a lei nuclear. — Loder se encostou na sua poltrona.

— Mais outro episódio desse manicômio — disse Vitran. — Como se o lixo atômico radioativo fosse produto escasso, o seu ministro alemão da Pesquisa, Heinz Riesenhuber, mandou seus especialistas aos Estados Unidos para procurar lixo atômico altamente venenoso. No Estado de Washington, os senhores descobriram e fecharam, em nome de seu chefe, um contrato para a compra de várias toneladas desse lixo para a Alemanha Federal, que mesmo assim não sabe mais onde entupir a herança da indústria nuclear.<sup>27</sup>

— Por quê, meu Deus? — Gilles perguntou.

— Porque Riesenhuber teve uma idéia grandiosa. Com o lixo atômico americano ele quer mandar testar se as salinas alemãs, como em Gorleben, são adequadas enquanto depósito final de lixo atômico. A aquisição, transporte e realização da tentativa são avaliados em mais de 187 milhões de marcos. O veneno radioativo deve ser armazenado na refinaria de sal Asse II, em Wolfenbüttel.

— Naturalmente — disse Loder, com raiva — isso é absurdo. Pois em Asse II a salina tem possivelmente uma estrutura totalmente diferente de Gorleben. Não se pode simplesmente transferir resultados de testes.

— E além disso — disse Vitran — o geomorfólogo Eckhard Grimmel, da Universidade de Hamburgo, declarou que há muito tempo já foi provado que o sal, por causa de sua baixa estabilidade física e química, nunca pode ser levado a sério enquanto depósito. Ainda mais: um armazenamento em sal só pode levar a catástrofes horríveis.

— E onde está o lixo atômico americano? — Gilles perguntou.

— Ainda nos Estados Unidos — disse Loder, irado. — Lá,

alguns governadores ouviram falar sobre a coisa e disseram que o transporte através dos estados até o navio seria muito perigoso, e de preferência se deveria deixar essa besteira. Mas a coisa ainda vai chegar; afinal, ela já foi comprada!

— Uma piada — disse Vitran. — Simplesmente uma piada! Mesmo se em Asse II não houver nenhum acidente, isto não prova jamais a segurança do depósito final para milênios em Gorleben. E se algo viesse a acontecer — bom, essa experiência, para o *monsieur* Riesenhuber, vale a pena, mesmo com o risco e os custos.

— Mais de 187 milhões só para esse teste! — disse Loder, amargo. — Para o mesmo ministro, o fomento de fontes alternativas de energia — como a energia solar — só vale, num só ano, 52 milhões de marcos!

— Oh — disse Vitran —, não seja injusto, Wolf! Dinheiro de impostos são ordeiramente malbaratados para a mera aparência de uma liberação de lixo atômico, que na realidade não existe.

— É verdade — disse Loder. — Anualmente os empresários da energia pagam mais de um bilhão de marcos a La Hague, o dinheiro dos muitos milhões de cidadãos que consomem energia — e pagam

— Mas por que o cidadão comum, que precisa de energia, deve pagar tudo isso? — Vitran perguntou.

— Como você sabe: precisamos sempre ter muita compreensão com os muito ricos e os muito poderosos — disse Loder. — Veja, senhor Gilles, a maioria das firmas da União são “sociedades limitadas”. Se uma sociedade vai à falência, uma “tomada de responsabilidade” da sociedade-mãe, ou seja, da União, é muito difícil. Trabalhos de paralisação e interrupção são então pagos pelo Estado, e assim por todo cidadão.

— Mas isso é uma vilania — disse Gilles.

— Ah — retrucou Loder —, há ainda vilanias muito maiores! Por exemplo: o reator de alta temperatura THTR-300, em Hamm-Uentrop, é desativado. Não voltará jamais à rede. Ótimo, diz a União, então arranquem a coisa! Com o reator que funcionava já há alguns



meses, isto não é tão simples! Então deixem as ruínas como estão, dizem os energéticos. *Vocês é que não querem mais UENs!*

— Mas, de acordo com a lei nuclear, os executores devem contribuir com bilhões para a liberação do lixo atômico do reator! — gritou Gilles.

— Isto mesmo — disse Loder. — E assim fizeram as firmas. Isto precisa fazer toda sociedade executora — também nos Estados Unidos, por exemplo. Mas nos Estados Unidos uma firma assim só pode fazer valer essas contribuições no pagamento dos impostos, se ela realmente investiu os bilhões. Na Alemanha já se pode deduzi-la do imposto, tão logo tenha sido investida. Isto já é, primeiro, a gigantesca dedução de impostos. Segundo: dinheiro para a proteção do meio ambiente e liberação do lixo atômico voltou à União desde o começo com toda conta de luz de milhões de cidadãos comuns. E terceiro: agora os executores de reatores precisam de menos dinheiro para a reparação e liberação do lixo atômico — em breve La Hague “libera” tudo!

— E o que fazem os grandes? — perguntou Gilles.

— Eles dizem: Cada uma das oito companhias de energia é de agora em diante uma companhia que, entre outras, produz energia, entre outras! Os conselhos de inspeção concordam com que todas as áreas de negócios sejam colocadas no mesmo nível, sob o teto de um *holding*.

— O que significa “todas as áreas de negócios”? — perguntou Isabelle. — E o que significa *holding*?

— Primeiramente — disse Loder —, um *holding* é algo maravilhoso, uma sociedade que tem participação em empreendimentos legalmente independentes, e que na regra tem a palavra como a sociedade-mor da companhia. O significado dessa estruturação das companhias da União, porém, ultrapassa em muito o âmbito técnico-organizatório. Ela documenta para mim que o capital começa a se desviar da eletricidade. Esse pasto está ceifado, a colheita assegurada. Então se poderia perguntar, sob esse ponto de

vista, quantos muitos bilhões deveriam ser devolvidos, dos recheados potes de dinheiro, aos consumidores de energia ou aos pagantes de tarifas de energia, dos quais eles se originam. Também se poderia baixar drasticamente os preços da energia, não é? Para os milhões que simplesmente utilizam a tomada e que, por isso, devem pagar altas taxas. Também seria possível, não é? Mas excluindo as simbólicas reduções de tarifas, naturalmente que não se fala nisso. Tão idiota não se pode ser! E não é.

— Quer dizer que as grandes companhias de energia se voltam para outras áreas de negócios? — Gilles disse.

— Isto mesmo! — Loder sorriu muito ironicamente. — A VEBA, por exemplo, na qualidade de *holding*, entre outros bens também a mãe da PreussenElektra, comprou cerca de 600 firmas. De navio fluvial a petróleo em rama, de gasolina a silício para a produção de *chips*, nada falta. A energia na VEBA não contribui nem em um quarto no movimento da companhia, de mais de 44 bilhões de marcos, anualmente. A vizinha RWE tem 150 participações e é nesse meio-tempo proprietária da segunda maior rede alemã-federal, depois de Aral, de postos de gasolina, DEA. O maior sucesso, no momento, são instalações de lixo. Estas são oferecidas pelas oito grandes a todos os municípios. Lá estão muitos, muito bilhões de novos lucros, pois os municípios precisam urgentemente de instalações de lixo.

Loder se levantou e se aproximou da grande janela, enquanto falava. Sobre os telhados de muitas casas, olhou para o cemitério Montmartre e pensou rapidamente nos grandes e famosos nomes ali enterrados: Berlioz, Stendhal, Zola, os irmãos Goncourt, Alexandre Dumas e Marie Duplessis, a personagem principal de seu romance *A dama das camélias*, Jacques Offenbach, Heinrich Heine... O olhar de Loder escorregou das alturas para o Boulevard Clichy, onde está o Moulin Rouge, conhecido na passagem do século através dos desenhos de Toulouse-Lautrec, e finalmente viu sob si os milhões de luzes da Paris noturna.

— Que cidade maravilhosa! — disse ele. — E que mundo mais sujo!

Marvin chegou pela escada em espiral. Estava pálido.

— O que foi, Markus? — Monique perguntou.

— Era o procurador Ritt — disse Marvin, secamente. — Contou muitas coisas. Quer falar comigo o mais rápido possível, em Frankfurt. Preciso estar lá depois de amanhã, cedo.

— Por causa de Bolling? — perguntou Gilles.

— Sim — disse Marvin. — Mas não apenas. Ele também pediu ao Dr. Gonzalos para ir imediatamente a Frankfurt. E o fato de nos *pedir*, é pura educação. Se não estivermos lá depois de amanhã de manhã, ele manda nos prender.

— O que aconteceu? — Vitran gritou. — Tem a ver com... Karlsruhe?

— Sim — disse Marvin, rouco. Estava ainda mais pálido, e suas mãos tremiam.

— O que significa ter a ver com Karlsruhe? — Gilles perguntou.

Ele não teve resposta. Marvin e Vitran balançaram a cabeça, mudos.

“E o primeiro anjo vociferou: e era um granizo e fogo misturado com sangue, e caiu na Terra; e a terceira parte das árvores queimou, e toda a grama verde queimou. E o segundo anjo vociferou: e foi como uma grande montanha ardendo em fogo até o mar, e a terça parte do mar era sangue, e a terça parte das criaturas vivas no mar morreu e a terça parte dos navios se estragou... *et le tiers des créatures qui étaient dans la mer et qui avaient vie mourut, et le tiers des navires périt...*”

Gerard Vitran estava na cama e lia o Apocalipse. Monique veio do banheiro, tirou o *peignoir* e se deitou a seu lado.

— O que você lê, *chéri*?

— Ah, nada — disse Vitran.

— Que livro é esse?

Ele tentou levá-lo ao chão. Ela o pegou.

— Você lia a Bíblia?

— Sim.

— Mas Gerard! E o Apocalipse... Por quê?

— Por nada — disse ele.

Monique pegou os óculos da cabeceira, sentou-se e leu em voz alta: — “Eu vi um anjo voar no céu e dizer com grande voz: ai, ai daqueles que moram na Terra...” — Ela interrompeu. — O que está acontecendo, Gerard? O que você tem? Está preocupado com o que foi discutido hoje à noite?

— Tudo é muito mais grave — disse ele, rouco.

— Mais grave? Como? Diga-me, Gerard!

Ele lhe disse.

## 8

O complexo na Frankfurter Gerichtstrasse ainda estava sendo reconstruído. Máquinas ribombavam. Havia poeira em tudo. Na manhã de 16 de setembro de 1988, uma sexta-feira, dois homens apareceram na entrada. Eles disseram seus nomes ao porteiro e que estavam sendo esperados pelo promotor Elmar Ritt.

O porteiro interfonou: — Os senhores Markus Marvin e Bruno Gonzales...

— Gonzalos — disse Gonzalos.

— Desculpe, Gonzalos estão aqui... Certamente, eu os levarei até o senhor, procurador. — O porteiro desligou e gritou: — Franz!

De um pequeno quarto saiu o funcionário Franz Kulicke Sim?

— Os senhores para o procurador Ritt. Leve-os até lá, Franz!

— Oh, bom dia, meus senhores! — Kulicke comia. — Já eram esperados. Por favor...

— Achamos o caminho sozinhos — disse Marvin.

— Não mesmo! — Kulicke ainda comia. — Nunca! Os senhores não têm idéia de como isto está desde que começou a reforma! Já estamos meio loucos com o barulho e a sujeira. Os elevadores não funcionam. Por favor... — Ele avançou diante dos dois por um longo corredor, começou imediatamente a falar e forneceu a impressionante prova de quão rapidamente as pessoas mudam as suas opiniões quando o caso lhes toca pessoalmente.

— Senhor Marvin... Meu Deus, quando penso o que fizeram com o senhor!

— O que fizeram comigo?

— Senhor Marvin! Sei de tudo. O senhor estava em Preungesheim, simplesmente porque deu uns tapas no maldito destruidor ecológico, Hansen. Bravo!, eu digo. Num país decente, o senhor teria recebido uma condecoração por isso. Aqui... um pardieiro! Se os caras continuarem assim, em 40 anos o mundo terá tomado no — desculpem! O senhor sabe melhor do que eu, senhor Marvin, o senhor estudou, o senhor sempre disse. Nenhum perdão para os porcos que destroem a camada de ozônio e têm culpa pelo choque climático e pela floresta amazônica e tudo o mais! Sou apenas um homem humilde, senhor Marvin. Com os humildes eles podem fazer tudo. Como devemos nos defender? Merda de governo, o que temos. Por isso Schönhuber é a única solução. Ele acaba com tudo, pode ter certeza. Mas até que ele chegue lá... Eu poderia chorar, chorar horas a fio, quando vejo como esses ávidos cachorros destroem nosso mundo — para sempre. Agora a direita, por favor. E todas as novas doenças! O câncer na pele, porque a luz ultravioleta — não sei o que é isso, é algo mortal entra pelo buraco de ozônio até nós. Eles dizem para não ficar no sol: não tomar sol. Merda! Nunca tomei sol. E mesmo assim eles me pegaram. Vejam essa mancha preta na minha testa! Em cima há mais outra. Cheguei a esse ponto. Câncer na pele. Eu! Que nunca tomo sol. Sinceramente, meus senhores: estou totalmente desesperado. Não quero morrer! Mas quando um me... um ma... um mo...

— Melanoma? — Marvin perguntou, ajudando.

— Sim. Se é melanoma, em dois meses estou morto. Está numa revista: Melanoma, o mais grave câncer de pele que há. Eu merecia isso senhor Marvin? Só porque um safado como esse Hansen tem ainda o seu lucro com todo o veneno e toda infelicidade?... O senhor luta contra a raça, eu o admiro, senhor Marvin. Mas se for um melanoma...

— A mancha aumentou? É úmida? Sangra?

— Isto não. Mas...

— Eu iria ao dermatologista, senhor...

— Kulicke, senhor Marvin. Franz Kulicke. O doutor Bennauer, meu médico, também disse isso. Para o dermatologista, senhor Kulicke, ele disse. Por duas vezes já tive consulta na clínica da universidade. Mas não fui.

— Por que não?

— Porque não tenho coragem, senhor Marvin. Se eles realmente disserem que é câncer? Ora, se depender de mim. Pena de morte para todo destruidor do meio ambiente! Imediatamente! Pena de morte! Quando Schönhuber chegar ao poder... Mas do que isso me adianta, meu Deus, do que me adianta? Sem a clínica da universidade eu sei o que é. Bem preto. Melanoma típico. Ele me pegou, ninguém pode me ajudar. Em dois meses... Agora pela escada, meus senhores... em dois meses no máximo serei um cadáver morto...

— Em 1870 — disse no mesmo momento o físico Loder, de 44 anos, com olhos azul-brilhantes — foi publicado o romance futurista de Jules Verne, *A ilha misteriosa*. Depois de um vôo de balão, cinco americanos do norte aterrissam numa solitária ilha do Pacífico, na qual eles, um dia, num frio tremendo, falam do problema de energia da humanidade. — Ele estava diante de uma lousa na sala de conferências de sua firma. Diante dele estavam sentados Philip

Gilles, Isabelle Delamare, o *cameraman* Bernd Ekland, seu “técnico” Katja Raal e a Dra. Valerie Roth. Fora decidido rapidamente que ela deveria ocupar o lugar na equipe do desaparecido Peter Bolling.

— Os pesquisadores no romance calculam que as reservas de carvão ainda durariam de 250 a 300 anos — contou Loder.— Como deveria continuar? O engenheiro Cyrus Smith diz: “Então se utilizará água, decomposta através de energia elétrica. Naquele tempo a energia elétrica deve ter aberto possibilidades inimagináveis... Os elementos decompostos da água, do hidrogênio e oxigênio assegurarão, por tempos imprevisíveis, o abastecimento de energia da Terra. Um dia, os vapores e as locomotivas não terão mais depósitos de carvão, mas tanques de gás, dos quais saem gases comprimidos através de canos até a caldeira! A água é o carvão do futuro!” Jules Verne escreveu isto em 1870, há mais de cem anos!

O empreendimento na periferia de Binzen, próximo à fronteira suíça, era constituído de inúmeros prédios térreos, oficinas e um sem-número de aparelhos solares, instalados num grande gramado.

— Essa visão de Jules Verne hoje se torna realidade — disse Loder. — Com a ajuda da energia solar direta — e também da indireta, como a força da água e do vento e marés — ganharemos energia e a utilizaremos através da eletrólise para a obtenção de hidrogênio.

— Oh, Deus, hidrogênio — disse Isabelle.

— Como, “oh, Deus”?

— Para um amador, essa é uma palavra suspeita — disse ela. — Ele pensará imediatamente na bomba de hidrogênio.

— Pode ficar calma, minha querida — disse Valerie Roth. — A produção solar de hidrogênio não tem nada a ver com a produção da bomba de hidrogênio. — Como sempre, ela dava a impressão de ser educada, mas muito nervosa, o que não admirava — ela havia trabalhado tanto tempo com Bolling. O alto grau de seu nervosismo se reconhecia no fato de que nesta manhã ela usava lentes de contato de cores diferentes. Um olho estava marrom, o outro azul.

Todos viram, ninguém falou.

— O hidrogênio — disse Loder — que é produzido com ajuda da energia solar, é energia solar armazenada — para toda a necessidade de energia. Então, não apenas produção de energia, como também material propulsor, como calor doméstico e industrial. O hidrogênio solar nos abre a contínua disposição e a utilização universal da energia solar. Este potencial é suficiente para *toda* a necessidade de energia, também de uma população mundial crescente. Ela nos deixa em condições de renunciar à energia nuclear, à queima de óleo e carvão. Imaginem! O sol, além disso, é grátis. Ele nos fornece 400 mil vezes mais energia do que um dia poderemos precisar. Também a água é grátis. A liberação de hidrogênio na água através da eletrólise já foi desenvolvida há muito tempo e é facilmente liberada. A técnica é limpa, a matéria-prima existe em excesso, na sua laboração não surgem materiais prejudiciais, as bases científicas estão pesquisadas.

— Eletrólise — disse Valerie — é, explicando bem facilmente ao senhor Gilles, a separação das partes da água. A água tem a fórmula química  $H_2O$ : H para hidrogênio, O para oxigênio. Num campo de tensão elétrica entre o pólo positivo e o negativo,  $H_2O$  se decompõe em seus elementos H e O. Isto se chama eletrólise. Dilui-se o hidrogênio através do resfriamento e pressão, o oxigênio liberado some no ar.

— E como se transforma da energia solar a energia do hidrogênio? — perguntou Gilles.

— Há vários modelos — respondeu Loder. — Preciso dizer desde o começo o seguinte: aqui nós somos apenas algumas pessoas entre muitas outras que se ocupam da energia solar. E a energia solar é apenas uma das condições prévias para que este mundo ainda tenha uma chance de sobrevivência. — Ele tossiu. — Sim, precisei dizer isto logo no começo — e agora à sua pergunta, senhor Gilles. Tomemos como exemplo a usina de vento!

— Como funciona? — Ekland perguntou.



— Imaginem: numa região rica em sol, uma grande área de solo vários campos de futebol — é coberta por plástico até a altura de um homem. O ar sob o plástico se aquece e corre numa chaminé de 200 metros de altura. O vento quente que passa pela chaminé faz funcionar uma turbina. A turbina produz energia. A energia é utilizada para a eletrólise. Através da eletrólise se recebe hidrogênio. Uma tal instalação está no planalto de La Mancha, na Espanha.

— Iremos até lá — disse Ekland. Katja olhou para ele. Ele lhe havia dito que as dores estavam mais fracas depois da primeira injeção de cortisona.

— Ou então — disse Loder — imaginem: algumas centenas de espelhos direcionam concentradamente a luz solar para um receptor — chamamos de *receiver* — no topo de uma alta torre de mais ou menos 80 metros de altura. No *receiver* se originam cerca de mil graus de calor. Esses mil graus são transferidos para um meio indutor de calor, por exemplo nâtrio, e depois utilizado para a produção de vapor de água, que faz funcionar um gerador de energia. A energia do gerador é utilizada para a eletrólise. A eletrólise, por sua vez, traz o hidrogênio. Há uma tal instalação na Califórnia.

— Também precisamos ir lá — disse Ekland, e o coração de Katja bateu forte, de alegria.

— Continuando! — Loder disse. — Um espelho em forma de concha — chamado de espelho parabólico —, que segue automaticamente o caminho do sol, concentra a energia solar no foco. Lá está um motor de ar quente, que faz funcionar um gerador de energia. Instalação-modelo na Arábia Saudita... Em princípio se poderia armazenar hidrogênio fluido como portador ideal de energia, como gasolina em países de muito sol, como a Espanha e a África do Norte, em tanques especiais e fornecer através de *pipelines* a toda a Europa. Instalações solares num areai de 150 quilômetros por 200, no Saara, seria suficiente para cobrir toda a necessidade de energia da Alemanha Federal — e isto *não* é ficção científica! Os melhores desses sistemas já transformam hoje, embora não haja nenhuma

grande produção, mais de 30% de energia primária em eletricidade. Comparando: Em UENs são no máximo 28%. Mas — disse Loder, sorrindo ironicamente — para tal você não precisa ir à Arábia Saudita. Algo assim há aqui em Binzen. Muito melhor. Construimos algo que lhes agradará.

No mesmo momento, em Frankfurt am Main, o procurador Ritt, no seu escritório, apresentava três homens, um ao outro: — doutor Markus Marvin e doutor Bruno Gonzalos — obrigado por terem sido tão pontuais —, este é o comissário Robert Dornhelm, da polícia criminal I.

— Muito prazer — disse Dornhelm.

— Como está Hansen? — Marvin perguntou.

— Bem — disse Ritt. Eles falavam inglês, por causa de Gonzalos.

— Ele ainda está no hospital?

— Como? Oh, sim, certamente. Ainda. O senhor aprontou uma das boas para ele. Por que pergunta?

— Por comiseração — disse Dornhelm, irônico. — Certamente o senhor doutor Marvin sente muito o que fez. Eles se conheciam há tanto tempo. E por tanto tempo tão ligados à mesma mulher.

— Isto é uma sem-vergonhice! — disse Marvin, irado. Todos eles precisavam falar muito alto por causa do barulho da construção.

— Triste, triste — disse Dornhelm.

— O que é triste?

— Como os seus nervos estão abalados.

— Está tudo bem com os meus nervos, senhor...

— Dornhelm.

— ...senhor Dornhelm.

— Então está mais calmo, senhor Marvin.

— Basta! — Ritt disse, enfático. — Pare, Robert! Você não tem tato. O senhor Marvin perdeu sua filha. Seria desumano se ele não

estivesse com os nervos abalados. Meus sinceros pêsames, senhor Marvin.

— Também os meus — disse Dornhelm. — Realmente.

Marvin não disse nada.

— Meus senhores, como sabem, pedi que viessem aqui porque precisamos de sua ajuda e colaboração — disse Ritt, enxugando o suor da testa, pois o sol entrava no pequeno escritório. — Primeiramente, gostaria de lhes mostrar duas fitas gravadas.

— Que fitas? — perguntou Marvin.

— Pelo amor de Deus, não fique nervoso, senhor doutor Marvin! — disse Dornhelm. — Duas fitas. Aqui não dá. Há muito barulho. Há uma pequena sala de projeção aqui perto. Lá é silencioso. Tenham a bondade de me seguir...

Ao sair, Ritt tocou a campainha da sua escrivaninha.

Na cabine de projeção, ao lado da sala, soava um vibrador. Walter Coldwell, que esperava em camisa de mangas curtas, se curvou sobre uma grande e aberta mala de gravação com uma aparelhagem extremamente complicada e a posicionou para o início. O aparelho estava ligado aos alto-falantes, que estavam localizados à esquerda e à direita da tela, na frente da sala sem janelas. Como na cabine, aqui também estava silencioso e frio. Os dois aposentos estavam artificialmente iluminados.

Na frente da tela de projeção, no segundo lado estreito da sala coberta com um tecido negro, havia, abaixo da abertura de projeção um vestuário instalado, com ganchos de alumínio, cabides, um porta-guarda-chuvas e um grande espelho. Se se estava na sala de projeção, o espelho era um espelho. Se se estava na cabine de projeção, o espelho era uma janela. Walter Coldwell, elegante (mas vestido muito jovialmente e muito gordo), agente da National Security Agency, o mais secreto serviço secreto dos Estados Unidos, olhava com olhos cansados através desse espelho para a tela vazia, cujo

prateado branco dava uma aparência de sujeira.

A NSA foi fundada em 1952. Anualmente, ela recolhia 24 mil toneladas de material secreto, do qual a maior parte era destruída; a menor, guardada. Os ouvidos da NSA estavam no mundo inteiro em imensas estações terrestres, em aviões e navios. Não havia para a organização — como sabiam seus orgulhosos agentes — nenhum caso insolúvel. Com a ajuda da melhor alta tecnologia, eles podiam ouvir toda conversa, mesmo quando era realizada atrás das mais grossas paredes de aço ou codificadas segundo os métodos mais modernos. Quatro homens entraram na sala.

Coldwell os olhou através do espelho e ouviu o que falavam, através de microfones presos ao lado da tela, que estavam ligados a um segundo aparelho. Marvin reclamou do ar sufocante, tirou sua jaqueta e a pendurou num cabide do vestiário. Depois ele foi para diante do espelho e avaliou, nervoso, o seu rosto. Neste momento ele olhou diretamente para os tristes olhos de Coldwell, que não podia ver. O agente estava distante de Marvin uns 40 centímetros. Ele também estava nervoso e se lembrou novamente que trabalhava para uma boa causa, para uma das mais necessárias — impedir crimes ou pelo menos a sua perseguição e castigo. Ele suspirou, enquanto pensava o que sempre pensava em tais momentos: alguém precisa fazer esse trabalho, mesmo que de vez em quando um inocente seja prejudicado. Nessa missão, continuou ele a pensar, trata-se de muita coisa, e este Marvin é culpado, disto estou totalmente seguro, desta vez nada pode dar errado, não, não preciso ter medo. Oh, Deus, pensou Coldwell, gostaria de não precisar ter medo, pois ninguém pode ser absolutamente seguro.

Ele ligou um segundo aparelho que gravava tudo o que era falado ao lado.

Na sala de projeção, Ritt falou: — Por favor, sentem-se, meus senhores! Ouvirão agora a gravação de uma conversa entre dois homens. Peço-lhes para depois nos dizerem se reconhecem a voz de um ou dos dois homens.

— Com prazer — disse Gonzalos.

— Um momento! — disse Marvin. — Devagar! Quem gravou essa conversa?

— No momento isto não vem ao caso — disse Dornhelm.

— Mas como não vem! — disse Marvin. — Se não souber quem gravou essa conversa, não estarei disposto a ouvi-la.

— Trata-se, como lhe disse ao telefone, da elucidação de acontecimentos muito graves — disse Ritt, esforçando-se para falar calmamente. — Pedimos a sua colaboração.

— Mas o senhor não nos trata como colaboradores! — Marvin gritou. — Como colaboradores temos o direito de saber quem gravou essa conversa.

— De forma alguma — disse Dornhelm, mal-educado.

Marvin se levantou e foi ao vestiário.

— O que isso quer dizer?

— Vou pegar minha jaqueta. Depois vou embora e entrarei em contato com a senhora Goldstein, minha advogada. Sem ela não direi nem uma palavra mais. Seu comportamento é de certa forma estranho, senhor procurador.

— O seu! — Ritt disse, irritado. — O seu é que é. Por que saber, de qualquer forma, quem gravou essa conversa? O senhor nem sabe quem participou dela!

— Primeiro me interessa saber quem a gravou — disse Marvin, e olhou para Coldwell, sem vê-lo, através do espelho, novamente direto nos olhos. — Também quero lhe dizer por quê. Já há muito tempo andam por aqui americanos que se informam sobre mim com várias pessoas. Não imagino por quê...

Não, não imagina?, Coldwell pensou.

— Mas temo que alguém esteja tentando me meter numa enrascada, pouco a pouco. Agora, por exemplo, essa estória com a fita.

Muito sem-vergonha, pensou Coldwell. Por outro lado: se esse homem, ao contrário do esperado, realmente não fez nada... Não!,

pensou ele, respirando com dificuldade. Não! Não posso pensar nisso! Esse Marvin *tem culpa! Tem culpa.* Ele tem culpa, meu Deus?

— Por isso, se o senhor não quer dizer, senhor procurador, digo eu: americanos, um serviço americano qualquer, um de seus serviços secretos gravou essa conversa. É suficiente se o senhor balançar a cabeça afirmativamente. Então verei que tudo pertence ao mesmo complexo. Então também ouvirei a fita.

Então, balance a cabeça!, Coldwell pensou. Esse Marvin é realmente muito ingênuo, ou só representa? Os americanos que se informaram sobre ele não eram, naturalmente, americanos. Eram alemães, naturalmente. Se faziam de americanos. Marvin não pode acreditar seriamente que somos tão imbecis em buscar abertamente informações sobre ele, como americanos. Ou acredita realmente? Os alemães o conhecem melhor? Eles tiveram certeza de que ele cairia numa dessas? Balance a cabeça, finalmente, homem, pensou ele, repentinamente irado.

Ritt afirmou de pronto, como uma transmissão de pensamentos.

— Então — disse Marvin —, por que não disse logo? Um serviço americano ofereceu a fita.

— Trabalhamos juntos nesse caso — disse Ritt, embora soubesse que a NSA e a CIA o haviam tirado do caso Marvin/Hansen, para que pudessem realizar, sem ser incomodados, a busca na casa de Engelbrecht, da qual ele e Dornhelm não sabiam nem no que ela havia resultado.

— Então, está satisfeito? — perguntou ele a Marvin.

— Naturalmente que não — disse este. — Acho que tudo isto é uma grande impertinência, senhor procurador. Todo este segredo! Por que não podemos ver o americano, que sem dúvida está na cabine de projeção e fará rodar a fita?

— Não seja ridículo! — Dornhelm disse. — Acredita realmente que agentes se apresentam?

— Ah, estou me lixando! — Marvin se sentou. — Deixe rodar a

fita!

Degradante!, Coldwell pensou, melancólico, enquanto Ritt punha em marcha o complicado aparelho, por controle remoto. As bobinas começaram a rodar. Soou a voz de um homem, limpa de barulhos secundários através de métodos eletrônicos. Falava inglês com forte sotaque, mas fluente e agitadamente: — ...Contrato germano-brasileiro de 1975! Parem com isso! Sim, sim, *queremos* as usinas de energia nuclear de vocês! Mas vocês nos impingiram demais.

— Esse é o General Calera — disse Gonzalos.

Ritt desligou o aparelho. — Como? — Ele perguntou.

— Esse é o General Eduardo Calera — disse Gonzalos. — No governo militar de João Figueiredo, de 1979 a 1984, ele era ministro.

— Tem certeza?

— Absoluta. Conheço-o pessoalmente. Reconheci sua voz imediatamente. Quando isso foi gravado? Ou o senhor não pode dizer?

— Posso — disse Ritt. — A conversa foi gravada na casa do senhor Calera, em Brasília, doutor Gonzalos. No dia 9 de setembro, ou seja, há mais ou menos uma semana.

— Como, o senhor naturalmente não pode nos dizer — disse Marvin.

— Não, naturalmente.

Você gostaria de saber, pensou Coldwell atrás do espelho. De repente, o homem pesado cujo pai o havia espancado até quase a morte, quando garoto, se encheu de orgulho, louvado seja o Senhor. Toda a casa de Calera estava sendo escutada por seu pessoal. Todos os ministérios em Brasília eram escutados. Não apenas os ministérios, de modo algum! O microfone na biblioteca de Calera e os dos outros aposentos de sua casa haviam sido ligados por seus rapazes com a linha telefônica. Todos os números de todas as pessoas que nos interessam, pensou Coldwell, os números de todos os ministérios, também aqueles dos serviços secundários estão

incluídos no nosso computador principal. E no computador que servia para a escuta dessa conversa. Ele se encontra num navio de reconhecimento que cruzara Recife na semana passada. Computadores dessa natureza tocam, sempre através de antenas parabólicas, as linhas telefônicas de todos os ministérios e muitas casas particulares em Brasília. Em qualquer parte tocam outras inúmeras linhas. Cada telefone estava, por assim dizer, armazenado com o seu proprietário. Tais computadores podem pescar imediatamente, entre milhares de linhas, a desejada, e anotar uma conversa. É simples. Custa muitos bilhões de dólares por ano, nosso grande ouvido.

Ritt deixou rodar a fita...

PRIMEIRA VOZ: — Pode-se entender bem o fervor de seu governo. Especialmente quando se pensa que naquele tempo houve no seu país uma primeira crise da economia nuclear e os empresários já ameaçavam com desemprego em massa, se não se andasse tão rapidamente quanto até agora. Então chegamos a tempo. O “negócio do século” vocês chamaram naquele tempo de *deal*...<sup>28</sup>

SEGUNDA VOZ (penetrante): — Pare! O senhor acha que eu venho de Bonn até Brasília para ouvir acusações? O senhor aparentemente ainda não compreendeu do que se trata. Digo-lhe uma última vez. Desde esta primavera que trabalha conosco uma comissão de investigação que deve esclarecer práticas ilegais da indústria nuclear alemã. Isso acontece por pressão dos americanos, que não só supõem, mas afirmam, que nesse campo, na Alemanha Federal, as coisas acontecem como numa aventura. Estou aqui para combinar com o senhor uma regra de discurso comum. Então: primeiramente, os reatores não foram fornecidos ao senhor pelo governo da Alemanha Federal, mas pela Siemens-Kraftwerk-Union.

PRIMEIRA VOZ: — OK. Não pelo governo alemão federal. Pela Siemens.

SEGUNDA VOZ: — O senhor vai instruir todos que tinham a



ver com a coisa. Continuando: representantes do seu e do meu governo fecharam o acordo sobre o fornecimento de reatores do tipo Biblis-B.

PRIMEIRA VOZ: — O senhor sabe tão bem quanto eu que os reatores fornecidos também produzem material que pode ser utilizado por nós sem dificuldade para a concentração de urânio e reпреparação.

SEGUNDA VOZ: — Infelizmente não se pode impedir isso. O contrato está nas mãos da comissão de investigação. Precisamos tirar o melhor disso. No programa germano-brasileiro, mesmo assim, também foi tratado, no contrato, que as instalações e conhecimentos fornecidos da Alemanha Federal devem estar sujeitos ao controle internacional, ou seja, à Organização Internacional de Energia Atômica, em Viena.

PRIMEIRA VOZ: — Com o decreto de 31 de agosto de 1988 — ou seja, há dez dias — o novo governo fundiu o programa civil com o militar.

SEGUNDA VOZ: — O decreto está com a comissão.

PRIMEIRA VOZ: — Então essa comissão também precisa saber que o novo governo civil liquidou, em 1º de setembro, todas as firmas de cooperação germano-brasileiras e demitiu todos os técnicos alemães de funções de chefia.

SEGUNDA VOZ: — Ótimo. Assim dará certo. Continuando. O *senhor* queria — cá entre nós — receber urgentemente os procedimentos assegurados militarmente para a concentração de urânio. O *senhor* queria o procedimento centrífugai, embora soubesse que uma transmissão dessa invenção é, de acordo com o contrato da URENCO, estritamente proibida.

PRIMEIRA VOZ: — E contudo ele naturalmente nos foi fornecido — cá entre nós.

SEGUNDA VOZ: — Mas não por nós. O procedimento centrífugal não lhe foi fornecido por nós, mas pelo traficante de armas Herbert Engelbrecht. Ele lhe trazia sempre o que o senhor

queria, e o seu maior mérito...

PRIMEIRA VOZ (rindo): — Foi abençoar o tempo. Claro que foi Engelbrecht. Que Deus o tenha!

SEGUNDA VOZ: — Mas isso precisa permanecer, sobre todas as hipóteses: o senhor recebeu de Engelbrecht o procedimento centrífugai.

PRIMEIRA VOZ (rindo sinceramente): — Naturalmente. De quem poderia ser?

SEGUNDA VOZ: — Haveria também para o governo da Alemanha Federal conseqüências políticas, se fosse dita outra coisa. Já lhe disse que os americanos nos acusam de que venderíamos, junto com as instalações atômicas, também as suas instruções, o que é proibido, para a utilização militar do material fornecido. O senhor pode jurar que aqui não há nenhuma repartição que vá falar besteiras?

PRIMEIRA VOZ: — Posso.

SEGUNDA VOZ: — Como andam as coisas com os adversários da energia nuclear? Com o pessoal do movimento pela paz? Com os ecologistas? O senhor conhece o doutor Bruno Gonzalos?

PRIMEIRA VOZ: — O que há com Gonzalos?

SEGUNDA VOZ: — Estou perguntando ao *senhor!* Ele trabalhou para o governo brasileiro.

PRIMEIRA VOZ: — No Ministério do Meio Ambiente. Por pouco tempo.

SEGUNDA VOZ: — Gonzalos nos parece, de certa forma, não muito claro. Ele sabe de detalhes do contrato?

PRIMEIRA VOZ: — Não.

SEGUNDA VOZ: — O senhor está *bem* certo?

PRIMEIRA VOZ: — Eu... eu... considero impossível. Nosso pessoal tratou do fornecimento no mais alto nível de sigilo. Possivelmente, Gonzalos desconfia de algo. Ele pode desconfiar. Provas? Não tem nenhuma. Impossível!

SEGUNDA VOZ: — E se tiver?

PRIMEIRA VOZ: — Desde o começo que o nosso pessoal esteve de olho nele. Aquele não teve acesso a nada.

SEGUNDA VOZ: — E se tiver?

PRIMEIRA VOZ: — Na menor indicação de que ele... na sombra de uma tal indicação, ele será imediatamente eliminado. Já. Mas ele não sabe de nada. Podemos ficar absolutamente calmos.

Ritt desligou novamente o aparelho. O segundo aparelho atrás do espelho, que gravava as conversas na sala de projeção, continuava rodando.

— Então? — Ritt perguntou, e olhou de Marvin para Gonzalos. — E a segunda voz? Reconheceram?

— Bolling — disse Gonzalos, que parecia atordoado. — Era Peter Bolling.

— Senhor Marvin?

— *Soou* como Peter Bolling — disse este.

— O que significa isso? Dornhelm perguntou, doce. — Era Bolling ou não era?

— Sim — disse Gonzalos. Ele estava pálido e a partir de então muito inquieto.

— Senhor Marvin! — Dornhelm disse. — O doutor Gonzalos tem certeza. O senhor não parece muito certo.

— Não — disse Marvin. — Não posso dizer com certeza. Parece muito com a voz de Bolling. Mas...

— Mas?

Filho da puta!, Coldwell pensou, atrás do espelho.

— Mas... eu... eu não posso jurar. Era sua voz, sim. Mas algo era... era diferente. Não sei dizer o quê.

— Quer ouvir a fita mais uma vez?

— Isso é tudo?

— Não. Continua.

— Eu... eu não posso explicar porque não sei dizer com certeza que seja a voz de Bolling. Eu o faria imediatamente, se estivesse certo.

— Sim, faria? — Dornhelm perguntou, e sorriu.

— Como as coisas estão — que sentido teria mentir? Sei há muito tempo que as leis foram burladas com esse fornecimento.

— O senhor sabe há muito tempo?

— Escute! Fui eu que disse a Bolling. Isso o irritou muito... como a mim... Queríamos juntos... — Marvin parou.

— Vocês queriam juntos o quê? — Ritt perguntou.

— Apresentar a prova definitiva para esse escândalo. Da mesma forma como documentamos agora outros escândalos, a fim de informar o maior número de pessoas. Esse também era um tema previsto para a série de filmes-documentários... Agora Bolling desapareceu. Por quê? Não sei. Nenhum de nós sabe.

— Talvez ele quisesse dirigir o próprio filme — disse Dornhelm, alegre.

— Realmente não há nenhum motivo para alegria — disse Marvin, irado — se se imaginava que ele possivelmente não está mais vivo. Que foi assassinado, porque sabia demais.

— Sem dramas, por favor! — Dornhelm disse.

Marvin o olhou quase que o odiando. — Não é nenhum melodrama, senhor comissário. Pessoas já *foram* mortas porque sabiam demais, não é? Eu estive por um fio. Um inocente por detrás das grades. E minha... — Ele parou, olhou para o espelho, se dirigiu ao invisível. — ...e minha filha — gritou ele. — Minha filha! Também contei a ela. Em Altamira eu deveria ser tão eliminado quanto ela, estou certo disso. Quase aconteceu, pela segunda vez, quase aconteceu. Sou um morto de férias. Na próxima vez deve dar certo. Eles não podem ter tanto azar assim. Impossível.

— Senhor Marvin — disse Ritt. — Estamos apenas no começo dessa estória. Respeito sua raiva e sua tristeza. Todos nós. Mais uma vez, antes de continuarmos: era a voz de Bolling?

— Parecia ser — disse Marvin. — Se era realmente... eu simplesmente não tenho muita certeza.

— O *senhor* tem certeza, doutor Gonzalos?

— Tenho certeza, senhor Ritt.

— Então a outra pergunta: o senhor sabia que uma bomba atômica brasileira estava sendo construída?

Gonzalos não respondeu. Apesar da pele morena, seu rosto estava pálido como um cadáver.

— O senhor sabia, doutor Gonzalos? — Dornhelm perguntou  
Silêncio.

— Doutor Gonzalos!

— Não — disse este.

— Doutor Gonzalos — disse Dornhelm devagar e muito calmamente — eu lhe pergunto mais uma vez: o senhor sabe que o governo brasileiro construiu a bomba?

Seguiu-se um longo silêncio.

— Sim — disse Gonzalos, depois.

— O senhor sabe? — Ritt perguntou.

— Sim.

— O senhor disse antes que não sabia de nada.

— Eu... menti.

— Por que mentiu?

— Por medo.

— Medo?

— Sim, medo! O senhor ouviu o que disse Calera: morro, tão logo eles tenham apenas a impressão de que sei de alguma coisa. E o que acontece com a minha mulher e o meu bebê?

— Ninguém saberá de nada — disse Ritt. — Acalme-se, doutor!

Atrás do espelho, Coldwell mordeu os lábios. Tenho cada palavra gravada, pensou. Preciso passar a fita adiante. Será utilizada como prova contra Bonn. Gonzalos estará protegido? Seria possível. Seria feito? Ele é inocente. Ele é inocente? Quem conhece a verdade sobre Gonzalos e sua mulher?... Será que estou novamente sentindo aquelas coisas, das quais tenho tanto medo?

Gonzalos estava imóvel, de cabeça baixa. Só os seus lábios se mexiam. Marvin olhava para Ritt. Este não respondeu ao olhar.

Dornhelm olhava para as suas unhas. Elas pareciam lhe agradecer.

E atrás do espelho, Walter Coldwell rezava: Deus, faça com que eu só ajude a lutar contra o mal, a impedir desgraças! Faça, Deus, com que eu não prejudique nenhum inocente! Não novamente. Não sempre. Oh, Deus, no céu, por favor!

Marvin disse: — Posso ouvir a fita até o fim? Não tenho explicação para o que faz Bolling aí, se realmente é Bolling. Estou completamente atordoado e perplexo.

Sim? Você está?, Coldwell pensou. E Gonzalos? Ele diz que primeiramente se calou de medo. Também tenho medo. Quem não tem hoje? Medo é um crime? Quem julga aqui? Só a NSA? Ele baixou a cabeça, infeliz.

A fita continuou:

SEGUNDA VOZ: — O que então o senhor vai explicar oficialmente?

PRIMEIRA VOZ: — Primeiramente utilizamos as ultracentrífugas no nosso programa “Submarinos com propulsão atômica”. Tudo em ordem. O grau de concentração satisfaz. Mas um submarino não é uma arma atômica. Por isso, construímos nossa própria ultracentrífuga. Ela tem sua posição, seu grau de concentração é conhecido, mais não posso dizer. É importante que essa centrífuga seja 100% brasileira.

SEGUNDA VOZ: — Excelente.

PRIMEIRA VOZ: — Achamos que nossa máquina é algo completamente diferente da centrífuga alemã. Nosso pessoal esteve no exterior, toda uma equipe, estudou etc.

SEGUNDA VOZ: — Bom.

PRIMEIRA VOZ: — Não queremos montar um arsenal de bombas gigantesco. Mas o Brasil *precisa* ter uma bomba. Não queremos nenhuma corrida, mas um sinal de advertência: se vocês nos provocarem, acendemos a bomba. Suponhamos que haja uma nova guerra mundial. 29% do comércio exterior brasileiro são efetuados por navio. O que acontecerá? O Brasil entra na guerra, e

os Estados Unidos aparecem como um poderoso protetor. Mas eles protegerão sobretudo seus próprios interesses. Então precisamos dizer: meus senhores, não queremos entrar nessa guerra, mas protegeremos nossa marinha mercante, escoltaremos nossos navios. Por favor, deixem nossos navios em paz, senão atacaremos! Quero dizer, isso é lógico

SEGUNDA VOZ: — E lógico.

PRIMEIRA VOZ: — Tenho ainda uma pergunta.

SEGUNDA VOZ: — Por favor.

PRIMEIRA VOZ: — Qual a distância de Karlsruhe?

SEGUNDA VOZ: — Não entendo...

Marvin se levantou e olhou para as caixas de alto-falantes no dois lados da tela de projeção.

PRIMEIRA VOZ: — Naturalmente que entende!

SEGUNDA VOZ: — Realmente não estou entendendo...

— No começo do século XIX — Wolf Loder disse mais ou menos no mesmo momento — havia ainda na Inglaterra trabalho infantil, por exemplo, em minas. As galerias, naquele tempo, eram construídas numa altura na qual as crianças pudessem trabalhar. De vez em quando havia rompimento de água. Tirava-se a água das galerias inundadas com máquinas a vapor. Isso era meio arriscado pois elas explodiam freqüentemente e muitas crianças perdiam suas vidas nas galerias. Tal coisa tocava o coração de um homem devoto, o pastor Stirling. O pastor Stirling não dizia como Karl Marx: “Precisa-se mudar o sistema”, ele dizia: “Precisa-se mudar a máquina”, para que tantas crianças não subam a Deus, o Senhor, mais cedo que o previsto.

— O senhor é um cínico — disse Valerie Roth. — Quem teria imaginado?

— Não sou cínico, senhora Roth.

— Mas talvez um idealista, senhor Loder?

— E se for?

— Muito freqüentemente idealistas e cínicos são gente muito perigosa. O senhor não. O senhor é um idealista agradável. Já era tempo de chegarmos até o senhor. Eu diria que, dramaturgicamente, o senhor e a energia solar vêm como o lado positivo da estória neste ponto de nossa inventariação. Continue contando sobre o bom pastor Stirling, senhor Loder!

— No coração do bom pastor Stirling — disse o físico com os brilhantes olhos azuis — estavam as crianças — ou os proprietários de minas. De qualquer forma, ele quebrou a cabeça sobre um substituto para a máquina a vapor, e em 1816 ele conseguiu graças a Deus. Seu aparelho era simples. Ele consistia de um cano cheio de gás e dois balões. Uma ponta do cano era esquentada, a outra, resfriada. Deste modo conseguia-se pressão e depressão e, com isso, os balões se movimentavam pra lá e pra cá. Esse movimentos eram transferidos para uma cambota. No tempo bom pastor Stirling ligava-se a cambota com uma bomba, a qual aspirava as galerias inundadas. Hoje, por exemplo, pode-se ligar a cambota com um gerador e este...

— ...produz então energia — disse Gilles.

Loder sorriu para ele. — Assim mesmo! Quando se dirige, de um grande espelho solar, os raios ligados no fim do motor de Stirling, então se esquentam estes. E quando se resfria o outro fim, se recebe energia elétrica diretamente, sem qualquer solução ideal, da energia solar. Até sem hidrogênio. Seria a solução ideal. Só que não é.

— Porque o funcionamento tem como condição de que o sol sempre deve brilhar — disse Valerie.

— Certo. Mas apesar disso estamos felizes pelo bom pastor Stirling ter inventado seu motor. Vou lhe explicar já por quê.

De fora soaram risadas. Na grande área gramada estava um homem mais velho, de cabelos brancos, no meio de um grupo de homens.

— O meu pai — disse Loder. — Ele está justamente



demonstrando nossa invenção. Hoje temos visitas russas e japonesas. Quase que diariamente vêm políticos e cientistas do mundo inteiro — convencidos de que, de acordo com o nível atual do conhecimento, só a tecnologia solar/hidrogênio garante as condições para uma fonte de energia quase que ilimitada e não-prejudicial ao meio ambiente.

Valerie Roth disse: — Escute, senhor Loder, sei alguma coisa sobre energia solar. De qualquer forma, trabalhei anos a fio com o meu tio, o professor Ganz, na Sociedade de Física de Lübeck. Agora, que devo substituir Bolling, me ocupo mais intensivamente da energia solar. E com ela uma coisa ficou mais clara: seja qual for a maneira que o senhor libere hidrogênio através da energia solar e transforme em energia, o senhor sempre precisará de mais hidrogênio.

Loder a olhou, sorrindo.

— Sei que estou engraçada — disse ela, levemente agressiva.

— Como? — Loder ficou atordoado.

— Com o olho marrom e o outro azul — disse Valerie. — Vocês todos notaram. Ninguém fala a respeito. Muito tato. Coisas assim acontecem com uma mulher como eu! Quando ouvi que o senhor me esperava ainda hoje, arrumei minhas coisas com toda pressa e parti. *Vagon-lit* até a Basiléia. Depois que me levantei, vi a desgraça das lentes de contato no espelho. No nervosismo, peguei em casa duas cores diferentes. — Ela riu. — Na Basiléia, fui até um oculista, antes de pegar um táxi até Binzen. Até a noite vão preparar lentes de contato da mesma cor. Azuis. Só digo isso para que nenhum de vocês pense que fiquei louca. — Ela riu novamente, alto.

Bem baixinho, Isabelle disse a Gilles: — Que tipo de gente é essa que possui lentes de contato com cores diferentes e muda, de acordo com o gosto, a cor de seus olhos?

— Isto eu já me perguntei — cochichou ele. — Que tipo de mulher é essa?

A mãe dessa mulher era muito bonita e muito infeliz no Terceiro Reich, pois ela detestava os nazistas da mesma forma que os seus pais. Os pais moravam em Munique. Margot, assim se chamava a mãe de Valerie, nascida depois do fim da guerra, trabalhava como física no Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim. Ela tinha alguns amantes, mas não amava nenhum deles, pois entre eles não havia nenhum que odiasse os nazistas como ela, nenhum com o qual ela pudesse falar abertamente sobre a sua tristeza e o seu ódio.

Num grupo ela então encontrou um homem, com farda de atirador do exército alemão, que parecia miserável, magro e desesperado, tinha uma liga em volta da cabeça e uma outra na mão direita. Era um grupo animado, com muitos condecorados, chefes de exército e jovens mulheres. A anfitriã, que ela suspeitava ser de direita, organizava sempre tais eventos. Oficiais e bajuladores traziam sempre muitos petiscos, champanha e conhaque francês, ainda em 1944.

Margot havia levado uma amiga, ela não pôde observar como esta entrou no seu laboratório. A festa foi, para Margot, uma catástrofe, naturalmente — só aquela qualidade de homens dos quais ela se enojava... Até que prestou atenção no pobre atirador, em sua farda suja, que também havia levado um amigo. Eles conversaram em voz baixa e cuidadosamente. Ele se chamava Franz Roth. Sua mãe havia sido enforcada dois anos antes no lago Ploetzen, ele vinha justamente da Prinz-Albrecht-Strasse. Lá, na central da Gestapo, ele sobreviveu a três semanas de prisão, com contínuos interrogatórios e torturas.

Franz Roth disse: — Podemos ir até sua casa?

— Sim — disse Margot.

Nessa noite os bombardeiros britânicos não vieram, e assim os dois ouviram, no apartamento de Margot, o noticiário da BBC em alemão, e quando uma voz de homem anunciou: “Aqui fala Londres! Aqui fala Londres! Aqui fala Londres!”, então Margot ficou — com o

homem espancado a seu lado — tão feliz como nunca. Naquele minuto começou o seu maior amor. Há tantas maneiras de amor.

Os dois não se separaram mais, nem por um dia. Um alto oficial do comando berlinense, amigo da família Roth em tempos mais felizes, conseguiu com que Franz pudesse ficar em Berlim. Margot se encarregou de que ele recuperasse as forças. Três meses depois de se haverem conhecido, dormiram juntos. O amor aumentou ainda mais. Mas ele havia começado naquela noite, quando, juntos, ouviram Londres.

Franz contou a Margot que era diretor e havia encenado em Paris antes de 1939. Depois da guerra ele poderia voltar a trabalhar. Margot se alegrava por isto. O amor ajudou a apaziguar a dor, quando o pai foi morto por bombas, em Munique, no fim de 1944. Em 1945 ela escondeu Franz meses a fio em vários lugares, pois a Gestapo o procurava. Na noite de 8 para 9 de maio de 1945 eles estavam novamente no apartamento de Margot diante do rádio e ouviram um locutor dizer as seguintes palavras: “O império alemão capitulou sem impor condições. A guerra terminou.” Depois eles ouviram nesse programa da BBC a *Nona Sinfonia*, de Ludwig von Beethoven. E eles se deram as mãos e choraram de alegria.

No verão de 1945 Margot e Franz Roth se casaram na destruída Berlim. No começo de setembro ela lhe comunicou que estava grávida. No tempo da fome, das ruínas e das epidemias era muito perigoso ter um filho, e Margot perguntou a seu marido se ela deveria correr esse risco. Para sua alegria, ele disse, respondendo: — Você precisa ter esse filho! Nosso filho, pense nisso, Margot! Agora que a guerra acabou. Se você abortar, não olhe mais na sua cara. — Então a criança morreu ao nascer. Margot teve uma grave infecção. À beira da morte, com 41° de febre, ela combinava com um peleiro o preço de seu único casaco de pele. Ela precisava de dinheiro para que os médicos pudessem comprar penicilina no mercado negro. O peleiro, afinal, pagou uma fração do valor que possuía o casaco de peles. Com a quantia, os médicos compraram penicilina no mercado

negro, e a penicilina salvou a vida de Margot. Mesmo assim, durou meses para que ela ficasse totalmente boa e anos para que pudesse arriscar uma nova gravidez. Em 1949 nasceu Valerie. Como Margot estava feliz! Um novo tempo havia começado, ela tinha um marido que amava, uma filha que amava, e então Franz pôde trabalhar novamente como diretor, ah, vida bonita, mundo bonito!

Franz não começou a trabalhar como diretor, embora ele tivesse recebido muitas ofertas. Franz tinha muita cultura, era inteligente charmoso, falava seis línguas — mas era, como se mostrava, absolutamente incapaz de viver. Ele simplesmente não *podia* trabalhar. Tudo o que ele fazia, dava errado. Tudo o que tentava, fracassava.

Quando Valerie tinha quase um ano, Franz Roth abandonou a mulher e a filha e viajou para Roma. Lá trabalhava um famoso diretor, com o qual ele tinha ido à escola. Em Roma, Franz conheceu uma jovem atriz. Quando esta foi chamada para Hollywood, ele a acompanhou. Margot nunca mais o viu, algumas vezes ela ouviu falar dele e da jovem atriz, depois ninguém pôde lhe dizer por que e para onde os dois de repente desapareceram.

Margot Roth deu tudo o que tinha na vida para a pequena Valerie. Sempre quando alguém falava mal de Franz, ela o defendia fervorosamente. Ele era uma pessoa boa, mas infelizmente fraca e incapaz para a vida. Que culpa tinha ele?

Margot trabalhou novamente como física. Ela cuidou para que Valerie tivesse uma juventude muito feliz. Ela se preocupou com a melhor educação, com as melhores escolas. E Valerie correspondia às expectativas. Ela era a melhor colegial, mais tarde a melhor estudante de sua turma na universidade, onde ela, como a mãe, estudou Física.

Aos 22 anos Valerie se mudou para um pequeno apartamento, mas visitava a mãe regularmente. Valerie se apaixonou por um estudante de matemática e estava feliz. O estudante engravidou Valerie e desapareceu imediatamente depois. O pai de Valerie,

mesmo assim, só desapareceu depois de seu nascimento. É óbvio que Valerie não teve o filho.

Durante muito tempo ela ficou muito infeliz. Então se apaixonou de novo. Por um advogado. Este era casado e jurou que se separaria. O que nunca fez. Ele tinha dois filhos que precisavam dele, dizia. Valerie compreendeu. Só dois anos depois ela conheceu um outro homem. Um médico. Desta vez, a relação esteve bem durante três anos. Então ela descobriu que o médico trabalhava para o serviço secreto tcheco e que se utilizou dela durante o período de seu amor em missões perigosas, da qual ela não tinha a menor idéia. Nada acontecia a ela por mera sorte. Quando ela o colocou na parede, ele ameaçou com denúncia à burocracia alemã, caso ela o abandonasse. Ela se recusou a ajudá-lo uma vez mais que fosse. Ele a denunciou. Os alemães reagiram racionalmente. Eles protegeram Valerie. O médico havia desaparecido há muito tempo, quando eles chegaram para pegá-lo.

Assim, havia até então três homens que ela havia amado realmente. Todos os três a enganaram e a abandonaram. O quarto, que ela, depois de muito tempo de solidão e da morte de sua mãe em Berlim, começara a amar, era oculista. Ele disse por tanto tempo que os seus óculos de lentes grossas não favoreciam a sua aparência — ela era muito míope —, que ela, cheia de complexos e medo de perder esse homem, começou a usar lentes de contato, as quais ele havia aconselhado. Naquele tempo elas não estavam perfeitamente desenvolvidas; colocá-las e tirá-las significava sempre novas dores. Os olhos de Valerie se infectaram através do contato contínuo e também através de partículas de sujeira, e por último ela pegou uma conjuntivite. Esta foi tão grave, que ela precisou ir para uma clínica e ser operada. Ao deixar a clínica depois de dois meses, o oculista se havia mudado de Berlim para Frankfurt e casado com uma jovem mulher, com a qual ele — ao lado de Valerie — mantinha uma relação de anos.

Isso aconteceu naquele tempo, em que Valerie justamente

começara a trabalhar para o seu tio, o professor Gerhard Ganz, na Sociedade de Física de Lübeck. Ela agora sabia que o amor era a coisa mais cruel e mais terrível que podia acontecer a alguém, e ela decidiu nunca mais amar, nunca mais. Ela continuou a usar lentes de contato, e com elas tinha tão pouca sorte como havia tido com os homens, mas mesmo assim ela continuou a usá-las.

Wolf Loder, olhos azuis, disse: — Tem razão, senhora Roth até agora se precisou, para produzir energia elétrica da energia solar. sempre novo hidrogênio. Eu e meu pai desenvolvemos um modelo no qual só se precisa uma única vez de hidrogênio, que pode ser sempre utilizado novamente.

Ele estava diante da lousa. Lá fora, sobre o grande gramado com os aparelhos solares, russos e japoneses riam novamente alto sobre algo que seu pai havia dito.

— Apenas uma vez? — Valerie Roth disse. — Impossível.

Loder riu.

— Sim, sim, é possível, senhora Roth! — Ele disse a Ekland: — Naturalmente o senhor filmará a instalação original, que está lá fora. No momento há lá muita confusão. Primeiro desenho a coisa na lousa, OK?

— OK — disse Valerie.

— Antes de começar a desenhar — disse Loder — quero desmistificar tudo isso. Em princípio, tudo é muitíssimo simples. Peguemos uma geladeira. Há um elemento dentro dela que pode se evaporar. Antes era amoníaco. Precisamos de energia elétrica para transformar o elemento em gás — ele não pode se evadir, precisamos dele ainda. Por isso, o sistema é absolutamente fechado. O que acontece quando o elemento se transforma em gás?

— Fica frio — disse Gilles.

— Certo — disse Loder. — Fica frio. Mas para que a geladeira continue a poder trabalhar, precisamos sempre voltar a liqüefazer o elemento gasoso — nos velhos sistemas de amoníaco havia, para tal, canos atrás da geladeira — e tudo pode começar do começo. Chama-

se isso de circulação. Eu e meu pai pensamos desde o começo numa tal circulação para hidrogênio. Pensamos imediatamente em ligações químicas, chamadas hidridos. Simplificando, água é um hidrido.  $\text{H}_2\text{O}$ . Entre os hidridos metálicos é conhecido há muito tempo o hidrido magnésio como hidrido de alta temperatura com a mais alta densidade em energia.

Ele escreveu na lousa:  $\text{MgH}_2$ .

— Então o professor Bogdanovic, do Instituto Max Planck para pesquisas com o carvão, em Muelheim-an-der-Ruhr, desenvolveu um tipo especial de hidrido de magnésio: catalítico.

— O que significa isto, catalítico? — Gilles perguntou.

— Hidrido de magnésio normal só libera, com calor, hidrogênio muito lentamente, lentamente demais para os nossos fins. O hidrido de magnésio catalítico libera hidrogênio muito rapidamente. Ótimo para os nossos fins. E então tentamos pensar numa circulação — como numa geladeira ou num motor de Stirling. Uma circulação para uma única utilização de hidrogênio.

Ele começou a desenhar.

— Isto — disse ele, começando pela esquerda — é um de nossos espelhos especiais, com os quais captamos luz solar. Pegamos o calor solar do espelho e o dirigimos nesse recipiente de pressão. — Ele desenhou uma câmara em forma de bloco. — Aqui dentro, então, fica muito quente, não é? — Ele rascunhou uma segunda e maior câmara, ligada à primeira. — Nosso aparelho tem um outro recipiente de pressão. Este enchemos com hidrido de magnésio e pó. — Ele desenhou muitos anezinhos e pontinhos na segunda câmara. — Assim... Tudo esboçado primitivamente... Quando o calor do sol, no recipiente de entrada, esquentá-lo muito, então a parede para o segundo recipiente naturalmente também esquenta, não é? E também *no* segundo recipiente ficará quente. Tão quente, que, por exemplo, podemos utilizar o calor para cozinhar ou, mais importante, para o funcionamento de...

— ...um motor de Stirling — disse Isabelle.

— Certo. — Loder desenhou com alguns riscos uma tal máquina, a qual ele ligou à segunda câmara. — O motor Stirling produz energia elétrica. Com isso podemos fazer muitas coisas. No recipiente cheio com hidrido de magnésio acontece *ainda* uma outra coisa.

— O hidrogênio é expulso do pó — disse Valerie.

— Sim — disse Loder —, o hidrogênio é expulso. Rapidamente. Em mais ou menos 500° centígrados... Para onde com o hidrogênio gasoso? — Ele riu, feliz como uma criança. — *Agora* vem! No recipiente com o hidrido de magnésio instalamos um cano... — Ele desenhou. — o cano tem uma válvula, aberta, fechada. — Ele desenhou uma válvula. — Agora está aberta. O hidrogênio gasoso pode-se evadir através do cano... — ele rabiscou — ...para um outro recipiente... — ele desenhou uma outra câmara — ...e esse recipiente é cheio de limalhas de um outro metal, ferro-titânio... — Ele fez muitos pontos com giz. — Deixamos a válvula por tanto tempo aberta, até que todo hidrogênio seja expulso do hidrido de magnésio e vá para o outro recipiente. Então o fechamos. O que acontece agora?

— Agora — disse Valerie — o hidrogênio gasoso provavelmente irá se ligar às outras limalhas ferro-titânio, para formar uma substância química.

— Exatamente. O hidrogênio expulso e o ferro-titânio fazem uma nova ligação: surgem hidrido de ferro-titânio, e ao mesmo tempo calor, mais ou menos para esquentar a água. E automaticamente o hidrogênio está seguro e compactamente armazenado. A válvula está fechada agora. Podemos continuar a produzir energia com o calor no recipiente de pressão, água quente, fazer máquinas funcionarem, ouvir rádio, tudo, simplesmente. De acordo com o tamanho do aparelho e com o número de unidades que utilizamos podemos naturalmente utilizar o sistema também em fábricas para o funcionamento de máquinas pesadas e grandes... Bem, agora anoitece. — Ele primeiro havia desenhado um sol, então ele o apagou



e desenhou uma lua minguante. — Agora podemos abrir a válvula. O hidrogênio corre de volta para o magnésio, se liga novamente a este num hidrido de magnésio, surgem altas temperaturas, a máquina de Stirling ronrona, pode-se cozinhar... E ao mesmo tempo o ferro-titânio esfria automaticamente — para a expulsão do hidrogênio, o ar natural subtrai calor. O que podemos fazer com o frio que surgiu? Bom, podemos de fato fazer funcionar uma geladeira. — Ele ligou à câmara direita uma geladeira rascunhada. — Com outras palavras: podemos fazer tudo o que quisermos.

— De fato — disse Valerie.

— Agora vem o dia seguinte — continuou Loder. — Durante toda a noite o hidrogênio do ferro-titânio fluiu para o magnésio, produzindo frio, energia e calor. Agora o jogo começa do início. O sol esquentava novamente o hidrido de magnésio, traz o hidrogênio de volta ao ferro-titânio, novamente o motor de Stirling funciona, novamente há calor, e é produzida água quente. O hidrogênio — sempre o hidrogênio, doutora Roth — vai do magnésio ao ferro-titânio. Na noite seguinte, de volta. No outro dia novamente na outra direção... E temos aquilo que queremos — ou seja, uma circulação, sempre com o mesmo hidrogênio.

— Parabéns! — disse a mulher com o olho marrom e o azul.

— E tudo funciona praticamente sem qualquer perda de energia — disse Loder. — É absolutamente imaginável transportar nossos aparelhos em grande número, de trem, do sul para o norte, onde há menos ou nenhum sol, e depois de volta ao sul, onde há muito sol, para carregar novamente os sistemas.

Da grama soaram risadas e gritos.

— Vejam — disse Loder. — Meu pai colocou uma garrafa de champanhe na geladeira ao lado do recipiente com as limalhas de ferro-titânio. E taças. Taças e champanhe agora estão geladíssimos. Lá! Eles estão, agora mesmo, bebendo!

— Tudo isto — disse Valerie Roth, baixando a cabeça — é muito bonito. Mas só agora em desenvolvimento, senhor Loder.

Todos esses sistemas solares ainda estão em desenvolvimento...

— Não é verdade! — ele gritou, passional — Muitos já funcionam, sobretudo nos Estados Unidos.

— Mas ainda são muito caros... ainda não se impuseram. O senhor mesmo diz que volta e meia se vê impedido do seu trabalho. Não se trata de pusilanimidade, acredite; é o realismo que me permite perguntar: o senhor não chegou com a sua invenção já muito tarde? No ano 2040...

Loder a interrompeu com uma paixão que levou todos a prestarem atenção: — No ano 2040 este mundo será mais bonito do que nunca!

— O senhor realmente acredita... — Valerie se calou, pois Loder continuou a falar alto.

— Mais bonito, sim! Não estamos no fim. Estamos no começo. A senhora certamente não sabe, senhora Roth, mas deve saber: no mundo inteiro, em todos os continentes, cientistas e toda uma geração de políticos íntegros há muito conseguiram formar uma rede de salvamento global. Essas pessoas estão dispostas, a todo momento, a assumir a posição de todos aqueles que, no seu desespero e decadência, amanhã não têm mais idéia e devem reconhecer a sua bancarrota. Essas pessoas, no mundo inteiro, se esforçam na medida do possível. Ainda assim, elas não conseguem tudo sem maiores problemas. Mas conseguirão — Os olhos de Loder brilhavam, seu rosto havia enrubescido.

— Logo no início eu disse que o senhor é um idealista — disse Valerie Roth.

— Mas não um fanático — disse ele. — Só *um* exemplo: há pouco teve lugar nos Estados Unidos uma conferência sobre energia. Sim, mas quatro dias antes houve uma anticonferência que se denominou “energia verde”! Não tem nada a ver com os nossos grupos verdes, que infelizmente estão tão divididos. Profissionais de primeira do mundo inteiro se encontraram lá e continuaram a costurar a rede. Sabe que resoluções tomaram esses profissionais

entre outras coisas? Eles querem entrar em ação enquanto partido — ao lado dos republicanos e dos democratas. Como partido de ação sistemática.

— E teriam as maiores chances — disse Valerie — com essa política mal-humorada de lá. Estive nos Estados Unidos antes de Reagan ser eleito. Vi centenas, milhares de adesivos e *bottoms*, onde havia: *Don't vote — you only encourage them!* — “Não votem, você apenas os encoraja!” Totalmente claro sobre quem estava sendo referido como “eles”. E apenas 41% foram votar.

Loder olhou para Gilles.

— Deve ser excitante para o senhor mostrar em seu livro como o mundo está quase sendo levado ao abismo — e como de repente, em todos os lugares, há outras, novas, boas pessoas que o farão mais bonito, melhor, mais justo, como nunca fora antes!

— Sim — disse Gilles. — Muito excitante.

De fora, novamente soaram risadas. Alemães, japoneses e russos brindaram de novo com as taças cheias de champanhe, resfriado na máquina solar de hidrido de magnésio.

Frankfurt.

Uma outra fita rodava. Soou a...

VOZ DE MARVIN: — Erich, aqui é Markus. E então?

SEGUNDA VOZ: — Escute...

VOZ DE MARVIN: — Tinha dito que telefonaria hoje. Estou no correio, você está no correio. Ninguém pode ouvir. Então!

SEGUNDA VOZ: — Olha, eles desistiram do 240<sup>29</sup>. Não é suficiente. Mas com 241 eles chegaram mais perto. Longe demais.

VOZ DE MARVIN: — Como, longe demais?

SEGUNDA VOZ: — Que podem substituí-lo. E a massa crítica está realmente abaixo daquela de plutônio.

VOZ DE MARVIN: — Cara, então sim!

SEGUNDA VOZ: Então sim.

VOZ DE MARVIN: Agora os temos. Até logo!

SEGUNDA VOZ: — Até logo!

Seguiu-se o ruído de um telefone sendo desligado. Depois só o ruído de uma ligação em aberto. Ritt desligou o gravador com o controle remoto. Ao lado, Coldwell voltou para diante do espelho camuflado. Agora vamos ouvir o que o rapaz tem a dizer! O seu gravador funcionava.

Gonzalos olhou para Marvin, pálido, de boca aberta. Ninguém falou.

— Então! — disse finalmente o comissário Dornhelm. — Era a sua voz, senhor Marvin — ou não?

— Era a minha voz — disse Marvin. Ele dava uma impressão de estar sereno, quase indiferente. Nervos, pensou Coldwell, que o observava. O cara talvez tenha nervos!

— E a outra voz? — perguntou Ritt, que tinha na mão uma folha de papel datilografada.

— O senhor sabe! — Marvin disse. — Os americanos também sabem. O que quer de mim?

— Queremos que o senhor diga o nome do homem para quem o senhor telefonou.

Marvin alçou os ombros. — Doutor Erich Hornung. Físico no Centro de Pesquisa Nuclear de Karlsruhe. Velho amigo do tempo em que eu trabalhava na inspeção do Ministério do Meio Ambiente e vivia os meus anos idealistas. Idealistas com relação à energia nuclear. Satisfeito?

— Opa — disse Dornhelm. — Nenhum motivo para impertinência!

— Quem é impertinente?

— Senhor Marvin, o senhor teve essa conversa no dia 27 de gosto, às 16:35h, hora na Europa Central. Da agência do correio 135 no Rio de Janeiro — disse Ritt. — Estou certo? — Não olhei para o relógio.

O sem-vergonha!, Coldwell pensou atrás do espelho. A enorme

sem-vergonhice desse cara. Ah, o quê, desse cara — todo o governo tem uma grande sem-vergonhice. Ofendido. Não dizem nada que seja a verdade. A grande palavra de honra alemã!

Ritt olhou para o papel em sua mão. — O físico Erich Hornung falou da agência de correio 43 de Karlsruhe. O senhor lhe telefonava sempre para lá?

— Sempre! — Marvin disse. — Algumas vezes. Mas estando lá sim. Porque eu, idiota, não pensava que poderíamos ser ouvidos, se Erich fosse sempre a uma mesma agência de correio.

— Pois é — disse Dornherm. — Já que os americanos sabiam que Hornung ia à mesma agência 43, todas as conversas, também as internacionais, foram ouvidas. Naturalmente o computador não gravou todas, mas somente aquelas memorizadas com as palavras nuclear, os seus dois nomes e o Centro de Pesquisa Nuclear.

— Sim — disse Marvin, amargo —, os americanos têm bastantes estações de escuta na Alemanha Federal. — Ele riu, zangado. — No meu tempo de Ministério do Meio Ambiente, defendi a energia nuclear. Ainda não fazia idéia. Se alguém tivesse me contado, naquele tempo, o que acontece em Karlsruhe ou em qualquer outro lugar, teria lhe dado uma bofetada. Só nos Estados Unidos, no depósito nuclear de Hanford, é que abri os olhos. E mais tarde ainda mais, muito mais. — Ele franziu a testa. — Tudo o que digo está sendo gravado, espero, não é?

— Pode ficar certo que sim — disse Dornhelm. — Por quê?

— Porque preciso esclarecer logo uma coisa: Bolling, Hornung e eu estamos há muito tempo convencidos de que uma bomba alemã pode ser construída. Temos a convicção — mas ainda não as provas definitivas. Ainda não.

Isto ainda é sem-vergonhice?, Coldwell pensou atrás do espelho, novamente aflito. Ou no que estou me metendo? Vai informar tudo, claro. Mas sei tão pouco sobre esse Marvin. Eles só dizem o estritamente necessário e depois mandam à luta. Então não se ouve mais nada. Tudo vai *through channels*, pelas vias

burocráticas. Quero fazer o que é certo, meu Deus, não quero prejudicar ninguém. Maldição, pensou ele, só aborrecimentos com a Alemanha.

— Acho que será necessário que eu comece um pouco historicamente — disse Marvin. — Assim chegarei melhor a Karlsruhe, Hornung e o transurânio 241.

— Fique à vontade! — disse Dornhelm.

Marvin se levantou, foi até o espelho e falou diante dele. — Pois bem, historicamente — disse ele. — Já com Kissinger o governo alemão fez tudo o que podia para diluir o contrato de proibição de armas nucleares. Quando ele, no fim de 1969, afinal foi assinado, os políticos alemães já o tinham mais que diluído. Franz Josef Strauss amaldiçoou o contrato, pois ele desfavorecia a indústria alemã. Talvez saibam o que o seu amigo Henry Kissinger lhe disse. Não? — *You are nuclear obsessed.* — Você está nuclearmente obcecado — disse Kissinger. O próprio Strauss contou. Como era o contrato que foi assinado? — gritou Marvin de repente, para dentro do espelho.

— Acalme-se! — Ritt disse. — O senhor precisa se acalmar!

— Me acalmar? Me irrita, até que ninguém me contradiga.

Três homens diante do espelho e um homem atrás do espelho o observavam mudos.

Marvin atacou Dornhelm: — O que é? Por que me olha assim?

— Estou pensando.

— Em quê?

— No perigo — disse Dornhelm lentamente — de o senhor começar a vociferar novamente, senhor Marvin: realmente e sinceramente procura uma prova concreta de que existe uma bomba atômica alemã?

— Ela...

— Um momento! Ainda não terminei. O senhor diz estar convencido há muito tempo da possibilidade de construção da bomba, mas o senhor não teria ainda provas definitivas.

— *Ainda* não, senhor Dornhelm. Ainda não!

— Ainda não. Isto é a verdade ou o senhor tenciona dizer, com essa repetida declaração, que o senhor — ainda — não tem provas, uma outra coisa?

— E o que seria?

— Que simplesmente o senhor não tem nenhuma prova porque não pode existir uma bomba alemã? Com outras palavras: o senhor tem talvez, caso a bomba exista realmente, o encargo de Bonn de ajudar a esconder a coisa? — Isto — disse Marvin — é de tal forma infame e ao mesmo tempo tão imbecil, que não responderei.

— No que está totalmente certo — disse Dornhelm.

— *O quê?*

— O senhor está totalmente certo em não responder minha pergunta.

— Por que então perguntou? — Marvin estava irritado.

— Para lhe provar que é preciso um detalhe ridículo para lhe fazer de trapo, senhor Marvin. Para lhe mostrar como é fraca a sua posição, como os seus motivos podem parecer dúbios num instante. Não lhe atribuo o que acabo de dizer. Mas poderia muito bem lhe atribuir. Num pântano — o senhor se move num pântano. Isto eu queria lhe mostrar.

— Obrigado pelo esforço — disse Marvin. — Falando sério. Embora eu esteja muitíssimo consciente de minha situação. Mas o senhor teve o trabalho de me confirmar a própria impressão. Foi muito gentil, senhor comissário. Se me permite, continuarei então com a descrição histórica dos fatos.

Três homens diante do espelho e um homem atrás do espelho pensavam a mesma coisa: Marvin está representando? Pode alguém representar *assim*? O de detrás do espelho pensou: Ah, sim, ele pode. Não há nada que o homem não possa, eu sei. Cavalos, pensou ele, atordado. Homens apostam em cavalos. Cavalos nunca apostam em homens. São muito inteligentes para tal coisa.

— O que foi assinado — disse Marvin, sorrindo para Dornhelm — foi um contrato que se ocupa do que é proibido e não daquilo que

é permitido. Com outras palavras: tudo o que o contrato de proibição de armas nucleares não proíbe expressamente, é permitido. Proibido, para poderes não-atômicos, quer dizer produzir armas e mísseis nucleares, querer dispor delas com violência e procurar apoio para a sua produção. *Não* incluídas na proibição estão, então, a posse e a transferência de sistemas portadores de energia nuclear. *Não* proibido, ou seja, é permitido preparar a construção de armas nucleares. Também a pesquisa sobre armas nucleares não está proibida no contrato e, com isso, é permitida.

Muito astuto, pensou Coldwell atrás do espelho. Inverte todos os papéis. Não o assassino, mas o assassinado é que é culpado. É assim mesmo. Ou não é assim? Deus do céu, novamente o meu Ou! Meu maldito Ou. Ele um dia me mata, esse Ou.

— Durante anos os políticos alemães lutaram para que na RFA não houvesse controles dos inspetores da agência de energia nuclear em Viena. Depois conseguiram um controle de inspetores da Euratom. Vocês sabem como ele acontecia. Os homens precisaram de nove anos para constatar o roubo de 200 toneladas de urânio concentrado — 200 toneladas! Nove anos! Aí a coisa já estava há muito preparada em Israel. Até 1975 produtores alemães anotaram 20 encomendas do exterior para usinas nucleares. A pacífica era da pacífica utilização da energia nuclear! Pacífica? — começou Marvin novamente a gritar para dentro do espelho. — Pacífica? Quatro semanas depois da ratificação do contrato de proibição de Bonn a Índia detonou a sua primeira bomba nuclear! Em usinas nucleares surge então plutônio. Utilização pacífica pode “voltar a funcionar”. O procedimento de reprocessamento Purex, previsto para Wackersdorf, pode também ser utilizado para a produção de bombas!

— Sem urrar, senhor Marvin! — disse Dornhelm, que se levantara. — Agora chega. Sem urrar!

— Se a sua filha tivesse sido fuzilada há pouco tempo, o senhor também urraria!

— Senhor Marvin — disse Gonzalos, com a voz estranhamente



artificial e movimentos estranhamente artificiais e lentos, como uma boneca mecânica —, é realmente melhor que o senhor fale calmamente e permaneça sereno. Também o faço, em minha situação, a qual deve parecer a estes senhores tão obscura quanto a sua. Nossas ações não se tornarão mais dignas de crédito por conta de grandes emoções.

— Você segue o seu caminho, Gonzalos, eu sigo o meu — disse Marvin. — Explico: os alemães podem construir a bomba. O mesmo declaram há muito tempo os americanos. O que aconteceu? Os mais graúdos entre eles, gente do pentágono, eram todas as vezes expulsos, em Bonn, quando queriam protestar por isso. É claro que os alemães podem construir a bomba. Mas os americanos não podem prová-lo.

— Assim como o senhor — disse Ritt.

— Queremos prová-lo, senhor procurador. Hornung, Bolling e eu. Queríamos fazer com que nada mais fosse varrido para debaixo do tapete. Agora tudo acabou. Os americanos nos escutaram e se comportaram como imbecis, Bolling desapareceu, não sei como e por quê, talvez ele tenha sido assassinado já há muito tempo...

— Não sem antes ter assassinado rapidinho Katharina Engelbrecht — disse Dornhelm.

— Quem disse que foi *ele*? — Marvin perguntou. — O senhor tem provas? Não tem porra nenhuma!

— Bonito — disse Dornhelm. — O senhor talvez queira nos explicar como Bolling foi até Brasília e conversou com o general?

— Já lhe disse, não estou certo de que é a voz de Bolling, a da fita.

— E devemos acreditar no senhor? — perguntou Ritt, irritado.

— Não, rapaz, não! Fique calmo! — Dornhelm disse. — Não podemos interromper o senhor Marvin. Senhor Marvin, o senhor dizia que o senhor Bolling, o senhor Hornung e o senhor queriam fazer com que nada mais fosse varrido para debaixo do tapete, mas que agora tudo acabou, que os americanos se comportaram como

imbecis...

— Por isso — gritou Marvin — eu grito para o cara atrás do espelho! Na sua imbecilidade, os americanos perderam sua chance. — Ele respirou fundo. — Os mísseis atômicos são guardados pelos americanos, até hoje. Se estourar uma guerra, primeiro uma convencional, e ela se alastra, então os americanos determinam quando eles nos dão os mísseis. E nenhum de nós acredita que nós, justamente nós, receberemos dos americanos um dia, contra quem quer que seja, mísseis atômicos! Nunca eles nos darão a possibilidade de nos defendermos com armas nucleares. Ninguém quer isto, neste grande, vasto mundo! E porque é assim, políticos importantes — esta é a minha opinião — procuraram convencer de que devemos ter uma bomba própria, *alemã*.

Marvin saiu da frente do espelho e se sentou, repentinamente sem forças. Os outros o olharam.

Caramba, pensou Coldwell, atrás do espelho. Mais atrevimento, impossível. Esse que grita, grita a verdade. Neste um *cavalo poderia* apostar. Ele foi ver se a fita corria sem problemas, a fita que gravava cada palavra de Marvin. Se ele continuar assim, vou ter muito material! Com ele, finalmente poderemos fazer pressão em Bonn. Jesus, meu Jesus, deixe-o continuar a gritar!

Marvin havia se acalmado e disse: — Agora vocês sabem por que colaboro com Hornung. Porque lhe telefonei do Rio. Eu também havia informado a Bolling. Ele estava investigando a coisa a fundo. Por que ninguém pode encontrar Bolling? Quem sabe em que barril cheio de cimento, em que porto ele se encontra?

— Senhor Marvin — disse Ritt —, o que o seu amigo, doutor Hornung, descobriu em Karlsruhe?

— O senhor tem uma idéia de como acontece nessa instalação de pesquisa nuclear? — Marvin perguntou. — O complexo é mais vigiado e protegido do que qualquer área de alta segurança. Lá, se um físico somente se virar ligeiro demais... Os sindicatos já reclamaram de todos esses controles e barreiras.

— Por favor, senhor Marvin — disse Ritt. — O que Hornung descobriu?

— Ele acha — disse Marvin — que eles em Karlsruhe encontraram uma solução ideal. Plutônio traria dificuldades muito grandes para a produção de uma bomba alemã. Alguém seria descoberto pelos americanos. Não são idiotas. No processamento de limalhas combustíveis há 95% de urânio, 2% de plutônio — que deve ser remetido — e 3% de uma substância mista. Pois bem, em Karlsruhe eles chegaram à conclusão de que nessa substância mista se encontram transurânios fortemente radioativos, nos quais a ação é muito maior do que em plutônio. Quer dizer: a massa crítica, que deve surgir para que uma bomba assim funcione, pode, na utilização de transurânio, ser bem menor do que no plutônio. Particularmente utilizáveis se revelaram todos os transurânios entre 236 e 242. Eles tentaram em 240. Mas então, como disse Hornung no telefone, eles tiveram uma decepção. O ideal é 241, transurânio 241 — e ninguém precisa mais se preocupar com plutônio bifurcado! Pela coisa dos 3% de substância mista ninguém se interessa. E transurânio 241 vem desses 3%. Todos escutaram a fita com a conversa no telefone! Eles foram muito longe em Karlsruhe, disse Hornung.

Impressionado, Ritt disse: — Se isso é verdade...

— Isso é verdade!

— Lembro-me agora de uma emissão de rádio — retrucou o procurador — onde se afirmou coisa parecida. Esqueci como o programa se chamava...

— Eu não — disse Marvin. — Chamava-se “A pista do plutônio. Rearmamento, Wackersdorf e a bomba alemã.” O autor era Günter Karweina e a rádio foi a Sender Freies Berlin<sup>30</sup>.

— Correto — disse Ritt.

— Depois da emissão, não chegou na rádio uma única palavra de protesto de Bonn — disse Marvin. — Não houve nenhuma exigência por retratação, nenhum escândalo, absolutamente nada. A emissão foi 100% ignorada. Para mim, uma prova de que cada

palavra correspondeu à realidade. Se não tivesse sido assim, eles teriam processado todo mundo da rádio, inclusive as faxineiras

Bateram na porta.

— Sim! — Ritt gritou.

Um funcionário do tribunal entrou, cumprimentou, deu ao procurador duas folhas de papel, desapareceu novamente.

Ritt leu uma, depois a outra. Todos o observavam. Por último, ele olhou para Marvin. — Isto chegou por telex. A filial nova-iorquina da Interpol achou o irmão de Katharina Engelbrecht, esse pretenso químico Charles Wander. Ele é um funcionário aposentado de companhia de seguros. Há 14 anos paralítico. Nunca esteve em Karlsruhe.

— Veja só — disse Dornhelm, e pegou a folha.

Ritt olhou novamente para Marvin. — Erich Hornung está morto — disse ele.

O rosto de Marvin estava pálido.

Ritt disse: — Há 20 minutos ele foi atropelado por um grande Audi, quando tentava atravessar a faixa de pedestres na Kaiserstrasse. O Audi corria a mais de 100km por hora, dizem testemunhas. Ele arremessou Hornung para pelo menos dez metros de distância. Um segundo carro, um Lincoln verde, que também ia em alta velocidade, também passou por cima de Hornung. O físico morreu imediatamente. Os carros tinham placas trocadas. Até agora não há pistas deles.

Marvin estava imóvel.

Pobre homem, pensou Ritt.

Pobre homem, pensou Dornhelm.

Não, pensou Coldwell. Não, se eu fosse um cavalo, não apostaria em Marvin. Ou?

A fita rodava...

— As provas — disse Dornhelm. — Eles ainda não têm nenhuma.

— Alemães — disse Marvin, rouco —, estou convencido, os

alemães mataram Hornung. Porque sabia muito.

— Não necessariamente — disse Dornhelm.

— O quê, não necessariamente?

— Alemães mataram Hornung. Quer dizer, muita coisa indica que sim. Seria lógico. Mas também podem ter sido outros.

— Quem? — Marvin perguntou. — Diga-me, senhor Dornhelm, quem? Quem *ainda* tem interesse em fazer sigilo que a Alemanha Federal pode construir a bomba? A bomba inteligente. Aquela com a massa crítica menor. Aquela sem plutônio. Aquela com transurânio 241. Quem é que *ainda* tem interesse em sigilo?

— Sim, sim, sim. Mas o senhor não tem provas — disse Dornhelm. — O senhor nos conta uma estória. Muito grave, se for verdadeira. Quem sabe o senhor não mente para salvar sua cabeça? Aqui mais e mais pessoas são assassinadas. O senhor não, senhor Marvin. Por que justamente não o senhor?

— Mas mesmo assim houve tentativas resolutas, não é?

— Mas fracassaram. O senhor vive, senhor Marvin. Por que justamente o senhor ainda vive?

— O senhor conhece *A ponte de San Luis Rey*, de Thornton Wilder?

— Sim — disse Dornhelm. — O que tem a ver?

— Um livro maravilhoso — disse Marvin. — Cinco pessoas, desconhecidas entre si, caem dessa ponte para a morte. A vida de cada um, assim conta o romance, não é?, foi concluída naquele momento — por motivos diversos e nas mais diversas significações da palavra. Está evidente que a vida previu para mim algumas coisas a mais, senhor Dornhelm.

— Idiotice.

— Como queira — disse Marvin. — Acredito nisso. O senhor se lembra — desde o começo eu não queria proteção policial.

— Oh, então foi por isso — disse Dornhelm com muita ironia. Ele se curvou. — E quem nos convence de que tudo o que o senhor conta não é verdade, senhor Marvin?

Sim, quem nos convence disso?, pensou o solitário Coldwell atrás do espelho. Ele era realmente muito solitário. Nenhum amigo. Nunca teve amigos. Tinha a ver com a sua profissão. Não somente. E suas histórias com as mulheres sempre foram muito curtas. Na maioria das vezes eram histórias com prostitutas. Tristes histórias com prostitutas. Certamente Jesus era amigo de Coldwell. Sempre foi. Sempre seria. O pai o convenceu disso, espancando-o. Pode-se ser muito solitário com Jesus. Uma vez, num quarto de hotel, Coldwell estava tão solitário com Jesus, que discou o número da hora e durante quase meia hora escutou a voz feminina.

Hoje vou levar uma puta para o hotel, pensou Coldwell. Na estação há das boas. Talvez descubra uma puta divertida. Meu Deus, que desgraça a minha!

— Não menti, senhor comissário — disse Marvin.

— O senhor quer proteção da polícia?

— Eu disse que não menti!

— Já ouvi. Mas talvez o senhor queira proteção policial.

— Não, agora também não quero nenhuma. Porque ela não vale nada. O americano ali, atrás do espelho, ele vai mesmo levar a fita com a minha história para o seu escritório. As pessoas lá vão mostrá-la para Bonn e exigir que tenham acesso a Karlsruhe. Se não o obtiverem, eles não encontrarão nada, claro, nada. O senhor agora entende por que eu disse antes que os americanos teriam estragado tudo com a sua imbecilidade?

Um telefone de parede começou a tocar. Ritt o pegou.

— Aqui é Coldwell — disse o solitário homem atrás do espelho.

— Acabo de falar com o quartel-general. Soltem Marvin. Será seguido, é claro. Se ele mente ou não, só descobriremos se o soltarmos — talvez.

— Sim — disse Ritt, desligando e apertando uma campainha.

— Então? — Marvin perguntou. — O que diz o americano? O que dizem os seus chefes? O senhor deve soltar Gonzalos e a mim, não é?

Ritt afirmou.

— O jogo de merda continua — disse Marvin. — Tem de continuar, claro. E o doutor Gonzalos? Ele será protegido?

O brasileiro balançou a cabeça. — Não se preocupem comigo. Ninguém mais pode me proteger. Eu mesmo devo fazê-lo.

— Mas como? — Marvin perguntou.

— Deixe comigo — disse Gonzalos.

— Nosso acordo continua valendo, senhor Marvin — disse Ritt, dando uma impressão de miséria, desamparo e impotência. — O senhor pode ir para onde quiser. Só precisa me dizer antes. E sempre deve vir aqui, se eu precisar do senhor — como foi até agora.

— Naturalmente — disse Marvin.

Na cabine, Coldwell havia fechado a sua mala de fitas, o mesmo com o gravador. O funcionário do tribunal entrou na sala de projeção. — O senhor chamou, procurador?

— Leve esses dois senhores — Ritt mostrou Gonzalos e Marvin — até a saída, por favor!

— Sim senhor, procurador. Queiram me acompanhar, meus senhores...

— Nos veremos novamente — disse Dornhelm.

Não recebeu resposta. Os dois homens seguiram o funcionário. Atrás deles a porta se fechou.

Ritt e Dornhelm acompanharam Coldwell. Carregavam seus aparelhos. Quanto mais se aproximavam da saída, mais alto ficava o barulho da construção.

— Podemos levar o senhor a algum lugar? — Ritt perguntou.

— Não, obrigado. Tenho um carro. — disse Coldwell. O que

está acontecendo comigo?, ele pensou. Porque pensou justamente agora naquela voz feminina da hora? São 23h, 21min e 18s...

— O senhor vai para a estação? — Dornhelm perguntou.

— Sim — disse Coldwell. São 23h, 21min, 19s...

— Quartel-general. Na estação seis, quinto andar — disse Dornhelm, balançando a cabeça. — Ouvi falar que quer ir novamente para o novo prédio Woolworth. A velha foi destruída.<sup>31</sup>

— Vamos voltar para a nova — disse Coldwell. São 23h, 21 min e 20s... Uma puta, pensou ele. Uma puta divertida. E depois dormir. Estou tão cansado. Não sei o que é. Praticar de novo impudícia com satisfação. Não esquecer na próxima confissão! Você era uma pessoa maravilhosa, pai. Espero que esteja queimando no inferno.

— Lá na estação, na agência dos correios, está a maioria das linhas de telégrafo e redes de linhas, não é? — Dornhelm perguntou.

— Sim — disse Coldwell. Entre Zeil e a Grossen Eschenheimer Strasse. Lá estávamos até o fim dos anos 60 na agência bancária, último andar. — São 23h, 21min e 21s... Agora eles chegaram no *hall* de entrada. Guindastes andavam lá fora, furadeiras crepitavam, máquinas de cimento grunhiam.

Um Cadillac preto parou em frente à entrada. Coldwell se despediu rapidamente dos dois alemães, apertando-lhes a mão frouxa e fria, e pegou os aparelhos. Ao lado da portaria, o funcionário Franz Kulicke tirou o chapéu e cumprimentou. Coldwell foi embora.

Dornhelm disse: — Você não deve ficar zangado comigo, rapaz, quando me faço de paizão de vez em quando e digo que não deve ficar nervoso com qualquer safadeza.

— Não estou com raiva de você, meu velho.

— Você sabe que o meu pai desapareceu quando eu tinha dois anos. Aos cinco decidi ir para a polícia. Para encontrá-lo — eles voltaram à escada. — E você... — Dornhelm, com o seu tom muitas vezes rude, parou. Baixinho, ele completou a frase: — ...você é como



um filho para mim. Você sabe.

— Eu sei — disse Ritt. — Ocorreu-lhe algo engraçado, Robert?

— O quê, engraçado?

— Por favor, pense em alguma coisa engraçada...

Eles continuaram a andar.

São 23h, 21min e 22s...

Coldwell alcançara o Cadillac preto. Ele pousou a mala de fita e abriu a porta de trás. Assustado, ele recuou. No banco de trás estava imóvel, com a boca aberta, o seu motorista. Seus pensamentos se confundiam. Morto? Dopado? O homem na direção — nenhum dos nossos. Nunca vi. Uma armad...

Ele nem pôde pensar na palavra até o fim, pois neste momento um grande homem com terno cinza, que se aproximara rapidamente, deu um golpe na sua cabeça com a pistola. Coldwell perdeu os sentidos. O homem de terno cinza pegou a mala e correu. Logo depois ele havia desaparecido atrás das máquinas de construção.

O motorista do Cadillac preto se virou, fechou a porta e acelerou. Coldwell estava estendido na calçada. Em torno de sua cabeça se formou uma poça de sangue. Pessoas se aproximaram. Uma mulher gritou.

São 23h...

## 9

Sexta-feira, 16 de setembro: o Hotel Drei Koenige, na Basileia, é um dos hotéis mais bonitos da Suíça. Philip — é claro — o sugeriu. Pois é. Joschka Zinner e a televisão de Frankfurt pagam.

Voltamos para o hotel no começo da noite, de certa forma dominados por esse Loder e seu pai. Em Binzer, eles são

chamados os sutis do sol.

Foi um longo dia. Ainda muito quente. Philip e eu temos uma sala em comum, quartos à direita e à esquerda. Entra-se no hotel pela lateral. Ele está localizado à beira do Reno, sobre o qual se debruçam as janelas francesas de nossos quartos. Decoração antiga. Varandas com espreguiçadeiras e mesinhas. O sol ainda brilha na água. Um pouco mais adiante, Reno acima, uma grande ponte leva à Pequena-Basiléia. Vejo carros, bondes elétricos, muita gente, mas estranhamente nenhum barulho chega a nós. É muito calmo aqui, na nossa varanda. Silenciosos, os rebocadores passavam, com acorrente, contra a corrente, os coloridos rebocadores e seus longos barcos bem carregados. Quando passam próximos, as ondas batem nos grossos muros sob nós.

Durante muito tempo não falamos. Procuro a sua mão. Ele segura a minha com força, e silenciemos. É agora, penso. Quero. Desejo. Mas devagar e sem pressa. Doucement... Os navios têm bandeiras de muitos países. Muitas vezes vemos crianças brincarem no convés. Mulheres penduram roupas. Homens atrás de grandes rodas de leme. Outros estão sentados ao sol, deitam, dormem, lêem. Um toca gaita. Às vezes sopra música de rádio até nós. Tantos rebocadores. Tantos barcos. Tão grande a paz e o silêncio. Como seria ir junto, digo, ter tempo. Com o rebocador corrente abaixo até a Holanda... Bonito, digo. Isto é tão bonito, Philip. — Ele está calado. — Estou muito contente, digo. Com aquilo que Loder nos mostrou. A máquina com o hidrido de magnésio. E com aquilo que ele contou das correntes humanas em torno do globo... Essa conferência da “energia verde”... Eu lhe disse, Philip, que não se chegará à catástrofe. Que temos ainda uma chance. Este não é o fim do mundo. Você se lembra que eu disse isso?

Sim, me lembro, e naturalmente me lembro daquela noite na varanda, sobre a corrente, agora, que estou na minha casa Le Forgeron em Château-d'Oex e leio o diário de Isabelle. Ela escreveu estas frases no meio de setembro de 1988. E agora... e agora!

...Não é o fim do mundo, digo. Ou apenas um sentido bem determinado: na medida em que é o começo de um novo mundo, melhor. — Sim, Isabelle, diz ele. — Tudo está claro entre nós. Tudo está como desejei a partir do dia em que o conheci. Oh, sim, posso estar segura sobre o meu primeiro sentimento. Ele sempre está certo. Sou uma típica balança. Devo ter dito isto alto, pois ele brincou. — Sim, o que temos aqui? Uma típica balança! — A balança, isto você não pode saber na sua falta de cultura universal, Philip, é um signo de ar cardinal. — Um o quê? — Bem, ela se caracteriza intelectualmente, se você me entende, meu amigo, não está ligada à terra, não é materialista. — Entendo. Aha. Hum. Que coisa! Inacreditável! Mais! Explique-lhe, ao seu pobre Philip! — O signo balança, pobre Philip, é regido por Vênus... — Continue. —... que dá, àqueles que nasceram sob esse signo, charme e encanto. Assim está nos livros sábios, estou apenas citando. Só não pense que eu quero me fazer melhor do que sou. — Minha balança, ele sussurra. Cheio dessa humildade carinhosa. — Por isso, continuo, as balanças magnânimas nunca, escute Philip!, nunca... — Estou escutando, mais doce de todas as balanças, estou escutando. Nunca o quê? — nunca, com todo o desejo inato de amor e reconhecimento, desistem de um princípio, apenas para ganhar o mesmo. — O mesmo amor e reconhecimento! — Exatamente. — Isto eu acho grandioso da parte das balanças magnânimas! — Eles sabem, por experiência, que um comportamento de tal forma orientado só pode levar a humilhações. Por isso das balanças... — As balanças! — ...das balanças, deixe-me

continuar a falar, é um genitivo, Philip! Você não pode saber o que é isso, um genitivo, meu pobre pequeno escritor. Por isso o autodomínio excessivo das balanças... — Ah, diz ele, já se acalmou. — O que já se... — Seu autodomínio, sua balança excessiva. O resto ainda conseguiremos *viribus unitis*, isto como você sabe, enquanto de boa formação, é grego e significa: eu te amo. Eu até amaria você, se você não fosse balança. — Está bem, digo, você não acredita em astrologia. — Não entendo como uma tão magnânima intérprete pode acreditar nisso. — Só o faço no principal. — Com o que a senhora quer dizer? — Com o que a senhora quer dizer: há 12 diversos signos do zodíaco. Diversos! Então as pessoas que nasceram sob eles devem ser 12 diversos tipos. — Esta é uma lógica excepcional. — Ah, deixe-me em paz, Philip! Quando você nasceu? — 11 de janeiro, diz ele. Não digo o ano, mesmo que me afogue no Reno. — Típico capricórnio, digo. — Isto é bom? — Depende. — De quê? — Dos ascendentes. — Por favor, diz ele, sem essas expressões! — Qual é o seu, Philip? — Deve-se ter um? — Pessoas decentes têm. — Não sei qual é o meu. — Então não se pode dizer se você é um bom capricórnio ou um mau...

E passam navios, silenciosos, tantos. Água bate na borda. O sol agora já baixou bastante. Primeiras luzes na Pequena-Basiléia. Continua quente. A paz! A paz!

Ah, diz ele, assim ou assim. De qualquer forma balança é certamente o melhor que se pode ser. Balança! Balança! Meu Deus, ainda por cima ela é balança! Tem-se que amar você, balança. Eu... eu amo você, balança! — Por que você me ama, capricórnio? — Porque você é velha e feia, diz ele. — Foi o que imaginei, digo. — Sabe, de nossas experiências está surgindo algo como uma daquelas *sophisticated comedies* americanas. Grande exemplo: *The Philadelphia Story*. Já dublei, quando os meus livros ainda não existiam. Quer que lhe dê uma prova,

balança? — Dê-me uma prova, capricórnio! Então ele começa e faz alternativamente homem e mulher: não é verdade que você diz que eu sou tímido demais e dominado demais? Você não diz o que todos dizem, que sou uma mulher de mármore? — De mármore? Não, não! Você é uma mulher de carne e osso. Uma mulher que vive e respira. A mais doce mulher do mundo. Tem-se a vontade de lhe pegar nos braços e dizer sempre — oh, o que há, você tem lágrimas nos olhos. — Pare, pare, pare — não, não, continue a falar, continue a falar!... A música começa, diz ele, muitos violinos. E assim continuou: o que é? Você está tremendo... — Que nada! Escute, isto não pode ser amor de jeito nenhum! — Pode ficar certo, não é. — Graças a Deus! Seria altamente impróprio. — Você acha realmente? — É claro! É claro que não! Somos mesmo loucos um pelo outro!...

E então assumo a parte dessa “ela” e digo: loucos um pelo outro, Philip, loucos, loucos, loucos. Me segure, me segure bem forte... E ele me segura com força, e nos beijamos por muito, muito tempo, sobre a água escura. Que maravilhoso, penso, e digo naturalmente: e agora música, bem alta. Violinos soluçam. Devagar, os dois saem da imagem. Romy Schneider e Alain Delon. — Oh, não, diz ele, Katharine Hepburn e Spencer Tracy. Mas na verdade esperei: Romy Schneider e Philip Gilles. Agora estou com ciúme de Alain Delon. — Nova versão, digo: Philip Gilles e Isabelle Delamare!

## 10

E aconteceu naqueles dias...

O plástico polivinilcloreto se encontra simplesmente em todas

parte: em carros, aviões, janelas, embalagens, discos, carpetes, toalhas de mesa, cadeiras de cozinha e isoladores elétricos. O polivinilcloreto é um material altamente venenoso. Na sua queima se originam dioxina e ácido clorídrico. Os prejuízos para a saúde são incalculáveis. Quando um porta-voz do Ministério do Meio Ambiente alemão-ocidental declarou que se pensava na obrigatoriedade de caracterização para produtos plásticos, o ministro do Meio Ambiente recebeu uma nota de protesto da comunidade de trabalho PVC e meio ambiente<sup>32</sup>. Nela consta o seguinte:

“Muito honrado senhor ministro:

Os trabalhadores da indústria de fabricação de materiais plásticos protestam contra a obrigatoriedade de caracterização dos plásticos intencionada pelo governo federal.

As possibilidades de aproveitamento de restos plásticos misturados fazem desnecessária a caracterização dos produtos. Uma caracterização global do gênero não pode trazer nenhuma solução melhor do que a fabricação misturada, pois não são possíveis nem sistemas de coleta para mais de 20 plásticos, nem um aproveitamento específico. Dentro de um gênero plástico são utilizadas ainda misturas e fórmulas individuais. Porém, a caracterização está sendo utilizada para a política de matérias-primas das organizações do meio ambiente através de apelos ao boicote e discriminação do produto. Isto foi determinado pelos verdes e ligas nos seus documentos de princípios como arma estratégica e tática.

Nós, trabalhadores, nos sentimos discriminados pela caracterização dos nossos produtos, determinada pelo Estado, e vemos essa caracterização como uma estrela de Davi. O mercado de reciclagem deve se desenvolver livremente e começa de preferência pelo aproveitamento do plástico misturado. Apoiamos esse caminho.

Trabalhadores da firma:

Nome, cidade, endereço, assinatura.”

Com o indescritível panfleto se indignaram Dietrich Wetzel, presidente da comissão parlamentar para educação e ciência, e Charlotte Garbe, porta-voz de política ambiental da fração parlamentar Os Verdes, num documento à imprensa intitulado: “Indústria plástica compara as vítimas do holocausto com produtos plásticos.”

Ninguém mais se indignou.

Há 20 anos, o Club of Rome publicou um estudo, sensacional naquele tempo, com o título “Os limites do crescimento”. Um dos autores era o cientista internacionalmente conhecido Dennis Meadows. Aproveitando a matéria-título “Quem salva a Terra?”, a *Spiegel* perguntou a Dennis Meadows: “Quanto tempo resta, na sua opinião, para arrancar a direção?”

Meadows respondeu: “Agora é tarde demais.”

“Desde o último verão”, segundo a reportagem, “o tempo está louco como nunca, desde tempos imemoriais. Pela primeira vez Nova Iorque teve temperaturas, durante 40 dias consecutivos, acima de 31°, Los Angeles tinha, ainda no fim do outono, temperaturas recordes, antes que, em fevereiro de 1988, uma onda de frio totalmente incomum se instalasse na Califórnia. A seca que já dura sete anos no meio-oeste da América do Norte já diminuiu quase um terço da colheita de cereais no ano passado. Incêndios florestais... se consumiram em grandes partes do conhecido Yellowstone National Park... O furacão mais violento de todos os tempos varreu o Caribe em setembro e desabrigou, somente na Jamaica, 500 mil pessoas. Um mês depois, um outro furacão devastou a cidade Bluefields, na Nicarágua... Um pouco antes, na Antártida, quebrou-se o até então maior *iceberg* do continente. Desde então, o monstro de 160km de comprimento vale como advertência ao aquecimento global, que

poderia fundir partes do gelo polar...”<sup>33</sup>

O pesquisador climático soviético Michail Budijko escreveu na revista *New Scientist*: “O efeito-estufa é uma boa coisa para a Terra. Na metade do próximo século vai chover mais 50%. Desertos vão desaparecer, as colheitas vão aumentar. No Saara vão pastar gados, campos de trigo balançarão ao vento na Ásia Central. Antes de, há 100 milhões de anos, começar a era polar, a África estava coberta de densas florestas. Agora, o paraíso pode voltar...”<sup>34</sup>

O cargueiro *Oostzee* sofre uma tempestade e ancora na foz do Elba, em Cuxhaven. Carregamento: quatro mil barris de epicloridrina, num total de um milhão de litros. Epicloridrina envenena rins e nervos, é corrosivo, cancerígeno e explosivo. Os barris estavam tão desordenadamente empilhados, que na tempestade foram jogados uns contra os outros, e, em parte, escorregaram. Especialistas declaram que o recolhimento do carregamento está ligado ao perigo de uma catástrofe incalculável. O *Oostzee* é levado de um lugar para o outro. Em nenhum o carregamento pode ser posto em segurança. Nos últimos tempos, o navio não é mais mencionado na imprensa.

O Adriático está morrendo. De Veneza até Rimini se estende, por todas as praias, um tapete de algas de um podre marrom e viscoso, que se aproxima cada vez mais da borda. Os banhos são interditados. Causa: despejos de todo tipo foram dirigidos, durante décadas, diretamente para o Adriático. O Ministério da Saúde, em Roma, se esforça em salvar a área turística e divulga, inescrupulosamente: “Não há nenhum perigo para a saúde.” Por outro lado, é empossado um diretor para a luta contra as algas — e



após três semanas é preso sob a acusação de pertencer à Máfia.

A Inspeção Mundial de Alimentação, FAO, apresenta, no “Dia da Alimentação”, um relatório, onde se lê: “Noventa por cento do previsível crescimento da população acontece no Terceiro Mundo, onde já vivem mais de três quartos da população mundial. O desgaste ambiental nesses países parte sobretudo da pobreza da população. A luta diária pelos meios de sobrevivência representa uma enorme carga das condições naturais.” Com outras palavras: pobreza é a causa do desgaste ambiental. Os pobres são os que mais sujam.

A França começa com uma nova série de testes nucleares. Quando protestos massivos se fazem sentir, o primeiro-ministro Michel Rocard declara numa conferência à imprensa: “O pior desgaste para o meio ambiente que conhecemos é a guerra. A humanidade agradece às armas nucleares os 50 anos de paz. O poder nuclear da França não está disposto, por esta razão, a suspender esses testes.” A agência Reuter distribuiu a declaração de Rocard sob o título: “Testes de bombas nucleares são para a França uma preservação do meio ambiente.”

## 11

— O primeiro que cercou um pedaço de terra e se atreveu a dizer: “Ela me pertence”, e que encontrou pessoas simplórias o suficiente para acreditar nisso, foi o verdadeiro fundador da sociedade humana. — Até aqui Miriam Goldstein havia lido isto em voz alta, de um livro. Agora ela olhava a mãe, sentada em seu local preferido, no quintal de sua casa em Lübeck. — Era essa parte,

mama?

A cega afirmou. — Sim, Miriam. Jean-Jacques Rousseau. Eu sabia que ele havia escrito isso. Ele escreveu essa frase há mais de 200 anos, Miriam, imagine! — Ela virou para o sol o seu rosto de pele quase transparente e repetiu: — Há mais de 200 anos... Você precisou procurar muito?

— Não, achei logo o trecho.

— Continue a ler, Miriam!

Miriam continuou a ler: — Quantos crimes, guerras, assassinatos, quanta miséria e horror teria poupado à humanidade aquele que tivesse arrancado as estacas ou entulhado as trincheiras e gritado aos seus semelhantes: “Cuidado ao ouvir esse defraudador! Vocês estão perdidos, pois se esquecem que os frutos e a terra pertencem a todos...”

Miriam Goldstein afastou o livro e se encostou na sua cadeira. Tantas flores, tantos pássaros nas árvores; era fim de verão, maduro e glorioso fim de verão.

— Que horas são, Miriam?

— Quatro horas.

— Então logo chegarão os seus convidados.

— Sim, mama.

A anciã procurou uma das mãos de Miriam. De repente havia lágrimas em seus olhos mortos. Os dedos de Sarah Goldstein apertaram os de sua filha.

— Mama! — Miriam gritou! — O que você tem, mama?

— Medo.

— Por favor — disse Miriam, e acariciou o braço de sua mãe, o qual era muito magro —, por favor, não diga isso sempre! Você sobreviveu a coisas tão terríveis. Hoje você está em segurança.

— Não — disse a cega. — Ninguém está em segurança. Hoje mais do que nunca. Eu sei. Posso sentir. Bem forte. Tenho um medo terrível por você.

— Por mim?

— Sim, minha filha. Por você.

— Mas por quê?

— Porque o terrível está bem perto de você. Tão perto que posso sentir, cheirar, quase pegar, quase — Deus me perdoe! — ver. Você corre muito perigo, Miriam.

— Mama — disse Miriam —, o que você sente, o que você quase vê?

— Acontecem coisas terríveis, Miriam. Bem junto de você. Bem ao seu lado. E uma daquelas pessoas que trabalham com você sabe disso. Sabe muito bem. Mente e finge a serviço do terrível. — Você quer dizer, uma das pessoas que eu convidei?

— Sim, Miriam.

— Uma sabe de tudo?

— Sim.

— E mente e finge?

— Sim — disse Sarah Goldstein.

Quando todas as histórias forem contadas, as grandes e as trágicas, as melodramáticas e as grotescas, quando for relatado sobre todos os acontecimentos na era cristã no fim do segundo milênio ocorridos nesta Terra fadada ao declínio, então se lembrará, caso nos salvemos, do livro *The Divided Self*, do psiquiatra inglês Ronald David Laing, e de uma frase dele, sempre citada: “Loucura também pode ser uma resposta ao mundo doentio que criamos com um fervor autodestrutivo.”

Bruno Gonzalos, Isabelle Delamare, Markus Marvin, Miriam Goldstein, Bernd Ekland, Katja Raal, Valerie Roth, Philip Gilles, Joschka Zinner — todos agora estavam sentados no escritório de Miriam Goldstein, em Lübeck.

O escritório era grande. Estantes com livros cobriam as

paredes. Num canto havia um candelabro judaico de prata velha e muito bonita. Há muitas gerações que ele era da família Goldstein, e Miriam o admirava desde criança. A mãe conseguiu guardar o candelabro com amigos cristãos antes de eles terem de se esconder por causa da Gestapo, de forma que ela o pegou de volta logo depois do fim da guerra. Naquele tempo ela ainda podia ver, mesmo que muito mal. Está completamente cega desde 1968. Desde então ela passava os dedos no candelabro, e uma vez, quando acabou um ano, ela disse a Miriam: — Você ainda se lembra como seu pai acendia as luzes em chanuká?

— Sim, mama — respondeu Miriam. — Não vou esquecer nunca.

Ao contrário do candelabro menorá, de sete braços, o candelabro de chanuká tem oito — e lugar para uma nona vela, a shamash, a vela útil.

“Chanuká” é a palavra hebraica para “inauguração” e ao mesmo tempo a que designa a festa judaica de oito dias, que é festejada como lembrança da reinauguração do templo de Jerusalém, destruído e reconstruído. Agradecendo pelos “milagres e boas ações”, todo pai de família devoto acende no primeiro dia uma vela, no segundo uma segunda, até que no oitavo dia oito velas estão acesas.

A partir de 1945 a mãe de Miriam, no lugar do pai, teve de acender as velas todos os anos. Ela o fazia, embora visse muito mal, e também o fazia depois de 1968, embora fosse totalmente cega. Miriam a levava pela mão, e Sarah Goldstein não podia ver mais as velas, mas sentia o seu calor e cheirava a cera que derretia.

Na parede da janela do escritório havia poltronas e um sofá em torno de uma mesa de pedra grande, quadrada e baixa, e aqui estavam, naquela tarde de 19 de setembro de 1988, uma segunda-feira, nove pessoas — Miriam e as oito que ela havia convidado. O sol brilhava inclinado para dentro do cômodo e iluminava as lombadas coloridas dos muitos livros. A janela para o jardim estava aberta. Todos podiam ver Sarah Goldstein, imóvel diante de uma roseira.

Todos podiam ver as muitas flores e as velhas fruteiras e os seus frutos, e todos podiam escutar o canto dos pássaros, quando Miriam começou a falar.

— Eu lhes pedi para vir aqui hoje, porque precisamos tentar descobrir, de qualquer forma, depois de tudo o que passaram Marvin e Gonzalos, o que realmente está acontecendo. Pois acho que está claro a todos que, atrás de tudo o que está acontecendo, existe um segredo. Não sabemos qual é — com exceção de um de nós. Este alguém o conhece muito bem. Este alguém, estou convencida, sabe de tudo exatamente. E também estou convencida de que ele sabe de algo terrível.

Joschka Zinner nasceu em 1932 em Teplitz-Schönau, uma pequena cidade no País dos Sudetos, aquela parte da Checoslováquia que era pátria de muitos alemães. Seu pai tinha um cinema.

Cinemas — cinematógrafos, assim eles ainda se chamavam pouco tempo antes — eram uma sensação naquela época. Ao lado dos filmes mudos havia os primeiros filmes americanos com voz. Anton Zinner era fascinado por essa forma de arte das imagens em movimento. Ele próprio havia construído seu cinema — antes havia sido um bar, um chamado *beisl*. O banco havia dado um empréstimo a Anton Zinner para que ele pudesse construir seu cinema, que se chamava Lux, e comprar os aparelhos necessários. Ele tinha um operador, mas freqüentemente era ele mesmo que ficava ao lado da grande máquina, principalmente nos finais de semana, quando havia duas, até mesmo três apresentações, e Grete, sua mulher, ficava no caixa e vendia os ingressos.

Quando Joschka Zinner tinha cinco anos pôde ver, pela primeira vez, um filme, que foi a obra-prima de Charlie Chaplin, *Tempos modernos*. Na noite posterior daquela ida ao cinema, o pequeno Joschka teve febre alta, e um médico precisou ser chamado. Mas Joschka não estava doente; ele tinha febre porque esse milagre

que era o filme o havia dominado e fascinado de uma forma que não se pode descrever com palavras.

A partir daquele dia, quando viu *Tempos modernos*, Joschka Zinner ficou à mercê do cinema. Ele trabalhou com o pai. Estava diariamente no Lux, via filmes diariamente, todos pelo menos sete vezes, pois pelo menos sete vezes o mesmo filme era apresentado. Logo Joschka Zinner conhecia muitos filmes, e os conhecia de cor, cada cena, cada imagem, cada palavra, cada passagem da música, cada canção. Ele foi a Karlsbad, até mesmo a Praga para ver filmes, os quais o pai, em Teplitz-Schönau, ainda não apresentara ou talvez não recebesse. Filmes, filmes, filmes — eles eram a vida do Joschka em crescimento. E permaneceram a vida para o Joschka Zinner adulto.

Em 1946 a família teve de abandonar a Checoslováquia. Foi para a Baviera. Junto com o pai, Joschka conseguiu convencer o dono de uma cervejaria em Munique para que este lhes alugasse uma sala em Schwabing. Eles transformaram a sala num cinema — desta vez com empréstimos de agiotas —, que também se chamava Lux. Fizeram dele um cinema de arte, quer dizer, só apresentavam os melhores e mais bonitos filmes de muitos países. E também o novo Lux estava quase sempre lotado em todas as apresentações.

Em 1955 Joschka Zinner havia economizado dinheiro suficiente para realizar o sonho de sua vida: fundou uma sociedade de cinema, pois queria produzir. A sociedade de Joschka Zinner se chamava Íris, este era o nome da moça com a qual ele havia se casado um ano antes.

Joschka era um profissional de primeira classe. Tudo o que um profissional precisava saber com relação ao cinema, ele já havia aprendido em Teplitz-Schönau, onde ele vira filmes dia após dia, mês após mês, ano após ano, filmes bons e filmes ruins. Ele sabia exatamente sobre posições da câmera, som, montagem, todas as questões técnicas e artísticas. Ele queria fazer bons filmes, isso ele havia jurado. Para receber dinheiro para eles, produziu primeiro uma

série de filmes baratos, regionalistas e musicais, que naquele tempo faziam muito dinheiro na Alemanha. Quando juntou dinheiro suficiente, Joschka produziu o seu primeiro filme “verdadeiro”, sobre a vida do pediatra polonês Dr. Janusz Korczak, que dirigiu em Varsóvia, ocupada pelos alemães, um orfanato judeu e que foi para o campo de extermínio com as crianças confiadas a ele, morrendo com elas na câmara de gás.

Esse primeiro filme “verdadeiro” recebeu na Alemanha a denominação “especialmente precioso”, e quase ninguém quis vê-lo. Financeiramente o filme foi uma verdadeira catástrofe na Alemanha. Zinner havia contado com isso. No exterior, o filme foi um dos maiores êxitos do pós-guerra, recebeu muitas das mais importantes condecorações e prêmios e fez, rapidamente, o seu produtor ser conhecido internacionalmente.

Agora Joschka havia conseguido. Agora ele trabalhava em co-produções com as melhores sociedades estrangeiras. Com os melhores atores, diretores, roteiristas e técnicos. Ele só produzia bons filmes. E estava muito feliz.

Depois veio a televisão. Foi o fim de muitos produtores e distribuidores de filmes e também o fim de muitos cinemas, pois o número de espectadores caíra muito no primeiro momento. Joschka Zinner ponderou que também a televisão precisaria de filmes. Ele foi um dos primeiros que produziu filmes em conjunto com a televisão. Hoje isso é comum, naquele tempo o que Joschka fez foi um pioneirismo. Junto com a televisão ele continuou a fazer bons filmes, boas séries. Foi-se tornando cada vez mais ambicioso, cada vez mais agitado, cada vez mais nervoso — e estranhamente cada vez mais avaro. No atelier, ele se curvava em busca de uma mera agulha que um cenógrafo poderia ter deixado cair, regateava todo cachê, mesmo o menor deles, desenvolveu um tique de a princípio não pagar a terceira prestação de um contrato e de se deixar levar ao tribunal, o que lhe conferiu uma fama à altura. Também Philip Gilles havia escrito roteiros para ele e também Philip Gilles teve de processá-lo

pela terceira prestação.

Anos mais tarde Joschka Zinner não achava mais graça em processos. Anos mais tarde, jornais, editores e existências sombrias começaram a financiar canais de televisão particulares. A consequência foi uma luta inclemente pela audiência, ou seja, pelo fato de quantas pessoas viam qual programa em qual canal, pois a percentagem de audiência se relacionava diretamente com os preços dos anúncios. Programas de boa qualidade se mostraram cada vez mais um mau negócio. Quanto mais tudo se desenvolvia, tanto mais os “responsáveis” baixavam o nível de suas produções. Joschka Zinner não tinha mais nenhuma chance com os seus projetos ambiciosos — ele simplesmente não recebia mais dinheiro da televisão. Obstinado, ele investiu o próprio — e o perdeu. Sem capital próprio e por isso absolutamente dependente das emissoras, ele fornecia agora — como todos os seus colegas — filmes e séries dos quais ele se enojava, pois aquilo que pretensamente fazia as mais altas audiências, havia se transformado naquele meio-tempo em produtos repugnantes e primitivos. Se uma série profundamente mentirosa com um pastor tinha êxito, então logo depois havia de três a cinco dessas séries. Se uma série idiota de médicos fazia sucesso, as emissoras encomendavam — e recebiam — urgentemente — pelo menos meia dúzia de tais séries. Se os particulares iam à caça de espectadores com os mais rasteiros pornôns *soft*, os estatais decidiam, olhos rasos d’água, que deviam tomar esse rumo.

Joschka Zinner tinha cada vez menos forças. Para poder pagar seus empregados e viver, ele produzia um lixo deplorável. Sempre voltava a apresentar projetos para bons, grandes e importantes séries e filmes. Sempre os recebia de volta. E precisava continuar a produzir aquelas séries que se exigia dele. Ele começou a vomitar todas as manhãs, antes de ir para o escritório. Todas as manhãs. Durante um ano e meio. Nenhum médico conseguia ajudá-lo. Finalmente, um psiquiatra deixou claro para Joschka que ele — não era um mecanismo difícil — vomitava todas as manhãs de nojo



daquilo que o esperava no escritório com relação aos programas de televisão realmente nojentos que ele precisava produzir.

Cheio de desespero e raiva, o astuto Joschka se deixou empurrar por um grave passo. Ele produziu junto com uma sociedade francesa, com o melhor diretor e os melhores atores, uma série de seis capítulos com duas horas cada de um romance de Joseph Roth, confiando no mercado internacional. Quase tudo o que tinha ele investiu nesse empreendimento, chegou a hipotecar sua casa e penhorou o seu seguro de vida. Agora ele não precisava mais vomitar todas as manhãs. Entretanto, o sócio francês foi à falência, quando a série estava pela metade. Por causa de um pequeno parágrafo no grande contrato de co-produção, a metade pronta caiu na massa falida. Nem mesmo uma parte de seu dinheiro Joschka recebeu de volta. Ele estava no fundo do poço, depois de uma vida plena de esforço, trabalho e reconhecimento. Nesse momento apareceu a televisão de Frankfurt.

Um chefe de departamento comunicou a Zinner — oh, milagre, milagre incompreensível — que o canal iria aceitar o seu projeto enviado 14 meses atrás para uma série sobre o estado catastrófico de nosso mundo e financiaria a produção, justamente um tema como esse! Zinner quase não acreditou. Essa série simplesmente devia ser produzida, disse aquele chefe de departamento, que estava tão amargurado e desesperado quanto Zinner; ele teria pressionado os seus superiores praticamente com ameaças de renúncia, “para conservar a minha dignidade. Para que possa me olhar no espelho todas as manhãs, ao me barbear”. Quando assinou o contrato, Joschka Zinner abraçou e beijou sua mulher Íris e disse: — Faça figa querida! Esta é a minha última chance. Se isso não der certo, podemos nos enforcar com as dívidas que tenho. A última chance é essa. Outra como essa não haverá.

— Alguém sabe de algo terrível? — disse Joschka Zinner. —

Quer dizer que temos um traidor entre nós?

Desta vez o seu terno sob medida era de seda azul. O alfinete de brilhantes estava preso entre as duas pontas da gola alta de sua camisa branca, nos punhos havia abotoaduras de brilhante em forma de trevo de quatro folhas. Gilles conhecia Zinner ainda do tempo em que este, por princípio, só comprava as roupas mais baratas. Naquele tempo ele era uma pessoa feliz, que não pagava a “terceira prestação”.

— Muito bonito — continuou Joschka Zinner, de forma agitada, típica dele —, a senhora advogada fala em traidor. Traidor entre nós. Ouve-se com prazer. Alegria o coração. Como a dama chegou a tal conclusão? É uma ofensa para todos. Deve-se aceitar tal coisa? Não se deve aceitar tal coisa. Deve-se ir embora imediatamente. Joschka Zinner vai embora imediatamente. Não me importa o que os outros fazem. É uma insolência sem igual. Até logo, honrada senhora! — Ele foi em direção à porta.

— Senhor Zinner! — Miriam disse, baixinho.

— O que é?

— Não falei de um traidor.

— Sim, falou!

— Não.

— Não o quê?

— Eu simplesmente expressei a minha convicção de que por detrás de tudo o que acontece aqui há um segredo e que um entre nós sabe desse segredo e sabe muito bem sobre algo terrível.

— Isto é o mesmo que traidor.

— Não é.

— Sim, é o mesmo.

— Não.

— Sim, honrada dama!

— Senhor Zinner — disse Miriam mais baixo ainda —, deixe esse teatro e sente-se por um momento novamente!

— Não penso nisso. Não sou nenhum idiota. Joschka Zinner

não se deixa ofender. Ora, se ele vai embora! E existe uma pessoa que ele não quer ver mais, e esta pessoa é a senhora, honrada dama. Até logo!

— Senhor Zinner! — Marvin disse, alto.

— O que o senhor deseja?

— Que o senhor se sente. — Marvin se aproximou dele, e o pequeno Zinner caiu sentado em sua poltrona.

— Joschka Zinner não permite ser tratado assim! — ele gritou — Joschka Zinner trabalhou com as pessoas mais importantes do ramo. Nunca passou por uma situação dessas! Nunca! Monstruoso. Um de nós, diz a pessoa. Quem poderia ser esse um, gostaria eu de saber.

— Por exemplo, o senhor — disse Marvin.

— Eu? Sou *eu*, então, todos vocês escutaram, damas e cavalheiros — para o tribunal!

— Não disse que era o senhor. Disse que poderia ser o senhor.

— Sim, sim, sim. Joschka Zinner não tem tempo para idiotices como essas. Não sabe onde está a sua cabeça, o pobre Joschka Zinner. Só as multas convencionais, se ele não cumprir com os prazos! Vocês não têm idéia que porcaria de profissão infernal esta se tornou, a que ele tem, o pobre Joschka! — Ele enxugou os úmidos olhos e perguntou, repentinamente com a voz de uma criança infeliz: — Por que deveria ser eu que sabe algo mais, digam-me, por favor?

— Quem adentrou sem qualquer anúncio o Frankfurter Hof e gritou alguma coisa como uma idéia-relâmpago e única chance e que de preferência queria nos mandar na mesma noite para a floresta amazônica? Quem foi? — perguntou Marvin.

— Foi Joschka Zinner — disse Joschka Zinner. — Os senhores se opuseram terminantemente, meu senhor, e todos os outros? Joschka Zinner precisou violentá-los, um após o outro, até vocês concordarem? Porra nenhuma! Os senhores pularam de entusiasmo por Joschka Zinner ter-lhes trazido uma chance como essa.

— É verdade — disse Valerie Roth.

— Mas? — Joschka Zinner perguntou. — Onde está o mas? Mais rápido, jovem senhora, fale mais rápido! Não suporto essa vagareza. Então: mas?

— Mas o senhor cuidou de que todos nós, em primeiro lugar, estivéssemos longe, muito longe da Europa, especialmente da Alemanha, e que ainda estivéssemos ocupados com os filmes durante muitas semanas, sem poder nos preocupar com nada mais.

— E o que isso significa? Não estou entendendo nada! Rápido! Logo! Chegue ao ponto desejado. E isso significa?

— Isso significa que talvez o motivo principal de nos engajar não seja o de conseguir filmes, mas sim nos deixar muito longe de tudo, a fim de não nos darmos conta do que acontece aqui.

O rosto de Joschka ficou violeta. — A senhora ficou louca, doutora? Por que Joschka Zinner é respeitado e honrado no mundo? Por quê? Porque durante a sua vida inteira ele nunca fez uma safadeza! Pergunte a Philip! Philip, diga alguma coisa para defender seu velho amigo, que lhe ajudou em seus parques tempos, quando você não tinha nadinha pra comer! Vamos, Philip, diga alguma coisa! Diga que Joschka Zinner nunca fez uma safadeza a sua vida inteira.

— Você mesmo diz. Pela segunda vez — disse Gilles.

— Você também contra mim! Agradeço muito, Philip! Não vou esquecer. Meu amigo Philip Gilles também diz que eu queria esconder algo. Meu amigo Philip Gilles. Amigos não valem porra nenhuma. Pessoas não valem porra nenhuma. Uma só corja são as pessoas. A coisa mais miserável...

— Senhor Zinner! — disse Miriam, baixinho.

— Senhora advogada?

— Pare com isso! Imediatamente! Não creio que o senhor queria encobrir um crime ao enviar a equipe para fora do país. Mas alguém pode ter lhe passado essa missão. Alguém que, pelo seu lado, queira esconder alguma coisa. Deve esconder. Antes de o senhor ter engajado todas essas pessoas, pensava-se em levar o projeto para a televisão de Frankfurt.

— Então a televisão de Frankfurt tem algo a esconder.

Miriam passou a mão nos cabelos brancos.

— Ninguém disse isso. A televisão de Frankfurt é uma instituição pública. Isso às vezes entra na política. Talvez um político tenha algo a esconder — e o seu emissor não sabe absolutamente nada a respeito. Na TV as pessoas simplesmente apenas receberam a missão de liberar dinheiro para essa série exigente. Desculpe-me a pergunta, senhor Zinner — entretanto já sei o que o senhor produz para a televisão —, quando o senhor pôde produzir sua última série exigente, seria?

— Pare! — disse Zinner. — Por favor, senhora, é melhor parar! Não sabe o que acontece. Por causa da audiência. Somente por causa da audiência. — Isto soou como uma maldição.

— Eu sei, senhor Zinner — disse Miriam. — E por isso também sei o que os nossos filmes significam para o senhor.

— Tudo, senhora, tudo!

— Por isso o senhor invadiu o Frankfurter Hof e se comportou como um louco.

— Como um louco me comporto sempre. — Zinner riu desesperado.

— O senhor não recebeu condições especialmente boas da emissora. Tudo bem. O senhor teria aceito as piores. O que lhe restou? O senhor teria fechado sob qualquer condição.

— Sob qualquer uma, sim.

— Exatamente, senhor Zinner. E agora vamos supor — apenas supor — que o senhor teria tido a sensação de que era utilizado para encobrir um segredo. Apenas a sensação, senhor Zinner! O senhor é superinteligente... uma velha raposa no ramo... O senhor teria mandado investigar... exatamente como eu... E talvez tivesse descoberto por que o senhor, depois de tanto tempo, pôde realizar uma boa produção... O senhor teria se calado, senhor Zinner. O senhor teria pensado, o que tenho a ver, se eu posso rodar a minha série? Se eu novamente posso viver como gente. Não digo que foi

assim! Mas se foi assim, se o senhor tivesse descoberto algo, se soubesse de algo... Pergunto, senhor Zinner: o senhor poderia ter impossibilitado todas essas pessoas de desvendar um crime ao superocupá-las com trabalho? O senhor poderia ter feito isso, senhor Zinner?

Todos olhavam para Zinner, que tinha novamente o rosto violeta-escuro.

— Agora chega. — Ele se levantou. — A senhora não poderia tê-lo dito. Nunca poderia ter chamado Joschka Zinner de imprestável. Até logo, senhora advogada! — Ele foi até a porta, murmurando consigo mesmo.

— Senhor Zinner — disse Miriam, alto.

Ele abriu a porta e a bateu com força atrás de si.

Havia um silêncio de morte no cômodo.

— Doutor Gonzalos — disse Valerie Roth, afinal, em inglês. Hoje ela usava lentes verdes.

— Sim?

— Eu teria uma pergunta.

— Qual seria? — Gonzalos perguntou.

— Seria a seguinte: Markus Marvin contou que nessa fita, na qual esse general do regime militar, esse...

— Calera — disse Gonzalos.

— ...esse Calera conversa com Bolling...

— Um momento! — Marvin interrompeu. — Eu disse que é uma voz como *se fosse* a de Bolling. Mas desde o começo eu tinha a sensação de que não se tratava da voz de Bolling.

— OK, Markus, OK, você não está certo — disse Valerie. — Doutor Gonzalos diz que ele está certo. Nessa conversa da fita Calera diz que Gonzalos não poderia saber da transação germano-brasileira, porque primeiro ela ocorreu no mais alto grau de segurança e segundo porque Gonzalos só trabalhou pouco tempo no Ministério do Meio Ambiente.

— Sim, e daí? — Bruno Gonzalos perguntou.

— E não é verdade! — disse Valerie. — *Eu* pesquisei aqui. O senhor trabalhou durante mais de três anos, de 1975 a 1978, no Ministério do Meio Ambiente. Exatamente na época em que era feita a “transação do século”. O general se enganou? Mentiu? *O senhor*, de qualquer forma, não protestou contra esse falso dado com sequer uma palavra. Por que não, senhor Gonzalos?

Gonzalos se levantou.

— Não sei aonde quer chegar, senhora Roth.

— Quero esclarecer que o senhor encobriu uma verdade. Num outro ponto o senhor disse a verdade. Que o senhor tinha conhecimento da transação germano-brasileira. Quer dizer, primeiro o senhor disse que não tinha. Por quê, senhor Gonzalos? Por quê?

— Não lhe interessa! — Gonzalos gritou. Ele apontou o dedo para Marvin. — Estou fora de mim, indignado pelo senhor ter informado isso, senhor Marvin! E na verdade apenas para explicar que *o senhor* é quem finge.

— Doutor Gonzalos! — gritou Marvin. — O senhor não tem idéia do que diz!

— Oh, sei sim. E exijo...

— Calma! Ainda não terminei — disse Valerie. — Durante mais de três anos o senhor trabalhou diretamente próximo de Calera! Durante mais de três anos! O que o senhor sabe que ainda *não* disse, senhor Gonzalos? O que o senhor sabe de como Bolling conseguiu chegar até Calera e falar com ele sobre a transação nuclear? O senhor está certo de que foi Bolling. Um absurdo! Não pode nunca ter sido Bolling. Nunca. Calera muito certamente teria contatado Bonn. Até mesmo se Bolling tivesse sido anunciado oficialmente pela embaixada como o homem com o qual ele deveria fixar a versão oficial. Resultado: Bolling só teve uma chance de chegar até Calera, caso ele realmente estivesse a serviço do governo alemão. Portanto, Bolling seria o homem que mentiu e enganou a todos nós Digo isto com muita tristeza, pois trabalhei com ele muitos anos e o tinha como amigo.

— Oh, senhor, estou dizendo, *a voz parecia muito estranha!* — gritou Marvin. — Cada vez mais acredito que não era Bolling.

— O senhor Gonzalos ainda acredita no contrário — ou...?

— Ainda — disse este. — Ou seja, sou tão idiota em me comprometer com a insistência de minha convicção de saber mais sobre Calera, Bolling e a transação nuclear do que reconheço. Isto é um absurdo! Marvin e eu nos conhecemos como cientistas há anos. Foi Marvin que me citou e à minha mulher como o primeiro contato no Brasil. É verdade ou não, Marvin?

— É verdade.

— Mais alto! — Gonzalos gritou.

— É verdade! — gritou Marvin também.

— Então — gritou Gonzalos — vocês todos pelo menos deveriam suspeitar de Marvin como de mim!

— Talvez o senhor tenha traído a sua confiança — disse Valerie Roth, friamente. — O seu bom amigo Bolling também fez isso.

— Isso é monstruoso — disse Gonzalos, tremendo. — Não permito isso. Não fico mais nem um minuto com essa pessoa no mesmo espaço. — Ele foi em direção à porta, de onde mais uma vez olhou para trás, depois também desapareceu.

— A mais pura sinfonia do adeus — disse Marvin.

— Agora para a senhora Raal — disse Valerie.

— Para mim?

— Sim, para a senhora. A senhora viu em Altamira quando Bolling telefonou. A senhora ouviu que ele falava com Zinner e pedia proteção para Markus Marvin.

A porta se abriu, Joschka Zinner entrou.

— Não interrompam — disse ele. — Pensei bem. Quero ouvir mais um pouquinho. Mas não volto mais!

— Senhora Raal! — gritou Valerie, que provocativamente não prestou atenção em Joschka.

Katja enrubesceu. Também enrubesceram as suas espinhas. Ela olhou de forma infeliz para Bernd Ekland.



— Não é verdade, senhora Raal? Foi assim! Assim a senhora contou para Ekland e Marvin.

— Bem... — começou Katja, mas foi interrompida por Ekland.

— Preciso dizer algo importante, para todos vocês — disse o *cameraman*. Está certo que a senhora Raal viu o senhor Bolling ir ao telefone. Também ouviu quando ele falou. Ouviu também o nome Zinner. Desde então ela pensou em tudo com muita calma e acha hoje que ela nunca poderia ter afirmado seriamente que Bolling telefonou para o senhor Zinner, apenas porque ele citou o *nome*.

— Mas telefonou — disse Zinner.

— Espere! Ainda não terminei. — Ekland se levantou. — Em nome da senhora Raal e no meu dou agora uma declaração. Devia ter dado há muito tempo. Estou agradecido pela oportunidade. A senhora Raal e eu fomos engajados pelo senhor Zinner...

— Porque você é o melhor *cameraman* que tenho: E Katja o melhor técnico — disse Zinner.

— ...e nos alegramos muito que a sua escolha tenha recaído sobre nós — continuou Ekland. — A senhora Raal e eu só nos preocupamos — só, digo — com o trabalho. E o fizemos o melhor possível. Nunca nos deixamos envolver em qualquer que fosse — em qualquer que fosse — a intriga. Desta vez também o fazemos. A senhora Raal observou Bolling ao telefone. Isto é tudo. Não há nada mais para ser contado. Nunca haverá nada mais para ser contado. Não temos nada a ver com esse terrível segredo, sobre o qual só se fala aqui. Não sabemos se realmente há algo assim... não *queremos* saber. Faremos o nosso trabalho, ponto final. Se vocês não quiserem assim, vamos embora imediatamente.

— Um momentinho — disse Joschka Zinner. — Isto é talvez um descaramento, Ekland. Vocês vão embora imediatamente, se todos não aceitarem que vocês não querem ter nada a ver.

— Sim — disse Ekland.

— Ou talvez nos tenhamos enganado, e *vocês* dois são os que estamos procurando, e agora, quando tudo está esquentando, vocês

se mandam e...

Ekland empurrou o pequeno produtor para o lado.

— Vamos, Katja! — ele disse.

Alguns segundos depois os dois haviam deixado o escritório Isabelle, que durante muito tempo cochichou com Gilles, levantou a mão.

— Um momento, por favor!

Os que restaram olharam para ela.

— É muito desagradável para mim, por isso não queria falar sobre o assunto — disse Isabelle. — Agora vejo que *tenho* de falar. Na noite anterior ao seu desaparecimento, Peter Bolling veio ao meu quarto de hotel em Altamira e... me importunou. Chamei por Gilles. Bolling teve uma crise de asma. Quando esta passou, ele queria se desculpar e...

— E na manhã seguinte ele havia desaparecido — disse Gilles.

— Crápula — disse Joschka. — Tomou a tentativa de estupro como pretexto, porque ele precisava se mandar urgentemente.

— Se mandar para onde?

— E eu sei? Mas talvez a senhora saiba.

— O senhor acha que a senhora Delamare inventou esse aborrecimento?

— Sim, acho. Por que sempre devo ser culpado de tudo? Talvez tenha tido os seus motivos para ajudar Bolling, porque ele precisava sumir.

Gilles disse em voz baixa e lentamente: — O senhor considera impossível que ele tenha desaparecido com vergonha pelo seu comportamento?

— Não, não! — Joschka disse. — Realmente não, senhor Gilles. Estupro, ainda por cima um que nem foi levado a cabo — o que vem a ser isto?

— No seu ofício, me parece, nada de muito especial — disse Gilles.

— Se quer me ofender, invente algo melhor, senhor! Não, nada

de especial, e não apenas no meu ofício.

— Compreendo — disse Isabelle.

— Pois é. Ainda lhe falta a experiência de vida, jovem senhora.

Gilles se levantou.

— Atreva-se — disse Joschka, recuando. Ele se tornou pérfido.

— E daí, se você inventou o estupro? Aparentemente acusa Bolling. Na verdade, protege-o. Até que ponto *vocês* dois estão metidos nessa estória?

Gilles foi ao seu encontro.

Joschka correu para a porta. De lá, disse ofegante: — Basta! Realmente! Isto aqui é um pinel! Por que Gilles e a jovem senhora não podem ter nada a ver com a safadeza? E por que não a senhora advogada, por gentileza?

Logo em seguida ele havia desaparecido novamente.

— Sim — disse Miriam — por que não eu? Represento o senhor Marvin e a senhora Roth. E a Sociedade de Física de Lübeck. Durante todo o tempo se falou aqui que gente poderosa quer vê-lo e à senhora Roth e aos outros o mais longe possível, para que não tenham oportunidade de desvendar o que realmente está acontecendo. Para tal, se serviram de Joschka Zinner.

— Isto a senhora mesma supôs — disse Valerie.

— Vou chegar lá. Quem não diz que não fiz isso com más intenções? O meu cliente Marvin está obcecado pela idéia fixa de que os alemães teriam construído a bomba atômica — ou poderiam construir a qualquer hora. Ele nunca desistiu dessa idéia fixa — nem no Brasil! E principalmente quando o procurador Ritt o chamou de volta para Frankfurt.

— Ele afirma isso, mas não tem nem a mais ínfima prova — disse Valerie, zangada. — O físico Erich Hornung, ao qual Markus telefonou, foi atropelado, exatamente quando Markus era interrogado. Não pode dizer nada mais. Todas as gravações foram roubadas desse agente da NSA, depois de ter sido espancado. Está com traumatismo craniano, no hospital. Ritt e Dornhelm informaram

a Bonn tudo o que Marvin contou. Bonn e os americanos mandaram revistar a instalação de pesquisa nuclear em Karlsruhe. Nem a menor pista de um trabalho com transurânicos, especialmente transurânio 241. E eles puseram Karlsruhe de cabeça para baixo, meu Deus! Não acharam nada!

— Porque eles lá tiveram tempo de desaparecer com tudo — disse Marvin, colérico.

— Seja o que for que tenha acontecido — você não tem nenhuma prova disso, e nunca teve!

— E mesmo assim mandaram chamar de Paris o meu cliente — disse Miriam. — Por que eu e ele não poderíamos ser aqueles que, com esse *frisson* em torno da bomba, em cuja existência Marvin e eu, na verdade, não acreditamos — mas só fazemos de conta que —, desviamos a atenção para uma coisa muito mais importante?

— A senhora... a senhora... — Valerie parou. — Tudo isto é enlouquecedor!

— Talvez deva ser — disse Miriam.

— Mas a senhora nos chamou aqui para nos comunicar que um de nós deve saber mais!

— E se *eu* for esse alguém que sabe mais? — Miriam perguntou.

Marvin atacou Valerie: — Não se achou nada em Karlsruhe, você diz. Como sabe disso? Através de suas relações em Bonn, não é? Suas relações maravilhosas. Ninguém sabe com quem.

— Devem ser realmente excelentes relações — disse Miriam. — A senhora sabe de tanta coisa, senhora Roth.

— Você sempre nos ajuda — disse Marvin, que se enraivecia cada vez mais. — Desde o começo. Ritt e Dornhelm não queriam me deixar ir até o Brasil por causa da estória com Hansen. Então *você* conseguiu que me fosse permitido viajar. Sem a sua ajuda, eu teria ficado aqui. E com isto a série não seria feita, pois a televisão de Frankfurt fez questão de que eu dirigisse a equipe. Você abriu caminhos com as suas relações...

— Seu filho da mãe! — gritou Valerie repentinamente. — Você ousa me culpar? Eu, que, como você bem sabe, sempre consegui que o professor Ganz e a Sociedade de Física em Lübeck se safassem de todas as dificuldades e...

— Você conseguiu, sim. Sejam quais tenham sido os caminhos. Até Philip Gilles você conseguiu convencer. Ele deve escrever. Tanta publicidade quanto possível, tudo pelo mundo ameaçado. As pessoas não devem falar de nada mais que não seja isso. Não deve se interessar por nada mais. Para isso você faz tudo. Senhora Goldstein, a senhora compraria um carro usado da senhora Roth?

— Bem, agora chega — disse Valerie. — Você ficou louco, Markus. Infelizmente não posso mais ficar aqui, a senhora entenderá doutora Goldstein. Desculpe-me.

A porta se fechou atrás de Valerie Roth.

— Mulher interessante — disse Miriam.

— A senhora também é muito interessante, doutora — disse Markus Marvin, colérico.

— Como assim, por favor?

— Sou seu cliente, a senhora diz...

— Sim, o senhor é.

— ...A senhora concorda com a minha opinião sobre a bomba...

— Sim, e daí?

— ...e então de repente a senhora vira tudo e declara a Valerie que nós dois poderíamos estar representando, porque eventualmente perseguimos metas totalmente diferentes. Muito obrigado, doutora! Muito obrigado mesmo. Foi uma grande ajuda para mim e o meu crédito. Conseguiu o que queria. E esse convite até aqui! Para quem a senhora trabalha, doutora Goldstein? De qualquer forma, não mais para mim. Não sou mais o seu cliente. A partir de agora retiro a minha procuração. Um bom dia para todos!

— A senhora fez o que podia, senhora Goldstein.— disse Gilles, depois que também Markus Marvin fora embora. — Não pôde provocar mais do que provocou.

— Não — disse Miriam. — Mas o que consegui com isso? Agora todos são inimigos de todos, mas o que acontece não é grave demais para me calar?

— A senhora teve de fazê-lo — disse Gilles.

Isabelle deu a Miriam um pacotinho.

— Trouxemos para a senhora. Philip achou algo em sua casa na Suíça, quando estávamos lá.

— O quê?

— Só desembrulhe quando estiver sozinha com a sua mãe — disse Gilles. — Também precisamos ir. Tudo de bom! Lá na frente, na esquina, há um ponto de táxi, eu sei.

Cinco minutos depois Miriam saiu para o jardim. Ainda estava muito quente. A cega estava sob a luz do sol poente. Miriam se sentou ao lado dela.

— E então? — Sarah Goldstein perguntou.

— Tudo em vão — disse Miriam. — Não avancei nem um passo — Ela deu o pacotinho à mãe.

— O que é isto?

— Isabelle Delamare e Philip Gilles me deram.

— Abra!

Miriam abriu o pacote. Em seguida ficou imóvel e olhando o que estava sobre o papel.

— E então? — perguntou a mãe.

Miriam pôs no seu colo um par de sapatinhos bem velhos.

Sarah Goldstein passou os dedos sobre eles. E os seus olhos mortos se encheram de lágrimas.

— Queremos ter calor quando quisermos! — gritou o rapaz

magro, na tarde de 22 de setembro, na entrada do local da feira em Essen. Cerca de 30 pessoas o escutavam. Era o dia da abertura da DEUBAU, uma importante feira para tudo o que diz respeito à construção de casas. O rapaz era um propagandista brilhante. Ao lado dele estava o aparelho, para o qual ele fazia propaganda, e sobre este estava escrito o nome de quem queria ganhar dinheiro com ele: RWE.

Esse aparelho tinha um metro e meio de comprimento, 70cm de altura e dez de profundidade.

O rapaz falava o dialeto da Renânia:<sup>35</sup> — Isto, minhas senhoras e meus senhores, é o melhor que temos a oferecer. Armazenador de energia para qualquer cômodo em sua casa! Os senhores podem acomodá-lo facilmente, tão plana que é a coisa. E como disse, ele economiza, isto é uma alegria. Os senhores o comprem uma vez, e ele dura para sempre! Se comprarem óleo, também não querem comprar óleo todos os dias, apenas quando ele solicitar. A questão é quando se pode recarregá-lo. Aqui no aparelho, os senhores vêm, aqui tem algo que pensa, quer dizer, há um dispositivo dentro que controla à noite...

— Não, não, muito obrigado! — gritou um do grupo.

— Não diga não, não, estou justamente explicando o aparelho! Um dispositivo que controla a temperatura noturna exterior, ele controla quanto resta de calor dentro do aparelho, para que não seja sobrecarregado. E se 40% são suficientes com a temperatura, então ele faz isso, o aparelho. Os senhores vêm: ele é superior à sua calefação.

A BETA de Ekland havia sido montada por Katja sobre o tripé. A câmera rodava e filmava o rapaz e seu discurso. Gilles, Isabelle, Marvin, Loder, como também Monique e Gerard Vitran, estavam bem junto da câmera. Isabelle traduzia baixinho para os seus amigos franceses.

Eles filmavam a cena para o tema economia de energia, o campo de ocupação principal dos Vitran. Se não se acabasse o mais

rápido possível com o louco desperdício de energia, se o consumo de energia finalmente não baixasse, e enormemente, então energias alternativas, como a energia solar, não teriam nenhuma chance, então o mundo não teria nenhuma chance mais. Na França, o Energy Systems International dos Vitran havia conseguido que a energia fosse economizada radicalmente. Estava previsto que a equipe relatasse sobre o assunto. Por causa da feira DEUBAU em Essen, Vitran, porém, propôs começar com uma documentação da situação alemã.

A atmosfera no grupo depois da discussão na casa de Miriam Goldstein, em Lübeck, havia esfriado muito, não estava abertamente hostil, mas nervosa. Um observava, desconfiado, o outro e havia sempre briguinhas. Ferido e ofendido, Bruno Gonzalos viajou até Hamburgo, para se encontrar com o pessoal do Greenpeace e combinar um filme sobre o descarregamento de ácido de enxofre no mar. Ritt não havia dado mais notícias e nada de novo havia sobre Peter Bolling.

O magro rapaz na entrada da feira não propagava economia de energia, mas o contrário: um consumo de energia ainda maior — para o proveito e prosperidade da RWE. E por isso Gerard Vitran queria filmá-lo de qualquer forma.

— Com este aparelho — gritava o rapaz —, com ele os senhores não precisam, digamos, comprar óleo para armazenar o ano inteiro. Aqui os senhores só pagam o que consumirem.

Gritos e inquietação entre os curiosos, agora em maior número.

— Não me acalmem! — disse o rapaz, espirituoso. — Digam-me o contrário, se acharem assim. Só digo o seguinte: uma em cada três pessoas em Essen tem calefação elétrica. Mais de 200 mil cidadãos de Essen não podem se enganar, não é? — Quando não se revidava imediatamente, ele continuava a gritar, triunfante: — É, os senhores não acompanham, não é? Os senhores estão muito rígidos, é isso

— E você não tem dores? — cochichou Katja para Ekland.

Ele balançou a cabeça.



— Nenhuma?

— Nenhuma mais, querida — cochichou ele.

Katja beijou seu rosto, a sua pele deformada havia corado de alegria. Cortisona, pensou ela. As injeções. Elas têm efeito. Comprei dez velas e as acendi com um só fósforo. Cinco para ele, disse Bernd...

Um dos ouvintes gritou: — Pára com essa estória de mais energia, cara! Com os preços de energia que vocês querem! Isso é uma sem-vergonhice, tão altos que são.

— Bravo!

— É verdade!

— Vocês nunca estão satisfeitos?

— Calma, calma! — disse o rapaz, rindo. — Vocês dizem “muito caro, meu senhor”...

— Sim, digo!

— Então *eu* digo: olhem para os habitantes de Essen! Deles já são 200 mil que têm uma calefação armazenadora. Acham que 200 mil não saberiam o que estão fazendo? Se pegarem, entre eles, a metade, 50%: eles têm para a sua calefação um preço por metro quadrado de dez marcos por ano.

— Está bom — disse Valerie. — Obrigada, Bernd! É suficiente. Agora ele só faz se repetir. Vamos para o pavilhão pegar Olsen, como contraponto.

— OK — disse Ekland, parando a BETA.

— Cara, os irmãos talvez possam vender e falar besteiras para as pessoas — disse Marvin a Loder.

— Espere pelo que Olsen tem a dizer — respondeu este.

Os pavilhões estavam lotados de visitantes, o ar estava ruim, o barulho, estrondoso. Várias equipes de TV filmavam máquinas sensacionais ou exposições. Diante do estande da firma Olsen, Katja havia, vibrando de alegria, montado em tempo recorde todos os aparelhos novamente e “ligado” o especialista em calefação, Karl Olsen, de cerca de 45 anos, com Valerie Roth. Seguranças da feira

isolaram no estande o espaço suficiente. Por detrás das cordas vermelhas os curiosos se apertavam. Katja estava molhada de suor, de tanto que havia trabalhado. Respirando com dificuldade, Ekland a olhava. Ele a beijou no rosto.

— Estamos prontos — disse Katja a Valerie, que havia recebido ainda, por causa do barulho, um microfone de mão.

— Estou em ordem? — Rapidamente Katja segurou um espelho. Valerie se analisou, pintou os lábios, Katja ajeitou um cacho de seus cabelos. Finalmente, como em todas as gravações, ela colocou uma folha de papel em frente à BETA, onde estava escrito: FEIRA ESSEN/3, ENTREVISTA OLSEN.

— Vamos! — disse Ekland. — Primeiro a senhora está sozinha na imagem.

Valerie afirmou e começou a falar um texto que ela havia preparado com Loder e Vitran: — Minhas senhoras e meus senhores, vocês já viram e ouviram falar como a Rheinisch-Westfälisches Elektrizitätswerk tenta vender cada vez mais energia — aqui com a propaganda de uma calefação elétrica. Estamos no pavilhão da DEUBAU no estande do senhor Karl Olsen.

A BETA sobre o tripé saiu dela e mostrou o estande e seus visitantes, mas de uma forma que Valerie continuou na imagem. — O senhor Olsen é um médio empresário numa cidade sobre o Meno. Como pioneiro na técnica de calefação ele teve como meta ajudar os seus clientes a economizar energia — isto é útil para os clientes, é um negócio para o senhor Olsen e bom para o meio ambiente. Quase nenhum de nós sabemos o quanto também ele pode contribuir para a descarga do meio ambiente, quando ele simplesmente dá à sua calefação a melhor condição possível, ou seja, quando ele constrói ou restaura de forma que a sua casa precise de antemão de menos calefação. Vocês verão os mais diversos tipos de casas com energia solar, com espelhos solares no telhado ou nas paredes. Todos esses tipos precisam, contudo, de energia solar renovada não importa como seja fornecida. A invenção genial do senhor Olsen é uma casa

que funciona quase que totalmente com energia solar ou seja, por assim dizer uma casa de energia zero. Senhor Olsen, pode-nos explicar como isso funciona?

A BETA agora filmava Olsen, que agora começou a falar e demonstrar o que dizia com elementos de construção e diagramas.<sup>36</sup>

OLSEN: — Em primeiro lugar: construo novas casas. Há também possibilidades de adaptar velhas casas, mas fiquemos com as novas! Se não aprendermos rapidamente a pensar num todo, se cada um só vir a sua área de interesse, como até agora, então em breve terminaremos numa rua sem saída. Não tenho absolutamente nada contra energia. Pelo contrário! Acho que no futuro precisaremos cada vez mais de energia. Mas primeiro um outro tipo, ou seja, a energia solar — e segundo com quocientes de consumo bem diferentes, quer dizer: podemos e iremos apenas utilizar um décimo da necessidade atual. Vejam, a União desconta das pessoas, atualmente, ainda cerca de dez marcos por metro quadrado por ano. Isto é muito. São os hoje 270 Kwh para um metro quadrado de área habitada, de acordo com o desejo da União.

ROTH: — E o senhor constrói casas que só necessitam de um décimo dessa quantidade, senhor Olsen?

OLSEN: — Sim, construo. E posso lhe provar isso em cerca de 20 casas de família construídas por mim. Venha um dia a uma casa dessas, eu lhe mostrarei.

ROTH: — Iremos.

OLSEN: — Nas minhas casas só são necessários no máximo — no máximo 20 Kwh por metro quadrado e por ano — justamente um décimo daquilo que hoje é oferecido e malbaratado em energia. E tem mais: se calcular isso em óleo para calefação, são necessários numa das minhas casas de família dois litros de óleo no máximo para o metro quadrado, e num prédio pequeno até mesmo só um litro.

ROTH: — E como o senhor consegue isso?

OLSEN: — Deus, não sou nenhum gênio. A senhora disse coisa parecida agora há pouco, mas isto está errado. Tive exemplos

quando comecei — na Escandinávia e sobretudo nos Estados Unidos. Fui até lá e estudei tudo detalhadamente.

ROTH: — Nesse meio-tempo o senhor tem lá suas próprias filiais.

OLSEN: — Certo. E muitas construções novas nos EUA e na Escandinávia estão chegando muito perto de minha meta de casas energia zero. Aqui na Alemanha Federal ainda não chegamos esse ponto. A senhora perguntou como conseguimos.

ROTH: — Sim.

OLSEN: — Através de uma combinação de medidas técnicas de construção e climáticas. Para começar com a sustentação das janelas nas paredes exteriores, com a qual não temos praticamente nenhuma perda de calor para o exterior. Ou seja, primeiro nenhuma perda na instalação e depois nenhuma perda através das janelas.

ROTH: — Como isso acontece, então?

OLSEN (demonstra com desenhos e modelos): — Minhas janelas têm uma proteção para o calor, que se adapta exatamente aos horários e estações do ano. Essa proteção é dirigida por sensores exteriores. Aqui embaixo existe um sistema de ventilação... As janelas são, naturalmente, coletores solares — já explico como eles funcionam. Nos três últimos períodos de calefação eu provei — provei — que pude baixar o consumo de energia de minhas casas novas realmente em nove décimos do consumo de energia até agora aceito. Agora pense que descarga isso traz para o meio ambiente, se existem milhares, milhões de casas como essas! Onde 90% a menos de combustível são consumidos, também haverá respectivamente menos materiais nocivos. Seriam evitáveis mais ou menos 2,7 milhões de toneladas anuais de materiais nocivos, com os quais famílias e pequenos consumidores carregam o meio ambiente. Uma técnica de energia para a casa, como queremos e construímos, é para a proteção do meio ambiente pelo menos tão importante quanto o catalisador no automóvel.

ROTH: — Qual a aparência de sua invenção?

OLSEN: — Simples. As áreas das janelas nas outras casas, também nas casas solares, são áreas de perda, no que se refere à energia. Minhas janelas são áreas de lucro. As velhas janelas são dependentes da luz do sol e de sempre nova energia solar, não é? Em minhas casas não se perde nem um pouco de energia. Mas através da técnica solar sempre se acrescenta mais energia. Minhas janelas assimilam toda espécie de radiação. Não apenas radiação solar. Também radiação infravermelha à noite. É claro que tudo fica mais fácil se a maioria das janelas estiver na direção sul. Mas casas com janelas para o norte também têm um saldo positivo de energia — isto me foi confirmado em diversos pareceres do Instituto Max Planck de Muellheim/Ruhr. Veja aqui uma janela dessas! Dá pra ver bem com a câmera? Bem... Então. Em primeiro lugar esta é uma janela com vidro duplo. Entre os vidros há três persianas transparentes, que sobem e descem automaticamente. São feitas de folhas especiais e regulam a entrada de energia de fora de acordo com o horário e a estação do ano. A senhora pode comparar isso com a troca de roupa das pessoas... E depois vem uma outra persiana que tem uma camada exterior de metal e protege durante a noite a radiação de frio. Chamo isso de casa “inteligente”. Minha casa “inteligente” precisa de nove décimos a menos de energia da casa “burra”, às quais ainda podem ser vendidas quantidades bem exageradas de energia.

ROTH: — Isto é incrível!

OLSEN: — Isto é incrível, a senhora tem razão. Só não é incrível o comportamento do nosso governo.

ROTH: — Como ele se comporta?

OLSEN: — Apesar de todos os pareceres, ele nega à minha firma o reconhecimento dessas janelas como instalação de energia. (Fala cada vez mais alto e com raiva.) E porque ele não as reconhece, o ministro das Finanças declara que as nossas janelas não podem ser descontadas do imposto — de acordo com o parágrafo 280a do imposto complementar, previsto para isso.

ROTH: — O ministro das Finanças se nega?

OLSEN: — Se nega, sim. E agora ouça bem! As calefações elétricas dez vezes maiores, como o RWE aconselha — a senhora viu uma lá fora, o rapaz a recomendou tanto, recomenda o dia inteiro —, essa calefação elétrica dez vezes maior é, de acordo com a mesma lei, descontada do imposto.

ROTH: — Um desconto no imposto é, para a maioria das pessoas que constrói ou manda construir uma casa, decisivo para a consumação do encargo. Mas se ele se nega a reconhecer as suas janelas como instalações solares...

OLSEN: — ...então isso é igual a uma desvantagem de 50% em comparação com a concorrência, beneficiada pelo desconto do imposto, a senhora entendeu bem. Sem facilitamento de imposto as casas de família novas construídas com as nossas técnicas são 5 a 10% mais caras que as convencionais. Apenas com os prédios pequenos podemos ser tão baratos quanto os convencionais, pois nossas casas não necessitam de custos de investimento mais altos. Quer dizer: este ano construiremos apenas prédios.

ROTH: — Mas essa decisão do ministro das Finanças é injusta.

OLSEN: — Claro que é. E vou continuar a lutar contra ela. É assim que acontece com as pessoas como a gente — pergunte ao senhor Loder como as inspeções dificultam a sua vida com a sua aparelhagem de energia solar! Ao mesmo tempo, e aí está a perversão, querem fomentar, com esse parágrafo 280a, a economia de energia.

ROTH: — O senhor tem uma explicação para o procedimento injusto dos consultores fiscais?

OLSEN: — Se tenho! E digo alto, é a pura verdade — assim é a realidade: o meio ambiente sofre, os consumidores de energia são enganados — mas o Estado e as companhias de energia ganham muito dinheiro. E o consumo de energia desnecessário seria evitável já há muito tempo.

ROTH: — O senhor então se vê diante de uma frente que

impede a economia de energia por puro interesse.

OLSEN: — Isto mesmo! (Em voz alta.) Há algumas semanas o ministro do Meio Ambiente, Toepfer, declarou numa reunião de médios empresários em Xanten que uma boa técnica não necessita de apoio do Estado. O homem disse isso, palavra por palavra! Cada vez mais existem fomentos extras para tecnologias que prejudicam o meio ambiente. As que o poupam, quando entram no mercado — veja o meu caso —, sofrem dificuldades. Já é tempo de abrirmos o bico.<sup>37</sup>

Um homem de terno marrom havia se aproximado. Ele disse em voz baixa: — Senhor Markus Marvin?

— Sim — disse este. Ele olhou para o homem com desconfiança. — O que é?

— Ernst Petersen — disse o homem, mostrando uma identificação. — Polícia criminal. Acabamos de receber a notícia de que o doutor Bruno Gonzalos voou de Hamburgo, via Londres, para o Rio de Janeiro, há seis horas.

Uma conversa telefônica.

— Clarisse?

— Quem fala?

— Aqui é Isabelle Delamare, Clarisse.

— Isabelle, onde está você?

— Em Essen.

— Onde?

— Essen. É uma cidade no oeste da Alemanha. Estamos filmando numa feira. Agora mesmo chegou um policial e disse que o seu marido voou para o Rio. O que significa isso?

— Não sei, Isabelle.

— O que quer dizer?

— De onde você fala?

— De uma cabine telefônica.

— Está sozinha?  
— Sim.  
— Você me alcançou por pouco.  
— Eu... o quê?  
— Bruno e eu vamos desaparecer daqui, tão logo ele chegue.  
— Mas por quê, Clarisse, por quê?  
— Não sei. Ele me telefonou e disse que eu deveria arrumar algumas coisas. Vamos viajar por um tempo.  
— Para onde?  
— Não sei.  
— Por quê?  
— Também não sei.  
— Mas...  
— Dou notícias em breve para você, Isabelle. Prometo.  
— Clarisse... Clarisse... Como vai a cotovia?  
— Cresce e prospera. E tenho a impressão de que já se mexe.

Três carros iam pela estrada Düsseldorf-Frankfurt. No primeiro, um Mercedes, estavam Katja Raal ao lado de Bernd Ekland, que dirigia o pesado carro. Nas duas portas dianteiras do Mercedes estava escrito TELEVISÃO DE FRANKFURT. Atrás estavam Isabelle e Gilles.

Quem dirigia o BMW com placa de Lübeck era Markus Marvin; ao lado dele estava sentada Valerie Roth. Os dois discutiam. No banco de trás estava Loder. O rádio do carro estava ligado para as informações de trânsito. Ouvia-se *jazz* em som baixo.

No terceiro carro, um Citroën com placa de Paris, estavam Gerard Vitran e sua mulher Monique. Ela olhava para o Mercedes, no qual estavam Isabelle e Gilles.

— Nossa pequena... quanta alegria deu a ele... e ela mesma está tão feliz... pelo menos duas pessoas nessa equipe que estão felizes.



— Duas? E nós dois, não somos nada?

— Ah, Gerard!... Claro, ele é bem mais velho... Ela ficará muito triste quando ele morrer...

— Quem sabe quando alguém morre — disse Vitran. — Além disso: Isabelle poderia ser muito infeliz, quando ele for muito velho e mudar. Veja bem: os dois se amam. Para a nossa pequena, esse amor dura uma eternidade. Isabelle não pensa em idade, doença, morte. *Ele* sim. *Ele* certamente. Acho que agora o conheço bem. Gilles sabe que esse amor não será para sempre, eterno... Isabelle o libertou da prisão de sua lembrança... sim, ela fez tudo... e mesmo assim ele sabe: essa felicidade é temporária... Ele sabe que não pode exigir uma eternidade, na sua idade e de uma mulher tão mais jovem.

— Às vezes penso que o amor é a coisa mais terrível que há — disse Monique.

— A mais terrível e a mais maravilhosa — disse Vitran. — Ambos ao mesmo tempo. *Ele* sabe disso. E certamente ele está mais feliz — como eu, como nós dois enquanto espectadores — por esse ser um amor leve, alegre, sereno, *chérie*... Eles riam tanto um com o outro... um sobre o outro... Deixe-os com a sua felicidade, enquanto ela durar!

No Mercedes Katja disse, se virando para Gilles e Isabelle: — Vocês entendem que Bernd e eu só queremos fazer o nosso trabalho e não nos metermos nessa estória?

— Precisamos saber disso — disse Isabelle.

— Alguns, acho, não entendem... e nos consideram inescrupulosos... covardes... sem sentimentos...

— E se alguém faz, então deve! — disse Ekland. — Tanto faz para nós. Não vamos nos deixar envolver nessa coisa suja... ela é suja, senhor Gilles?

— Parece que sim.

Três carros iam pela estrada.

Atmosfera ótima, pensou Loder no BMW. Desde que estiveram

em Lübeck, na casa da Goldstein. E agora ainda mais, pois Gonzalos fugiu. Estão aflitos. Mas é uma situação de merda. Realmente ninguém pode mais confiar em ninguém. Mas esta viagem é a maior loucura. Marvin briga com Roth. Bate na direção. Olha para ela em vez de olhar para a frente. E isto a 160Kwh!

— ...eu tenho todo o direito de ter os meus pensamentos! Quem financia a Sociedade de Física? Bonn. O Ministério da Pesquisa. Ou você quer negar isso?

— Não quero negar nada — disse Valerie. — Você está colérico. Precisa desafogar sua cólera. E porque justamente eu estou aqui, em mim.

— Também estou aqui — disse Loder. Os dois não o ouviram.

Marvin bateu novamente na direção. — Financiada por Bonn! Muito bonito. Maravilhoso. E Bonn nega que temos a bomba. O que na verdade você sabe *sobre* ? Você sempre sabe de tudo! Pelas suas relações em Bonn. Você ainda não disse nem uma palavra sobre a bomba e Bonn...

— Escute aqui — gritou Valerie —, você ficou mesmo louco, Markus! Você fica nervoso e ousa insinuar...

— Sim, fico. Sim, ousa. Mas mesmo assim seria possível, não é, que você saiba um monte de coisas sobre a bomba com o seu grau de informação... que Bonn lhe diga o que você deve nos dizer... e se sobretudo se proteger... Mais do que possível seria...

Ele se preparou para a ultrapassagem de um carro.

— Não! — Valerie gritou. — Atrás de nós vem um!

— E daí? — Marvin perguntou. Ele ultrapassou. Os faróis do outro carro se acenderam, sua buzina latiu, ele passou raspando.

Marvin riu.

Loder disse muito alto: — Fim. Ponto final. Agora chega. Quero viver um pouco mais. Senhor Marvin, lá na frente há um estacionamento. O senhor vai parar e me passar a direção. De qualquer forma.

Para a sua estupefação, Marvin obedeceu.

Eles trocaram os lugares, sem que alguma palavra tenha sido dita. Agora Loder dirigia e Marvin se sentou cismado no banco de trás. Valerie se calou e olhava a pista que voava em direção contrária. Nojento, pensou Loder. Agora ninguém fala. E devemos trabalhar juntos! Preciso pelo menos tentar começar uma conversa normal. Ele disse em voz alta: — Há um jovem economista, Olav Hohmeyer, que provou que a pretensamente barata energia de carvão e nuclear na verdade é um negócio de grandes prejuízos...

Os outros dois continuaram calados.

Ah, pensou Loder, simplesmente vou falar: — ...No seu livro<sup>38</sup>, Hohmeyer parte do fato de que as mais graves catástrofes ecológicas deixam a opinião pública indiferente — e os políticos, principalmente — até que as perdas apareçam em valores monetários...

Silêncio. Música baixa no rádio do carro.

— Vocês estão me ouvindo? — Loder perguntou.

— Exatamente — disse Marvin.

Valerie Roth não disse nada.

— Continue, continue, senhor Loder! — Marvin disse.

— Está bem — disse este. — *Custos sociais do consumo de energia*, chama-se o livro de Hohmeyer. Ele trabalha no Fraunhofer-Institut de Karlsruhe — novamente Karlsruhe! — com técnica de sistemas e análise de inovação. Com o seu livro ele foi responsável por grande excitação, em viagens de trabalho. Ele chega à conclusão que a economia de eletricidade investiu erradamente desde muitos anos, porque seguiu hipóteses erradas, que refletem apenas insuficientemente os verdadeiros custos dos portadores de energias tradicionais, carvão e energia nuclear, para a produção de eletricidade.

— Também precisamos falar sobre isso! — Marvin disse.

— De qualquer forma — disse Loder. — Mas não filmem justamente agora em Karlsruhe. Telefonarei para Hohmeyer e pedirei para vir até Binzen.

— Ótimo.

— Os custos não incluídos no preço da eletricidade em forma dos mais variados riscos e prejuízos para a saúde e meio ambiente — escreve Hohmeyer — são descarregados, com a tolerância estatal, em terceiros inocentes: os cidadãos. E justamente isso são os “custos sociais”.

— O senhor agora não pode ultrapassar — disse Valerie Roth.  
— Atrás de nós vem um carro com uma velocidade de louco.

— Ele já o viu há muito tempo — Marvin disse. — Fique quieta!  
Oh meu Deus, pensou Loder. E ainda estarão juntos por muitas semanas. Aí vem chumbo!

Um carro grande passou pela sua esquerda, buzinando, com os faróis acesos.

— Totalmente *high* ou bêbado ou ambos — disse Valerie Roth.  
E para Loder: — Vamos, agora! Agora dá! Ou quer ficar eternamente atrás desses idiotas? Perdão, senhor Loder, mas realmente não sei o que há com Markus. Como ele se comporta...

— Cale a boca! — Marvin disse, atrás.

Loder se preparou para a ultrapassagem. Ekland no Mercedes à sua frente o havia feito há muito tempo.

— Continue, senhor Loder! — Marvin disse.

— Não sei. Faço vocês dois ainda mais nervosos.

— Continue, por favor! — Marvin disse.

— Está bem... No livro de Hohmeyer são encontrados os custos suplementares exatos, dos quais ele conclui que o carvão e o urânio algum dia acabarão. Por isso ele é a favor da exploração de novos sistemas de energia. Averigua os gastos para a pesquisa de base e desenvolvimento no setor nuclear e de carvão, como também os custos para a proteção policial e contra catástrofes... Pense apenas nos custos da polícia e da fronteira e sei lá o que mais em Gorleben e Wackersdorf e a infra-estrutura respectiva, como casernas, transporte, helicópteros, aparelhagem, preparação de trens ABC completos para grandes acidentes! Disto resultam “custos sociais” entre quatro e 12 centavos por Kwh de energia nuclear ou de

carvão...

— O senhor está a 200 — disse Valerie.

— Ekland está a pelo menos 220 — disse Loder.

— Se ele quer se matar, problema dele. Tire o pé do acelerador.

— Como quiser, senhora Roth. — Se continuar assim, todos acabarão no pinel, pensou Loder, e disse: — Ao contrário, vento e sobretudo energia solar! Aqui se calcula uma “utilidade social” através de qualidade de vida melhorada e a criação de empregos. Esse efeito útil, porém, não se reflete nos preços. Hohmeyer calcula de seis a 17 centavos por Kwh. Conseqüentemente: se numa comparação econômica entre energia nuclear e de carvão, de um lado, e solar de outro, os “custos sociais” se abatessem no preço, o que na verdade deveria acontecer, então a energia nuclear e de carvão se encareceriam em média em mais oito centavos, enquanto que a energia solar seria dez centavos mais barata. Com outras palavras: se uma tal conta de custo e utilidade se manifestasse nos preços de eletricidade, então se constataria: o fim da era nuclear e do carvão já está anunciado há muito tempo.

—Escute, esta é uma estória ótima! — disse Valerie, repentinamente convencida. — Tudo isso precisa ser contado por Hohmeyer diante da câmara. De qualquer forma!

— Ele o fará. Ele o fará. — Loder continuou: — A época de publicação de seu trabalho é favorável. O Ministério da Pesquisa aceita desde então requerimentos para subvenções para a obtenção de energia do vento — primeiramente limitada em 100 megawatts de capacidade. Isto é suficiente para os primeiros mil geradores de 100 Kw cada... mas mesmo assim: o fomento já chega bem perto de um reconhecimento dos cálculos de Hohmeyer...

— Energia do vento — disse Marvin, zangado. — E o que acontece com a energia solar?

— Nada — disse Loder. — Pelo contrário. Vocês ouviram em Essen o que está acontecendo. Calefações que pretensamente economizam energia são passíveis de desconto no imposto, as casas

solares de Olsen, não. Hohmeyer calculou por alto quais são os “custos sociais” da pretensamente tão favorável energia nuclear e de carvão... Dependendo do tipo de cálculo, anualmente de 15 a 40 bilhões de marcos. Ou seja, se essa safadeza não puder ter um fim...

— Um momento! — Marvin disse.

— O que há?

— Aumente o volume do rádio, por favor!

Loder aumentou. Ouviu-se a voz de um locutor:

... A polícia pede a sua colaboração. Estão sendo procurados nas imediações de Frankfurt dois carros. Primeiro: uma ambulância da marca Mercedes 207 D, branca, com listras largas vermelhas e a placa F-LB-1,2,3,5; segundo: um transportador VW do tipo 251 B, verde, placa HH-SU-8,7,6,5. Os dois carros podem também ter sido abandonados. Qualquer informação, entrar em contato com a polícia central de Frankfurt ou qualquer outro posto policial. Os carros estão sendo procurados em conexão com o seqüestro do industrial Hilmar Hansen e sua esposa Elisa. Repito: a polícia pede a sua colaboração. Estão sendo procurados nas imediações de Frankfurt...

## LIVRO QUARTO

“Se alguém está tão preocupado assim, o conselho adequado poderia ser o seguinte: não forme uma família!”

*Roger Berry, diretor da divisão de saúde e segurança da instalação de reprocessamento inglesa Sellafield, em fevereiro de 1990, a respeito do medo dos trabalhadores de que pudessem, como se declarou, transmitir leucemia para os seus filhos por causa da irradiação.*

— Dentro dos Grupos Autônomos de Mulheres existe uma hierarquia extremamente rígida — disse Robert Dornhelm. Ele se encostou na sua feia cadeira atrás de sua feia escrivaninha em sua feia sala na polícia central e pressionou as pontas dos dedos umas contra as outras, enquanto se balançava para frente e para trás. Elmar Ritt estava sentado diante dele. — Vou-lhe explicar, rapaz. Mas lembre-se de que me prometeu não ficar nervoso. Temos todo o tempo do mundo. Os Hansens já foram levados há muito tempo para fora da área de busca. Simplesmente, azar demais. Preste atenção: bem em cima estão as lésbicas separatistas autônomas. São por assim dizer as rainhas radicais, as fêmeas-alfa, eu diria. Ouça bem, de repente tudo mudou. Interessantíssimo para todo sociólogo. Depois vêm as lésbicas reformistas. E por último as mulheres-heteras, chamadas heteras.

— Chamadas como?

— Heteras, rapaz. Aquelas que fazem com mulheres e homens. Você está calmo?

— Meu Deus, estou!

— Está bem, rapaz. As lésbicas separatistas autônomas e as reformistas concedem às heteras acesso aos seus espaços e eventos, mas de modo algum a todas as informações e ações decisivas. São tidas como pouco confiáveis. Lógico, não é? Quero dizer, elas não podem também decidir, não é?

— Robert...

— Calma, rapaz, calma! Disse e repito: os Hansens por enquanto estão perdidos para nós. Agora precisamos esperar, até que os chantagistas dêem notícias. Fizeram tudo profissionalmente, seja lá quem tenha sido.



— Você disse que tínhamos uma testemunha.

— Por isso estou lhe contando das lésbicas radicais e essa coisa toda. Você vai ver logo por quê. Mas antes preciso lhe dizer algo muito seriamente. Você é o meu melhor amigo. Sinceramente. Gosto de você como de um filho. Maldição, você sabe tão bem quanto eu que a vida inteira lutamos batalhas perdidas, que nunca chegaremos realmente aos grandes safados. E apesar disso, rapaz, preciso lhe fazer uma acusação. Você é sempre absolutamente ambicioso, imediatista e inquieto.

— Vá com calma!

— Não, não vou com calma! Você simplesmente precisa se livrar disso! Nós dois — o que já não passamos juntos! Quantas vezes fracassamos. Justiça, meu bom Deus! Quantos criminosos escaparam de nós! Você finalmente precisa ser mais sensato, rapaz. Justiça — eu já sei, seu pai, meu pai... tudo isto não leva a nada. Eu também já tive grandes ideais. Assim como você. Esqueça-os! Aquilo com os nossos pais foi simplesmente azar pessoal. Acredite, de uma vez por todas: justiça é apenas uma palavra.

— Está bem — disse Ritt, fechando os olhos. — Está bem, Robert. Você tem razão. Continue!

Dornhelm se balançava na velha cadeira.

— Onde estava? Ah, sim! Nenhuma confiança nas heteras. Conheço a cena de antigamente. Lésbicas radicais há 12 anos... naturalmente não eram aquelas que representavam uma política particularmente radical. Isto não. Mas nenhum representante do sexo masculino podia entrar nos seus apartamentos. Naquele tempo, isso valia também para as crianças do sexo masculino de todas as idades e também para animais domésticos machos. Só com os gatos castrados isso era discutível. A maioria dessas radicais hoje está casada e vive inerte e abastada... Dourados anos 70... — Dornhelm sorriu, sonhador. — Hoje em dia tudo isso é muito diferente. As Mulheres Autônomas — isto tudo não tem absolutamente nada a ver com o *verdadeiro* movimento feminista — foram tão longe, que nas

batalhas de rua formam bandos de arruaceiras exclusivamente femininas.

— De quê?

— Bandos de arruaceiras. Assim se denominam, também, as masculinas. Vem de “fazer confusão” ou algo assim, sabe? — Dornhelm balançou a cabeça. — Uma grande vergonha — disse ele. — Nem a menor idéia da vida real. Você se senta atrás de seus papéis e investiga sobre pessoas, sobre as quais não sabe nada. Devia ser proibida, uma coisa assim. Como dizia, hoje essas mulheres têm seus próprios bandos. E agora preste atenção: quando uma hetera assim quer ter patentes mais altas, então precisa mostrar algumas ações. Uma boa referência é ter abandonado companheiros do sexo masculino — da pior forma possível. Caso a vítima seja ainda por cima um dominador, um mal-afamado, por exemplo, então a hetera já tem uma vantagem imensa. O máximo, claro, é quando algumas heteras podem provar que espancaram um macho de couro com botas, capacetes de aço, correntes no braço e no pescoço, cabeças raspadas com penteados de iroquês e alfinetes, grandes como pepinos em conserva, que elas curraram um macho assim.

— Continue — disse Ritt. — Agora a coisa começa a me interessar.

— E assim as mulheres heteras, que querem subir na vida, andam pelas ruas de Frankfurt com exatamente as mesmas vestimentas — também pelas ruas de Munique, Hamburgo, Düsseldorf, Berlim — e quase todas as noites um cara assim, com tanta fama, é morto por duas ou três heteras.

— Ou seja, também nossa testemunha — disse Ritt.

— Você não deve ser tão inquieto! Sim, nossa testemunha também. Mas espere! Você precisa ter perspectiva para que possamos falar sobre o tratamento psicológico da testemunha. Tudo isso, é claro, tem um outro lado. Ou seja, os machos não querem ser continuamente mortos, não é? Então também saem e ficam à

espreita de mulheres e as espancam duramente, sem com isso cometer delito sexual — ou isso já é em si um? Matéria pesada... Os caras não fazem nenhuma diferença de idade, aparência, nacionalidade. Há três semanas, em Duisburg, houve um caso de uma antiga namorada, uma hetera, que queria mudar de patente e por isso o abandonou, que foi espancada pelo cara e violentada durante 16 horas, tão sedento de vingança ele estava. Durante 16 horas, rapaz! Isso não podemos. Nunca podemos. 16 horas... — Ele se balançava, mergulhado novamente em sonhos.

Ritt perguntou, docemente: — Você também pode contar algo da testemunha, Robert?

Dornhelm parou de balançar.

— Nossa testemunha — ele se chama Stefan Milde\*, nenhum motivo para rir, ah sim, você nunca ri — ele foi espancado e assaltado à noite por duas heteras. Essas autônomas têm os seus próprios médicos. Um deles o reanimou, mas Milde é desde então um homem aos pedaços. Nem veste mais a roupa de couro, só *jeans*, camisa e pulôver, nem um buraco. Somente o velho penteado iroquês na cabeça careca, esse ele ainda tem. Não cresce tão rápido Amarelo.

— O que é amarelo?

— Seu penteado. Pintado. Nossa testemunha é uma vítima do irresistível crescimento das lésbicas autônomas separatistas. Você conhece *Casablanca*, não é?

— O quê?

— *Casablanca*. Com Humphrey Bogart e Bergman. *As time goes by*. Você conhece o filme?

— Claro.

— Pois é. Quem não conhece? Você sabe como Humphrey diz: “Eu te olho nos olhos, pequena”? Com as autônomas agora é: “Eu te soco o olho, pequeno.”

— Robert, por favor!

— Está bem, está bem! Então ele vai passear na floresta da

---

\* Milde em alemão quer dizer “suave”. (N. do T.)

cidade.

— Quem?

— Quem? O Milde. Seu médico recomendou. Diariamente, duas horas de passeio. Para que possa se equilibrar novamente. Lá, no campo de golfe.

— O quê, lá, no campo de golfe?

— Ele vai passear diariamente, duas horas, o Milde. Mora em Niederrad. Por isso o parque municipal. Porque está tão próximo. Brutalmente espancado pelas heteras. Vi fotos. Terrível.

— Que fotos?

— Feitas pelas colegas. Escondido. Têm fotos de todas as autônomas. Umas gordas. E desde os tiros na pista de decolagem ocidental, desde que policiais foram mortos, o telefone de todas as autônomas é censurado. Até agora nada se esclareceu por esse caminho, mas a ação continua. Talvez ainda se esclareça alguma coisa, quem sabe.

— E o Milde tem telefone.

— Muito sabidinho. Sim, ele tem. E está grampeado. Não sabe, ou tanto faz. De qualquer forma, os colegas têm tudo gravado. — Dornhelm olhou para um papel. — Hoje, 23 de setembro, às 13:21h, ele telefonou para um amigo. Completamente ofegante e chocado.

— Por que ofegante?

— Porque correu da floresta até Niederrad.

— E por que chocado?

— Porque viu algo terrível.

— Que contou ao amigo.

— Certo. Chegamos ao ponto. Você vê agora como foi necessária a minha breve introdução?

Ritt pressionou os lábios.

— Colegas dizem que o Milde conversa sempre ao telefone com o seu amigo — que se chama Anders. Milde está muito deprimido. Não apenas porque as suas bolas... porque as heteras o espancaram. Já antes. Desde os tiros na pista de decolagem ocidental. Ali deu

tudo errado, diz o Milde. Nos focinhos dos tiras, OK. Mas assassinato? Não, diz ele, não. Os colegas têm tudo gravado. Não, não é assassinato. Na verdade, não há mais nenhum pedaço autônomo, diz o Milde. Fundamento histórico: justamente porque deu errado na pista de decolagem ocidental. Os mortos. Por isso essa inimizade das lésbicas reformistas e separatistas autônomas dos caras e a sua monstruosa agressividade contra o sexo masculino. Tudo se desmorona, diz o Milde. Ascensão e queda do império romano, digo. A causa da sua grande depressão e de tantos outros... Pois bem, e hoje, às 13:21h, Milde telefonou para o seu amigo Anders e contou o que vira na floresta da cidade. Temos tudo gravado, cada palavra. Bem, ele estava passeando lá, como recomendou o doutor, no caminho de cascalho. O caminho de cascalho tem a direção norte-sul, bem próximo do campo de golfe, você sabe, e do outro lado, um pedaço mais a oeste, está a estrada, e lá, mais ou menos ao sul, está o cruzamento Frankfurter e o aeroporto dos americanos e o aeroporto Rhein-Main... Pois bem, então ele vai pelo caminho de cascalho, conta o Milde a Anders, e de repente ouve uma sirene. O que faz? Reflexo pavloviano. Salta para o arbusto ao lado e se deita no chão. Então vê que vem vindo uma ambulância pelo caminho de cascalho não era um carro de polícia, como ele pensara. A ambulância passa por ele e freia, há uma imensa nuvem de poeira...

... e pára. Dos arbustos sai uma Kombi e fica quase diante da ambulância. O motorista da ambulância, um gigante de bata branca, salta para fora, corre para trás e abre as portas do carro de salvamento. Dois homens, também com bata branca, estão lá dentro, tipos musculosos. Um deles desce até o motorista, o outro lhes dá uma maca, puxa um civil desacordado pelos pés e o empurra para a maca. Apressadamente, os dois vão para a kombi, cuja porta um homem de macacão azul havia aberto. Para dentro com a maca! O homem de azul salta para a área vazia da kombi e descarrega o

desacordado maca abaixo. Os batas-brancas correm de volta para a ambulância. Um segundo civil desacordado é empurrado para a maca e também descarregado na kombi. Novamente de volta! Um pequeno homem, parecendo delicado, com cabeça bem torneada e finos cabelos brancos, com roupa de flanela, desacordado, escorrega para a maca. Para a kombi com ele! Uma precisão, uma habilidade, uma velocidade! De tirar o chapéu!

Então sai da ambulância uma mulher imponente. Ela veste uma roupa azul, originária certamente de um dos melhores salões da cidade (talvez até da distante Paris), além de sapatos que combinavam, meias-luvas, um pouco de maquilagem. A dama é grande, ombros largos, quadris estreitos, longas pernas. Os cabelos castanhos cortados com modelo pajem. Um pouco despenteados. Balançando os quadris, a dama desaparece na kombi. Dois batas-brancas seguem, o motorista da ambulância fecha a porta, corre para o carro de salvamento e vai embora. O de azul sobe atrás da direção da kombi. Também vai embora...

—... e foi isso — disse Dornhelm. — Se fosse antes, Stefan Milde, o grande mal-afamado, teria registrado isso bem *cool*, mas eu lhe disse que desde que as duas heteras o espancaram que ele está com os nervos à flor da pele, e assim ele corre para casa e telefona para o seu amigo, esse Anders. E lhe conta tudo o que viu e supõe por trás disso, é claro, a primeira coisa que lhe vem à cabeça, uma infame safadeza de tiras, ele precisa prevenir Anders e os outros, está acontecendo algo, está acontecendo algo, o Milde está totalmente histérico ao telefone, e tudo ele conta assim, como estou lhe contando agora. O nosso homem na central, que cuida disso tudo, não estava justamente no banheiro ou fumando um, também não estava dormindo, não ouviu o papo à noite ou dois dias mais tarde ou não ouviu de jeito nenhum. Não, nosso homem estava bem acordado, esse Coldwell com a sua NSA e seus dez mil ouvidos não

precisa se encher de orgulho, a gente às vezes também consegue, às vezes, pouco, mas consegue! Como você acha tudo isso, rapaz?

Ritt não respondeu.

— Então, alarme. Busca. Carros da polícia. Não acham nem ambulância nem kombi. No telefone Milde havia dito a Anders as placas dos dois carros. Hurra! Mas nesse meio-tempo eles trocaram os números das placas pelo menos duas vezes! Muito mais provável é ainda que eles tenham trocado a kombi por um outro carro, e este por um terceiro — há muito tempo fora da rua e se escondem num apartamento qualquer alugado semanas atrás. Agora não saem do lugar, é claro. E não podemos fazer nada mais do que esperar pelo primeiro telefonema, quando talvez nos digam quanto querem por um Hansen vivo, a sua patroa viva e dois colegas. Mas do jeito que conheço a coisa, rapaz, vão nos dizer isso em prestações e nos deixar esperar muito, muito tempo. — Ele olhou brando para Ritt. — Ouvi falar que você deu a permissão para que Hansen saísse do hospital hoje, não foi, rapaz?

— Depois de ter falado com o doutor Heidenreich, sim. Hansen está tão bem, que o seu tratamento pode ser feito em casa.

— Quando ele saiu do hospital com a sua mulher?

— Às 13 horas — disse Ritt. — Naturalmente, com segurança pessoal.

— Naturalmente.

— Dois policiais foram na ambulância. Deveriam acompanhá-lo até o palacete Arabella.

— Aplicados colegas — disse Dornhelm.

— Não fale assim! Tinham três seqüestradores contra eles — os dois de bata branca e o motorista da ambulância.

— Foi o que disse, aplicados. Devem ter-se defendido bravamente, quando lhes deram uma injeção na ambulância. Não tinham chance. Os dois desacordados, quando foram tirados. Era uma ambulância do hospital?

— Uma particular. Requisitada pela senhora Hansen. Empresa

de primeira. Pessoal treinado.

— Só Deus sabe — disse Dornhelm. — De tirar o chapéu! Tudo foi tão simples. As grandes coisas são sempre muito simples, rapaz. Mas ainda não entendemos isso. Por isso vamos de sucesso em sucesso.

— E o autônomo? — perguntou Ritt.

— O que quer dizer?

— O que disse a vocês?

— Rapaz! Você já está gagá? Ou será que é Alzheimer? Ouvi falar que está muito em voga, também nos mais moços. Ela lhe pegou, pobrezinho?

— Deixe disso! O que ele diz?

— Um caótico? Um autônomo? Não diz absolutamente nada. Não fala conosco, tira de merda! Sob condição alguma fala conosco. Podemos prendê-lo, até ficar preto. E isto não podemos. Dois foram até a sua casa e tentaram começar uma conversa. *No can do*. Podemos lamber o seu rabo, e também já fez uma denúncia, pois grampeamos o seu telefone. Você sabe que o fazemos, ele sabe que o fazemos, só que ele não pôde imaginar que alguns idiotas disseram que deveríamos continuar a fazê-lo.

Naquela hora já se reuniam em Bonn e na polícia de Wiesbaden grupos de oficiais. No palacete Arabella — Thomas Hansen havia sido pego na escola imediatamente, por agentes da polícia — uma policial cuidava da criança de aparência precoce e altiva. Foi instalado um serviço telefônico com gravadores que se ligavam automaticamente em toda chamada. A busca localizada foi suspensa. Membros da Unidade Antiterrorista GSG 9, como também todas as forças disponíveis da polícia, proteção de fronteira e exército agora procuravam por Hilmar e Elisa Hansen em toda a área da Alemanha Federal.

No dia 26 de setembro, três dias mais tarde, os seqüestradores libertaram os dois policiais, mas ainda não havia nem a menor pista do motivo, de onde estavam os Hansens, nem mesmo se os dois —



ou um dos dois — ainda viviam.

## 2

Ouviu-se um grito terrível, quando o carro com Elmar Ritt e Robert Dornhelm, no dia 26 de setembro, às 13 horas, entrou pelo grande portão do palacete Arabella. Duas câmeras de vídeo vigiavam a entrada.

— Eficientes, eficientes, os garotos — disse Dornhelm, na direção. Ele cumprimentou agentes e policiais com metralhadoras, que se encontravam ao longo do caminho de pedras, distanciados um do outro, imóveis sob o forte sol.

— Que garotos? — perguntou Ritt.

— Ah, sim, você ainda não esteve aqui. Padres, rapaz, padres. — Dornhelm admirava o parque. — Olhe para essas árvores. Quase todas da Ásia, me contou a senhora Toeren.

— Quem é a senhora Toeren?

— A governanta. Therese Toeren, com o-e. Muito gentil. Sincera e aberta. De verdade. Nem se imaginaria, aqui nesta casa.

O grito de agora soava como um urro de um leão atingido mortalmente.

— São padres? — Ritt havia estremecido.

— Bem jovens. Lá na frente, abaixo do parque, há um seminário, me disse a senhora Toeren. Entre duas e três os senhores treinam. Nos dias úteis. Sábados, domingos e nos feriados cristãos eles não treinam.

— E o que treinam, maldição?

— Caratê, rapaz.

— O quê?

— Caratê. Não sabe o que é caratê? Não sabe que no caratê se grita... — Ouviu-se um daqueles terríveis — ...bem, que soltam um desses?

Nos degraus da escada do palacete Arabella, nos salões e nos três terraços grandes, de onde se podia ver o parque, eles viram outros policiais. Dornhelm e Ritt foram pela sala cheia de quadros.

— Matisse, Degas, Liebermann... o que você quiser. Tem de tudo aqui. Tem-se quando se é bonzinho e produz hidroclorofluor-carbono, rapaz — disse Dornhelm. — Temos a profissão errada. Ah, sim, Hansen não produz HCFCs. Não mais. Diz ele. Seja lá o que fizer, ele precisa se pagar. Naturalmente não há nenhuma inveja nisso. Uma comissão criminal assim é também uma coisa legal.

Eles chegaram à sala de decoração moderna, com um sofá muito bonito, de couro branco em L e uma mesa de vidro. Sobre a lareira de mármore branco havia, numa moldura pesada e dourada, o retrato de Elisa Hansen com olhos que perseguiram o observador, seja para onde ele fosse. No grande terraço de mármore branco os toldos azuis estavam gastos. Um dos invisíveis alunos do seminário soltou naquele momento um outro grito, quando Dornhelm e Ritt se aproximaram do rapaz, de camisa e calça comprida, sentado na imponente mesa de vidro na sala do terraço. Diante dele estavam montados vários aparelhos, entre os quais o gravador *high-tech*, que estava ao lado do telefone. Dornhelm e Ritt conheciam o modelo: o gravador se ligava imediatamente depois que o telefone começava a tocar.

— Oi, Brauner — disse Dornhelm.

— Como vai, comissário?

— Monótono demais, não é?

— Eu nunca diria uma coisa dessas. Mas se é o senhor que diz... — O jovem agente da polícia, que se chamava Brauner, pertencia à equipe técnica da comissão criminal. Era casado, tinha dois filhos e colecionava tampas de cervejas de todas as marcas. — O mais engraçado aqui é ainda a gritaria dos padrecos.

— Muitos telefonemas? — perguntou Ritt.

— Muitos. A imprensa, naturalmente. Rádio. Televisão. Do país. Do exterior. E também aproveitadores. Cem milhões, dois

bilhões, e os Hansens estão livres. Isso foi o mais cansativo, pois naturalmente precisamos prestar atenção em cada telefonema, por mais idiota que seja. Então telefonemas, nos quais os Hansens são insultados de tudo, como criminosos ecológicos. Em parte, alguns realmente fortes. Tudo gravado, se lhe interessar. Porca e sadicamente. O que se deve fazer com os Hansens. Até nós ouvimos novidades! O estômago chega a ficar embrulhado.

— Telefonemas de solidariedade?

— Muito poucos. E a maioria dos poucos bem marciais: o que devemos fazer com os seqüestradores, se os agarrarmos. Mais ou menos o mesmo que os outros desejam para os Hansens. Devemos ter muito mais psicopatas no país do que imaginamos.

— Já sei quantos temos — disse Dornhelm. — São jovens e idealistas, Brauner. Espere alguns anos! Como vocês trabalham?

— Dois homens por cada turno de seis horas, durante 24 horas. Quatro turnos, então. Embaixo, na biblioteca, há um colega. Com o mesmo equipamento técnico. Para o caso de recebermos dois telefonemas ao mesmo tempo. Mas agora... Há horas, nada.

Em meio ao canto dos pássaros, novamente um grito.

— Só os católicos, todo dia, duas horas. No mais... — Brauner levantou os ombros.

— Onde está o garoto?

— Sempre por perto. Seu quarto fica ao lado do dos quadros.

Thomas Hansen jogava xadrez com a governanta Therese Toeren, quando entraram Dornhelm e Ritt. Ele se levantou e se curvou. O garoto, que se parecia tanto com sua mãe, com os ombros largos e quadris estreitos, os olhos castanhos e lábios grossos, vestia bermuda e uma camisa Lacoste azul. Também Therese Toeren havia se levantado para cumprimentá-los. Negros como os cabelos eram os olhos da esbelta mulher com o rosto bronzeado, quase sem maquilagem. Ela usava um vestido de verão verde-claro, sapatos que combinavam. Nenhuma jóia. Ela sorriu, um braço em torno do garoto. Como se quisesse protegê-lo, pensou Ritt. E o garoto —

pequeno príncipe, realmente.

Thomas Hansen disse educadamente: — Boa tarde, senhor Dornhelm. Bom que me visite mais uma vez. E o senhor é certamente o procurador Ritt.

— Sim — disse este.

Thomas estendeu para Ritt uma mão fria e estreita e se curvou novamente. Ele apresentou: — Esta é a senhora Therese Toeren. Chamo-a de Thesi.

A governanta acariciou os seus cabelos, enquanto baixava a cabeça levemente.

— Muito prazer — disse Ritt.

— Por favor, sentem-se, meus senhores — disse Thomas Hansen. Seus olhos castanhos tinham cílios longos e sedosos.

Todos se sentaram.

— Thesi já perdeu uma segunda partida.

— Porque você joga tão bem — disse a senhora Toeren. Quando sorria, o que fazia com frequência, duas fileiras de bonitos dentes ficavam visíveis.

— Jogo muito mal — disse Thomas. — Thesi deixa que eu ganhe.

— Não é verdade!

— Sim, é verdade! — disse o rapaz. — E não quero isso, Thesi! Você tem boas intenções, eu sei, mas na próxima partida jogue certo, por favor!

O quarto de Thomas era claro como todos os cômodos da casa, perfeitamente arrumado, as janelas estavam abertas. Nas paredes, grandes *posters* de Tina Turner e Michael Jackson. Ritt viu um caro aparelho de som, CDs, discos, cassetes. A televisão estava num canto, uma grande fotografia de sua mãe sobre a mesinha ao lado da cama de Thomas.

Do parque se ouviu mais uma vez o grito de um devoto. A senhora Toeren olhou para o seu relógio.

— Quase três. Daqui a pouco acaba. — Ela olhou para os dois

homens: — No momento não é nada mau ter algo assim por perto.

Dornhelm, a quem a mulher certamente agradava muito, balançou a cabeça afirmativamente. — Você não pode reclamar que tem pouca proteção, Thomas — disse ele. Com a nossa gente não tem conversa mole.

— Não reclamo, comissário — disse o garoto, sério. — O senhor mandou gente excelente. De muitos sou quase amigo. — Ele falava o mais puro alemão, tinha uma pele de veludo e seus cabelos castanhos brilhavam.

— Sinto muito que não tenhamos avançado nem um passo — disse Dornhelm. — Fazemos o que podemos.

— Estou convencido disso, senhor comissário.

— Agora não *pode* mais durar muito tempo, até que os seqüestradores dêem notícias — disse Dornhelm.

— Todos aqui dizem isso — respondeu Thomas.

Ritt achou o garoto estranho. O que tem essa criança? pensou ele. Não tem emoções, ou faz de conta que não tem? É uma boneca mecânica ou uma pessoa? Ele disse: — Terrível para você o que aconteceu, Thomas.

— Sim — disse o garoto.

— Quero dizer, o seu pai e sua mãe, isso é terrível demais.

— Terrível demais, senhor procurador.

A senhora Toeren sorriu. — O senhor não deve ter uma impressão errônea, senhor Ritt — disse ela. — Thomas está chocado... Ele não é capaz de ressaltar os seus sentimentos, os seus verdadeiros sentimentos. Doutor Demel também acha.

— É o médico que vem duas vezes por dia — completou Dornhelm.

— Estou chocado — disse Thomas.

Ritt o fitou. Nunca vi coisa assim, pensou ele.

— Quando passar o choque, disse o Doutor Demel a Thesi, vou tomar remédios, sedativos.

Ritt engoliu a seco. — O que você vai tomar?

— Sedativos — disse o garoto.

— Você sabe o que é isso?

Thomas encolheu os ombros. — O *senhor* sabe o que são sedativos, senhor procurador?

— *Eu* sei.

— Então por que me pergunta?

— Escute, garoto... — começou Ritt, e interrompeu. — Tudo bem, choque. Sedativos. Por isso você está assim.

— Por isso eu estou como?

— Tão calmo e sereno — disse a senhora Toeren, acariciando novamente os cabelos do garoto. — Thomas é incrível, meus senhores. Realmente, muito incrível. Eu o admiro.

— Sim, a senhora o admira? — perguntou Ritt.

— Thomas e eu nos conhecemos há cinco anos, desde que ele era bem pequeno. Gosto muito dele.

— E eu de Thesi — disse Thomas. — Gosto muito dela.

A senhora Toeren sorriu.

— Thesi está sempre ao meu dispor — disse o garoto. — Sempre! Como agora. Vejo papa muito raramente. Ou está viajando, ou chega tão tarde em casa, que já estou dormindo, e quando acordo, ele já foi... mama... vejo mais. No café da manhã. Ou quando chego da escola. E à noite. Às vezes ela até brinca comigo. Ela tem muito o que fazer. Thesi também tem muito o que fazer — mas tem sempre tempo para mim.

— Ora, ora — disse a senhora Toeren. — Também não é assim.

— É exatamente assim — disse o garoto, olhando fixamente para a mulher com o rosto bonito e aberto. — Thesi joga comigo, dentro e fora de casa. Tênis e golfe. Por ora não é possível. Por ora eu não devo ir para fora. Também as tarefas de casa Thesi faz comigo. Agora não. Agora eu não devo ir para a escola. Mas nas outras vezes. — Ouviu-se um grito. O garoto olhou para o seu relógio. — Foi o último, por hoje. — Com o jeito quase obstinado, ele acrescentou: — Gosto muito de Thesi.

— Mas você espera que seus pais voltem o mais rápido possível — disse Ritt, achando-se um idiota.

— Oh, claro, naturalmente — disse Thomas. — Vai ser muito caro.

— O quê? — perguntou Ritt.

— Nós deveremos pagar, para que sejam libertados. Resgate.

— Você está certo de que os seqüestradores exigirão dinheiro?

— O senhor não?

A senhora Toeren pigarreou.

— Felizmente há o bastante — disse o garoto. — Ontem o senhor Keller me visitou, o nosso procurador. Ele disse que não preciso ter medo — o que eles pedirem, vão receber. Então não estou com medo. Também é normal o fato de que ainda não se manifestaram, disse o senhor Keller. São profissionais. Querem que percamos a paciência ao nos deixar tanto tempo sem notícias.

— Mas você não perde a paciência, não é? — perguntou Ritt.

— Não, senhor procurador. E quando perder, quando o choque for embora, então...

— Então? — perguntou Ritt.

— Então Thesi estará sempre comigo. Por isso não tenho medo algum. Thesi estará comigo. Sempre.

— Muito bonito de sua parte, que cuide assim do garoto — disse Ritt.

— Ora — disse a senhora Toeren —, isso é óbvio.

— E então você está bem contente de não poder ir à escola, tenho a impressão.

— Sim e não, senhor procurador.

— Como, sim e não?

— Veja bem — disse Thomas —, são todos uns safados.

— Quem?

— Os professores e as crianças e os pais das crianças.

— Thomas! — disse a senhora Toeren. — Você não deve falar assim, repito. Não é verdade.

— É verdade, sim, Thesi. E também quero explicar por que aos dois senhores.

— Explique! — disse Dornhelm.

— Como eles falam — disse Thomas. — Desde que o meu pai estava no hospital, eles falam assim, os safados. Seu pai não presta. É um bandido. Estraga a natureza. Devia ir para a prisão perpétua. Ah, não, prisão! A guilhotina, a única coisa para um porco desses. O porco é meu pai. — Thomas continuou a falar, calma e objetivamente. — Um porco safado, o seu pai. Um filho da puta...

— Thomas! — disse a senhora Toeren. — Ora essa!

— .. um criminoso! — continuou calmamente o garoto. — Devia ser enforcado. É claro que foram influenciados pelos pais, disto estou certo.

— E ninguém lhe ajuda?

— Ninguém.

— Os professores?

— Alguns não se intrometem. Outros pensam como as crianças. E outros fizeram o que podiam, mas não mudou em nada. Então desistiram. Quando voltava para casa — agentes da polícia me levavam e me traziam, já estou há uma eternidade sob proteção policial...

Já estou há uma eternidade sob proteção policial, pensou Ritt, como o garoto se expressa!

— Então, quando voltava para casa, sempre me escondia com Thesi. Porque, é claro, muitas vezes ficava chorando. Thesi me consolava... às vezes encontrava primeiro a minha mãe. E ela notava logo o que havia acontecido na escola de novo. Então *ela* ficava chorando, e *eu* a consolava... Não, realmente estou contente de não poder ir à escola por um tempo. Por outro lado...

— Por outro lado? — perguntou Ritt.

— Quando o senhor me perguntou se estava contente, disse sim e não, não foi?

— Sim, e...?



— Pois é, por um lado estou contente, por outro gostaria muito de ir lá justamente agora.

— Gostaria muito?

— Sim. Amanhã.

— Por que amanhã?

— Amanhã os Peace Birds estão na Casa da América.

— Quem?

— Os Peace Birds — disse Thomas. — Não sabe quem são os Peace Birds?

— Não — disse Ritt.

— Me admira muito — disse Thomas. — Pensei que todos soubessem quem são os Peace Birds.

— Todos não, Thomas — disse a senhora Toeren. — E você simplesmente não pode ficar falando todas essas coisas terríveis! Em consideração a mim, por favor!

— Então, quem são os Peace Birds? — perguntou Ritt.

— Crianças — disse Thomas. — Muitas. Garotos e garotas. Alemãs, turcas, italianas, iugoslavas, espanholas e portuguesas — ou seja, de todas as que existem por aqui. Têm em todas as partes os seus grupos. Também em Frankfurt. Algumas são bem pequenas, cinco anos. — Thomas sorriu ironicamente. — Também se preocupam com o meio ambiente! Juntam lixo nos jardins de infância! Quando são um pouquinho mais velhas e vão à escola, negam-se a tomar leite ou chocolate com embalagens plásticas e exigem garrafas de vidro. Engraçado, não? Vejo isso todos os dias, quer dizer, quando posso ir à escola. Os de dez e 11 anos têm aulas de ecologia e aprendem como se reconhece as plantas, como se constrói ninhos para lacrainhas e outras besteiras mais. — Ele sorriu ligeiramente. — O senhor não tem idéia de como levam isso a sério! Em Lausanne houve um encontro sobre a preservação das espécies, não foi? Os Peace Birds protestaram que os elefantes estão sendo extintos.

— Se me permite observar algo — disse a senhora Toeren. A

sua voz soava acolhedora e maternal. — Isso é uma consequência de nossa sociedade de informações. Os Peace Birds têm esses conhecimentos através do programa infantil do canal ZDF, “Por dentro de tudo”, que, como ouvi, teve tão boa aceitação, que a emissora está produzindo novas séries. Além disso, quase todas as editoras publicam livros com o tema do meio ambiente — para crianças. — Ela cruzou uma bela perna sobre a outra. — Enquanto pais e educadores ainda perguntam se as crianças resistirão à pressão da realidade ameaçada, os pequenos lutam há muito tempo, e bem engajados, por um meio ambiente melhor. Não se deveria considerar isso possível. — Ela levantou levemente os ombros. — Infelizmente, Thomas vivenciou essa coisa negativamente. — Sim — disse Dornhelm. — Infelizmente.

— Pessoas como o meu pai — disse Thomas — são naturalmente monstros para os Peace Birds. O senhor não faz idéia do que dizem sobre pessoas como o meu pai! E porque são crianças, naturalmente são uma presa para a TV.

— Presa para a TV — repetiu Ritt, fitando o garoto.

— Assim! — disse este. — Crianças na TV! Denunciam pessoas como o meu pai. Lutam contra pessoas como o meu pai! Muitos adultos até choram, tão tocados que estão. Os Peace Birds dizem que têm de se preocupar com que o mundo não seja destruído por pessoas como o meu pai. Os adultos não se preocupam o suficiente com isso, ou de forma alguma. Só destroem o mundo. É fantástica a aceitação dos Peace Birds! Uma vez o meu pai tentou discutir com eles. Falaram barbaridades. Eu estava lá. Meu pai começou muito sem tato. Não sabe fazer uma coisa dessas. Minha mãe também acha. Não deve se meter com debates. Meu pai é muito brando. Minha mãe também acha. *Eu*, eu poderia discutir com os Peace Birds. *Eu*, eu acabaria com eles de tal forma, que nunca mais ficariam falando por aí. Teria os argumentos certos. E sou uma criança. Crianças devem falar com crianças. Aí, sim! E por isso sinto muito em não poder ir à escola amanhã.

— Você disse que as crianças Peace Birds estarão amanhã na Casa da América?

— Sim — disse Thomas. — O grupo de Berlim. Para uma grande discussão. Uma presa para a TV: a *Spiegel* também estará lá e primeiro fará uma entrevista com eles.

— Entendo — disse Ritt. — E você gostaria de discutir também.

Um agente abriu a porta do quarto. — Senhor Dornhelm! Telefone! Querem falar com o senhor. Também com o garoto.

Dornhelm correu. Ritt, a senhora Toeren e Thomas foram atrás. Na sala do terraço o agente Brauner estava sentado atrás de seus aparelhos e limpava as unhas com um canivete.

— O que está acontecendo? — perguntou Dornhelm. — Pensei que alguém havia telefonado.

— Uma mulher.

— E?

— Desligou de novo.

— O quê?

— Queria falar com o senhor. Disse que iria buscá-lo. Ela perguntou se eu pensava que ela era tão idiota para esperar. Vai telefonar novamente. Como ela sabe que o senhor está aqui?

— Não tenho a mínima idéia.

O telefone começou a tocar. O gravador disparou. As suas bobinas começaram a rodar.

— Atenda! — disse Dornhelm.

Brauner tirou o fone do gancho. — Casa dos Hansens — disse ele.

Uma voz jovial perguntou: — Ele está aí agora?

— Sim.

— Passe o telefone para ele!

Brauner deu o telefone para Dornhelm e outro para Ritt, para que também escutasse.

— Aqui fala Robert Dornhelm — disse o comissário.

— E Elmar Ritt está ao lado e também ouve.

— Sim.

— E tudo está sendo gravado.

— Como sabe que estamos aqui?

— Não sabíamos. Esperamos tanto tempo.

— Por quê?

— Entenderá logo. — Ouviu-se um apito. — Esse barulho aparecerá de vez em quando. Temos um pequeno aparelho. Não poderemos ser localizados nem grampeados. Nem o número de Hansen. Nem mesmo — apito — a NSA. Temos Hansen e sua mulher. Estão bem — ainda. — Apito. — Este é apenas o primeiro contato. Não diremos agora o que será exigido para a libertação. — Apito. — Não temos pressa. Também não estamos presos a este número. Na próxima vez — apito — telefonamos talvez para Keller, o procurador. Ou para a polícia central. Ou para o tribunal. Ou para — apito — a sua casa.

— Por que não diz quanto querem?

— Nossas condições serão conhecidas depois.

— Quero ouvir o senhor e a senhora Hansen.

Apito. — Tira sabido. Por isso estamos telefonando. O garoto está aí?

— Sim.

— Passe o telefone para ele.

Dornhelm passou.

— Aqui fala Thomas Hansen — disse o garoto.

Apito. — Thomas! — gritou uma voz feminina. — Meu filho! Está me reconhecendo?

— Claro, mama.

— Meu filhinho, fique calmo. Estamos bem... Passe o telefone, querido! — Apito — Senhor Dornhelm, senhor Ritt! Os senhores precisam fazer o que essas pessoas exigem! Tudo! Sob todas as condições! Senão serão culpados da morte de duas pessoas. — Apito.

— Faremos tudo, senhora Hansen, não se preocupe. Mesmo se vocês só se esconderam, vamos descobrir onde. Nesse estranho

seqüestro a senhora foi vista de pé — disse Dornhelm.

Elisa Hansen não ouviu isso. — Passe o telefone para Thomas!

O garoto o pegou. — Mama?

— Meu pequeno! Sua mãe ama tanto você, infinitamente, você sabe, não é?

— Sim, mama.

— Até logo, meu tesouro! Até breve... até breve! Espere, vou passar para o seu pai! — Apito. — Thomas? — Ouviu-se a voz baixa e educada de Hilmar Hansen.

— Como vai, papa?

— Está reconhecendo a minha voz?

— É claro, papa... Onde estão vocês?

Apito. — Não posso dizer. Amo você, meu garoto... Mama também... Tudo ficará bem... Logo nos veremos novamente... Mas as condições... — apito — devem ser cumpridas. Todos os que estão escutando entenderam, não é? — Apito.

Thomas olhou para Ritt e Dornhelm. — Sim, papa. Eles estão dizendo que sim.

Apito. A voz jovial de mulher: — Passe-me para Dornhelm outra vez!

— Ela quer falar com o senhor — disse Thomas, passando o telefone para o comissário.

— Dornhelm — disse Dornhelm.

Apito. — O telefonema foi só para a identificação e para que o senhor saiba que temos os dois e que estão vivos.

— Com isso, tudo não está cem por cento...

Apito.

— ...provado. Pode também ter sido uma manipulação de vozes — disse Dornhelm.

— Acredite no que quiser!

Clic.

A ligação foi interrompida. O gravador parou. O agente Brauner tirou o fone das mãos de Dornhelm e o colocou no gancho. Depois

tirou o fone de um outro aparelho e falou: — Hans? Brauner. E então?... Absolutamente nada?... Como assim, não houve tempo suficiente? Não determinamos quanto tempo eles falam, homem!... O quê?... Pelo menos isso. *Tchau!* — Ele botou no gancho e falou: — Não pôde ser localizado. Uma maneira totalmente nova de codificação, dizem os especialistas. E mais: o telefonema não foi feito de forma alguma da Europa.

— E de onde, então?

— De um outro continente: Ásia, África, Austrália ou América.

— Eles estão certos disso?

— Eles estão certos.

— Ótimo! — Dornhelm se curvou para Thomas. — Bem, escute, meu garoto, para que lhe explique...

Thomas o olhou friamente. — O senhor não precisa me explicar nada. Não sou idiota. Já entendi. Tenho de ficar aqui?

— Não...

— Então quero voltar para o meu quarto — disse Thomas. Ele já estava fechando a porta. Então se virou. — Você vem também, Thesi?

— Claro, Thomas — disse ela e foi para junto do garoto. Ele encostou a cabeça nos seus quadris e pôs um braço em torno dela. Assim eles deixaram o cômodo. A porta se fechou.

— Também uma reação — disse Ritt.

— Pois é — disse Dornhelm. — Nos metemos numa muito fria. Tentativa de homicídio. Um monte de assassinatos. A bomba alemã. Seqüestro. Você ainda sabe por onde tudo começou, rapaz?

— O quê?

— Desodorante sanitário — disse Robert Dornhelm.

Moçada! O mundo sobreviveu a mais um dia!

Se continuar assim com a técnica, o homem um dia poderá se destruir.

O mundo ainda está em ordem uns quilômetros abaixo da

terra.

Vocês tratam o mundo como se tivessem um segundo de reserva.

Esse foi o fim de uma carta escrita por uma criança. Embaixo da última linha ainda havia

*Heiko, 11 anos, Alemanha*

A carta<sup>39</sup> estava colada na parede de uma grande sala na Casa da América de Frankfurt, perto da Ópera, na Staufenstrasse<sup>1</sup>. Todas as paredes estavam cobertas de cartas e desenhos coloridos.

— Esta filmaremos de qualquer forma — disse Ekland a Katja Raal.

Os dois haviam chegado com Marvin, Valerie, Isabelle e Gilles — uma hora antes do início da discussão com as crianças berlinenses Peace Birds. Valerie havia descoberto o evento, e todo mundo concordou que a discussão e a entrevista deveriam ser filmadas. Um homem com uns 50 anos — muito esbelto, cabelos grisalhos, barba curta e grisalha, olhos azuis — conversava com o pessoal da filmagem. Ele era um dos fundadores dos Peace Birds e se chamava Holger Güssefeld<sup>40</sup>.

— Em 1982 — disse Güssefeld — instalamos na zona comercial de Hamburgo uma grande mesa. Lá deveria ser escrita a maior carta pela paz do mundo. Sobretudo as crianças participaram desse evento. A carta ficou tão longa, que ela uniu, em 1985, no encontro dos chefes de Estado das duas superpotências, em Genebra, as embaixadas da União Soviética e dos Estados Unidos. Antes houve um evento *A letter to both*. Os Peace Birds, como as crianças se autodenominaram, chamaram as crianças do mundo inteiro para escreverem aos dois chefes de Estado. O resultado foi 230 mil cartas de crianças de 28 países, sobretudo europeus...

Bernd Ekland ficou diante de uma outra carta. — Esta também

— disse ele.

Katja confirmou.

Um sol cor de laranja brilhava na carta desenhada, uma grande árvore carregava muitas maçãs, um gramado estava cheio de flores e no gramado uma criança havia desenhado em muitas cores várias figuras que riam e estavam felizes. Embaixo de cada uma estava escrito de quem se tratava: papai, mamãe, eu. Sobre o desenho havia uma frase em azul: SOMOS UMA FAMÍLIA FELIZ E QUEREMOS CONTINUAR ASSIM! E finalmente o nome da artista: ZELIKA, 9 anos.

— ...então as crianças decidiram que uma delegação deveria entregar essas cartas pessoalmente a Gorbatchov e Reagan, em Genebra — disse Güssefeld.

— 230 mil cartas? — perguntou Marvin.

— Eles queriam levar todas, mas só entregar mil, e não a Reagan e Gorbatchov separadamente, mas aos dois juntos. — Güssefeld passou a mão nos cabelos grisalhos. — E não deu certo. Teria parecido muito pacífico demais. Em 1987, enviados dos Peace Birds entregaram mil cartas em Washington a pelo menos *um* destinatário, e as mil cartas vieram na barriga de um jumbo de volta à Alemanha...

— E esta também, sem falta — disse Ekland.

A carta mostrada por ele dizia o seguinte:

Acho ruim que as crianças de agora e as que ainda vão nascer devam pôr tudo em ordem novamente. Se continuar assim, como agora, do que as pessoas ainda vão viver no ano 2000? Certamente haverá progressos tecnológicos. Também haverá mais computadores e aparelhos de vídeo. Apesar disso acho que haverá mais desvantagens.

O que são 150 mil robôs em comparação com 150 mil homens



que morrem num acidente nuclear, numa guerra, de uma água contaminada e de doenças?

Se todas as pessoas fizessem mais pelo meio ambiente, se todas as coisas que são compradas não fossem embaladas em plástico duas ou três vezes, se toda fábrica não jogasse o seu lixo nos rios, se não houvesse mais *sprays*, então as pessoas no ano 2000 certamente poderiam viver melhor.

*Anika Wilmers, 11 anos, Stadthagen*

— ...e então todas as cartas voltaram a nós — disse o grisalho Holger Güssefeld cora seus olhos azuis. E as crianças ficaram bem conhecidas. De repente havia em toda parte grupos Peace Birds.

— E esta aqui também, Bernd! Esta também — disse Katja. — Por favor, precisamos ainda de algumas tomadas durante a entrevista.

— Claro, querida — disse ele. — Esta também.

O meio ambiente não será mais limpo. Cada vez mais animais são extintos. Até os coelhos estão sendo extintos. Estamos sufocados no meio ambiente sujo. Se eu pudesse fazer mágica, faria com que o mundo fosse bem limpo. Quando eu tiver filhos, eles devem ter um meio ambiente limpo.

*Sabine Ratajczak, 10 anos, Hannover*

— Em 1987 uma grande parte das cartas foi para uma igreja berlinense, e lá as crianças discutiram com os adultos. Um escritor — disse Güssefeld — encaixou essa discussão num romance sobre os perigos da tecnologia genética... Está sendo filmado agora. Os realizadores estiveram conosco, e as crianças Peace Birds organizaram outra discussão — diante das câmeras. — Güssefeld parou. — No século passado autores franceses faziam muito isso...

— O quê? — perguntou Valerie.

— Eles faziam aparecer pessoas de romances anteriores. Se o

senhor, senhor Gilles, escrever um livro agora, então as crianças Peace Birds aparecerão novamente. Não apenas como pessoas não, muito mais como símbolo. Símbolo para o que é positivo, bom...

— O entrelaçado dos muitos pelo mundo, de que falou Wolf Loder — disse Isabelle em voz baixa para Gilles.

— Como? — perguntou Güssefeld.

— Apenas uma lembrança — disse Isabelle.

— Não sei como acontece com vocês — disse o homem grisalho —, mas quanto mais velho fico, cada vez mais noto que círculos se fecham na vida. Primeiro esse escritor e as crianças... E agora o senhor, senhor Gilles, e as crianças... Novamente um círculo...

— Sim — disse Isabelle —, novamente um círculo. Continue, senhor Güssefeld!

— Continuando — disse este — com prazer... Agora os Peace Birds lutam tanto pela paz quanto pela conservação do meio ambiente. Eles lutam com todos os meios à disposição deles contra a destruição da natureza. Eles estão muito engajados, são muito informados e sabem falar e escrever bem. Se dirigem de maneira segura a prefeitos e membros do governo. Somente neste ano, o ministro do Meio Ambiente, Töpfer, recebeu 50 mil cartas. “Como o senhor permite que as grandes firmas químicas despejem todos os materiais nocivos no mar?” Coisas desse tipo. Ou: “Se continuar assim com a poluição do ar, até o cão estará em extinção.”... As crianças pressionam e exigem. Anne Flosdorff, de 10 anos, por exemplo, descobriu nas estantes de uma loja em Colônia fanfarras de pressão a gás. São aqueles...

— ...são aqueles trompetes, com os quais os torcedores fazem o maior barulho no futebol — disse Marvin.

— Sim — disse Güssefeld — e essas fanfarras são movidas a HCFC. Indignada, Anne escreveu ao serviço ao consumidor da loja. Se se podia responsabilizar pela oferta de produtos, com os quais é soprado no ar “gás-HCFC, inútil e insensatamente”. Ela tinha apenas dez anos, mas tinha medo do futuro.

— Ela recebeu resposta? — perguntou Valerie.

— Oh, sim — disse Güssefeld. — Em comparação com outras pessoas, respondeu-lhe o serviço ao consumidor, ela passava muito bem, e por isso não devia se preocupar com coisas sobre as quais não sabe “como serão mais tarde”. Realmente não era tarefa da loja educar pessoas. Enquanto houvesse torcedores querendo comprar essas fanfarras, Anne devia ser boazinha... Ou: um representante Peace Bird, Frank Stahmer, 14 anos, esteve agora num congresso pela paz e ecologia, em Moscou. Entre outras coisas, tratava-se do salvamento do Volga. Frank diz que ele está “à beira da morte”. Ele lê jornal regularmente. Ele sabe muito a respeito da peste do óleo no Alasca, do desmatamento nas florestas tropicais e que na Alemanha Federal são gastos anualmente 54 bilhões de marcos para o armamento. No seu entender, esses políticos são uns “derrotados”, só Gorbatchov é para ele digno de crédito...

— Bernd — cochichou Katja —, também aquela, por favor!

Tenho medo da velhice, do futuro. De preferência, eu pararia o tempo. Talvez também fazê-lo voltar em alguns anos...

Quando ainda não havia chuva ácida, naquele tempo...

Olho para as flores no nosso jardim. As folhas ficam tão estranhas, tão brancas. Os botões não abrem direito, murcham antes do tempo.

Olho para os pinheiros e sofro por todo galho marrom, que antes era tão verde.

Na televisão vejo os leões-marinhos, que morrem todos os dias no Mar do Norte. Também vejo os pássaros no Mar do Norte. Suas asas ficam coladas.

Então vou passear, quero respirar. A fumaça das fábricas e automóveis está no ar.

Vou para o meu quarto, sento-me no canto e me pergunto: gente, o que vocês fizeram do mundo?

*Martina Rao, 13 anos, Wuppertal*

Uma hora depois a sala da Casa da América estava lotada de crianças e adultos. Aqueles que não encontraram lugar nas poltronas, ficaram sentados ou em pé nos corredores. Ekland carregava a BETA nos ombros. Ele não somente filmava os Peace Birds, mas sempre também os seus ouvintes. Os Peace Birds se sentaram na frente da sala atrás de uma longa mesa, coberta por uma toalha comprida e verde, embaixo da grande e branca faixa de tecido onde se lia o seguinte: QUEREMOS LEITE SAUDÁVEL! PREFERIMOS IRRADIAR NÓS MESMOS! A redatora da *Spiegel*, que queria entrevistar as crianças Peace Birds — diante de cada criança havia um microfone —, se chamava Angela Gatterburg. A bonita e graciosa mulher tinha cabelos louros médios e olhos verdes. Graças à sua amabilidade e à intensidade com a qual ouvira as crianças preliminarmente, estas se sentiram imediatamente ligadas a ela.

Angela Gatterburg levantou a mão. — Silêncio! Por favor, façam silêncio!

Fez-se silêncio na sala. Katja deslizava pra lá e pra cá. As luzes nos altos tripés esquentavam. Isabelle, Gilles, Marvin e Valerie estavam imprensados contra uma parede.

— Estão prontos? — perguntou Angela Gatterburg.

— De nossa parte, tudo OK — disse Katja.

— Então vamos — disse Angela Gatterburg. — Primeiro gostaria de lhes apresentar os cinco participantes desta conversa. À minha esquerda está Lisa, que tem 12 anos. Depois vem Veronika, 11 anos. A minha direita está Corinna, 14 anos. Depois vem Dilan, uma curda, 15 anos. E lá na extremidade está um turco, Güven, 14 anos. Eu me chamo Angela Gatterburg, tenho 32 anos, e há dois sou redatora na *Spiegel*. Então vamos começar!<sup>41</sup> Primeira pergunta: o que é Peace Bird?

Dilan, que tinha olhos grandes e sérios, um rosto bonito e cabelos escuros, respondeu: — Um Peace Bird luta pela paz. Mas também lutamos pelo meio ambiente, pelo Terceiro Mundo e contra

uma guerra infantil entre o Irã e o Iraque. — Dilan vestia um pulôver claro e de bom caimento.

— Vocês têm uma meta em comum? — perguntou Angela Gatterburg.

Corinna, que usava óculos, grandes brincos de finos fios de latão, de cabelos escuros até os ombros, respondeu: — Sim, nossa ação principal é juntar cartas de crianças a Reagan e Gorbatchov ou a Bush e Gorbatchov. Temos até agora 250 mil cartas, e isso é só uma prova de que crianças são levadas a sério.

Angela Gatterburg se curvou. — Como vocês tiveram a idéia de se engajar?

Dilan disse: — Através dos meios de comunicação fica-se informado de um monte de coisas. Quando vejo as notícias, só ouço sempre onde algumas crianças morreram, onde há miséria. Ou seja,

quem ouve sobre isso precisa fazer alguma coisa, se não for muito covarde.

Güven, o turco, usava óculos, como Corinna, tinha cabelos muito curtos, era muito grande para a sua idade e dava muito boa impressão.

— Eu — disse ele — tenho sempre um sentimento estranho quando ouço que ambas são lançadas. Desde que estou nos Peace Birds, me sinto melhor. Além deles, não tenho ninguém com quem possa conversar sobre guerra.

Isabelle estava ao lado de Gilles. Ela olhou para ele. Ele pegou a sua mão e a segurou com força.

— Também me engajo — disse Dilan. — Porque sou curda e porque os curdos na Turquia são reprimidos. São jogados na prisão por motivos políticos. Também sei que são importunados e torturados, as mulheres são violentadas. Sei disso porque o meu tio também está na prisão.

Angela Gatterburg perguntou: — Como vocês se informam sobre acontecimentos políticos?

— Leio o *Taz* todos os dias — disse Corinna, empurrando os

seus óculos.

— Leio a *Spiegel* — disse Dilan. — E acho importante ver os telejornais. Isto eu impus na casa dos meus pais. Me irrita vendo os políticos falando uma merda qualquer.

Lisa tinha nos cabelos claros uma fita escura. Seu vestido sem mangas era preto e branco. Tinha olhos vivos e parecia gostar de rir — quando havia motivos para isso. Lisa disse: — Também vejo os telejornais. Todos os programas que consigo ver.

Um rapazinho, na platéia, se levantou e gritou: — Eu gostaria de saber...

Educadamente, a redatora da *Spiegel* o interrompeu: — Depois! Quando a entrevista acabar, vocês podem fazer todas as perguntas. Espere um pouco, está certo?

— Sim — disse o rapazinho, sorrindo para ela.

Angela Gatterburg perguntou às crianças a seu lado: — O que vocês próprios fazem pelo meio ambiente?

Dilan respondeu, calorosa: — Olha, eu tento mudar alguma coisa, mas não posso fazê-lo muito bem lá em casa. Nós ainda temos aquele papel higiênico rosa. Eu preferiria comprar o cinza, onde está escrito “obrigado”. Ou seja, não faço o bastante pelo meio ambiente. É, pelo menos sou contra os neonazistas.

— Você acha que isso seja engajamento pelo meio ambiente? — perguntou Angela Gatterburg.

— Sim — disse Dilan. — Em sentido mais vasto, sim. Se você só designar as plantas como meio ambiente, isto não está certo. As pessoas também pertencem ao meio ambiente.

Nesse momento as crianças aplaudiram alto e durante muito tempo.

— Bravo! — gritou uma garota.

Isabelle olhou novamente para Gilles, e ele apertou sua mão com muita força.

Lisa esperou até acabarem de aplaudir, então apoiou seu braço nu na toalha verde da mesa e se curvou sobre o microfone. — Me

lembrei que na descarga da privada vem tanta água. Aí eu simplesmente amarrei com um arame e agora sai menos água. Quando a minha mãe compra sabão em pó com fosfato, falo sério com ela.

Algumas crianças aplaudiram novamente.

A redatora perguntou: — Na opinião de vocês, o que acontecerá nos próximos dez anos?

— Em dez anos não estou mais viva — disse Dilan.

Ekland levantou a mão.

— O que é? — perguntou Angela Gatterburg.

— Troca de cassetes — disse ele. — Só um momento.

Katja já enfiava o cassete na BETA. Então levantou uma folha de papel diante da câmera, onde estava escrito: FRANKFURT CASA DA AMÉRICA/2, DISCUSSÃO CRIANÇAS PEACE BIRDS.

— Rodando — disse Ekland.

Katja se ajoelhou ao lado de um aparelho. — Som também — disse ela.

— Por favor — disse Ekland a Angela Gatterburg.

— Repito a minha última pergunta — disse ela. — Na opinião de vocês, o que acontecerá nos próximos dez anos?

— Em dez anos não estou mais viva — disse Dilan mais uma vez.

— Oh! — gritou um rapazinho, chocado.

— Essa coisa do meio ambiente é realmente grave — disse a pequena curda —, é realmente catastrófico. Alguma coisa certamente acontecerá, ou então capítulo e me suicido. Ou alguém me mata, ou eu mesma me mato. — Silêncio. Muitas crianças olhavam para Dilan. Ela respondia a todos os olhares seriamente.

Afinal, Lisa disse: — A coisa em dez anos mostrará seus efeitos.

— Que coisa? — perguntou a redatora da *Spiegel*.

— O buraco de ozônio — disse Lisa, e acentuou as palavras com movimentos de suas pequenas mãos, cujos dedos se abriam e fechavam. — E talvez uma usina nuclear também possa explodir.

Tenho tanto medo do ano 2000. Certamente alguma coisa vai acontecer, uma fábrica química dessas também pode explodir. Ou políticos dizem que querem experimentar alguma coisa que não é perigosa, e então jogam uma bomba atômica. Então o mundo se acaba, se despedaça.

Os cabelos de Veronika eram castanhos, penteados para trás e presos na nuca com um pente. Ela usava calça *jeans* e blusa azul abotoada e de mangas claras. Seu rosto era fino e delicado. Ela disse: — Acho que isso não dura muito mais tempo. Poderia acontecer tanta coisa. Talvez um dilúvio. Talvez façam um teste de bomba atômica e com ele o declínio do mundo.

O grande Güven, que dava tão boa impressão, disse lentamente e com testa franzida: — Acho que as pessoas não podem mudar. Talvez os Estados devessem fazê-lo. Mas até que isso aconteça, certamente será tarde demais, e estaremos no escuro e mortos.

Cuidadosamente, Angela Gatterburg perguntou: — Os partidos políticos podem ajudar?

— Acho — disse Corinna, balançando a cabeça — que os partidos não estão ligando muito para isso...

Muitas crianças aplaudiram.

Ekland filmou rostos isolados.

— ...talvez os Verdes sejam úteis ou, em Berlim, a AL — continuou Corinna. — Eles são caóticos, mas conosco, com os Peace Birds, também é caótico, e apesar disso fazemos bastantes coisas.

— O que você quer dizer com “eles não ligam muito para isso”? — perguntou Angela Gatterburg.

— Por exemplo o CDU — disse Corinna. — Quando se lê os programas dos partidos, tudo soa muito bom. Mas apenas soa. Seja política externa ou escolar, quer dizer, na verdade não me vem nada à cabeça do CDU que eu pudesse dizer que está tudo OK.

Novamente muitas crianças aplaudiram, também alguns adultos. Outras protestaram.

Um pai gritou: — Absurdo!



Um outro: — Vocês estão bem enfeitiçados!

— Muito certo! — gritou um terceiro.

— Idiotice! — gritou um quarto pai. — A pequena tem razão!

— Concordo plenamente! — gritou uma mãe. — Bravo, Corinna!

Lisa, com a fita escura nos cabelos louros, disse: — Acho que o CDU é eleito por pessoas que não têm muita idéia de política, vão atrás da palavra “cristão”, que tem alguma coisa a ver com o bom Deus, e por isso é alguma coisa boa, e ponto final.

Mais aplausos e mais protestos entre os pequenos e grandes ouvintes.

— Vocês já estiveram numa manifestação? — perguntou Angela Gatterburg, depois que se fez silêncio novamente.

Todas as cinco crianças responderam ao mesmo tempo: — Sim.

Corinna disse: — Estive numa manifestação do IWF, depois fui embora, porque realmente tinha medo. Mas as manifestações de escolares não são perigosas.

— Eu estive numa manifestação de escolares — disse Lisa. — Era bastante exagerada e burguesa. Aí policiais de caras geladas postaram-se em frente à prefeitura de Schöneberg e formaram barricadas. Um policial então nos deu um megafone, o que me admirou.

As crianças riram.

— Olhe! — disse Isabelle em voz baixa, para Gilles. — Bem atrás, na entrada!

Gilles se virou. Na entrada estava o procurador Elmar Ritt. Agora ele se curvou ligeiramente. Também Gilles cumprimentou.

— O que deve estar querendo aqui? — perguntou Isabelle.

Ela olhou para Ritt. Ele respondeu ao seu olhar seriamente.

— Estranho — disse Isabelle.

Nesse meio-tempo, Angela Gatterburg havia perguntado: — Vocês acham que são levados a sério?

Dilan disse: — Quando distribuímos panfletos num evento dos

Peace Birds, as pessoas ficam paradas e dizem: “Ah, as pequenas e doces crianças!” Então nos escutam e olham bem criticamente e dizem: “Vocês não sabem o que está acontecendo, vocês não sabem de nada!” Acontece que os políticos ou os adultos em geral estão muito presos às suas opiniões. Eles não se deixam convencer.

Muitas crianças aplaudiram bem alto, e muitos adultos se mostraram muito irritados.

— Tudo soa tão pessimista — disse Angela Gatterburg.

— Não diria que é pessimista — respondeu Dilan, balançando lentamente a cabeça com os cabelos amarrados para cima. — Diria que é realista. E se começássemos a lutar agora, então talvez tudo acabasse bem.

Aí todas as crianças e adultos aplaudiram.

Lisa disse: — Não sou pessimista, porque, quando não se tem mais confiança, então está tudo perdido.

Aplausos.

— Só se pode alcançar a paz em pequenos passos — disse Corinna. — Os sucessos não são bem aproveitados, porque não se pode ver que pessoas mudaram. Elas não ficam de repente com cabelos azuis ou coisa parecida. É claro que às vezes ficamos desencorajados.

Angela Gatterburg olhou para o seu gravador.

— Eu ainda queria dizer alguma coisa rápida sobre os políticos — gritou Lisa. — A maioria só pensa em si mesmo. São simplesmente egoístas. O que acontecerá mais tarde, depois que morrerem, lhes é indiferente. Mas o mais importante, apesar de tudo, é que não se desista de tudo.

Novamente aplaudiram crianças e adultos. Angela Gatterburg, sorrindo, levantou as mãos. Silêncio.

— Bem — disse ela —, esta foi a entrevista. E agora a discussão! Vocês podem fazer tantas perguntas quanto quiserem e dizer tudo o que pensam e conversar com os Peace Birds o tempo que quiserem.

Thomas Hansen, pensou o procurador Ritt, disse que gostaria tanto de vir e falar com os Peace Birds... “*Eu*, eu poderia discutir com os Peace Birds. *Eu*, eu acabaria com eles de tal forma, que nunca mais ficariam falando por aí. Teria os argumentos certos. E sou uma criança. Crianças devem falar com crianças.”

Sim, Thomas disse isso, pensou Elmar Ritt, achando que estava próximo, muito próximo da verdade que tanto procurava.

— Você aí! — disse Angela Gatterburg para o rapazinho que queria falar no começo da entrevista. — Agora é com você! O que queria saber?

Ele se levantou novamente. Seu rosto estava vermelho de excitação. — Eu queria saber — disse ele — como se vira um Peace Bird.

Enquanto ele falava, Ekland filmou sua cara, bem grande.

Isabelle se encostou no ombro de Gilles. Ele olhou para ela. Ela mostrou a última linha de uma carta que estava colada na parede bem ao lado deles.

*Quero viver — e o meu gato também.*

### 3

— A ecologia só tem futuro se for em forma industrial. E a indústria só pode ter futuro se pensar ecologicamente.

O homem que disse isso, na noite de 28 de setembro de 1988, uma quarta-feira, na grande cozinha dos Vitran, em Paris, se chamava Pierre Leroy. Ele era muito grande, muito forte e tinha 37 anos. Seus cabelos eram levemente crespos. Leroy tinha um rosto largo, uma testa alta e olhos escuros e vivos. Físico de profissão, sua aparência poderia lhe conferir também um aspecto de atleta. Colaborador de Gerard Vitran há muitos anos, ele vinha da Alsácia e

falava um quase perfeito alemão com os presentes, sentados na cozinha depois do jantar, bebendo café e conhaque: Marvin, Valerie Roth, Gilles e Wolf Loder. Isabelle ajudava Monique a recolher a louça. Ekland e Katja não estavam. Haviam ficado na pequena pensão. Certamente seriam comunicados depois sobre o que deveria ser filmado, como havia pedido Ekland. Agora eles só queriam estar presentes no trabalho efetivo e não mais nas discussões preliminares. Com isso, a péssima atmosfera no grupo havia ficado ainda mais difícil.

Ela, ao que parecia, havia poupado Pierre Leroy, que falava segura e animadamente. Monique o havia apresentado aos outros — o seu marido havia sido chamado na Arábia Saudita. Lá surgiu, nas proximidades de Riad, uma rede de abastecimento de eletricidade adequada às necessidades locais e que se baseava em energia solar.

— Para pessoas que trabalham com energias alternativas, como por exemplo o doutor Loder, existe um grande obstáculo psicológico — continuou Leroy, que havia trabalhado durante anos em diversos lugares. — Vejam: Até agora, tudo o que tem a ver com a produção de energia está nas mãos de alguns poucos. Seja onde for que se precise de eletricidade, você a receberá de monopolistas todo-poderosos. Todos são absolutamente dependentes dessas pessoas. Porém, a idéia fundamental da energia solar diz que ela se imporá melhor e mais rapidamente em pequenas unidades — comunidades, casas individuais, instalações isoladas e fábricas. Isto vale particularmente para o Terceiro Mundo. O doutor Loder sabe: a coisa realmente revolucionária da técnica solar é que ela torna as pessoas independentes dos monopólios de eletricidade. Se alguém constrói uma casa solar, se um grupo de pessoas pegar toda a sua energia de uma pequena usina de energia solar, então estão perdidos para os todo-poderosos. Isto é, naturalmente, o pesadelo dos monopolistas. Por isso eles tentam dificultar a vida de Loder, de sua gente e a nossa, exatamente onde podem. Não mais dependentes deles — *quel horreur!*

— O senhor fala muito bem alemão — disse Marvin.

— A segunda língua, já na escola — disse Leroy — e também em casa.

— Homem muito digno — disse Monique, em voz baixa, para Isabelle. As duas encheram a máquina de lavar pratos com a louça do jantar. — Gerard está muito contente de que ele trabalhe agora em Paris.

— Cuidado com as taças de vinho! — disse Isabelle. — Você precisa colocá-las de outra maneira, senão escorregam quando a máquina funcionar.

— Ele também lhe agrada?

— Bem — disse Isabelle —, de certa forma, sim.

— O que você não gosta nele?

— Monique, você realmente precisa colocar as taças de outra maneira, acredite em mim!

— Quero dizer — disse Leroy —, esse, na verdade, foi também o motivo do fracasso de Gerard no seu aconselhamento ao governo. Antes, quando ainda era secretário da seção dos trabalhadores em energia atômica, aconteceu o mesmo. Era sempre Gerard que voltava a mostrar os perigos da técnica com plutônio — até que as firmas fizeram questão de que ele saísse. Já ouviram falar do caso não é?

— Sim — disse Valerie Roth. — E em seguida o governo disse que ele deveria cuidar da economia de energia na França.

Leroy afirmou. — E aqui estamos novamente com o obstáculo psicológico, sobre o qual falei no início. Gerard viu imediatamente que a economia de energia só é possível, se ele cobrir a França com uma rede de agências de energia descentralizadas — descentralizadas! —, se oferecer aos consumidores técnicas econômicas e ecológicas. Exatamente isso também faz *monsieur* Loder, exatamente isso fazem todos os pesquisadores de energia solar. Eles criam um abastecimento de energia própria para o indivíduo — e com isso são, é claro, inimigos mortais dos monopolistas.

— Leroy muito certamente poderia colocar as taças de vinho no engradado, de forma que nada acontecesse, não é? — disse Monique baixinho, ao lado da máquina, e riu.

— Ah, pare com isso! — disse Isabelle.

Pierre Leroy havia se levantado e andava pra lá e pra cá na cozinha.

— Enquanto Gerard fazia o seu estudo para o governo sobre as possíveis possibilidades de economia de energia, a economia nuclear estatal tinha justamente a estratégia contrária: como uma explosão, surgiram sempre novas UENs e com uma pressão para a comercialização de eletricidade. Cada vez mais eletricidade deveria ser consumida. Sempre mais, sempre mais. Isso levou a que, já há dez anos — Gerard se mandou uma segunda vez —, praticamente todas as construções novas fossem feitas com calefação elétrica, ou seja, de maneira particularmente antiecológica e antieconômica. Mesmo as mais afastadas regiões rurais habitadas são incluídas na era atômica. Gerard e seu pessoal, em contrapartida, se preocuparam com a construção de usinas de madeiras descentralizadas. Também foram demitidos e perderam — aparentemente. As pessoas devem gastar muita, muita eletricidade e estragar o meio ambiente e prejudicá-lo e pagar o pato... — Leroy falou com raiva. Ficou em pé. Em voz alta, ele disse: — Sim, mas só aparentemente. Antes de Gerard e os outros irem embora, eles ainda plantaram a sua semente: por todos os *départements* das províncias francesas deixaram, no local, escritórios regionais com especialistas em energia, que trabalham na linha de economia de energia.

— E um dos especialistas é o senhor — disse Loder.

— Sim — disse Pierre Leroy. — Um deles sou eu. Vamos ver quem vence no final.

— Ele, naturalmente — disse Monique em voz baixa. Sorrindo, ela ligou a máquina de lavar pratos.

— Gostaria de saber se o seu vencedor também tem sentimentos — disse Isabelle.

— Conte, por favor, como o senhor trabalha — disse Marvin. — Para que tenhamos uma idéia do que poderemos filmar.

— Sim — disse Valerie Roth —, como é a semente da qual falou — a semente que deixaram Gerard e seus amigos?

Pierre Leroy sorriu repentinamente, jovial e emocionado. — Falei presunçosa e energicamente, não foi? — perguntou ele. — Perdoem-me. É uma *déformation professionnelle*... Quando se quer continuamente convencer pessoas, quando se quer avançar, alcançar alguma coisa... então se ganha esse leve tom de acreditem-e-me-sigam-pois-conheço-o-caminho-certo... É claro que temos muitos outros projetos. É claro que muita coisa não funciona como esperamos. É claro que experimentamos. Pegamos um método e tentamos com ele. Quando não dá certo, reconhecemos isso e tentamos com outro método... Mas pelo menos tentamos sempre... E antes pensamos muito bem, pois não podemos nos dar ao luxo de muitos fracassos. — Ele pigarreou. — Um pensamento serve de base ao nosso trabalho: deve botar um ponto final nessa produção de energia desmedida, e o mais rápido possível. Nós devemos — e podemos! — baixar muito a produção de energia. Só assim a energia alternativa, sobretudo, é claro, a energia solar, tem uma chance! Só assim não continuaremos a destruir este mundo quase irreversivelmente destruído. A primeira tarefa dos nossos escritórios regionais — disse o grande e forte Pierre Leroy, passando a mão nos crespos cabelos pretos — é, por isso, elaborar, em conjunto com os políticos comunais, um plano de ação político-energético.

— E porque não dá certo com o dinheiro do Estado e nunca há o suficiente — se intrometeu Monique —, o nosso pessoal é obrigado a achar soluções sempre novas para a energia, quer dizer: melhores e mais baratas. Aqui a pobreza tem alguma vantagem.

— E ainda tem outra coisa — disse Leroy. — Vivemos, e neste caso preciso dizer graças a Deus, num sistema capitalista. Se pudermos sempre mostrar que com “pouco” e “barato” podemos alcançar algo melhor do que com “caro” e “muito”, então nenhum

capitalista vai deixar de se emocionar! Então uma velha raposa da economia deve dizer: o que até agora ganhamos em energia com a queima de óleo, gás e carvão só era uma pequena parte do teor de energia desses materiais — e além disso estragamos o ar! O mesmo vale para a energia nuclear. Aí só são transformados 30% da energia primária, loucamente cara, em energia elétrica. Então a velha raposa simplesmente deve dizer: “Aqui está a nossa grande chance.” O futuro acaba de começar, meus senhores! Não os proletários de todos os países — isso é passado, não, em breve se dirá: capitalistas de todos os países, vejam o quanto se pode vender “barato” e “saudável” e acumular dinheiro — e uni-vos! É assim que será. E então precisamos ter de novo um cuidado infernal, para que não venham *novos* monopolistas.

Gilles riu.

— Uma figura, não é? — disse ele em voz baixa para Isabelle.

— Você acha? — cochichou ela. — Eu não. Pretensioso e convencido 200% nele mesmo, e tudo por uma gracinha.

— Essa situação — disse o atlético Pierre Leroy — obriga, é claro, os políticos comunais a também procurarem soluções melhores e mais baratas. Na maioria dos casos o nosso pessoal conseguiu desenvolver relações de trabalho com os políticos regionais, caracterizadas pela confiança e respeito recíprocos. Aí a história francesa nos é favorável. Por causa da tradição monarquista ou, respectivamente, jacobina, todas as relações entre Paris e as regiões sofrem da desconfiança para com o poder central!

— Qual é exatamente a sua função, *monsieur* Leroy? — perguntou Marvin.

— Bem, eu diria que meus colegas e eu somos animadores, estimuladores. Sem nós e nossa pressão contínua muitos desses políticos locais e sua montanha de problemas — desemprego, educação, planejamento de transportes — iriam colocar a questão da energia em último plano.

— Concretamente — disse Valerie —, como poderíamos



mostrar tudo isso em imagens?

— Há regiões onde particularmente temos êxito — disse Leroy. — Irei com prazer com vocês até lá. Por exemplo, até Poitou-Charente. Lá o lixo industrial é utilizado para a produção de energia. Pequenas redes à base de madeira combustível fabricam a calefação de prédios habitacionais. Também lixo doméstico e até mesmo uma fonte térmica foram incluídas na rede. — Ele se iluminou e mostrou dentes fortes e brancos. — Madeira de má qualidade não é jogada fora, mas utilizada para a produção de energia. Então a enorme fonte de energia das regiões de vinhedos: lá temos caldeiras especiais para o uso de lixos comestíveis. Como em outros lugares, prédios habitacionais e da agricultura são modificados para uma melhor utilização da energia. Na costa atlântica surgem instalações do programa social de habitação sob utilização da energia solar e bioenergia. Além disso, introduzimos eletroautomóveis em substituição às velhas caixas de gasolina. Também as construções com calefação com madeira de bancos e seguradoras. — Ele começou a novamente andar para lá e para cá. — Ou Franche-Comté! Vocês precisam ir lá! Entre as numerosas serrações da região de florestas e as áreas habitacionais são construídas redes de calor. Trabalhamos em conjunto com a silvicultura e a madeiraria. Se examinarmos e procurarmos bem, podemos ainda baixar as significantes importações da França de madeira útil para construção e economizar divisas — e por outro lado adaptar todas as calefações de prédios para duradouros “briquetes de madeira”. E precisam ir comigo a Nord/ Pas-de-Calais! Lá a aceria USINOR irá abastecer a nova rede de calor de toda uma parte da cidade com calor de lixo. Calor de lixo!

Embaixo, no escritório, o telefone tocou. Monique desceu correndo a escada, depois gritou: — *Monsieur* Gilles! Para o senhor!

Gilles olhou interrogativamente para Isabelle, alçou os ombros e se levantou. Só ficou no escritório por pouco tempo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Isabelle, depois que ele subiu.

— Era o *monsieur* Oltramare — disse ele. — Minha casa foi arrombada. Já há oito dias. Me procuraram esse tempo inteiro, até que me acharam aqui, graças ao senhor Ritt. *Monsieur* Oltramare diz que Gordon ouviu barulhos e foi olhar. Os ladrões atiraram nele que está no hospital. A polícia quer me ouvir e saber o que foi roubado.

— Você precisa ir até Château-d'Oex? — perguntou Isabelle  
Gilles disse que sim. — O mais rápido possível.

— E Gordon está no hospital?

— Sim.

— Onde?

— Em Fribourg.

— Vou com você — disse Isabelle. E para Leroy: — O senhor fala tão bem alemão, *monsieur*. Para os próximos dias vocês não precisarão de intérprete, não é?

— Certamente não, *mademoiselle* — disse Pierre Leroy, sorrindo. — Acompanhe o *monsieur* Gilles com a consciência limpa.

## 4

Segunda-feira, 3 de outubro de 1988: agora já estamos há cinco dias em Château-d'Oex. Chegamos de avião em Genebra, no dia 29 de setembro. *Monsieur* Oltramare foi nos buscar, gentil, tímido, cheio de charme.

Na estrada Philip notou que um bom pedaço das paredes para proteção sonora estava coberto de células solares, e me mostrou. — Este é um projeto-piloto, disse *monsieur* Oltramare. Um campo assim de células, numa região ensolarada como esta, fornece 140 mil quilowatts por hora de “eletricidade solar” por ano — mais ou menos o consumo anual para 30 famílias. — Caramba, disse Philip. — Você vê, dá certo! disse eu. E *monsieur* Oltramare continuou a contar que esse tipo de paredes para proteção sonora também já

funciona na estrada Rheintal para Chur e que está planejada uma instalação solar ao longo da ferrovia Bellinzona — Locarno. — Se fossem montados campos de células solares em todas as estradas e ferrovias onde a irradiação solar é forte e suficiente, disse *monsieur* Oltramare, poderiam ser produzidos, segundo se diz, 550 mil megawatts por hora de eletricidade por ano. Uma grande usina de energia solar deve ser inaugurada em breve, no Mont Soleil, no Jura. E mesmo na famosa estação termal Arosa muitas casas de repouso já são abastecidas com eletricidade e água por energia solar, sim, lá até as máquinas de ordenha para as vacas funcionam com energia solar.

*Monsieur* Oltramare havia trazido o feio cachorro de Gordon Trevor, pois agora era ele que cuidava de Happy com os grandes e tristes olhos e o pêlo malhado que faltava em alguns pontos. O cachorro não pôde entrar no hospital, por mais que Gordon tivesse pedido.

Ainda havia um calor estival, muitas flores se abriam nos campos outonais. Philip Gilles estava sentado ao lado de *monsieur* Oltramare no velho carro, Isabelle atrás dele. Ela pôs uma mão sobre seu ombro e se sentiu muito ligada a ele. O cachorro estava sentado aos pés de Philip.

*Monsieur* Oltramare disse que nunca havia acontecido um arrombamento em Château-d'Oex desde que ele mora lá, que todas as pessoas estavam chocadas. Mas o número de drogados sempre aumentava, e eles arrombavam em todos os lugares, quando precisavam de dinheiro de qualquer forma, para a próxima dose, arrombavam a qualquer hora do dia e da noite, fosse qual fosse o risco.

*Monsieur* Oltramare se mostrava preocupado que coisas como essas acontecessem no seu pequeno paraíso — ainda mais na casa de Philip, de quem ele gostava tanto, e que Gordon, de quem ele

também gostava muito, tivesse sido atingido com tiros. Gordon teve muita sorte, disse *monsieur* Oltramare, enquanto viajavam por cidadezinhas e campos onde a colheita já acontecera, sempre subindo as montanhas, sobre as quais brilhava um céu de azul forte. Philip pousava sua mão sobre a de Isabelle, e ela pensou que grande sorte os dois haviam tido ao se encontrarem.

Um tiro havia atingido Gordon na anca esquerda, disse *monsieur* Oltramare, mas nem o baço nem o rim estavam feridos. Foi uma bala alojada, e Gordon estava no hospital, em Fribourg.

— Muita coisa roubada?

*Monsieur* Oltramare ficou ainda mais aflito. — Os caras não tiveram muita dificuldade — disse ele. — A porta de entrada do Le Forgeron tem apenas uma fechadura muito simples que se pode abrir com um pedaço de arame, e os caras também tinham muito tempo e...

— Sim — disse Philip —, e aí?

— ...e não acharam nada que pudessem transformar em dinheiro rapidamente, muito menos dinheiro vivo, e assim os dois, por vingança, tiraram os livros das estantes e destruíram muita coisa e levaram ternos e o *Meditador*, essa escultura de bronze, de Barlach

*Monsieur* Oltramare disse isso com grande esforço, pois ele sabia o quanto Philip gostava do *Meditador*, e ao contá-lo, fez-se um longo silêncio no carro, e Isabelle viu que Philip estava muito atordado.

— Mas como eles puderam roubar a estátua? — perguntou ele.  
— Ela é tão pesada!

*Monsieur* Oltramare disse: — Eles roubaram um triciclo que estava no gramado ao lado do meu hotel. Nele levaram o *Meditador* e fizeram, assim, um pouco de barulho. Happy então latiu, o que fez com que Gordon acordasse. — O inglês teria saído de pijama e gritando da casa vizinha, Les Clématites, e aí um dos caras teria atirado, e o feio cachorro gemeu no banco da frente quando *Monsieur* Oltramare contou isso; é claro que ele entendia tudo.

— Mesmo assim, muito estranho — disse Philip. — O que viciados *fazem* com uma escultura?

— Oh, há tantos interceptadores, *monsieur* Philip, o senhor não faz idéia. Quanto mais viciados, tanto mais receptadores. Eles pegam uma coisa dessas rapidamente e enganam bem os ladrões, quando estes lhes trazem uma escultura assim ou jóias ou quadros ou seja lá o que for, mas para os viciados é indiferente, eles só pensam na próxima razão, *n'est-ce pas?* Sinto tanto, *monsieur* Philip.

— Eu também — disse Philip.

Quando, mais tarde, eles entraram na pequena casa com os dois gendarmes, viram que os arrombadores devastaram com vontade. O tapete bordado à mão estava cortado em muitos pontos, bonitos livros pelo chão, rasgados, os antigos móveis estavam arranhados e todas as gavetas arrancadas e destruídas. Na colcha da cama de Philip havia uma mancha grande, suja, e um gendarme disse, envergonhado, que os ladrões haviam... — Sim, *monsieur* Gilles, eles deixaram uma montanha de excrementos. Tivemos de limpar... as moscas... Os ladrões fazem sempre isso aqui no Sul, quando ficam com raiva porque não acharam nada...

Os gendarmes fizeram muitas perguntas a respeito do *Meditador*, Philip descrevendo exatamente como era a estátua. Ele mostrou fotografias dela na obra de três volumes de F. Schult que ele tinha e estava esgotada há muito tempo, somente disponível em museus e antiquários. Os gendarmes pediram para levá-la, para fotocopiar as imagens e poder dar à equipe de busca uma descrição exata. O *Meditador II* tinha na obra o número 445 (também havia um *Meditado I*), e Philip disse que na parte de trás da base não muito alta estava gravado, em bronze, E. BARLACH 1934.

De tarde eles foram com o carro de Philip até Fribourg para

visitar Gordon, mas uma enfermeira velha, grande e gorda lhes disse que Gordon não podia receber visitas.

— O que significa isso? — perguntou Philip, assustado. — Aconteceu alguma coisa?

— Isto, não — disse a rigorosa enfermeira-chefe, que se chamava Bernadette — o nome estava inscrito numa plaquinha sobre a sua blusa. — Simplesmente ainda é muito cedo para visitas.

— Mas o *monsieur* Oltramare já esteve aqui!

— Agora — disse a enfermeira Bernadette — ele também não poderá mais vir.

— E por que não?

A enfermeira-chefe disse alguma coisa sobre responsabilidade.

— A senhora nos *proíbe* de visitar *monsieur* Trevor? — perguntou Philip.

— *Proibir* — disse a enfermeira Bernadette — eu não lhes proíbo nada. Só não posso me responsabilizar por isso.

— E quando poderemos visitar *monsieur* Trevor?

— Depois. No momento, de jeito nenhum.

Simplesmente não se podia fazer nada, e assim eles voltaram para o Hotel Bon Accueil e contaram a estória a *monsieur* Oltramare, que começou a rir.

— O que há de tão engraçado? — perguntou Philip.

E *monsieur* Oltramare contou o que era tão engraçado. Ele havia visitado Gordon todas as tardes para jogar xadrez e beber uns uísques. Ele sempre levava uma garrafa, que Gordon escondia num cantinho atrás de uma Virgem Maria de cerâmica pintada, até que Oltramare levava de volta a garrafa vazia. Por último, então, eles haviam sido surpreendidos pela enfermeira-chefe Bernadette. Esta ficou muito irritada e proibiu o uísque a Gordon. Álcool era um veneno perverso, disse ela. — Ouvi dizer que o senhor bebe há anos, *monsieur* Trevor. Comigo o senhor não fará isso. Álcool provoca impotência. O senhor quer ser impotente, *monsieur* Trevor?

— E aí — contou *monsieur* Oltramare — Gordon respondeu:

“sim, querida enfermeira Bernadette, esse sempre foi o meu maior desejo. Mas imagine só que já há 45 anos a aviação militar alemã o realizou”. E isso — disse *monsieur* Oltramare — deixou a enfermeira-chefe com mais raiva ainda, e desde então ela não pode mais se responsabilizar, do ponto de vista médico, pelas visitas. Mas daqui a alguns dias ela sairá de férias, então vocês poderão ver Gordon. As outras enfermeiras não têm nada contra um pouco de álcool.

— E por que Bernadette se opõe tão veementemente? — perguntou Philip.

*Monsieur* Oltramare riu novamente e disse: — Bernadette vem de Château-d’Oex, e seu marido é um alcoólatra inveterado e totalmente impotente. — Toda a cidadezinha sabia disso, e isso só mostrava como as experiências pessoais formavam uma pessoa.

Liguei para Monique em Paris perguntando se eles já precisavam de mim e Philip novamente, e Monique diz que nós poderíamos tranqüilamente ficar por um tempo, a equipe estava com Pierre Leroy entre três *départements*, agora mesmo eles estavam filmando na USINOR, em Duenkirchen e avisariam quando acabassem. Leroy também escrevia os textos, fazia suas coisas muito bem e todos estavam encantados com ele.

Esse Leroy há dias que não sai da minha cabeça — como um rosto que aparece do escuro num piscar de um relâmpago.

Quando desligo o telefone e digo a Philip que ainda podemos ficar, ele, que justamente tenta tirar o caos de sua pequena casa, fica tão feliz quanto eu e me levanta e dá rodopios comigo; e rimos os dois como dois maluquinhos, e então caímos sobre o grande sofá ao lado da lareira...

Quinta feira, 6 de outubro de 1988: hoje de manhã fomos com o carro de Philip por uma parte de montanha acima até lá, onde a estrada está interrompida, sobre a cidadezinha.

Estacionamos numa barreira e continuamos a pé. O caminho pedregoso era inclinado, novamente o céu estava azul-escuro, o sol brilhava, nas escarpas pastavam muitas vacas malhadas de branco e marrom, as encostas estavam limitadas por cercas de arame farpado, e nos gramados e pastos muitas flores ainda se abriam. Philip conhecia os nomes das plantas e me dizia. Como você sabe tudo isso? — Vivo aqui há dez anos, *chérie*. Conheço cada árvore, cada arbusto, cada pedra, cada flor, cada estação do ano. Os camponeses me disseram como se chamavam todas essas plantas. Por todos os caminhos andei muitas, muitas vezes com Gordon. Se alguma vez em algum lugar eu me senti em casa, foi aqui...

Agora já subimos bem alto. Andamos mais lentamente, nos sentamos sobre uma raiz de árvore. Muito abaixo de nós está a cidadezinha. Tanta calma. Tanta paz. Tão bonito. Lá em cima ele me conta por que tem tanta relação com Barlach, com o *Meditador*...

Seu pai era arquiteto. Quando Philip era um garotinho, por um tempo tiveram uma vida muito boa. Depois o pai perdeu tudo o que tinha, depois da quebra da bolsa em 1929. A partir de 1930 eles eram muito pobres.

Quando ainda viviam bem, tinham uma casa em Berlim-Zehlendorf. Nos finais de semana sempre iam muitos convidados. A mãe de Philip admirava atores, escritores, escultores, músicos, pintores... todos os tipos de artistas. Eles ficavam sentados atrás da casa, no jardim. Iam também políticos, médicos e advogados. Os pais de Philip tinham uma grande casa, até que tudo foi perdido. Homens famosos e particularmente os diversos cheiros de perfumes de damas maravilhosas ficaram na memória do garotinho, que podia participar e ouvir tudo. Às sete da noite ele devia comer e às oito ir para a cama.

Era sempre a mãe que convidava, tão interessada que era em



todo o tipo de arte. O pai se interessava e era politicamente engajado. Havia trabalhado com Bebei. Velho socialista, o pai de Philip.

Muitas vezes ia um ator que sabia imitar Hitler muito bem. E todos morriam de rir quando ele imitava esse palhaço que queria governar a Alemanha. Alguns anos mais tarde, muitos daqueles que riam estavam em campos, exilados, mortos. Também o pai de Philip. Os nazistas o mataram...

Quantos anos você tinha em 1930? pergunto. — Não tinha ainda cinco anos, diz. Naquele tempo ele tinha ouvido falar de Barlach pela primeira vez. Havia uma famosa atriz em Berlim, Tilla Durieux. Era casada com Paul Cassirer, que negociava objetos de arte. Também foram algumas vezes a Zehlendorf. Cassirer protegia Barlach. Justamente naquele tempo ele havia começado a criar o seu *Friso dos ouvintes*. Este trabalho tinha raízes musicais e foi originalmente planejado para um monumento a Beethoven. Primeiramente as figuras em relevo deveriam estar ordenadas em torno de uma coluna — em cima a cabeça de Beethoven — e escutar a música maravilhosa... Entre outros estavam a *Peregrina*, a *Dançarina*, o *Devoto*, o *Sensível*, a *Perdoada*, o *Caminhante* e também o *Meditador*... O *Meditador I*, diz Philip. Você precisa imaginar! Essas figuras, magras e estreitas, não tinham costas, estavam encostadas na coluna, não é? O trabalho ficou inacabado, o resultado não havia sido bom, contou Tilla Durieux. — Tudo isto você notou? — Sim, diz ele. — Estranho. — Não é estranho. — Como não? — Espere! diz ele. Meu pai era uma pessoa calma, bem diferente de minha vivaz mãe, que gostava de admirar as coisas. Vejo-o diante de mim, sentado numa cadeira de vime, fumando o seu cachimbo e escutando. Ele sempre fumava cachimbo e sempre escutava. Assim eu me lembro dele... (Escrevo tudo isto minuciosamente porque a estória me impressionou muito e, é claro, por causa de seu fim.)

— Sim — disse Philip lá na encosta entre flores e pedras e arbustos espinhosos — e Durieux me contou que ela queria ao todo nove figuras da coluna de Beethoven para a sua sala de música... coisas assim ainda havia naquele tempo, *chérie!* Tais desejos ainda se podia ter. E em 1929 Barlach recomeçou com esse friso, mas dessa vez cada figura deveria ser independente e ter costas — separadas do relevo da coluna, sabe... Antes disso, porém, Barlach, por um motivo qualquer, tirou a nona figura, justamente o *Meditador* e substituiu por uma outra figura, o *Cego*, que se parecia com o artista...

— Por quê? Por que ele tirou o *Meditador*? — perguntou Isabelle.

— Por quê? Ninguém sabia responder. E justamente porque não havia resposta, porque ficou um mistério, o garotinho, que era eu, também se interessou pelo *Meditador*.

Barlach queria fazer um novo *Meditador* para Durieux, que ficou sendo o *Meditador II*. Philip tinha cinco anos, quando a figura começou a fasciná-lo... Ele falava comigo lentamente, na sua lembrança dos anos que já estavam tão longe, tão longe, perdidos na areia do tempo...

Esse *Friso dos ouvintes* nunca ficava pronto. Cassirer morreu. Durieux se casou novamente. Seu segundo marido deu mais dinheiro a Barlach. Então o segundo marido também perdeu tudo. Por último veio Hermann Reemtsma, um armador de Hamburgo, o irmão do fabricante de cigarros. Reemtsma apoiou Barlach desde aquele tempo até a sua morte, em 1938... Seus trabalhos foram tirados de museus e igrejas, muita coisa foi destruída. O que Barlach criou foi considerado “arte degenerada”. Philip disse que tinha numerosos livros de Barlach no Le Forgeron, depois ele leu para mim o que os

nazistas escreveram sobre Barlach...

Sim, eu li para Isabelle. Agora, tanto tempo depois, transcrevo esses apontamentos do seu diário na sala do Le Forgeron e também pego o livro *Barlach*, de Carl D. Carls, da estante. É a melhor obra sobre ele. E Carls cita do *Völkischer Beobachter*: Em meio a essas figuras de Barlach tem-se a impressão de estar em companhia de neuróticos, de criaturas mentalmente limitadas e inconstantes. Sente-se envolvido pela exalação de corpos descuidados, de formação pesada e maus humores, de vítimas de raças menores semi-idiotizadas... Um antiartista desviado da natureza... Um profanador da cultura...

Por que os nazistas odiavam tanto Barlach? pergunto. — Olhe para as suas figuras! diz Philip. Entre elas não há nenhuma que não mostre sequer a sombra da disposição de se submeter a criminosos, de obedecer a eles, realizar as suas ordens ou mesmo se tornar iguais a eles. Isso deve ter enlouquecido os nazistas, Barlach e as suas figuras: que ele e elas nunca se curvariam. Que cada uma dessas figuras — como ele — era a imagem da liberdade do espírito e do indivíduo.

Então, quando o pai de Philip foi morto pelos nazistas, quando eles proclamaram a morte de Barlach, então Barlach, seu pai e o *Meditador* se fundiram cada vez mais num só, o símbolo de tudo o que havia de bom e decente, da resistência à violência e ao terror, a tudo em que ele acreditava, por que ele esperava...

Muitos anos depois da guerra Philip viu o *Meditador* pela primeira vez. Ele viu! Em Hamburgo, na Casa de Barlach, que também Reemtsma havia mandado construir, onde se pode ver muitas obras de Barlach, que desafiaram os nazistas e seu terror. Desde então, Philip procurou desesperadamente uma cópia do *Meditador* — em vão. Não achou em lugar algum. Ele

não sabe mais a quantas galerias ele pediu para achar uma. E então, em 1977, um *marchand* de Berlim lhe telefonou e disse que uma cópia em bronze do *Meditador* havia aparecido — em Londres! E que estava à venda. Philip havia vendido naquela época um roteiro aos Estados Unidos por muito bom preço... e finalmente o *Meditador* estava diante dele — depois de quase uma vida inteira...

Alguém a havia salvo. Mas não era só o salvamento. Era muito mais. Era a prova definitiva de que o mal nunca vence. Às vezes dura muito. Mas nunca eternamente. Era a prova de que não se pode destruir o que é bom, diz Philip. Muitas vezes se tenta. Muita coisa boa se perde. Mas o bem ninguém pode destruir. É exatamente como escreve Hemingway: eles podem matar alguém — mas não podem destruí-lo. Eles puderam matar meu pai, mas não destruí-lo.

Eles puderam levar Barlach à morte, mas não destruí-lo. E nunca as suas figuras. Por muito tempo esse era o meu único consolo, diz Philip, pensar em tudo isso, Isabelle. Até que encontrei você. Desde que nos amamos, tudo ficou diferente. E por isso não é tão grave que o *Meditador* tenha sido roubado. Sem você, Isabelle, sem você seria... Philip não diz a frase até o fim, e digo: ele voltará, o *Meditador*. Ele precisa voltar! O mal não vence jamais, e o bem ninguém pode destruir. Você ainda acredita nisso? — Sim, acredito. — Então!, digo eu. Então você também precisa acreditar que o *Meditador* irá voltar. Lógico, ou não? — Isso é lógico, diz, e sorri.

Por muito tempo ainda ficamos sentados na raiz da árvore. Então fazemos o longo caminho de volta ao carro e vamos para o vale e até Fribourg. Ouvimos falar que a enfermeira Bernadette havia entrado de férias, e assim, finalmente, vamos visitar Gordon.

Gordon ficou muito feliz em rever Philip e também Isabelle. Ele estava num quarto individual do grande e moderno hospital. Philip abraçou Gordon com cuidado, Isabelle também o abraçou, e então eles se sentaram na sua cama. Eles haviam trazido revistas e jornais e livros de bolso, e Philip também pegou uma garrafa de uísque. Gordon riu feliz e explicou onde estavam os copos para escovar os dentes. Havia até uma pequena geladeira naquele quarto, um hospital realmente muito bem equipado.

Então todos tinham os seus drinques e beberam pela rápida recuperação de Gordon, e este contou que havia tido o mesmo sonho três vezes.

— Pois bem, imaginem — disse ele. — Eu vôo! Não com um balão, não com o meu velho Spitfire, mas não há guerra, vôo assim, bem alto e com tempo bom, e ainda por cima escuto a minha música preferida. Simplesmente fantástico! Em todos esses anos nunca tive esse sonho. No meu sonho estou muito feliz e saudável, e nunca fui ferido, tudo está em ordem, e sei que minha mulher espera por mim, quando voltar para casa.

Ele viu que Isabelle baixou a cabeça e disse: — Nunca fico triste quando acordo, Isabelle, tive a minha época e coisas muito mais bonitas do que muita gente teve, pois acabei vindo para Château-d'Oex e tenho Philip e *monsieur* Oltramare.

— E eu — disse ela.

— Você é maravilhosa — disse Gordon. — Você é simplesmente maravilhosa, Isabelle, e faço um brinde ao amor de vocês. Vamos beber a ele!

E assim fizeram.

A música preferida de Gordon era o *Concerto para clarineta n.º 2* de Mozart, perguntei a ele.

Quando, mais tarde, chegamos diante da casa de Philip, um carro está estacionado. Um oficial da polícia conversa com *monsieur* Oltramare. Ele nos olha. Ele tem a chave da casa de

Philip, a casa está aberta e vemos imediatamente: o *Meditador* está novamente na sala. Eu fiz a profecia. Eu soube. E mesmo assim quis desmaiar por um momento.

O oficial contou: a estátua foi oferecida a um *marchand* em Zurique. Por dois homens. Eles perceberam que o *marchand* tentou chamar a polícia. Eles desapareceram rapidamente e deixaram a estátua para trás.

Então ficamos sozinhos. Fez-se noite. Philip vai pegar lascas, madeira e grandes toros. Ele acendeu a lareira. Estamos sentados lado a lado, o *Meditador* diante de nós e as chamas dançantes. Ponho um braço no ombro de Philip. Luz e sombra sobre a estátua. É como se ela tivesse 100 diversas caras, como se ela vivesse. Lá fora passam pessoas. Risos. Depois novamente o silêncio. Temos tanta sorte, digo. — Sim, diz Philip, tanta sorte...

Li essas anotações de Isabelle mais uma vez e constatei, surpreso, de que maneira diferente falei e pensei lá em cima, na encosta, de maneira tão diferente de tão pouco tempo antes. Tão diferente quando do começo deste relato, quando apenas tenho nojo desse mundo e de suas pessoas, quando cito *O monstro* de Horstmann. E falei do mal que nunca vence. Do bem, que por último sempre vence. O que aconteceu comigo, desde que encontrei Isabelle? Que presente, esse amor tardio!

Ela falou de sorte, lá, diante da lareira.

E também algumas vezes de Pierre Leroy, naqueles dias..

## 5

Katja Raal segurou um pedaço de cartolina branca em frente à câmera, onde havia escrito: HAMBURG/I, INTERVIEW DR. BRAUNGART.

Bernd Ekland estava atrás de uma BETA montada num tripé e disse baixinho: — Por favor, doutora Roth...

Numa escrivaninha com muitos livros e papéis estava ela, diante de um homem grande e magro e que usava óculos. Seus claros olhos verde-cinzentos eram bem vivos.

A câmera filmava.

Valerie disse, olhando para a objetiva: — Este é o doutor Michael Braungart, diretor do EPEA, Instituto do Meio Ambiente em Hamburgo.<sup>42</sup> Sua mulher é membro dirigente do Greenpeace Internacional...

Era o começo da tarde de 14 de outubro de 1988. No dia 17 de outubro, três dias mais tarde, a equipe tinha um encontro com o ministro do Meio Ambiente em Bonn. Lá deveria ser filmada a sua tomada de posição sobre o transporte de dioxina, em grande parte já acontecido.

No escritório do Dr. Braungart todas as paredes estavam cobertas de armações, entupidas de livros, papéis, pastas e dossiês. Isabelle, Marvin e Gilles estavam num canto da sala e escutavam.

Doutor Braungart — disse Valerie para o homem incrivelmente jovem —, qual o significado da abreviatura EPEA?

Braungart alisou os cabelos louros. — A abreviatura significa Encouragement Protection Enforcement Agency, mais ou menos: Agência para a Realização de Proteção do Meio Ambiente. Temos escritórios em Londres, Nova Iorque, São Paulo e Moscou. — O homem superinteligente falava muito rápido.

— O senhor é físico?

— Sim.

Valerie se curvou. — Doutor Braungart, depois de todos os protestos contra depósitos de lixo, há nesse meio-tempo, na Alemanha Federal, 54 instalações para a queima de lixo.

— A denominação exata — disse Braungart — é usina de lixo. A senhora entenderá logo a sutil e psicológica ligação com a usina nuclear, que essa nova palavra desencadeou. 54 usinas de lixo, sim.

Encomendadas pelas cidades. Com essas usinas de lixo, porém, também chegam protestos da população.

— Por quê?

— Porque elas não são boas. Na queima são liberadas dioxina e novas ligações venenosas. As primeiras medidas foram terríveis. E aí vêm os da União. Têm dificuldades de se desfazer de sua capacidade excedente, que, graças à lei de 1935, eles podem produzir. Simplesmente coisa demais aconteceu, os políticos em Bonn e nas comunas estão irritados. Bom, dizem os da União, fazemos uma proposta: vocês se asfixiam no lixo. Nós oferecemos usinas de lixo super *de luxe*. Vocês agora notam as sutis e psicológicas ligações? Usinas nucleares — usinas de lixo! E o desejo por trás disso é o mesmo: todos devem comprar de *nós*. Nós devemos ter o monopólio.

— Braungart agora falava com raiva, mais rápido ainda. — Usinas de lixo são o maior negócio depois das usinas nucleares! Um volume de investimento de 30 a 40 bilhões de marcos está sendo esperado. Por isso muitas grandes companhias também participam da construção. As usinas nucleares dos anos 90, as usinas de lixo dos monopólios de energia!

— Quantas devem ser construídas?

— No momento, 120. Algumas já estão em andamento. Em termos de Europa, pensa-se em 400. Com tal quantidade de dinheiro, *qualquer um* se torna fraco, como no tempo em que todos eram atraídos pela tomada elétrica. O mesmo sistema, o mesmo método. O monopólio deve ser conservado! Constatar a qualidade das coisas, só quando elas estiverem construídas. Hoje uma coisa já está certa: o lixo, com isso, é armazenado principalmente no ar e na água. Os restos que surgem são em grande parte mais prejudiciais do que o lixo anterior, porque na queima se formam novas substâncias perigosas.

— Também dioxinas?

— Também dioxinas, é claro! As investigações científicas sobre o assunto se tornam muito unilaterais quando realizadas por parte



dos que queimam o lixo, Após uma investigação, 80% das emissões orgânicas são desconhecidas. Mas se trata de várias toneladas anuais de substâncias desconhecidas — em Seveso foram suficientes dois quilos para desencadear uma catástrofe através de uma mistura até então desconhecida. Nos gases da queima de lixo estão contidas pelo menos 20 misturas químicas das características da dioxina, às quais se deve conferir um potencial de veneno semelhante ao das dioxinas. — Braungart riu um riso mau.

— O que há? — perguntou Valerie.

— Me lembrei agora de algo — disse ele. — Uma estória *verdadeira*. Há uma lei sobre a conservação da pureza do ar. Segundo essa lei, usinas de lixo não devem ser construídas em áreas grandes e livres. Lá o ar ainda é relativamente limpo. Uma usina de lixo, assim pensa o legislador, iria poluí-lo mais do que o permitido. — Ele riu novamente. — Por isso não há nenhuma permissão de construção de usinas de lixo onde o ar ainda está meio intacto. Permissões só existem para lugares dentro ou perto das grandes cidades. Lá o ar...

— ...já está de antemão tão sujo, que um pouco mais ou um pouco menos não irá mudar nada — disse Valerie.

— Exatamente! — afirmou Braungart. — A pureza do leite de vacas está sujeita a controles. Se se construírem usinas de lixo onde há vacas, ou seja, em pastos e campos, viriam toxinas através da respiração para a carne e o leite dos animais, e o leite não seria mais tão puro quanto exigem as normas. Nas cidades as pessoas aspiram toxinas, como por exemplo as mães que amamentam. O leite materno não está sujeito a nenhum controle, segundo o legislador. Não há valores limítrofes. Ele pode estar todo envenenado, como vem a ser. E esse veneno as mães passam diretamente aos seus bebês, quando os alimentam. Contra isso o legislador não se manifesta.

— Bom legislador — disse Valerie.

— Oh, sim — retrucou Braungart. — Pode-se dizer que sim. Mas veja: o lixo é agora o grande negócio. Já ouviu falar de

armazenamento intermediário do lixo?

— Não. — O mesmo sistema do armazenamento intermediário do lixo radioativo. A mesma coisa como o despejo sobre La Hague Lá é que recebemos de volta as substâncias altamente venenosas que devem sair das usinas nucleares e para as quais não há nenhum depósito final, não é? É genial esse procedimento paralelo! Preste atenção: como as UENs no lixo radioativo, a indústria se asfixia no lixo químico. Ele simplesmente precisa desaparecer! Então, um monte de empresas se especializou em transporte. Elas dizem à indústria: “Vocês pagam e tiramos o lixo de vocês.” Nesse meio-tempo, isso se tornou um negócio internacional com extensões de lucro como no comércio de drogas e armas. A firma transporta então o lixo químico, não é? Isso está regulamentado pela lei. Mas a lei não leva a nada.

— Como assim?

— A lei — disse Braungart — é assim: o produtor dá o lixo ao transportador, e este lhe dá uma confirmação de que pegou o lixo. O transportador leva a coisa ao que vai eliminá-la. Para tal, recebe do último uma outra confirmação, que deve comunicar ao produtor o recebimento do lixo. Ou seja, há três papéis: um para o produtor, um para o transportador, um que é dado pelo eliminador ao produtor. Ah, tudo corre na mais perfeita ordem, pois não?! — Braungart riu novamente um riso mau. — Nada corre na mais perfeita ordem. Pois um gênio teve a idéia do depósito intermediário, que segue a estratégia da eliminação do lixo atômico.

— Como é esse depósito intermediário? — perguntou Valerie.

— É o truque! O ponto crucial! A armadilha! Aquilo que Hitchcock chamava nos seus filmes de McGuffin.

Veja bem: o transportador pega restos de um local. Muitas vezes restos altamente venenosos, altamente perigosos. Quanto mais venenosos os restos, mais caro o transporte, é claro. É o transportador que elimina ele mesmo os restos altamente venenosos e altamente perigosos? Não. Então, para onde ele o leva?

— Para um “depósito intermediário”? — disse Valerie.

— A senhora já entendeu tudo! Há uma firma que esta se tornando o eliminador central do lixo especial, aqui no norte da Alemanha. Cuida de tudo — do pequeno e inofensivo lixo e do grande e altamente perigoso. Instalou um depósito desses — em Isernhagen. E com isso chega para eles uma chuva de grana.

— Como assim?

— De acordo com a resolução da conferência dos ministros do Meio Ambiente só podem ser transportados para o exterior os restos que não são elimináveis na Alemanha Federal. Se num depósito intermediário o lixo venenoso eliminável for misturado com os restos não elimináveis, surge, entre outros, lixo de exportação não eliminável, que pode ser levado a preços módicos para outros depósitos intermediários, por exemplo na África. Ou então se mistura os restos, por exemplo, com serradura. A coisa pode até ser exportada como material combustível para a Bélgica e a Turquia. Lá a coisa venenosa vai para fornos de cimento e é muito bem repartida no país. Os produtores originais, é claro, não são mais responsáveis por ela. Com o truque, as firmas escaparam do procedimento com os papéis. Tão logo a mistura de lixo chegue ao depósito intermediário, como em Isernhagen, para o legislador ele é considerado eliminado. Aqui eu tenho as regras e as determinações da lei...

Passagens importantes estavam marcadas com caneta amarela. Ekland deveria filmar os documentos depois da entrevista.

— Para os inspetores, o lixo desapareceu, mas é claro que ele ainda existe, por assim dizer, diluído, no depósito intermediário. Porque não há controle de algo que já foi “eliminado”, e porque se escapou do procedimento com os papéis, a firma eliminadora é ao mesmo tempo produtora, transportadora e eliminadora. Dessa maneira são produzidas, só em Hamburgo, cerca de 30 mil toneladas de lixo especial anualmente.

— Incrível! — Valerie balançou a cabeça.

Braungart interrompeu.

— Tem mais! O princípio do causador não existe. Porque foram misturados restos de várias coisas, o causador não pode mais ser averiguado de acordo com partes venenosas. Aí a declaração falsa vale a pena. Há apenas três mil análises para 500 mil produtos químicos industriais.

— E assim surgem misturas de materiais que podem levar à catástrofe a qualquer hora — disse Valerie.

— É óbvio, doutora.

Nesse momento alguém bateu forte na porta do escritório.

Ekland parou a BETA.

— Quem é? — gritou Marvin.

— Joschka — disse a voz agitada do pequeno produtor de cinema, do lado de fora.

— Entre! — Marvin se levantou.

Joschka Zinner adentrou o recinto, *blazer* azul com botões dourados, camisa listrada, gravata com alfinete de brilhante, abotoaduras de brilhante, calças de flanela, sapatos de couro azul, meias brancas.

— O que está acontecendo aqui? Há uma hora que telefono. A secretária diz que não pode chamar. Então pego um táxi, venho até aqui. Uma fortuna. Nós temos para jogar fora... Ah, sim, vocês *trabalham!*. Bravo, crianças, bravo, muito aplicados, sempre pensando no pobre Joschka. Vocês são os meus preferidos entre todos os bandidos com quem tenho a ver. Vocês ainda não ouviram falar. — Ele quase não podia respirar.

— *O que* ainda não ouvimos falar, senhor Zinner? — perguntou Valerie Roth.

— Que... — Joschka caiu numa poltrona e pressionou sua mão ali, onde, sob o terno e a pele, na verdade, deveria estar o seu coração. — Que o Hansen, de quem você poliu o focinho, Marvin, que ele teria construído uma fábrica de veneno para aquele... aquele...

Ajudem-me... aquele da Líbia... como se chama?

— Kaddafi — disse Valerie, se levantando lentamente.

— Kaddafi, naturalmente! — gritou Joschka Zinner. — Deu no noticiário da noite, ARD, ZDF! O mundo inteiro fora de si, e vocês nem sabiam! Estou me sentindo mal. Fábrica de veneno para Kaddafi! Gás venenoso! Justamente pelos alemães! Alegria o coração, não é? Faz bem, hein? Somos novamente vistos com bons olhos diante do mundo. Sim, sim, sim, não me olhem assim durante as trovoadas, uma fábrica de veneno para o Kaddafi ele teria construído, o delicado senhor Hansen, disse o procurador.

## 6

Poucas horas antes, na tarde de 14 de outubro de 1988, três homens estavam sentados no escritório do comissário Dornhelm, na polícia central de Frankfurt: o chefe da comissão criminal I, com os lábios eternamente lilases, o procurador Elmar Ritt e o agente da NSA, Walter Coldwell, que havia sido levado ao hospital do exército americano com um grave traumatismo cerebral. Três dias antes ele havia podido sair do hospital.

Os dois alemães o fitavam.

— Gás venenoso? — disse Ritt. — Uma fábrica inteira?

— Sim — disse Coldwell, o qual seu pai, durante anos, havia espancado até deixá-lo inconsciente por causa de muitos pecados terríveis que o garoto nunca havia cometido.

— Chique — disse Dornhelm. — Chique. De verdade.

— Tenho a permissão para dizê-lo a vocês dois — disse Coldwell. — Hoje à noite vai ser divulgado oficialmente. Até agora, só o governo alemão-ocidental e o meu sabem a respeito. Ah, sim, também a Interpol. Precisamos dizer rapidamente ao pessoal em Paris. Eles estão certos de que Hansen e sua mulher estão num país que não extradita.

— Então todo o seqüestro foi um teatro — disse Ritt. Coldwell fez que sim. — Os dois devem ter pressentido que a coisa estava prestes a estourar. Então fugiram. Haviam planejado isso desde o começo, se algo não desse certo.

— O que significa “desde o começo”? — perguntou Ritt.

— Oh, Deus — disse Coldwell, e pensou que agorinha mesmo havia utilizado o nome do Senhor mais uma vez, um pecado terrível, ele também já havia praticado impudicícia e com uma bonita puta, e com prazer, depois que saiu do hospital. Preciso ir novamente à confissão, pensou o feio homem com o rosto largo e massudo, os cabelos ralos e os olhos eternamente tristes com os ternos de um alfaiate da Bond Street de Londres, as camisas sob medida de Hamburgo e os sapatos sob medida de Florença. Eu me arrependo, me arrependo de todo o coração, mas desta vez pelo menos também não preciso temer ter prejudicado um inocente com a minha atividade, o medo de minha vida. Era uma puta especialmente bonita. Tenho o seu número de telefone. Muito certamente voltarei a pecar em breve. — Oh, Deus — utilizou ele o nome do Senhor logo depois, outra vez —, isso vem desde 1986. — De vez em quando ele ficava tonto, e se via claramente uma cicatriz vermelho-escura e longa na sua cabeça. — Em 1986 já havíamos enviado ao serviço de notícias alemão análises de fotos de nossos especialistas, segundo as quais uma pretensa fábrica química no deserto da Líbia, perto de Toresos, podia ser identificada como local de produção de gás prejudicial aos nervos.

— Em 1986. E o que aconteceu depois disso? — perguntou Ritt.

— Nada — disse Coldwell, amargo.

— É claro que nada aconteceu depois disso — disse Dornhelm, sentado atrás de sua feia escrivaninha. — Senão você teria ouvido falar de alguma coisa, rapaz. É claro que não aconteceu nada. Você está deprimido novamente; está perto de você o que acontece por aqui, sem que nada aconteça. Posso entender, você está triste porque

a cada dia que passa você vê o quanto eu tinha razão, rapaz. Você também ficou muito mais calmo, devo dizer, quase não grita mais, quase não sua mais, acredita finalmente no que eu lhe disse sempre: simplesmente não se pode ficar irritado. As pessoas são assim. Assim elas são — não há outras. O serviço de notícias alemão fez um relatório e mandou para Bonn, e os de Bonn simplesmente alçaram os ombros — não foi assim, *mister* Coldwell?

— Exatamente assim, senhor Dornhelm. — O agente da NSA balançou a cabeça. — Um ano mais tarde lhes enviamos novamente material muito concreto: um pedaço de uma conversa telefônica. Naturalmente temos navios captadores no Mediterrâneo. Um ouviu a conversa telefônica entre Toresos e a fábrica química de Hansen. Foi feita através de satélite. O navio estava diante da Sicília. Os engenheiros líbios pediam instruções imediatas e ajuda rápida. Num teste, gases venenosos haviam escapado...

No fim da tarde do dia 22 de abril de 1915, perto do lugarejo flamengo Langemark, em Ypern, soprou um leve vento norte na frente ocidental. Observadores da frente viram se levantar das linhas alemãs duas nuvens amarelo-esverdeadas, que em densos nevoeiros se dirigiam em direção ao local de fuzilaria dos aliados, sobre o chão, a mais ou menos um metro e meio de altura.

Um minuto mais tarde, milhares de soldados franceses e argelinos estavam envolvidos na feroz névoa verde. Os homens marchavam azuis, apertavam a sua garganta, tentavam respirar desesperadamente. Espuma saiu de suas bocas e narizes, muitos tossiam tanto, que o pulmão estourava. Quando a névoa se dissipou, cinco mil soldados aliados estavam mortos e dez mil gravemente feridos — o exército alemão havia inaugurado a guerra química.

Pioneiros de engenharia das tropas vigésima terceira e vigésima sexta deixaram sair, de recipientes em forma de cilindros, 160 toneladas de gás cloro, abrindo nessa primeira ação um buraco de

seis quilômetros de largura na frente inimiga. Cinco meses mais tarde, depois de agitadas atividades em laboratórios ingleses, os britânicos, por sua vez, introduziram o gás cloro; mais dez meses depois, os franceses; a partir de então se desencadeava a total guerra de gás.

Também com o decorrer da Primeira Guerra Mundial a Alemanha cuidou do crescimento da indústria química: ela foi a primeira a produzir o mais venenoso, o fosgênio e depois o gás mostarda, um material de cheiro forte que pode levar a vômitos contínuos, abscessos supurados, pneumonias e cegueira, que passou a ser usado a partir de 1917. Os aliados só puderam se destacar dois meses após o fim da guerra.

Os dois lados se atacavam com aproximadamente 113 mil toneladas de materiais químicos, já no fim da guerra com principalmente granadas a gás. 1,3 milhão de soldados foram envenenados, 190 mil pereceram miseravelmente. Decisiva para a superioridade na produção de veneno era a capacidade das grandes indústrias químicas alemãs, que depois da guerra se uniram com os mesmos interesses: a I.G. Farben.

A indústria química, que com a eclosão da guerra primeiramente teve de sofrer prejuízos, fez um negócio brilhante com a produção de veneno. Carl Duisberg, diretor-geral das fábricas da Bayer e presidente da Liga das Indústrias de Tintas, já no primeiro ano de guerra teria instruído o alto-comando alemão para a utilização de armas químicas — com sucesso.

O cientista Gerhard Schrader, que pesquisava para a companhia química I.G. Farben, desenvolveu em 1937 o material Tabun e em 1938 uma ligação semelhante a ele, que foi chamada de Sarin — ambos os gases abalam o sistema nervoso e levam à total perda de controle da musculação. As vítimas se contorcem em espasmos e convulsões, intestinos e bexiga se esvaziam incontrolavelmente, a morte chega poucos minutos depois com uma asfixia cruel.



Na Segunda Guerra Mundial, Hitler não pôde se decidir pela utilização desse material, porque ele pensava, erroneamente, que os aliados também dispunham de gases como o Tabun ou o Sarin e poderiam se vingar. Em vez disso, a guerra do gás se desencadeou a portas fechadas: nas câmaras de gás de Auschwitz, Maidanek e Treblinka. Milhões de judeus, nus e indefesos, foram mortos assim. Também do holocausto, a indústria química alemã fez os seus lucros. O gás mortal dos campos de concentração, Cyclon B, era um ácido prússico de ligação com cloro.

Depois de 1945 a indústria química alemã avançou para um dos maiores produtores de inseticidas do planeta e, com sua terrível tradição, foi suspeita até de servir a déspotas do Terceiro Mundo na produção de venenos contra seres humanos: primeiro ao ditador iraquiano Saddam Hussein, que utilizou gases venenosos contra o Irã, e depois ao imprevisível coronel líbio, Moammar El Kaddafi.

— Depois dessa gravação do telefonema de socorro dos líbios à fábrica de Hansen, ainda assim não aconteceu nada em Bonn? — perguntou Elmar Ritt. Coldwell balançou o feio crânio. — Não. A chancelaria considerou essa prova “vaga”. O senhor certamente se lembra.

— Sim — disse Dornhelm.

— Quando os americanos, ainda assim, continuaram insistindo, falou-se em “material juridicamente insuficiente”. Antes disso, membros do governo haviam se indignado enormemente. O senhor certamente também se lembra disso — disse Coldwell. — Para eles era “inimaginável” que indivíduos na Alemanha Federal, por avidez ao lucro, participassem de projetos que, pelo menos em algumas partes do mundo, ameaçavam a paz.

— E ainda fizeram mais — disse Dornhelm. — Eles acharam “insuportável que se pusesse os alemães no banco dos réus, sem que tivessem a possibilidade de consultar as provas”. O vice da facção

CDU/CSU atacou massivamente os americanos; “os tons agudos” não ficariam sem repercussão nas relações germano-americanas. Ofendidos, os de Bonn não apenas grunhiram para os aliados principais, eles puseram em jogo sua credibilidade política. Você se lembra, rapaz? Quantas vezes lhe disse como é que a vida é realmente? Você é o meu melhor amigo. Não quero que você se destrua. Não tem sentido algum! Precisamos ser realistas. Na nossa profissão, pelo amor de Deus! Nunca chegaremos aos grandes safados, nunca. A assassinos ou violentadores de crianças, talvez. Se tivermos sorte. Mas a gente assim como Hansen? A alguém que fornece gás venenoso? Nunca, jamais, rapaz. Muitos estão metidos nisso, e têm poder demais. Justiça! Quem ainda vier me falar de justiça, desse eu quebro todos os ossos!

Ritt foi até a janela e olhou para um pátio sujo.

— Mas vocês não afrouxaram — disse Dornhelm para o agente da NSA.

— Não — disse este, enquanto pensava o quanto o chefe da comissão criminal I tinha razão. Na questão da bomba alemã não demos nem um passo adiante, nem daremos, pensou Coldwell. E em tantas outras enormes safadezas, seja cometidas por nós, seja por outros, nunca haverá justiça, nunca. — Não afrouxamos — disse ele, triste. — Quando o chanceler e seus acompanhantes foram a Washington, mostramos-lhes tudo mais uma vez. Há meses que o colunista William Safire já havia escrito sobre a “Auschwitz na areia”, construída por uma firma alemã. Justamente por uma firma alemã! — E o que há com você, Senhor, pensou Coldwell, sentindo-se mal, tão mal. Onde estava Você, quando os fornos fumegavam? Por que Você permitiu Auschwitz? Você dorme bem, Senhor, para quem rezo, e por causa de quem me torturo a vida inteira com a consciência pesada, rezando dez Ave-Marias e três rosários, quando roubei no pôquer ou peguei uma puta? — Por último — disse ele — os de Bonn se decidiram a finalmente fazer alguma coisa, ainda ofendidíssimos. Mandaram inspetores para a fábrica de Hansen. Os gerentes de lá

apresentaram diversos materiais aos examinadores. Os funcionários viram fotos da construção de uma fábrica. Em torno dela, montanhas com florestas e verdes gramados. No local da construção, operários chineses e, em quadros, a escrita chinesa. Depois veio a contabilidade.

— Agradecemos a vocês que o senhor Dornhelm e eu tenhamos sido afastados do caso Hansen/Marvin por alguns dias — disse Ritt que ainda olhava pela janela o sujo pátio interno. — É claro que não apenas o apartamento de Engelbrecht foi revistado, o apartamento desse traficante de armas; igualmente importante para vocês foi a revista da firma de Hansen.

— Agora o senhor vê que era necessário — disse Coldwell.

— Claro — disse Dornhelm —, reconhecemos tudo. Eu há muito tempo e o meu amigo Ritt também, agora. Também é claro que nada foi achado na Hansen.

— Não — disse Coldwell, que há décadas se sentia continuamente como num começo de uma forte gripe. — Nada que compromettesse, em todo caso. Os examinadores acharam recibos de vôos ao Extremo Oriente, contas do Hotel Hilton no Extremo Oriente, recibos de hospedagem, contas de táxi — tudo no Extremo Oriente. Nenhuma indicação da Líbia. E assim estava também no relatório da repartição de finanças: “Foi construída no Extremo Oriente uma fábrica de produtos farmacêuticos.”

Coldwell gemeu um pouco.

— Ainda as dores? — perguntou Dornhelm.

O americano passou cuidadosamente a mão pela cabeça. — Ainda, às vezes. Hansen realmente construiu uma tal fábrica no Extremo Oriente. Isso foi divulgado pelo chefe da inspeção financeira depois do término da investigação, numa reunião com a imprensa. Hansen estava sentado ao lado dele, eu também estava na sala. Depois da declaração do homem das finanças, Hansen se pronunciou como homem de bem. Falou de “suspeitas infundadas, sem seriedade” — e fez, expressamente, exigências de indenização.

— O cara tem nervos — disse Dornhelm. — Agora, finalmente, sente-se novamente, rapaz! Você me deixa louco quando fica assim em pé, daqui a pouco começo a chorar.

Ritt se sentou novamente, pousando de leve a mão sobre o ombro de Dornhelm. — O negócio com Kaddafi então foi feito através do Extremo Oriente — disse ele.

— Sim — disse Coldwell. — Através do Extremo Oriente. Mas agora também os serviços alemães estavam coléricos. Os de Bonn os haviam censurado. Ridicularizaram. Não levaram a sério. Agora eles passaram a limpo essa safadeza. Ainda hoje à noite, no mais tardar amanhã, todos os meios de comunicação vão relatar detalhes. — e os seus políticos vão se esforçar para de certa forma consertar os prejuízos políticos externos. Essa tarefa penosa foi confiada ao ministro das Finanças, que já está nos Estados Unidos correndo de um para outro, garantindo que a Alemanha Federal também lamenta e condena o acontecido, e que o chanceler ordenou que se examinasse todas as pistas, sem considerar pessoas e firmas — o mais rapidamente possível. — Coldwell grunhiu. — O mais rapidamente possível o senhor e a senhora Hansen desapareceram da Alemanha, há três semanas, para um país que com certeza não pensa em extraditá-los. — Ele se curvou. — É claro que Hansen sabia desde o começo o quão melindroso era esse negócio. Não é idiota, o pequeno. Desde o começo confundiu todas as pistas, era isso o que ele queria. Ou seja, no Extremo Oriente foi construída uma fábrica de produtos farmacêuticos, pela firma Psi-Chon. O *know-how* e a construção foram fornecidos à fábrica de Hansen. Psi-Chon é sócia da Hansen-Chemie e velho amigo da família. O velho amigo naturalmente estava de acordo com que Hansen fundasse em Bremen uma sociedade-irmã da firma Psi-Chon. Com isso ele tinha o disfarce que precisava para o negócio com a Líbia. Agora todos sabem disso em Bonn. Agora! As negociações foram feitas por um homem de negócios paquistanês com escritório em Frankfurt, um homem de confiança de Kaddafi. Chegou a Hansen em 1984 com um

pequeno desejo. O pequeno desejo era uma fábrica de gás venenoso. Ele também foi a outras firmas — de construção, pois esse deveria se tornar um complexo gigante. Estou simplificando enormemente. Detalhadamente, isso se lê como um romance policial bem complicado. É claro que Hansen não poderia ter posto tudo em marcha sem os seus mais estreitos colaboradores. O procurador Keller saiu fora. Sabidão. Dois contadores foram presos. Os dois dizem que não fizeram nada mais que mandar todos os produtos químicos e instalações exigidos para o Extremo Oriente, para a fábrica farmacêutica da firma Psi-Chon. Vocês entendem — a coisa foi mandada por navio de Bremerhaven. Tudo o que Kaddafi precisava. Endereçada à firma Psi-Chon, no Extremo Oriente. Psi-Chon enviava à Líbia. De acordo com os conhecimentos da CIA, foi construída em Toresos, ao sul de Trípoli, a maior fábrica de armas químicas que jamais foi descoberta. Todos os papéis foram encontrados no porão do escritório do homem de confiança de Kaddafi em 12 grandes caixas.

— E o paquistanês também desapareceu, é claro — disse Dornhelm.

— É claro — disse Coldwell.

— E Hansen levou da Hansen-Chemie tudo o que precisava para 500 anos de boa vida, antes de se mandar.

Coldwell confirmou.

— Você vê, rapaz — tudo é absolutamente ridículo, mas a vida é assim, absolutamente ridícula! — disse Dornhelm. — Marvin espancou Hansen por causa das pedras de privada. Marvin odiava Hansen. Não apenas por isso. Afinal, ele foi casado com a senhora Hansen. Marvin sabia como Hansen era corrupto. Certamente ele teria continuado a investigar, não é?

— Certamente — disse o americano.

Ritt estava imóvel. Com os olhos fechados.

— E assim alguém teve a idéia de encomendar a Marvin esses filmes e mandá-lo para longe, bem longe. Ele e Valerie Roth. Para

Hansen ela era tão perigosa quando Marvin. É verdade?

— É verdade — disse Coldwell.

— E quem teve essa idéia maravilhosa? — perguntou Dornhelm.

— Sim, quem? — disse Coldwell. — E qual a importância de Bolling?

— Sim — disse Dornhelm. — E qual a importância de Bolling?

— Esse caso continua sendo seu, senhor Ritt — disse Coldwell. — O senhor agora precisará de muitos colaboradores. Os melhores. Os mais capazes. Continua sendo seu o caso — esse labirinto de mentiras e crueldade.

— Mas não é nenhum caso incomum — disse Dornhelm. — Mentir e ser cruel não é difícil para a maioria das pessoas.

Robert Dornhelm pensou que seu pai desaparecera e nunca fora encontrado, fazendo com que ele, desde criança, se tivesse decidido a se tornar policial, a fim de ajudar a outras crianças a achar os seus pais desaparecidos e fazer com que fossem castigados aqueles que faziam maldades com esses pais.

Elmar Ritt pensou no seu pai, fuzilado no dia 10 de maio de 1945 pelo juiz do Estado-Maior, Holzwig, um dos “terríveis juristas” do exército nazista, sendo julgado ainda no dia da capitulação incondicional dos alemães.

Walter Coldwell pensou no seu pai, o fanático religioso que espancava sua mãe e ele, para honra e prazer do Senhor.

Todos os três homens pensaram que ingressaram na profissão por causa dos pais, para servir à justiça, e todos os três homens pensaram como era pouca a justiça e como era muita a injustiça neste mundo — apesar de seus esforços e os de milhões de pessoas.

E por muito tempo se fez silêncio no feio escritório da polícia central de Frankfurt am Main.

Na manhã seguinte, tudo veio à tona definitivamente.

Jornais, televisão e estações de rádio tinham um único tema. Multidões de repórteres abordavam qualquer político que viesse à sua frente. Como era um sábado, não viram muitos. Na reunião à imprensa, convocada às pressas, o porta-voz do governo suava muito, gaguejava e tinha olhos vermelhos, de tanto cansaço. Na primeira e tímida tentativa de proteger o governo, os jornalistas protestaram veementemente.

Depois do noticiário da noite, a TV divulgou uma breve tomada de posição do chanceler. Este declarou ter sido atacado, se referiu a casos semelhantes em outros países, reclamou do mau costume alemão de sujar a própria casa e evocou a união de todos os democratas. Em seguida um programa especial, durante o qual um grupo de homens e mulheres responsáveis, vindos de variados serviços secretos e do Ministério da Justiça, berravam e se ofendiam uns aos outros.

O procurador-geral da República declarou que todas as inspeções trabalhavam muito. Os dois contadores da firma Hansen-Chemie estavam sendo interrogados ininterruptamente. Havia contra Elisa e Hilmar Hansen uma ordem de prisão internacional. A Interpol estava procurando o casal desde o dia do seqüestro simulado — em vão, o que não era culpa dos alemães.

O escândalo do gás venenoso era a manchete na maioria dos jornais europeus e em todos os grandes jornais americanos; nas estações de TV da Europa e dos EUA esse também era o assunto principal, os comentários eram, sem exceção, de denúncia agressiva. Alemanha e gás venenoso!

Uma manifestação de protesto em Bonn, maior do que as outras, foi dissolvida pela polícia. Uma unidade extra interrompeu a área em torno do palacete Arabella em Königstein, onde morava a família Hansen, e policiais fardados expulsaram grupos de

repórteres, equipes de TV e membros de grupos pacifistas.

Thomas Hansen, o filho de nove anos do casal fugitivo, era vigiado por uma dúzia de funcionários, entre os quais um médico, 24 horas por dia. O garoto se recusava a sair do quarto. Therese Toeren era a única com quem ele falava.

O dia seguinte era um domingo. Para a segunda-feira, 17 de outubro, Markus Marvin havia conseguido um encontro com o ministro do Meio Ambiente. A entrevista deveria começar às 11 horas. Quando Marvin e Valerie Roth, com Ekland e Katja Raal (ela carregava o equipamento da BETA) chegaram, às 9:30h, no Ministério do Meio Ambiente, Proteção da Natureza e Segurança de Reatores, na Kennedy-Allee 5, em Bonn, eles já estavam sendo esperados e foram dirigidos à grande sala de entrevistas, no segundo andar do prédio. Foram cedo para que Katja e Bernd tivessem tempo suficiente para montar o equipamento com calma. Katja desceu mais uma vez, com o elevador, e tirou do Mercedes outros filtros da televisão de Frankfurt.

Quando ela voltou ao segundo andar e foi pelo corredor que dava para a sala de entrevistas, ouviu de repente, atrás de uma porta fechada, uma voz masculina e alta, e gelou.

— Falta de vergonha! — gritou a voz atrás da porta. — Só não acredite que vai escapar dessa! Agora você vai passar por uma, prometo!

*Bolling!*

Era Peter Bolling, que estava tão colérico e gritava tão alto — aparentemente numa conversa telefônica. Sim, era a voz de Peter Bolling!

Ele estava atrás da porta, a três, cinco metros de distância de Katja. Ela deixou os filtros caírem. Todo o seu corpo tremia, tão assustada que estava. E Bolling continuou a falar, vociferar, ameaçar. Katja mordeu o lábio inferior e levantou os filtros de tule.



Contenha-se! pensou ela, contenha-se! Você precisa se conter! Seu corpo esfriava e esquentava. Na testa cheia de acne havia muito suor.

Sair. Sair. Preciso sair daqui. Bernd, Bernd! Katja se foi, cambaleante, corredor abaixo, para a grande sala de entrevistas. Abriu a porta. Ninguém prestou atenção nela.

Um rapaz de roupa de flanela cinza estava lá, os outros falavam com ele — indignados, nervosos, confusos.

— Bernd! — gritou Katja. — Preciso lhe dizer uma coisa — agora!

Então todos olharam para ela.

— Um momento, Katja! Depois — Ekland balançou a cabeça.

— O que aconteceu? — perguntou Marvin.

Katja parou. Não. Não. Não dizer nada. Diante de todas essas pessoas, Deus do céu, faço tudo errado! — Nada de importante — murmurou. — Nada de importante... Perdão...

Os outros recomeçaram a falar com o rapaz.

— Temos um encontro marcado com o ministro! — Valerie.

— Há semanas! Duas vezes confirmado! — Ekland.

— Se acha que pode nos fazer de idiotas, então se enganou! — Marvin.

— Somente porque aqui todos têm medo de dizer uma palavra errada, uma única palavra a mais depois do escândalo do gás venenoso, não se pode falar com esse ministro! Muito bonito. — Ekland.

Bernd! Katja o fitava, ela estava ridícula com os grandes filtros na mão, tão pequena, tão perdida. Tentou fazer com que Ekland olhasse para ela. Em vão. O *cameraman* estava com tanta raiva, que esqueceu os próprios princípios de não mais se engajar, de não mais se meter.

— Não temos tanto tempo assim, senhor Schwarz! Esta é uma superprodução com planos de filmagens determinados. O senhor sabe o que é um plano de filmagem?

— Por favor! — O senhor Schwarz levantou as duas mãos. Ternas mãos. — O senhor ministro lamenta muito, mas ele precisou ir a uma UEN. Coisa extremamente urgente. Não pode ser adiada de jeito nenhum. É que ontem não sabíamos disso. Repito, o senhor ministro lamenta...

— Isso não vai ficar assim!

— Se quiserem marcar uma outra data...

— Não queremos. Não podemos. Já dissemos, plano de filmagem. Precisamos viajar rapidamente para os Estados Unidos. Se a coisa com Hansen e a Líbia continuar tendo esse efeito, aí é que o ministro não se dignará a falar conosco.

— Mas podemos fazer as coisas sem ele, tranquilize-se, senhor Schwarz! Filmaremos o seu bonito ministério, e no filme um porta-voz dirá que o ministro furou um encontro marcado e não apareceu para falar.

— Não é assim. Eu já lhes expliquei que o senhor ministro, urgente e inesperadamente...

— Ouvimos isso. Muito obrigado, senhor Schwarz. Agradecimentos muito sinceros. As melhores saudações ao senhor ministro! — Schwarz foi embora sem cumprimentar. A porta se fechou atrás dele.

— E agora? — Valerie Roth olhou para Marvin.

— Agora nada — disse este. — Desmontar e sair! Gilles escreverá para nós um texto especialmente belo a respeito. Por favor, Ekland...

Katja correu em direção a Bernd.

— Onde você estava? Ajude-me.

— Bernd...

— Primeiro as luzes!

— Bernd!

— O som! Você está pisando nele!

— Bernd, escute!

— O que é? — Ele olhou para ela, impaciente.

Não dá, pensou Katja, desanimada. Não aqui. Não agora. Os outros não podem ouvir. Ninguém, a não ser Bernd. Preciso esperar, até que estejamos sozinhos.

— O que é? — perguntou ele, irritado.

— Nada... Nada, Bernd... Desculpe... Eu... as luzes...

Katja correu para a primeira e começou a tirá-la do tripé. Quando estivermos sós, pensou ela. Quando estivermos sós. Preciso esperar até lá. Uma vez já fiz tudo errado — lá em Altamira, no Brasil. Não posso fazer tudo errado outra vez. Agora preciso esperar.

Ela precisou esperar quase uma hora.

Depois que todos haviam deixado o ministério, eles foram para o Departamento Federal de Imprensa. Marvin queria, a todo custo, reclamar imediatamente com o porta-voz do governo. Ele, é claro, não foi localizado. Ninguém no departamento podia ser localizado.

Eles telefonaram à televisão e receberam a instrução de renunciar à entrevista e viajar o mais rápido possível para os Estados Unidos — a partir de Paris, com um Concorde. Nele ainda haveria lugares suficientes para todos.

— Iremos até o Bristol — disse Marvin depois, para Ekland. — Vão para a sua pensão! Façam as malas imediatamente! Pegaremos o avião do meio-dia para Paris.

Então Katja estava a sós com Ekland, finalmente.

Ele estava na direção do grande Mercedes, onde estava amontoadado todo o equipamento, e dirigia, como sempre, cuidadosamente.

— Então, o que aconteceu, pequena?

— Bernd... Bernd... eu... eu ouvi...

— Fale!

— Eu ouvi Peter Bolling! — gritou Katja Raal.

Ekland continuou a dirigir cuidadosamente. — Onde? — perguntou ele.

— No ministério. Atrás de uma porta.

— Que porta?

— Lá no segundo andar. Onde queríamos filmar. Fui buscar os filtros, não foi?, e quando saí do elevador, passei por uma porta e ouvi a voz de Peter Bolling. Bem alto. Bem claramente. Peter Bolling! Ele está em Bonn! No Ministério do Meio Ambiente.

— Pare de gritar, Katja! Você precisa se acalmar. Não era a voz de Bolling. Você se enganou.

— Eu *não* me enganei! Quero cair morta agora, se não foi a voz de Bolling. Já é a segunda vez que eu... Por que é que sempre acontece comigo, Bernd? Não tenho nada com isso!

— É claro que não, pequena. — Ele parou diante de um sinal vermelho e acariciou ternamente as costas tensas de Katja. — Boa Katja, corajosa Katja. Você se conteve tanto. — Ele a beijou. — Maravilhoso. Já sei por que amo você.

Ela começou a chorar. — Você disse que não devemos de forma alguma nos meter nessa confusão. Você disse que tudo isso era muito perigoso. Precisamos pensar em nós. Trabalhar, calar o bico e fazer com que saíamos o mais rápido possível disso tudo.

— Exatamente isso devemos fazer. E faremos.

— Mas Bolling.

— O que há com Bolling?

— Se ele estiver mesmo em Bonn.

— Não era a sua voz.

— Era! Era! Era ela!

O sinal abriu. Ekland continuou.

— Não era ela. Você se deixou contaminar com a estória de sua voz na fita.

— Meu Deus, era ele! Era ele, Bernd! Atrás da porta! Eu o ouvi!

— Está bem, você o ouviu. Mas você não está certa disso. Quer dizer, não absolutamente certa. Pense em Marvin! Ele também disse que não estava absolutamente certo de que era a voz de Bolling no gravador.

— Eu estou certa, Bernd!

— Absolutamente certa? Realmente?

Ela o olhou desesperada. — N-não, quer dizer... não, absolutamente, não...

— Então! Dá no mesmo. Você não ouviu voz nenhuma.

— É claro que... — Katja parou — Ah, sim, você quer dizer...

— Exatamente isso! Você simplesmente não ouviu. Não precisamos dizer isso a ninguém. Não falaremos com ninguém sobre isso. Não vamos nos meter em nada. Em *nada*, querida. Em breve tudo terá acabado. Até lá conseguiremos ficar de fora dessa estória. Ninguém espera outra coisa de nós. Disse isso publicamente, lá em Lübeck, na casa da doutora Goldstein. Fazemos nosso trabalho, e ponto.

— Mas não precisamos dizer isso aos outros, Bernd?

— Não, que maldição! Ficamos fora disso até agora, e continuaremos fora.

— Mas justo agora, Bernd! Talvez Bolling esteja envolvido na estória de Hansen...

— Exatamente por isso, não! O escândalo de Hansen só começou. O que vem pela frente, ninguém sabe. Será perigoso para quem quer que se meta na estória. Gás venenoso, Katja! Gás venenoso! Você não dirá nada a ninguém, nunca! Jure, Katja! Jure!

— Eu... eu juro, Bernd...

— Agora está muito melhor, não é? Você e eu. Nós dois. Ficaremos juntos. Contra tudo e contra todos. Filmes sobre as outras instalações solares há no arquivo. Só os Estados Unidos, Katja, então se acaba para nós. Aconteça o que acontecer. Então você irá ao professor. Já telefonei para ele. Você já tem uma consulta marcada. 10 de novembro, às 15 horas. Então, o que acha?

Ela acariciou o seu braço. — Bernd... eu te amo tanto...

— Eu também amo você! 10 de novembro, Katja, está tão perto! Tão perto! Você vê que tenho razão, não é?

— Sim, vejo.

— E você não tem mais medo.

— E não tenho mais medo — disse Katja Raal. — Nenhum.

Você está certo. Não se meter, já no fim. Não, não tenho medo nenhum... Meu Deus, meu Deus, se eu não tivesse medos assim!

— Finalmente se começa a fazer as contas! Quanto custa realmente tudo isto: automóvel, estradas, eletricidade, calefação, carvão, energia atômica, viagens aéreas, agricultura química? Quais são as conseqüências para o meio ambiente, saúde, bem-estar dos homens? Finalmente se pergunta por isso — e digo, essa é a coisa mais maravilhosa que o Ocidente tem a oferecer! Marcou tanto uma época quanto a *perestroika* e a *glasnost* no Leste! — O grande e forte físico Pierre Leroy olhava entusiasmado de Marvin para Gilles e Isabelle. Seus escuros olhos vivos brilhavam de entusiasmo. Ele riu. — O capitalismo com cara humana!

Eram quase cinco da tarde, e eles estavam no grande bar do aeroporto Charles de Gaulle, nas imediações de Paris — também Katja Raal e Bernd Ekland, Valerie Roth, Monique e Gerard Vitran. Por causa de um exame técnico, a partida fora adiada. O avião teria partido às quatro e aterrissado às quinze para as duas, hora local, no aeroporto John Kennedy, em Nova Iorque. Lá haveria outro avião para o Tri-Cities-Airport de Richmond, perto do Depósito Nuclear Hanford, no Estado de Washington. E agora eles já estavam há quase uma hora no bar e esperavam. Monique e Gerard Vitran, além de Pierre Leroy, que queriam se despedir, esperavam com eles.

Leroy estava excitado. Ele havia tido o que fazer na Alemanha um pouco antes e sabido de muitas coisas que desde então não o deixaram em paz. Agora ele olhava para Gilles.

— Desculpe-me se faço aqui grandes discursos, mas tudo isso é realmente muito incrível. — Ele falava alemão novamente. — Eu ouvi um discurso de Ernst Ulrich von Weizsäcker... ele é — ajude-me, senhor Marvin!

— O filho de Carl Friedrich, filósofo e físico, e o sobrinho de nosso presidente.

— Exato, obrigado... eu não sabia bem. O diretor do Instituto de Política do Meio Ambiente na Europa, em Bonn... Bem, ele disse mais ou menos que só se pode alcançar um ponto ideal econômico e ao mesmo tempo ecológico, se os preços de todos os produtos que produzimos e compramos for calculado econômica e ecologicamente. Então algo de grande se produzirá. Mas só quando os preços corresponderem à verdade econômica e ecológica é que as nossas decisões de compras poderão estar de acordo com a proteção da natureza. — Ele fitou Isabelle.

— Sim, isso seria ótimo — disse Gilles. — Só que: isso não é tão novo assim. O meio ambiente tem o seu preço. Já era, em 1891, uma profecia do economista americano Alfred Marshall. Em 1921 o seguiu seu colega francês Arthur Pigou com questões acerca do prejuízo do meio ambiente na produção industrial. Os dois queriam um preço justo ao meio ambiente — e não puderam fazê-lo.

— Estou encantado! — afirmou Leroy. — O senhor sabe tanta coisa, *monsieur* Gilles! Weizsäcker se referiu a Pigou. Finalmente ele está sendo reconhecido. Agora, nos debates sobre impostos para o meio ambiente, que não são outra coisa senão a reforma ecológica da economia de mercado.

Isabelle segurava um cigarro. Gilles acendeu um fósforo. Leroy levantou o isqueiro.

Isabelle se curvou sobre a chama do isqueiro. — Obrigada.

— Com certeza todos vocês já sabem bastante sobre esse desenvolvimento — disse Leroy. — Estou totalmente impressionado com aquilo que ouvi na Alemanha. — Ele se dirigiu a Monique e Gerard e lhes explicou em francês sobre o que falava e se desculpou por ter falado em alemão.

Monique interrompeu. — Não tem problema, Pierre. Isabelle não precisa traduzir. Você já nos contou tudo.

Pierre Leroy olhou novamente para Gilles. — Conto isso principalmente ao senhor. É a evolução mais importante. O senhor precisa escrever sobre isso no seu livro! Permita-me informá-lo...

— Muito gentil de sua parte, *monsieur* Leroy — disse Gilles.

— Ainda trabalhamos com base de custo-utilidade — disse Leroy. — Mas ao lado de capital e trabalho, não se pode renunciar às fontes do meio ambiente para a produção de bens de consumo. Até agora elas nem sequer foram mencionadas na economia tradicional como fator de produção. Natureza e meio ambiente continuam — e o ponteiro dos relógios do meio ambiente já mostram cinco para as 12 — a ser exploradas com tarifas baratas.

Gilles, Marvin, Valerie Roth e Isabelle prestavam muita atenção, o entusiasmo de Leroy parecia contagiante.

— Mas já em 1986 — disse ele, enquanto Gilles pensava o quanto era estranho caber justamente àquela pessoa bem mais jovem entusiasamá-lo — veio a ruptura. Foi quando foi publicado o sensacional livro de Lutz Wicke, *Os bilhões ecológicos — é o que custa o meio ambiente destruído*. Li somente agora. Wicke calcula os prejuízos anuais, causados pela economia alheia aos problemas do meio ambiente, entre 100 e 200 bilhões de marcos — 10% do produto interno bruto da Alemanha Federal. Para a proteção ao meio ambiente Bonn dá apenas cerca de 21 bilhões de marcos, ou seja, um décimo das perdas do meio ambiente.

Ekland e Katja estavam afastados. Então ela se levantou repentinamente. Seu rosto estava pálido.

— O que há? Você vai vomitar de novo?

— Sim...

— No avião, duas vezes... Isso é realmente apenas nervosismo?

— Certamente... — Então ela se foi rapidamente, em direção a um banheiro.

Ekland a observou, preocupado.

— Wicke dividiu as verbas da RFA — disse o vivaz Leroy, de olhos negros, que no seu entusiasmo era como se fizesse um solo. — Poluição do ar, 30 bilhões. Poluição das águas, 20 bilhões. Comprometimento do solo, 10 bilhões. Poluição sonora e outros estragos, 60 bilhões. Isto, é claro, vale mais ou menos para cada



país. Vivemos muito além de nossas posses — em grande parte à custa do meio ambiente e por conta dos descendentes, aos quais deixamos cada vez mais problemas, como o lixo irradiado dos reatores, de que ninguém pode se livrar. Que isso é imoral, ninguém vai contestar. Wicke agora apresentou um novo livro, com um colega do Ministério do Meio Ambiente, que se chama Jochen Hücke. Título: *O plano Marshall ecológico*. Os dois propõem uma ação global pelo meio ambiente. Eles acham que, tendo em vista os enormes perigos e as causas que levaram a eles — consumo de energia exagerado, com a correspondente liberação de dióxido de carbono, irresponsabilidade dos gigantes da química, miséria total, injusta distribuição de terras no Terceiro Mundo etc. etc. — que hoje a chamada política dos pequenos passos não é mais suficiente. Por isso precisamos de um plano internacional, um Plano Marshall ecológico. Assim como o velho Plano Marshall salvou a destruída Europa depois de 1945, o Plano Marshall ecológico deve, com a ajuda de um imposto pelo consumo de carvão, óleo e gás, trazer, nos próximos 40 anos, um total de seis trilhões de dólares e com isso — realmente — salvar o mundo, embora devam ser introduzidas em todos os lugares técnicas de economia de energia, é claro.

Durante todo esse tempo Isabelle brincava com a correntinha onde estava pendurada a velha medalha.

Marvin disse, com entusiasmo: — Também li o livro. E ainda: um desvio indesejado da energia nuclear deve com isso ser evitado, que aos usuários de reatores seja imposto, futuramente, todos os custos de um seguro contra possíveis acidentes nucleares — ainda hoje ninguém é responsável por esse risco. Uma revogação desse privilégio da indústria nuclear será suficiente para impedir qualquer ampliação. Na Alemanha Federal, por exemplo, com um Plano Marshall desses, a liberação de dióxido de carbono se reduziria à metade até o ano 2030; em outros lugares também, é claro. Assim, catástrofes climáticas poderiam realmente ser evitadas.

— É como eu dizia — gritou Leroy. — Tudo isso é o

contraponto ocidental da *perestroika*! — Ele se dirigiu a Marvin: — Li uma frase que o Conselho dos Especialistas em Economia de vocês escreveu, num parecer para o ministro da Economia: “O crescimento da economia que se preocupa com o meio ambiente é estruturado de outra forma que o crescimento que o destrói — só ele fomenta a assistência aos cidadãos.” Com isso, o movimento ecológico se impôs nas cabeças dos *establishments*, não somente na Alemanha, mas já em todos os países. Crescimento da economia, finalmente, é julgado segundo a sua qualidade para o meio ambiente! Apesar de todas as ameaças de catástrofes, uma luz no fim do túnel. Assim, ainda conseguiremos.

— Isabelle! — disse Gerard Vitran, em voz alta.

Ela se assustou. — Sim?

— Você traduziria o que Pierre disse por último? — Ele riu.

— Se me permite — disse Leroy, piscando para ela, e traduziu ele mesmo.

— Algo realmente está em movimento — disse Marvin, no final. — Não apenas no Leste, também aqui no Ocidente acontece uma revolução do pensamento, e não digo isso como uma criança que canta no escuro para espantar o medo. Não, é realmente assim como formula o senhor Leroy: também temos a nossa *perestroika*! A União Sindical Alemã prepara para o próximo congresso as mudanças na lei dos impostos e dos tributos. A tendência está na mudança da economia de mercado social para a socioecológica. Um congresso do SPD, este ano, elevou os impostos para o meio ambiente como programa de partido, imitando assim os Verdes. Como meta de uma mudança ecológica da sociedade industrial financiada por impostos para o meio ambiente, até o ano 2000, é assim caracterizada pelo SPD: diminuição do consumo de energia em cerca de um terço, uma qualidade de água para todos os lagos e rios que permita banhos sem perigos, interrupção da extinção de espécies no mundo animal e botânico através da criação de reservas naturais em 10 a 15% da área da Alemanha Federal, proteção ao solo, que não deve mais

deixar penetrar materiais nocivos na água potável, em alimentos e no leite materno. E uma diminuição do lixo em 30%.

— E coisas bem parecidas estão acontecendo aqui — disse Leroy, que tinha uma aparência tão jovial, forte e firme. — E também em muitos outros países. Pois está claro: o plano só funciona ao nível mundial, além de todas as fronteiras. A situação política já esteve mais propícia que agora para uma coisa dessas? — Leroy falava tão alto, que outros presentes no bar olharam para ele — Se as idéias de Gorbatchov têm como conseqüência que dia após dia aconteçam coisas — e certamente muitas outras irão acontecer —, que ontem nem ousávamos ou podíamos imaginar, então teremos com o “novo pensamento” a mesma chance! Também ao nível ecológico poderá então acontecer tanta coisa, hoje ainda inimaginável. *Tudo* poderá se modificar, se de repente raciocínios éticos tiverem espaço no nosso sistema capitalista. Tudo se poria às avessas. Ainda hoje as caixas fazem as contas: quanto custa a doença? Quando custa fazer uma pessoa doente novamente saudável? Uma pessoa doente por causa deste mundo doente. Amanhã a pergunta já poderia ser: quanto custa a saúde? Quanto custa eliminar lesões no meio ambiente, para que as pessoas nem cheguem a ficar doentes? Quem hoje ainda está disposto a representar o próximo? Cada um se preocupa com a sua *ego-trip*! — Leroy baixou o tom, sua voz soava quente, frágil, emocionada: — Tanta coisa então seria possível... Tantas perguntas seriam então absolutamente sérias... Por exemplo — desculpem-me, parece patético —, por exemplo: quanto custa um sorriso de criança? Quanto custam satisfação, calor, esperança? Quanto custa — perdão — simpatia? Quanto estarei disposto a pagar por ela? O quanto estarei disposto a fazer por isso? E deixar de fazer? — Ele olhou para Isabelle. — Você está cética?

— Como chegou a esta conclusão? — disse Isabelle. — O senhor nem me conhece!

— Pela sua expressão facial...

Gilles sorriu.

Durante toda a conversa, de vez em quando vozes dos alto-falantes informavam sobre as chegadas e partidas.

Depois do seu solo, Leroy ficou embaraçado. Ele disse: — Eu... eu estou tão tocado por toda essa coisa nova. Mas ainda sou realista. Há muita coisa que não se pode comprar com dinheiro, que não se pode compensar com dinheiro... Como, por exemplo, se pode calcular a perda estética da destruição da paisagem? Como um sofrimento causado por um câncer?... Não, não, certamente, e também o cálculo ecológico é só um meio para o fim. Mas mesmo assim: a ciência e a política desenvolverão em conjunto — vamos bater na madeira — novas técnicas sociais, com as quais poderemos aplicar na prática conhecimentos ecológicos e máximas éticas — e isto me toca mais do que tudo o que já vivi. Peço desculpas pelo meu tom de voz.

Uma campainha soou dos alto-falantes. Uma voz feminina começou a falar: — Atenção, por favor! Senhoras e senhores, a Air France informa o voo em atraso de seu Concorde, voo número 001 para Nova Iorque. Passageiros, por favor, comparecer ao portão de embarque 24. Obrigada!

## 8

— Senhoras e senhores, em cinco minutos aterrissaremos no aeroporto de Assunção — disse a voz de uma aeromoça nos alto-falantes de bordo. — Pedimos observar o aviso de não fumar e usar os cintos de segurança. Obrigada! — Essa comunicação em espanhol foi repetida em inglês.

Thomas Hansen estava sentado ao lado da janela do avião só parcialmente ocupado da companhia aérea estatal do Paraguai, a LAP. Ao lado do garoto de nove anos, que usava um terno azul e uma camisa branca com gravata azul, estava o Dr. Keller, procurador da Hansen-Chemie, 39 anos, alto, esbelto e vestido como um banqueiro: terno escuro, camisa branca, gravata escura. Sua cabeça era

estreita, a testa era alta, os louros cabelos já estavam meio grisalhos e penteados para trás. Dr. Keller tinha mãos estranhamente transparentes, tinha-se a impressão de ver seus ossos. Ele olhou para Thomas, sorrindo. O rosto do garoto continuou sério. Como o Dr. Keller, ele fechou o seu cinto. Estava cansado. Os dois haviam tido um longo voo de Frankfurt até o Rio com a Lufthansa e de lá com um avião da LAP até Assunção. Passavam alguns minutos depois do meio-dia de 25 de outubro de 1988.

Uma semana antes Markus Marvin e sua equipe haviam voado do aeroporto parisiense Charles de Gaulle até Nova Iorque e de lá para o Tri-Cities-Airport de Richmond, no Estado de Washington. Há 11 dias, em 14 de outubro, os meios de comunicação haviam noticiado pela primeira vez sobre a construção sigilosa de uma fábrica de gás venenoso para o chefe de Estado da Líbia, Kaddafi, pela Hansen-Chemie.

O avião deu uma grande volta sobre Assunção, a capital do Paraguai, e desceu cada vez mais. Então aterrissou. Thomas Hansen viu quando um Mercedes prata veio lentamente pela pista. Depois que o avião havia parado e Thomas e Dr. Keller já haviam saído dele, veio até eles o motorista do Mercedes, um rapaz com farda azul. Tinha cabelos louros, olhos azuis e ria.

— Bem-vindos ao Paraguai! Sou Paul Kassel, motorista do senhor e senhora Hansen. Por favor, entrem no carro. Levarei vocês até o lago.

— Que lago? — perguntou Thomas, seriamente.

— O mais bonito do país — disse Kassel. — O lago Ypacaraí. Em meia hora estaremos lá. Seus pais têm uma casa lá. Perdão! Posso lhe chamar de “você”?

— Claro! Chame-me de Thomas!

— Com prazer, Thomas. Então me chame de Paul! — Kassel segurava a porta traseira, que estava aberta. Thomas e Dr. Keller entraram. Paul se sentou atrás da direção e foi embora. Na saída da pista ele parou novamente na frente de um portão. Um policial se

aproximou do Mercedes. Paul falou espanhol com ele. Então se virou.

— Ele quer ver seus passaportes. Pura formalidade.

O policial era gentil e ao mesmo tempo de uma dignidade serena. Ele devolveu os passaportes e cumprimentou. Paul levantou a mão. Eles foram pela Estrada Nacional 1 ao redor da capital, direção leste. O carro deslizou através do colorido bairro de trabalhadores e artesãos. Thomas despertou novamente. Havia tanta coisa para ser vista. Mulheres montadas em asnos passavam por eles, uma tinha um grosso charuto preto na boca.

— Elas vão para o mercado — disse Paul. — Aqui o comércio de trocas ainda é comum, sabe?

Homens montavam cavalos, eretos e orgulhosos.

— Também a caminho do mercado — disse Paul. — Para fazer negócios. Chamam-se *arrieros* — os gaúchos paraguaios.

Alegres moças passavam por eles em bicicletas.

— Você gosta, não é? — Paul riu.

— Sim — disse Thomas, sério como antes. — Bonito país, o que os meus pais escolheram.

— É verdade — disse Paul. — Toda a gente aqui é gentil e amigável e quase sempre muito bonita. Não apenas as moças. Você sabe a quem eles agradecem por isso? Já estou aqui há seis anos e me interessei pela história do Paraguai. Eles agradecem pela aparência e maneira de ser a um homem chamado Domingo Martínez Irala, o primeiro governador de Assunção. Ele decidiu, mais ou menos em 1540, há muito tempo, que cada espanhol deveria ter um harém próprio com até 50 belezas guaranis. Os guaranis foram os nativos. O que o governador permitia não era lá muito católico, mas o fez muito popular.

— Posso imaginar — disse Thomas. Seu rosto continuou sem nenhuma expressão.

— Os homens guaranis não tiveram nada contra essa disposição. Por causa das eternas lutas com os incas eles eram cada vez mais reduzidos, e os que sobreviviam simplesmente não podiam

dar conta do excesso de mulheres. Ficaram realmente muito felizes que os espanhóis lhes tivessem tirado algo.

— Compreendo — disse Thomas.

— E você vê, essas misturas de nativos com imigrantes resultou numa raça por si só — os paraguaios. Pessoas bonitas com rostos claros, cabelos pretos e sempre a mesma cordialidade serena. Todo camponês recebe você assim. Sim, e as garotas...

— Você tem uma?

— Sim, tenho uma. Já tive muitas. — disse Paul. Ele e o Dr. Keller riram. Thomas não riu.

Os subúrbios haviam ficado para trás, a paisagem havia se transformado, como se Assunção estivesse a muitas horas de carro dali: um verde fresco, bem aberto, nunca plano. Até o solo era um pouco ondulado, e de longe Thomas viu, no vapor desse dia de sol, compridas cadeias de montes. Nos campos pastava o gado. Agora eles passavam por campos limpos e cortados de cana e mandioca.

— Quando vim para cá — disse Paul —, a floresta vinha até esta Estrada Nacional. Só deixaram aqui os *lapachos*.

— *Lapachos* são esses grandes arbustos de flores rosa e lilás? — perguntou Thomas. Dr. Keller olhava ininterruptamente para o garoto.

— Sim — disse Paul — esses grandes arbustos floridos, como você diz, são árvores-*lapacho*. Árvores! Entre agosto e dezembro elas perdem todas as folhas, e suas flores brilham. Apesar de toda a beleza, elas não vão permanecer.

— Por que não?

— Os proprietários esperam que elas cresçam totalmente e depois as derrubam. A madeira traz muito dinheiro...

Só mais tarde se pôde ver o lago Ypacaraí.

— Meu Deus! — disse Dr. Keller. — Isto só existe em cartões-postais brilhantes. Seus pais têm sempre bom-gosto, Thomas. Sobretudo sua mãe. Qual o tamanho do lago?

— 42 km<sup>2</sup>, Dr. Keller. — disse Paul. — Apenas poucos metros

de profundidade. Solo lamacento, sem algas, sem peixes. Sem pescarias. Em compensação se pode banhar, velejar, fazer esqui aquático ou simplesmente se entregar ao ócio na areia. — Ele virou à esquerda. — O lugarejo principal aqui se chama San Bernardino. O senhor e a senhora Hansen moram um pouco afastados. — Eles foram então através de ruas com pequenos hotéis e pensões, muitos clubes e bonitas casas no estilo da Riviera francesa. — San Bernardino foi fundada em 1881 por imigrantes alemães. Quase todo mundo ainda fala alemão aqui...

Os clubes e casas ficaram para trás. Uma nova estrada levava novamente ao interior, que aqui tinha florestas, em grande maioria com *lapachos* e suas flores rosa e lilás. Paul freou, depois de ter seguido durante minutos ao longo de um muro branco, e virou novamente à esquerda. Através de um alto portão de ferro, que estava aberto, ele foi pelo grande parque. Aqui havia gramados ingleses, pequenos lagos, antigas árvores, canteiros bem cuidados e neles grandes quantidades de flores bem vermelhas.

— Veja, Thomas! — gritou Dr. Keller.

— Estou vendo, senhor Keller — disse o garoto.

— A mais bela flor do Paraguai — disse Paul. — Tem um nome que quase não se pode pronunciar.

— Como se chama? — perguntou Dr. Keller.

— Mburukuya — disse Paul. E a Thomas: — Repita!

Thomas não reagiu. Incansavelmente, Dr. Keller o observava.

— Papagaios! — gritou o procurador da Hansen-Chemie. Nas árvores!

— Selvagens — disse Paul. — Temos muitos deles. — Ele passou por um prédio branco. — Aqui moram os empregados. — O caminho pelo parque fazia uma ligeira curva. Uma casa muito branca em estilo europeu ficou visível. — E aqui moram os seus pais.

Eles estavam sobre a grande escada, Hilmar Hansen, de aparência feminina, doce e terno e com a cabeça bem torneada e os muito finos cabelos brancos, e sua mulher Elisa, maior do que ele,



ombros largos, quadris estreitos, longas pernas e cabelos à *la pajem*.

Paul parou sobre um cascalho que brilhava no sol. — Thomas!  
— gritou a senhora Hansen.

Ela correu em sua direção. Eles se encontraram ao lado de um canteiro de flores bem vermelhas. A mãe se ajoelhou, apertou o garoto para si.

— Meu querido — disse Elisa Hansen. — Meu coração. Meu tesouro. Meu tudo.

— Boa tarde, mama — disse o garoto, sério.

A senhora Elisa Hansen continuou a beijá-lo. Quando ela então se levantou, tinha lágrimas nos olhos. Thomas se aproximou de Hilmar, estendeu-lhe uma mão mole, deixou-se beijar na testa e no rosto e disse: — Boa tarde, papa.

— Boa tarde, meu rapaz — disse Hilmar Hansen com voz aguda e doce. — Como estou feliz em vê-lo.

— Eu também — disse Thomas, enxugando no rosto as marcas de saliva da mãe.

— Apenas um gole de boas-vindas — disse a mãe no gigantesco salão da casa. Um serviçal alemão, que usava calças pretas e um colete de listras verdes e douradas, serviu champanhe; para o garoto, suco de laranja.

— E um gole de champanhe, por favor, para comemorar — disse Elisa Hansen. — Aí você também irá dormir muito bem. — Ela levantou sua taça. — A você, Thomas! — gritou ela, e todos brindaram a ele.

No salão havia móveis antigos e bonitos, escolhidos a dedo. Havia vários sofás e diante da lareira o chão de mármore era dois degraus mais baixo. Thomas viu que havia quadros que ele nunca havia visto no palacete Arabella e que estavam ali. Para a sua idade, ele entendia muito de pintura; não havia nada por que ele se interessasse mais, e, entre outras coisas, ele reconheceu um Nolde,

um Kandinsky, um Picasso e um Van Gogh, que seguramente custou um dinheirão. Lenta e seriamente, ele caminhava de um quadro para outro.

— Bonito — disse ele, sem olhar nem para a mãe nem para o pai. — Muito bonito. Tudo. Também o parque.

— Aqui é tudo muito maravilhoso — disse Elisa Hansen, atrás da qual, mudo e respeitoso, ia Dr. Keller. — Nos sentimos tão bem quanto em Königstein. Melhor. E há tantos pássaros, rouxinóis não, mas outros pássaros que cantam. Em todo o Paraguai eles não existem. Só em volta do lago Ypacaraí. Eles simplesmente cantam maravilhosamente, você vai ouvir, querido.

— Sim, mama — disse Thomas. — Ele ficou diante de um único quadro, pintado em madeira. Por muito tempo ele o observou em silêncio. Em cores saturadas, o quadro brilhava como ouro. — Esta é a coisa mais bonita que já vi — disse ele, por último.

— É a *Calma na fuga*, de Lucas Cranach, Pai — disse Elisa Hansen, apertando o seu filho para si. — Você conhece o quadro!

— Claro, mama. Mas o original estou vendo pela primeira vez. — O garoto observou novamente o quadro que mostrava a Sagrada Família envolta de anjos servis e músicos; no meio, José. Diante dele, sentada, em vestido vermelho e cabelos vermelhos, Maria. De joelhos, a criança, a quem um anjo dava morangos. O grupo estava composto junto a uma paisagem de montanhas com florestas. Através de um pinheiro e uma bétula o olhar atravessou até o céu azul e sem nuvens e a vastidão infinita, na qual se erguiam longe, bem longe, montanhas azul-brancas.

— Oito anjos — disse o garoto. — Não, nunca vi nada mais bonito. O senhor também não, Dr. Keller, não é?

— Nunca — disse ele.

O garoto olhou para a mãe. — Há uma ordem de prisão contra vocês — disse ele, calmamente.

— Pois é, meu coração — disse a mãe. — A casa também lhe agrada, querido?

— Sim — disse o garoto. — Vocês nunca voltarão à Alemanha.

— Não, é claro — disse o pai.

— Não, é claro — disse o garoto, balançando a cabeça. — Vocês não teriam mesmo nenhuma chance. Nem a menor.

— Por isso mesmo nunca voltaremos, meu tesouro — disse a mãe. — Embora tudo isso obviamente seja uma enorme difamação da concorrência. Somos inocentes.

— Obviamente — disse o garoto.

— Não temos absolutamente nada a ver com essa fábrica na Líbia. Felizmente fomos informados a tempo pelo Dr. Keller — ela sorriu ao procurador — sobre essa intriga monstruosa e pudemos ficar em segurança. Não deveríamos esperar por um julgamento correto por parte de um tribunal alemão. Para tal somos, para muitos no país, muito independentes e muito fortes. Certamente seríamos julgados injustamente, querido.

— E com penas máximas — disse Dr. Keller. — Certamente com penas máximas. A reputação alemã no mundo foi muito prejudicada pela intriga contra a Hansen-Chemie. Mas isso foi indiferente para aqueles criminosos. Eles queriam destruir a Hansen-Chemie e os seus pais, Thomas. Mas não conseguiram. A Hansen-Chemie continua em funcionamento, independente, grande e forte como nunca. Em breve será ainda mais forte — e seus pais têm tanta segurança quanto você, Thomas.

O garoto balançou a cabeça afirmativamente e olhou novamente para o quadro de Lucas Cranach. — Vocês, quer dizer, aqueles que construíram essa fábrica devem ter ganho muito com ela.

— Muitíssimo, querido — disse Elisa Hansen, acariciando ternamente os cabelos castanhos de seu filho. — Mas agora você deveria ir logo ao banho e depois à cama! O longo vôo! O fuso horário! O outro clima! Você está morto de cansaço e esgotado. Só em dois ou três dias o seu corpo terá realmente se adaptado. Isso também vale para o senhor, Dr. Keller. O senhor também precisa ir

dormir agora.

— Certamente, madame.

— O senhor comeu no avião?

— Um bom café da manhã, madame.

— Será que você está com fome, querido?

— Não, mama.

— O quarto do senhor está na ala ocidental. O senhor Ulrich irá mostrá-lo. O nosso mordomo preferido aqui. — O empregado com o colete de listras verdes e douradas, que havia trazido as bebidas, se curvou ligeiramente. Os dois desapareceram.

— E você vai dormir na ala oriental, meu coração. Vou com você e mostro tudo — disse Elisa Hansen, com um braço sobre os ombros de Thomas.

A casa era tão grande quanto um hotel. O garoto foi com a sua mãe por um grande corredor. Durante o trajeto ele viu empregados e empregadas. Eram gente do lugar, que lhe sorriam amigavelmente e cumprimentavam com educação. Ele também cumprimentou amigavelmente, mas sem sorrir.

Com um elevador, eles subiram ao segundo andar. Finalmente, alcançaram sua meta.

— Aqui é a sua sala, querido... e aqui o quarto... e o banheiro. Todas as janelas dão para o lago, está vendo?

— Sim, mama — disse Thomas. De repente ele foi tomado por um grande cansaço. Falava lentamente.

— Tudo foi preparado para você. Também a água na banheira. Tire a roupa!

O garoto de nove anos obedeceu. A cada minuto que passava, ele ficava mais tonto. Nu, ele entrou na água quente da banheira.

— Espere! Mama vai lhe ensaboar! — Afetuosa, Elisa Hansen ensaboou seu filho. — Pronto, agora se levante! Vou tirar o sabão. — Ela o fez. — Não é bom? Você se sente bem?

— Sim — disse ele.

Ela o enxugou.

Com os pés descalços, Thomas foi para o quarto, vestiu um pijama e se deitou sob um fresco lençol, enquanto Elisa Hansen fechava as pesadas cortinas das janelas. Ficou escuro no grande cômodo.

Elisa Hansen se ajoelhou ao lado da cama e beijou Thomas na boca. — Assim... Ela ajeitou o lençol. — Está bem assim?

— Sim, mama.

— Agora você vai dormir, dormir profundamente. Amanhã, quando você já deverá ter-se acostumado um pouco, falaremos sobre tudo, está certo?

— Sim, mama.

— Vou deixar a porta um pouco aberta. Se você acordar e precisar de alguma coisa, aqui está a campainha. Logo em seguida virá alguém, de dia e de noite. E aqui está o telefone. Se você quiser falar comigo, o meu número é 11. Você vai se lembrar?

— 11 — disse ele. — É claro que vou me lembrar.

— Meu quarto fica um pouco longe. Num outro andar. Mas venho logo, querido. Mama virá imediatamente.

Ela o abraçou e o beijou mais uma vez, então se foi rapidamente. Deixou a porta aberta, como prometido.

Thomas suspirou profundamente. Dois minutos depois já estava dormindo. Ele sonhou com os oito anjos.

Na tarde seguinte, então, estavam sentados Hansen, sua mulher, Thomas e Dr. Keller diante da grande lareira no salão, onde havia o Cranach e outros quadros. Grossas lascas de madeira queimavam. O mordomo Ulrich servia chá.

— Você pode ficar aqui 90 dias, sem problemas, coração — disse Elisa Hansen a seu filho. — Depois você recebe imediatamente uma prorrogação para mais 90 dias. — Ela havia penteado cuidadosamente os seus castanhos cabelos de pajem. Seus olhos castanhos brilhavam. Elisa Hansen tinha calças brancas e um

pulôver amarelo de casimira. Os sapatos amarelos e brancos eram de salto alto. Na orelha esquerda estava pendurada uma grande esmeralda.

— A mesma coisa vale para o senhor, Dr. Keller — disse o doce e grisalho Hilmar Hansen, que no decote de sua jaqueta usava um lenço, que Elisa de vez em quando ajeitava. Hansen estava um pouco resfriado.

— Eu sei, senhor Hansen — disse Dr. Keller.

— Só no próximo outono é que você irá para a escola secundária, Thomas — disse Elisa. — Você é tão bom na escola, que pode vir para cá mesmo que não sejam férias. Nas férias, sempre. Gostou da idéia, querido?

— Vocês estão absolutamente certos de que o Paraguai não vai extraditá-los? — perguntou Thomas, ao invés de responder.

— Absolutamente, querido! — Elisa Hansen riu, alegre.

— Assim como ninguém pode proibir você e Dr. Keller de virem aqui. Vocês dois e ninguém que queira nos visitar. Dr. Keller estará aqui com freqüência. Ele administrará a fábrica. — Ela se dirigiu ao homem vestido ultracorretamente e que dava a aparência de um banqueiro. — O senhor fará o que achar correto; sempre, Dr. Keller. Se houver necessidade de decisões importantes...

— Telefone imediatamente e venho até aqui, senhora Hansen. E trarei, se necessário, os melhores especialistas e advogados.

— Sei que posso confiar no senhor — disse Elisa, sorrindo para ele.

— É claro que haverá um processo — disse Dr. Keller. — Não se descobrirá nada, certamente. Afora muita fofoca da imprensa. Mesmo assim me permiti contratar os melhores advogados dessa área.

— Quais?

Ele citou três nomes.

— Excelente, doutor. — Elisa sorriu mais uma vez.

— Os dois contadores vão ser condenados, é claro.

— É claro — disse Elisa. E para Hilmar Hansen: — Você está com febre? Veja agora!

Obediente, ele tirou da camisa o termômetro que ela havia posto nas suas axilas um pouco antes.

— Mostre aqui!

Ele o passou para ela.

— 37,8. Temperatura elevada. Depois do chá você vai se deitar.

— Sim, querida — disse Hilmar Hansen.

— Às sete o doutor Tastil passará aqui.

— Isto realmente não é necessário...

— É claro que é necessário! Você sabe o quanto precisamos cuidar de sua saúde — nesse estado ainda muito frágil. — Ela olhou para Thomas. — Telefonaremos diariamente, meu tudo. Preciso ouvir sua voz diariamente.

— Estarei sempre ao seu dispor — disse Dr. Keller.

— Temos bastante tempo para pensar em que escola você estudará — disse Elisa. — Talvez até mesmo no exterior. Inglaterra, França. O tempo passa tão rápido. Você vai estudar Química. Era o que você queria.

— Sim, mama. Pintura só como *hobby*.

Ela o beijou.

— Que filho maravilhoso eu tenho! Um dia você irá dirigir a Hansen-Chemie. Dr. Keller cuidou para que agora tudo pertença a você e nada possa ser confiscado. Não existe confisco por parentesco. Dr. Keller está a seu lado, querido.

O mordomo Ulrich serviu chá.

— Não houve nenhum dia de interrupção na Alemanha. As máquinas trabalham como sempre — disse Elisa Hansen. — Não se preocupe com isso. Dr. Keller resolve tudo.

— Ninguém pode ousar pará-las — disse o procurador. — Quantos empregos não estariam perdidos!

— Você está ouvindo? Tudo vai continuar. Mas agora você vai ficar um mês com a sua mama!

— Não — disse Thomas.

Elisa Hansen chegou a rir.

— Não o quê, meu coração?

— Não, não vou ficar com você — disse Thomas, com um olhar sério para a mãe. — E não virei mais aqui.

— O que... — Elisa Hansen olhou para o filho, chocada.

— Nunca mais — repetiu o filho.

— Mas por que não, meu querido? — gritou ela. — Por que não, pelo amor de Deus?

— Porque quero Thesi — disse Thomas.

— Quem é Thesi? — perguntou Dr. Keller ao delicado senhor Hansen.

— A nossa governanta, a senhora Toeren — respondeu este.

— Você quer voltar para a senhora Therese? — perguntou Elisa Hansen, e sua voz de repente ficou afônica. Em dois segundos ela pareceu ter envelhecido 20 anos.

— Sim, mama — disse Thomas. — E quero ficar com Thesi. Por favor, telefone para ela e diga que ela deve vir imediatamente para me buscar.

Repentinamente houve um silêncio de morte no salão.

A vaca se levantou lentamente, vacilou e caiu. Algumas outras cabeças de gado se ergueram, um animal muito atrofiado não pôde se levantar. E dois bois, que haviam se levantado, caíram novamente.

Círculos, pensou Markus Marvin, que, no momento em que no salão de uma grande casa no lago Ypacaraí, no Paraguai, se fizera um silêncio de morte, ia num Landrover perto do depósito nuclear de Hanford, no gramado do fazendeiro e seus animais aleijados, em direção à pequena cidade de Mesa. Sempre novos círculos se fechavam. Já estive aqui uma vez. Tudo isto eu já havia visto. Parece ter sido há uma eternidade. Mas só foi em março. Apenas há sete



meses. O que aconteceu nestes sete meses? Depois que estive aqui pela primeira vez, aquilo que vi e ouvi mudou a minha vida. Eles me demitiram do Ministério do Meio Ambiente de Hessen. Fui parar na Sociedade de Física de Lübeck. Minha amada filha Susanne está morta, assassinada na floresta amazônica. Outras pessoas foram mortas. Em que lugares estive?

Atrás de Marvin, num segundo carro, estavam Bernd Ekland, Katja Raal e Valerie Roth. Ao lado dele estava Isabelle; Gilles, atrás. Eles estavam fazendo as últimas tomadas. Haviam filmado aqueles animais, o depósito nuclear Hanford e falado com habitantes e representantes da administração. Documentaram os que fazem a exploração nuclear e de plutônio. Agora eles só queriam vir mais uma vez a Mesa, ao Stardust Memories Café, que pertencia ao primo de Ray Evans, Tom.

Um círculo. Novamente se fecha um círculo, pensou Markus Marvin.

Seguido pelo segundo carro, ele desceu pela Main Street de Mesa. Aqui também já filmamos, pensou ele. Para os outros tudo aqui é novo. Os postos de gasolina, os cinemas, casas comerciais, bancos, lojas, os poucos prédios altos, o fraco movimento de carros.

E as pessoas, pensou Marvin. Todos parecem aflitos. Ninguém ri. Até as crianças são sérias. Só algumas brincam. E são tristes quando brincam. A maioria fica sentada ou não faz nada. Como o gado no pasto de Evans. Tudo aqui está ainda mais triste.

Ele viu o Stardust Memories Café e parou o Landrover na beira da calçada. O carro atrás dele, que Ekland dirigia, fez o mesmo. Aqui, pensou Marvin, enquanto parava e descia, Ray Evans cantou naquela vez, em março, com a sua voz frágil, lembro-me muito bem... *Ahm tired of livin An' feared of dying, But Ol' man river he jes keeps rollin' along...*

Tenho medo da vida e medo da morte, mas *Ol' man river*, o velho homem-rio, ele corre calmamente, e vai, vai, vai...

Nada havia mudado no Stardust Memories Café.

Lá estava o longo balcão, onde se sentava em altos bancos para beber. Lá estavam os cantos coloridos com as coloridas mesas de plástico e cadeiras de plástico. Ao lado uma loja de trecos, farmácia, drogaria, armazém, tudo ao mesmo tempo — a *drugstore*.

Katja ainda nem havia entrado na *drugstore* e já ficou com o rosto amarelo-esverdeado, correndo para o banheiro feminino. Só Valerie notou, durante os cumprimentos gerais. Depois de uns minutos ela foi atrás de Katja, encontrando-a numa ante-sala de azulejos brancos com dois grandes espelhos sobre as pias. Katja estava tremendo diante de uma das pias e lavava a boca. Estava com péssima aparência. Sob os olhos, escuras olheiras.

— Coitada — disse Valerie, colocando, solidária, uma mão sobre os seus ombros. Katja estremeceu, assustada. — Não, não lhe faço nada, minha querida. — Valerie disse, com prudência: — Já venho observando isso desde que saímos de Bonn. Desde então você passa mal com freqüência. Também no bar do aeroporto, em Paris. Desde quando você está grávida, minha querida?

Katja olhou para Valerie, sem muito entender.

— Cá entre nós, mulheres! Afinal, não é catástrofe alguma. Talvez possa lhe ajudar... Em que mês você está?

— Mas... mas... — Katja limpou seu rosto com um lenço — Eu não estou grávida!

— Não mesmo? Está certa disso?

— Absolutamente certa!

— Sim, mas... o que está acontecendo então? O que você tem?

— Katja se afastou de Valerie. — Não quer me dizer?

Katja balançou a cabeça.

— Não?

Novamente ela balançou a cabeça.

Valerie deu um passo à frente. — E por que não? É tão grave assim?

Ela fez que sim.

— O que pode haver de tão grave? Realmente, Katja, sou sua amiga! Estou preocupada. Você não quer me dizer o que é?

Ela fez que não.

— Por que não? Não posso mais ver você... sempre esses vômitos... Alguma coisa deve ser providenciada... Vou chamar um médico...

— *Não!* — gritou Katja. Ela tremia. — Nenhum médico, por favor, nenhum médico! Eu... eu não estou doente...

— Mas isso não é normal, vomitar tantas vezes... Tenho medo...

— Eu também...

Katja mordeu o lábio. Não deveria ter dito isso. Mas essa Valerie é tão simpática, pensou, e se preocupa tanto comigo. Realmente, não posso continuar assim...

Valerie se sentou ao lado de Katja, que estava afundada numa poltrona, e pôs uma mão sobre o seu braço. — Coragem! De que você tem tanto medo?

Katja começou a chorar. Valerie se aproximou dela e a acariciou, ternamente. E depois Katja começou a falar.

— Peter Bolling...

— O quê, Peter Bolling?

— Bernd disse que eu não deveria falar...

— O que você não deve dizer a ninguém, querida?

— Que ele estava em Bonn... no Ministério do Meio Ambiente...

— Bolling? No Ministério do Meio Ambiente? — Valerie, incrédula, repetiu as palavras de Katja.

— Sim...

— Mas isso é ridículo!

— Não é nada ridículo! Ouvi a sua voz! Bem claramente. — Agora Katja ficou histérica — Sua voz, juro! A voz de Bolling! A voz de Bolling!

— Isso é grotesco... pobre Katja... você *deve* ter-se enganado...

— Não! Era ele! Era ele!

— Não pode ser... Não pode ter sido ele. Ele desapareceu... Sabe Deus se ainda vive! Ora, que absurdo é esse? Você... Você ouviu alguma coisa de Markus... de Markus... sobre essa gravação mostrada a ele e Gonzalos em Frankfurt. Gonzalos disse ter reconhecido a voz de Bolling... Markus disse que não era a voz de Bolling... Uma voz muito parecida, sim... mas não a de Bolling... e Markus realmente conhece Peter muito bem. Você simplesmente está estressada, minha pobre. Não é de se admirar... todas essas semanas... a mudança de clima... o trabalho... Você está com os nervos à flor da pele... bem à flor da pele... E desde que ouviu essa misteriosa estória da gravação, fica imaginando todas as coisas possíveis... por exemplo, que ouviu a voz de Bolling em Bonn... Que idéia maluca! Bolling em Bonn! Por que você simplesmente não abriu a porta e olhou, para ver quem estava dentro?

— Eu... eu não sei... Bernd também diz que estou simplesmente confusa...

— Está vendo?

— ...e que devo parar com isso... e ficar calma... agora, que o nosso trabalho está terminando... só filmaremos hoje...

— Graças a Deus! Então você vai descansar na Alemanha! Bernd também diz... e Bernd ama, não é?

— Sim...

— Quero o melhor para você... Realmente, você não deve continuar a pensar nessa estória maluca... Senão você realmente vai ficar doente... Bernd diz e também digo: não foi a voz de Bolling!

— Acha... acha realmente?

— Minha pobre criança, por favor...

— Sim, talvez realmente esteja... Poderia me dar um lenço? O meu está muito molhado... Obrigada, é tão gentil comigo... Todos são gentis comigo... Se Bernd e agora você dizem que eu talvez esteja escutando vozes do além... — Katja riu alto, tremendo.

Valerie também riu. — Agora finalmente você está sendo

racional. Espere, eu lhe ajudo com o batom... Assim é que você não pode voltar... querida, boba Katja...

Minutos depois as duas chegaram no café. Valerie sorriu mais uma vez para Katja e apertou sua mão com força.

— Obrigada — cochichou esta. — Obrigada!

Hoje não havia funcionários, operários de uma construção, moças de *high-schools* com seus amigos. Tom Evans havia dito que hoje viria uma equipe de TV da Alemanha, *TV-people from Germany, you know, folks. Maybe you've seen them, they've been shooting here for quite some time now, the whole goddamned fucked up mess*, talvez vocês tenham visto, gente, eles já estão filmando há um bom tempo aqui, toda a maldita merda. *Won't help us a damn*. Não ajudará em porra nenhuma. *But you never know*. Mas não se pode saber nunca...

Assim, apenas Tom Evans e seu primo, o fazendeiro Ray Evans, estavam lá, além de Corabelle, a beleza atrás do balcão, a quem os rapazes sempre diziam que se parecia com Marilyn Monroe, e Corabelle irradiava um sorriso e mostrava os seus dentes maravilhosos e punha para trás os cabelos louros e apertava seus seios sob a blusa de seda branca e tinha lábios pintados de um vermelho vibrante e era *something to look at, oh yeah*, não era de se jogar fora sempre em tratamento contra leucemia, fazendo com que vivesse ainda por décadas, havia dito o médico. Dez anos de Hollywood seriam suficientes, sempre dizia Corabelle, Marilyn também não teve muito mais.

Ah, sim, e o pequeno cão na velha cadeira de vime ainda estava lá — tudo como em março, pensou Marvin; embaixo do cartaz que diz que não se deve dar chance à AIDS está o cão, olhos sem brilho, seu pêlo ainda mais sarnento e mais escasso, vê-se muita pele branca.

Katja, de certa forma consolada por Valerie, montava tudo para a última entrevista. Ekland já carregava ele mesmo a BETA e podia segurá-la no ombro por muito tempo. As dores haviam desaparecido

totalmente, desde que Katja começara a lhe dar diariamente injeções de cortisona.

Ela corria pra lá e pra cá, carregava coisas, montava e pensava: feliz, feliz, você deveria estar feliz, idiota, feliz porque ele não tem mais dores. Ao invés disso... Talvez não fosse Bolling realmente...

E então Marvin entrevistou Corabelle, que contou sobre sua leucemia e todas as coisas grotescas que aconteciam em Richmond, sobre esse Science Center e o computador que diz: PARA A SUA DOSE PESSOAL, e sobre os valores ridículos que chegavam quando se fornecia os dados. Talvez aconteça ainda alguma coisa com Hollywood, pensou a bela Corabelle, o *cameraman* que filmou portanto tempo, um cara realmente simpático, *a really nice guy* com a sua assistente, *poor girl, her face is just too awful to look at*, pobre garota, tem-se náuseas diante de seu rosto. Certo, Corabelle tem a tireóide muito inchada, muitos aqui tinham, não se via, quando Corabelle deixava a cabeça um pouco inclinada e deixava os seus longos cabelos louros sobre os ombros, esse tique ela tinha há muito tempo, mas aqueles abscessos e espinhas no rosto da moça, *pitiful, just pitiful*.

E então Valerie entrevistou o aleijado Tom Evans, e este disse o que já havia dito a dezenas de repórteres — ele sabia tudo de cor.

— Nasci aqui no dia 25 de março de 1947. Com pernas e dedos tortos... Sou impotente... Defeito genético, diz Joe Webb, “e um agitador comunista”. Assim fala Joe Webb, chefe da comunidade *para* Hanford. Então todos foram agitadores comunistas.

Tom Evans apontou para o quadro ao lado da vitrola de fichas, diante da qual ele estava, torto. E Ekland, com a BETA no ombro, se virou lentamente e filmou o quadro, enquanto Tom explicava que ele mesmo o havia preparado, o quadro escrito de vermelho. Bem em cima estava escrito: DEATH MILES FAMILIES.

— Quando *mister* Marvin esteve aqui pela primeira vez, havia 20 nomes na lista. Agora dois foram acrescentados — disse Tom com a sua estranha voz, e Ekland filmou lentamente, linha por linha até

embaixo, com os nomes que foram incluídos depois de março:

OS FARADAYS — Carl e Mary, câncer no fígado, câncer nos ossos.

OS ADAMS — ele, câncer na glândula tireóide; ela, câncer de mama.

Então Katja precisou trocar de cassete, e enquanto o fazia, bateram na porta do café, que estava fechado. Através do vidro da janela se viu do lado de fora um homem alto e magro de *blue jeans*, que acenava.

— É George Moreland — disse Tom. — Advogado. Representa muitos de nós em processos contra o governo. Gente fina. Por ele ponho a minha mão no fogo. Disse a ele que vocês estariam hoje aqui. George tem algumas histórias para contar. Quer ouvi-las?

— Por favor — disse Marvin.

Quinze minutos depois o advogado estava diante da câmera.

— Sabem como tudo isso explodiu? — perguntou George Moreland. — Um trabalhador, num controle rotineiro, disparou o alarme de irradiação. Era 1981. Quando foi-se investigar os motivos da irradiação, descobriu-se que ela vinha de ostras, distantes 500 quilômetros, na foz do Columbia, que corre em áreas de Hanford.

— A quantos quilômetros de distância? — perguntou Marvin.

— 500, o senhor ouviu certo — disse o advogado, com raiva. — A ameaça nuclear é ubíqua...

— Ubíqua — repetiu Marvin.

— Sim, significa...

— Sei o que significa, *mister* Moreland — disse Marvin. — Ouvi a palavra há pouco tempo, com relação ao alastramento de dioxina, o mais venenoso de todos os venenos. Então falou-se também de alastramento ubíquo, ou seja, onipresente.

— Onipresente, sim — disse o advogado. — Um Chernobyl furtivo, que incessantemente prejudica a saúde e a vida de milhões de trabalhadores e colonos. Sabe quem eu citei literalmente com essa afirmação? O senhor não pode saber. Citei Jack Geiger, professor na Faculdade de Medicina da City University of New York. O governador do Estado de Ohio, que justamente agora fechou a instalação de plutônio de Fernald — quando também houve um escândalo tremendo, era a mais pura instalação de irrigação de plutônio —, o governador de Ohio encontrou palavras mais drásticas ainda que as do doutor Geiger. Ele disse: “Se um terrorista houvesse enterrado uma bomba-relógio em Fernald, a reação teria sido imediata e decidida. Mas foi o nosso governo que fez isso e nos mente...”

A pequena igreja próxima à Lincoln Avenue estava vazia. Só uma pessoa estava ajoelhada diante do altar, rezando em silêncio: Katja Raal. Ela havia voltado com a equipe de Mesa para Richmond, onde ela e Bernd Ekland estavam hospedados, numa pensão chamada Rosebud, perto dessa pequena igreja — todos os outros estavam hospedados no Regency Hotel. Katja havia dito a Bernd, no caminho, que ainda queria ir à igreja e depois à pensão, para tomar banho e se trocar. Depois do final dos trabalhos de filmagem, Marvin havia chamado todos para uma noite no Regency.

Meu Deus, rezava Katja, agradeço que o Senhor tenha ajudado tanto Bernd. Ele não tem mais dores. Obrigada, meu Deus, obrigada. Por favor, meu Deus, faça com que Valerie e Bernd tenham realmente razão de que não foi a voz de Bolling! Amanhã voltamos para a Alemanha. No dia 10 de novembro com o professor, por causa de minha acne. Meu Deus do céu, por favor, faça com que ele possa me ajudar com os raios de ondas longas, e que não precise mais andar por aí com essa cara horrorosa. Quero tanto que Bernd me veja sem acne. Vou comprar agora dez velas e acendê-las — como fiz em Paris. E se conseguir acender todas elas com um único fósforo,



então é um sinal de que tudo irá correr bem comigo e com a acne, como correu bem com Bernd em Paris. Por favor, meu Deus. Amém.

Ela se levantou, pegou dez velas de um maço e empurrou uma nota de dez dólares pelo buraco da caixinha. Ela enfiou as velas em pregos. Depois esperou um pouco e fechou os olhos e se concentrou. E então abriu os olhos novamente e riscou um fósforo — e acendeu as dez velas uma após a outra.

O sinal, bom Deus! disse Katja em silêncio, e lágrimas correram pelo seu rosto. Foi o sinal! Oh, agradeço ao Senhor! Tudo correrá bem comigo, tudo.

Ela foi lentamente pela igreja pouco iluminada em direção à saída, e a cada passo que dava ficava mais feliz, e no pensamento sempre repetia: tudo correrá bem comigo, tudo correrá bem comigo. Quando saiu da escuridão e ficou em frente à igreja, ela estava cheia de felicidade. No momento seguinte, um golpe muito forte a jogou contra um muro, e logo depois ela sentiu no peito uma dor terrível. Ela gritou e viu quando uma figura se aproximou dela fantasmagoricamente. A Lincoln Avenue, algumas escadas abaixo dela, estava entupida com o trânsito vespertino. Carro atrás de carro nas duas direções, tantas luzes, tanto barulho de buzinas e motores. Ninguém ouviu um grito. Ninguém ouviu o segundo tiro, disparado pela figura, agora tão próxima, com uma pistola. Katja caiu, e na queda ela puxou a figura. As duas rolaram escada abaixo, Katja ficou caída de costas e gritou, e a figura estava em cima dela, e a pistola foi ainda disparada três vezes. As duas últimas vezes Katja não viu mais.

Quando a polícia descobriu quem era a morta e que ela pertencia a uma equipe de TV alemã, o *detective-captain* Jerome Caspary foi da *homicide division* até o Regency e falou com Marvin e os outros. Chocados, eles foram incapazes de dizer mais do que o fato de que Katja Raal e seu namorado, o *cameraman* Bernd Ekland,

estavam numa pensão chamada Rosebud. Então o *detective-captain* Caspary foi até lá, e quando chegou, Bernd já estava na rua, diante da casa. Os outros haviam telefonado e dito o que acontecera.

Caspary desceu de seu carro.

— *Mister* Ekland?

— Sim?

— O senhor sabe...

— Sim.

— Sinto muito — disse Caspary.

— Onde está ela?

— No Instituto Médico-Legal, *sir* — Caspary pigarreou. — Será necessário que o senhor identifique a morta.

— Leve-me até lá.

— Se está se sentindo mal, chamo um médico pelo rádio...

— Leve-me até lá! — Ekland se sentou no carro da polícia.

Durante o trajeto ele não disse sequer uma palavra.

Policiais fardados e civis estavam nos corredores do instituto, através dos quais iam Caspary e Ekland. Eles não o olharam. Ninguém falava. Na grande sala de azulejos brancos o cheiro era de desinfetantes. Um homem pequeno e velho puxou uma armação da geladeira. O corpo sobre ela estava coberto por um lençol branco. Ekland se aproximou. Caspary fez sinal para o ancião, e ele puxou uma ponta do lençol, e Bernd viu o rosto intacto de Katja. Era um rosto feliz, sim, parecia que a morta ria ou pelo menos sorria. Ekland olhou para o rosto de Katja e pensou o quanto ele a amara e que agora deveria viver sem ela. E continuou a olhar para o rosto feliz de Katja Raal, morta.

Sou culpado, pensou. Disse a ela que deveríamos ficar de fora de tudo, sem nos metermos. Fazer apenas o nosso trabalho e não nos deixarmos envolver, eu disse. Mas isso não é possível, estou vendo agora, quando é tarde demais. Não se pode ficar de fora de tudo e se resguardar. Ele se curvou e beijou Katja na boca. A boca estava muito fria.

— É ela? — perguntou Caspary, que havia se aproximado, em silêncio.

Ekland fez que sim.

— Pode imaginar por que foi assassinada?

— Não.

Então ele pensou que não poderia ficar de fora por muito tempo, e quis contar tudo o que acontecera nestas longas semanas.

Mas antes que ele pudesse começar a falar, Caspary disse: — Precisamos de ajuda urgentemente. Toda espécie de ajuda. O senhor vem de tão longe, *miss Raal* também. É claro que descobriremos o tipo da pistola. Achamos uma lente de contato azul diante da igreja.

— Uma o quê?

— Uma lente de contato azul — disse Caspary, enquanto o ancião empurrava a maca para dentro da geladeira.

O telefone tocou no quarto de hotel de Isabelle.

Ela acordou assustada e de pronto não sabia onde estava. As cortinas estavam fechadas. Ela procurou acender a luz da cabeceira e pegou no telefone.

— Bom dia, Isabelle — disse uma voz de mulher.

Isabelle se levantou na cama. — Clarisse!

— Fale baixo. Sejam breves.

— Onde você está?

— Em Bogotá.

— Onde?

— Em Bogotá. Na Colômbia.

— Em Bogotá... mas por quê... de onde... Que horas são?

— Aí em Richmond cinco para as nove.

— Para as nove! Eu... fomos dormir muito tarde... A polícia... Você não sabe o que aconteceu, Clarisse.

— Eu sei. Por isso estou telefonando. Vamos falar rápido. Venham todos o mais rápido que puderem! É muito importante. Diga

aos outros que venham!

— Ir... os outros... Valerie Roth desapareceu... Ela...

— Eu sei. Peguem o avião do meio-dia da TWA até Los Angeles! Lá devem esperar e viajar à noite para Bogotá. Amanhã às 14 horas estarão aqui. Bruno e eu estaremos esperando no aeroporto. Vocês precisam vir sem falta! Sem falta!

— Mas por quê?

— Peter Bolling está em Bogotá.

Chovia em Bogotá. Chovia quase todas as tardes em Bogotá. Um avião da TWA, de Los Angeles, aterrissou pontualmente, às 14 horas, no aeroporto El Dorado. Clarisse e Bruno esperavam Isabelle, Gilles e Marvin. Foram embora num táxi. Gonzalos deu o endereço do advogado Ignacio Nigra.

— O que aconteceu com Bolling... — começou Marvin imediatamente.

— Não agora — disse Gonzalos. — Depois. Podemos falar de qualquer outra coisa. Os jornais trouxeram a notícia do assassinato de Katja Raal. Dizia-se também que Valerie Roth estava desaparecida e que está sendo procurada como suposta assassina.

— Eles citaram o hotel de vocês em Richmond — disse Clarisse. — Foi assim que pude telefonar imediatamente, Isabelle. Aconteceu alguma coisa aqui, por isso queríamos que viessem imediatamente, eu e Bruno. Onde está Ekland?

— No hospital — disse Isabelle. — Crise nervosa. — Ele e Katja eram...

— Eu sei. Terrível... — Clarisse olhou para a chuva.

Isabelle a puxou para si. — Você está maravilhosa... Em que mês está?

— No quarto. — Clarisse usava um largo vestido creme. A mulata de cabelos pretos e muito grandes olhos pretos olhou para Isabelle. Ela sorriu. — Já é bem inquieto — disse ela.

Pouco antes das três horas eles entraram na chancelaria do Dr. Ignacio Nigra, numa velha e suntuosa casa nas proximidades da Plaza Bolívar. Dois homens com capas claras estavam na ante-sala.

— Os senhores estão sendo esperados — disse uma secretária.  
— Por favor, sigam-me!

Um por um, eles entraram na sala de reuniões do advogado. Estava elegantemente vestido, como sempre. A cara gravata de seda e o caro terno se harmonizavam muitíssimo bem com os papéis de parede e os móveis da sala de reuniões. Além de Nigra, outro homem se levantou — o químico Peter Bolling. Aflito, ele mexeu nos óculos. Nigra cumprimentou os seus visitantes com uma educação quase exagerada. A chuva batia contra os vidros das janelas.

Finalmente, todos se sentaram.

O advogado disse: — Agradeço por terem vindo tão rapidamente. Tudo aqui, assim me parece, requer urgência. Por este motivo, será melhor que Bolling, ele mesmo, conte a sua estória. Por favor, *señor* Bolling!

Este olhava para o tampo da mesa. Nervoso, ele girava a garrafinha de uma solução de corticóide, caso viesse a ter um ataque de asma, e a girava com a mão amarelada de ácidos e lixívia.

— Por favor! — disse Gonzalos, em voz alta.

Bolling levantou a cabeça e olhou para cada um deles. — Vocês me consideram um bandido, eu sei. Eu... eu sou um bandido. Mas então... — ele pigarreou — em primeiro lugar: como cheguei até aqui? Bem, naquela noite em Altamira, quando eu... eu...

— Está bem — disse Isabelle, que só traduzia quando o advogado falava. — O que houve naquela noite, senhor Bolling?

— Naquela noite de 4 de setembro, quando então a sua filha foi morta — sinto tanto, Markus, tanto mesmo...

— Continue, cara! — disse Marvin, grosseiro.

Ignacio Nigra, na cabeceira da mesa de reuniões, pressionava,

sorrindo, as pontas dos longos dedos, uns contra os outros.

— Tudo isso é muito difícil para o meu mandante — disse ele, e Isabelle traduziu.

— Seu mandante? — perguntou Marvin.

— Sim, *señor*.

— Por que é difícil? — perguntou Marvin.

— O senhor entenderá, o senhor entenderá logo — disse Nigra, e seus olhos negros brilhavam.

— Naquela noite veio ainda um homem até mim — disse Bolling.

— Que homem?

— Direi depois. O homem disse — não, ele me ordenou desaparecer imediatamente de Altamira e vir para Bogotá. Aqui eu deveria falar com o Dr. Nigra.

— Por que você deveria ir embora imediatamente? — perguntou Marvin.

— Para que a suspeita recaísse sobre mim — disse Peter Bolling. — Eu deveria desaparecer e permanecer desaparecido. Para que tanta suspeita recaísse sobre mim quanto possível.

— Você não perguntou a esse... a esse homem, por que tanta suspeita deveria recair sobre você?

— Não. Eu... eu vou contar — disse Bolling. — Vou contar tudo...

Peter Bolling nasceu no dia 11 de abril de 1942 com o nome de Karl Krakowiak, na cidade de Beuthen, na Alta-Silésia. Embaixo da axila esquerda Peter tem um grande sinal.

O pai sofria de taquicardia e por isso não precisou se tornar soldado. Ele possuía uma loja de instalações em Beuthen. Dois anos antes, no dia 25 de janeiro de 1940, nasceu o irmão de Karl, Clemens.

Em janeiro de 1945, como muitos milhões de alemães, a

família fugiu da parte oriental da Europa para o ocidente, para se livrar do Exército Vermelho. Naquele tempo, Karl tinha quase três anos.

Na fuga, centenas de milhares perderam a vida.

Entre eles, estavam os pais de Karl e Clemens Krakowiak. Pessoas estranhas acolheram as crianças. Perto de Berlim, os retirantes entraram em luta cerrada entre tropas soviéticas e alemãs, e os irmãos foram separados. Um casal, que tinha filhos, levou Karl até a região de Colônia. Lá, os estranhos o entregaram a um pastor de uma igreja, e esta conseguiu alojar Karl num orfanato.

Durante a fuga, as criancinhas carregavam, penduradas em fios no pescoço, placas de cartolina onde estavam escritos seus nomes e data de nascimento. Em ataques aéreos, muitas crianças perdiam a vida e muitas perdiam as placas de cartolina com o nome e a data de nascimento. Karl Krakowiak pertencia a estas últimas. Os seus pais já estavam mortos e ele já estava separado de seu irmão mais velho, Clemens. No caos de gelo e sangue, neve e fome, cansaço e morte, alguém encontrou, ao lado de Karl Krakowiak, uma placa dessas e pendurou nele. O garoto só veio a notar isso depois que estava sendo chamado de Peter Bolling. Ele era pequeno e triste e muito confuso, e pensou que a mudança de nome tinha as suas boas intenções, que talvez tivesse até mesmo salvo a sua vida, e por isso nunca protestou em ser chamado de Peter Bolling. No orfanato, ele recebeu documentos com este nome.

Karl Krakowiak, que então se chamava Peter Bolling, ficou no orfanato até 1955. Para ele estava claro que também o seu irmão havia morrido durante a fuga.

No dia 15 de maio de 1955, quando Peter voltou da escola, um garoto esperava por ele.

— Ei, você — disse ele —, como se chama?

Peter fitou assustado o garoto, que era tão magro quanto ele próprio. — Meu nome é Peter Bolling.

— Tem certeza? — perguntou o garoto. As solas dos seus

sapatos estavam rasgadas. — Certeza absoluta?

— Certeza absoluta, não. Acho que já tive outro nome, mas não consigo mais me lembrar. Tivemos de fugir, eu era muito pequeno. Em algum momento, acho, eles começaram a me chamar de Peter Bolling, não sei por que motivo. — Ele voltou a fitar o garoto desconhecido. — E quem é você?

— Você tem um irmão?

— Tive — disse Peter —, mas ele está morto, acho. Meus pais também estão mortos. Morreram durante a fuga, disto eu tenho certeza. Sim, eu tive um irmão.

— De onde você fugiu?

— Da Alta-Silésia — disse Peter. — Acho que de Beuthen. Mas nos meus documentos consta Breslau. Não sei exatamente.

— Como se chamava o seu irmão?

— Clemens — disse Peter. — Ainda me lembro exatamente.

— E o seu pai teve uma loja de instalações em Beuthen? — perguntou o desconhecido, que vestia uma jaqueta suja e uma calça suja e rasgada.

— Sim — disse Peter, sentindo bater o seu coração. — E como você se chama?

— Clemens Hartin — disse o desconhecido. — Você tem um grande sinal na axila esquerda?

— Sim — disse Peter, levantando a camisa.

— Então você é meu irmão — disse Clemens, e o abraçou. — Mamãe sempre disse que se nos perdêssemos eu poderia lhe reconhecer pelo sinal. Procurei você durante anos. Finalmente o encontrei.

— Meu irmão — disse Peter, emocionado. — Mas por que você se chama Hartin?

— Fui parar em Munique. Lá, uma família me adotou. Senhor e senhora Hartin. O senhor Hartin é pintor. Pinta muito bem. E porque eles me adotaram, não me chamo mais Krakowiak, mas Clemens Hartin.



— Meu irmão — disse Peter Bolling mais uma vez, e começou a chorar. Ele precisou se sentar no gramado em frente ao orfanato. Clemens Hartin se sentou ao seu lado.

— Não chore — disse ele. — Por favor, não chore! Está tudo bem agora! Nós nos reencontramos!

Depois, ele mesmo começou a chorar.

— ...e foi assim — disse Peter Bolling, 33 anos depois, na sala de reuniões do advogado Nigra, em Bogotá, onde, como quase todas as tardes, chovia. — Assim começou. Clemens era dois anos mais velho que eu e já naquele tempo o mais corajoso e mais ativo. Ele conseguiu — e só tinha 15 anos! — que eu pudesse sair do orfanato e ir com ele para Munique. Lá eu fui para um outro orfanato e outra escola. Frequentemente estava doente. Clemens era muito mais saudável e forte do que eu. Quando um garoto batia em mim, então meu irmão batia nele de tal maneira, que logo todos me deixaram em paz. Em 1957 tive uma febre escarlatina. Os médicos já não acreditavam na minha recuperação. O meu irmão, não. Ele ficava dia e noite ao lado da minha cama, cuidando de mim. E me recuperou. Quando melhorei, estava tão fraco, que nem andar podia. A senhora Hartin tinha uma irmã que era casada com um camponês na região dos Alpes. Para lá é que meu irmão me levou. Havia leite e mel... Clemens continuou a cuidar de mim. Me ensinou a andar novamente. Ia comigo para o pasto, primeiro só um pequeno pedaço e em solo plano, depois sempre mais e mais alto. Nas refeições havia as melhores coisas... — Bolling enxugou com as costas de uma mão os seus olhos. — Foram os melhores dias de minha vida... Sem Clemens eu teria morrido, disseram os médicos depois. Meu irmão salvou minha vida pela primeira vez.

— Pela primeira vez? — perguntou Marvin. — Ele o fez uma vez mais?

— Sim — disse Peter Bolling. — Ele salvou minha vida mais

uma vez — muitos anos depois. Quando fiquei mais velho, saí do orfanato para a Casa Kolping de Munique. Fiquei lá, mesmo quando já estava na universidade. Meu irmão freqüentava a mesma. Eu estudei Química; meu irmão, Direito. Primeiro trabalhei numa fábrica farmacêutica de Munique e mais tarde na Hoechst, em Frankfurt; meu irmão, primeiro num escritório de advocacia de Munique e depois no Ministério da Economia, em Bonn.

— Onde? — perguntou Marvin.

— Sim — disse Peter Bolling. — No Ministério da Economia em Bonn.

A chuva batia nos vidros.

— Então o seu irmão era o homem em Bonn que de vez em quando ajudava a Sociedade de Física de Lübeck nas horas difíceis e através do qual Valerie estava informada sobre tanta coisa — disse Marvin.

— Meu irmão Clemens Hartin<sup>43</sup>, sim — disse Bolling. — Diretor-geral no Ministério da Economia. Você talvez saiba alguma coisa sobre a vida de Valerie Roth. Sobre o seu azar com os homens, todas as suas decepções?

— Ela me contou a respeito. Oh, Deus! — disse Marvin sobressaltado.

— Sim, oh Deus — disse Bolling. — No meu irmão Clemens, Valerie encontrou o homem que nunca a desiluiu, que sempre foi bom para ela, que sempre a amou e nunca a abandonou. Valerie é dependente de meu irmão, totalmente dependente.

— Quer dizer — disse Marvin — que quando se começou a falar da fábrica de gás venenoso que Hansen construiu para Kaddafi, Valerie nos informou — e a outros, como por exemplo o procurador Ritt e a doutora Goldstein — propositadamente de maneira errada, contou histórias que não eram verdadeiras, deu informações falsas a mando de seu irmão.

— Exatamente — disse Bolling, e olhou novamente para o tampo da mesa.

— E o plano de nos mandar para muito, muito longe, para que não pudéssemos descobrir nada sobre a história da fábrica de gás venenoso, também é de seu irmão Clemens?

— Sim, de meu irmão Clemens — disse Bolling.

— Então aquele seu interesse pela bomba alemã você também representou por ordens dele, para me desviar de Hansen.

— Sim, Markus.

— Entendo — disse Markus.

— Você não entende nada — disse Bolling. — Dependo do meu irmão Clemens. Devo minha vida a ele. Você vê, eu disse que tinha estado muito doente, quando era criança. Todos vocês sabem que precisei me aposentar por causa de minha asma. O que vocês não sabem é que, já adulto, tive leucemia. Para a maioria, ainda hoje isso significa pena de morte. Graças às magníficas relações de meu irmão, fui curado num hospital americano através de um transplante de medula.

— Clemens doou a medula para você? — perguntou Marvin.

— Sim — disse Bolling —, ele o fez. Somos irmãos. Com o mesmo grupo sangüíneo. O risco de que a medula doadora fosse rejeitada era, por isso, menos alto. O fato de estar sentado hoje e não estar morto há anos é um milagre, graças a meu irmão. Não desculpo nada o que Clemens fez, mas isso talvez explique por que fiz tudo o que ele exigiu de mim. Difícil de explicar... ou não: sempre fiz cegamente o que Clemens queria. Sou um cientista... bastante ingênuo, não é? Durante muito tempo pensei realmente que meu irmão fazia tudo aquilo com boas razões, que havia coisas certas naquilo que Clemens me pedia... Eu... eu amava meu irmão... Ainda o amo...

Silêncio.

— O homem que foi ao Hotel Paraíso e lhe deu ordens para desaparecer imediatamente foi enviado por seu irmão — disse

Marvin.

— Sim — disse Bolling. — Clemens o mandou até lá. Não podíamos falar ao telefone.

— E você voou para Bogotá, onde ficou.

— Sim.

— Então foi o seu irmão Clemens que voou até Brasília e falou com esse general Calera. Por isso não estava certo se era a sua voz na gravação que me mostraram Ritt e Dornhelm. Era a voz de seu irmão.

— Era a voz de meu irmão, naturalmente — disse Bolling. — E naturalmente ele sabia que a NSA ouvia a conversa. Esse foi o sentido da coisa: desviar os americanos do negócio de Hansen com a fábrica de gás venenoso. Pois que os alemães forneciam instalações nucleares para todos os lugares e podiam construir a bomba, disto os americanos sabiam há muito tempo. Eles nunca puderam provar. E não podem ainda hoje.

— Entre outras coisas, graças a seu irmão Clemens — disse Marvin.

— Não, ele não tem nada a ver com isso — disse Bolling. — Mas graças ao meu irmão Clemens os americanos também nunca poderiam provar a existência da fábrica de gás — se um daqueles navios no Mediterrâneo não tivesse escutado aquela conversa telefônica, na qual os técnicos de Toresos pediam desesperadamente ajuda à Hansen-Chemie, porque, num teste, gás havia sido liberado... Naquela época, quando Hansen entrou no jogo, é que compreendi o que Clemens realmente havia feito. Aquilo me abriu os olhos — finalmente.

— E mesmo assim você continuou a encobrir tudo — disse Marvin.

— Apesar de tudo, sim. Exatamente como Valerie.

— Amor — disse Marvin.

— Amor — disse Bolling.

— Quanto tempo você ficaria no seu esconderijo aqui em Bogotá? — perguntou Marvin.

— Tanto tempo o meu irmão desejasse — disse Bolling, calmamente. — Continuava a fazer o que meu irmão queria. Mas então aconteceu uma coisa.

— O quê?

— Depois — disse Bolling. — Primeiro o doutor Gonzalos começou a me procurar.

O homem com voz suave balançou a cabeça e se curvou. — Sim — disse ele, baixinho. — Procuramos o senhor Bolling, eu e minha mulher.

Isabelle voltou a traduzir.

Gonzalos disse: — Foi decisivo que o senhor, Marvin, no nosso interrogatório com Ritt e Dornhelm, em Frankfurt, estivesse tão inseguro com relação à voz que negociava com o general Calera, e assim ficou até o fim. Então eu me disse o que até então ninguém havia dito: talvez isso tenha acontecido porque o senhor Marvin conhece Bolling tão bem e há tanto tempo, que tem dúvidas. E se ele tem razão com as suas dúvidas, então isso significa que existe outro homem com voz muito parecida com a de Bolling, existe um segundo homem. Essa idéia nunca mais me abandonou. Depois desse interrogatório em Frankfurt houve aquele péssimo encontro na casa da doutora Goldstein, em Lübeck, quando foi rompida a nossa pequena comunidade.

Ele olhou pensativo para a sua mulher. De repente se fez silêncio, só a chuva batia contra os vidros.

— Naquele tempo me senti muito ferido e achei impossível continuar a trabalhar naquela atmosfera. Minha idéia fixa: tudo vai voltar a ser como era, quando eu houver descoberto quem realmente era o homem que estava com o general Calera. O que me restava, além de voltar para o Brasil e começar a procurar sozinho? Telefonei para Clarisse e lhe disse que eu estava voltando e que ela deveria

estar pronta para viajar.

— Por que viajar? — perguntou Marvin.

— Eu também só sou um ser humano — disse Gonzalos. — Eu tinha muito medo por Clarisse, pela criança e por mim. Quando se constatou que eu havia reconhecido Calera na gravação e que ainda disse isso... Lembre-se de sua ameaça! Por um lado eu queria desaparecer com Clarisse, por outro começar a procurar aquele segundo homem, ele ou Bolling, pois estava claro que algo ligava os dois. E também estava claro para mim: se eu descobrisse o que ligava os dois, então saberia tudo sobre aquele “segredo”, aquela “coisa terrível” de que havia falado a doutora Goldstein, então eu saberia a verdade sobre tudo o que estava acontecendo.

— Foi uma verdadeira odisséia — disse Clarisse. — Voamos do Rio para Belém e de lá fomos de carro para Altamira. Chegamos ao Hotel Paraíso, onde todos vocês haviam estado hospedados. Perguntamos, perguntamos. Não apenas aos porteiros. A muitas pessoas. Quem sabia para onde Bolling havia desaparecido? Ninguém sabia de nada. E se soubesse, não dizia.

— Então — contou Gonzalos — tentei com dinheiro. Isto nos levou adiante. Um porteiro se lembrou de repente de que na noite anterior ao desaparecimento de Bolling um homem havia chegado ao hotel para falar com ele. Ele descreveu esse homem. Então procuramos por ele.

— Durou uma pequena eternidade — disse Clarisse. — Publicamos anúncios no jornal. Recompensa etc. Por fim, apareceu um homem. Não aquele que havia procurado o senhor Bolling — um amigo dele. Grandes negociações. Aquele homem precisava ser muito cuidadoso, estava claro para nós. E também nós precisávamos ser muito cuidadosos... Calera... o bebê... Finalmente acertamos o preço. Encontramos o homem certo num bar e demos o que exigiu — e ele nos disse que o senhor Bolling havia obedecido à ordem de seu irmão de ir para Bogotá. Ele nos contou tudo isso que o senhor Bolling acaba de lhes contar.

— Sim, então sabíamos que ele havia ido para Bogotá — disse Gonzalos para Marvin. — Para onde em Bogotá? Ele havia ficado lá? A cidade tem 4,5 milhões de habitantes. Também fomos para Bogotá. Me lembrei daquele primo de nosso produtor Zinner — Achille Machado, importador.

— Procuramos por ele — disse Clarisse. — Contamos que conhecíamos o seu primo. Que o meu marido trabalhava para o seu primo! Que precisávamos falar com urgência com o senhor Bolling.

— E ao mesmo tempo — disse Gonzalos — ficamos com medo de que Machado telefonasse para Joschka Zinner, em Hamburgo. Ele não o fez. Dissemos que a polícia no Brasil perseguia cúmplices dos assassinos de Susanne Marvin e que fazia muitas perguntas, também referentes a ele, Machado. Então, como esperávamos, ele ficou com muito medo e nos recomendou ao doutor Nigra. O senhor é como um Deus para ele, *señor*. Com certeza ele lhe telefonou e avisou de nossa chegada, assim que saímos de lá.

— Obviamente — disse Ignacio Nigra.

Clarisse disse: — Então perguntamos ao doutor Nigra pelo senhor Bolling. O doutor Nigra nunca nem tinha ouvido falar no nome dele. Ele sentia muito. *Lo siento. Lo siento. Very sorry.*

O advogado sorriu, levantou as mãos, balançou a cabeça, virou os olhos.

— Quando fomos embora — disse Gonzalos — Clarisse comentou: “Eu podia jurar que ele sabe exatamente onde está Bolling.” Afinal, nós também queríamos desaparecer — por causa do bebê. Assim, ficamos no Tropicana. É um hotelzinho barato. Não poderíamos ficar num mais caro. Então Clarisse teve uma idéia. — Gonzalos olhou para sua mulher.

— Pois é — disse Clarisse. — O senhor Bolling sofre de asma. Então disse para o meu marido: com a sua asma ele precisará sempre daquela solução de corticóide. Ele só as encontrará em farmácias. Se estiver em Bogotá, deve ir a alguma farmácia. Talvez alguém se lembre dele numa delas.

— Por isso — disse Gonzalos — começamos a correr sistematicamente pelas grandes e pequenas farmácias da cidade. Clarisse, que devia se poupar, ia diariamente a três; eu, a cinco. E mais tempo se passou. E então, finalmente, numa farmácia alguém se lembrou de um estrangeiro, um alemão, que tinha ido lá algumas vezes para comprar um *spray* contra a asma. A descrição coincidiu com o senhor Bolling. A partir de então ficamos observando alternadamente aquela farmácia. E um dia, de fato, ele foi lá. — Por um breve momento, Gonzalos se calou. — Ele não me notou. Segui-o, fui com ele no ônibus até um conjunto de prédios na periferia da cidade. Segui-o até a porta de sua casa. Ele ficou muito assustado. E então...

— E então? — perguntou Marvin, impaciente.

— Ele me contou tudo. Telefonei para Clarisse. Ela foi até lá. Podemos... podemos entender o que o senhor Bolling havia feito. Sua estória nos tocou muito. E então sabíamos daquele “segredo”, daquela “coisa terrível”...

— Mas você não podia ir à polícia, sem se prejudicar a si mesmo, entendo — disse Marvin.

— Você não entende — disse Clarisse. — Não teríamos ido à polícia, também se *não* nos prejudicássemos. Tivemos muita pena do senhor Bolling, muita pena. Assim, continuamos no nosso hotelzinho barato e ele no seu prédio-esconderijo, que o doutor Nigra havia arrumado para ele.

— E ontem o doutor Nigra nos telefonou — disse Gonzalos. — Ele contou que Bolling acabara de dar notícias da embaixada da Alemanha Federal.

— Da *embajada alemán, carrera 4,72-35 Edificio Sisly* — disse o elegante advogado, pedantemente. — Bogotá tem um sistema de ruas particularmente eficiente e particularmente moderno. Qualquer criança acha um endereço imediatamente. Sim, o *señor* Bolling telefonou da embaixada alemã.

— Por quê? — perguntou Marvin.



— Porque aconteceu um imprevisto — como havia dito. Porque ouvi pelo rádio que Katja havia sido assassinada, e onde; e que Valerie Roth estava sendo procurada como assassina. Então foi o ponto final para mim. Seja lá o que eu tivesse feito — eu podia arcar com as responsabilidades. Com um assassinato, não.

— Você não podia? — perguntou Marvin.

— Não.

— E o que houve com os assassinatos do traficante de armas Herbert Engelbrecht, de sua mulher Katharina, do físico Erich Hornung, do Centro de Pesquisa Nuclear de Karlsruhe — se realmente quisermos acreditar que a minha filha foi morta por engano?

— Tudo isto não teve nada a ver com o meu irmão Clemens — disse Bolling.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Como?

— Porque ele me mandou dizer. Clemens nunca mentiu para mim. Algum outro teve a idéia de desviar o escândalo do gás venenoso com a pista da bomba. Por isso tive de desaparecer. Por isso Clemens foi mandado até Calera, em Brasília — sabendo que a conversa seria ouvida pelos americanos. E que o homem que apareceu para matar a senhora Engelbrecht e se fez de seu irmão, o homem com as mãos amareladas, esse não era eu, está claro a todos. E naturalmente também a você.

— Naturalmente — disse Marvin, irritado. — Como é que você sabe de tudo o que aconteceu, também depois de ter desaparecido?

— Por mim — disse o advogado Ignacio Nigra, e Isabelle traduziu.

— E de onde o senhor sabe de tudo?

— Caro *señor* Marvin, eu sei quase tudo. — Nigra sorriu. — E devo dizer que o agente, seja de que serviço ele for, aquele que apareceu no sanatório, se comportou idiotamente. A Interpol achou

um verdadeiro irmão da senhora Engelbrecht sem problemas em Nova Iorque. Dedos amarelados... — Nigra fez uma careta de desprezo. — Que imbecilidade. Aqui na Colômbia um minúsculo traficante de drogas teria feito muito melhor.

De repente Marvin se encostou em sua poltrona, como se estivesse morto de cansaço.

— Bom — disse ele para Bolling. — Você não é assassino e você não pode desculpar um assassinato. Valerie matou Katja. E foi o ponto final para você.

— Ponto final, sim — disse Bolling. — Eu nem sei se Valerie matou a pobre Katja com ordens de meu irmão. Ela pode ter feito isso por conta própria. Tudo leva a crer que sim. De qualquer forma, Katja representava um grande perigo para meu irmão... não sei por quê... De qualquer forma, Valerie devia achar que sim. E assim ela matou Katja. E aí eu me apresentei à embaixada.

— Como é que Katja pode ter sido perigosa para o seu irmão? — perguntou Isabelle.

— Já disse que não sei.

— Um momento — disse Marvin. — Em Bonn aconteceu algo... naquela manhã no Ministério do Meio Ambiente... Vocês não se lembram? Katja voltou completamente confusa para a sala de entrevistas, onde nós discutíamos com aquele senhor Schwarz.

— Sim — disse Isabelle. — E depois ela mudou muito... cheia de medos... assustada... estava sempre se sentindo mal... Talvez ela tenha descoberto alguma coisa no Ministério do Meio Ambiente.

— Mas o quê? — perguntou Bolling. — Ela não disse nada a ninguém?

— Nada — retrucou Marvin. — A mim, não. E pelo que sei, a ninguém. Talvez a Ekland. Se disse alguma coisa, então a Ekland. Talvez nem mesmo a ele.

— Katja deve ter descoberto alguma coisa — disse Clarisse. — E deve ter contado a Valerie, seja lá o que tenha sido. E Valerie a matou para proteger o seu irmão, senhor Bolling. Foi inteligente de

sua parte ter ido à embaixada e confessado tudo — foi o que o senhor fez, não foi?

— Sim — disse Bolling —, foi o que fiz. Não me importo com o que aconteça agora comigo. Provavelmente me levarão para a Alemanha. Também lá direi a verdade. Não suporto mais esta situação. Certamente me meterão na prisão. E daí? Estou gravemente doente. Mas nunca, nunca vou esquecer o que meu irmão fez por mim. Até o fim, não. Eu só tinha um desejo: contar a vocês toda a estória — e sinceramente, não foi para que vocês tivessem pena de mim.

Marvin balançou a cabeça. — Não — disse ele.

— O quê, não? — Bolling olhou para ele.

— Não, não acredito que essa seja toda a estória. *Sua* estória, sim. Mas realmente não toda ela.

— O que quer dizer com isso, senhor Marvin? — perguntou Clarisse.

— Quero dizer... — Marvin falou lentamente, pesou cada palavra. — Tudo o que aconteceu... com muita cautela fomos mandados para bem longe e ficamos ocupados com esses filmes, apenas para que não tivéssemos tempo e possibilidade de nos preocuparmos com Hansen e a fábrica de gás venenoso... Pois *isso* é o que, sobretudo, não devia vir à tona, não é... e só veio à tona porque aquele pedido de ajuda dos líbios foi ouvido pela NSA... Todos os políticos protestaram veementemente contra a mera suspeita de que uma fábrica assim poderia ser construída até o último...

— Não entendo aonde você quer chegar — disse Bolling.

— Quero dizer que não somente a Hansen-Chemie participou da construção dessa fábrica... Se tivesse sido só ela — quem das autoridades teria sabido do assunto? E se se tivesse sabido a respeito, Hansen não teria sido imediatamente chamado para dar satisfações? Não se teria parado imediatamente com a construção da fábrica?

— Isso tem sentido — disse Gonzalos.

— Se as autoridades não sabiam de nada, então por que esse esforço enorme para encobrir aquilo que foi feito por Hansen? Quero dizer: ele é um empresário privado! Por que ele é encoberto de tal forma por seu irmão Clemens, Peter? Por que o seu irmão faz tudo isso por ele? Tudo isso a nosso respeito e com relação à nossa expedição, teria sido simplesmente... simplesmente demais, no caso de que Hansen seja *sozinho* o responsável pela construção dessa fábrica... Um Hansen assim deveria ter sido desvendado muito rapidamente, para que não se suspeitasse que um fornecimento de gás venenoso era tolerado... Mas ele *foi* tolerado... e contestado... e muito contestado... pelos mais altos postos!

— O senhor quer dizer... — começou Gonzalos, e se calou.

— Quero dizer que uma poderosa firma é suspeita de dever ter participado da construção dessa fábrica de gás venenoso... Só então as grandes intrigas e a grande mentira são compreensíveis para mim... Então é verdade... como diria... então estaria dramaturgicamente correto. Quero dizer isso... por isso disse que você não nos contou *toda* a estória, Peter. Não que você não quisesse, mas porque você não conhece a estória em toda a sua dimensão...

— Os poderosos estavam metidos nisso? — perguntou Bolling, fitando Marvin.

— Não sei, Peter. Acho que sim. Mas é claro que nunca poderei prová-lo...<sup>44</sup> — Seguiu-se uma longa pausa. Então Marvin perguntou: — Por que é que na embaixada deixaram você ir embora mais uma vez?

— Não deixaram — disse Bolling. — Você não viu dois homens na ante-sala? Aqueles com as capas de chuva claras? São funcionários da segurança da embaixada. Trouxeram-me até aqui. Vão me levar de volta. — Ele olhou para o advogado.

O doutor Ignacio Nigra pegou o telefone e falou algumas palavras. Quando desligou o telefone, de repente se ouviu música militar. Ao mesmo tempo Bolling se levantou cambaleando e agarrou,

agonizante, a sua garganta. Ele teve uma crise de asma. Seu rosto se coloriu de roxo.

Entraram os dois homens que haviam esperado na ante-sala. Nigra disse alguma coisa para eles. Eles disseram que sim, pegaram entre eles aquele que procurava por ar e o levaram rapidamente da sala de reuniões, enquanto que um deles já abria a garrafinha de corticóide. A porta se fechou.

— Nojento. Ele já teve duas crises aqui — disse Nigra. — Os homens resolvem isso lá fora muito bem. — Ele se aproximou das janelas com olhos brilhantes, e a chuva ainda batia contra elas. — Venham, meus senhores, venham! Às cinco em ponto acontece diariamente, diante do Palácio Presidencial, o local de trabalho do presidente; a troca da guarda — segundo o velho exemplo prussiano.

Todos se aproximaram da janela.

A grande estátua na praça representa Simon Bolívar, o libertador da América do Sul — explicou o doutor Ignacio Nigra, orgulhoso. Apesar da chuva, turistas se apertavam diante do palácio com máquinas fotográficas. Os soldados trajavam uniformes de opereta e marchavam em passo de parada, saudavam, apresentavam as armas e substituíam a antiga guarda. Uma banda militar tocava.

— Esta é a *Badenweiler Marsch* — disse Marvin, pasmo.

— Sim — disse Nigra, radiante. — A marcha preferida de Hitler.

— Eu lhe telefonarei todos os dias! — disse Elisa Hansen, desesperada. Seu filho não deu resposta. Elisa Hansen estava diante da entrada do controle de passaportes no *hall* lotado de gente do aeroporto de Asunción. — Todos os dias! — gritou Elisa Hansen, cujas lágrimas corriam pelo rosto pálido. — Thomas, por favor, diga alguma coisa!

O garoto continuou calado. Ainda com mais força ele segurou a mão de Therese Toeren, que estava a seu lado. As pessoas diante do controle de passaportes estavam nervosas e irritadas. Aquela

estrangeira que gritava e soluçava e tentava incessantemente passar entre elas aborrecia a todos. Muitos manifestavam, em voz alta, a sua insatisfação.

— Thomas! — gritou Elisa Hansen.

Ele virou ainda mais a cabeça para o lado contrário e continuou calado.

— Thomas, meu Deus, Thomas... Faça alguma coisa, senhora Toeren!

— O que devo fazer, senhora Hansen? — perguntou a governanta, que havia ido ao Paraguai para buscar o garoto e agora estava prestes a fazer com ele o vôo de volta. — O que devo fazer? — Ela e Thomas continuavam a ser empurrados para frente. Os funcionários atrás da barreira trabalhavam rapidamente. A partida do avião da LAP para o Rio de Janeiro já havia sido anunciada duas vezes. O procurador Keller e o motorista Paul Kassel se esforçavam para acalmar a senhora Hansen. No empurra-empurra, eles não podiam se aproximar dela.

— Senhora Hansen! — gritou Dr. Keller. — Senhora Hansen, por favor, sem escândalos! Volte para o carro!

— Cara senhora! — gritou Paul Kassel. — Por favor, cara senhora!

Parecia que ela não ouvia nenhum dos dois. Ela continuava a tentar chegar perto de seu filho. E continuava a ser empurrada para trás. Dois homens a insultaram.

Elisa Hansen agora urrava. — Thomas! — gritava. — Por favor, Thomas, fale comigo! Eu amo você! Eu amo tanto você! O que devo fazer sem você?

— Droga, saia daqui finalmente!

— Essa horrível estrangeira está completamente bêbada!

— Atenção, por favor! A LAP avisa pela terceira vez a partida de seu vôo número 435 para o Rio de Janeiro. Passageiros, queiram por favor dirigir-se imediatamente ao avião.

— Thomas, meu Deus, Thomas, diga alguma coisa!

Ele não disse nada, nem uma palavra.

— Sinto muito! — gritou Therese Toeren.

— Tho... — Elisa Hansen cambaleou e caiu no chão. Ficou caída, imóvel.

Uma mulher gritou. Um fotojornalista pegou sua máquina e fotografou, encantado.

Dr. Keller se ajoelhou ao lado de Elisa Hansen. — O fotógrafo! — gritou ele para Paul Kassel.

Kassel correu para o fotógrafo e bateu nele, com a força que pôde, com um murro na barriga, e este cambaleou, gemendo. Kassel esbofeteou o homem e lhe puxou a câmera, abriu-a, tirou o filme e jogou a câmera para longe.

— Espere, seu filho da... — O fotógrafo avançou sobre ele.

Kassel se apressou para o Dr. Keller. Ao mesmo tempo ele foi de encontro a um policial do aeroporto, e o fotógrafo caiu fora.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou o policial. — Quem é ela?

— *Señora* Elisa Hansen. Mulher do famoso empresário. Muito ligada ao seu chefe.

— Morta?

— Que absurdo. Desmaiou — disse Dr. Keller. — Ajudem-me! Ela precisa sair daqui — rápido! — Ele falou alto e rudemente.

Os três homens levantaram a inconsciente e a carregaram para uma das saídas.

Thomas havia desaparecido atrás do portão do controle de passaportes. Ele não havia se virado sequer uma vez.

Desta vez foi o porteiro-chefe da tarde Juergen Carl que recebeu Gilles no Frankfurter Hof. Este se encontrou com Isabelle e Marvin por volta do meio-dia de 2 de novembro. Carl era menor e mais gracioso do que seu amigo e colega Bergmann e tinha a mesma amabilidade e solicitude. Tinha um rosto estreito e radiante.

— Bem-vindo, senhor Gilles! Bem-vindos, meus senhores! — Gilles lhe estendeu a mão. — Perdão, o senhor se chama Markus Marvin?

— Sim.

— Foi o que pensei. Senhor Ritt, o procurador, deixou um recado para o senhor. O senhor deve ligar imediatamente para o tribunal.

— Para o tribunal? — perguntou Marvin.

— Sim. Levarei o senhor até a cabine telefônica. Perdão, meus senhores! — O delicado porteiro se apressou.

— Volto logo! — gritou Markus, sobre os ombros.

E realmente voltou. Parecia confuso.

— O que aconteceu? — perguntou Gilles.

— Devemos ir imediatamente para Keitum. Todos três.

— Para onde?

— Para Keitum, em Sylt. Ritt já está lá. Dornhelm também.

— Mas, por quê? — perguntou Gilles.

— Valerie foi vista lá. Na casa do falecido professor Gerhard Ganz. Com um homem. Alguém avisou à polícia. Um motorista de táxi. A polícia avisou a Dornhelm e Ritt — disse-me sua secretária.

No fim da tarde eles chegaram. Eles haviam alcançado um avião de linha para Hamburgo e de lá voaram para a ilha com um Twin Otter. No pequeno aeroporto policiais e homens da proteção às fronteiras faziam o controle. Não havia partidas. Ninguém podia deixar a ilha, disse um policial para Marvin.

Diante do prédio do aeroporto havia táxis. De um deles saltou um homem mais velho e acenou. — Senhor Gilles! Senhor Gilles! — Ele andou até Gilles e apertou sua mão. Então se dirigiu a Isabelle. — Boa tarde, minha senhora. — E a Marvin. — Boa tarde, meu senhor. Keese, Edmund Keese.

Edmund Keese, pensou Gilles, o motorista pessimista, que



naquela vez me levou a Keitum, quando Gerhard morreu. Edmund Keese, que previu o fim da ilha. Na despedida, ele me presenteou um caderno de notas e uma caneta de plástico. — Aqui está o meu número — ele disse. — Dia e noite à disposição. — Isso foi no dia 12 de agosto, um dia muito quente. Tudo o que aconteceu desde então...

— *Eu* avisei à polícia — disse Keese, orgulhoso. — Conte tudo a eles. Os senhores querem ir a Keitum, encontrar aqueles que vieram de Frankfurt. Levo-os até lá.

Ele se adiantou até seu táxi. Logo depois estavam a caminho. Marvin estava sentado ao lado de Keese; Gilles com Isabelle, atrás.

O velho e solitário homem falou quase ininterruptamente. Aquele era o seu grande dia. — Então não é uma coincidência, senhor Gilles? No verão dirigi para o senhor, lembra-se? Até o Benen-Diken-Hof. Depois levei lentes de contato para a senhora Roth, na casa do professor, que Deus o tenha. O senhor teve um quebra-pau com um homem lá, lembra-se?

— Sim — disse Gilles, ausente. Ele olhava pela janela. Desta vez a estrada de Keitum estava abandonada, diante deles. No verão quase não se podia avançar por ela. Agora havia pesadas nuvens escuras sobre a ilha. Vento leste soprava em torno do carro. Estava frio. Fim da estação, pensou Gilles. Há muito tempo. Não há mais flores...

— E o senhor, senhor Gilles, disse: “Leve-me para fora daqui, o mais rápido possível!” Levei-o de volta a Westerland. O senhor é o escritor Gilles. Eu sei. Daquela vez não o reconheci.

... Não há mais flores, só arbustos espinhosos, pensou Gilles, árvores sem folhagem. Nos campos, muitas ovelhas. Agora o seu pêlo está denso e comprido, elas parecem bolas com quatro pés com os sinais no pêlo, pontos, cruzes, triângulos, círculos vermelhos, verdes ou azuis...

— Sim, conto-lhes isto, meus senhores... Moro em frente à casa do professor, não é? E por volta das 11:30h, hoje, um táxi parou e a doutora Roth desceu. Com um senhor. Não aquele de antes... Um

momento! Ele olhou para Marvin, sentado ao seu lado. — Era o senhor, aquele, que teve o quebra-pau com o senhor Gilles!

— Era eu, sim — disse Marvin, paciente.

— Ora, vejamos! O velho Keese nunca se esquece de um rosto. Sim, mas hoje ao meio-dia era outro homem. Muito diligentes, os dois. Apressados, como se diz. Conheço tantas palavras finas. Me educo pela leitura. É claro que li algo do senhor, senhor Gilles. Gostei muito, realmente. Meus cumprimentos! Sim, então a senhora Roth nem falou comigo. Mas eu, sim. Embora tenha tido um medo terrível... Quero dizer: no rádio e televisão e nos jornais dizia-se que ela estava sendo procurada por ter morto alguém nos Estados Unidos... Uma dama tão gentil... se ela atira em alguém, também atira em mim, talvez, foi o que pensei, entrando em casa... mas observando a casa em frente.

...Gordas ovelhas, pensou Gilles, que pensava em tanta coisa que havia acontecido antes, há muito tempo. Ele não queria pensar nisso e se virou para Isabelle, mas ela olhava pela janela. Ele virou novamente a cabeça e viu as bonitas, velhas casas em meio a gramados e campos, viu muros brancos, as traves pretas do madeiramento e os tetos cobertos de plantas no crepúsculo.

Keese freou.

— O que aconteceu? — perguntou Gilles, se assustando.

Então ele viu.

A rua estava bloqueada. Policiais com capacetes e metralhadoras. Um deles se aproximou cumprimentando e pediu os passaportes. Eles os folheou atentamente, olhou numa lista, confirmou, devolveu os passaportes e desejou bom trajeto.

Keese continuou imediatamente a falar: — Sim, e dez minutos depois, a chaminé da casa do professor começou a fumaçar como louca. Os dois haviam aberto as janelas, então pude ver o que faziam.

— O que faziam?

— Queimavam papéis na lareira, pastas, essas coisas. Em

grande quantidade.

...Chega o inverno, pensou Gilles, tudo aqui mergulha no fantástico. Ele se lembrou novamente de algumas linhas que Ernst Penzoldt havia escrito sobre Sylt: “Deus achou aqui o necessário para a criação do homem. Areia e barro para o corpo, vento suficiente para a respiração, a língua e a alma, umidade suficiente para as lágrimas, azul para os olhos, pedras para o coração no peito.” Também tenho uma pedra no peito, pensou. Não pense nisso!, disse para si mesmo. Passou, você não pode mudar nada. Você soube desde o começo. Então não reclame. Você teve o seu tempo. E que tempo! Você teria imaginado tudo aquilo há seis meses? Nunca. Então!

Keese falava e falava.

Estranho que tudo isto não me interesse mais, pensou Gilles. A Isabelle também não interessa mais, está bem claro. Só a Marvin. Ele escuta excitado...

— Então fui correndo para Westerland. Para a polícia. E falei. Sabia que estavam querendo informações com urgência. O posto policial em Keitum era pequeno demais a meu ver... Aos de Westerland eu disse que a senhora Roth estava lá e o que ela fazia com o desconhecido... Depois disso houve alarme. *Eu*, por assim dizer, o provoquei, não foi? Era o meu dever... apenas o meu dever... Os de Westerland telefonaram para Frankfurt... e duas horas depois os senhores de lá chegaram... Apertaram a minha mão e agradeceram... Era óbvio que eu devia contar, não era? Mas mesmo assim, é claro que fiquei contente... Naquela hora a casa do professor já queimava.

— Queimava? — perguntou Gilles.

— É o que estou dizendo! A senhora Roth e o homem haviam desaparecido. Antes eles incendiaram a casa. Que ainda queima, e como! Os senhores logo verão!

...A casa de campo Stricker, com mais de 300 anos. Passaram por ela. Imediatamente Keese freou novamente, e houve outro

controle policial. E então eles chegaram a Keitum, e enquanto Keese contava, eles passaram pelas belas e antigas casas de capitães, pelo restaurante Fisch Fietes e até pelo museu local e a casa frísia vermelha. A maioria das portas e janelas aqui era azul, os muros eram brancos, o gramado era pantanoso. Ali estava a cabine telefônica de amarelo-forte, estava o pequeno supermercado, ali estavam as grandes e centenárias rochas erráticas. E muitas pessoas, pessoas curiosas. Elas estavam diante de um bloqueio da polícia e olhavam para a casa em chamas. Três carros de bombeiro trabalhavam. Homens com roupas apropriadas, com capacetes e grandes mangueiras, de onde a água saía, lutavam contra o fogo, mas a madeira da grande casa era muito velha, as traves eram grossas e pesadas e os homens faziam muito esforço com o vento bufante, que quase havia se transformado em tempestade. Toda a região da casa estava coberta de água.

— Aqui não se pode continuar — disse Keese. — Não, não, não, sob hipótese alguma vou aceitar dinheiro. Foi uma grande honra para mim...

Todos desceram.

No bloqueio Marvin mostrou novamente o seu passaporte e disse: — O procurador Ritt espera por nós.

— Sinto muito — disse um rapaz da proteção às fronteiras que segurava uma metralhadora. — O senhor não pode passar por aqui.

O oficial ao lado dele disse: — Um momento. Senhor Marvin? Senhor Gilles? Senhorita Delamare?

— Sim — disse Marvin.

— Está bem — disse o oficial ao rapaz com a metralhadora. E para os outros: — Por favor, venham comigo!

— Eu também — disse Keese. — Aqui é o meu domicílio.

Então eles foram atrás do oficial pelo Jens-Uwe-Lorsen-Wai e se aproximaram, passando por mangueiras, da casa em chamas. Também aqui havia policiais, e lá estavam fotógrafos e várias equipes de TV. Os aparelhos vermelhos dos bombeiros funcionavam sem

parar.

— O que o senhor diz disso, senhor Gilles? — perguntou Keese, reclamando. — Uma senhora tão gentil, a doutora Roth — assassina. Ninguém conhece o outro, é o que sempre digo. Ninguém conhece ninguém. A bonita e velha casa do professor. A única sobrinha. Uma sorte que ele não precisou mais ver isto. Ele pode ficar contente de estar morto, não é?

— Sim — disse Gilles. — Ele pode ficar contente.

— Por favor — disse o oficial —, continuem andando!

— Tudo de bom, senhor Gilles — disse Keese. — Tudo de... — ele interrompeu meio perdido, balançou a cabeça e olhou para as chamas.

Ainda mais alto que o crepitar e o estalar do fogo era aqui uma gritaria nervosa.

— Isso são gaivotas? — perguntou Gilles.

— Muitas — disse o oficial.

— De noite?

— O incêndio, senhor Gilles! A claridade. Isso as irrita, as gaivotas.

O procurador Elmar Ritt estava num carro da polícia grande e equipado com rádio. Ao lado dele, o comissário Dornhelm. Ele estava justamente telefonando e interrompeu brevemente, enquanto Marvin apresentava os outros.

— Quando eu e Dornhelm chegamos aqui, a casa já estava em chamas — disse Ritt. — Vão deixar queimar toda, diz o pessoal do corpo de bombeiros. Só prestam atenção para que o fogo não se alastre. As casas nas proximidades, cercas, grama, árvores, arbustos, tudo está seco como palha.

Também em cima do carro da polícia as gaivotas faziam barulho, alto, muito alto.

— Quem foi o homem que veio com a senhora Roth, o diretor-

geral do ministério, Clemens Hartin? — perguntou Marvin.

— Segundo a descrição dada pelo motorista de táxi Keese, sim. Não apenas segundo a sua descrição. Hartin desapareceu de Bonn. Ele estava no aeroporto Rhein-Main, quando aterrissou o avião que trouxe Valerie Roth de volta dos Estados Unidos. Mostramos a muitos funcionários de lá fotos dele. Alguns o reconheceram. Estão absolutamente certos. Só não sabem o que os dois fizeram e onde estavam, antes de chegar aqui à tarde.

— Aqui eles certamente queimaram documentos, segundo o motorista de táxi.

— Sim. Sem dúvida, documentos muito importantes. E muitos. Certamente deveriam ser destruídos. Quer dizer: eles arriscaram muito, os dois, ao virem aqui mais uma vez. Por último, por via das dúvidas, ainda queimaram a casa.

— E tiveram sorte — disse Marvin.

— Tiveram o quê?

— Sorte.

— Oh, sim, sorte — disse Ritt baixinho, como se se envergonhasse.

— Onde será que estão? — perguntou Marvin.

— Ninguém pode deixar a ilha. — Mas a ordem foi dada com um atraso enorme. Aqui tudo deu errado.

Dornhelm terminou a sua conversa pelo rádio e pôs o fone no gancho. Ele disse para Ritt: — Eles fugiram. Foram de barco para Havneby. Demos a ordem de bloqueio às 14:45h. E não foi divulgada imediatamente. Safadeza? De propósito? De qualquer forma, às 15 horas saiu um barco de List para Havneby. Sorte? Boa preparação? Rapaz, quase que conseguimos mais uma vez.

Dirigindo-se a todos, ele explicou: — Havneby é um porto na ilha dinamarquesa de Röm, ao norte de Sylt. Com o barco até Röm são 55 minutos. De lá existe uma passagem para o continente dinamarquês. A polícia de fronteira diz que nesse barco não havia passageiros chamados Valerie Roth e Clemens Hartin. É claro que

Hartin havia preparado passaportes com nomes falsos. Já há muito tempo.

— É claro — disse Ritt, calmamente. — Foi dito à busca. Não vai dar em nada. Muito espertos, os dois. Só precisamos terminar o caso. Terminar como se deve. — Ele olhou para Isabelle e sorriu desesperançoso.

As gaivotas gritavam sobre o carro.

— Para isso precisamos também de seus depoimentos sobre o que aconteceu em Richmond e Bogotá — disse Dornhelm. — Tudo isso é totalmente idiota, quando não podemos fazer mais nada, mas os relatórios devem ser completos. Completos! — Ele riu. — Lá em Westerland reservamos quartos no Hotel Hamburgo. Nesta estação do ano está quase vazio. Os senhores responderiam a todas as perguntas? Podem pernoitar lá. À custa do Estado, naturalmente. Vocês irão?

— É claro — disse Marvin. Ele olhou para Gilles e Isabelle. — Tudo bem?

Gilles fez que sim.

Daqui a pouco são 19:30h — disse Dornhelm. — Hoje às 19:25h foi o pico da maré alta. Deve ser bonito à luz da lua. Temos ainda o que fazer aqui. Talvez queiram olhar o baixio? Um carro da polícia levará vocês depois a Westerland.

Então eles saíram do outro carro, voltaram um pedaço pelo Jens-Uwe-Lorsen-Wai e passaram novamente por mangueiras de bombeiros. As chamas ainda estavam enfurecidas. Traves caíam e faíscas voavam. Agora a tempestade bramia. Quando passavam pelo bloqueio, um táxi parou justamente lá.

Joschka Zinner saltou dele. — Marvin! — gritou ele, correndo em sua direção. — Soube em Berlim que vocês estavam aqui. Venho direto de Berlim. Cara, que sorte, hein! O escândalo do gás venenoso, o escândalo em Bonn, Valerie uma assassina! E a série está filmada! Que sorte! Aqui! Fotografos! TV! Isso vai rodar o mundo! Agora mãos à obra, Marvin! Cortar, montar os textos dos locutores, está ouvindo,

Gilles? Isso precisa ser mostrado enquanto tudo está quente.

— Katja Raal está morta, senhor Zinner — disse Marvin.

— Katja o quê?

As gaivotas gritavam, gritavam, gritavam.

— A técnica que trabalhava com Ekland.

— Ah, sim, aquela com as espinhas. Que bênção que a Roth só a matou depois que vocês haviam filmado tudo em Mesa! Ouvi dizer que o *cameraman* está com os nervos à flor da pele. Ainda está no hospital?

— Não sei, senhor Zinner — disse Marvin.

— Dá no mesmo. Ele vai se recuperar, o homem. Achará outra. Gostava muito dela, da pequena, eu sei. Apesar daquela aparência dela. Olha, eu não poderia... Não precisamos mais de Ekland. Tudo está filmado. Também a outra, Katja, não precisamos mais. Precisamos de montadoras. Tenho algumas fantásticas. Tudo precisa correr o mais depressa possível, Marvin! Trabalhar dia e noite! Os de Frankfurt são bem selvagens, falei com eles ontem pelo telefone. Têm grande admiração por mim. Quando essa série estiver pronta, conseguirei duas outras. Uma seria para o senhor... Venha, vou-lhe mostrar como estão os planos... — Ele puxou Marvin consigo.

Isabelle e Gilles foram até o caminho que levava ao baixio. Aqui foram postas grandes pedras como proteção. Árvores velhíssimas com galhos grotescamente defeituosos estavam no declive. Os dois olhavam para a praia, que, como a maré, estava coberta pelo luar. Ao longe girava o fogo de um farol.

O vento aqui era muito forte. Ele batia em seus casacos, balançava o topo das árvores, fazia com que os galhos rangessem e suspirassem, soprava através do arbusto espinhoso e varria restos lá na praia.

Eles estavam mudos, um ao lado do outro, sem se tocar, e olhavam para além do baixio, sem se encarar.

— Venha — disse então Isabelle. A tempestade quase que a derrubou.



Gilles a segurou. — Em que você pensou? — perguntou ele, enquanto voltavam para a rua, as luzes, as pessoas e o fogo, lentamente, curvados contra a tempestade.

— Em Katja.

— Pobre Katja — disse ele.

— Uma crueldade tamanha. Sinto-me muito mal.

— Eu sei — disse ele.

— Por causa de muita coisa.

— Eu sei — disse ele, apertando-a para si, enquanto andavam.

— Lá na frente há um café. Vamos beber algo quente. Grogue. Vinho quente. Café. Algo bem quente.

— Grogue — disse ela.

— Depois você vai se sentir melhor.

— Me sentir melhor, depois de tomar grogue...

— Você entende o que quero dizer. Passa. Tudo passa.

As gaivotas gritavam.

— Sim — disse ela. — Com certeza.

## Epílogo

Quero viver — e o meu gato também.

*Holger Kloibach, 9 anos, de Ramstein*

Paris, 24 de março de 1990

Meu querido Philip,

agora mesmo Clarisse telefonou. Ontem nasceu o seu bebê. É uma menina e pesa 3,428kg. Clarisse e Bruno estão muito felizes, eu estou, você certamente estará. Eles querem batizar a criança com o nome de Belinda, mas a chamarão sempre Cotovia.

Ah, Philip, nosso amor era tão alegre e despreocupado e terminou em tão grande amizade. Você sabia desde o começo como tudo acabaria, mas eu não queria acreditar. E você nunca tentou me segurar. Um *type très chic* é você, *monsieur*! Pierre e eu nos amamos muito e trabalhamos juntos. Amanhã viajaremos por três semanas para o Egito. O governo em Cairo se dirigiu a Gerard. Trata-se de questões sobre energia nas províncias rurais. Gerard enviou Pierre. A sua primeira missão no exterior! E eu vou traduzir.

Pierre está cheio de otimismo e entusiasmo — mas continua realista. Você se lembra de como ele falava naquele bar de aeroporto do “capitalismo com cara humana”? Naquele tempo comecei a amá-lo, e porque senti isso, fiquei triste, pois só queria amar você, e você sorriu — *la comédie humaine, voilà!*

Pierre tem razão quando diz que esse “novo pensamento” ecológico só pode ser comparável com a *perestroika* e a *glasnost*. O unimaginável se torna realidade, nisso acredito tanto quanto Pierre. Nós conseguiremos. Conseguiremos!

Você escreve que está quase acabando o livro, que ele deve ser publicado em agosto. É tão maravilhoso que você voltou a escrever no “nosso” tempo.

Agora sei o seguinte: cada amor é único, nenhum se iguala ao

outro. Com sorte, a pessoa vive um amor, com muita sorte, dois. Eu, Philip, de fato o experimentei com três homens! Falo de amor, não de pequenos casos, você entende.

Três amores: você, Pierre e um homem da minha idade, há muitos anos, na universidade. Esse homem então perdeu a vida num acidente de carro, quando estávamos juntos há apenas um ano. Eu e você, não tivemos nem seis meses e mesmo assim foi um amor tão grande. Com nenhum outro pude rir tanto e tão sinceramente como com você, e com toda essa serenidade e leveza eu não queria lhe contar nada sobre aquele outro amor.

Ele foi muito sério. O jovem homem sempre voltava a falar da morte — deve ter pressentido alguma coisa. Ah, sim, nossa canção era *Summertime*. No Rio você pediu a um pianista para tocá-la para mim, e uma vez ela tocou em Château-d'Oex. Depois, nunca mais. Você sabia que essa canção não pertencia a mim e a você, não pertencia ao nosso amor. Agradeço a você também por isso.

Você diz que ainda quer saber, de qualquer forma, qual é o segredo da medalha que trago no pescoço. Então: o homem que foi o meu primeiro amor a achou na Grécia, no caminho para um mosteiro. Antes de morrer, ele me deu a medalha. Ele a furou, pendurando-a numa correntinha, e quando nos despedimos com um beijo, ele fechou a corrente no meu pescoço e me pediu para usá-la sempre. Isso quero fazer — até o fim da vida.

Na medalha estão escritas, muito claramente, algumas palavras. Traduzidas, elas dizem: COMECE AGORA A VIVER E CONTE CADA DIA COMO UMA VIDA EM SI!

O verdadeiro significado dessa advertência só foi explicitado com o nosso amor.

Um abraço,

Isabelle

## Agradecimento

Primeiro às crianças! Que estão mais ameaçadas pelo futuro e que são a nossa maior esperança, porque elas se esforçam sincera e corajosamente, com mais inteligência e paixão do que os adultos, pela salvação da Terra. Por toda a ajuda concedida a mim por elas, agradeço então a: Özlem Altunkas, Carina Eckel, Carolin Galuba, Heiko, Antje Kessler, Holger Kloibach, Heidi Kretschmer, Sabine Ratajczak, Martina Rau, Annika Wilmers, Zelika, os Peace Birds Lisa Anna Claren, Dilan Demir, Corinna Fenner, Anne Flosdorff, Güven Meseci e Frank Stahmer.

Muitas pessoas das mais diversas profissões, nacionalidades e posições sociais se declararam espontaneamente dispostas a me apoiar neste romance-documentário. Sem elas jamais o teria escrito. Mas a maioria das pessoas pediu para que seus nomes não fossem citados — por humildade, mas principalmente porque puderam me passar informações sob a condição, por motivos evidentes, de que permanecessem anônimas. Outras são independentes o suficiente para concordarem com a citação de seus nomes. Assim, agradeço, ao lado das não-citadas, às seguintes personalidades por sua ajuda maravilhosa: a Reinhard Spilker (ele em primeiro lugar, pois por mais de dois anos me ajudou, incansável, nas pesquisas), e também a, em ordem alfabética, Kristiane Allert-Wybranietz, Rudolf Augstein (que me pôs à disposição o arquivo da revista *Spiegel*), Dr. Michael Braungart, Dr. Ludwig Bölkow, Marion Gröfin Dönhoff (que me permitiu, gentil como sempre, consultar o arquivo do jornal *Zeit*), Rainer Fabian (que me permitiu utilizar material de seus relatórios), Angela Gatterburg, Stefan Heym, professor Ulrich Horstmann, meu

velho amigo Günter Karweina (que me deixou livre para fazer citações dos seus livros e artigos), professor Dr. Hans Kleinwächter, Jürgen Kleinwächter, Birgit Lahann (que me “presenteou” o seu material), Lothar Mayer (ele me permitiu utilizar muitas passagens de seu maravilhoso ensaio “Por que nos calamos?”), Antoine Oltramare (que me autorizou citá-lo através de seu bonito sobrenome), aos organizadores dos Peace Birds Holger Güssefeld e Peter Unger-Wolff, Regine Rusch, Dr. Hermann Scheer, MdB/SPD e fundadores da Eurosolar, Michael Schwelien (que me pôs à disposição, de maneira extremamente gentil e profissional, os seus dossiês do *Zeit* sobre a floresta amazônica e sobre Hanford), e a Werhart Otto (IG Metall).

## Notas

- <sup>1</sup> O grave acidente mencionado no bloco A da Usina Nuclear Biblis foi divulgado pela primeira vez em 5 de dezembro de 1988, às 20 horas, no noticiário principal da rede ARD, isto porque o *Frankfurter Rundschau* havia publicado a versão de uma revista técnica americana. Depois de dez outros acidentes desde 1974, esse aconteceu nos dias 16 e 17 de dezembro de 1987. Durante quase um ano o governo ocultou da opinião pública o ocorrido. Como também em casos semelhantes, no livro as datas foram mudadas, por motivos puramente técnicos.
- <sup>2</sup> A descrição da cidade de Mesa e seus arredores, no Depósito Nuclear Hanford, no Estado de Washington, e o que lá ocorre, podem ser lidos no semanário *Die Zeit*, nº 45, de 4 de novembro de 1988, nas páginas 17/20 de um artigo intitulado: “Morte na fábrica de bombas — A mais antiga fábrica de plutônio está em Hanford. Nos seus arredores muita gente está doente.” O autor dessa reportagem do *Zeit* é Michael Schwelien.
- <sup>3</sup> De acordo com o “abc da economia alemã, reconhecido pela comissão da economia alemã no dia 1º de fevereiro de 1955”, de Darmstadt, em novembro de 1955, sob o artigo “indústria químico-técnica em Frankfurt”: “Sociedade Alemã para o Combate aos Insetos Ltda., Neue Mainzer Str. 20, D: Degesch, FS: 041221... Venda de pesticidas de grande efeito, na sua maioria com patente própria e produzidos em fábricas próprias, especialmente para proteção de material e estoque e combate a epidemias, especialmente: Zyklon, T-gás, M-gás, Ventox, Tritox, Calcian, câmeras de gás móveis e fixas com sistema de circulação.”

- <sup>4</sup> Um jogo “Atestado de ariano” havia realmente em 1988. A descrição e a solicitação, no caso de procurar dados a respeito na procuradoria de Munique I, estão na página 13 do *Süddeutschen Zeitung* de 10 de fevereiro de 1989 com o título *Extinção de Judeus em Jogo de Computador*.
- <sup>5</sup> O citado artigo se encontra na edição do *Süddeutschen Zeitung* de 24 de fevereiro de 1989.
- <sup>6</sup> Essas palavras do prof. Wassermann se encontram no *Kieler Nachrichten* de 24 de outubro de 1988.
- <sup>7</sup> V. *Stern*, nº 11/1989, e *Bild* de 8 de maio de 1989, pág. 5.
- <sup>8</sup> A entrevista com o prof. Watzlawick foi publicada na *Wochenpresse*, nº 21, de 26 de maio de 1989.
- <sup>9</sup> O primeiro alarme de ozônio em vários estados alemães-federais foi dado na sexta-feira, 26 de maio de 1989. O protesto de CDU/CSU corresponde aos fatos.
- <sup>10</sup> “A destruição das florestas tropicais aumentou dramaticamente: em 1980, segundo cálculos de organizações de alimentação e agricultura das Nações Unidas, a destruição anual em florestas tropicais primárias e fechadas se elevou a 75.000km<sup>2</sup> e nas florestas tropicais abertas a cerca de 39.000km<sup>2</sup>. De acordo com cálculos mais recentes e provisórios, o aumento da taxa de destruição com relação a 1980 é de 90%. Isto significa que atualmente, apenas no setor das florestas tropicais fechadas, 142.000km<sup>2</sup> são destruídos, anualmente.” Serviço de imprensa da facção CDU/CSU no Parlamento Alemão, 6 de fevereiro de 1990.
- <sup>11</sup> Literalmente, *idem*.
- <sup>12</sup> Comparar o memorando dos Verdes de janeiro de 1989, na *Spiegel*, nº 9/1989, *Die Zeit* nº 12/1989.
- <sup>13</sup> *Idem*.
- <sup>14</sup> V. dossiê de Michael Schwelien *Em guerra com a natureza*, em *Die Zeit*, nº 12/1989.
- <sup>15</sup> Todos os dados e descrições, também sobre a clínica em Altamira, foram tirados de uma emissão do serviço de imprensa INS de 21 de



setembro de 1988.

<sup>16</sup> Esse artigo foi publicado no suplemento semanal do *Süddeutschen Zeitung* de 25/26 de junho de 1988. Ele me fascinou de tal maneira, que quis conversar com Lothar Mayer, conversa que aconteceu em Munique. Todas as considerações e convicções que são manifestadas aqui por Philip Gilles são então as de Lothar Mayer, a quem agradeço sinceramente por ter-me permitido utilizá-las no meu livro. Do mencionado artigo, muitas passagens foram utilizadas literalmente.

<sup>17</sup> V. dossiê de Michael Schwelien.

<sup>18</sup> Todos os dados relativos à Ferro Carajás se encontram na *Spiegel*, nº 9/1989, e em *Die Zeit*, nº 2/1989.

<sup>19</sup> Segundo um programa da ARD de 22 de junho de 1989.

<sup>20</sup> De acordo com uma notícia da Agência de Imprensa Alemã de 7 de junho de 1989.

<sup>21</sup> Informações na publicação do Eurocity 171, *Rätia*, de junho de 1989.

<sup>22</sup> Chico Mendes não escapou de seus perseguidores. Três meses e meio mais tarde, no dia 22 de dezembro de 1988, ele foi assassinado. No dia 9 de dezembro ele havia divulgado, numa entrevista à imprensa, em São Paulo, o nome dos dois latifundiários que queriam matá-lo. Esses nomes não foram mudados no livro. No dia 5 de janeiro de 1989 a Agence France Presse noticiou: Rio Branco\* polícia brasileira caracterizaram, num relatório de investigação, Darcy Alves da Silva, 21 anos, e Antonio Pereira, 26 anos, como assassinos do ecologista Chico Mendes, em 22 de dezembro de 1988\* enquanto Darcy Alves da Silva se apresentou à polícia quatro dias após o crime, Pereira ainda está desaparecido\* procura-se também o pai de Darcy, Darli Alves da Silva, e seu irmão Alvarino Alves da Silva, os dois latifundiários que teriam ordenado o assassinato\* os irmãos pertencem à união de latifundiários de extrema-direita, UDR\* segundo várias notícias, eles devem estar na Bolívia, na propriedade de um primo\* numa

entrevista na prisão, Darcy Alves da Silva se declarou orgulhoso de ter assassinado Chico Mendes, conhecido por seu engajamento e ecologista honrado com muitas condecorações.

<sup>23</sup> A maioria dos fatos aqui mencionados se origina do artigo radiofônico *A família dioxina — dos conhecimentos ocultados pelo governo federal sobre o surgimento dos supervenenos*, uma co-produção da SFB e da WDF, de Reinhard Spilker, aconselhamento científico de Dr. Imre Kerner, no dia 23 de fevereiro de 1984.

<sup>24</sup> Todos os dados de livros e artigos radiofônicos de Günter Karweina.

<sup>25</sup> Günter Karweina: *O estado da energia*, livro da *Stern* de 1984.

<sup>26</sup> O serviço secreto é muito bem descrito no livro *The Puzzle Palace*, de James Bamford, como também na matéria de capa da *Spiegel*, nº 8/1989, *O amigo também escuta*.

<sup>27</sup> De acordo com as respostas do ministro para Pesquisa e Tecnologia, em entrevista ocorrida no dia 2 de fevereiro de 1990.

<sup>28</sup> Nesse diálogo, foram trabalhados muitos fatos, que, entre outros, podem ser lidos no *Frankfurter Rundschau* de 17 de julho de 1989, num artigo intitulado *Bonn e firmas alemãs envolvidas com armamento nuclear do Brasil*, como também numa entrevista com o ex-ministro brasileiro da Marinha, Maximiniano da Fonseca, sobre a bomba atômica brasileira, entrevista publicada no *Iaz* em 25 de setembro de 1987.

<sup>29</sup> Essas caracterizações de isótopos não são próprias das ciências naturais. Eles significam determinados isótopos transurânicos “estrategicamente interessantes”.

<sup>30</sup> Estes dados são exatos. Depois da emissão no dia 2 de fevereiro de 1989 não houve nenhuma espécie de protestos, oficiais ou não.

<sup>31</sup> Todas as informações sobre a antiga sede, a atual e a futura da central da NSA em Frankfurt, v. em *Spiegel*, nº 8/1989, matéria de capa: *O amigo também escuta*.

<sup>32</sup> O autor tem o panfleto original de 10 de julho de 1989.

<sup>33</sup> *Quem salva a Terra?*, na *Spiegel* nº 29/1989.

- <sup>34</sup> V. *New Scientist* de agosto de 1989.
- <sup>35</sup> Esse discurso de propaganda de calefação foi gravado em fita no local e aqui reproduzido exatamente.
- <sup>36</sup> Esta é a reprodução literal de uma entrevista ocorrida de fato; só o nome do entrevistado foi mudado.
- <sup>37</sup> Em 1990, o Ministério do Meio Ambiente garantiu, então, o apoio financeiro.
- <sup>38</sup> Olav Hohmeyer: *Custos sociais do consumo de energia*, Berlim/Heidelberg/Nova Iorque, 1989.
- <sup>39</sup> O nome é verdadeiro. A estória do surgimento dos Peace Birds corresponde à realidade.
- <sup>40</sup> O autor agradece à editora Wilhelm Heyne Verlag München e ao seu setor editorial pela permissão de citar cartas e trechos dos textos: *Quero viver e meu gato também*, organizado por Kristiane Allert-Wybraniez, e *Assim deve ficar o mundo — Crianças escrevem sobre o seu futuro*, organizado por Regina Rusch por incumbência da IG Metall.
- <sup>41</sup> A entrevista é autêntica. As mudanças técnicas necessárias: a gravação não ocorreu na Casa da América em Frankfurt, mas na Casa da América em Berlim, ela não foi filmada, nem havia espectadores.
- <sup>42</sup> Esses são os nomes certos do cientista e seu instituto. Dr. Braungart autorizou a entrevista e a liberou para a publicação neste livro.
- <sup>43</sup> Esse personagem foi inventado.
- <sup>44</sup> Através de intimação do Parlamento Alemão, o governo federal preparou um volumoso “Relatório do governo federal sobre uma possível participação de firmas alemãs na produção de armas químicas na Líbia” (impresso 11/3995 de 15 de fevereiro de 1989). Esse relatório levou o deputado do SPD, Norbert Gansel, a fazer uma série de perguntas, com ofício de 22 de fevereiro de 1989, ao então chefe da chancelaria, Dr. Schäuble.
- No dia 12 de dezembro de 1989 o programa da TV *Panorama*

mostrou uma reportagem sobre a participação da Salzgitterindustriebau (SIG) na construção de uma fábrica de armas químicas na Líbia. No dia 13 de dezembro de 1989, o deputado do SPD, Norbert Gansel, deu uma longa explicação, publicada com o título *Gansel: Por que o governo federal protegeu os empresários da Salzgitter?* Nessa explicação, lê-se no ponto 1c) que, num relatório da embaixada de Moscou, a mencionada “companhia estatal alemã” só podia ser a companhia Salzgitter. A companhia estatal Salzgitter AG desde o outono de 1989 pertencente à VEBA, se originou das “Reichswerke Hermann Göring”, fundadas em 1937, e ainda eram posse do governo na data em questão.

Numa conversa telefônica com um colaborador do autor em 23 de fevereiro de 1990, o membro do parlamento Albrecht Müller declarou, literalmente: “Numa reunião secreta em fevereiro de 1989, o governo federal confirmou à comissão de assuntos estrangeiros do parlamento que, naquele testemunho de julho de 1985, a companhia estatal citada é a Salzgitter, e também confirmou que se iria averiguar a Salzgitter. Sobre os até então conseguidos resultados da averiguação o governo federal não queria dizer nada, já que se tratava de uma ‘ação pendente’.

De fato, desde fevereiro de 1989 corre uma ação de investigação contra o membro da direção e gerente da Salzgitter AG, Andreas Böhm (responsável pelo projeto “Pharma 150”), primeiramente na procuradoria de Offenburg, depois em Mannheim. Os volumosos documentos (na metade de 1989 houve, na Salzgitter, uma revista com cerca de cem funcionários) não haviam ainda sido totalmente analisados no momento em que este livro foi impresso.

O Procurador-Geral Dr. Wechsung, da procuradoria de Mannheim, seção VI (crimes de economia) declarou ao colaborador do autor, no dia 28 de fevereiro de 1990, ao telefone, literalmente: “Se continuarmos a investigar contra Böhm, confirmaremos a suspeita de que ele tem participação na exportação para a fábrica de gás venenoso na Líbia.”

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



*Depois do sucesso de NEM SÓ DE CAVIAR  
VIVE O HOMEM, AINDA RESTA UMA ESPERANÇA,  
NINA, AMOR É SÓ UMA PALAVRA e muitos outros  
romances que já venderam mais de 65 milhões de exemplares,  
J. M. Simmel volta a oferecer muita ação e emoções fortes em  
NA PRIMAVERA, O ÚLTIMO CANTO DA COTOVIA.*

*Desta vez ele escreve sobre a luta contra os crimes  
ecológicos, deslocando a ação de Frankfurt para Altamira,  
numa sucessão de acontecimentos que faz deste  
livro um verdadeiro thriller. A trama envolve cientistas,  
escritores, cineastas e preservacionistas de renome,  
como é o caso de Chico Mendes, que vêem-se envolvidos  
com empresários poderosos, políticos inescrupulosos,  
agentes secretos e muitos outros personagens.*

*O livro é, também, um grito de alerta para que todos  
deixem cantar, por muito tempo, as cotovias que anunciam  
a primavera.*



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

SEMPRE  
UM BOM  
LIVRO